

# O CÉU E O INFERNO

ALLAN KARDEC

POR CLAUDIO DAMASCENO FERREIRA JUNIOR

Nova  
Edição

MODERNA E DE  
FÁCIL LEITURA



TRINHA  
esouroLux

2ª Edição

# O CÉU E O INFERNO

ALLAN KARDEC

POR CLAUDIO DAMASCENO FERREIRA JUNIOR

Nova  
Edição

MODERNA E DE  
FÁCIL LEITURA

ESOURO UX

2ª Edição



ALLAN KARDEC  
POR CLAUDIO DAMASCENO FERREIRA JUNIOR

# O CÉU E O INFERNO



O céu e o Inferno  
Ou  
A Justiça Divina segundo o Espiritismo

Contém

O Exame comparado das doutrinas sobre a passagem da vida em corpo físico para a vida espiritual. As penalidades e as recompensas futuras. Os anjos e os demônios. As penas eternas. Numerosos exemplos sobre a real situação da alma durante e depois da morte

Por  
Allan Kardec

"Juro por mim mesmo - disse o Senhor Deus - Não quero a morte do perverso, mas sim que ele se converta, que deixe o mau caminho e que viva."

(Ezequiel, capítulo 33, versículo 11)



3ª Edição / Porto Alegre - RS / 2020

Capa e projeto gráfico: Marco Cena

Revisão: Sandro Andretta

Coodenação editorial: Maitê Cena

Produção Editorial: Bruna Dali e Maiara Morbene

Adaptação para versão digital: Camila Provenzi (Palavra Bordada - Conteúdo História Memória)

Assessoramento Gráfico: André Luis Alt

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

K18l Kardec, Allan.

O céu e o inferno. / Allan Kardec ; Organização: Claudio Damasceno Ferreira Junior. – Porto Alegre: BesouroBox, 2020.

384 p. ; e-book

E-book, no formato ePub, convertido do livro impresso.

ISBN: 978-85-5527-039-0

1. Espiritismo. 2. Filosofia espiritual. I. Título. II. Ferreira Junior, Claudio Damasceno.

CDU 133.9

---

**Bibliotecária responsável Kátia Rosi Possobon CRB10/1782**

Direitos de Publicação: © 2020 Edições BesouroBox Ltda.

Todos os direitos desta edição reservados à  
Edições BesouroBox Ltda.

Rua Brito Peixoto, 224 - Cep: 91.030-400

Passo D'areia - Porto Alegre - RS

Fone: (51) 3337.5620

[www.besourolux.com.br](http://www.besourolux.com.br)

Impresso no Brasil

Dezembro de 2020.

# **SUMÁRIO**

**Capa**

**Folha de rosto**

**Créditos**

**PRIMEIRA PARTE: DOCTRINA**

**CAPÍTULO 1 – O FUTURO E O NADA**

**CAPÍTULO 2 – O TEMOR DA MORTE  
CAUSAS DO TEMOR DA MORTE**

**POR QUE OS ESPÍRITAS NÃO TEMEM A MORTE?**

**CAPÍTULO 3 – O CÉU**

**CAPÍTULO 4 – O INFERNO  
PRESENTIMENTO DAS PENAS FUTURAS**

**O INFERNO CRISTÃO TEVE COMO FONTE DE INSPIRAÇÃO O  
INFERNO PAGÃO**

**OS LIMBOS**

**DESCRIÇÃO DO INFERNO PAGÃO**

**DESCRIÇÃO DO INFERNO CRISTÃO**

**CAPÍTULO 5 – O PURGATÓRIO**

**CAPÍTULO 6 – DOCTRINA DAS PENAS ETERNAS**

**ORIGEM DA DOCTRINA DAS PENAS ETERNAS**

**ARGUMENTOS A FAVOR DAS PENAS ETERNAS**

**IMPOSSIBILIDADE MATERIAL DAS PENAS ETERNAS**

**A DOCTRINA DAS PENAS ETERNAS TEVE O SEU TEMPO**

**EZEQUIEL CONTRA A ETERNIDADE DAS PENAS E O PECADO**

**ORIGINAL**

**CAPÍTULO 7 – AS PENAS FUTURAS SEGUNDO O ESPIRITISMO**

**A CARNE É FRACA**



**PRINCÍPIOS DA DOCTRINA ESPÍRITA SOBRE AS PENAS  
FUTURAS**

**CÓDIGO PENAL DA VIDA FUTURA**

**CAPÍTULO 8 – OS ANJOS**

**OS ANJOS SEGUNDO A IGREJA**

**CONTESTAÇÃO**

**OS ANJOS SEGUNDO O ESPIRITISMO**

**CAPÍTULO 9 – OS DEMÔNIOS**

**A ORIGEM DA CRENÇA NOS DEMÔNIOS**

**OS DEMÔNIOS SEGUNDO A IGREJA**

**OS DEMÔNIOS SEGUNDO O ESPIRITISMO**

**CAPÍTULO 10 – INTERVENÇÃO DOS DEMÔNIOS NAS MODERNAS  
MANIFESTAÇÕES**

**CAPÍTULO 11 – É PROIBIDO EVOCAR OS MORTOS?**

**SEGUNDA PARTE: EXEMPLOS**

## **CAPÍTULO 1 – A PASSAGEM**

## **CAPÍTULO 2 – ESPÍRITOS FELIZES**

**SANSON**

**JOBARD**

**SAMUEL PHILIPPE**

**VAN DURST**

**SIXDENIERS**

**DR. DEMEURE**

**VIÚVA FOULON (WOLLIS, QUANDO SOLTEIRA)**

**UM MÉDICO RUSSO**

**BERNARDIN**

**CONDESSA PAULA**

**JEAN REYNAUD**

**ANTOINE COSTEAU**

**EMMA LIVRY**

**DR. VIGNAL**

**VICTOR LEBUFLE**

A SENHORA ANAIS GOURDON

MAURICE GONTRAN

**CAPÍTULO 3 – ESPÍRITOS EM CONDIÇÕES MEDIANAS**

JOSEPH BRÉ

HÉLÈNE MICHEL

MARQUÊS DE SAINT PAUL

DR. CARDON, MÉDICO

ERIC STANISLAS

ANNA BELLEVILLE

**CAPÍTULO 4 – ESPÍRITOS SOFREDORES**

O CASTIGO

NOVEL

AUGUSTE MICHEL

LAMENTOS DE UM BOÊMIO

LISBETH

PRÍNCIPE OURAN

PASCAL LAVIC

FERDINAND BERTIN

FRANÇOIS RIQUIER

CLAIRE

## CAPÍTULO 5 – SUICIDAS

O SUICIDA DA SAMARITANA

O PAI E O FILHO QUE FOI RECRUTADO PELO EXÉRCITO

FRANÇOIS-SIMON LOUVET

MÃE E FILHO

DUPLO SUICÍDIO, POR AMOR E POR DEVER

LUÍS E A COSTUREIRA DE BOTINAS

UM ATEU

FÉLICIEN

ANTOINE BELL

## CAPÍTULO 6 – CRIMINOSOS ARREPENDIDOS

VERGER

LEMAIRE

BENOIST

O ESPÍRITO DE CASTELNAUDARY

JACQUES LATOUR

CAPÍTULO 7 – ESPÍRITOS ENDURECIDOS OU OBSTINADOS

LAPOMMERAY

ANGÈLE, UMA NULIDADE SOBRE A TERRA

UM ESPÍRITO ABORRECIDO

A RAINHA DE OUDE

XUMÈNE

CAPÍTULO 8 – EXPIAÇÕES TERRENAS

MARCEL, O MENINO DO Nº 4

SZYMEL SLIZGOL

JULIENNE-MARIE, A MENDIGA

MAX, O MENDIGO

A HISTÓRIA DE UM EMPREGADO DOMÉSTICO

**ANTONIO B...**

**LETIL**

**UM CIENTISTA AMBICIOSO**

**CHARLES DE SAINT-G., DEFICIENTE MENTAL**

**ADÉLAIDE-MARGUERITE GOSSE**

**CLARA RIVIER**

**FRANÇOISE VERNHES**

**ANNA BITTER**

**JOSEPH MAÎTRE, O CEGO**

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

**Leia mais**

**Contracapa**

**PRIMEIRA PARTE:**  
**DOCTRINA**

# CAPÍTULO 1

## O FUTURO E O NADA

1 – A realidade é que nós vivemos, pensamos e agimos. Também é verdade que morremos.

No entanto, ao deixar a Terra, para onde vamos? O que será de nós após a morte? Vamos estar melhor ou pior? Continuaremos existindo ou não? *Ser ou não ser*, essa é a alternativa. Ser para sempre, ou ser para nunca mais; ou tudo ou nada. Viveremos eternamente ou tudo se acabará com a morte? Vale a pena pensarmos em tudo isso?

Todo homem tem a necessidade de viver, de desfrutar as coisas boas da vida, de amar e de ser feliz. Digam para aquele que sabe que vai morrer que ele ainda viverá, ou que a hora da sua morte ainda não chegou. Digam, sobretudo, que ele será mais feliz do que já foi até agora, e o seu coração se encherá de alegria. Mas para que servem esses desejos de felicidade, se basta um leve sopro para dissipá-los?

Será que pode haver algo que cause mais desespero do que o pensamento numa destruição absoluta? Na destruição das nossas mais sagradas afeições, da inteligência, do progresso realizado, do saber adquirido com muito trabalho, tudo seria desperdiçado, tudo estaria perdido!

Qual a necessidade de empregar todo o esforço para nos tornarmos melhores, para corrigir as más paixões, para aprimorar o nosso Espírito, se de tudo isso não iremos colher nenhum fruto? E, principalmente, diante da ideia de que, talvez, amanhã, todas essas coisas não nos sirvam mais para nada.

Se o pensamento de que tudo termina com a morte fosse correto, o destino do homem comum seria cem vezes pior que o do homem embrutecido, porque este vive inteiramente do presente, visando a satisfazer apenas os seus apetites materiais, sem nenhuma preocupação com o futuro. Entretanto, uma



secreta intuição nos diz que isso não pode ser assim.

**2** – Ao acreditar que o fim de tudo é o nada, o homem forçosamente concentra todos os seus pensamentos na vida presente, e com razão, pois não seria lógico se preocupar com um futuro do qual nada se espera. Essa preocupação exclusiva com o presente leva o homem naturalmente a pensar em si, antes de tudo.

O pensamento no presente é o mais poderoso estímulo ao egoísmo, e os incrédulos são coerentes consigo mesmos quando chegam à seguinte conclusão: vamos aproveitar enquanto estamos por aqui; aproveitemos o máximo possível, pois com a chegada da morte tudo se acaba; é melhor aproveitar depressa, pois não sabemos por quanto tempo estaremos vivos.

Os incrédulos também são coerentes quando chegam a esta outra conclusão, muito mais grave ainda para a sociedade: aproveitemos passando por cima de tudo, aproveitemos de qualquer maneira, cada um por si; a felicidade neste mundo é sempre a do mais esperto.

Se o respeito humano consegue moderar a ação de algumas pessoas, que freio pode deter os que nada temem? Os incrédulos dizem que as Leis humanas punem apenas os tolos; assim, empregam todo o seu talento para se esquivarem delas.

Se existe uma doutrina *insensata e antissocial*, esta é, seguramente, a do **nilismo**, que rompe os verdadeiros laços de “solidariedade e fraternidade”, que são os fundamentos das relações sociais.

### *Observação*

**Nilismo:** Crença no nada; negação de todo princípio religioso, político e social. Seita anarquista russa que pregava a destruição da ordem social estabelecida, sem a preocupação de substituí-la por outra.

**3** – Suponhamos que, por uma circunstância qualquer, todo um povo adquira a certeza de que em oito dias, num mês ou num ano, ele será

aniquilado; que nenhum indivíduo sobreviverá; que não restará nenhum traço de sua existência após a morte.

O que fará esse povo condenado, enquanto aguarda o seu extermínio? Trabalhará para se tornar melhor, para se instruir, para viver? Respeitará os direitos, os bens, a vida dos seus semelhantes? Obedecerá às Leis, ou a alguma autoridade, por mais legítima que ela seja, como a autoridade paterna, por exemplo? Nessas condições, haverá para esse povo qualquer tipo de dever? Certamente que não!

Pois bem! A doutrina do niilismo (tudo reduzido ao nada) não pode ser aplicada a um povo porque isso é impossível. Mas ela pode ser aplicada a um indivíduo, de forma isolada. No caso de sua aplicação a um indivíduo, as consequências não são tão desastrosas quanto seriam se ela pudesse ser estendida às massas. E ela não pode ser estendida às massas, porque a maioria dos incrédulos possui mais gabolice do que verdadeira incredulidade, mais dúvida do que convicção.

Eles têm mais medo do “nada” do que pretendem aparentar, já que o qualificativo de *Espíritos fortes* lisonjeia-lhes a vaidade e o amor-próprio.

As consequências também não são maiores, porque os verdadeiros incrédulos constituem uma parcela muito pequena. Eles sofrem, mesmo a contragosto, a pressão da sociedade que possui opinião contrária à deles, e essa pressão faz com que eles se conttenham.

Se a incredulidade absoluta se tornasse maioria, a sociedade se dissolveria. É a isso que nos leva a propagação da doutrina do niilismo.

***Nota de Allan Kardec:*** *Um jovem de dezoito anos sofria de uma doença cardíaca que foi considerada incurável. A Ciência disse: “Ele pode morrer dentro de oito dias ou de dois anos, mas não passa disso”. Ao saber da sentença, o jovem abandonou os estudos e entregou-se aos excessos de toda ordem.*

*Quando lhe advertiam que uma vida desregrada, em função do seu problema cardíaco, era perigosa para a sua saúde, o jovem respondia: “Que me importa, uma*

*vez que não tenho mais do que dois anos de vida? De que me serviria cansar a mente? Aproveito o pouco que me resta e quero me divertir até o fim”. – Esta é a consequência lógica do niilismo.*

*Se esse jovem fosse espírita, provavelmente teria dito: “A morte só destruirá o meu corpo físico, que abandonarei como uma roupa usada, mas o meu Espírito continuará vivendo para sempre. Serei, na vida futura, aquilo que eu próprio fizer de mim nesta vida; nada do que eu adquirir em qualidades morais e intelectuais irá se perder; ao contrário, isso será um ganho para o meu adiantamento; toda a imperfeição de que eu puder me livrar será um passo a mais no caminho da realização. A minha felicidade ou infelicidade futura dependerá do que eu fizer de útil ou inútil na existência presente. Portanto, é do meu interesse aproveitar o pouco tempo que me resta e evitar tudo o que possa diminuir as minhas forças”. Qual das duas doutrinas, a espírita ou a niilista, é a preferível?*

Independente das suas consequências, se o niilismo fosse uma doutrina verdadeira, teríamos que aceitá-la de qualquer modo. Não seriam os sistemas contrários, nem a ideia dos males que ela pudesse produzir, que iriam lhe impedir a existência.

Apesar dos grandes esforços feitos pela Religião, é preciso dizer que a incredulidade, a dúvida e a indiferença ganham terreno a cada dia. Mas, se a Religião se mostra impotente para deter a incredulidade, é porque ainda lhe falta alguma coisa para combatê-la. Se, por outro lado, a Religião se entregasse à imobilidade, em pouco tempo ela estaria inevitavelmente superada.

O que falta para a Religião, neste século de **positivismo**, em que se procura compreender antes de crer, é, sem dúvida, a confirmação de seus ensinamentos por meio de fatos concretos, reais. A Religião também precisa adequar os seus ensinamentos às verdades já conhecidas e aceitas pela Ciência.

Se a Religião diz que alguma coisa é branca e os fatos científicos dizem que essa mesma coisa é negra, é preciso optar entre a “evidência” e a “fé cega”.

## Observações

**Positivismo:** Sistema filosófico criado por Augusto Comte e que se baseia nos fatos e na experimentação concreta. Os positivistas não consideram as suposições de ordem religiosa, conhecimentos ligados a alguma crença, à superstição ou a qualquer coisa que não possa ser comprovada cientificamente.

O Positivismo defende a ideia de que o conhecimento científico é a única forma de conhecimento verdadeiro. Somente podemos afirmar que uma teoria é correta se ela puder ser comprovada através de métodos científicos válidos. Os adeptos desta doutrina possuem a tendência de encarar a vida pelo seu lado prático e útil.

No Brasil, os Positivistas participaram do movimento pela Proclamação da República; foi por isso que a bandeira brasileira acabou expressando o lema “Ordem e Progresso”, que foi extraído da fórmula máxima do Positivismo: “O Amor por princípio, a ordem por base, e o progresso por fim”.

**Fé cega:** É aquela que aceita tudo sem a necessidade de uma comprovação, tanto o que é verdadeiro quanto o que é falso. Assim, a cada passo, ela choca-se com a evidência e com a razão. Levada ao excesso, ela produz o fanatismo.

**4 –** É em face a esse estado de coisas que o Espiritismo vem colocar um freio na propagação da incredulidade. Não apenas pelos perigos que essa falta de fé representa, mas porque ele ensina as pessoas a raciocinarem. Assim, através dos fatos materiais, o Espiritismo torna visíveis e tangíveis a existência da alma e da vida futura.

Todos somos livres para escolher as nossas crenças. Podemos crer em alguma coisa ou não crer em nada. Mas aqueles que procuram fazer prevalecer no pensamento das massas, e principalmente no pensamento da juventude, a negação do futuro, apoiando-se na autoridade do seu saber e na posição elevada que ocupam, semeiam na sociedade os germes da perturbação e da destruição, além de gerarem para si grandes responsabilidades.

**5 –** Existe uma outra doutrina que se defende da acusação de materialista, porque admite a existência de um princípio inteligente fora da matéria: é a doutrina da *Absorção da Alma pelo Todo Universal*.

Segundo essa doutrina, cada indivíduo absorve, ao nascer, uma parcela desse princípio, que constitui a sua alma e que lhe dá a vida, a inteligência e o

sentimento. Com a morte, esta alma volta ao elemento comum e se perde no infinito, como uma gota de água se perde no oceano.

É incontestável que essa doutrina está um passo adiante do materialismo puro, pois ela admite alguma coisa fora da matéria, ao passo que o materialismo nada admite. Mas, ainda assim, as consequências das duas doutrinas são exatamente as mesmas. O homem ser mergulhado no nada ou num reservatório comum, para ele é a mesma coisa.

Se, na doutrina materialista, o homem é aniquilado, na doutrina do Todo Universal ele perde a sua individualidade; logo, é como se ele não existisse, visto que as relações sociais são igualmente rompidas, e para sempre.

O essencial para o homem é a conservação do seu *eu*, da sua *individualidade*; sem isso, o que lhe importa continuar existindo? O futuro para ele será sempre nulo, e a sua preocupação e interesse será sempre a da vida presente.

Sob o ponto de vista das consequências morais, a doutrina do Todo Universal é tão perversa, tão desesperadora, e estimula de tal modo o egoísmo, que chega a assemelhar-se com o materialismo propriamente dito.

**6** – Além disso, podemos fazer à doutrina do Todo Universal a seguinte objeção: todas as gotas de água retiradas do oceano se assemelham e possuem a mesma propriedade, como partes que são de um mesmo todo. Então, por que as almas retiradas do grande oceano da inteligência universal se assemelham tão pouco?

Como explicar o homem genial ao lado do idiota? As mais sublimes virtudes ao lado dos vícios mais desprezíveis? Por que a bondade, a doçura e a mansidão ao lado da maldade, da crueldade e da barbárie? Como as partes de um mesmo todo homogêneo podem ser tão diferentes entre si? Seria possível atribuir à educação essas modificações? Mas, então, de onde vêm as qualidades inatas, as inteligências precoces, os instintos bons e maus, que não dependem de nenhuma educação e que, com frequência, estão em desarmonia com o

meio em que essas criaturas vivem?

Não resta dúvida de que a “educação” modifica as qualidades intelectuais e morais da alma. Mas, aqui, uma outra dificuldade se apresenta: Quem dá à alma a educação que a faz progredir? Será que a educação foi dada por outras almas que possuem a mesma origem? Mas, se possuem a mesma origem, não devem ser mais adiantadas!

Por outro lado, a alma que progrediu durante a vida, ao retornar ao Todo Universal, de onde havia saído, entrega-lhe um elemento mais aperfeiçoado. Daí se conclui que esse Todo, com o passar do tempo, deveria se encontrar profundamente modificado e melhorado. Sendo assim, como se explica que continuem a sair, incessantemente, desse Todo Universal, almas ignorantes e perversas?

**7** – Nessa doutrina da *absorção da alma pelo Todo Universal*, a fonte universal da inteligência, que gera as almas humanas, é independente da Divindade. Portanto, não se trata do *Panteísmo*. A Doutrina Panteísta, propriamente dita, difere da doutrina do Todo Universal, porque considera o princípio universal da vida e da inteligência como sendo parte integrante da Divindade. Assim, na Doutrina Panteísta, Deus é ao mesmo tempo Espírito e matéria.

No Panteísmo, a Divindade é constituída por todos os seres e por todos os corpos da Natureza. Esses seres e esses corpos são representados pelas moléculas e pelos demais elementos que os compõem. Deus é o conjunto de todas as inteligências reunidas; cada indivíduo, sendo uma parte do todo, também é Deus; nenhum ser superior e independente rege o conjunto. Desse modo, o Universo é uma imensa república sem chefe, ou melhor, todos são chefes e possuem poderes absolutos.

**8** – Ao sistema Panteísta podemos opor inúmeras contradições. As principais são as seguintes:

1ª – Concebendo a Divindade como sendo possuidora de perfeições infinitas, pergunta-se: como um Todo perfeito pode ser formado de partes tão imperfeitas, tendo ainda a necessidade de progredir?

2ª – Se cada parte deve ser submetida à Lei do Progresso, conclui-se que o próprio Deus deve progredir.

3ª – Se Deus progride sem cessar, deve ter sido, na origem dos tempos, muito imperfeito.

4ª – Como aceitar que um ser imperfeito, formado de vontades e ideias tão divergentes, tenha sido capaz de conceber Leis tão harmoniosas, tão admiráveis de unidade, de sabedoria e previdência, como as que regem o Universo?

5ª – Se todas as almas são porções da Divindade, todas concorreram para formar as Leis da Natureza; sendo assim, como se explica que essas almas reclamem sem cessar contra as Leis que elas mesmas fizeram?

*Uma teoria só pode ser aceita como verdadeira se tiver condições de satisfazer a razão e de explicar todos os fatos que estão sob o seu domínio. Se apenas um fato vier a desmenti-la, é porque ela não contém a verdade absoluta.*

**9** – Do ponto de vista moral, as consequências da Doutrina Panteísta são igualmente ilógicas. Assim como no sistema do Todo Universal, as almas também são absorvidas num todo e perdem a sua individualidade.

Se admitirmos, de acordo com a opinião de alguns panteístas, que as almas conservam a sua individualidade após a morte, Deus deixaria de ter vontade única para ser um misto de vontades divergentes.

Além disso, sendo cada alma parte integrante da Divindade, nenhuma é dominada por um poder superior; desse modo, ela não tem responsabilidade individual pelos atos bons ou maus que pratica. Sendo dona de si mesma, a alma não tem interesse algum na prática do bem e ainda pode praticar o mal impunemente.

**10** – Essas doutrinas não satisfazem nem a razão e nem as aspirações do homem, pois apresentam dificuldades insuperáveis, sendo impotentes para resolver de fato todas as questões que levantamos.

Portanto, o homem tem três alternativas: *o nada, a absorção num Todo Universal*, ou *a individualidade da alma antes e depois da morte*. É para a crença da individualidade da alma após a morte que a lógica nos remete irresistivelmente. A crença na individualidade da alma constitui a base de todas as religiões desde que o mundo existe.

Se a lógica nos conduz à individualidade da alma, também nos conduz a esta outra consequência: o destino de cada alma deve depender das suas qualidades pessoais, pois seria irracional admitir que a alma atrasada do selvagem, assim como a do homem perverso, estivesse no mesmo nível que a do cientista e a do homem de bem.

Segundo os princípios da justiça, as almas devem ser responsáveis por seus atos. Mas, para que sejam responsáveis, elas precisam ser livres para escolher entre o bem e o mal. Se a alma não puder exercer o seu livre-arbítrio, existe para ela tão somente a fatalidade, ou seja, um destino já traçado, e, sendo assim, a alma não poderia ser responsabilizada.

**11** – Todas as Religiões admitem igualmente um destino feliz ou infeliz para as almas após a morte, ou melhor, o princípio das penas e das recompensas futuras, que pode ser resumido na doutrina do céu e do inferno encontrada em toda parte.

Entretanto, a diferença essencial entre essas religiões é quanto à natureza das penas e das recompensas, *principalmente* no que diz respeito às condições que podem levar as almas a merecerem ser punidas ou recompensadas.

Dessas diferenças resultam as contradições entre os pontos de fé que dão origem aos diversos cultos, com cada um impondo os seus deveres para reverenciar a Deus e, por esse meio, alcançar o céu e evitar o inferno.



**12** – Em sua origem, todas as religiões tiveram que se adaptar ao grau de adiantamento moral e intelectual dos homens. Por estarem ainda muito dominados pela matéria, eles não compreendiam o valor das coisas puramente espirituais. Foi por isso que os homens atribuíram a maior parte dos deveres religiosos ao cumprimento das cerimônias exteriores.

Por muito tempo essas cerimônias foram suficientes para satisfazer a sua razão. Mais tarde, quando suas mentes estavam mais esclarecidas, eles perceberam o vazio dessas condutas. Como a Religião não preenchia esse vazio, eles abandonaram-na e se tornaram **filósofos**.

### *Observação*

**Filósofos** – Tornaram-se filósofos, no sentido de que os homens queriam uma explicação racional para as questões da vida, uma vez que as teorias religiosas não podiam ser explicadas pela lógica materialista.

**13** – *No seu início, a Religião se moldou aos conhecimentos limitados dos homens daquela época. Se ela tivesse acompanhado sempre o movimento progressivo do Espírito humano, não haveria incrédulos, porque a necessidade de crer está na própria natureza do homem. Assim, ele sempre vai crer desde que lhe deem o alimento espiritual em concordância com as suas exigências intelectuais.*

O homem quer saber de onde ele veio e para onde ele vai. Entretanto, ele rejeita tudo se lhe mostrarem um objetivo que não corresponda com as suas aspirações nem com a ideia que ele faz de Deus. Ele também rejeitará tudo, se os dados concretos que a Ciência lhe fornece não corresponderem às suas expectativas e se, para atingir a Deus, lhe impuserem condições inúteis, que a sua razão contesta.

Então, neste caso, a crença nas doutrinas materialista e panteísta lhe parecerá ainda mais racional, porque nelas, ao menos, o homem pode raciocinar e discutir. Mesmo que esse raciocínio seja falso, porque ele prefere

raciocinar em falso a ser privado de raciocinar.

Mas, se lhe apresentarem um futuro em condições lógicas, digno em tudo da grandeza, da justiça e da infinita bondade de Deus, ele repudiará o materialismo e o panteísmo, cujo vazio sente em seu próprio ser, pois só os havia aceitado na falta de uma crença melhor.

O Espiritismo oferece ao homem coisa melhor; por isso ele é acolhido rapidamente por todos aqueles que se atormentam com a dúvida dolorosa da incerteza, e também por todos que não encontram, nem nas crenças e nem nas filosofias vulgares, aquilo que procuram.

O Espiritismo tem a seu favor a lógica do raciocínio e a confirmação dos fatos. É por isso que inutilmente ele tem sido combatido.

**14** – Instintivamente, o homem acredita no futuro, mas não possuindo até agora uma base certa para defini-lo, a sua imaginação criou um conjunto de ideias que deram origem às inúmeras crenças.

A explicação que a Doutrina Espírita nos dá sobre o futuro não é obra de uma imaginação arquitetada de maneira engenhosa. Ela é o resultado da observação de fatos materiais que ocorrem hoje aos nossos olhos. Por isso ela reunirá, como já vem acontecendo, as opiniões divergentes ou indecisas e, pela própria força das circunstâncias, conduzirá as diversas crenças a uma unidade sobre o futuro do homem. Essa crença terá por base a certeza e não mais uma simples hipótese.

*O primeiro ponto de aproximação entre os diferentes cultos será o pensamento unificado em relação ao destino das almas após a morte. No início, este será um passo imenso para a tolerância entre as religiões e, mais tarde, para a completa fusão.*

## CAPÍTULO 2

# O TEMOR DA MORTE

- CAUSAS DO TEMOR DA MORTE
- POR QUE OS ESPÍRITAS NÃO TEMEM A MORTE?

### CAUSAS DO TEMOR DA MORTE

---

**1** – O homem, independente da posição social que ocupa, desde o selvagem até o mais sábio, traz no seu íntimo, no seu coração, o pressentimento do futuro e a intuição de que a morte não é a última etapa da sua vida. Tem também a intuição de que os entes queridos, cuja perda lamenta, não estão perdidos para sempre.

A crença na imortalidade da alma, além de ser intuitiva, é infinitamente mais generalizada do que a crença no nada. Então, como explicar que, entre os que acreditam na imortalidade da alma, muitos ainda estejam apegados às coisas da Terra e tenham um temor muito grande da morte?

**2** – O medo da morte é o resultado da sabedoria da Providência e também uma consequência do instinto de conservação, comum a todos os seres vivos. Ele é necessário enquanto o homem não estiver suficientemente esclarecido sobre as condições da vida futura. Sem o medo da morte, o homem poderia deixar prematuramente a vida terrena e descuidar do seu trabalho neste mundo; trabalho este que deve servir para o seu próprio adiantamento.

É por isso que, entre os povos primitivos, o futuro é tão somente uma vaga intuição. Mais tarde, o futuro se torna uma simples esperança e, finalmente, uma certeza, embora atenuada pelo secreto apego à vida corporal.

**3** – À medida que o homem compreende melhor a vida futura, o temor da morte diminui. Ao compreender a sua missão na Terra, ele aguarda o seu fim com mais calma, com mais resignação e serenidade.

A certeza na vida futura dá ao homem um novo rumo às suas ideias, um outro objetivo aos seus trabalhos. Antes de ter essa certeza, ele só trabalha com vistas na vida presente; com a certeza da vida futura, ele passa a trabalhar também pensando no futuro, mas sem desprezar o presente, porque sabe que esse futuro dependerá da boa ou má direção que der à sua vida atual.

A certeza de reencontrar os amigos depois da morte, de continuar as relações que teve na Terra, *de não perder um só fruto do seu trabalho*, de crescer incessantemente em inteligência e perfeição, lhe dá a paciência para esperar e a coragem para suportar as fadigas transitórias da vida terrena.

A solidariedade que o homem vê entre os vivos e os mortos lhe faz compreender a solidariedade que também deve existir na Terra, entre os vivos. Assim, a fraternidade e a caridade têm uma finalidade e uma razão de ser, tanto no presente quanto no futuro.

**4** – Para se libertar do temor da morte, o homem precisa encará-la sob o seu verdadeiro ponto de vista, ou seja, penetrar pelo pensamento no mundo espiritual e procurar fazer dele uma ideia tão exata quanto lhe seja possível. Esse exercício pressupõe que o Espírito encarnado já possui um certo desenvolvimento e uma certa aptidão para se libertar da matéria.

Para os Espíritos atrasados, que não progrediram suficientemente, a vida material prevalece sobre a vida espiritual. A vida verdadeira é a vida da alma, ou melhor, a vida que o Espírito tem depois que desencarna. Mas, mesmo assim, o homem atrasado apega-se às aparências e não consegue compreender a vida além do corpo físico. Desse modo, quando o corpo adoece e fica privado da vida, tudo lhe parece perdido e ele se desespera.

Se, ao contrário, em vez de o homem concentrar o seu pensamento no corpo físico, ele concentrasse na alma, que é a fonte da vida, que é o ser real

que sobrevive a tudo, lastimaria bem menos a perda do corpo, fonte de tantas misérias e de tantas dores. Entretanto, para que isso se realize, o Espírito necessita de uma força que ele só adquire à medida que vai amadurecendo.

Assim, o temor da morte tem a sua causa no desconhecimento sobre a vida futura. Esse temor deve-se também à necessidade de viver e ao receio de que a destruição do corpo físico seja a destruição de tudo. O medo de morrer é provocado por um secreto desejo de que a alma sobreviva, mesmo que esse desejo esteja escondido pela incerteza.

A preocupação com a morte diminui à medida que aumenta a certeza na continuidade da vida, e desaparece quando esta certeza torna-se completa.

Deus foi sábio em não deslumbrar o homem, que ainda não é bastante esclarecido, com a perspectiva muito real e sedutora de um futuro melhor, pois isso poderia levá-lo a descuidar do presente, tão necessário ao seu progresso material e intelectual.

**5** – Esta incerteza sobre a vida futura é mantida e prolongada por causas puramente humanas, que desaparecerão com o progresso. O primeiro problema é o aspecto sob o qual é apresentada a vida futura, aspecto que pode contentar as inteligências pouco desenvolvidas, mas que não satisfaz as exigências dos homens que refletem.

É por isso que os homens que possuem maior esclarecimento dizem: “Se aquilo que nos apresentam como verdades absolutas são princípios contestados pela lógica e pela Ciência, esses princípios não são verdadeiros”. Isso tem como resultado a incredulidade de alguns e a crença misturada com a dúvida em muitos outros.

Para estes que vacilam, a vida futura é uma ideia vaga, é antes uma probabilidade do que uma certeza absoluta. Acreditam nela, gostariam que ela fosse verdadeira, mas apesar disso exclamam: “E se não for assim? O presente é real, vamos nos ocupar com ele primeiro, o futuro virá por sua vez”.

E, depois, ainda acrescentam: “Afinal de contas, o que é a alma? É um ponto, um átomo, uma faísca, uma chama? Como ela faz para ouvir, para ver,

como ela percebe as coisas?”. A alma, para eles, não é uma realidade efetiva, é, antes, uma **abstração**.

No pensamento desses incrédulos, os entes queridos ficam reduzidos à condição de átomos, e perdidos para sempre; eles não possuem mais as qualidades que os faziam ser amados. Os incrédulos não podem compreender que uma faísca (referindo-se ao Espírito) tenha amor por eles, assim como eles também não podem sentir amor por uma faísca.

Assim, os que não acreditam em nada sentem-se pouco satisfeitos com a perspectiva de se transformarem em **mônadas**. Justificam, desse modo, o retorno ao lado prático e útil da vida terrena, que lhes oferece alguma coisa de mais substancial, de mais concreto. O número de criaturas dominadas por este pensamento é considerável.

### *Observações*

**Abstração:** Teoria demasiado vaga que não pode ser aplicada à realidade.

**Mônada:** No sistema filosófico de Leibniz, mônada é uma substância simples, única e, como tal, está presente nos compostos, mas ela própria não possui partes. Portanto, é uma substância indestrutível, indivisível.

**6** – Mesmo as pessoas que acreditam firmemente na vida futura acabam se apegando às “coisas da Terra”, pela educação que recebem a esse respeito desde a infância. Precisamos convir que o quadro apresentado pela Religião, sobre a vida futura, é pouco sedutor e nada tem de consolador.

Senão vejamos: De um lado, temos os condenados se contorcendo por terem que expiar, nas torturas e nas chamas eternas, os erros que cometeram em uma vida que é passageira. Para eles, os séculos se sucedem sem piedade e sem que exista qualquer esperança no abrandamento de suas penas. E, o que é ainda mais impiedoso, eles não colhem nenhum proveito do arrependimento que por ventura venham a ter.

De outro lado, temos as almas debilitadas e atormentadas que estão no purgatório, e que aguardam a sua libertação mediante a intercessão e a boa

vontade dos vivos, que devem orar ou mandar orar por elas, pois seus esforços para progredir de nada lhes adiantam.

Estas duas categorias constituem a imensa maioria da população espiritual. Acima delas, paira a diminuta classe dos eleitos, desfrutando, por toda a eternidade, da bem-aventurança contemplativa. Essa inutilidade eterna é, sem dúvida, preferível ao nada, mas não deixa de ser uma entediante monotonia. É por isso que nas pinturas que retratam os bem-aventurados, vemos figuras angélicas em que mais transparece o tédio do que a verdadeira felicidade.

Este estado de bem-aventurança não satisfaz nem as aspirações da alma e nem a ideia instintiva de progresso, que é para ela a única ideia compatível com a felicidade absoluta. Custa crer que, apenas por ter recebido o batismo, o selvagem ignorante, cujo senso moral é pouco desenvolvido, esteja no mesmo nível do homem que atingiu, após longos anos de trabalho, o mais alto grau de conhecimento e moralidade.

Menos concebível ainda é aceitar que uma criança, que morre em tenra idade, antes de ter consciência de si mesma e de seus atos, desfrute dos mesmos privilégios que os bem-aventurados, somente por efeito de uma cerimônia (o batismo), na qual a sua vontade não teve participação alguma. Esses pensamentos não deixam de perturbar os crentes mais fervorosos, mesmo que eles pouco reflitam sobre o assunto.

**7** – Os incrédulos entendem que a felicidade futura não depende do trabalho que os faz progredir na Terra. Assim, pensam que essa felicidade pode ser adquirida por meio de algumas cerimônias exteriores e mesmo que ela pode ser comprada com dinheiro, sem a necessidade de uma reforma séria no caráter e nos costumes. Por pensarem desse modo, dão todo o valor aos prazeres do mundo.

Muitos crentes dizem para si mesmos: “Se o meu futuro está assegurado pelo cumprimento de certas obrigações formais, ou pelas dádivas que receberei

após a morte, é desnecessário impor-me sacrifícios ou sofrer qualquer incômodo em benefício dos outros, uma vez que se pode conseguir a salvação trabalhando cada um por si”.

Seguramente, nem todos pensam assim, porque existem grandes e honrosas exceções. Mas não se pode negar que a maioria tem esse pensamento, principalmente entre as pessoas pouco esclarecidas. A ideia que fazem da felicidade no outro mundo não lhes retira o foco do apego aos bens terrenos e, por consequência, de serem egoístas.

**8** – Acrescentemos ainda que tudo, nossos costumes, o apego aos bens materiais, contribui para fazer com que se lamente a perda da vida terrena e se tenha medo da passagem da Terra para o Céu.

A morte é cercada de cerimônias fúnebres, que servem mais para aterrorizar do que para despertar a esperança. Ela sempre é descrita como alguma coisa que possui um aspecto repugnante e nunca como um sono de transição. Todos os seus símbolos lembram a destruição do corpo, mostrando-o de uma forma horrível e desfigurada. Nenhuma cerimônia nos apresenta a alma se desprendendo radiosa dos seus vínculos terrenos.

A partida para esse mundo mais feliz é acompanhada pelas lamentações daqueles que ficam, como se uma imensa desgraça atingisse os que partem. Os desencarnados recebem um adeus eterno, como se eles jamais pudessem ser vistos novamente. O que as pessoas lastimam por aqueles que desencarnam é a perda dos prazeres mundanos, como se não fosse possível encontrar prazeres maiores no mundo espiritual.

Que desgraça, dizem, morrer tão jovem, rico, feliz e tendo a perspectiva de um futuro brilhante pela frente! A ideia de um futuro melhor para aquele que desencarna até passa pela mente das pessoas, mas passa muito rapidamente, pois essa ideia não tem raízes suficientes para se sustentar.

Assim, tudo contribui para difundir o pavor da morte, em vez de inspirar a esperança. O homem ainda precisará de um longo tempo para se desfazer



desses preconceitos; entretanto, isso acabará acontecendo à medida que a sua fé for se firmando, a ponto de ele fazer uma ideia mais sensata sobre a vida espiritual.

**9** – Além disso, a crença popular coloca as almas em regiões que são acessíveis apenas ao pensamento; desse modo, essas almas se tornam de alguma forma estranhas para aqueles que continuam vivendo na Terra.

A própria Igreja coloca entre as almas e os encarnados uma barreira intransponível, ao declarar que todas as relações estão rompidas e que é impossível toda e qualquer comunicação.

Se as almas estão no inferno, toda a esperança de revê-las está perdida para sempre, a menos que a gente também vá para lá. Se elas estão entre os eleitos, vivem completamente absorvidas pela bem-aventurança contemplativa. Todas essas coisas colocam uma distância tal entre os mortos e os vivos, que nos faz considerar a separação como algo eterno.

Esta é a razão por que muitos preferem ter junto de si, sofrendo na Terra, os entes queridos, a vê-los partir, mesmo que seja para o Céu. Ora, será que a alma que está no Céu pode ser realmente feliz vendo arder eternamente no inferno, por exemplo, *seu filho, seu pai, sua mãe ou seus amigos?*

## **POR QUE OS ESPÍRITAS NÃO TEMEM A MORTE?**

---

**10** – A Doutrina Espírita modifica completamente a maneira de encarar o futuro. A vida futura deixa de ser uma hipótese para se tornar uma realidade. A situação das almas após a morte não é mais um conjunto de ideias, mas o resultado da observação.

Levantando-se o véu, o mundo espiritual nos aparece na plenitude de sua realidade prática; não foram os homens que descobriram esse mundo, pelo esforço de uma concepção engenhosa, mas são os próprios habitantes dele que

vêm nos descrever a sua situação.

Nesse mundo, vemos os Espíritos em todos os graus da escala espírita, em todas as fases da felicidade e da infelicidade, assistindo a todos os acontecimentos da vida depois da morte do corpo físico. É por isso que os espíritas encaram o desencarne calmamente e se mostram serenos nos seus últimos momentos sobre a Terra.

Não é apenas a esperança que os conforta, mas a certeza; os espíritas sabem que a vida futura é a continuação da vida presente em melhores condições e aguardam-na com a mesma confiança com que aguardam o nascer do Sol após uma noite de tempestade.

Os motivos dessa confiança estão nos fatos que testemunharam e na concordância desses fatos com a lógica, com a Justiça e com a bondade de Deus, pois eles estão em concordância com as aspirações mais profundas do homem.

Para os espíritas, a alma não é mais uma abstração. Ela tem um corpo etéreo, denominado perispírito, que a torna um ser definido, que pode ser concebido pelo pensamento. Isso já basta para que possamos entender a sua individualidade, as suas aptidões e as suas percepções. Assim, a lembrança das pessoas que nos são queridas repousa sobre alguma coisa de real.

Os Espíritos daqueles que desencarnaram não são mais representados como chamas fugazes, que nada dizem ao nosso pensamento. Eles se apresentam sob uma forma concreta que permite considerá-los como seres que ainda continuam vivendo.

Além disso, os desencarnados, em vez de estarem perdidos nas profundezas do Espaço, estão ao nosso redor. O mundo corpóreo e o mundo espiritual estão constantemente se relacionando e colaboram um com o outro. Não existindo mais a dúvida sobre o futuro, o temor da morte perde o seu sentido, e o espírita encara a sua aproximação com tranquilidade, como quem aguarda a sua libertação pela porta da vida, e não pela porta do nada.

## CAPÍTULO 3

# O CÉU

**1** – Em geral, a palavra *Céu* designa o espaço infinito que envolve a Terra e, mais particularmente, a parte que está acima do nosso horizonte. O vocábulo *Céu* vem do latim *coelum*, formado do grego *coilos*, que significa côncavo, porque o Céu apresenta o aspecto de uma imensa concavidade.

Os Antigos acreditavam na existência de muitos Céus superpostos, constituídos de matéria sólida e transparente, formando esferas concêntricas e tendo a Terra como centro. Essas esferas concêntricas, girando ao redor da Terra, arrastavam consigo os astros que se achavam dentro do seu perímetro, do seu limite exterior.

Todos os sistemas religiosos da Antiguidade, pela insuficiência dos conhecimentos astronômicos, tiveram a ideia de representar os Céus, escalonados em diferentes graus de bem-aventurança. O último deles era a morada da suprema felicidade.

Segundo a opinião mais comum, havia sete Céus. Daí a expressão: *Estar no sétimo Céu* – para exprimir a felicidade perfeita. Os muçulmanos admitiam a existência de nove Céus, em cada um dos quais a felicidade dos crentes era maior. O astrônomo **Ptolomeu** contava onze Céus e denominava o último de **Empíreo**, por causa da luz brilhante que nele existia.

Empíreo é ainda hoje o nome poético que se dá ao lugar onde a glória é eterna. A **teologia** cristã reconhece a existência de três Céus: o primeiro é a região do ar e das nuvens; o segundo é o Espaço onde giram os astros; o terceiro está além da região dos astros e é a morada do Altíssimo, e dos eleitos que O contemplam face a face. De acordo com esta crença é que se diz que São Paulo foi arrebatado ao terceiro Céu.

## *Observações*

**Ptolomeu:** Astrônomo que viveu em Alexandria, cidade do Egito, no segundo século da era cristã.

**Empíreo:** Morada dos deuses, segundo os politeístas. Lugar dos santos e dos bem-aventurados.

**Teologia:** Ciência que se ocupa de Deus, de Seus atributos e perfeições.

**2** – As diferentes **doutrinas** referentes à morada dos bem-aventurados (Paraíso) cometem dois erros: o primeiro é definir a Terra como sendo o centro do Universo, e o segundo é considerar a região dos astros como sendo limitada.

É além dessa região, limitada pela imaginação, que todas as doutrinas colocam a morada dos bem-aventurados e a morada do Todo-Poderoso.

Estranha anomalia que coloca o Autor de todas as coisas (Deus), Aquele que a todos governa, nos confins da Criação, ao invés de colocá-Lo no centro, de onde a irradiação do Seu pensamento poderia abranger a tudo e a todos!

## *Observação*

**Doutrina:** Conjunto de princípios fundamentais em que se baseia um sistema religioso, político ou filosófico. Conjunto de crenças que são tidas como verdades absolutas por aqueles que nelas acreditam. Ensino que se dá sobre qualquer matéria; exemplo: A doutrina da reencarnação.

**3** – A Ciência, com a lógica rigorosa da observação e dos fatos, iluminou com o seu conhecimento as profundezas do Espaço e mostrou a inutilidade de todas essas teorias.

A Terra não é mais o centro do Universo, mas um de seus menores astros girando na imensidão; o próprio Sol é apenas o centro de um conjunto de planetas. As estrelas são outros inúmeros sóis, em torno dos quais giram incontáveis mundos, separados por distâncias que são apenas acessíveis ao nosso pensamento, embora pareçam tocar-se.

Neste conjunto grandioso, regido por Leis eternas, em que se revelam a sabedoria e a onipotência do Criador, a Terra é um ponto imperceptível e um dos planetas menos favorecidos quanto à condição de ser habitado.

Sendo assim, é válido perguntar: Por que Deus teria feito da Terra o único

planeta habitado e colocado nele as Suas criaturas prediletas? Tudo, ao contrário, indica que existe vida por toda parte e que a Humanidade é infinita, assim como o próprio Universo. Como a Ciência já nos revelou mundos semelhantes à Terra, é evidente que Deus não poderia tê-los criado sem um objetivo e sem colocar neles seres capazes de os governar.

**4** – As ideias do homem estão sempre acompanhando os seus conhecimentos. Como todas as descobertas importantes, a da constituição dos mundos influenciou nessas ideias, mudando-lhes o curso. Sob a influência desses novos conhecimentos, as crenças tiveram que se modificar. O Céu foi deslocado, as estrelas, ocupando uma região ilimitada, não podem mais servir de base para o Céu. Mas, então, para onde foi o Céu? Diante dessa pergunta, todas as religiões se calam.

O Espiritismo vem resolver esta questão, demonstrando o verdadeiro destino do homem. Tomando-se por base a natureza do homem e os atributos de Deus, chega-se a uma conclusão, ou seja, partindo do conhecido (o mundo material) chega-se ao desconhecido (o mundo espiritual) por uma dedução lógica. Isso sem falar das observações diretas que o Espiritismo pode fazer para resolver a questão do destino do homem.

**5** – O homem é constituído de corpo físico e Espírito. O Espírito é o ser principal, o ser que possui a razão e a inteligência; o corpo físico é o envoltório material que reveste o Espírito, temporariamente, para o cumprimento da sua missão na Terra, permitindo-lhe executar os trabalhos necessários ao seu adiantamento.

O corpo, depois de usado, se destrói e o Espírito sobrevive à sua destruição. Sem o Espírito, o corpo é apenas uma matéria inerte, semelhante a uma máquina que perde a mola que era a responsável pelo seu movimento. Sem o corpo, o Espírito continua sendo ele mesmo, ou seja, a sede da vida, da inteligência. Ao deixar o corpo, o Espírito retorna ao mundo espiritual, de

onde havia saído para reencarnar.

Portanto, existem dois mundos: o *mundo corpóreo*, formado pelos Espíritos que estão temporariamente encarnados, e o *mundo espiritual*, composto pelos Espíritos que estão desencarnados. Os seres do mundo corpóreo, por possuírem um envoltório material, estão ligados à Terra ou a qualquer outro globo.

O mundo espiritual estende-se por toda parte, ao redor de nós e através do Espaço, sem que exista um limite demarcado. Os seres do mundo espiritual, por possuírem um envoltório de natureza fluídica, em vez de se arrastarem penosamente sobre o solo, percorrem as distâncias com a rapidez do pensamento. A morte do corpo físico é a ruptura dos vínculos que os retinham cativos na Terra.

**6** – Os Espíritos são criados simples e ignorantes, mas dotados de aptidão para adquirirem todos os conhecimentos e progredirem utilizando o seu livre-arbítrio. Pelo progresso, eles alcançam novos conhecimentos, novas faculdades e, por consequência, novas satisfações que são desconhecidas dos Espíritos inferiores. Eles veem, ouvem, sentem e compreendem aquilo que os Espíritos atrasados não podem ver, ouvir, sentir e nem compreender.

*A felicidade está na razão direta do progresso realizado. Assim, entre dois Espíritos, um pode não ser tão feliz quanto o outro, simplesmente porque não possui o mesmo adiantamento moral e intelectual; mas isso não significa que eles tenham que estar separados, vivendo em lugares distintos.*

Mesmo andando juntos, um Espírito pode estar nas trevas e o outro na luz, do mesmo modo que um cego e uma pessoa que enxerga podem caminhar de mãos dadas. A pessoa que enxerga percebe a luz, da qual o cego não tem a mínima percepção. *A felicidade dos Espíritos está intimamente ligada às suas próprias qualidades. Eles buscam essa felicidade onde quer que se encontrem, seja na Terra, entre os encarnados, ou no Espaço.*

Uma comparação vulgar nos permitirá compreender melhor a diferença

que existe entre os Espíritos. Dois homens estão em um concerto; um deles é um bom músico e possui ouvido apurado, enquanto o outro não conhece música e tem um sentido auditivo pouco delicado; o músico experimentará sensações de felicidade, enquanto o outro permanecerá insensível. Isso ocorre porque um compreende e percebe aquilo que no outro não causa nenhuma impressão. A mesma coisa acontece com todas as alegrias dos Espíritos, pois elas estão na razão direta das sensibilidades que eles possuem para senti-las.

*O mundo espiritual está repleto de esplendores por toda parte, harmonias e sensações que os Espíritos inferiores, por estarem ainda sujeitos às influências da matéria, não podem sequer entrever. Esses esplendores estão acessíveis apenas aos Espíritos purificados.*

**7** – O progresso dos Espíritos é fruto do seu próprio trabalho. Mas, como eles são livres, uns trabalham pelo seu próprio adiantamento com muita vontade e energia, enquanto outros são negligentes. Desse modo, aceleram ou retardam esse progresso e, por consequência, a sua própria felicidade.

Enquanto uns avançam rapidamente, outros permanecem estagnados por longos séculos nos sítios inferiores. Assim, tornam-se os próprios responsáveis pela sua situação feliz ou infeliz, conforme esta frase do Cristo: “A cada um será dado segundo as suas obras”.

Portanto, cada Espírito que se atrasa só pode queixar-se de si mesmo, assim como todo aquele que avança tem o mérito exclusivo do seu esforço, dando por isso maior valor à felicidade conquistada.

A felicidade suprema só é desfrutada pelos Espíritos perfeitos ou puros. Eles apenas atingem essa felicidade depois de terem progredido em inteligência e moralidade.

O progresso intelectual e o progresso moral raramente andam juntos. Mas aquilo que o Espírito não consegue num determinado tempo, alcança em outro, de maneira que essas duas formas de progresso (a intelectual e moral) acabam sempre por atingir o mesmo nível. É por isso que, frequentemente, se

veem homens instruídos e inteligentes, mas com pouco adiantamento moral, e vice-versa.

**8** – A encarnação é necessária ao Espírito para que ele progrida moral e intelectualmente. O progresso intelectual se dá pela obrigatoriedade do trabalho; o progresso moral ocorre pela necessidade que os homens têm de se relacionarem entre si. *A vida social é o meio de avaliar as boas ou as más qualidades dos homens.*

A bondade, a maldade, a mansidão, a violência, a caridade, o egoísmo, a mesquinhez, o orgulho, a humildade, a sinceridade, a franqueza, a lealdade, a má-fé, a hipocrisia, em resumo, tudo o que constitui o homem de bem ou o homem mau é movido e estimulado pelas relações dele para com os seus semelhantes.

Para aquele que vive isolado, não existem vícios nem virtudes. Se, pelo isolamento, ele se preserva de fazer o mal, também anula as possibilidades de fazer o bem.

**9** – Somente uma existência em corpo físico é claramente insuficiente para que o Espírito possa adquirir tudo o que lhe falta de bom e se desfazer de todo o mal que traz em si.

Como poderia o selvagem, por exemplo, numa única encarnação, alcançar o nível moral e intelectual do mais avançado europeu? Isso é materialmente impossível. Então ele deve permanecer eternamente na ignorância e na barbárie, privado de desfrutar as felicidades que somente o desenvolvimento das faculdades pode lhe proporcionar?

O simples bom senso rejeita tal suposição, que seria ao mesmo tempo a negação da Justiça e da Bondade de Deus, bem como a revogação da Lei do Progresso que rege a Natureza. Deus, que é soberanamente justo e bom, concede ao Espírito do homem tantas existências quantas forem necessárias para que ele atinja o seu objetivo, ou seja, a perfeição.



Para cada nova existência, o Espírito traz consigo o que adquiriu nas existências anteriores: aptidões, conhecimentos intuitivos, inteligência e moralidade. Assim, cada nova encarnação é um passo adiante no caminho do progresso. (Ler *Nota de Kardec*, primeira parte, capítulo 1, item 3.)

A encarnação é algo que faz parte da condição de inferioridade dos Espíritos. Ela deixa de ser necessária quando eles evoluem e ultrapassam o limite dessa inferioridade, através do progresso espiritual que realizam. A encarnação em mundos superiores nada tem da materialidade terrena.

Para os Espíritos que progrediram e se tornaram puros, a encarnação na Terra é voluntária, e tem por finalidade exercer sobre os encarnados uma ação mais direta, ajudando-os a cumprirem a missão que lhes cabe. Neste caso, é por devotamento aos seus irmãos inferiores que esses Espíritos aceitam as adversidades e os sofrimentos que tais encarnações acarretam.

**10** – No intervalo entre uma encarnação e outra, o Espírito retorna ao mundo espiritual, por um tempo mais ou menos longo, onde será feliz ou infeliz, conforme o bem ou o mal que tenha praticado na Terra.

O “estado espiritual” é o “estado normal” do Espírito, uma vez que este deve ser o seu estado definitivo, porque o corpo espiritual nunca morre. O estado em corpo físico é transitório e passageiro.

É principalmente no estado espiritual que o Espírito colhe os frutos do progresso realizado pelo seu trabalho durante a última encarnação. Também é no estado espiritual que ele se prepara para novas lutas e toma as decisões que se esforçará para pôr em prática em seu retorno à Humanidade encarnada.

O Espírito também progride no mundo espiritual, adquirindo conhecimentos especiais que não poderia adquirir na Terra. É então que suas ideias se modificam. O “estado encarnado” e o “estado espiritual” estão interligados e são para o Espírito as duas formas de progresso. É por isso que o Espírito precisa passar, alternadamente, por esses dois tipos de existência.

**11** – A Reencarnação pode ocorrer na Terra ou em outros mundos. Nos mundos mais avançados, a existência decorre em condições físicas e morais melhores do que na Terra, ou seja, os sofrimentos são menores. Nesses mundos, apenas são admitidos Espíritos que já atingiram um certo grau de perfeição, compatível com o adiantamento do mundo onde eles são chamados a viver.

A vida nos mundos superiores já é em si mesma uma recompensa, porque aí estamos livres dos males e das dificuldades que enfrentamos na Terra. Os corpos, por serem menos materiais, quase fluídicos, não estão mais sujeitos às doenças, às enfermidades e nem possuem as mesmas necessidades dos corpos encarnados na Terra.

Pelo fato de os Espíritos maus estarem excluídos dos mundos mais adiantados, os homens vivem em paz. Não possuem outra preocupação que não seja a de progredir pelo trabalho intelectual que realizam. Em tais mundos, reina a verdadeira fraternidade, porque não existe egoísmo; a verdadeira igualdade, porque não existe orgulho; e a verdadeira liberdade, porque não existem desordens a reprimir, nem ambiciosos tentando oprimir os fracos.

Comparados à Terra, os mundos mais adiantados são verdadeiros paraísos, e representam as diversas etapas pelas quais o Espírito precisa passar para progredir e atingir o seu estado definitivo. A Terra é um mundo inferior destinado à depuração dos Espíritos imperfeitos, e este é o motivo pelo qual o mal predomina. Essa condição de inferioridade permanecerá até que Deus resolva fazer dela uma morada de Espíritos mais evoluídos.

É assim que o Espírito, progredindo gradualmente à medida que se desenvolve, chega ao auge da felicidade. Mas, antes de atingir o ponto culminante da perfeição, ele desfruta de uma felicidade relativa, que está em sintonia com o seu progresso. É como a criança que usufrui os prazeres da infância, mais tarde os da juventude e, finalmente, aqueles mais verdadeiros da idade adulta.

**12** – A felicidade dos Espíritos bem-aventurados não consiste na ociosidade de ficar apenas numa atitude contemplativa, pois isso seria, conforme já dissemos várias vezes, uma eterna inutilidade que causaria fastio.

Ao contrário, a vida espiritual é, em todos os seus graus, uma atividade constante, com a vantagem de ser isenta de fadigas.

A “suprema felicidade” consiste em desfrutar de todos os esplendores da Criação, aqueles esplendores que nenhuma linguagem humana poderia descrever, e que a imaginação mais criativa não seria capaz de conceber.

A “suprema felicidade” consiste também no conhecimento e na compreensão de todas as coisas; na ausência de qualquer sofrimento físico e moral; na satisfação íntima; na serenidade da alma que não se perturba com nada; no amor puro que une todos os seres, em virtude de não haver aborrecimentos provenientes do convívio com os maus e, acima de tudo, na contemplação de Deus e na compreensão dos Seus mistérios, que apenas são revelados aos mais dignos.

A felicidade também existe nas tarefas que os Espíritos encarnados realizam. Os “Espíritos puros” são os mensageiros de Deus para a transmissão e execução de Suas vontades. Eles executam as grandes missões, são os responsáveis pela formação dos mundos e pela harmonia geral do Universo, tarefa gloriosa que somente é possível alcançar pela perfeição.

Os Espíritos de ordem mais elevada são os únicos que possuem acesso aos segredos de Deus. Inspiram-se no Seu pensamento, do qual são os representantes diretos.

**13** – As atribuições dos Espíritos são proporcionais ao progresso que eles já realizaram, ao conhecimento que possuem, às suas capacidades, à sua experiência e ao grau de confiança que merecem do Soberano Senhor.

Não existem privilégios nem favores que não decorram do próprio mérito; tudo é medido e pesado na rigorosa balança da Justiça. As missões mais importantes somente são confiadas aos Espíritos que Deus julga serem capazes

de cumpri-las e incapazes de falhar ou comprometer a sua realização.

Enquanto os Espíritos mais dignos compõem o supremo conselho, sob o próprio olhar de Deus, aos chefes superiores é conferida a direção de inúmeros planetas e, a outros, é confiado o comando de mundos especiais.

As “atribuições mais restritas” são dadas em função do adiantamento dos Espíritos, e segundo a hierarquia que existe entre eles, são elas: orientar os povos com vistas ao seu desenvolvimento; proteger as famílias e os indivíduos; impulsionar cada ramo do progresso; dirigir as diversas operações da Natureza; ter a responsabilidade pelos mais ínfimos detalhes da Criação.

Neste vasto e harmonioso conjunto existem ocupações para todas as capacidades, para todos os tipos de aptidões e para todos os Espíritos de boa vontade. Essas ocupações são aceitas com alegria, solicitadas com ardor, por serem elas um meio de adiantamento para os Espíritos que desejam elevar-se.

**14** – Ao lado das grandes missões confiadas aos Espíritos superiores existem outras de importância relativa, em todos os graus, concedidas a Espíritos de todas as categorias. Isso nos leva a afirmar que cada encarnado também tem a sua missão, ou seja: deveres a cumprir para o bem de seus semelhantes, desde o pai de família, a quem cabe o progresso dos filhos, até o homem de inteligência superior, que lança na sociedade novas sementes de progresso.

É nessas missões secundárias que se verificam as falências, os adultérios, as omissões que, embora prejudicando o indivíduo, não chegam a afetar o conjunto.

**15** – Todas as inteligências contribuem para a obra geral, qualquer que seja o grau de desenvolvimento em que se encontram; todas contribuem na medida de suas possibilidades. Umas como encarnadas e outras como Espíritos.

Em toda parte existe atividade, desde a base até o topo da escala. Todos se instruem, auxiliam-se mutuamente e se dão as mãos para alcançarem o grau

mais elevado.

É desse modo que se estabelece a solidariedade entre o mundo espiritual e o mundo material, ou seja, entre os Espíritos e os homens, entre os Espíritos livres e os Espíritos cativos. Pela depuração dos Espíritos e pela continuidade das relações, as verdadeiras simpatias e as mais sagradas afeições se perpetuam e se consolidam.

Por toda parte existe vida e movimento; nenhum recanto do infinito é despovoado. Todas as regiões são incessantemente percorridas por legiões inumeráveis de seres radiantes, que são invisíveis aos sentidos grosseiros dos encarnados, mas cuja visão faz deslumbrar de alegria e de admiração as almas libertas da matéria.

Assim, em tudo existe uma felicidade relativa, compatível com todo o progresso já realizado e com os deveres já cumpridos. Cada um traz consigo os elementos de sua própria felicidade, de acordo com a categoria em que está inserido pelo seu grau de adiantamento.

A felicidade dos indivíduos depende das qualidades que eles possuem, e não da condição material do meio em que se encontram. Portanto, a felicidade pode estar em toda parte onde existam Espíritos capazes de usufruí-la. Ela não está confinada em nenhum lugar do Universo.

Os “Espíritos puros”, onde quer que se encontrem, podem contemplar a grandeza Divina, porque Deus está presente em todo o Universo.

**16** – Entretanto, a felicidade não é pessoal. Se somente nós usufruímos da felicidade, sem partilhar com os outros, ela é uma felicidade egoísta e triste. Ela também é encontrada entre os seres que comungam do mesmo pensamento e, por consequência, possuem afinidades entre si.

Os Espíritos felizes atraem-se mutuamente por pensarem de forma semelhante, e por possuírem gostos e sentimentos também semelhantes. Formam, desse modo, vastos agrupamentos ou famílias homogêneas, no meio das quais cada indivíduo irradia as suas próprias qualidades e recebe as

emanações serenas e benéficas do conjunto.

Os membros destes agrupamentos ora se dispersam para cuidar de sua missão, ora se reúnem em um ponto qualquer do Espaço para trocar experiências sobre o trabalho realizado; outras vezes, se reúnem em torno de um Espírito mais elevado para receberem seus conselhos e suas instruções.

**17** – Embora os Espíritos estejam por toda parte, os mundos são os locais onde eles preferencialmente se reúnem. Isso em razão da sintonia que existe entre esses Espíritos e aqueles que habitam esses mundos.

Ao redor dos mundos adiantados, a maioria dos Espíritos é de ordem superior, assim como em torno dos mundos atrasados a maioria é formada por Espíritos inferiores. A Terra ainda faz parte dos mundos inferiores.

Cada mundo (planeta) tem a sua população própria de Espíritos encarnados e desencarnados. Esses Espíritos alimentam, através da encarnação e da desencarnação, a população desses mundos. Nos mundos inferiores esta população é mais estável, porque os Espíritos ainda estão muito apegados à matéria e não podem se afastar deles com facilidade. Nos mundos superiores a população é mais flutuante, uma vez que os Espíritos têm a liberdade de sair e voltar a eles quando quiserem.

Dos mundos que são focos de luz e felicidade, saem Espíritos superiores para os mundos inferiores, com a finalidade de semear neles o gérmen do progresso, levar-lhes consolação, esperança e reerguer os ânimos abatidos pelas provas da vida. Algumas vezes, esses Espíritos superiores também encarnam nesses mundos inferiores para cumprir com mais eficácia a sua missão.

**18** – Nessa imensidão sem limites, onde está o Céu? Está por toda parte, pois nada o cerca nem lhe impõe limites. Os mundos felizes são as últimas estações do caminho que conduzem ao Céu. Assim, podemos dizer que as virtudes abrem o caminho para o Céu, e os vícios lhe interditam o acesso.

Ao lado deste quadro grandioso, que povoa todos os recantos do

Universo, que dá a todas as coisas da Criação uma finalidade e uma razão de ser, como é pequeno e mesquinho o “ensinamento” que circunscreve a Humanidade a um ponto imperceptível do Espaço, chamado Terra; que mostra essa mesma Humanidade começando num determinado instante, para acabar um dia juntamente com o mundo que a contém, e tudo isso não abrangendo mais do que um minuto na Eternidade!

Como é triste e fria essa doutrina que nos mostra o resto do Universo, antes, durante e depois da Humanidade terrena, sem vida, sem movimento, como se fosse um imenso deserto mergulhado no silêncio!

Como é desesperadora a visão de um pequeno número de eleitos destinados à contemplação perpétua da Divindade, enquanto a maioria das criaturas é condenada a sofrimentos sem fim! Como é dolorosa, para os corações sensíveis, a ideia de que existe uma barreira entre os mortos e os vivos.

Essa doutrina ensina que as almas felizes só pensam na sua felicidade, e que as infelizes só pensam nas suas dores. Com esse tipo de pensamento, é de se admirar que o egoísmo reine na Terra, quando o mesmo pensamento reina também no Céu? Oh! Como é pequena a ideia que ela nos oferece da grandeza, do poder e da bondade de Deus.

Como é sublime, ao contrário, a ideia que o Espiritismo nos permite fazer do Céu! Como a Doutrina Espírita engrandece as ideias e amplia o pensamento! Mas quem diz que ela é verdadeira? Em primeiro lugar, a *razão*, depois, a **Revelação** e, por último, a sua concordância com os progressos da Ciência.

Entre duas doutrinas, em que uma diminui e a outra amplia os atributos de Deus; em que uma está em desacordo com o progresso e a outra em harmonia; em que uma permanece no passado, enquanto a outra marcha para a frente, o bom senso nos diz de que lado deve estar a verdade.

Confrontem as duas doutrinas, consultem as suas consciências, e uma voz íntima lhes responderá. As aspirações representam a própria voz de Deus, que não pode enganar os homens.

## Observação

**Revelação:** É todo o conhecimento, de origem Divina, transmitido ao homem através de uma comunicação ativa ou passiva com a Divindade. A comunicação pode vir por intermédio de um intercessor, como um anjo, um Espírito superior, por exemplo; aquele que experimenta tal contato é denominado Profeta. Exemplos de revelações: A Bíblia, o Torá, o Alcorão etc.

**19** – Mas, se for assim, por que Deus não revelou aos homens, desde o princípio, toda a verdade? Pela mesma razão que não se ensina na infância o que se ensina na idade adulta. A revelação restrita foi suficiente a certo período da Humanidade. Deus a libera gradativamente de acordo com o progresso e com as forças que os Espíritos desenvolvem para recebê-la.

Aqueles que recebem hoje uma revelação mais completa são os *mesmos Espíritos* que já receberam uma parte dela em outros tempos e que, a partir daí, cresceram em inteligência.

Antes que a Ciência tivesse revelado aos homens as forças vivas da Natureza, a constituição dos Astros, a verdadeira posição da Terra e o processo da sua formação, poderiam os homens antigos compreender a imensidão do Espaço, e os diversos mundos existentes e habitados?

Antes que a Geologia tivesse comprovado como a Terra se formou, poderiam os homens ter retirado o inferno do interior do planeta e compreender o sentido alegórico dos seis dias da Criação?

Antes que a Astronomia descobrisse as Leis que regem o Universo, poderiam os homens compreender que não existe alto nem baixo no Espaço, que o Céu não está acima das nuvens e nem limitado pelas estrelas?

Antes dos progressos da Ciência Psicológica, poderiam as criaturas compreender a vida espiritual? Seriam capazes de conceber, depois da morte, uma vida feliz ou infeliz que não estivesse circunscrita a um determinado lugar e sob uma forma material?

Não, os homens antigos não tinham condições de compreender nada disso. Eles compreendiam mais pelos “sentidos” do que pelo “pensamento”, pois o Universo era muito vasto para o cérebro deles. Era preciso que esse



Universo fosse reduzido a proporções menores, para que pudesse caber na capacidade mental que eles tinham para entender as coisas, deixando para mais tarde a sua verdadeira compreensão.

Assim, uma revelação parcial tinha a sua utilidade. Embora ela fosse adequada ao conhecimento dos homens daquele tempo, ela hoje não iria satisfazê-los, pois eles evoluíram. O erro provém daqueles que pretendem governar os homens, que já possuem um certo conhecimento, sem se darem conta do progresso das ideias, como se eles ainda fossem crianças. (Ver *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo 3.).

# CAPÍTULO 4

## O INFERNO

- PRESENTIMENTO DAS PENAS FUTURAS
  - O INFERNO CRISTÃO TEVE COMO FONTE DE INSPIRAÇÃO O INFERNO PAGÃO
    - OS LIMBOS
      - DESCRIÇÃO DO INFERNO PAGÃO
      - DESCRIÇÃO DO INFERNO CRISTÃO

### PRESENTIMENTO DAS PENAS FUTURAS

---

1 – O homem sempre acreditou, por intuição, que a vida futura deveria ser feliz ou infeliz, conforme o bem ou o mal praticado neste mundo. Mas a ideia que faz a respeito da vida futura está em concordância com o desenvolvimento do seu senso moral e com as noções mais ou menos justas que ele tem do que é o bem e do que é o mal.

As penas e as recompensas refletem os instintos que predominam no homem. É assim, por exemplo, que os “povos guerreiros” depositam a suprema felicidade nas “honrarias conferidas à bravura”; os “povos caçadores”, na “abundância da caça”; os “povos sensuais”, nos “prazeres da devassidão” e assim por diante.

Enquanto o homem for dominado pela matéria, ele só pode compreender a espiritualidade de um modo imperfeito. É por isso que ele faz das penas e das recompensas futuras um quadro mais material do que espiritual. Imagina que possa comer e beber no outro mundo, mais e melhor do que quando estava na Terra.

Mais tarde já é possível encontrar nas crenças sobre a vida futura um misto de espiritualismo e materialismo. É desse modo que, ao lado da bem-aventurança contemplativa, o homem coloca um inferno com torturas físicas.

***Nota de Allan Kardec:** Um menino de Saboia (interior da França), a quem o seu **padre** fazia uma descrição sedutora da vida futura, perguntou-lhe se lá todos também comiam pão branco, assim como em Paris.*

**2** – O “homem primitivo” só podia compreender o que os seus olhos viam, por isso moldou o seu futuro tendo como base a vida presente. Para compreender coisas diferentes daquilo que ele via, precisava de um desenvolvimento intelectual que somente o tempo iria lhe trazer. Assim, o quadro idealizado pelo homem primitivo sobre as penas futuras é um reflexo das maldades cometidas pela Humanidade, mas em uma proporção maior. Nesse quadro, foram reunidas todas as torturas, todos os suplícios, todas as aflições que ele encontrou na Terra.

É desse modo que, nas regiões de clima quente, ele imaginou um inferno de fogo e nas regiões polares um inferno de gelo. Como o homem primitivo ainda não havia desenvolvido o sentido que mais tarde lhe permitiria compreender o mundo espiritual, ele só podia conceber penas materiais. Eis por que, com algumas pequenas diferenças de forma, o inferno é semelhante em todas as religiões.

## **O INFERNO CRISTÃO TEVE COMO FONTE DE INSPIRAÇÃO O INFERNO PAGÃO**

---

**3** – O “inferno dos **pagãos**”, descrito e dramatizado pelos poetas, foi o modelo mais grandioso do gênero e foi acolhido pelos cristãos, que também tiveram os seus poetas.

Comparando o inferno dos pagãos com o dos cristãos, encontramos neles, salvo os nomes e algumas variações de detalhes, inúmeras semelhanças. Em ambos, o fogo material é à base dos tormentos, porque o fogo é o símbolo dos sofrimentos mais cruéis. Entretanto, uma coisa muito estranha aconteceu! Em muitos pontos os cristãos conseguiram ultrapassar em maldades o inferno dos pagãos.

Se os pagãos tinham em seu inferno os sacrifícios individuais, como **o tonel das Danaides, a roda de Íxion, o rochedo de Sísifo**, os cristãos, ao contrário, têm para todos, sem distinção, caldeiras ferventes, cujas tampas os anjos levantam para ver os condenados se contorcendo; e Deus, sem a menor piedade, ouve-lhes os gemidos por toda a eternidade!

Jamais os pagãos descreveram os habitantes dos **Campos Elíseos** inspecionando e deleitando-se com os suplícios daqueles que estavam no **Tártaro**.

## *Observações*

**Pagão:** Termo usado para designar toda religião ou pessoa que é politeísta, ou melhor, que acreditar em vários deuses; também é usado para indicar aquele que não adota o batismo ou para toda pessoa que não é cristã nem judaica.

**O tonel das Danaides:** Danaides era o nome das 50 filhas de Dânaos (rei do Egito e mais tarde de Argos) que, com exceção de uma delas, mataram os seus esposos na noite de núpcias. Por isso, foram condenadas a encher eternamente, no inferno, um tonel sem fundo.

**A roda de Íxion:** Por caluniar Zeus (deus dos raios na mitologia grega), Íxion foi fulminado por um raio e lançado no inferno, onde foi amarrado a uma roda em chamas e condenado a girar nesta roda, por toda a eternidade.

**O rochedo de Sísifo:** Sísifo, rei de Corinto, era um criminoso obstinado que assaltava os viajantes. Após a sua morte, Zeus o condenou ao inferno e deu-lhe como castigo eterno a obrigação de empurrar uma enorme pedra até o ponto mais alto da montanha, de onde ela sempre rola antes de atingir o cume.

**Campos Elíseos:** É o paraíso na mitologia grega. Lugar de repouso e de felicidade eterna para os heróis e homens virtuosos que lá repousam dignamente após a morte.

**Tártaro:** Parte mais profunda do inferno, onde os perversos padecem os seus castigos.

**4 – Assim como os pagãos, os cristãos também têm o seu rei dos infernos,**

que é Satã ou Satanás. A diferença é que **Plutão** não era maldoso e se limitava a governar o império das sombras, que havia recebido em partilha. Ele retinha em seus domínios os que haviam praticado o mal, porque essa era a sua missão, mas não procurava induzir os homens ao pecado para desfrutar do prazer de vê-los sofrer. Já Satanás recruta suas vítimas por toda parte e se alegra em atormentá-las com uma legião de demônios armados de tridentes para revolvê-las no fogo.

Tem-se discutido muito sobre a natureza desse fogo que queima sem jamais consumir suas vítimas. Tem-se mesmo perguntado se não seria um fogo de **betume**. Portanto, o inferno cristão não perde em nada, em matéria de maldade, para o inferno pagão.

### *Observações*

**Plutão:** Deus dos mortos e das riquezas; quando Júpiter fez a partilha do Universo, deu a Plutão o império dos infernos.

**Betume:** Substância mineral de cor escura e muito viscosa; resulta da decomposição de matéria orgânica; é altamente inflamável.

**5** – As mesmas razões que levaram os “Antigos” a localizar a morada da felicidade determinaram também que se localizasse a morada dos suplícios. Tendo eles colocado a morada da felicidade nas regiões superiores, era natural que colocassem a dos suplícios nas regiões inferiores, ou melhor, no centro da Terra, acreditando que certas cavernas sombrias e de aspecto assustador lhes serviam como porta de entrada.

Foi assim que os cristãos por muito tempo também colocaram a morada dos condenados no inferno. Mas esta não é a única semelhança que existe entre o inferno pagão e o inferno cristão. Senão vejamos:

O inferno dos pagãos tinha de um lado os Campos Elíseos e do outro o Tártaro. O Olimpo, morada dos deuses e dos homens divinizados, ficava nas regiões superiores. Segundo o que está escrito no Evangelho, Jesus desceu aos infernos, ou seja, aos *lugares baixos*, para de lá tirar as almas dos justos que

aguardavam a sua vinda. Os infernos não eram, portanto, um lugar unicamente de suplício. Semelhante ao que acontecia com os pagãos, o inferno dos cristãos também situava-se nas *regiões inferiores*.

A morada dos anjos e dos santos, assim como o Olimpo, ficava nas *regiões elevadas* e foi colocada para além do Céu das estrelas, que eles acreditavam ser limitado.

**6** – Essa mistura de ideias pagãs e cristãs nada tem que possa nos surpreender. Jesus não podia, de uma hora para outra, destruir crenças que estavam enraizadas. Os homens do tempo do Cristo não possuíam conhecimentos necessários para entender o Espaço como sendo infinito e nem um número infinito de mundos.

A Terra para eles era o centro do Universo. Não conheciam a sua forma e nem a sua estrutura interna. Tudo era limitado segundo a sua compreensão, e as noções do futuro não podiam ir além dos seus conhecimentos. Portanto, Jesus se encontrava impossibilitado de transmitir-lhes o verdadeiro conhecimento sobre a realidade das coisas.

Apesar da sua autoridade, Jesus não quis confirmar os preconceitos dominantes e as ideias erradas, por isso absteve-se de corrigi-los, deixando que o tempo fizesse a sua parte. Limitou-se a falar vagamente da vida bem-aventurada e dos castigos reservados aos culpados, sem se referir jamais, nos seus ensinamentos, a castigos e suplícios corporais, que sempre foram para os cristãos um **artigo de fé**. Foi desse modo que as ideias do inferno pagão se perpetuaram até os nossos dias.

Foram necessários a difusão dos conhecimentos modernos e o desenvolvimento geral da inteligência humana, para dar ao inferno a sua verdadeira realidade. Mas, como nada de concreto aconteceu para pôr um fim nas velhas ideias a respeito do inferno, depois de um longo período de fé cega, seguiu-se, como fase de transição, o período da incredulidade, que só terminou com a chegada da Nova Revelação, ou melhor, do Espiritismo.

Era preciso destruir os velhos conceitos antes de trazer os novos. Sempre será mais fácil fazer com que uma pessoa que não acredita em nada aceite ideias verdadeiras, principalmente se ela sente que alguma coisa lhe falta. Assim como sempre será mais difícil convencer uma pessoa que já possui uma fé sólida, mesmo que essa fé seja absurda.

## *Observação*

**Artigo de fé:** Verdade na qual se acredita, sem a necessidade de uma comprovação.

**7** – Com a localização do Céu e do Inferno, as seitas cristãs tiveram que aceitar para as almas duas situações extremas: a felicidade perfeita ou o sofrimento absoluto. O purgatório é apenas uma posição intermediária e passageira. Ao sair dele, as almas passam, sem transição, para a região dos bem-aventurados.

A crença no “destino definitivo” das almas após a morte faz com que existam apenas duas moradas: a dos eleitos e a dos condenados. Sendo assim, não pode haver níveis entre cada uma dessas moradas, porque, se isso acontecer, é preciso admitir a possibilidade de passar de um nível para outro, o que certamente indicaria algum tipo de progresso.

Ora, se existe progresso, não pode haver “destino definido” e, se existe “destino definido”, não pode haver progresso. Jesus resolveu a questão quando disse: *“Há muitas moradas na casa de meu Pai”*.

## **OS LIMBOS**

---

**8** – É verdade que a Igreja admite uma posição especial para alguns casos particulares. As crianças falecidas em tenra idade, por não terem praticado nenhum mal, não podem ser condenadas ao fogo eterno. Mas, por outro lado, não tendo feito o bem, também não possuem o direito à felicidade suprema.

A Igreja nos diz que elas ficam nos *limbos*, situação mista e que nunca foi bem definida. Se elas não sofrem, também não desfrutam da plena felicidade. Uma vez que a sorte dessas crianças é fixada de modo definitivo, elas ficam privadas da felicidade por toda a eternidade.

Essa privação, que não dependeu do que elas fizeram, equivale a um *suplício eterno e imerecido*. O mesmo acontece com os selvagens que não receberam a graça do batismo e nem os ensinamentos da religião. Assim, pecam por ignorância e por estarem entregues aos instintos naturais, não lhes cabendo nem a responsabilidade, nem o mérito daqueles que agem com conhecimento de causa.

A simples lógica repele semelhante doutrina em nome da “Justiça de Deus”, que pode ser definida por estas palavras do Cristo: “A cada um segundo as suas obras”. Esse ensinamento deve ser entendido como sendo as obras boas ou más, que são realizadas livremente, pela vontade própria de cada um, porque essas são as únicas que acarretam responsabilidade.

Não é o caso da criança, do selvagem, e muito menos daquele que não teve a oportunidade de receber o esclarecimento.

## DESCRIÇÃO DO INFERNO PAGÃO

---

**9** – O conhecimento do inferno pagão nos é fornecido quase que exclusivamente pela narrativa dos poetas **Homero** e **Virgílio**, que deram desse inferno a descrição mais completa. Entretanto, por serem descrições poéticas, elas apresentam uma limitação quanto à linguagem em que foram escritas.

A descrição de **Fénelon**, no seu livro *As aventuras de Telêmaco*, embora tendo como origem a mesma fonte, no que diz respeito às crenças fundamentais, tem a simplicidade mais precisa da prosa, pois não foram escritas em forma de poesia.

Ele descreve o aspecto fúnebre dos vários lugares e procura ressaltar o tipo



de sofrimento que os culpados suportam. Dá muita ênfase ao destino dos reis que foram maus, uma vez que Fénelon era o responsável pela instrução do jovem duque de Borgonha, neto do rei e herdeiro da coroa.

Por mais popular que seja a sua obra (*As aventuras de Telêmaco*), nem todos guardam essa descrição na memória, ou não refletiram bastante sobre ela de modo a estabelecer uma comparação. Por isso, julgamos útil reproduzir alguns trechos que apresentam uma relação mais direta com o nosso assunto, ou seja, aqueles que se referem especificamente às penas individuais.

### *Observações*

**Homero:** Poeta da Grécia Antiga, autor dos poemas épicos *Iliada* e *Odisseia*.

**Virgílio:** Considerado um dos maiores poetas da Roma Antiga. Autor de três grandes obras da literatura latina: *Éclogas*, *Geórgicas* e *Eneida*.

**Fénelon:** (1651-1715) Teólogo católico, escritor e poeta francês. Suas ideias liberais sobre a política e a educação eram contrárias ao *status quo* da Igreja e do Estado da época. (Fonte: Wikipédia, com adaptações.)

**Telêmaco:** Personagem do poema épico *Odisseia*. Foi filho de Penélope e do herói Odisseu (mais conhecido por Ulisses em Roma), que deixou sua família, quando Telêmaco ainda era bebê, para lutar em Troia. (Fonte: Wikipédia, com adaptações.)

### **10 – Narrativa de um trecho da obra *As aventuras de Telêmaco*.**

Ao entrar, Telêmaco ouve gemidos de uma sombra que não encontrava consolação. Qual é a sua desgraça?, pergunta ele. O que você foi na Terra? E a sombra responde: Eu fui Nabofarzan, rei da soberba Babilônia. Só de ouvirem o meu nome, todos os povos do Oriente tremiam.

Eu era adorado pelos babilônios num templo todo de mármore; lá, eu era representado por uma estátua de ouro. Aos pés dessa estátua eram queimados, dia e noite, os preciosos perfumes da Etiópia. Jamais alguém ousou me contradizer sem que recebesse uma punição imediata. Todos os dias eu inventava novos prazeres para tornar a minha vida mais deliciosa.

Eu era jovem e forte. Oh! Tristeza! Quantos prazeres me restavam ainda por desfrutar em meu trono! Mas uma mulher a quem eu amava e que não me

correspondia fez-me sentir que eu não era um deus: envenenou-me, e hoje eu nada mais sou. Ontem, com toda a pompa, as minhas cinzas foram colocadas em uma urna de ouro.

Os babilônios choraram, arrancando os cabelos. Ela ameaçou atirar-se nas chamas da minha fogueira, para morrer comigo, e ainda hoje vai chorar aos pés do soberbo túmulo onde lançaram as minhas cinzas. Mas ninguém tem pena de mim. A minha memória causa horror até mesmo na minha própria família, enquanto isso, aqui embaixo, eu já sofro com os horríveis tratamentos que me dispensam.

Comovido com o drama, Telêmaco lhe perguntou: Você era verdadeiramente feliz, durante o seu reinado? Porventura você sentia essa paz suave, sem a qual o coração permanece sempre oprimido em meio às delícias? – Não, respondeu o babilônio. Eu nem mesmo compreendo o que você quer dizer. Os sábios falam dessa paz como sendo o único bem, mas eu nunca a senti. Meu coração estava sempre agitado por novos desejos, por temores e esperanças.

Através da excitação das minhas paixões, eu procurava esquecer de mim mesmo. Tinha o cuidado de alimentar essa embriaguez para que ela não cessasse, pois o menor intervalo de raciocínio normal, de calma, me era muito amargo. Esta foi a paz que eu desfrutei. Qualquer outra me parece antes uma fábula, um sonho. Esses são os “bens” cuja perda eu lamento.

Ao falar assim, o babilônio chorava como um homem covarde, que deixou se abater pelas comodidades que desfrutava, e não estava acostumado a suportar resignadamente uma desgraça. Havia junto dele alguns escravos que tinham sido mortos para homenagear os seus funerais.

**Mercúrio** entregou os escravos, juntamente com o rei Nabofarzan, a **Caronte**. Também deu aos escravos um poder absoluto sobre o rei, a quem tinham servido na Terra.

### *Observações*

**Mercúrio:** Deus romano do comércio e dos viajantes. Na Grécia era conhecido como Hermes.

**Caronte:** Barqueiro do inferno que transportava as almas dos mortos sobre as águas do rio Estige. Uma moeda era colocada sob a língua dos cadáveres, como forma de pagamento, para que eles não ficassem vagando cem anos pela margem do rio.

*Essas sombras de escravos não temiam mais a sombra de Nabofarzan; elas mantinham a sombra do rei acorrentada e a submetiam às mais cruéis humilhações.* Uma sombra lhe dizia: Não éramos homens iguais a você? Como você pôde ser tão insensato a ponto de se julgar um deus? Como pôde esquecer a sua origem, que era a mesma de todos os homens?

Outra sombra, para insultá-lo, dizia: Você tinha razão em não querer ser considerado um homem, porque, na verdade, você era um monstro desumano. Uma terceira sombra lhe dizia ainda: Onde estão agora aqueles que lhe bajulavam? Nada mais tens a dar, infeliz! Você não pode fazer mais nenhum mal; virou escravo dos seus próprios escravos. A justiça dos deuses tarda, mas não falha.

Ao ouvir essas duras palavras, Nabofarzan batia o rosto contra o chão, arrancando os cabelos num acesso de raiva e desespero. Mas Caronte dizia aos escravos: Arrastem-no pela corrente, levantem-no contra a vontade, *pois ele não terá nem mesmo o consolo de esconder a sua própria vergonha; é preciso que todas as sombras do **Estige** sejam testemunhas desse fato*, como uma justificativa aos deuses, que por tanto tempo suportaram o reinado desse desumano sobre a Terra.

## *Observação*

**Estige:** Rio que contorna sete vezes o inferno.

Em seguida, Nabofarzan percebe, bem próximo de si, o Tártaro negro, ou seja, a região mais profunda do inferno, de onde saía uma fumaça espessa e escura, cujo cheiro tóxico provocaria a morte, caso se espalhasse pelo mundo dos vivos. Essa fumaça cobria um rio de fogo, com um turbilhão de chamas. O ruído desse rio era semelhante ao das correntezas mais caudalosas, quando

descem dos altos rochedos e batem no fundo dos abismos. Assim, não era possível ouvir nada com clareza num lugar tenebroso como aquele.

Telêmaco, secretamente influenciado por **Minerva**, entra sem medo nesse abismo. Viu primeiramente um grande número de homens que viveram nas mais humildes condições e que estavam sendo punidos por haverem procurado a riqueza por meio de fraudes, traições e crueldades.

### *Observação*

**Minerva:** Deusa latina da sabedoria; das artes úteis e ornamentais.

Telêmaco também notou ali muitos hipócritas perversos que, fingindo amar a Religião, serviram-se dela como um belo pretexto para satisfazer as suas ambições e se aproveitar das pessoas crédulas. Esses homens abusaram da própria “virtude”. A “virtude” era tida como o maior dom dos deuses; por isso, eles recebiam a punição como se fossem os mais perversos de todos os homens.

Os filhos que haviam degolado seus pais; as esposas que mancharam suas mãos no sangue dos maridos; os traidores que venderam a pátria, violando todos os juramentos, sofriam, apesar de tudo, penas menos cruéis dos que os hipócritas que fingiram amar a Religião.

**Os três juízes do inferno** determinaram que a punição deles fosse maior, pela seguinte razão: os hipócritas, não se contentando em ser maus como os demais perversos, ainda queriam se passar por bons; desse modo, contribuíam com a sua “falsa virtude” para que os homens deixassem de acreditar na “verdadeira virtude”. Eles zombaram e desprezaram os deuses diante dos homens, por isso os deuses empregam agora, com prazer, todo o seu poder para vingarem-se dos insultos recebidos.

### *Observação*

**Os três juízes do inferno:** **Aiacos** julgava as almas europeias, **Radamanthys** julgava as almas asiáticas, e **Minos** tinha o voto decisivo. Nem mesmo o próprio deus **Hades** interferia no julgamento

deles.

Ao lado desses, estavam outros homens que as pessoas comuns julgam pouco ou nada culpados, mas que a vingança dos deuses persegue impiedosamente: são os ingratos, os mentirosos, os vaidosos que se satisfizeram no vício, os críticos maliciosos que não temeram manchar a mais pura virtude. Enfim, aqueles que julgaram temerariamente as coisas, sem conhecê-las a fundo, e que, por isso, mancharam a reputação dos que eram inocentes.

Telêmaco, vendo os três juízes sentados, condenando um homem, ousou perguntar-lhes quais eram os crimes que ele havia cometido. O condenado, tomando a palavra, logo falou: Nunca fiz mal algum; todo o meu prazer consistia em praticar o bem; fui sempre generoso, liberal, justo e piedoso; do que podem me acusar?

Minos então lhe disse: Quanto aos homens, nenhuma acusação lhe pode ser feita, mas você não devia mais aos “deuses” do que aos “homens”? Que justiça é essa da qual você se vangloria? Para os homens, que nada representam, você não faltou com nenhum dever; foi virtuoso, é verdade, mas creditou toda a sua virtude a você mesmo, e não aos deuses que lhe concederam as graças. Agiu assim, por querer aproveitar os frutos de sua própria virtude. Encerrando-se em si mesmo, *você foi a sua própria divindade*.

Mas os deuses, que tudo fizeram, e o fizeram apenas para si mesmos, não podem renunciar aos seus direitos. Você os esqueceu, e eles também o esquecerão; você quis pertencer a si mesmo e não aos deuses. *Procura agora, se é que é possível, o consolo em seu próprio coração*. Você está agora separado dos homens, a quem sempre quis agradar. Está só diante de si mesmo, uma vez que você era o seu próprio ídolo. Deveria saber que não existe verdadeira virtude sem amor e respeito aos deuses, a quem tudo é devido.

A sua falsa virtude, que por muito tempo deslumbrou os homens ingênuos, será destruída. Os homens, por julgarem o vício e a virtude apenas pelo aspecto que lhes agrada ou incomoda, são cegos para discernir o bem do mal. Aqui, uma luz divina anula todos os julgamentos superficiais. Com

frequência é condenado aquilo que os homens admiram e é dada razão ao que eles condenam.

Ouvindo essas palavras, o filósofo, como que se tivesse sido atingido por um raio, mal podia se sustentar. A visão do seu próprio coração, inimigo dos deuses, tornou-se um suplício. Ele vê a si mesmo e não pode deixar de fazê-lo; vê a vaidade dos julgamentos humanos, aos quais sempre buscava agradar em todas as suas ações.

Ocorre uma revolução radical em todo o seu íntimo, como se alguém lhe revirasse as entranhas. Ele já não é mais o mesmo; não encontra apoio em seu coração. Sua consciência, que lhe parecia tão serena, revolta-se contra ele, censurando-lhe amargamente o desvio do caminho e a ilusão de todas as suas virtudes, que nunca tiveram como princípio ou como fim o culto aos deuses.

Está perturbado, amargurado, cheio de vergonha, com remorso e desesperado. *As Fúrias não o atormentam, porque lhe basta estar entregue a si mesmo, para que sofra pelo coração a vingança dos deuses desprezados. Procura os lugares mais sombrios para se esconder dos outros mortos, já que não pode esconder-se de si mesmo. Procura as trevas e não as pode encontrar, porque uma luz inconveniente o segue por toda parte.* De todos os lados os raios penetrantes da verdade vingam sem cessar a verdade que ele negligenciou, ao invés de seguir.

### *Observação*

**As Fúrias:** São as três deusas gregas da vingança: Alecto, Tisífone e Megera. Sua missão era punir os erros humanos.

Tudo o que ele amava se torna odioso, como se fosse a fonte de seus males infundáveis. Diz para si mesmo: Ó, como eu fui insensato! Não conheci os deuses, nem os homens, nem a mim mesmo, porque jamais amei o verdadeiro e único bem; todos os meus passos foram no caminho errado; a minha sabedoria não passava de loucura; a minha virtude se constituía num orgulho

impiedoso e cego: eu era, enfim, o meu próprio ídolo!

Finalmente Telêmaco avistou os reis que estavam sendo condenados por abuso de poder. De um lado, uma das três Fúrias vingadoras *apresentava-lhes um espelho, no qual refletia toda a monstruosidade de seus vícios*; nesse espelho, eles viam sem poder desviar o olhar: a vaidade grosseira e insaciável dos ridículos louvores que prestavam; a crueldade para com os homens, a quem deveriam ter feito felizes; a insensibilidade para com as virtudes; o medo de ouvir a verdade; a predileção pelos covardes e bajuladores.

Viam também a sua desatenção para com as coisas do povo, a sua inércia, a preguiça; a desconfiança exagerada; o luxo e o esplendor excessivos, conseguido graças à ruína dos povos; a ambição de glórias inúteis à custa do sangue de seus cidadãos; a crueldade que procura a cada dia novos prazeres nas lágrimas e no desespero de tantos infelizes.

Os reis se enxergavam constantemente nesse espelho, sentindo-se mais monstruosos e horrendos do que a própria **Quimera**, vencida pelo **Belerofonte**, mais horrendos do que a **Hidra de Lerna**, abatida por **Hércules**, e que o próprio **Cérbero** vomitando por suas três goelas um sangue negro e venenoso, capaz de infectar toda a Humanidade que vive na Terra.

## *Observações*

**Quimera:** Na mitologia grega, era um monstro que possuía cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de dragão. Lançava chamas e foi morto por Belerofonte.

**Belerofonte:** Herói mitológico grego, filho de Poseidon, deus dos mares. Montado em seu cavalo alado Pégaso, realizou grandes proezas, entre elas, matar o monstro Quimera.

**Hidra de Lerna:** Na mitologia grega, era uma serpente monstruosa com sete cabeças. Suas cabeças renasciam se não fossem cortadas as sete de uma só vez. Foi morta por Hércules.

**Hércules:** É o nome latino dado ao herói grego Héracles, muito conhecido por sua força. Deus protetor da agricultura, do comércio e dos exércitos.

**Cérbero:** Na mitologia grega, era um cão monstruoso de três cabeças e três pescoços, que guardava a entrada do inferno. Deixava as almas entrarem, mas jamais saírem.

Outra Fúria, insultando os reis, repetia todos os elogios que os bajuladores

lhes dispensavam em vida e mostrava-lhes ainda um outro espelho, no qual eles se viam tais como os bajuladores os haviam pintado. *A contradição entre esses dois quadros, tão opostos, era um suplício para as suas vaidades.* Notava-se claramente que os piores, entre esses reis, eram aqueles que haviam recebido as homenagens mais brilhantes durante a vida. Isso ocorre porque os maus são mais temidos que os bons e exigem, sem pudor, as covardes adulações dos poetas e oradores do seu tempo.

Os seus gemidos agoniados eram ouvidos na profundidade dessas trevas, onde eles não podiam perceber outra coisa além dos insultos e das zombarias que deveriam sofrer. Tudo o que cerca esses reis causa-lhes repulsa; tudo os contradiz; tudo os confunde, em contraste com o que eles viveram na Terra, quando zombavam dos homens e tinham a convicção de que todos existiam somente para servi-los.

Nas profundezas do Tártaro (inferno), esses reis são entregues aos caprichos de alguns escravos a quem são obrigados a devotar uma submissão cruel. Humilhados dolorosamente, eles se submetem e não lhes resta esperança alguma de modificar ou abrandar o cativeiro em que se encontram. Ficam à mercê dos golpes desses escravos, que se transformaram em seus tiranos impiedosos. Os golpes que recebem podem ser comparados aos golpes dos martelos dos **Ciclopes**, sobre uma bigorna, quando **Vulcano** os apressa para trabalhar nas fornalhas incandescentes do **Monte Etna**.

### *Observações*

**Ciclopes:** Na mitologia grega, eram os gigantes ferreiros que tinham um único olho no meio da testa e que viviam no Monte Etna.

**Vulcano:** É o nome latino do deus grego Hefesto. É o deus do fogo e da metalurgia; era filho de Júpiter e de Juno (deusa do casamento).

**Monte Etna:** Local onde está situado o vulcão Etna, na ilha da Sicília, ao sul da Itália.

Telêmaco viu então semblantes pálidos, consternados e hediondos. Uma terrível tristeza consome esses criminosos. Eles têm horror de si mesmos e não



podem se livrar desse horror, porque esse horror pertence à sua própria natureza. *Assim, eles não necessitam de outro castigo para as suas faltas que não sejam elas mesmas. Eles veem essas faltas sem cessar, em toda a sua enormidade, apresentando-se a eles sob a forma de fantasmas horríveis que os perseguem.*

Procurando livrar-se dessa perseguição, os reis buscam uma outra morte, mais poderosa do que aquela que os separou do corpo. No desespero em que se encontram, tais reis pedem por uma morte que seja capaz de lhes extinguir todo o sentimento e toda a consciência. Pedem aos abismos que os absorvam, para que possam escapar dos raios vingadores da verdade que os perseguem. Entretanto, o que lhes está reservado é uma vingança, que destila gota a gota, e que jamais cessará.

*A verdade que os reis temiam ver é agora o seu suplício.* Mas essa verdade, que se ergue contra eles, é a única coisa que conseguem ver. Essa visão os fere, os destrói, os arranca de si mesmos. É como um raio que, sem nada destruir ao redor, penetra-lhes no mais fundo de suas entranhas.

Entre os seres que faziam Telêmaco arrepiar os cabelos, estavam vários reis antigos da Lídia (antiga região da Ásia Menor), punidos por terem preferido os prazeres de uma vida inativa, ao invés de trabalhar para dar uma vida melhor aos povos, porque esta deveria ser a função principal da realeza.

Esses reis culpavam-se uns aos outros pela sua própria cegueira. Um rei dizia a outro que tinha sido seu filho: Eu não lhe recomendei, tantas vezes, durante a minha velhice e antes de morrer, que você reparasse os males que eu causei com a minha negligência? Ah! Infeliz pai! – dizia o filho – Foi você que fez com que eu me perdesse! Foi o seu exemplo que me inspirou a ostentação, o orgulho, a devassidão e a crueldade para com os homens! Vendo o senhor governar com tanta displicência, cercado de adutores covardes, habituei-me a gostar da adulação e dos prazeres.

Acreditei que os homens eram para os reis o que os cavalos e outros animais de carga são para a Humanidade em geral, ou seja, animais aos quais não se dá importância, e que só servem para prestar serviços e proporcionar

comodidades. Foi você quem me fez acreditar em tudo isso e, agora, sofro todos esses males por tê-lo imitado. Juntavam a essas recriminações as mais horríveis maldições e pareciam prestes a se entredevorarem de raiva.

Ao redor dos reis, como aves de rapina, encontravam-se ainda as mais cruéis suspeitas, os inúteis receios e as desconfianças que fazem os povos se vingarem da dureza de seus soberanos. Também era possível encontrar a ganância insaciável pelas riquezas, a falsa glória que acompanha os tiranos, e a displicência que duplica os sofrimentos sem a compensação de prazeres duráveis.

Muitos desses reis eram severamente punidos, não por males que tivessem feito, *mas por terem negligenciado o bem que poderiam e deveriam fazer*. Todos os crimes cometidos contra os povos, provenientes do desleixo na observação das Leis, eram imputados aos reis que deveriam reinar para fazer com que as Leis fossem cumpridas.

A eles também eram imputadas todas as desordens provenientes da ostentação, do luxo e dos demais excessos que conduzem os homens à violência e à tentação de desprezar as Leis para adquirir bens. O rigor recaía principalmente sobre os reis que, em vez de serem bons pastores para o povo, só pensavam em devastar o rebanho como lobos famintos.

Mas o que mais entristeceu Telêmaco foi ver, nesse abismo de trevas e males, um grande número de reis que tinham sido considerados, na Terra, soberanos muito bons. Entretanto, estavam condenados às penas do Tártaro (inferno) por terem se deixado governar por homens maus e hipócritas. *Eram punidos agora por males que eles deixaram que outros praticassem em nome da sua autoridade*.

Além disso, a maior parte desses reis não foram nem bons nem maus, tamanha era a sua fraqueza. Não tiveram medo de ignorar a verdade, assim como não tiveram o menor interesse pela virtude e nem o menor prazer em praticar o bem.

## DESCRIÇÃO DO INFERNO CRISTÃO

---

**11** – A opinião dos teólogos sobre o inferno resume-se nas citações tiradas da obra *O Inferno*, de Auguste Callet (político francês, 1812-1883). Esta descrição, extraída dos autores sagrados e da vida dos santos, pode ser considerada como a expressão da fé **ortodoxa** sobre o assunto, porque é sempre reproduzida, com algumas pequenas variações, nos sermões evangélicos e nas instruções pastorais.

### *Observação*

**Ortodoxo:** É aquele que segue fielmente um princípio, uma norma ou uma doutrina. É tudo o que está em conformidade com a doutrina religiosa tida como verdadeira. Significa, também, algo rígido, tradicional, que não evolui, que é conservador, que não se adapta e nem admite novas ideias.

**12** – Os “demônios” nada mais são do que “Espíritos”, e os condenados, que presentemente estão no inferno, também não passam de “Espíritos somente”, visto que é apenas a alma que desce ao inferno. Os restos mortais, devolvidos à Terra, se transformam em ervas, plantas, frutos, minerais, líquidos, sofrendo sem consciência as constantes transformações da matéria.

Os condenados, assim como os santos, devem ressuscitar no dia do Juízo Final e retomar, para sempre, os mesmos corpos carnis que usavam quando viviam na Terra. O que distinguirá uns dos outros é que os eleitos ressuscitarão em corpos purificados e resplandecentes, enquanto os condenados vão ressuscitar em corpos imundos e deformados pelo pecado.

Com isso, no inferno, além de Espíritos, haverá também homens assim como nós. Desse modo, o inferno passa a ser um lugar físico, geográfico, material, porque será povoado por criaturas terrenas, dotadas de pés, mãos, boca, língua, dentes, ouvidos, olhos semelhantes aos nossos, sangue nas veias e nervos sensíveis à dor.

Onde estará situado esse inferno? Alguns doutores o colocaram nas

próprias entranhas da Terra; outros, em um planeta que não sabemos onde fica. A questão, contudo, ainda não foi resolvida por nenhum Concílio. Portanto, no que diz respeito a essa localização, estamos reduzidos a meras hipóteses.

A única coisa que se afirma é que esse inferno, onde quer que esteja situado, será um mundo constituído por elementos materiais, embora sem Sol, sem Lua, sem Estrelas, mais triste e com piores condições de vida que a Terra. É um lugar desprovido de qualquer princípio ativo, sem nenhuma aparência voltada para o bem; bem este que ainda pode ser encontrado, mesmo nas regiões mais áridas deste mundo em que pecamos.

Assim como os egípcios, os hindus e os gregos, os teólogos mais reservados não se atrevem a descrever todos os horrores dessa morada.- Limitam-se a nos apresentar, como uma amostra, o pouco que as Escrituras revelam: O **lago de fogo e enxofre do Apocalipse**, os **vermes de Isaías**, que formigam eternamente sobre os cadáveres do **Tofel**, os demônios atormentando os homens que eles conseguiram levar à perdição, e esses homens chorando e rangendo os dentes, segundo a expressão dos Evangelistas.

## *Observações*

**O lago de fogo e de enxofre do Apocalipse:** Lugar onde a punição é eterna para todos os rebeldes que não se arrependeram, tanto os angélicos quanto os humanos.

**Apocalipse:** O livro do Apocalipse é também chamado de Apocalipse de João, e é um dos Livros da Bíblia – O Livro sagrado do Cristianismo. É o último da seleção Cânon bíblico. Na terminologia do judaísmo e do cristianismo, Apocalipse é a revelação divina, a um profeta escolhido por Deus, de coisas que até então permaneciam ocultas. Essa palavra também é utilizada como sinônimo de “O fim do mundo”. (Fonte: Wikipédia, com adaptações.)

**Vermes de Isaías:** Já foi derrubada na sepultura a tua soberba, junto com o som de glória das tuas harpas. Eis que agora a tua “cama” é feita de larvas, e tua “coberta” de vermes. (Isaías, capítulo 14, versículo 11)

**Tofel:** Do hebraico: mentiroso, falcioso. Alusão ao demônio Mefistófeles ou ao personagem **Mefistófeles** da obra *Fausto*, do autor alemão *Goethe*.

**Mefistófeles:** É uma personagem satânica da Idade Média conhecida como uma das encarnações do mal; aliado de Lúcifer e Lucius na captura de almas inocentes, através da sedução e do roubo de corpos humanos atraentes. É um dos demônios mais cruéis e, em muitas culturas, também é sinônimo do próprio Diabo. (Fonte: Wikipédia, com adaptações.)

Santo Agostinho não concorda que esses sofrimentos físicos sejam apenas reflexos dos sofrimentos morais. Ele vê, num verdadeiro lago de enxofre, vermes e serpentes saciando-se em todas as partes do corpo dos condenados, juntando as suas mordidas às queimaduras do fogo. Santo Agostinho pretende mais: segundo um versículo de Marcos, ele diz que esse fogo estranho, embora material como o nosso, e agindo sobre corpos materiais, conservará o corpo dos condenados como o sal conserva a carne dos animais sacrificados.

Os condenados que estão no inferno sentirão a tortura desse fogo que queima sem consumir e que *penetra sob a pele*. Envolve todos os membros, a medula dos ossos, a pupila dos olhos e as fibras mais ocultas e sensíveis do ser; tudo ficará encharcado e saturado por esse fogo. Se os condenados pudessem mergulhar na cratera de um vulcão, encontrariam um lugar mais fresco e melhor para repousar!

Os teólogos mais tímidos, discretos e reservados, também descrevem o inferno dessa forma. Eles não negam que possam existir no inferno outros suplícios corporais, mas dizem que não possuem conhecimento suficiente a respeito deles, pelo menos tão esclarecedor como o que lhes foi dado sobre o terrível suplício do fogo e dos vermes.

Entretanto, existem teólogos mais ousados, ou mais esclarecidos, que dão do inferno descrições mais detalhadas, variadas e completas. Embora não se saiba em que lugar do Espaço está situado esse inferno, existem santos, como **Santa Tereza**, que já estiveram lá. Eles não foram com a lira nas mãos, como **Orfeu**, nem de espada em punho, como **Ulisses**, mas foram transportados em Espírito.

### *Observações*

**Orfeu:** Na mitologia grega, Orfeu era filho de Apolo com a musa Calíope. Foi o poeta mais talentoso que já viveu. Quando tocava a lira que seu pai lhe deu de presente, os pássaros paravam de voar para escutá-la; os animais selvagens perdiam o medo; as árvores se curvavam para sentir os sons no vento. (Fonte: Wikipédia, com adaptações.)

**Ulisses:** É o personagem principal da obra *Odisseia*, de Homero. Deixou seu filho Telêmaco, ainda

bebê, para lutar em Troia. Elaborou o estratagema do Cavalo de Troia.

**Santa Tereza (1515-1582):** Realizou a reforma da Ordem das Carmelitas. Viveu muitas vezes o fenômeno da levitação. Foi canonizada, 40 anos após a sua morte, pelo Papa Gregório XV.

De acordo com a narrativa de Santa Tereza, haveria cidades no inferno. Ela viu, pelo menos, uma espécie de rua comprida e estreita como tantas que existem nas cidades medievais. Percorreu a rua horrorizada, andando sobre um terreno lodoso e fétido, cheio de répteis monstruosos. Sua marcha foi detida por uma muralha que interceptava a rua. Nessa muralha havia um nicho onde Tereza se abrigou, sem saber explicar como isso aconteceu. Ela disse que esse era o lugar que lhe seria destinado, caso ela abusasse, em vida, das graças que Deus lhe concedeu em sua cela na cidade de Ávila, na Espanha.

Apesar da facilidade com que entrou nesse nicho de pedra, ela não podia sentar-se ou deitar-se, nem se manter de pé. Também não podia sair dali. Essas paredes horríveis, fechando-se sobre ela, envolviam, apertavam, sufocavam, esfolavam e cortavam a Santa em pedaços. As paredes pareciam estar animadas por um movimento próprio, ou melhor, pareciam estar vivas.

Sentia-se queimar e experimentava simultaneamente todas as formas de angústia. Sem nenhuma esperança de socorro, tudo se transformou em trevas à sua volta. Mas, através dessas trevas, ela ainda percebia, com pavor, a horrível rua em que se achava e toda a sua imunda vizinhança. Essa visão era tão insuportável como os apertos da sua prisão.

*Nota de Allan Kardec: Esta visão tem todas as características de um “pesadelo”, sendo provável que fosse desse tipo o fenômeno que aconteceu com Santa Tereza.*

Certamente, esse não passava de um pequeno recanto do inferno. Outros viajantes espirituais foram mais favorecidos. Viram no inferno grandes cidades completamente queimadas pelo fogo: Babilônia, Nínive e a própria Roma, com seus palácios e templos incendiados e seus habitantes acorrentados.

Viram também traficantes presos às suas bancas; padres e homens da corte gritando desesperadamente nos salões de festas, presos às suas cadeiras e levando aos lábios, para matar a sede, taças vermelhas das quais saíam chamas. Criados ajoelhados em fossas ferventes com os braços distendidos, e príncipes de cujas mãos escorriam lavas incandescentes de ouro derretido.

Outros viram no inferno planícies sem fim, cultivadas por camponeses famintos que, por não colherem nada desses campos fumegantes, cultivados com sementes estéreis, se devoravam uns aos outros. Depois, se dispersavam em bandos, tão numerosos quanto antes, e iam procurar ao longe, em vão, terras mais felizes. Assim que saíam, eram logo substituídos por outras colônias errantes de condenados.

Existem ainda aqueles que viram no inferno montanhas cheias de precipícios, florestas que gemiam, poços sem água, fontes feitas de lágrimas, rios de sangue, ciclones de neve em desertos de gelo, barcos tripulados por pessoas desesperadas, navegando sobre mares onde a terra nunca surgia. Resumindo: viram tudo o que os pagãos já haviam visto, ou seja, um terrível reflexo da Terra, com suas misérias grandemente aumentadas e seus sofrimentos naturais eternizados. Não deixaram de ver também masmorras subterrâneas, forcas e outros instrumentos de tortura criados por nossas-próprias mãos.

De fato, existem no inferno demônios que, para melhor atormentarem os homens em seus corpos, também se revestem de corpos. Esses corpos têm asas de morcegos, chifres, peles cobertas de escamas, patas com garras e dentes pontiagudos. Eles apresentam-se armados de espadas, garfos, pinças, grelhas, serras, tudo com pontas incandescentes. Exercem esse ofício de trabalhar na carne dos condenados, por toda a eternidade, como se fossem açougueiros e cozinheiros.

Outros demônios, transformados em leões ou em serpentes enormes, arrastam suas presas para cavernas isoladas. Alguns se transformam em corvos para arrancar os olhos de certos culpados, enquanto outros se convertem em

dragões voadores para se atirarem sobre o dorso de suas vítimas e arremessá-las ensanguentadas em tanques de enxofre, enquanto elas gritam desesperadas.

Neste inferno, existem também nuvens de gafanhotos e de escorpiões gigantescos, cuja visão produz náuseas e calafrios, e cujo contato provoca convulsões. Monstros de várias cabeças abrem suas goelas vorazes e sacodem sobre essas cabeças disformes as suas crinas de serpentes venenosas, triturando os condenados com suas mandíbulas ensanguentadas, para depois vomitá-los mastigados, porém vivos, porque são imortais.

Estes demônios em forma humana, que lembram tão claramente os deuses do **Amenti** e do Tártaro, bem como os ídolos adorados pelos Fenícios, Moabitas e outros povos pagãos ao redor da Judeia, não agem ao acaso, e cada um tem a sua função e o seu objetivo. O mal que eles praticam no inferno guarda estreita relação com o mal que eles induziram os homens a praticar na Terra.

***Nota de Allan Kardec:** Estranha punição esta, dada aos demônios, de poder continuar praticando no inferno um mal ainda maior do que aquele que eles praticavam na Terra. Seria mais racional que os próprios malfeitores sofressem as consequências desse mal, em vez de terem o prazer de proporcioná-lo a outros.*

## *Observação*

**Amenti:** Nome dado pelos egípcios ao templo onde as almas dos mortos se reuniam para serem julgadas por Osíris, protetor dos mortos.

Os condenados são punidos em todos os seus órgãos e sentidos, porque ofenderam a Deus através desses órgãos e desses sentidos. Eles são punidos da seguinte maneira: os gulosos pelos demônios da gula, os preguiçosos pelos demônios da preguiça, os sensuais pelos demônios da sensualidade, e assim por diante. Enfim, suas punições têm relação com os pecados que cometeram.

Esses condenados, mesmo estando aquecidos, sentirão frio; mesmo



congelados, sentirão calor. Estarão sempre desejando ao mesmo tempo o repouso e o movimento, sempre sedentos e famintos, sentindo-se mil vezes mais cansados que um escravo ao fim da jornada. Os condenados estarão mais doentes do que os agonizantes, mais debilitados e cobertos de chagas do que os mártires, e isso para todo o sempre.

Nenhum demônio se recusa, nem jamais se recusará, ao desempenho odioso da sua tarefa. Nesse sentido, são todos muito disciplinados e fiéis *quanto ao cumprimento das ordens de vingança que recebem*. Sem isso, o que seria do inferno? Os condenados poderiam descansar, se os carrascos se desentendessem entre si ou ficassem entediados. Mas nada de repouso para os condenados e nada de discussão entre os carrascos.

Por mais maldosos e numerosos que sejam os demônios, eles se entendem de um extremo ao outro do abismo. Jamais se viu sobre a Terra subordinados tão fiéis aos seus chefes, exércitos mais obedientes aos seus comandantes. Uma obediência assim, com tanta devoção, não ocorre nem nas comunidades dos monges mais humildes e submissas aos seus superiores.

***Nota de Allan Kardec:** Esses mesmos demônios, rebeldes a Deus no que diz respeito a fazer o bem, são de uma docilidade exemplar para praticar o mal. Nenhum deles se recusa ou se mostra de má vontade durante toda a eternidade. Que estranha mudança aconteceu com eles, que haviam sido criados puros e perfeitos como os Anjos!*

*Não causa admiração ver esses demônios darem exemplos de harmonia, de concórdia inalterável, enquanto os homens não conseguem viver em paz e se destroem na Terra? Vendo o requinte dos castigos reservados aos condenados e comparando a situação deles com a dos demônios, é o caso de perguntar: quais são os mais dignos de lástima, os condenados ou os demônios?*

Quase nada se conhece dos demônios que formam a população do inferno; desses Espíritos desprezíveis que compõem as legiões de vampiros, -

sapos, escorpiões, corvos, hidras, salamandras e outros animais imundos, que constituem a fauna das regiões infernais. Entretanto, os nomes de muitos príncipes que comandam tais legiões são conhecidos e, entre eles, estão: Belfegor, o demônio da luxúria; Abaddon ou Apolion, o demônio do homicídio; Belzebu, o demônio dos desejos impuros ou o senhor daqueles que são responsáveis pela corrupção; Mammon, o demônio da avareza; Moloc, Belial, Baalgad, Astarot, e muitos outros, sem falar do seu chefe supremo, o sombrio arcanjo que no céu se chamava Lúcifer e no inferno se chama Satanás.

Eis, em resumo, a ideia que nos dão sobre o inferno cristão, do ponto de vista de sua natureza física e também das penas físicas que aí sofrem os condenados. Consultem os escritos dos Pais da Igreja e dos Antigos Doutores; interroguem as lendas piedosas; observem as esculturas e as pinturas das nossas igrejas; atentem para o que é dito nos púlpitos e vocês saberão ainda mais sobre esse tema.

**13** – O autor acrescenta a essas descrições do inferno as seguintes reflexões, cujo alcance todos compreenderão:

A ressurreição dos corpos é um milagre, mas Deus faz ainda um segundo milagre, dando a esses corpos mortais, já desgastados pelas provas da vida, já aniquilados com a morte, a virtude de sobreviver sem se dissolverem numa fornalha, onde até os metais se evaporariam.

Pode-se dizer que a alma é o seu próprio carrasco, que Deus não a castiga, e que Ele apenas abandona essa alma no estado infeliz em que ela se encontra. Isso até é possível compreender, embora o abandono eterno de um ser extraviado e sofredor pareça não ser compatível com a Bondade do Criador.

Entretanto, o que se diz da alma e das penas espirituais não se pode dizer, de maneira alguma, dos corpos e das penas corporais. Para perpetuar essas penas corporais, não é suficiente que Deus afaste a Sua mão, ao contrário, é necessário que Ele intervenha, que atue, sem o que todos os corpos sucumbiriam.

Assim, os teólogos supõem que Deus intervém, efetivamente, após a ressurreição dos corpos, segundo milagre do qual falamos, ou seja, manter a vida de corpos já desgastados, tornando-os imortais! Primeiro, o Criador retira os nossos corpos dos sepulcros em que eles foram devorados pelos vermes, e os retira no estado em que foram enterrados, isto é, com suas enfermidades originais e com os desgastes produzidos pela idade, pela doença e pelos vícios. Desse modo, Deus nos devolve os corpos neste estado: decrepitos, friorentos, doentes, cheios de necessidade, sensíveis a uma picada de inseto, cobertos pelas feridas que a vida e a morte os impuseram, e está feito o primeiro milagre – a ressurreição.

Depois, Deus dá a esses corpos raquíticos, prestes a voltarem ao pó de onde saíram, propriedades que eles nunca tiveram, e está feito o segundo milagre – a restituição da imortalidade. Imortalidade esta que, em Sua cólera, ou melhor, em Sua misericórdia, Ele havia retirado de Adão ao expulsá-lo do Paraíso. Quando Adão era imortal, ele era invulnerável; deixando de ser invulnerável, tornou-se mortal: era a morte seguindo de perto a dor que ele sentia por perder o Paraíso.

A ressurreição não restabelece as condições físicas do homem inocente e nem as do culpado. É uma ressurreição apenas das nossas misérias, mas com um acréscimo de novas misérias, infinitamente mais horríveis.

É, em parte, uma verdadeira criação, e a mais infame que a imaginação já ousou conceber. Deus muda de ideia e junta aos tormentos espirituais dos pecadores também os tormentos carnis, que passam a durar por toda a eternidade. Utilizando o Seu poder, muda as Leis e as propriedades da matéria, por Ele mesmo estabelecidas para os organismos materiais, desde o começo dos tempos.

Ressuscita carnes doentes e corrompidas, e reúne com um nó indestrutível esses elementos que tendem a separarem-se por si mesmos. Mantém e perpetua, contra a ordem natural, essa podridão viva. Lança tudo isso ao fogo, não para purificá-la, mas para conservá-la da maneira como se encontra, ou

seja, sensível, sofredora, ardente, horrível e, pasmem: imortal!

Pelo “milagre da ressurreição”, Deus se transforma num dos carrascos do inferno, pois se os condenados só podem atribuir a si mesmos os seus “males espirituais”, não podem fazer o mesmo com os seus “males materiais”, que só podem ser atribuídos a Deus.

Era aparentemente muito pouco abandonar essas almas, após a morte do corpo físico, à tristeza, ao arrependimento e a todas as angústias que sente uma alma por haver perdido o seu bem supremo, ou melhor, a vida.

Segundo os teólogos, Deus irá buscá-las nessa noite (a do Juízo Final), no fundo desse abismo, chamando-as momentaneamente à vida, não para dar-lhes o consolo, mas para revesti-las com um corpo horrível, chamuscado, imortal, mais pestilento que a **túnica de Dejanira**, para, em seguida, abandoná-las para sempre.

Na verdade, Deus não vai abandonar essas almas de forma absoluta, já que o Inferno, o Céu e a Terra, para continuarem existindo, dependem de um ato permanente da Sua vontade, que está sempre ativa. Tudo desapareceria se Ele os deixasse de sustentar. Assim, Deus terá para sempre esses condenados à Sua disposição, para impedir que o fogo se extinga e que os seus corpos se dissolvam. Desse modo, Deus quer que esses infelizes imortais contribuam com o seu suplício eterno, para a edificação dos escolhidos!

### *Observação*

**Túnica de Dejanira:** Segundo a mitologia grega, Dejanira foi casada com Hércules. Achando que Hércules havia lhe traído, ofereceu-lhe uma túnica banhada com o sangue de um centauro, que lhe disse que essa túnica tinha o poder de lhe devolver o amor que ela tinha perdido. Ao vesti-la, Hércules entra em agonia, acende uma pira de fogo e se joga nas chamas, morrendo queimado.

**14** – Dissemos, e com razão, que o inferno dos cristãos havia superado em maldades o inferno dos pagãos. De fato, no Tártaro (inferno dos pagãos) vemos os culpados torturados pelo remorso, diante de seus crimes e de suas vítimas, oprimidos por aqueles a quem eles prejudicaram na vida terrena. Vemos

também os culpados fugirem à luz que os penetra, procurando em vão escapar aos olhares daqueles que os perseguem.

No inferno pagão o orgulho é abatido e humilhado; todos trazem as marcas do seu passado; todos são punidos pelas suas próprias faltas, a tal ponto que, para alguns, basta estarem entregues a si mesmos, não sendo necessário aumentar-lhes os castigos. Mas todos *são sombras, isto é, almas com corpos fluidicos, imagens da sua existência terrena*. Lá não se vê os homens retomarem o seu corpo carnal para sofrer materialmente, nem o fogo penetrar sob a sua pele, saturando-os até a medula dos ossos.

Também não se vê, no inferno pagão, o requinte nem o refinamento das torturas que constituem a base do inferno cristão. Juízes inflexíveis, porém justos, proferem a sentença de acordo com o delito, ao passo que no império de Satanás (inferno dos cristãos) todos são confundidos nas mesmas torturas, tendo por base o aspecto material, e não existe critério para aplicação da justiça.

É verdade que hoje já existem na Igreja muitos homens de bom senso que não admitem mais essas coisas ao pé da letra. Eles veem nelas simples alegorias cujo sentido convém interpretar. Estas opiniões são apenas individuais e não podem ser consideradas como Lei. Portanto, a crença no inferno material, com todas as suas consequências, continua sendo uma verdade na qual se acredita, sem a necessidade de uma comprovação, ou melhor, continua sendo um artigo de fé.

**15** – É de se perguntar: Como alguns homens foram capazes de ver essas coisas em estado de êxtase, quando elas de fato não existem? Não cabe aqui explicar a origem dessas imagens fantásticas, que às vezes se produzem com todas as aparências da realidade. Diremos apenas que é preciso reconhecer que o êxtase é a forma de revelação menos segura de todas, porque esse estado de superexcitação nem sempre resulta de um completo desprendimento da alma, como se poderia acreditar. Muitas vezes, ele é o reflexo de preocupações que a

pessoa teve na véspera. (Ver *O Livro dos Espíritos*, perguntas nº 443 e 444.)

As ideias com que a mente se nutre, e das quais o cérebro espiritual conserva a forma ou a visão, se reproduzem amplificadas como em uma miragem, sob formas vaporosas que se desenvolvem e se confundem, compondo esses conjuntos estranhos.

Aqueles que entram em êxtase, independente do culto a que pertençam, sempre viram as coisas relacionadas com a fé que possuíam. Assim, não existe nada que possa surpreender naquilo que aconteceu com Santa Tereza e tantos outros, porque eles estavam saturados pelas descrições, verbais ou escritas, do inferno. Essas visões nada mais são do que o efeito de um pesadelo. Um pagão, cheio de fé, teria visto, no Tártaro, as Fúrias; ou, no Olimpo, Júpiter com um raio na mão.

## CAPÍTULO 5

# O PURGATÓRIO

1 – O Evangelho não faz menção alguma do purgatório, que só foi admitido pela Igreja no ano de 593 d.C. É com certeza um **dogma** mais racional e mais coerente com a Justiça de Deus do que o do inferno, porque ele estabelece penas menos rigorosas e que podem ser resgatadas se as faltas forem de média gravidade.

Portanto, a ideia do purgatório tem como fundamento o princípio da igualdade, pois, comparado com a justiça humana, ele equivale à detenção temporária, enquanto o inferno equivale à condenação perpétua. O que pensar de um país que só tivesse a pena de morte para atender a todos os crimes, e também aos delitos mais simples?

Sem o purgatório, existem apenas duas alternativas extremas para as almas: a felicidade absoluta ou o suplício eterno. Na hipótese do suplício eterno, o que seria das almas culpadas somente pelo fato de terem cometido faltas leves? Ou elas compartilhariam da felicidade dos eleitos, sem serem perfeitas, ou sofreriam o castigo imposto aos grandes criminosos, sem terem feito tanto mal, o que também não seria nem justo, nem racional.

### *Observação*

**Dogma:** Ponto fundamental e indiscutível de uma crença religiosa, ou melhor, uma verdade inquestionável e que deve ser aceita sem contestação. Também pode ser entendido como sendo o ponto fundamental de qualquer doutrina, seja ela filosófica, política etc., e que não precisa de comprovação.

2 – A noção que se faz do purgatório é certamente incompleta e isso possui uma razão: os homens, conhecendo apenas o castigo do fogo, fizeram dele um inferno menos tenebroso. Lá, as almas também ardem, embora em um fogo mais brando. O dogma das penas eternas é incompatível com o progresso

das almas. Assim, elas não saem do purgatório por efeito do seu próprio adiantamento, mas pela qualidade das preces que são feitas ou que são mandadas fazer em sua intenção, pelos encarnados.

Se a ideia inicial de retirar as almas do purgatório por meio de preces foi boa, o mesmo não se pode dizer das suas consequências, pois elas deram origem a muitos abusos. As preces pagas transformaram o purgatório numa mina de proventos mais lucrativa que o inferno.

***Nota de Kardec:** O purgatório deu origem ao escandaloso comércio das indulgências, através das quais se vendia a entrada no Céu. Esse abuso foi a causa principal da Reforma Protestante, e foi por causa desse comércio que **Lutero** rejeitou o purgatório.*

### *Observação*

**Lutero:** De origem alemã, Martinho Lutero (1483-1546) foi uma das figuras centrais da Reforma Protestante. Levantou-se contra diversos dogmas do catolicismo romano. Sua maior contestação foi contra a doutrina de que o perdão de Deus poderia ser adquirido pelo comércio das indulgências.

**3 –** O local do purgatório nunca foi determinado e a natureza das penas, que nele os condenados suportam, também não está claramente definida. Estava reservado à Nova Revelação (ao Espiritismo) elucidar as causas das misérias da vida terrena, cuja justiça somente pode ser explicada pela pluralidade das existências, ou melhor, pelas diversas encarnações da alma.

Essas misérias decorrem necessariamente das imperfeições da alma, porque, se ela fosse perfeita, não cometeria faltas e não precisaria sofrer as suas consequências. O homem que fosse sóbrio e moderado em todas as coisas não sofreria com enfermidades provenientes dos excessos.

Na maioria das vezes, o homem é infeliz por sua própria culpa. Mas, se ele é imperfeito, já deveria ser antes de reencarnar na Terra. Aqui ele expia, não apenas as faltas atuais, mas também aquelas que ele cometeu no passado e que ainda não teve a oportunidade de reparar. Sofre nesta vida o que fez os outros



sofrerem em existências anteriores.

As dificuldades que ele enfrenta são, ao mesmo tempo, um castigo temporário e uma advertência quanto às imperfeições que precisa eliminar em si mesmo, a fim de evitar males futuros e progredir na direção do bem. São lições às vezes duras, mas que trazem experiência para a alma. Essas lições são tanto mais proveitosas quanto mais profundas são as impressões que deixam.

Essas dificuldades provocam lutas incessantes que desenvolvem suas forças, juntamente com suas faculdades intelectuais e morais. Essas lutas fortificam a alma na prática do bem, e ela sai vitoriosa sempre que tem a coragem para enfrentá-las até o fim.

O prêmio pela vitória, a alma colhe na vida espiritual, onde ela entra radiosa e triunfante, assim como o soldado que sai do combate para receber a distinção gloriosa.

**4** – Cada existência é uma oportunidade para a alma dar um passo à frente. O tamanho desse passo depende da sua vontade, pois ela pode subir muitos degraus ou permanecer no ponto de partida. Se optar em permanecer estacionária, ela sofrerá sem proveito. Cedo ou tarde, a alma tem que pagar a sua dívida; para isso, será necessário que ela recomece uma nova existência, em condições ainda mais adversas, e isso porque uma nova mancha vem se juntar a uma mancha que ela ainda não apagou.

Assim, é através das sucessivas encarnações que a alma se livra, pouco a pouco, das suas imperfeições; a cada encarnação ela vai se purificando, até o dia em que, quando estiver bastante depurada, ela deixa de encarnar nos mundos de provas e expiações, como a Terra; parte, então, para reencarnar em mundos mais felizes e, mais tarde, para viver em mundos onde ela poderá desfrutar da suprema felicidade.

Portanto, o *purgatório* não é uma ideia vaga e incerta. É uma realidade material que podemos ver, tocar e sentir. Ele existe nos mundos de expiação, e a Terra é um deles. Os homens expiam nela o seu passado e o seu presente,

visando a colher benefícios para o seu próprio futuro. Mas, ao contrário da ideia que se faz do purgatório, depende de cada um abreviar ou prolongar a sua permanência nesses mundos de expiação, segundo o grau de adiantamento e pureza atingido pelo próprio esforço sobre si mesmo.

Ninguém sai desses mundos porque terminou o seu tempo ou por méritos alheios. Somente é possível sair por mérito próprio, conforme as palavras do Cristo: “*A cada um segundo as suas obras*”, palavras que resumem integralmente a Justiça de Deus.

**5** – Sendo assim, aquele que sofre nesta vida deve entender que é porque não se depurou o suficiente em sua existência anterior e que, se não o fizer nesta, deverá sofrer ainda mais na seguinte. Isso parece ser ao mesmo tempo justo e lógico. Sendo o sofrimento inseparável da imperfeição, tanto mais tempo se sofre quanto mais imperfeito se é.

O mesmo ocorre com uma enfermidade que tem a sua duração aumentada, em função da demora que se leva para iniciar o seu tratamento. É por isso que, enquanto o homem for orgulhoso e egoísta, sofrerá as consequências desses males.

**6** – Devido às suas imperfeições, o Espírito culpado sofre primeiro na vida espiritual e depois na vida corpórea, que lhe é dada como meio de reparação. É por esse motivo que nessa nova existência ele se reencontrará com as pessoas a quem ofendeu, com ambientes semelhantes àqueles em que praticou o mal ou em situações opostas à sua vida anterior. Por exemplo: sofrer a prova da miséria, se foi um mau rico; ou estar numa condição humilhante, se foi um orgulhoso.

A **expiação** no mundo dos Espíritos e na Terra não constitui um duplo castigo para o Espírito. É o mesmo castigo que se prolonga na Terra, como um complemento, para facilitar o seu progresso por meio de um trabalho efetivo. Depende de o Espírito utilizar esse trabalho em proveito próprio.

Não é melhor para ele voltar à Terra (reencarnar) com a possibilidade de alcançar o Céu, do que ser condenado sem perdão, ao deixá-la? Essa liberdade que lhe é concedida não deixa de ser uma prova da Sabedoria, da Bondade e da Justiça de Deus, que quer que *o homem deva tudo aos seus próprios esforços e seja o responsável pelo seu próprio futuro*. Se for infeliz por mais ou menos tempo, somente a si mesmo poderá culpar, uma vez que o caminho do progresso sempre estará aberto para ele.

### *Observação*

**Expição:** Cumprimento de pena ou castigo proporcional ao delito praticado. Sofrer as consequências dos maus atos que praticou contra si ou contra terceiros; penitência.

**7** – No mundo espiritual, o sofrimento de certos Espíritos culpados é muito grande. Outros passam pela terrível angústia de não conseguirem enxergar o fim desses sofrimentos. Poderíamos dizer que esses Espíritos se acham no *inferno*, se essa palavra não implicasse a ideia de um castigo eterno e material.

Graças à revelação dos Espíritos e aos exemplos que eles nos oferecem, sabemos que a *“duração da expiação” está vinculada ao melhoramento do culpado*.

**8** – Portanto, o Espiritismo não vem negar as penas futuras; vem, ao contrário, confirmá-las. O que ele destrói é a ideia do inferno localizado, com suas fornalhas e suas penas sem perdão. Também não nega o purgatório, pois explica que é nele que nos encontramos, ou seja, na própria Terra. Ao defini-lo com precisão e ao explicar a causa das misérias terrenas, a Nova Doutrina faz com que as mesmas pessoas que negavam o purgatório passem a acreditar nele.

O Espiritismo condena a prece pelos mortos? Não, ao contrário, visto que os Espíritos sofredores solicitam preces. Ele vê a prece como sendo um dever de caridade, pois ela demonstra a sua eficácia para *conduzir esses Espíritos ao bem* e, por esse meio, abreviar os seus sofrimentos.

Dirigindo-se às pessoas de boa vontade, o Espiritismo tem levado a *fé* aos incrédulos e a *prece* a muitos que dela zombavam. Mas também ensina que a eficácia da prece está no pensamento, e não nas palavras. Ensina também que as melhores preces são aquelas que saem do coração, e não as que saem dos lábios; aquelas que são ditas por nós mesmos e não as que mandamos dizer por dinheiro. Assim, quem ousaria censurar essa Doutrina?

**9** – O castigo pode ser longo ou curto, mas sempre terá um fim, independente de ele ocorrer na vida espiritual ou na Terra. Existem somente duas alternativas para o Espírito: *A punição temporária, em conformidade com a culpa, e a recompensa em conformidade com o mérito.* O Espiritismo rejeita a terceira alternativa, ou seja, a da condenação eterna. O inferno permanece apenas como uma figura simbólica dos grandes sofrimentos, que parecem não ter fim. O purgatório é, então, a realidade em que nos encontramos, ou seja, a própria Terra.

A palavra *Purgatório* sugere a ideia de um lugar circunscrito. Por isso ele é aplicado mais naturalmente à Terra (planeta de provas e expiações) do que ao Espaço infinito, onde vagam os Espíritos sofredores. Além disso, o cumprimento das penas na Terra tem todas as características da verdadeira expiação.

Quando os homens se melhorarem, fornecerão ao mundo espiritual somente Espíritos bons. Estes, voltando a reencarnar, só fornecerão à Humanidade corpórea criaturas aperfeiçoadas. Desse modo, a Terra deixará de ser um mundo de expiação e os homens não sofrerão mais as misérias decorrentes das suas imperfeições. Esta é a transformação que está em marcha neste momento e que deverá elevar a Terra na hierarquia dos mundos. (Ver *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo 3.)

**10** – Mas, então, por que o Cristo não falou do purgatório? Não falou porque, não existindo a *ideia*, não havia palavra para *representá-la*.

O Cristo serviu-se da palavra *inferno*, que era a única conhecida, como um termo genérico para designar as penas futuras, sem distinção. Se, junto com a palavra *inferno*, o Cristo tivesse colocado uma palavra equivalente ao *purgatório*, não teria conseguido precisar-lhe o verdadeiro sentido, sem antecipar uma questão que seria explicada no futuro. Por outro lado, isso seria consagrar a existência de dois lugares diferentes destinados ao castigo.

De um modo genérico, o *inferno* já trazia a ideia de punição e por isso englobava, implicitamente, a ideia do *purgatório*, que é apenas uma forma mais branda de castigo. Estava reservado ao futuro, conforme já foi dito, esclarecer os homens sobre a natureza das penas, e dar ao inferno o seu verdadeiro significado.

A Igreja, após seis séculos, achou por bem suprir o silêncio de Jesus a esse respeito, decretando a existência do purgatório. Fez isso porque julgou que o Mestre não havia dito tudo. Por que não faz o mesmo com as outras questões?

## CAPÍTULO 6

# DOCTRINA DAS PENAS ETERNAS

- ORIGEM DA DOCTRINA DAS PENAS ETERNAS
- ARGUMENTOS A FAVOR DAS PENAS ETERNAS
- IMPOSSIBILIDADE MATERIAL DAS PENAS ETERNAS
- A DOCTRINA DAS PENAS ETERNAS TEVE O SEU TEMPO
- EZEQUIEL CONTRA A ETERNIDADE DAS PENAS E O PECADO ORIGINAL

### ORIGEM DA DOCTRINA DAS PENAS ETERNAS

---

**1** – A crença na eternidade das penas perde terreno a cada dia, de tal modo que não é preciso ser profeta para prever o seu fim. Ela tem sido combatida por argumentos tão poderosos e tão categóricos que parece quase desnecessário falar sobre tal doutrina. O melhor seria deixar que ela mesma se extinguísse.

Entretanto, não se pode negar que, mesmo ultrapassada, a doutrina das penas eternas ainda constitui o argumento principal utilizado pelos adversários das novas ideias (o Espiritismo), pois ela é o ponto que eles defendem com mais obstinação. Por ser essa crença muito vulnerável, os adversários preveem as consequências que podem advir do seu desaparecimento. Por isso, a questão merece um exame sério.

**2** – A doutrina das penas eternas, assim como a do inferno material, teve a sua razão de ser, enquanto pôde servir de freio para homens pouco desenvolvidos moral e intelectualmente.

Esses homens não estavam preparados para distinguir as sutilezas que

existem entre o bem e o mal. Não compreendiam a justiça das penas de ordem moral e nem que a duração dessas penas pudesse ser aumentada ou diminuída em razão das circunstâncias.

**3** – Quanto mais próximo o homem está do estado primitivo, mais materialista ele é. O senso moral é o que se desenvolve mais tardiamente. Por esta razão, eles só podem fazer de Deus, dos Seus atributos e da vida futura, uma ideia muito vaga e imperfeita.

Para homens que se encontram nesse estado, Deus tem uma natureza semelhante à deles, e não passa de um soberano absoluto, de um rei despótico que, fechado em seu palácio, jamais se mostra a seus súditos. Por ser invisível, esse Deus causa temor a esses homens. Assim, por não compreenderem o Seu poder moral, só O aceitam por Sua força material.

Esses homens primitivos somente entendem Deus com um raio na mão, entre tempestades de relâmpagos, semeando a destruição, a ruína e a desolação por onde passa, tal como fazem os guerreiros invencíveis. Um Deus manso e misericordioso não seria um Deus, mas um ser fraco a quem seria impossível obedecer.

A vingança implacável, os castigos terríveis e eternos, nada tinham de incompatíveis com a ideia que esses homens faziam de Deus. Isso em nada lhes contrariava a razão. Deus, que lhes era superior, deveria ser ainda mais terrível que eles, que também eram implacáveis em seus combates, cruéis com os seus inimigos e impiedosos com aqueles que venciam.

Para homens assim, eram necessárias crenças religiosas compatíveis com a sua natureza ainda rústica. Uma religião exclusivamente espiritual, feita de amor e caridade, não poderia combinar com a brutalidade dos costumes e das paixões.

É por isso que não se deve censurar Moisés e a sua legislação **draconiana**, que servia apenas para conter um povo indócil e rebelde; também não se pode censurá-lo por ter feito de Deus a imagem de um ser vingativo. A época exigia

que as coisas fossem assim. Jesus teria tido muita dificuldade para implantar a sua doce doutrina entre homens dessa espécie e, se tivesse tentado, certamente ela não teria logrado êxito.

## *Observação*

**Dracon:** Legislador ateniense do século 7 antes de Cristo. Ficou famoso pela crueldade das suas leis. No código de Drácon, a punição para o assassinato e para qualquer tipo de roubo era a mesma, ou seja, a morte. Essa severidade fez com que o adjetivo “draconiano” chegasse à posteridade como sinônimo de desumano, excessivamente rígido ou cruel.

**4 –** À medida que o Espírito foi se desenvolvendo, o véu material que lhe encobria o entendimento pouco a pouco foi se dissipando, e os homens se tornaram mais aptos para compreender as coisas espirituais. Mas isso só aconteceu de forma lenta e gradual. Quando Jesus veio, já pôde falar de um Deus bondoso, falar do seu reino, que não é deste mundo, e dizer aos homens: “Amem-se uns aos outros e façam o bem para aqueles que os odeiam”, contrapondo-se ao que diziam os antigos: “Olho por olho, dente por dente”.

Ora, quais eram os homens que viviam no tempo de Jesus? Seriam almas novas, criadas para reencarnarem junto com o Mestre? Mas, se fosse assim, Deus teria criado almas mais adiantadas para reencarnarem com Jesus e almas menos adiantadas para reencarnarem no tempo de Moisés? Se isso tivesse acontecido, onde estariam estas almas menos adiantadas? Será que elas teriam ficado, desde aquela época, no estado de embrutecimento em que se encontravam? O simples bom senso repele tal suposição.

Não! Essas almas eram as mesmas que viveram sob o império das Leis de Moisés e que adquiriram, em várias existências sucessivas, desenvolvimento suficiente para compreender uma doutrina mais elevada. Hoje, elas estão ainda mais adiantadas, e podem receber um ensinamento bem mais completo.

**5 –** Apesar disso, o Cristo não pôde revelar aos seus contemporâneos todos os mistérios sobre o futuro. Ele mesmo disse: “*Eu ainda teria muitas*



*coisas a dizer se vocês pudessem compreender, e é por isso que eu falo por parábolas”*. Entretanto, Jesus foi muito explícito no que diz respeito à moral, ou seja, no que diz respeito aos deveres dos homens para com o próximo. Ele sabia fazer-se compreender porque tocava na parte sensível, que eram os interesses materiais.

Quanto aos outros pontos, limitou-se a semear, sob uma forma alegórica, os germes que deveriam ser desenvolvidos mais tarde. A doutrina das penas e recompensas futuras ficou entre essas questões a serem desenvolvidas mais adiante. Principalmente no que diz respeito às penas futuras, Jesus não poderia romper bruscamente com as ideias já existentes.

A missão do Cristo já era muito grande, pois ele veio trazer aos homens novos deveres, ou melhor, substituir o ódio e a vingança pelo amor ao próximo e pela caridade; substituir o egoísmo pelo devotamento. Além disso, não podia conscientemente enfraquecer a crença no castigo reservado aos que perturbavam a ordem, sem enfraquecer ao mesmo tempo a ideia que os homens deveriam ter sobre o dever.

Se Jesus prometia o Reino dos Céus aos bons, é lógico que este Reino estaria interditado aos maus. Mas, então, para onde iriam os maus? Era preciso uma compensação capaz de impressionar homens com uma inteligência rude e materialista para compreender a vida espiritual. Não podemos esquecer que Jesus se dirigia ao povo, ou seja, à parte menos esclarecida da sociedade, para a qual havia a necessidade de ele fazer imagens, de algum modo palpáveis, e não a de trazer ideias abstratas.

Esta foi a razão por que o Mestre não entrou em detalhes supérfluos a respeito do destino dos maus. Naquela época, bastava-lhe que o povo entendesse que para atos maus havia uma punição e que para atos bons havia uma recompensa.

**6** – Se Jesus ameaçou os culpados com o fogo eterno, também os ameaçou de serem lançados na *Geena*. Ora, mas o que era a *Geena*? Era um lugar nos arredores de Jerusalém, um lixão onde se jogavam as imundícies da cidade.

Seria possível tomar-se isso ao pé da letra? Essa era apenas uma das imagens fortes de linguagem que Jesus utilizava para impressionar as massas. O mesmo ocorria quando ele falava do fogo eterno. Se o pensamento do Mestre fosse a favor do fogo eterno, Ele estaria em contradição consigo mesmo ao exaltar a bondade e a misericórdia de Deus, porque bondade e impiedade são dois sentimentos opostos que se anulam.

Seria um equívoco ver nas palavras de Jesus uma aprovação ao dogma das penas eternas, pois que todo o seu ensinamento vem proclamar a mansidão e a bondade do Criador.

Na oração do *Pai Nosso*, Jesus nos ensina a dizer: “Perdoa, Senhor, as nossas faltas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores”. Se o culpado não pudesse esperar nenhum perdão, seria inútil pedi-lo.

Mas existem condições para esse perdão? Seria uma graça, seria um perdão puro e simples da pena em que se incorreu? Não! A medida desse perdão está subordinada ao modo pelo qual perdoamos, ou seja, não seremos perdoados se, por nosso lado, não perdoarmos aos outros. Ao fazer do esquecimento das ofensas uma condição absoluta, Deus não poderia exigir que o homem fraco perdoasse as ofensas, se Ele, o Todo-Poderoso, também não o fizesse.

A oração do *Pai-Nosso* é uma negação diária contra a possibilidade de Deus querer uma vingança eterna.

**7** – A ideia do “fogo material” não chocava aqueles homens que só possuíam uma noção confusa sobre a espiritualidade da alma, até porque essa ideia fazia parte da crença comum. Ela havia sido buscada no “inferno dos povos pagãos” e era aceita quase que universalmente. Do mesmo modo, a eternidade das penas também não assustava os homens submetidos por séculos à legislação do terrível **Jeová**.

No pensamento de Jesus, o fogo eterno não passava de uma simples figura de linguagem, pouco lhe importava que essa figura fosse tomada ao pé da letra, desde que servisse de freio às paixões humanas. Além disso, Jesus sabia muito

bem que o tempo e o progresso se encarregariam de esclarecer o seu sentido alegórico. Daí a sua previsão de que o *Espírito da Verdade* viria esclarecer os homens sobre todas as coisas.

A consequência essencial das penas eternas é a *inutilidade do arrependimento*. Ora, Jesus nunca disse que o arrependimento perante Deus fosse inútil. Ao contrário, sempre que teve oportunidade, ele mostrou um Deus bondoso, misericordioso, pronto a receber de volta aquele que errou.

Deus só se mostrou inflexível para com o pecador obstinado. Mas, ainda assim, se de um lado tinha o castigo, do outro tinha sempre o perdão para o culpado que se mostrasse sinceramente arrependido e com o desejo de voltar ao Criador. Esta não é, por certo, a imagem de um Deus impiedoso. Também é preciso observar que Jesus nunca pronunciou, contra quem quer que fosse, mesmo contra os maiores culpados, uma condenação sem perdão, ou melhor, eterna.

## *Observação*

**Jeová:** Designação de Deus no Antigo Testamento. Deus dos hebreus.

**8** – Todas as religiões primitivas, refletindo o caráter dos povos, tiveram deuses guerreiros que combatiam à frente dos exércitos. O Jeová dos hebreus lhes fornecia todos os meios necessários para que eles exterminassem com os seus inimigos. Recompensava-os com a vitória ou punia-os com a derrota.

A ideia que os homens faziam de Deus os levava a honrá-lo ou acalmá-lo com o sangue de animais ou de criaturas humanas. Vêm daí os sacrifícios sangrentos que tiveram um papel tão importante em todas as religiões antigas.

Os judeus já haviam abolido os sacrifícios humanos. Os cristãos, apesar dos ensinamentos do Cristo, por muito tempo julgaram honrar o Criador torturando e mandando para as fogueiras milhares de pessoas, que eles chamavam de **hereges**. Esses procedimentos não deixavam de ser, sob outra forma, verdadeiros sacrifícios humanos, uma vez que eram praticados *para a*

*maior glória de Deus* e acompanhados de cerimônias religiosas.

Ainda hoje os cristãos invocam o *Deus dos exércitos* antes do combate e o glorificam após a vitória, muitas vezes pelas causas mais injustas e anticristãs.

## *Observação*

**Herege:** Pessoa que segue ideias contrárias àquelas que são geralmente aceitas por todos; católico que se recusa a aceitar ou questiona os dogmas da Igreja; aquele que não tem religião (ateu); aquele que não segue a religião católica.

**9 –** O Homem é muito lento para se desfazer dos seus hábitos, dos seus preconceitos, das suas ideias primitivas! Quarenta séculos nos separam de Moisés e a nossa geração cristã ainda conserva traços de antigos costumes bárbaros. Costumes estes que, se não são consagrados, são ao menos aprovados pela religião atual!

Foi preciso a poderosa opinião daqueles que não são **ortodoxos**, dos que foram considerados hereges, para acabar com as fogueiras e fazer com que as pessoas compreendessem a verdadeira grandeza de Deus. Mas a ideia de um Deus cruel continua tão arraigada nos homens que, na falta das fogueiras, ainda prevalecem as perseguições materiais e morais.

Será que o homem pode estranhar que o Deus que lhe apresentaram desde a infância, que se sente lisonjeado por atos bárbaros, possa ser contra as torturas eternas e ver sem piedade o sofrimento dos culpados?

Sim, foram justamente os filósofos, os incrédulos, como querem alguns, que se scandalizaram vendo o nome de Deus sendo profanado por atos indignos da Sua magnitude. Foram eles que mostraram aos homens um Deus na plenitude da Sua grandeza, sem as paixões e as baixezas humanas, atribuídas a Ele por uma crença menos esclarecida.

Neste ponto, a religião ganhou em dignidade aquilo que havia perdido em prestígio exterior. Porque, se ainda existem homens apegados tão somente às aparências, bem maior é o número dos que são sinceramente religiosos, pelo coração e pelos sentimentos.

Mas, ao lado desses homens religiosos, existem muitos que, por não refletirem mais profundamente, foram levados a negar a Providência! A Religião, por não ter tido a sensibilidade de *conciliar* as crenças religiosas com o progresso da razão humana, levou muita gente ao **deísmo**, à incredulidade absoluta e ao Panteísmo. Isto é, na falta de um Deus mais perfeito, o homem se faz Deus a si mesmo.

### *Observações*

**Ortodoxo:** Ver significado no capítulo 4 – O Inferno – “Descrição do Inferno Pagão” – após o item 11.

**Deísmo:** Ideia filosófica que admite a existência de Deus, mas nega a autoridade de qualquer Igreja.

## **ARGUMENTOS A FAVOR DAS PENAS ETERNAS**

---

**10** – Voltemos ao dogma das penas eternas. O principal argumento invocado em seu favor é o seguinte: não há dúvida entre os homens de que a gravidade da ofensa é proporcional à importância que o ofendido ocupa na sociedade.

A ofensa que se comete contra um soberano, por exemplo, é mais grave do que aquela que se comete contra um cidadão comum, e é por isso que ela é punida com mais rigor. Deus, por ser infinito em tudo, é muito mais importante do que um soberano. Assim, a ofensa feita a Ele também se torna infinita e merece um castigo da mesma natureza, ou seja, infinito (eterno).

**CONTESTAÇÃO** – Toda contestação é um raciocínio que deve ter o seu ponto de partida, e uma base sobre a qual possa apoiar os seus argumentos. Encontramos esses argumentos nos próprios atributos de Deus. São eles: Deus é único, eterno, imutável, imaterial, onipotente, soberanamente justo e bom, infinito em todas as Suas perfeições.

É impossível imaginar Deus de outra maneira, porque, sem o infinito de Suas perfeições, poderíamos conceber outro ser que Lhe fosse superior e possuindo as qualidades que Lhe faltam. Para que Ele seja o único acima de

todos os seres, é preciso que ninguém possa superá-lo ou igualá-lo em nenhum aspecto. Portanto, é preciso que Ele seja infinito em todos os sentidos.

Os atributos de Deus, por serem infinitos, não podem aumentar nem diminuir, sem o que não seriam infinitos, e Deus não seria perfeito. Se tirássemos apenas uma mínima parcela de um só de Seus atributos, não teríamos mais Deus, visto que seria possível a existência de um ser mais perfeito.

O infinito de uma qualidade exclui a possibilidade de existir outra qualidade contrária que possa diminuí-la ou anulá-la. Um ser *infinitamente bom* não pode ter a menor parcela de maldade, assim como um ser *infinitamente mau* não pode ter a menor parcela de bondade. Da mesma forma, um objeto não pode ser totalmente negro se tiver a mais leve nuance de branco e vice-versa.

Tomando o que foi dito, como ponto de partida, podemos opor ao argumento acima o seguinte raciocínio:

**11** – Somente um ser infinito pode criar alguma coisa que seja infinita. O homem só pode produzir coisas limitadas, porque é limitado em suas virtudes, em seus conhecimentos, em seus poderes, em suas aptidões, em sua existência terrena. Se o homem pudesse ser infinito no mal que faz, também poderia ser no bem e, nesse caso, se igualaria a Deus. Mas, se o homem fosse infinito na prática do bem, não faria o mal, já que o bem absoluto é a exclusão de todo o mal.

Vamos admitir que uma ofensa temporária a Deus pudesse ser infinita. Se Deus, ao vingar-se dessa ofensa, aplicasse um castigo *infinito*, seria *infinitamente vingativo*. Sendo Ele infinitamente vingativo, não poderia ser infinitamente bom e misericordioso, visto que um desses atributos exclui o outro. Se não for infinitamente bom, não é perfeito e, se não for perfeito, deixa de ser Deus.

Se Deus é implacável com o culpado que se arrepende, não é

misericordioso e, se não é misericordioso, deixa de ser infinitamente bom. Por que Deus faria uma Lei de Perdão para ser aplicada pelos homens, se Ele mesmo não consegue aplicá-la? Disso resultaria que o homem que perdoa os seus inimigos e lhes paga o *mal* com o *bem* seria melhor que Deus, que ignora o arrependimento daquele que Lhe fez a ofensa e Lhe recusa, por toda a eternidade, o mais leve consolo.

Deus, que está em toda parte e que tudo vê, deve ver também as torturas que sofrem os condenados. Se Ele se mantém indiferente aos clamores desses condenados, por toda a eternidade, será eternamente impiedoso. Assim, se Ele não tem piedade, não é infinitamente bom.

**12** – A este argumento, responde-se que o pecador que se arrepende antes de morrer obtém a misericórdia de Deus, e que mesmo o maior culpado também pode receber essa graça.

Quanto a isso não pode haver dúvida. É compreensível que Deus só perdoe aqueles que se arrependem e seja inflexível para com os teimosos. Mas, se Ele é todo misericordioso para com a alma que se arrepende antes da morte, por que não seria também com aquela que se arrepende depois da morte?

Por que o arrependimento só seria eficaz durante a vida, que é passageira, e não seria na eternidade, que não tem um fim? Se a bondade e a misericórdia de Deus estão restritas a um determinado tempo, elas não são infinitas e Ele não seria infinitamente bom.

**13** – Deus é soberanamente justo. A soberana justiça não é nem a justiça mais implacável, nem aquela que deixa impune todas as faltas. Ao contrário, ela leva em conta, e com muito rigor, o bem e o mal praticados, recompensando um e punindo o outro com perfeito equilíbrio e de modo proporcional, sem jamais se enganar na sua aplicação.

Se, por uma falta passageira, que resulta quase sempre da natureza imperfeita do homem, e muitas vezes do meio em que ele vive, a alma pode ser

punida eternamente, sem esperança de perdão, não existe proporção entre a falta cometida e o castigo e, portanto, também não existe justiça.

Se o culpado se reconcilia com Deus, se ele se arrepende e pede para reparar o mal que fez, estará retornando ao bem, retornando aos bons-sentimentos. Mas, se o castigo é definitivo, este retorno ao bem é inútil, e se o bem não é levado em conta, não existe justiça.

Entre os homens, o condenado que se corrige tem a sua pena amenizada e, às vezes, até perdoada. Neste caso, a justiça humana não seria mais imparcial do que a Justiça Divina?

Se a condenação é definitiva, o arrependimento é inútil. Se o culpado, apesar do seu retorno ao bem, nada de melhor tem a esperar, ele persiste no mal. Assim, Deus, além de condená-lo a sofrer eternamente, ainda faz com que ele permaneça no mal, também eternamente. Nisso não há nem bondade e nem justiça.

**14** – Deus é infinito em todas as coisas, logo, deve conhecer tudo, tanto o passado quanto o presente. Ele deve saber, no momento da criação de uma alma, se ela vai falir de maneira grave a ponto de ser condenada eternamente. Se não souber, Sua sabedoria não é infinita e, nesse caso, Ele deixa de ser Deus. Se Ele sabe, e cria voluntariamente um ser condenado, desde a sua formação, a sofrimentos sem fim, Ele deixa de ser bom.

Uma vez que Deus pode conceder a Sua misericórdia ao pecador arrependido e *retirá-lo do inferno*, deixam de existir penas eternas, e o julgamento feito pelos homens deixa de ter valor.

**15** – Se a doutrina das penas eternas for aceita de maneira absoluta, isso nos conduz forçosamente à negação ou à diminuição de alguns dos atributos de Deus. Sendo assim, essa doutrina é incompatível com a perfeição infinita.

Portanto, estamos diante de um dilema: ou Deus é perfeito e não existem penas eternas, ou existem penas eternas e Deus não é perfeito.



**16** – Também se utiliza, em favor do dogma das penas eternas, o seguinte argumento: “Se a recompensa concedida aos bons é eterna, a punição aos maus também deve ser”. É justo que exista uma proporção entre a punição e a recompensa.

**CONTESTAÇÃO** – Deus criou a alma para fazê-la feliz ou infeliz? É evidente que a felicidade da criatura deve ser o objetivo do Criador, pois, de outro modo, Deus não seria bom. A alma alcança a felicidade pelo seu próprio mérito. Este mérito, uma vez conquistado, ela não o perde jamais. Perder o mérito conquistado seria a degeneração da alma. A felicidade eterna é, então, uma consequência da sua imortalidade.

Mas, antes de a alma chegar à perfeição, ela precisará lutar e vencer as suas más paixões. Deus não criou a alma perfeita, mas deu-lhe a capacidade de poder se aperfeiçoar, deixando com ela o mérito por suas próprias obras. Entretanto, apesar dessa condição de poder se aperfeiçoar, ela ainda pode falir. As quedas da alma são sempre uma consequência da sua fraqueza natural.

Se a alma tivesse que ser punida eternamente, em virtude de uma queda, poderíamos perguntar: Por que Deus não a criou mais forte? A punição que a alma sofre é uma advertência sobre o mal que praticou, e tem por finalidade reconduzi-la ao bom caminho.

Se a pena fosse eterna, o seu desejo de melhorar seria inútil e o objetivo da Criação não seria alcançado, porque haveria seres predestinados à felicidade e outros à infelicidade. Se uma alma culpada se arrepende, ela pode se tornar boa. Podendo tornar-se boa, ela pode aspirar à felicidade. Deus seria justo se lhe recusasse os meios para atingir essa felicidade?

Sendo o BEM o objetivo supremo da Criação, a felicidade, que é o seu prêmio, deve ser eterna. Então, o castigo, que é um meio de se chegar ao bem, deve ser temporário. A mais simples noção de justiça, mesmo entre os homens, diz que não se pode castigar eternamente aquele que tem o desejo e a vontade de praticar o bem.

**17** – Um último argumento em favor das penas eternas é o seguinte:

“O medo de um castigo eterno é um freio; se ele for eliminado, o homem, por não ter mais nada a temer, se entregaria a todos os tipos de excesso”.

**CONTESTAÇÃO** – Esse raciocínio seria justo se, ao eliminarmos as penas eternas, retirássemos também toda e qualquer possibilidade de punir a alma.

A felicidade ou a infelicidade da alma na vida futura é uma consequência rigorosa da Justiça de Deus. Uma situação igual para o homem bom e para o homem mau seria a negação dessa Justiça. Mas, pelo fato de o castigo não ser eterno, não significa que ele tenha que ser menos rigoroso.

Quanto mais acreditamos num castigo, mais medo ele nos causa. E quanto mais coerente for esse castigo, mais facilmente ele é aceito. Uma penalidade na qual não se acredita não pode servir de freio a ninguém, e este é o caso da eternidade das penas.

Conforme já dissemos, a crença nas penas eternas teve a sua utilidade, a sua razão de ser, em uma determinada época. Hoje, além de ela não assustar mais ninguém, ainda produz incrédulos.

Antes de aceitar as penas eternas como uma necessidade, seria preciso demonstrar que elas são reais. Seria preciso, sobretudo, que se constatasse a sua eficácia junto àqueles que as defendem e que se esforcem para demonstrá-las.

Infelizmente, entre aqueles que defendem as penas eternas, muitos provam, por seus atos, que não possuem medo delas. Se essa crença é impotente para reprimir o mal entre aqueles que dizem acreditar nelas, que domínio poderia exercer sobre aqueles que não acreditam?

## **IMPOSSIBILIDADE MATERIAL DAS PENAS ETERNAS**

---

**18 – O PROGRESSO DA ALMA** – Até aqui, só temos combatido a viabilidade do dogma das penas eternas através do raciocínio. Agora, vamos

demonstrar que ele está em contradição com os fatos de caráter prático que temos observado e provar a sua impossibilidade.

De acordo com esse dogma, o destino da alma após a morte é fixado de maneira definitiva. Assim, o seu progresso fica proibido para sempre. Ora, a alma progride ou não? Eis toda a questão. Se ela progride, a eternidade das penas é impossível!

Será que é lícito duvidar do progresso da alma, quando se vê a imensa variedade de aptidões morais e intelectuais existentes entre os homens na Terra, desde o selvagem até o civilizado? Será que é lícito duvidar, quando se vê a diferença apresentada por um mesmo povo de um século a outro?

Partindo do princípio de que não são as mesmas almas, então é preciso admitir que Deus criou almas em todos os graus de adiantamento, de acordo com os tempos e com os lugares, favorecendo umas e destinando outras à inferioridade eterna. Isso é incompatível com a Sua Justiça, que deve ser a mesma para todas as criaturas.

**19 – OS DIFERENTES ESTÁGIOS DA ALMA** – É incontestável que a alma atrasada intelectual e moralmente, como a dos povos bárbaros, por exemplo, não pode ter a mesma felicidade, as mesmas aptidões para desfrutar dos esplendores do infinito, como tem a alma cujas faculdades estão mais desenvolvidas.

Se essas almas atrasadas não progredirem, elas não podem, mesmo nas condições mais favoráveis, desfrutar na eternidade senão de uma felicidade muito limitada. Para estar de acordo com a rigorosa Justiça, é preciso compreender que as almas mais adiantadas são as mesmas que antes se apresentavam como atrasadas e que depois evoluíram.

Aqui nos deparamos com a questão da pluralidade das existências, ou melhor, das sucessivas reencarnações, que é o único meio coerente para resolver essa dificuldade. Mas, ainda assim, vamos deixar de lado as sucessivas reencarnações e considerar a alma sob o ponto de vista de uma única-

existência.

**20 – A ALMA VIVENDO UMA ÚNICA EXISTÊNCIA** – Vamos imaginar um rapaz de 20 anos, como tantos que existem, ignorante, entregue aos instintos inferiores, negando a existência da sua própria alma, negando a existência de Deus, desordeiro e cometendo toda espécie de maldade. Entretanto, colocado num meio favorável, ele trabalha e se instrui, corrige-se pouco a pouco, e por fim transforma-se numa criatura crente e piedosa. Não é esse um exemplo palpável do progresso da alma durante a vida? Exemplo que se reproduz todos os dias?

Esse homem morre numa idade avançada, como um santo, e, certamente, a sua salvação estará assegurada. Mas qual teria sido o seu destino, se um acidente o tivesse levado à morte 40 ou 50 anos antes? Naquela época, ele estava nas condições ideais para ser condenado e, se o fosse, todo o progresso lhe seria impossível.

Eis, segundo a doutrina das penas eternas, um homem que foi salvo apenas pela circunstância de ter tido uma vida longa, mas que poderia ter sido interrompida bem mais cedo por um acidente qualquer. Se a sua alma pôde progredir num determinado tempo, por que razão não poderia progredir depois da morte? Principalmente se a causa dessa morte foi alheia à sua vontade. Por que Deus lhe recusaria os meios para progredir no mundo espiritual?

Por que o arrependimento tardio, que é o caso desse rapaz, deve possuir menos valor do que aquele que vem na hora certa? Mas, se após a sua morte, ele tivesse recebido uma condenação irrevogável, o seu arrependimento teria sido inútil por toda a eternidade, e a sua aptidão para progredir estaria anulada para sempre.

**21 – A ETERNIDADE DAS PENAS x O PROGRESSO DA ALMA** – O dogma da eternidade das penas é, portanto, incompatível e mesmo um

obstáculo intransponível ao progresso das almas. A eternidade das penas e o progresso das almas são dois princípios que se anulam mutuamente, ou seja, se um existe, o outro forçosamente não pode existir.

Então, qual dos dois princípios existe de fato? A Lei do Progresso é evidente, ela não é uma teoria, mas um fato confirmado pela experiência. É uma Lei da Natureza, Lei Divina, que não cai em desuso. Assim, se a Lei do Progresso existe e não pode conviver com o princípio da eternidade das penas, é porque este princípio não existe.

Se o dogma das penas eternas fosse verdadeiro, Santo Agostinho, São Paulo e tantos outros jamais teriam visto o Céu, se tivessem morrido antes do progresso que os conduziu à conversão.

A este último argumento, muitos entendem que a conversão desses santos não foi o resultado do progresso de suas almas, mas da graça que lhes foi concedida e pela qual se sentiram tocados.

Entretanto, isto é apenas um jogo de palavras. Se esses santos praticaram o mal e depois o bem, é porque melhoraram; logo, progrediram. Por que Deus, por meio de um favor especial, lhes teria concedido a graça de se corrigirem? Por que concedeu a eles e não a outros? Voltamos à doutrina dos privilégios, sempre ela, incompatível com a Justiça de Deus e com o amor que Ele dispensa a todas as Suas criaturas.

De acordo com a Doutrina Espírita, com as palavras do Evangelho, com a lógica e com a mais rigorosa Justiça, o homem é o resultado de suas obras. Explicando melhor, ele é o resultado de todas as encarnações que já teve até a vida atual. Desse modo, ele nada deve ao favoritismo. Deus o recompensa pelos esforços que faz e o castiga pela sua negligência. Esse castigo dura pelo período que ele persistir em ser negligente.

## **A DOCTRINA DAS PENAS ETERNAS TEVE O SEU TEMPO**

---

**22** – A crença na eternidade das penas prevaleceu como um temor necessário, até que os homens pudessem compreender a importância da força moral. Esse processo pode ser comparado à infância, quando as crianças são controladas, por algum tempo, pela ameaça de seres imaginários, com os quais são intimidadas.

Mas, quando as crianças crescem e passam a raciocinar, perdem o medo dessas histórias que lhes eram contadas, porque percebem que elas não são verdadeiras. Assim, é um absurdo querer governá-las utilizando os mesmos métodos. Se aqueles que são responsáveis pela educação dessas crianças insistem em dizer que essas fábulas são verdadeiras e que devem ser seguidas ao pé da letra, por certo perderão a confiança delas.

O mesmo acontece hoje com a Humanidade, que está saindo da infância e perdendo a necessidade de ser conduzida em seus primeiros passos. O homem não é mais aquele instrumento passivo, que se curvava diante da força material, nem a criatura crédula de antes, que aceitava tudo de olhos fechados.

**23** – A crença é um ato de entendimento e, por isso mesmo, não pode ser imposta. Se, durante um certo período da evolução da Humanidade, o dogma das penas eternas se manteve inofensivo e até mesmo foi benéfico, chegou o momento em que ele se torna perigoso.

Desde que esse dogma é imposto como verdade absoluta, quando a própria razão o repele, duas coisas podem acontecer: ou o homem que deseja acreditar procura uma crença mais de acordo com a razão e se afasta da que estão querendo lhe impor, ou passa a não acreditar em mais nada.

Aquele que estudar, de modo imparcial, sobre as penas eternas verá que, em nossos dias, esse dogma tem feito mais ateus e materialistas do que todos os filósofos juntos.

As ideias seguem um curso contínuo e progressivo, e não se pode querer governar os homens desviando-se desse curso. Pretender contê-los, fazer com que eles retrocedam ou simplesmente fazer com que parem onde estão,

enquanto esse curso avança, seria o mesmo que condená-los.

Seguir ou deixar de seguir essa evolução é uma questão de vida ou de morte, tanto para as religiões quanto para os governos. Essa decisão é um bem ou é um mal? Para aqueles que vivem do passado, certamente é um mal, porque eles veem esse passado se aniquilar.

Entretanto, para aqueles que vivem com os olhos voltados para o futuro, deixar que essas ideias sigam um curso contínuo e progressivo é cumprir a Lei do Progresso, que é uma Lei de Deus. É inútil querer opor qualquer resistência contra as Leis de Deus. É impossível lutar contra a Sua vontade.

Então, por que querer sustentar a todo custo uma crença que caiu em desuso e que, definitivamente, traz mais danos do que benefícios à Religião? Ah! É triste dizer, mas nesse caso uma questão material se sobrepõe à questão religiosa.

A crença na eternidade das penas tem sido largamente explorada pela ideia de que com dinheiro se abrem as portas do Céu e se fecham as do Inferno. As quantias arrecadadas por intermédio desta ideia, outrora e ainda hoje, são incalculáveis. É o imposto adiantado que se paga pelo medo das penas eternas.

Sendo esse imposto opcional, o dinheiro arrecadado é proporcional à crença que as pessoas têm. Se a crença deixar de existir, a arrecadação termina. A criança entrega de boa vontade o seu pedaço de bolo a quem lhe promete afugentar o lobisomem. Mas, se a criança não acredita mais em lobisomem, ela guardará o bolo.

**24** – A Nova Revelação (o Espiritismo), dando noções mais sensatas sobre a vida futura e mostrando que cada um de nós pode alcançar a salvação pelas próprias obras, deve encontrar uma grande oposição. Esta oposição é tanto mais forte quanto mais ela puder estancar uma fonte fabulosa de receita.

É sempre assim quando uma nova descoberta ou invenção muda os costumes instalados e preestabelecidos. Aqueles que vivem à custa dos antigos e

rendosos costumes sempre os defendem, nunca deixando de lhes enaltecer a superioridade e a excelência, ao mesmo tempo em que procuram desacreditar os novos, normalmente mais econômicos.

Será que a imprensa, que trouxe inúmeros benefícios à Humanidade, poderia ser aclamada e bem recebida, pela numerosa classe dos **copistas**? Não! Por certo eles a detestavam. O mesmo aconteceu com o invento das máquinas, com as estradas de ferro e com centenas de outras coisas.

Aos olhos dos incrédulos, o dogma das penas eternas é uma questão fútil da qual se riem. Para os filósofos, esse dogma tem importância quando analisado pelo seu aspecto social, em função dos abusos que têm sido praticados em seu nome. O homem verdadeiramente religioso tem interesse em destruir esses abusos, assim como as suas causas, em benefício da própria dignidade da Religião.

### *Observação*

**Copista:** Eram aqueles que, antes da invenção da imprensa (tipografia), copiavam os manuscritos.

## **EZEQUIEL CONTRA A ETERNIDADE DAS PENAS E O PECADO ORIGINAL**

---

**25** – Muitos pretendem encontrar na Bíblia a justificativa para o dogma das penas eternas. Entretanto, retiramos da própria Bíblia textos que contrariam essa justificativa e que não deixam nenhuma dúvida a respeito do assunto. As palavras do profeta Ezequiel, a seguir, são a mais explícita negação, não somente das penas eternas, mas também da possibilidade de o pecado cometido pelo pai recair sobre toda a sua descendência.

1. O Senhor novamente me chamou e disse:

2. Por que vocês utilizam esta parábola que se tornou provérbio em Israel: Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos seus filhos ficaram estragados?



**3.** O Senhor Deus disse: Juro por mim mesmo que essa parábola não será mais usada entre vocês, como provérbio em Israel;

**4.** Todas as almas me pertencem; tanto a alma do filho quanto a alma do pai; a alma que pecou é a que vai morrer.

**5.** Se um homem for justo, se proceder com imparcialidade e justiça;

**7.** Se não magoar nem oprimir ninguém; se entregar ao seu devedor o penhor que este lhe confiou; se não usar a violência para tomar alguma coisa de alguém; se der o seu pão a quem tem fome; se vestir os que estão nus;

**8.** Se emprestar o que lhe pertence, procurando não tirar vantagem e não receber mais do que emprestou; se não fizer injustiça e promover um juízo conciliatório entre dois homens que discutem;

**9.** Se caminhar segundo os meus mandamentos e observar as minhas ordens para agir conforme a verdade, esse homem é justo e muito certamente viverá, disse o Senhor Deus.

**10.** Se esse homem tem um filho que é ladrão e que derrama sangue, ou que comete algumas destas faltas;

**13.** Esse filho morrerá, muito certamente, pois tem praticado todas essas ações detestáveis, e o seu sangue permanecerá sobre a sua própria cabeça.

**14.** Se esse homem tem um filho que, vendo todos os crimes cometidos por seu pai, tem medo e evita imitá-lo;

**17.** Este filho não morrerá por causa da perversidade do seu pai, mas viverá muito certamente.

**18.** Seu pai, que tinha oprimido outras pessoas por calúnias e que havia praticado atos criminosos contra o seu povo, morreu por causa da sua própria perversidade.

**19.** Se perguntam: Por que o filho não carregou consigo a perversidade do seu pai? É porque o filho tem agido segundo a igualdade e a justiça; tem observado e praticado todos os meus mandamentos; é por isso que ele viverá, muito certamente.

**20.** A alma que tem pecado morrerá por si mesma: O filho não sofrerá

pela perversidade do pai e o pai não sofrerá pela perversidade do filho; a justiça do justo cairá sobre ele mesmo, e a perversidade do perverso também cairá sobre ele mesmo.

**21.** Se o perverso se arrepender de todos os pecados que cometeu e observar todos os meus mandamentos, segundo a igualdade e a justiça, ele viverá certamente e não morrerá.

**22.** *Eu não me lembrarei mais de todas as perversidades que ele cometeu; ele viverá nas obras de justiça que praticou.*

**23.** Disse o Senhor Deus: Porventura desejo a morte do perverso? Não! Prefiro que ele se converta, que deixe o mau caminho e que viva. (Ezequiel, capítulo 18, versículo 1 a 23)

Digam a eles estas palavras: “Juro por mim mesmo – disse o Senhor Deus – Não quero a morte do perverso, mas sim que ele se converta, que deixe o mau caminho e que viva”. (Ezequiel, capítulo 33, versículo 11)

## *Observação*

A omissão do versículo 6 foi proposital. Kardec deixou de lado esse versículo porque ele se refere às ordenações judaicas da lei de pureza (superadas pelo Evangelho), conforme pode ser conferido no texto bíblico. Para não alegarem que houve segunda intenção, transcrevemos aqui esse versículo: “*Não comendo carne sacrificada nos altares, nem levantando os olhos para os ídolos da casa de Israel, nem contaminando a mulher do seu próximo, nem se chegando à mulher na sua menstruação*”. Como se vê, esse versículo quebra a harmonia do texto em sua aplicação atual. Os versículos 12, 15 e 16 também foram suprimidos porque referem-se àquelas ordenações. (Herculano Pires)

# CAPÍTULO 7

## AS PENAS FUTURAS SEGUNDO O ESPIRITISMO

- A CARNE É FRACA
- PRINCÍPIOS DA DOCTRINA ESPÍRITA SOBRE AS PENAS FUTURAS
- CÓDIGO PENAL DA VIDA FUTURA

### A CARNE É FRACA

---

Existem tendências ao vício que são inseparáveis do Espírito, porque elas se prendem mais ao aspecto moral do que ao físico. Outros vícios parecem mais dependentes do organismo e, por esse motivo, acredita-se que eles acarretam menos responsabilidade para aqueles que os possuem. Podem ser enquadrados, entre alguns vícios que estão ligados ao organismo, os seguintes: as predisposições para a cólera, para a preguiça, para a sensualidade etc.

Hoje, está plenamente reconhecido pelos filósofos espiritualistas que os órgãos cerebrais, responsáveis pelas diversas aptidões do ser humano, devem o seu desenvolvimento à atividade do Espírito. Assim, esse desenvolvimento do cérebro é uma consequência dessa atividade do Espírito e não uma causa. Um homem não é músico porque tem o dom da música, mas tem o dom da música porque o seu Espírito é músico.

Se a atividade do Espírito reage sobre o cérebro, deve reagir também sobre outras partes do organismo. Desse modo, o Espírito é o responsável pelo seu próprio corpo, que ele molda para atender às suas necessidades e à manifestação das suas tendências.

A partir desse dado, a perfeição dos corpos físicos das raças adiantadas

deixa de ser o produto de criações diferentes para ser o resultado do trabalho do Espírito, que aperfeiçoa o seu corpo material à medida que as suas faculdades se desenvolvem.

Por uma consequência natural desse princípio, as inclinações morais do Espírito devem modificar as qualidades do sangue, dar-lhes maior ou menor atividade, provocar uma secreção mais ou menos abundante de bÍlis ou de quaisquer outros fluidos.

É por essa razão que o comilão enche a boca de saliva diante de um prato apetitoso. Não é o prato apetitoso, com o qual ele não teve contato direto, que lhe excita o órgão do paladar. É o Espírito que, após ter a sua sensibilidade despertada, age pelo pensamento sobre o órgão do paladar. Entretanto, outra pessoa, tendo a mesma visão do prato, pode permanecer completamente indiferente.

É ainda pela mesma razão que uma pessoa sensível chora com facilidade. Não é a abundância de lágrimas que dá a sensibilidade ao Espírito, mas é a sensibilidade do Espírito que provoca a secreção abundante de lágrimas. Sob a influência da sensibilidade, o organismo se adapta à predisposição natural do seu Espírito, assim como o organismo do comilão se adapta à tendência do seu Espírito.

Seguindo esse raciocínio, compreende-se que um Espírito que se irrita com facilidade, que tem acesso de ira, deve possuir um temperamento colérico. Ele não é colérico porque se irrita facilmente, mas se irrita facilmente porque o seu Espírito é colérico. O mesmo acontece com todas as outras predisposições instintivas do Espírito.

Um Espírito fraco e preguiçoso transmitirá ao seu organismo uma espécie de fraqueza geral que vai repercutir em seu caráter, enquanto um Espírito ativo e enérgico transmitirá, ao seu sangue e aos seus nervos, qualidades completamente opostas. A ação do Espírito sobre o seu corpo físico é de tal maneira evidente, que é muito comum ver o organismo se desorganizar gravemente em função de uma violenta comoção moral sofrida pelo Espírito.

A expressão popular *A emoção lhe ferveu o sangue* não é tão desprovida de sentido como se poderia imaginar. Ora, o que poderia *ferver o sangue*, senão as inclinações morais do Espírito?

Assim, pode-se admitir, *pelo menos em parte*, que a “natureza” do Espírito determina o seu temperamento. Por isso, a “natureza” do Espírito é a causa de ele ter o temperamento que tem e não a consequência de um fator externo.

E nós dizemos, *pelo menos em parte*, porque existem casos em que o físico influi de maneira evidente sobre o moral. É quando um estado doentio ou anormal é determinado por uma causa externa, acidental, que não depende do Espírito, como a temperatura, o clima, um defeito físico hereditário, um mal-estar passageiro etc.

Nesses casos, o moral do Espírito pode ser afetado em suas manifestações pelo estado patológico em que se encontra o indivíduo, sem que a sua natureza íntima seja modificada. Desculpar-se de seus erros, alegando que a carne é fraca, não passa de um pretexto para escapar à responsabilidade.

*A carne só é fraca porque o Espírito é fraco*, o que inverte totalmente a questão e deixa ao Espírito a responsabilidade de todos os seus atos. A carne, que não pensa e nem tem vontade, jamais pode prevalecer sobre o Espírito, que é o ser *pensante* e que possui *vontade própria*.

É o Espírito que dá à carne as qualidades correspondentes ao seu instinto, assim como é o artista que coloca em sua obra material o talento de sua genialidade. O Espírito, liberto dos instintos da animalidade, modela um corpo que deixa de ser um obstáculo ao desejo que ele possui de se espiritualizar. É então que o homem passa a comer para viver, porque viver é uma necessidade, mas não vive mais apenas para comer.

Portanto, a responsabilidade moral pelos atos da nossa vida permanece inteiramente conosco. Mas a razão nos diz que as consequências dessa responsabilidade devem ser proporcionais ao desenvolvimento intelectual do Espírito. Sendo assim, quanto mais esclarecido for o Espírito, mais culpado ele será pelos erros que comete, porque, com a inteligência e com o senso moral,

nascem as noções do bem e do mal, daquilo que é justo e daquilo que é injusto.

Esta Lei explica os insucessos da Medicina em certos casos. Desde que o temperamento é uma consequência da evolução do Espírito e não uma causa, todos os esforços para modificar esse temperamento se anulam diante das inclinações morais do Espírito, que opõe uma resistência inconsciente e neutraliza a ação terapêutica. É por essa razão que devemos agir sobre a causa primária, ou seja, sobre o Espírito.

Se for possível, deem coragem ao medroso, e vocês vão ver desaparecerem os efeitos fisiológicos do medo. Isso prova, mais uma vez, que para a arte de curar é necessário levar em conta a influência do Espírito sobre o organismo. (*Revista Espírita*, março de 1869, p. 65)

## **PRINCÍPIOS DA DOCTRINA ESPÍRITA SOBRE AS PENAS FUTURAS**

A Doutrina Espírita, no que diz respeito às penas futuras e aos seus demais pontos, não se baseia numa teoria preconcebida. Não é um sistema substituindo outro. Em todos os seus aspectos, ela se apoia nas observações, e é isso o que garante a sua autoridade.

Ninguém jamais imaginou em que situação se encontrariam as almas após a morte. São as próprias almas que deixaram a Terra que hoje vêm nos falar sobre os mistérios da vida futura. Vêm nos descrever a sua situação feliz ou infeliz, as suas impressões sobre o mundo espiritual, a transformação pela qual passaram após a morte do corpo físico. Resumindo: elas vêm completar os ensinamentos do Cristo sobre esse assunto.

Não se trata aqui das revelações feitas por um único Espírito, que poderia ver as coisas apenas do seu ponto de vista, sob um aspecto somente, ou ser ainda influenciado pelos preconceitos adquiridos na sua vida terrena. Também não se trata de uma revelação feita, de forma exclusiva, a um único indivíduo,

que poderia se deixar enganar pelas aparências. Nem pela visão daqueles que entram em êxtase e que se deixam levar pela ilusão. Ilusão esta que, muitas vezes, não passa do reflexo de uma imaginação exaltada.

Trata-se, ao contrário, de inúmeros exemplos fornecidos por Espíritos de todas as categorias, desde os mais elevados até os mais inferiores da escala, com o auxílio de vários médiuns espalhados por todos os pontos da Terra. Portanto, essas revelações não são privilégio de ninguém, e cada um pode ver e observar por si mesmo, sem a obrigação de crer somente porque os outros acreditam.

## **CÓDIGO PENAL DA VIDA FUTURA**

---

O Espiritismo não se utiliza da sua autoridade particular para formular um código fantasioso. A sua Lei, no que diz respeito ao futuro da alma, se baseia na observação dos fatos e pode ser resumida da seguinte maneira:

**1** – A alma ou o Espírito sofre, na vida espiritual, as consequências de todas as imperfeições das quais não se libertou durante o período em que viveu na Terra. O seu estado feliz ou infeliz dependerá do seu grau de pureza ou de suas imperfeições.

**2** – A felicidade perfeita está intimamente ligada à perfeição, ou seja, à completa depuração do Espírito. Toda imperfeição é, ao mesmo tempo, uma causa de sofrimento e uma privação de felicidade, do mesmo modo que toda qualidade adquirida é uma fonte de alegria e de atenuação dos sofrimentos.

**3** – Não existe uma única imperfeição da alma que não acarrete consequências desagradáveis e inevitáveis, assim como não existe uma única qualidade boa que não seja fonte de alegria. Portanto, a soma das penas é proporcional à soma das imperfeições, e a soma das alegrias é proporcional à soma das qualidades.

A alma que tem dez imperfeições, por exemplo, sofre mais do que aquela que só tem três ou quatro; quando ela tiver a metade ou um quarto, sofrerá menos. Quando todas as imperfeições se extinguirem, ela não sofrerá mais e será totalmente feliz.

O mesmo acontece na Terra: a pessoa que tem muitas doenças sofre mais do que aquela que tem apenas uma ou nenhuma. A alma que tem dez qualidades boas desfruta de mais alegrias do que aquela que tem menos.

**4** – A Lei do Progresso oferece a toda alma a possibilidade de adquirir o bem que lhe falta e de libertar-se do que tem de mau, de acordo com a sua vontade e os seus esforços. Disso resulta que o futuro está ao alcance de todas as criaturas, porque Deus não abandona nenhum de Seus filhos. Ele os recebe em Seu seio à medida que atingem a perfeição, deixando a cada um o mérito das suas obras.

**5** – O sofrimento está intimamente ligado à imperfeição, assim como a alegria está intimamente ligada à perfeição. Desse modo, a alma traz consigo o próprio castigo ou próprio prêmio, onde quer que ela se encontre, sem a necessidade de um lugar circunscrito.

O inferno está em toda parte onde existam almas sofredoras, e o Céu também está em toda parte onde existam almas felizes.

**6** – O bem e o mal que fazemos resultam das qualidades que possuímos. Portanto, não fazer o bem quando é possível fazê-lo é sinal de que ainda somos imperfeitos. Se toda imperfeição é fonte de sofrimento, o Espírito sofre, não apenas pelo mal que praticou, como também por todo o bem que poderia ter feito, mas deixou de fazer durante a sua vida terrena.

**7** – O Espírito sofre pelo mal que praticou. Se ele *prestar atenção nas consequências do mal praticado*, compreende melhor os seus inconvenientes e



trata de se corrigir.

**8** – A Justiça de Deus é infinita e leva em conta, com muito rigor, o bem e o mal que se pratica. Não há uma única ação má, um único mau pensamento, que não tenha consequências fatais, assim como não há uma única boa ação, um só bom impulso da alma, ainda que pequeno, que fique perdido. Isso também vale para *os mais perversos, visto que tais ações representam sempre um início de progresso.*

**9** – Toda falta cometida, todo o mal praticado, é uma dívida contraída e que deverá ser paga. Se não for nesta existência, será na próxima ou nas seguintes, porque todas as existências estão interligadas. Tudo o que for quitado numa existência, não será cobrado em outra.

**10** – O Espírito sofre a consequência das suas imperfeições, no mundo espiritual ou no mundo material. Todas as misérias, todas as dificuldades que ele enfrenta na Terra, procedem de suas próprias imperfeições. São expiações de faltas cometidas na existência atual ou nas anteriores.

Pela natureza dos sofrimentos e dificuldades enfrentadas na vida terrena, pode-se julgar a natureza das faltas cometidas na existência anterior, bem como as imperfeições que deram causa a essas faltas.

**11** – A expiação varia segundo a natureza e a gravidade da falta. Assim, a mesma falta pode ter expiações diferentes, porque a expiação vai depender da circunstância em que a falta foi cometida. Essa circunstância pode atenuar ou agravar a expiação para o Espírito.

**12** – Não existe uma regra absoluta nem uniforme que faça referência quanto à natureza e à duração do castigo. A única Lei Geral é a de que toda

falta recebe a sua punição e toda boa ação recebe a sua recompensa, *de acordo com a sua importância.*

**13** – A duração do castigo está subordinada à melhora do Espírito culpado. Nenhuma condenação por tempo determinado lhe é prescrita. O que Deus exige para pôr fim aos sofrimentos é uma melhora séria, efetiva, e um retorno sincero ao bem.

Desse modo, o Espírito será sempre o juiz do seu próprio destino. Ele poderá prolongar os seus sofrimentos pela persistência no mal, ou suavizá-los e abreviá-los pela prática do bem.

Uma condenação por tempo predeterminado teria dois inconvenientes: Primeiro, seria fazer o Espírito continuar sofrendo inutilmente, caso ele já tivesse se melhorado; segundo, seria libertá-lo do sofrimento caso ele ainda permanecesse no mal. Deus, que é justo, apenas pune o mal enquanto ele existe e deixa de punir quando ele cessa.

Explicando melhor: Sendo o mal moral a própria causa do sofrimento, ele vai existir enquanto o mal durar, e vai diminuir de intensidade à medida que esse mal for desaparecendo.

**14** – Como a duração do castigo depende da melhora do Espírito, o culpado que não se melhorasse sofreria para sempre e, para ele, a pena seria eterna.

**15** – Uma condição que sempre acompanha os Espíritos inferiores é a de não conseguirem ver o fim da situação em que se encontram. Assim, acreditam que vão sofrer para sempre. Para esses Espíritos, o castigo pode parecer eterno.

*Nota de Allan Kardec: Perpétuo é sinônimo de eterno. Dizemos: as neves perpétuas, os gelos eternos dos polos; também se diz: o secretário perpétuo da Academia, o que não significa que ele o será para sempre, mas somente por um*

*tempo ilimitado. Eterno e perpétuo se empregam, pois, no sentido de indeterminado. Por esse aspecto, pode-se dizer que as penas são eternas, quando entendemos que elas não têm uma duração limitada. São eternas apenas para o Espírito que não lhes vê o fim.*

**16** – O arrependimento é o primeiro passo para a regeneração, mas ele sozinho não é suficiente. É preciso ainda expiar e reparar as faltas cometidas.

*Arrependimento, expiação e reparação* são as três condições necessárias para apagar os traços de uma falta e de suas consequências.

O arrependimento suaviza as dores da expiação, abrindo pela esperança o caminho da reabilitação. Mas somente a reparação da falta pode anular o efeito, destruindo-lhe a causa. Do contrário, *o perdão seria uma graça concedida, e não uma anulação das faltas cometidas.*

**17** – O arrependimento pode acontecer em qualquer lugar e em qualquer tempo. Se ele for tardio, o culpado sofrerá por mais tempo.

A expiação consiste nos sofrimentos físicos e morais que são a consequência da falta cometida. A expiação pode ocorrer na vida atual, na vida espiritual após a morte, ou ainda em uma nova existência em corpo físico, até que todos os vestígios da falta tenham desaparecido.

A reparação consiste em fazer o bem a quem se fez o mal. Aquele que não repara os seus erros nesta vida, por fraqueza ou má vontade, reencontrará, numa próxima existência, as mesmas pessoas a quem prejudicou e, então, em condições escolhidas por ele mesmo, tentará provar que ele se arrependeu, fazendo-lhes o bem na quantidade que possa equilibrar o mal que lhes tenha feito.

Nem todas as faltas acarretam prejuízo direto e efetivo. Nesses casos, a “reparação” se realiza pelos seguintes atos: fazendo-se o que se deixou de fazer; cumprindo os deveres que foram negligenciados ou ignorados; refazendo as missões em que se falhou; praticando o bem a quem se fez o mal; sendo

humilde se foi orgulhoso, amável se foi austero, caridoso se foi egoísta, bondoso se foi perverso, trabalhador se foi ocioso, útil se foi inútil, moderado se foi devasso, dar bons exemplos se serviu de mau exemplo, e assim por diante.

É desse modo que o Espírito progride, fazendo com que o seu passado lhe seja proveitoso.

***Nota de Allan Kardec:** A necessidade da “reparação da falta” é um princípio de rigorosa justiça, que pode ser considerado como sendo a verdadeira Lei de Reabilitação moral dos Espíritos. Entretanto, o ensinamento da necessidade de que é preciso a reparação da falta, nenhuma Religião proclamou até hoje.*

*Algumas pessoas rejeitam esse ensinamento, porque acham mais cômodo apagar as suas faltas simplesmente pelo arrependimento, com o auxílio de algumas palavras e fórmulas ditas por elas mesmas. Procedendo assim, acreditam estar quites, e só mais tarde vão perceber que apenas o arrependimento não era suficiente. Poderíamos perguntar a elas se este princípio (de que não é necessário reparar as faltas), que não é consagrado pelas Leis Humanas, poderia ser adotado pelas Leis de Deus? A Justiça de Deus pode ser inferior à justiça dos homens?*

*Será que aqueles que são contra a reparação das faltas ficariam satisfeitos se o indivíduo que os arruinou, por abuso de confiança, se limitasse a dizer que lamentava muito o que fez? Por que, então, querem elas recuar ante a obrigação que todo homem honesto tem como dever, que é a reparação das faltas cometidas, na medida de suas forças?*

*Quando essa perspectiva de “reparação das faltas” for introduzida na crença popular, ela se transformará num freio bem mais poderoso que o do inferno e o das penas eternas, porque esse ensinamento se refere à vida atual e mostra ao homem a razão dos seus sofrimentos no presente.*

**18** – Os Espíritos imperfeitos são excluídos dos mundos felizes, porque perturbariam a harmonia desses mundos. Assim, permanecem nos mundos

inferiores, onde expiam as suas faltas nas adversidades da vida e se purificam de suas imperfeições, até que mereçam encarnar em mundos mais avançados moral e fisicamente.

Se pudermos conceber um lugar circunscrito para que o castigo se cumpra, este lugar é, sem dúvida, os mundos de expiação, em torno dos quais habitam Espíritos desencarnados, que aguardam novas existências para reparar o mal que fizeram. Essas novas existências são importantíssimas para o progresso desses Espíritos imperfeitos.

**19** – Como o livre-arbítrio é sempre respeitado, o Espírito obstinado no mal tem um progresso mais lento. Ele pode persistir nesse mesmo estado por anos ou séculos, mas sempre chega o momento em que a sua teimosia em desafiar a Justiça de Deus se modifica diante do sofrimento e, apesar da sua arrogância, ele reconhece a força superior que o domina.

Assim, tão logo se manifestam os primeiros sinais do arrependimento, Deus lhe faz entrever a esperança. Não existe Espírito que esteja na condição de nunca se melhorar, não importando o tempo que leve para que isso aconteça, porque, se não fosse dessa forma, ele estaria fatalmente condenado a uma situação de inferioridade eterna, e escaparia à Lei do Progresso, que rege de forma providencial todas as criaturas.

**20** – Seja qual for o grau de perversidade ou de inferioridade, *Deus jamais abandona os Espíritos*. Todos têm o seu anjo da guarda que vela por eles, que vigia os movimentos da alma e se esforça para intuir-lhes bons pensamentos, juntamente com o desejo de progredir e de reparar, numa nova existência, o mal que praticaram.

Entretanto, o anjo da guarda age quase sempre de maneira oculta, sem exercer qualquer pressão, pois o Espírito deve progredir pela *força da sua própria vontade*, e não porque alguém está lhe obrigando a isso. Deve agir bem ou mal em virtude do seu livre-arbítrio, mas sem ser *fatalmente* conduzido a

seguir este ou aquele caminho.

Se persistir no mal, sofrerá as consequências pelo tempo que permanecer no mau caminho. Assim que der um passo na direção do bem, sentirá imediatamente os seus efeitos benéficos.

***Nota de Allan Kardec:** Seria um erro acreditar que, em função da Lei do Progresso, que garante ao homem a certeza de chegar mais cedo ou mais tarde à perfeição e à felicidade, isso possa servir de estímulo para que ele persevere no mal, sob o argumento de que vai deixar para mais tarde o seu arrependimento.*

*Primeiro, porque o Espírito inferior não vê o fim da sua situação. Segundo, porque sendo ele o responsável pela própria infelicidade, acaba por compreender que o término do sofrimento depende apenas dele e que, quanto mais tempo persistir no mal, mais longa será a sua infelicidade. Finalmente, que o sofrimento pode durar para sempre se ele mesmo não lhe der um fim.*

*Portanto, seria um erro pensar que a Lei do Progresso, por si mesma, garante a felicidade futura. O próprio Espírito seria o primeiro a sofrer as consequências desse pensamento equivocado.*

*O dogma das penas eternas, que nega ao homem qualquer tipo de esperança, é que traz esse pensamento de que não existe benefício para aquele que retorna ao bem. Se ele está condenado para sempre, voltar ao bem não lhe muda em nada o destino.*

*Diante da Lei do Progresso, cai também a objeção referente ao fato de que Deus tem o conhecimento prévio do futuro. De fato, Deus, ao criar uma alma, sabe efetivamente se ela seguirá o bom ou o mau caminho, em virtude do seu livre-arbítrio. Sabe que ela será punida se fizer o mal, mas sabe também que esse castigo temporário é um meio de fazê-la compreender o próprio erro e retornar ao bom caminho, onde entrará mais cedo ou mais tarde.*

*Segundo a doutrina das penas eternas, Deus sabe que a alma vai falir e, portanto, que ela está previamente condenada a torturas sem fim.*

**21** – Cada pessoa é responsável apenas por suas próprias faltas. Ninguém sofre penalidades pelas faltas alheias, a menos que para isso tenha contribuído, seja provocando-as pelo seu exemplo, seja não as impedindo quando poderia fazê-lo.

O suicida é sempre punido, mas aquele que maldosamente conduz alguém ao desespero e o leva ao suicídio sofrerá uma pena ainda maior.

**22** – A diversidade das punições é infinita, mas existem algumas que são inseparáveis da própria inferioridade dos Espíritos, e cujas consequências, com exceção de alguns detalhes, são mais ou menos idênticas.

A punição mais imediata, principalmente para aqueles que se apegam mais à vida material, descuidando-se do progresso espiritual, consiste na lentidão com que a alma se desprende do corpo físico no momento da morte, e nas angústias que esta lentidão acarreta para os que despertam na outra vida. Este estado de perturbação pode durar meses e até anos.

Acontece o contrário com aqueles que têm a consciência pura, e que durante a vida material já se identificaram com a vida espiritual, desapegando-se das coisas materiais. Para esses, a separação entre a alma e o corpo físico é rápida, sem traumas, e o despertar é aprazível. Pode-se dizer que a perturbação é quase nula.

**23** – Um fenômeno muito frequente, que acontece entre os Espíritos de uma certa inferioridade moral, é o de acreditarem que ainda estão vivos após a morte. Essa ilusão pode prolongar-se por muitos anos, durante os quais eles experimentam todas as necessidades, todos os tormentos e todas as dificuldades da vida terrena.

**24** – Para o criminoso, a visão incessante de suas vítimas e das circunstâncias do crime constitui um suplício cruel.

**25** – Alguns Espíritos estão mergulhados em trevas profundas; outros se encontram em um isolamento absoluto no Espaço, atormentados pelo fato de não saberem onde estão e qual será o seu destino. Os mais culpados sofrem torturas tão dolorosas, que lhes parecem intermináveis.

Muitos são privados de ver os seus entes queridos. Geralmente, todos passam por sofrimentos cuja intensidade é proporcional aos males que praticaram, e também sofrem as dores e as privações que impuseram aos outros. Sofrem até que o arrependimento e o desejo de reparação lhes suavizem os tormentos e os façam entrever a possibilidade de, *por eles mesmos*, colocarem um fim a essa situação.

**26** – Para o orgulhoso é um suplício ver colocados acima dele, cheios de glória e radiantes de alegria, aqueles a quem ele havia desprezado na Terra, enquanto ele é convidado a ocupar os últimos lugares.

Para o hipócrita é um tormento ver os seus mais secretos pensamentos completamente desvendados, acessíveis a todos e sem ter a menor possibilidade de se esconder ou de se disfarçar.

Para o sensual é um desespero ter todas as tentações, todos os desejos, sem poder satisfazê-los. O mesmo ocorre com o avarento, que vê o seu ouro dilapidado e não pode retê-lo. Ocorre também com o egoísta, que se vê abandonado por todos e sofre tudo o que fez os outros sofrerem: tem sede e fome, mas ninguém vem lhe dar de beber nem de comer; nenhuma mão amiga vem apertar a sua; nenhuma voz compadecida vem consolá-lo, pois ele *só pensou em si durante a vida, de modo que agora ninguém pensa nele nem lamenta a sua falta após a morte*.

**27** – O único meio de evitar ou atenuar as consequências futuras de uma falta é a pessoa desfazer-se o máximo possível de seus defeitos, ainda na vida presente, para não ter que repará-los mais tarde, em condições muito mais adversas.



Quanto mais demorarmos em combater os nossos defeitos, mais sofreremos as suas consequências e mais rigorosa e árdua será essa reparação.

**28** – A situação do Espírito, no mundo espiritual, é aquela que ele mesmo preparou para si, na vida terrena. Mais tarde, outra encarnação lhe será concedida para que ele possa expiar e reparar as suas faltas anteriores, por meio de novas provas. Aproveitar bem ou mal essa nova oportunidade dependerá do seu livre-arbítrio.

Se o Espírito não souber aproveitar a nova encarnação, terá sempre uma missão a recomençar, e sempre em condições mais difíceis. Assim, pode-se dizer: *aquele que muito sofre na Terra, tem muito a expiar*. Os que desfrutam de uma felicidade aparente, apesar dos seus vícios e inutilidades, certamente pagarão muito caro numa existência posterior.

Foi nesse sentido que Jesus falou: “Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados”. (Ver *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo 5.)

**29** – A misericórdia de Deus é infinita, sem dúvida, mas não é cega. O culpado que essa misericórdia perdoou não fica dispensado de reparar as suas faltas e, enquanto não satisfizer a Justiça Divina, sofrerá as consequências dos seus erros.

Por “infinita misericórdia” devemos entender que Deus não é “insensível”, pois deixa sempre a porta aberta para que o culpado retorne ao bem.

**30** – As penas são temporárias e subordinadas ao arrependimento e à reparação. Esse arrependimento e essa reparação dependem da livre vontade do homem. Desse modo, pode-se dizer que as penas são, ao mesmo tempo, castigos e *remédios* que ajudam a curar as chagas do mal.

Os Espíritos em prova não podem ser comparados aos condenados que por algum tempo executam trabalhos forçados. Ao contrário, eles devem ser vistos como doentes que estão num hospital e que sofrem de enfermidades que,

muitas vezes, resultam das suas próprias faltas.

Os meios curativos, mais ou menos dolorosos, de que necessitam são para eles a esperança da cura. Essa cura será tanto mais rápida quanto mais estritamente forem seguidas as prescrições do médico responsável. Se os doentes deixam que a enfermidade se prolongue, por suas próprias faltas, o médico nada tem a ver com isso.

**31** – As penas que o Espírito sofre na vida espiritual juntam-se às da vida terrena. Essas penas são a consequência das imperfeições do homem, de suas paixões, do mau uso que fez das suas faculdades, e também a expiação de suas faltas cometidas no presente e no passado.

É na vida terrena que o Espírito repara o mal praticado em existências anteriores, e que põe em prática as decisões que tomou na vida espiritual. É assim que se explicam as misérias e as dificuldades mundanas que, à primeira vista, parecem não ter razão de ser, mas que na verdade são justas, porque foram contraídas no passado e servem para o nosso adiantamento.

*Nota de Allan Kardec: Ver capítulo 5 – O Purgatório, item 3 e seguintes; mais adiante, na segunda parte, capítulo 8 – Expiações terrenas. Ver também O Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo 5 – Bem-aventurados os aflitos.*

**32** – Alguns se perguntam: Deus não teria dado maior prova de amor às Suas criaturas se as tivesse criado infalíveis e, por consequência, isentas das dificuldades que a imperfeição acarreta? Não há dúvida de que Deus poderia ter criado seres perfeitos, nada mais tendo a adquirir em conhecimentos e nem em moralidade. Se não o fez, é porque em Sua sabedoria quis que o “progresso” fosse a Lei geral.

Os homens são imperfeitos e, como tal, estão sujeitos a passar por dificuldades mais ou menos dolorosas. Esse é um fato que precisamos aceitar, uma vez que ele existe. Concluir, daí, que Deus não é bom nem justo, seria

revoltar-se contra a Sua Lei.

Haveria injustiça se Deus tivesse criado seres privilegiados, mais favorecidos do que outros, desfrutando sem trabalho de uma felicidade que os outros só atingiriam com muito esforço e dedicação, ou que jamais viessem a atingir. Ao contrário, a Justiça de Deus tem por base a igualdade absoluta que preside a criação de todos os Espíritos.

Todos têm o mesmo ponto de partida; não existe um Espírito sequer que tenha sido mais favorecido do que outro, na sua formação; nenhum cuja marcha progressiva tenha sido facilitada de algum modo. Aqueles que conseguiram chegar ao objetivo também tiveram que passar pelas fases da inferioridade e por inúmeras provas.

Admitindo-se esse procedimento, o que poderia haver de mais justo do que a liberdade de ação concedida a cada um? O caminho da felicidade está aberto para todos e o objetivo é o mesmo; as condições para atingi-lo também são as mesmas. A Lei, que esta gravada na consciência de cada Espírito, foi ensinada a todos.

Deus fez com que *a felicidade fosse o prêmio do trabalho, e não do favoritismo*, para que cada um tivesse o seu mérito. Todos são livres para trabalhar ou não pelo seu próprio progresso. Aquele que trabalha muito e com rapidez recebe antes a sua recompensa. Quem se afasta do caminho ou perde o seu tempo, retarda a sua chegada e somente a si mesmo poderá culpar.

O bem e o mal são caminhos que podem ser escolhidos pela vontade de cada um. O homem, sendo livre, não é forçado a seguir um ou outro.

**33** – Apesar dos diferentes graus de sofrimentos dos Espíritos imperfeitos, o código penal da vida futura pode ser resumido nestes três princípios:

1. O sofrimento está ligado à imperfeição.
2. Toda imperfeição do Espírito, e toda falta causada por essa imperfeição, traz consigo o próprio castigo. Esse castigo é uma consequência natural e inevitável dessa imperfeição. Toda doença provém dos excessos e todo tédio

provém da ociosidade, sem que haja necessidade de uma condenação especial para cada falta ou para cada indivíduo.

**3.** Assim como todo homem pode se libertar das imperfeições por vontade própria, também pode poupar-se dos males que decorrem dessas imperfeições e assegurar a sua felicidade futura.

Esta é a Lei da Justiça Divina: “A cada um segundo as suas obras, tanto na Terra quanto no Céu”.

# CAPÍTULO 8

## OS ANJOS

- OS ANJOS SEGUNDO A IGREJA
- CONTESTAÇÃO
- OS ANJOS SEGUNDO O ESPIRITISMO

### OS ANJOS SEGUNDO A IGREJA

---

**1** – Todas as religiões tiveram os seus anjos, mesmo que com diferentes nomes, ou seja, seres superiores à Humanidade, intermediários entre Deus e os homens.

O materialismo, por negar qualquer existência espiritual fora da vida orgânica, naturalmente colocou os anjos entre as ficções e as fantasias. A crença nos anjos é parte essencial dos dogmas da Igreja. Eis como ela os define:

*Nota de Allan Kardec: Extraímos o resumo a seguir da pastoral do Monsenhor Gousset, cardeal-arcebispo da cidade de Reims (França), para a quaresma de 1864. Por esta pastoral podemos considerar os anjos, e também os demônios, como sendo a última expressão do dogma da Igreja sobre este assunto.*

**2** – Acreditamos firmemente, diz o Concílio geral e Ecumênico, ou melhor, o Concílio de Latrão, “que existe somente um Deus verdadeiro, eterno e infinito, que *no começo dos tempos* tirou conjuntamente do nada as duas criaturas: a espiritual e a corpórea, a angélica e a mundana, tendo formado depois, como elo entre as duas, a natureza humana, composta de corpo e Espírito”.

Esse é, segundo a fé, o plano divino para a Criação. Plano majestoso e completo, como convém à eterna Sabedoria. Assim concebido, esse plano divino oferece ao nosso entendimento o “ser” em todos os graus de hierarquia e em todas as formas de manifestação. Na esfera mais elevada aparecem a existência e a vida puramente espirituais. No último degrau, aparecem a existência e a vida puramente materiais e, nas esferas intermediárias, no espaço que separa os dois estágios, a união maravilhosa das duas substâncias, uma vida ao mesmo tempo comum ao Espírito inteligente e ao corpo organizado.

Nossa alma é de natureza simples e indivisível, porém limitada em suas faculdades. A ideia que temos da perfeição nos faz compreender que podem existir outros seres simples como a alma, e superiores a ela por suas qualidades e privilégios.

A alma é grande e nobre, mas está ligada ao corpo físico, que é composto por órgãos frágeis, que a torna limitada em seu poder e em sua ação. Por que não haveria outras naturezas ainda mais nobres, livres da escravidão e dos entraves do corpo físico? Naturezas dotadas de uma força maior e de uma atividade incomparável?

Antes que Deus tivesse colocado o homem na Terra para conhecê-Lo, amá-Lo e servi-Lo, já não poderia ter chamado outras criaturas para compor a Sua corte celeste, e adorá-Lo no esplendor da Sua glória?

Deus, enfim, recebe das mãos do homem os tributos de honra e a homenagem deste Universo. Seria de admirar que Ele recebesse das mãos dos anjos o louvor e das mãos dos homens a prece? Se os anjos não existissem, a grande obra do Criador não teria mais o mesmo acabamento e a mesma perfeição que lhe são peculiares. Assim sendo, este mundo, que atesta toda a onipotência de Deus, não seria mais a obra-prima da Sua sabedoria. Nesse caso, a nossa razão, embora fraca, poderia facilmente conceber um Deus mais completo e melhor acabado.

Em cada página dos livros sagrados do Antigo e do Novo Testamento, essas inteligências sublimes (os anjos) são mencionadas, seja através de

invocações piedosas, seja em referências históricas. A intervenção dos anjos aparece claramente na vida dos patriarcas e dos profetas.

Deus serve-se dessas inteligências sublimes, ora para transmitir a Sua vontade, ora para anunciar acontecimentos futuros. Desse modo, Ele faz dos anjos, quase sempre, instrumentos da Sua Justiça ou da Sua misericórdia. A presença dessas inteligências superiores é constante nas diversas circunstâncias do nascimento, da vida e da paixão do Salvador (Jesus). A lembrança dos anjos é inseparável da lembrança dos grandes homens, assim como dos fatos mais importantes da antiguidade religiosa.

A crença nos seres angelicais existe até mesmo no seio do politeísmo (crença em vários deuses) e nas fábulas da mitologia. Portanto, a crença nessas criaturas superiores é tão antiga e universal quanto o próprio mundo. O culto que os pagãos faziam aos bons e aos maus gênios (Espíritos) era uma falsa aplicação da verdade, um resquício degenerado do dogma primitivo (a crença na existência dos anjos).

***Nota de Allan Kardec:** As palavras do santo Concílio de Latrão contêm uma distinção fundamental entre os anjos e os homens, pois elas nos ensinam que os anjos são Espíritos puros, enquanto os homens se constituem de um corpo e de uma alma. Assim, a natureza angelical se sustenta por si mesma, sem mistura e sem nenhuma associação com a matéria, por mais sutil que possa ser essa associação. Já a alma do homem, igualmente espiritual, tem como destino essencial associar-se ao corpo, para formar com ele uma só pessoa.*

*Enquanto durar essa união tão íntima da alma com o corpo, essas duas substâncias têm uma vida em comum e uma exerce influência sobre a outra. É por isso que a alma não pode se libertar completamente das imperfeições que resultam da sua união com o corpo. Essa união faz com que as ideias só cheguem à alma pelos **cinco sentidos**, pela comparação de objetos exteriores e sempre sob imagens mais ou menos aparentes.*

## *Observação*

**Cinco sentidos:** Visão, audição, tato, olfato e paladar.

Disso resulta que a alma não pode contemplar-se a si mesma, nem conceber Deus e os anjos sem atribuir a eles uma forma visível e palpável. O mesmo acontece com os anjos, que, para se manifestarem aos santos e aos profetas, tiveram que se revestir de formas visíveis e palpáveis. Mas essas formas eram apenas corpos aéreos que eles movimentavam; elas tinham atributos simbólicos, que estavam relacionados com a missão que esses anjos tinham que executar.

Os anjos e os seus movimentos não estão localizados nem circunscritos a um ponto fixo e limitado do Espaço. Pelo fato de não estarem ligados a nenhum corpo, eles não podem ser tolhidos nem limitados por outros corpos, como acontece com o homem. Eles não ocupam nenhum lugar e não preenchem nenhum vazio.

Mas, assim como a nossa alma está toda inteira no nosso corpo, e em cada uma de suas partes, os anjos também se encontram inteiros e, quase que simultaneamente, em todos os pontos e em todas as partes do mundo. Mais rápidos do que o pensamento, eles podem agir em todos os lugares num piscar de olhos, operando por si mesmos e sem nenhum obstáculo a seus propósitos, a não ser os da vontade de Deus e os da liberdade que os homens devem possuir para exercer o seu livre-arbítrio.

Enquanto nós, pessoas comuns, estamos condenados a ver as coisas externas, aquelas que estão fora de nós, de uma forma gradual e limitada; enquanto as verdades sobrenaturais nos aparecem como enigmas num espelho, conforme a expressão do apóstolo Paulo, os anjos veem sem esforço o que lhes importa saber, e estão sempre em contato direto com o objeto de seus pensamentos.

*Os conhecimentos que os anjos possuem não resultam de nenhum aprendizado nem do raciocínio, mas de uma intuição clara e profunda que abrange de uma*



só vez todos os “seres”, o princípio das coisas e as consequências que decorrem dessa abrangência tão vasta.

A distância entre as épocas, a diferença que existe entre os lugares e a multiplicidade dos objetos não são capazes de produzir nenhuma confusão em seus Espíritos.

A essência divina, por ser infinita, é incompreensível para nós; ela tem mistérios e profundezas que os anjos também não podem alcançar. As intenções mais íntimas da Providência não são reveladas a eles. Entretanto, em certas circunstâncias, Deus lhes revela um determinado segredo, quando quer que esse segredo seja anunciado aos homens.

As comunicações entre Deus e os anjos, e dos anjos entre si, não são feitas por meio de sons articulados e nem por meio de sinais. As inteligências puras não precisam de olhos para ver, nem de ouvidos para ouvir, nem mesmo possuem o órgão da voz para manifestar os seus pensamentos.

O órgão da voz, tão utilizado pela Humanidade em suas relações terrenas, não lhes é necessário, pois eles transmitem os seus sentimentos de um modo que lhes é próprio, que só eles entendem, ou seja, inteiramente espiritual. Para se fazerem compreender, basta-lhes apenas a vontade.

Somente Deus conhece o número de anjos que existem. Certamente este número não é infinito, mas, segundo os autores sagrados e os santos doutores, os anjos existem em uma quantidade considerável.

Se o número de habitantes de uma cidade é proporcional à sua área, e se a Terra é apenas um átomo comparada ao firmamento e às imensas regiões do Espaço, é lógico concluir que o número de habitantes do Céu e do ar é muito superior ao dos homens.

Se a majestade de um rei é medida pela quantidade de seus súditos, de seus oficiais e servidores, o que poderia haver de mais apropriado para nos dar uma ideia da majestade do Rei dos reis (Deus), do que esta multidão inumerável de anjos que povoam o Céu e a Terra, o mar e os abismos, e também daqueles que permanecem *continuamente ajoelhados ou em pé* diante

do Seu trono?

Os pais da Igreja e os teólogos ensinam que os anjos se dividem em três grandes hierarquias ou principados, e cada hierarquia em três companhias ou grupos.

Os da primeira e mais alta hierarquia são designados de acordo com as funções que exercem no Céu. Uns são chamados de *Serafins*, porque diante de Deus eles ficam corados pelo entusiasmo que sentem em praticar a caridade. Outros são conhecidos como *Querubins*, porque são um reflexo luminoso da sabedoria de Deus. Outros, ainda, possuem o nome de *Tronos*, porque proclamam a grandeza do Criador, cujo brilho fazem resplandecer.

Os anjos da segunda hierarquia recebem seus nomes de acordo com as atividades que lhes são atribuídas no governo geral do Universo. São elas: as *Dominações*, que determinam aos anjos de classes inferiores as suas missões e deveres. As *Virtudes*, que executam os milagres solicitados pelos grandes interesses da Igreja e da raça humana. As *Potências*, que protegem com sua força e vigilância as Leis que regem o mundo físico e moral.

Os anjos da terceira hierarquia têm por missão a direção das sociedades e das pessoas, e são: os *Principados*, encarregados de reinos, províncias e dioceses. Os *Arcanjos*, que transmitem as mensagens de grande importância. Os *Anjos da Guarda*, que acompanham a cada um de nós, e cuidam da nossa segurança e santificação.

## CONTESTAÇÃO

---

**3** – O princípio geral resultante dessa doutrina é que os anjos são seres puramente espirituais, criados antes da Humanidade e superiores a ela. *Criaturas privilegiadas e predestinadas à felicidade suprema e eterna desde a sua criação* e dotadas, por sua própria natureza, de todas as virtudes e de posse de todos os conhecimentos, sem que nada tenham feito para adquiri-los.

Os anjos estão no primeiro plano da obra da Criação. No último plano, a vida é toda material e, entre os dois planos, existe a Humanidade, ou seja, as almas, seres espirituais inferiores aos anjos e ligados a corpos materiais.

Muitas dificuldades insolúveis resultam desse sistema. Em primeiro lugar, o que significa uma vida puramente material? Trata-se da matéria bruta? Mas a matéria bruta é inanimada e não tem vida própria. Porventura querem se referir aos animais e aos vegetais? Mas isso seria admitir uma quarta ordem na Criação, porque não se pode negar que há mais inteligência num animal do que num vegetal, e num vegetal, mais do que numa pedra.

A alma humana, que representa essa transição, fica unida diretamente a um corpo formado de matéria bruta. Esse corpo, sem a alma, não tem mais vida que um punhado de terra. Essa divisão peca evidentemente pela falta de clareza e não está de acordo com a observação dos fatos. Ela assemelha-se à **teoria dos quatro elementos**, que não resistiu ao progresso da Ciência.

## *Observação*

**Teoria dos quatro elementos:** Os quatro elementos são a água, a terra, o fogo e o ar. Os antigos filósofos da natureza acreditavam que esses eram os elementos básicos na constituição de toda matéria. A origem dessa teoria está na Grécia, entre os filósofos pré-socráticos. Desse modo, a origem da matéria era atribuída a um elemento diferente: ora ao fogo, ora à água e assim por diante.

Vamos admitir, portanto, os três termos utilizados: a *criatura espiritual*, a *criatura humana* e a *criatura corpórea*. Este é, conforme foi dito no Concílio de Latrão, o plano divino, plano majestoso e completo, como convém à eterna Sabedoria.

Notem que, entre esses três termos (criatura espiritual, criatura humana e criatura corpórea), não existe ligação alguma. São três criações independentes e formadas uma depois da outra. Observem também que de uma para outra existe uma interrupção, ao passo que na Natureza tudo se encadeia, tudo nos mostra uma Lei de Unidade admirável, cujos elementos se transformam uns nos outros e estão ligados entre si.

Essa teoria é verdadeira no sentido de que os três termos evidentemente existem, mas é incompleta, porque faltam os pontos de contato entre esses termos, como é fácil demonstrar.

**4** – A Igreja diz que esses três pontos culminantes da Criação são necessários à harmonia do conjunto, e que, se faltasse apenas um deles, a obra estaria incompleta, ou melhor, não estaria mais à altura do que se espera da eterna Sabedoria.

Entretanto, um dos dogmas fundamentais da religião diz que a Terra, os animais, as plantas, o sol, as estrelas e até mesmo a luz foram criados do *nada*, há seis mil anos. Antes dessa época não havia criatura humana nem criatura encarnada em corpo físico. Isso equivale a dizer que, se levarmos em conta a eternidade, a obra divina permaneceu imperfeita, porque, antes disso, nada existia.

A criação do Universo há seis mil anos é um **artigo de fé**, tão importante que há pouco tempo atrás a Ciência ainda era excomungada por destruir a cronologia bíblica, ao provar, com suas investigações, que a Terra e seus habitantes são bem mais antigos.

### *Observação*

**Artigo de fé:** Ver observação no capítulo 4 – O Inferno – item 6 – O inferno cristão teve como fonte de inspiração o inferno pagão.

Apesar disso, o Concílio de Latrão, concílio ecumênico que dita a Lei em matéria de doutrina, diz: “*Acreditamos firmemente* que existe somente um Deus verdadeiro, eterno e infinito, que *no começo dos tempos* tirou *conjuntamente* do nada as duas criaturas: a espiritual e a corpórea”.

Por *começo dos tempos* só podemos compreender a eternidade transcorrida, visto que o Tempo é infinito, assim como o Espaço, pois eles não têm começo nem fim. A expressão “*O começo dos tempos*” é antes uma figura que traz a ideia

de uma anterioridade *ilimitada*.

O Concílio de Latrão acredita *firmemente* que as criaturas espirituais e as criaturas corpóreas foram formadas simultaneamente e tiradas *em conjunto* do nada, numa época indeterminada no passado.

Assim, a que fica reduzido o texto bíblico que fixa essa criação há seis mil anos atrás? Mesmo admitindo que o Universo visível tenha começado nessa data, esse não é seguramente o começo dos tempos. E agora? Em quem devemos acreditar? No *Concílio de Latrão* ou na *Bíblia*?

**5** – Por outro lado, o mesmo Concílio formula uma estranha proposição: “Nossa alma, igualmente espiritual, está associada ao corpo de maneira a formar com ele uma só pessoa, e esse é, *essencialmente, o destino da alma*”. Ora, se o destino *essencial* da alma é estar unida ao corpo, esta união constitui o seu estado normal; é o seu objetivo, o seu fim, visto que este é o seu *destino*.

Entretanto, a alma é imortal e o corpo não; a sua união com o corpo só se realiza uma vez, segundo a Igreja, e ainda que durasse um século, nada representaria perante a eternidade. Para um grande número de criaturas, essa união é de apenas algumas horas. Que utilidade teria para a alma uma união tão efêmera?

Mesmo que essa união se prolongue pelo tempo máximo que pode durar uma existência terrena, ainda assim seria justo afirmar que o *destino da alma* é estar *essencialmente ligada ao corpo*? Não! Na verdade, essa união não passa de um mero incidente, de um estágio na vida da alma, e nunca do seu estado essencial.

Se o destino essencial da alma é estar unida a um corpo material; se, por sua natureza, e segundo o objetivo providencial da sua criação, essa união é necessária para que ela manifeste as suas faculdades, é preciso concluir que *a alma, sem o corpo, é um ser incompleto*.

Ora, para que a alma cumpra com os seus objetivos, após deixar o corpo, é fundamental que ela tome outro, o que nos conduz forçosamente à

pluralidade das existências, ou melhor, à reencarnação, através da eternidade.

É realmente muito estranho que um Concílio, reconhecido como uma das inteligências da Igreja, tenha dito que: “O ser espiritual e o ser material são a mesma coisa e um não pode existir sem o outro”. E diz mais: “A condição essencial da criação desses seres é a de estarem unidos”.

**6** – O quadro hierárquico dos anjos nos mostra que vários deles foram criados com a atribuição de governar o mundo físico e a Humanidade. Mas, segundo a *Gênesis*, o mundo físico e a Humanidade só existem há seis mil anos. O que faziam esses anjos antes dessa época, durante a eternidade, se os objetos das suas ocupações não existiam? Os anjos não foram criados desde toda a eternidade? Assim deveria ser, já que eles servem à glorificação do Altíssimo. Se Deus os tivesse criado numa época qualquer, teria ficado até essa época, ou seja, durante uma eternidade, sem adoradores.

**7** – O Concílio diz ainda: “*Enquanto* durar essa união tão íntima da alma com o corpo”... Então existe um momento em que essa união se desfaz? Essa proposição contradiz aquela que faz da união com o corpo o destino essencial da alma.

O Concílio também diz: “As ideias só chegam à alma pelos cinco sentidos, pela comparação dos objetos exteriores”. Eis aí um ensinamento filosófico, em parte verdadeiro, mas não em sentido absoluto. Segundo o eminente teólogo, receber as ideias através dos sentidos é uma condição que faz parte da natureza da alma. Entretanto, ele esquece as ideias inatas, as faculdades sublimes, que ultrapassam os limites da simples percepção, a intuição das coisas que a criança traz ao nascer e que não resulta de nenhum ensinamento.

Por meio de quais sentidos esses jovens camponeses, que fazem cálculos de forma natural, a ponto de causar admiração até mesmo nos sábios, adquirem ideias necessárias à resolução quase instantânea dos mais complicados problemas? O mesmo podemos dizer de certos músicos, pintores

e linguistas precoces.

“Os conhecimentos dos anjos não resultam de nenhum aprendizado nem do raciocínio”. Eles sabem simplesmente porque são anjos, não precisam aprender. Deus os criou assim. A alma, ao contrário, deve aprender. Mas, se alma só recebe as ideias por meio dos órgãos do corpo físico, quais são as ideias que podem ter a alma de uma criança que morre com poucos dias de vida, se admitirmos, como faz a Igreja, que essa alma não renasce mais?

**8** – Aqui se apresenta uma questão vital: a de saber se a alma pode adquirir conhecimentos após a morte do corpo ou não. Se, uma vez desligada do corpo, ela não pode adquirir novos conhecimentos, a alma da criança, do selvagem, do deficiente mental e do ignorante permanecerá tal como era no momento da morte, ou seja, condenada a ser alguém inútil por toda a eternidade. Mas, ao contrário, se a alma adquire novos conhecimentos após a vida atual, é porque ela pode progredir.

Sem o progresso da alma após a morte, chega-se a consequências absurdas. Com o progresso, chega-se à negação de todos os dogmas da Igreja, que têm por base o seu estado estacionário e que são: o destino definitivo, as penas eternas e assim por diante.

Se a alma progride, qual é o limite desse progresso? Não há razão alguma para que ela não atinja o grau dos anjos ou dos Espíritos puros. Ora, se a alma tem a possibilidade de chegar a esse estágio, não existe nenhuma justificativa para a criação de seres especiais e privilegiados, isentos de qualquer trabalho, desfrutando da felicidade eterna sem nada terem feito para conquistá-la, ao passo que outros seres, menos favorecidos, só obtêm essa felicidade suprema à custa de longos e cruéis sofrimentos e passando pelas provas mais rudes.

Não há dúvida de que Deus poderia ter criado seres já perfeitos (os anjos). Mas, admitindo-se o infinito de Suas perfeições, sem as quais Ele não seria Deus, é preciso admitir também que Ele nada faz de inútil, nada que possa desmentir a Sua soberana Justiça e a Sua soberana Bondade.

**9** – Considerando-se que a majestade de um rei pode ser medida pela quantidade dos súditos, de oficiais e de servidores que ele possui, o que pode haver de mais apropriado para nos dar uma ideia da majestade do Rei dos reis (Deus), do que esta multidão inumerável de anjos que povoam o Céu e a Terra, o mar e os abismos, e também daqueles que permanecem *continuamente ajoelhados ou em pé* diante do Seu trono?

Não será rebaixar a Divindade confrontar a Sua glória com o luxo dos soberanos da Terra? Essa ideia, gravada no Espírito das massas ignorantes, faz com que a opinião que se tem sobre a verdadeira grandeza de Deus seja falsa, a tal ponto de torná-la comparável com a mesquinhez da Humanidade.

Atribuir a Deus a necessidade de possuir milhões de adoradores, *continuamente ajoelhados* ou em pé diante do Seu trono, é querer que Ele possua a vaidade e a fraqueza próprias dos monarcas déspotas e orgulhosos do Oriente! O que torna os soberanos verdadeiramente grandes? Será que é o número e o brilho dos seus cortesãos? Não! É a bondade e a justiça, é o título merecido de pais do seu povo.

Pergunta-se: haverá algo mais apropriado para nos dar a ideia da grandeza e da majestade de Deus, do que a multidão de anjos que compõe a Sua corte? Sim, certamente que há, e esse algo mais apropriado é representá-Lo soberanamente bom, justo e misericordioso para com todas as Suas criaturas, e não representá-lo como um Deus colérico, ciumento, vingativo, implacável, exterminador, parcial, que cria, para homenagear a Sua própria glória, seres privilegiados, favorecidos com todos os dons e nascidos para a felicidade eterna, enquanto obriga outros a passarem por condições dolorosas para alcançar essa mesma felicidade, além de punir os que erram, num determinado momento da vida, com suplícios eternos...

**10** – Com respeito à união da alma com o corpo, o Espiritismo professa uma doutrina infinitamente mais *espiritualista*, para não dizer *menos materialista*. Ele tem a vantagem de estar em conformidade com a observação



dos fatos e o destino da alma. O Espiritismo nos ensina que a alma é independente do corpo, e que o corpo é apenas um envoltório temporário da alma.

*A espiritualidade é a essência da alma, e a sua vida verdadeira é a vida espiritual.* O corpo é apenas um instrumento para o exercício de suas faculdades nas relações com o mundo material. Separada do corpo, a alma desfruta de suas faculdades de modo mais amplo e com muito mais liberdade.

**11** – Embora a união da alma com o corpo seja necessária aos seus primeiros progressos, ela só se verifica no período em que podemos chamar de sua infância e adolescência. Quando a alma atinge um certo grau de perfeição e desmaterialização, essa união não é mais necessária, e ela continua o seu progresso na vida espiritual.

Por mais numerosas que sejam as existências corpóreas, elas são necessariamente limitadas pelo número de anos que o corpo físico viverá, e a soma dessas existências em um corpo de carne compreende uma parcela imperceptível da vida espiritual, que é infinita.

## **OS ANJOS SEGUNDO O ESPIRITISMO**

---

**12** – Não há dúvida de que existem seres dotados de todas as qualidades atribuídas aos anjos. Neste ponto, a revelação espírita confirma a crença de todos os povos, ao mesmo tempo em que explica a natureza e a origem desses seres.

As almas ou os Espíritos são criados simples e ignorantes, ou melhor, sem conhecimentos nem consciência do bem e do mal, mas aptos a adquirir, pelo trabalho, tudo o que lhes falta. O objetivo de todos os Espíritos é atingir a perfeição. Esse objetivo é alcançado com maior ou menor rapidez, de acordo com o uso que fazem do seu livre-arbítrio e na razão direta dos seus esforços.

Todos têm os mesmos degraus a percorrer, o mesmo trabalho a realizar. Deus não contempla melhor uns em relação a outros, porque todos são Seus filhos e, sendo Ele justo, não tem preferência por nenhum.

Deus lhes diz: Eis a Lei que deve guiar a conduta de vocês; somente ela pode levá-los ao objetivo; tudo o que estiver de acordo com a Lei pertence ao bem, tudo o que lhe for contrário pertence ao mal. Vocês são livres para segui-la ou transgredi-la e, assim, serão os responsáveis por seus próprios destinos.

Portanto, Deus não criou o mal; todas as Suas Leis conduzem ao bem. Foi o próprio homem quem criou o mal ao transgredir as Leis de Deus. Se ele as observasse com cuidado, jamais se afastaria do bom caminho.

**13** – Nas primeiras fases da sua existência, a alma é como se fosse uma criança, ou seja, inexperiente e, portanto, falível. Deus não lhe dá essa experiência, mas lhe dá os meios de adquiri-la. Cada passo em falso no caminho do mal é um atraso para a alma que, sofrendo as consequências do erro, aprende à sua própria custa o que deve evitar.

É assim que, pouco a pouco, ela se desenvolve, se aperfeiçoa e avança na hierarquia espiritual, até chegar ao estado de *Espírito puro* ou *anjo*. Pode-se dizer, então, que os anjos são as almas dos homens que atingiram o grau de perfeição que a criatura pode atingir e desfrutam, em sua plenitude, da felicidade prometida.

Antes de atingir o grau supremo, as almas desfrutam de uma felicidade relativa ao seu adiantamento. Mas essa felicidade não está na ociosidade e sim nas funções que lhes foram confiadas pela vontade de Deus, e que elas sentem-se felizes em executar, porque tais ocupações representam para alma um meio de progredir. (Ver capítulo 3 – O Céu.)

**14** – A Humanidade não se restringe à Terra. Ela ocupa os inúmeros mundos que circulam no Espaço. Já habitou os mundos que desapareceram e ocupará os que ainda vão se formar. Deus criou a Humanidade desde toda a

eternidade e jamais cessa de criá-la.

Muito antes que a Terra existisse e por mais antiga que possamos imaginar a sua criação, já havia outros mundos, nos quais Espíritos encarnados percorreram as mesmas fases que agora nós estamos percorrendo, atingindo o seu fim antes mesmo que tivéssemos saído das mãos do Criador.

Portanto, desde toda a eternidade, existem Espíritos puros ou anjos; mas, como a sua existência humana ocorreu num passado muito remoto, temos a impressão de que eles sempre foram anjos.

**15** – Realiza-se desse modo a grande Lei de Unidade da Criação. Deus nunca esteve inativo e sempre contou com o auxílio de Espíritos puros, experientes e esclarecidos, para transmitirem as Suas ordens e dirigirem todas as partes do Universo, desde o governo dos mundos até os mais ínfimos detalhes.

É por isso que Deus não precisa criar seres privilegiados, isentos de obrigações. Todos os Espíritos, antigos ou novos, conquistaram as suas posições através da luta e por mérito próprio. Assim, todos são filhos de suas obras. É desse modo que se cumpre, com igualdade, a soberana Justiça de Deus.

# CAPÍTULO 9

## OS DEMÔNIOS

- A ORIGEM DA CRENÇA NOS DEMÔNIOS
- OS DEMÔNIOS SEGUNDO A IGREJA
- OS DEMÔNIOS SEGUNDO O ESPIRITISMO

### A ORIGEM DA CRENÇA NOS DEMÔNIOS

---

**1** – Em todos os tempos os demônios desempenharam um papel de destaque nas narrativas sobre a origem dos deuses e do cosmo. Embora bastante desacreditados no conceito geral, a importância que ainda hoje se atribui aos demônios faz com que a questão tenha uma certa seriedade, porque atinge a essência das crenças religiosas. Eis por que é útil examiná-la em todos os seus aspectos.

A crença num poder superior é instintiva entre os homens. Nós a encontramos sob as mais diferentes formas e em todas as épocas do mundo. Mas, se ainda hoje, apesar do grau de cultura que os homens atingiram, ainda se discute sobre a natureza e os atributos dos demônios, imaginem o quanto deveriam ser imperfeitas as noções sobre esse assunto na infância da Humanidade!

**2** – A representação que fazemos hoje dos povos primitivos, deslumbrados com as belezas da Natureza e admirando nelas a bondade do Criador, é, sem dúvida, muito poética, mas desprovida de realidade.

Quanto mais o homem se aproxima do estado primitivo, mais ele é dominado pelo instinto, como acontece ainda hoje entre os povos bárbaros e

selvagens. A única preocupação desses povos primitivos é com a satisfação das necessidades materiais, até porque não existem outras.

O senso moral, que é o único sentido que lhes permite desfrutar das alegrias puramente morais, só se desenvolve lenta e gradualmente e com o decorrer do tempo. A alma tem também a sua infância, a sua adolescência e a sua virilidade, tal qual o corpo humano. Mas, para alcançar a virilidade que a torna capaz de compreender as coisas abstratas, ela ainda precisará percorrer muito no caminho da evolução humana! Ainda lhe serão necessárias inúmeras existências!

Sem precisar retornar aos tempos primitivos, observemos à nossa volta os camponeses e perguntemos a eles que sentimentos de admiração lhes despertam o esplendor do nascer do sol, o céu estrelado, o canto dos pássaros, o murmúrio das ondas cristalinas, os campos cobertos de flores!

Para esses camponeses simples, o sol nasce porque isso é habitual e lhes fornece o calor necessário para amadurecer as suas colheitas sem queimá-las. É tudo o que pedem do sol. Se eles olham para o céu, é no sentido de saber se o tempo será bom ou ruim no dia seguinte. O canto dos passarinhos lhes é indiferente, desde que não comam os grãos que serão colhidos.

Preferem o cacarejo das galinhas e o grunhido dos porcos ao canto do rouxinol. O que desejam dos riachos cristalinos é que eles não sequem e nem produzam inundações. Dos campos, querem que eles produzam boas pastagens, com ou sem flores. É tudo o que desejam e, dizemos mais, é tudo o que compreendem da Natureza, apesar de já estarem muito distanciados dos homens primitivos!

**3** – Se nos reportarmos aos “homens primitivos”, vamos vê-los preocupados exclusivamente com a satisfação das suas necessidades materiais. Para eles, o bem e o mal neste mundo resumem-se a tudo o que pode ajudá-los ou prejudicá-los.

Acreditam num poder sobre-humano, mas como o prejuízo material é o

que mais lhes incomoda, eles atribuem todo prejuízo, que porventura venham a sofrer, a esse poder sobre-humano, do qual fazem uma ideia muito vaga. Incapazes de conceber qualquer coisa fora do mundo visível e tangível, eles imaginam que esse poder é formado pelos seres e pelas coisas que lhes são prejudiciais.

Assim, os animais daninhos são, para esses povos primitivos, os representantes naturais e diretos desse poder sobre-humano. Pela mesma razão, veem nas coisas úteis a personificação do bem, o que explica o culto prestado a certos animais, a certas plantas e mesmo a objetos inanimados.

O homem geralmente é mais sensível ao mal do que ao bem, de maneira que o bem lhe parece natural, ao passo que o mal lhe afeta com mais intensidade. É por isso que nos cultos primitivos as cerimônias em homenagem ao poder maligno sempre foram mais numerosas. É o medo prevalecendo sobre a gratidão.

Por muito tempo o homem só compreendeu o bem e o mal do ponto de vista físico. Apenas mais tarde os sentimentos morais vieram fazer parte do progresso da inteligência humana. É a partir daí que o homem entrevê a espiritualidade e compreende que o poder sobre-humano está fora do mundo visível e não mais nas coisas materiais. Essa compreensão foi o resultado do trabalho de algumas inteligências privilegiadas, mas que mesmo assim não puderam ultrapassar certos limites.

**4** – Como se vê, havia uma luta incessante entre o bem e o mal e muitas vezes o mal prevalecia sobre o bem. Por outro lado, não se pode admitir, de forma racional, que o mal fosse obra de uma força do bem. Portanto, existem dois poderes rivais no governo do mundo. Foi daí que nasceu a “doutrina dos dois princípios”: o do bem e o do mal. Uma doutrina lógica, para aquela época, porque o homem ainda não era capaz de conceber outra e de compreender a essência do Ser Supremo.

Como o homem primitivo poderia compreender que o mal não passa de

um estado transitório do qual pode sair o bem, e que os males que o afligiam poderiam levá-lo à felicidade, ajudando-o em seu progresso? Os limites do seu horizonte moral não lhe permitiam ver nada além da sua vida presente, nem em relação ao passado, nem em relação ao futuro.

Seu horizonte moral limitado também não lhe permitia compreender que ele já havia progredido, nem que ainda teria que progredir individualmente e, muito menos, que as dificuldades da vida resultam da imperfeição do seu próprio ser espiritual, que preexiste e sobrevive ao corpo, depurando-se numa série de existências até atingir a perfeição.

Para compreender que do mal pode sair o bem, é preciso levar em conta não uma, mas várias existências. É necessário abranger o conjunto, pois somente assim tornam-se claras as verdadeiras causas e as suas consequências.

**5** – Durante muitos séculos, e com diferentes nomes, o duplo princípio do bem e do mal foi a base de todas as crenças religiosas. Entre os persas, esse duplo princípio chamava-se *Oromase* e *Arimane*. Entre os hebreus, *Jeová* e *Satanás*. Mas, assim como todo rei deve ter os seus ministros, todas as religiões admitiram poderes secundários ou gênios (Espíritos) bons ou maus.

Os pagãos personificaram esses poderes numa multidão enorme de indivíduos, aos quais deram a denominação genérica de *deuses*. Deram-lhes também atribuições especiais para o bem e para o mal, para os vícios e para as virtudes. Os cristãos e os muçulmanos herdaram dos hebreus os anjos e os demônios.

**6** – Portanto, a “doutrina dos demônios” tem a sua origem na antiga crença dos dois princípios: o bem e o mal. Vamos examiná-la aqui somente do ponto de vista cristão, para ver se ela está de acordo com as noções mais exatas que possuímos hoje, sobre os atributos da Divindade.

Os atributos de Deus são o ponto de partida, a base de todas as doutrinas religiosas. Os dogmas, o culto, as cerimônias, as práticas, a moral, tudo tem

relação com a ideia mais ou menos justa, mais ou menos elevada, que se faz de Deus, desde o **fetichismo** até o Cristianismo.

Se a essência íntima de Deus continua a ser um mistério para a nossa inteligência, nós a compreendemos hoje melhor do que nunca, graças aos ensinamentos do Cristo. O Cristianismo nos ensina, de forma racional, que: *Deus é único, eterno, imutável, imaterial, Todo-Poderoso, soberanamente bom e justo, infinito em todas as Suas perfeições.*

Conforme dissemos antes, no capítulo 6 – Primeira parte – “Doutrina das Penas Eternas”: Se tirássemos uma ínfima parcela de um só dos atributos de Deus, não teríamos mais Deus, visto que poderia existir um ser mais perfeito. Esses atributos, compreendidos em toda a sua plenitude, constituem o critério de todas as religiões, a medida da verdade de cada um dos princípios que elas ensinam.

Para que cada um desses princípios seja verdadeiro, é preciso que eles não atentem contra nenhuma das perfeições de Deus. Vejamos se isso realmente acontece com a doutrina vulgar dos demônios.

### *Observação*

**Fetichismo:** O homem primitivo atribuía a causa de alguns fenômenos a objetos que ele supunha representarem entidades espirituais e possuírem poderes de magia. Daí é possível retirar algumas superstições ainda hoje muito comuns: a sexta-feira treze, o gato preto, passar debaixo de uma escada, os amuletos, a ferradura, o pé de coelho e inúmeras outras.

## **OS DEMÔNIOS SEGUNDO A IGREJA**

---

**7** – Segundo a Igreja, *Satanás*, o chefe ou o rei dos demônios, não é uma representação figurada do mal, ele é um *ser real*, que pratica exclusivamente o mal, enquanto Deus pratica exclusivamente o bem. Vamos analisar Satanás conforme a definição da Igreja.

Satanás existe desde toda a eternidade, assim como Deus, ou ele é



posterior a Deus? Se ele sempre existiu, ele é *incriado* (aquele que não teve um início) e, portanto, é igual a Deus. Nesse caso, Deus deixa de ser único, pois haverá um deus do bem e um deus do mal.

Mas, e se Satanás for posterior a Deus? Então, ele é uma de Suas criaturas. Tendo em vista que Satanás só pratica o mal e que é incapaz de fazer o bem e de se arrepender, Deus criou um ser destinado a fazer o mal por toda a eternidade.

Se o mal não é obra de Deus, mas é obra de uma de Suas criaturas, predestinada a praticá-lo, Ele será sempre o primeiro autor do mal e, sendo assim, já não é infinitamente bom. O mesmo acontece com todos os seres maus chamados demônios.

*Nota de Allan Kardec: As citações seguintes são extraídas da pastoral do monsenhor Gousset, Cardeal Arcebispo da cidade de Reims (França), para a quaresma de 1865. Graças ao mérito pessoal e à posição do autor, podemos considerá-las como sendo a última palavra da Igreja sobre a doutrina dos demônios.*

**8** – Durante muito tempo, essa foi a crença sobre os demônios. Atualmente se diz:

Deus, que é a bondade e a santidade por excelência, não criou os demônios perversos e maus. Sua mão paternal, que procura imprimir em todas as Suas obras a marca de Suas perfeições infinitas, concedeu aos demônios magníficos predicados.

Deus os criou semelhantes aos Espíritos sublimes, que vivem na glória e na felicidade. Deu a eles as excelentes qualidades da Sua própria natureza e ainda acrescentou a generosidade do Seu perdão. Distribuídos por todas as ordens e ocupando todas as classes, eles tinham o mesmo objetivo e os mesmos destinos. O seu chefe foi o mais belo dos arcanjos.

Os demônios poderiam até ter alcançado a confirmação de “criaturas justas” para todo o sempre, e serem admitidos a desfrutar da felicidade dos

Céus. Este último favor, ou seja, desfrutar da felicidade celeste, seria o complemento de todos os outros favores até então recebidos, seria o prêmio pela docilidade deles. Mas os demônios se tornaram indignos desse prêmio, por meio de uma revolta audaciosa e insensata.

O que impediu os demônios de serem perseverantes? Que verdade eles desconhecaram? Que ato de fé e de adoração eles recusaram a Deus? *A Igreja e os anais das Santas Escrituras nada dizem a esse respeito de forma concreta*, mas parece certo que eles não concordaram com a “mediação” do Filho de Deus (Jesus) em seu favor, e nem com a escolha pela natureza humana, feita por Jesus Cristo, em detrimento da natureza angélica.

**Pastoral do monsenhor Goussset** – O Verbo Divino (Jesus), criador de todas as coisas, é também o único mediador e salvador, tanto na Terra quanto no Céu. A percepção sobrenatural só foi dada aos anjos e aos homens, na previsão da encarnação de Jesus e de seus méritos, pois não é possível comparar as obras dos Espíritos mais eminentes com esta recompensa chamada Jesus, que é o próprio Deus em si mesmo.

Nenhuma criatura teria conseguido chegar aonde Jesus chegou, sem a intervenção maravilhosa e sublime da caridade. Ora, para preencher a distância infinita que separa a essência de Deus, das obras feitas por suas próprias mãos, seria preciso que Jesus reunisse à sua pessoa os dois extremos, e que associasse à sua divindade a natureza do anjo ou a do homem. Jesus preferiu a natureza humana.

Esse plano, concebido desde toda a eternidade, foi revelado aos anjos muito tempo antes da sua realização. O Homem-Deus (Jesus) lhes foi mostrado como aquele que, futuramente, deveria confirmar os favores que eles receberam de Deus e guiá-los à glória, sob a condição de que o adorassem na Terra, durante a sua missão, e no Céu, por todos os séculos e séculos. Revelação inesperada, visão encantadora para os corações generosos e gratos. Entretanto, um mistério profundo e humilhante! – arrasador mesmo, para os Espíritos orgulhosos!

Esse destino sobrenatural, essa glória imensa que propunham aos anjos, não seria unicamente a recompensa por seus méritos pessoais! Os anjos nunca poderiam atribuir a si próprios os títulos e os créditos dessa glória! Um mediador entre eles e Deus! Que ofensa à sua dignidade! E a preferência espontânea de Jesus pela natureza humana? Que injustiça, que afronta aos seus direitos!

Os anjos terão que contemplar um dia essa Humanidade, que lhes é tão inferior, endeusada pela sua união com o Verbo (Jesus) e sentada à direita de Deus, sobre um trono resplandecente? Concederão esses anjos em prestar eternamente a Jesus as suas homenagens e as suas adorações?

Lúcifer e a terça parte dos anjos sucumbiram a esses pensamentos de inveja e de orgulho. São Miguel e a maioria dos anjos exclamaram: Quem é semelhante a Deus? Jesus é o dono de seus dons, o soberano Senhor de todas as coisas. Glória a Deus e ao Cordeiro (Jesus), que será imolado para a salvação do mundo!

Mas o chefe dos rebeldes, esquecendo que devia ao Criador a sua própria nobreza e os seus privilégios, deu ouvidos apenas à sua própria ousadia e disse: Eu mesmo subirei ao Céu; estabelecerei a minha morada acima dos astros; sentarei sobre a montanha da Aliança, nos flancos do Aquilão (vento norte); dominarei as nuvens mais elevadas e serei semelhante ao Altíssimo.

Aqueles que partilhavam com os seus sentimentos acolheram essas palavras com murmúrios de aprovação. Havia partidários em todas as ordens da hierarquia. Mas o fato de eles serem uma multidão não os livrou do castigo.

## **9 – Esta doutrina permite várias objeções:**

**1ª** – Se Satanás e os demônios eram anjos, eles eram perfeitos. Como então, eles sendo perfeitos, puderam falir a ponto de desconhecer a autoridade de Deus, em cuja presença se encontravam? Se ao menos tivessem conquistado essa superioridade moral de maneira lenta e gradual, depois de haver percorrido toda a escala da perfeição, poderíamos até conceber um triste

retrocesso.

Mas o que torna a questão ainda mais incompreensível é que os anjos nos são apresentados como tendo sido criados perfeitos desde a sua origem.

A consequência dessa teoria é a seguinte: Deus quis fazer dos anjos seres perfeitos, já que os favoreceu com todos os dons e com todas as faculdades, mas se enganou. Assim, segundo a Igreja, Deus não é infalível.

***Nota de Allan Kardec:** Esta doutrina monstruosa foi confirmada por Moisés, quando disse (Gênesis, capítulo 6, versículos 6 e 7): “Ele se arrependeu de haver criado o homem na Terra e, sendo tocado de dor até o mais fundo do Seu coração, exclamou: Exterminarei o homem da face da Terra, exterminarei tudo, desde o homem até os animais, desde os que rastejam no solo, até os pássaros que voam no céu, porque me arrependo de os ter criado”.*

*Ora, um Deus que se arrepende daquilo que fez não é perfeito nem infalível: portanto, não é Deus. No entanto, são estas as palavras que a Igreja proclama como “verdades sagradas”. Por outro lado, também não se compreende o que poderia haver de comum entre os “animais” e a “perversidade dos homens”, para que “os animais” também merecessem o extermínio.*

**2ª** – Visto que nem a Igreja e nem os anais da História Sagrada explicam a causa da rebelião dos anjos contra Deus, e que apenas dão, como *quase certa*, que ela se deveu à relutância em reconhecer a futura missão do Cristo, perguntamos: que valor pode ter uma descrição tão precisa e detalhada do que aconteceu?

Qual foi a fonte utilizada pela Igreja para obter palavras tão claras e até simples conversas? De duas, uma: ou a cena é verdadeira ou não é. Se ela é verdadeira, e não resta nenhuma dúvida, por que então a Igreja não resolve a questão revelando o que de fato aconteceu? Se a Igreja e a História se calam, se a causa da revolta dos anjos apenas *parece* certa, tudo não passa de uma hipótese e a cena descrita é simples obra da imaginação.

**Nota de Allan Kardec:** *Encontra-se em Isaías (capítulo 14, versículos 11 e seguintes): Seu orgulho foi lançado nos infernos; seu corpo morto tombou na Terra; sua cama exalará podridão e suas vestes se cobrirão de vermes. Como você caiu do Céu, Lúcifer, você que parecia tão brilhante ao romper do dia? Como você foi arremessado sobre a Terra, você que feria as nações com seus golpes; que dizia de coração: Subirei aos Céus, estabelecerei o meu trono acima dos astros de Deus, sentarei sobre a montanha da Aliança, nos flancos do Aquilão (vento norte); me colocarei sobre as nuvens mais elevadas e serei semelhante ao Altíssimo! E, no entanto, você foi precipitado desta glória para o inferno, até o mais profundo dos abismos.*

*Aqueles que vão vê-lo, ao se aproximarem, dirão: Será este o homem que aterrorizou a Terra, que espalhou o terror nos reinos, que transformou o mundo num deserto, que destruiu as cidades e que manteve acorrentados todos aqueles a quem aprisionou?*

*Estas palavras do profeta Isaías não se referem à revolta dos anjos. Elas fazem alusão ao orgulho e à queda do rei da Babilônia, que mantinha os Judeus em cativeiro, como confirmam os últimos versículos. O rei da Babilônia é designado de modo alegórico por Lúcifer, mas não há qualquer menção à cena que descreve a revolta dos anjos. Essas palavras são as que o rei tinha em seu coração e se colocava, por orgulho, acima de Deus, além de manter o povo escravizado.*

Além disso, o assunto exclusivo desse capítulo de Isaías versa sobre a profecia da libertação do povo judeu, a ruína da Babilônia e a derrota dos assírios.

**3ª** – As palavras atribuídas a Lúcifer revelam uma ignorância admirável para um arcanjo que, por sua própria natureza e pelo grau de conhecimento que já havia alcançado, não poderia participar, no tocante à organização do Universo, dos erros e dos preconceitos que os homens professavam, até o momento em que a Ciência veio esclarecê-los.

Como ele pôde dizer: Estabelecerei a minha morada acima dos astros,

dominarei as nuvens mais elevadas? É sempre a velha crença, tendo a Terra como centro do Universo, um céu formado de nuvens que se estendem até as estrelas, que por sua vez estão em uma região limitada.

A Astronomia já mostrou que as estrelas estão espalhadas por um espaço infinito. Hoje, sabe-se que as nuvens não ultrapassam a duas léguas (mais ou menos 10 km) além da superfície da Terra. Para dizer que dominaria as nuvens mais elevadas, referindo-se às montanhas, seria necessário que as cenas se passassem na superfície da Terra e que nela se localizasse a morada dos anjos. Por outro lado, se a morada dos anjos se localizasse nas regiões superiores, fica claro que ela deveria situar-se muito além das nuvens.

Atribuir aos anjos uma linguagem marcada pela ignorância é admitir que os homens de hoje são mais sábios do que os anjos. A Igreja cometeu o erro de não levar em conta os progressos realizados pela Ciência.

**10** – A resposta à primeira objeção (se Satanás e os demônios eram anjos, eles eram perfeitos) se encontra na seguinte passagem:

A Escritura e a tradição dão o nome de Céu ao lugar onde os anjos foram colocados no momento da sua criação. Mas esse não era o Céu dos Céus, aquele Céu cuja visão causa êxtase, o Céu onde Deus se mostra aos Seus eleitos face a face, e onde esses eleitos O contemplam claramente, sem dificuldades e sem esforços, porque, nesse Céu, não existem mais perigos e nem a possibilidade de pecar. A tentação e a dúvida são aí desconhecidas; a justiça, a alegria e a paz reinam com segurança absoluta; a santidade e a glória são perpétuas.

Era, portanto, outra região celeste, uma esfera luminosa e afortunada, onde essas nobres criaturas (os anjos), largamente favorecidas pelas comunicações divinas, deviam receber e aderir a essas comunicações com fé e humildade, antes de serem admitidas à condição de ver claramente a realidade na companhia do próprio Deus.

Pode-se deduzir, do que foi dito acima, que os anjos decaídos pertenciam

a uma categoria menos elevada, menos perfeita, não havendo alcançado ainda o lugar supremo onde o erro é impossível. Sendo assim, existe uma contradição evidente no texto que diz: “Deus criou os anjos em tudo semelhantes aos Espíritos sublimes que, distribuídos por todas as ordens e ocupando todas as classes, tinham o mesmo objetivo e o mesmo destino, sendo que o seu chefe (Lúcifer) foi o mais belo dos arcanjos”.

Ora, se eles foram feitos em tudo semelhantes aos outros, não podiam ter uma natureza inferior e, se estavam misturados em todas as classes, não podiam estar num lugar especial. Assim, a objeção que fazemos é totalmente válida.

**11** – Existe ainda uma outra objeção que é, incontestavelmente, a mais importante e mais séria de todas.

Está escrito: “Este plano (a mediação do Cristo), concebido *desde toda a eternidade*, foi revelado aos anjos muito tempo antes da sua realização”. Deus sabia, portanto, desde toda a eternidade, que os anjos, assim como os homens, teriam a necessidade dessa mediação. Ele também sabia que alguns anjos falhariam, e que essa queda acarretaria para eles uma condenação eterna, sem esperança de retorno. Que o destino deles seria tentar os homens no caminho do mal e que aqueles que se deixassem seduzir teriam a mesma sorte.

Ora, se Deus sabia de tudo isso, então criou esses anjos com conhecimento de causa, para que se perdessem irrevogavelmente e, com eles, arrastassem uma grande parte da Humanidade. Com tal doutrina, por mais que se queira, é impossível conciliar a criação dos anjos e dos homens, passíveis de falhar, com a soberana bondade de Deus.

Se Ele nada sabia, não era Onisciente nem Todo-Poderoso. Num e noutro caso, temos a negação de dois atributos, sem a plenitude dos quais Deus não poderia ser Deus.

**12** – Admitindo-se que os anjos sejam tão falíveis quanto os homens, a punição é uma consequência justa e natural da falta por eles cometida. Mas, se

admitirmos, ao mesmo tempo, a possibilidade do resgate e do perdão, após o arrependimento e a expiação, tudo se esclarece e fica de acordo com a bondade de Deus.

De fato, Deus sabia que os anjos falhariam, que seriam punidos, mas sabia também que o castigo temporário seria um meio de fazê-los compreender a própria falta e que isso reverteria em benefício dos mesmos.

Assim, se confirmam as palavras do profeta Ezequiel: “Deus não quer a morte do pecador, mas a sua salvação”. O que seria a negação da bondade de Deus, e a inutilidade do arrependimento pela impossibilidade do retorno ao bem. (Ver capítulo 7, item 20.)

Admitindo-se essa hipótese, seria rigorosamente exato dizer-se que: “Esses anjos, desde a sua criação, uma vez que Deus não o podia ignorar, foram destinados ao mal por toda a eternidade e predestinados a se tornarem *demônios* para arrastar os homens ao mal”.

### **13** – Vejamos agora qual o destino desses anjos e o que eles fazem:

Tão logo se manifestou a revolta na linguagem desses Espíritos sublimes, ou melhor, na ousadia dos seus pensamentos, eles foram banidos irrevogavelmente da cidade celeste e arremessados no abismo.

Por estas palavras, entendemos que eles foram jogados num lugar de suplícios, no qual sofrem a pena do fogo, conforme o texto do Evangelho, dito pelo próprio Salvador: “Vão, malditos, ao fogo eterno que foi preparado para o demônio e os seus anjos”. São Pedro diz claramente: “Deus os enviou às cadeias e às torturas do inferno, embora nem todos fiquem lá eternamente. Isso só acontecerá no fim do mundo, quando eles serão encarcerados para sempre, juntamente com os condenados”.

Atualmente, Deus ainda permite que anjos decaídos ocupem um lugar nesta criação à qual pertencem; e também permite que eles abusem, da maneira mais perniciosa, das relações que deveriam ter com os homens.

Enquanto uns ficam em sua morada tenebrosa, servindo de instrumento à



Justiça divina *contra as almas infelizes que eles seduziram*, uma infinidade de outros formam legiões invisíveis sob o comando de seus chefes, residindo nas camadas inferiores da nossa atmosfera e percorrendo todas as partes do globo.

Envolvem-se em tudo o que acontece no mundo físico, tomando parte muito ativa nos acontecimentos terrenos.

No que diz respeito às palavras do Cristo sobre o suplício do fogo eterno, já explanamos no capítulo 4 – *O Inferno*.

**14** – Conforme esta doutrina, apenas uma parte dos demônios fica no inferno. A outra parte vagueia em liberdade, envolvendo-se em tudo o que se passa na Terra, divertindo-se em praticar o mal, e isso até o fim do mundo, cuja data indeterminada não chegará tão cedo.

Mas, por que então essa diferença, ou seja, uns no inferno e outros em liberdade? Serão os demônios livres menos culpados? Certamente que não. A menos que eles se revezem nos seus papéis, como se pode deduzir desta passagem: “Enquanto uns ficam em sua morada tenebrosa, servindo de instrumento à Justiça divina contra as almas infelizes que eles seduziram”.

Portanto, a ocupação dos demônios consiste em atormentar *as almas que foram por eles seduzidas*. Assim, eles não estão encarregados de punir as almas culpadas, que cometem faltas por sua livre vontade, mas de punir as almas que caíram pela própria interferência deles. Os demônios são, ao mesmo tempo, *a causa do erro e o instrumento de castigo*, coisa que a justiça humana, por mais imperfeita que seja, jamais admitiria.

A vítima que sucumbe por fraqueza, em circunstâncias que foram criadas para tentá-las, é punida tão severamente quanto o agente provocador (o demônio), que emprega contra ela a esperteza e a astúcia.

Pode-se dizer que a punição da vítima é até mesmo mais severa, porque ao deixar a Terra ela vai para o inferno, para de lá nunca mais sair, sofrendo sem trégua nem perdão, por toda a eternidade, enquanto o causador do seu erro desfruta de uma dilatação de prazo, em liberdade, até o fim do mundo!

Como pode a Justiça de Deus ser menos perfeita que a justiça dos homens?

**15** – Isto, porém, ainda não é tudo: “Deus permite que os demônios ainda ocupem um lugar na criação, nas relações que devem ter com os homens e das quais abusam da maneira mais perniciosa”. Deus poderia ignorar que eles iriam abusar da liberdade que Ele próprio lhes concedeu? Então, por que a concedeu?

Nesse caso, é com conhecimento de causa que Deus abandona as Suas criaturas à própria sorte, sabendo, já que é onipotente, que elas vão sucumbir e que terão o mesmo destino dos demônios. Será que elas já não são, por si mesmas, bastante fracas para falirem, sem terem a necessidade de serem induzidas ao mal, por um inimigo tão perigoso e invisível?

Se ao menos o castigo fosse temporário e o culpado pudesse salvar-se pela reparação!... Mas não: Ele é condenado pela eternidade! Seu arrependimento, seu retorno ao bem, suas lamentações, nada disso tem valor!

Sendo assim, os demônios são os agentes provocadores predestinados a recrutar almas para o inferno, e isso com a permissão de Deus, que sabia, quando criou essas almas, o destino que lhes estava reservado.

O que se diria na Terra de um juiz que recorresse a tal expediente, para encher as prisões? Estranha ideia que a Igreja nos oferece da Divindade, de um Deus cujos atributos essenciais são a soberana Justiça e a soberana Bondade! E é em nome de Jesus Cristo, aquele que só pregou o amor, a caridade e o perdão, que tais doutrinas são ensinadas!

Houve um tempo em que essas anomalias passavam despercebidas, porque não eram compreendidas nem sentidas. O homem, curvado ao domínio do despotismo, abdicava da sua razão e se submetia à fé cega. Hoje, que a hora da emancipação chegou, esse homem compreende a justiça e deseja tê-la durante a sua vida e também depois da sua morte. Eis por que ele diz: “Isto não existe, não pode ser, se for assim, Deus não é Deus”.

**16** – O castigo segue por toda parte esses seres decaídos e malditos (os demônios), que carregam sempre consigo o seu próprio inferno. Eles não têm paz nem repouso. As próprias doçuras da esperança foram transformadas para eles em amarguras. A esperança lhes é odiosa. A mão de Deus os feriu no exato instante em que pecaram, e a sua vontade se obstinou no mal. Uma vez que ficaram perversos, eles não querem mais deixar de sê-lo, e o serão para sempre.

Esses seres decaídos são, depois do pecado, o que o homem é depois da morte. *A reabilitação deles torna-se também impossível.* O prejuízo dessas criaturas, daqui em diante, é irreparável. Eles perseveraram em seu orgulho perante Deus, no seu ódio contra o Cristo, e na sua inveja contra a Humanidade.

Os demônios, não podendo conquistar a glória celeste, pela ambição desmedida, procuram estabelecer o seu império na Terra, banindo dela o Reino de Deus. O Verbo encarnado (Jesus) cumpriu, apesar deles, a sua missão para salvação e glória da Humanidade.

Os anjos decaídos empregam todos os meios para levar à perdição as almas resgatadas pelo Cristo. Utilizam a astúcia e a importunação, a mentira e a sedução, todos os meios são empregados para arrastar essas almas ao mal e à ruína completa.

Com inimigos tão persistentes, a vida do homem é uma luta sem tréguas, desde o berço até o túmulo, visto que os demônios são poderosos e incansáveis.

Esses inimigos são os mesmos que, depois de terem introduzido o mal no mundo, cobriram a Terra com as espessas trevas do erro e do vício. Foram eles que, durante longos séculos, se fizeram adorar como deuses e reinaram como senhores, sobre os povos da Antiguidade. São os mesmos, enfim, que ainda hoje exercem influência tirânica em regiões onde se pratica a idolatria, fomentando a desordem e o escândalo até mesmo no seio das sociedades cristãs.

Para compreender todos os recursos que utilizam a serviço da maldade, basta notar que *eles nada perderam das extraordinárias faculdades que são os*

*privilégios da natureza angélica.* Entretanto, o “futuro” e principalmente “a ordem sobrenatural” têm mistérios que Deus reservou para Si e que eles não podem penetrar.

A inteligência dos demônios é muito superior à nossa, porque eles percebem num simples olhar as consequências de uma ação ainda no seu início e distinguem toda reação que pode advir dessa ação. Essa percepção lhes permite antecipar acontecimentos futuros que escapam às nossas previsões.

Possuem uma agilidade que anula as distâncias entre os diferentes lugares. Mais rápidos que o raio e o pensamento, eles se encontram quase que ao mesmo tempo sobre os diversos pontos do globo e são capazes de descrever, a distância, os acontecimentos que testemunham na mesma hora em que eles ocorrem.

Os demônios não têm acesso e não podem mudar as Leis Gerais com as quais Deus rege e governa o Universo, razão pela qual não operam milagres; possuem, no entanto, a arte de imitar e falsificar, dentro de certos limites, as obras divinas. Conhecem quais os fenômenos que resultam da combinação dos elementos e predizem com segurança os resultados de combinações naturais, assim como das combinações que eles mesmos podem produzir.

Daí vem o grande número de oráculos, as extraordinárias profecias contidas nos livros sagrados e profanos, que têm servido de base e de alimento para todas as superstições.

A substância simples e imaterial que compõe os demônios escapa às nossas vistas. Eles permanecem ao nosso lado sem serem percebidos; atingem a nossa alma, sem tocar os nossos ouvidos. Acreditamos estar obedecendo aos nossos próprios pensamentos, quando, na verdade, sofremos as suas tentações e a sua funesta influência.

Conhecem os nossos pensamentos pelas impressões que deles deixamos transparecer, e nos atacam geralmente pelo lado mais fraco. Para nos seduzirem com mais segurança, costumam apresentar-nos ideias e sugestões de acordo com as nossas inclinações. Modificam a sua atitude conforme as circunstâncias

e o caráter de cada temperamento que desejam induzir ao mal. As suas armas favoritas são a mentira e a hipocrisia.

**17** – Dizem que o castigo os persegue por toda parte e que eles não têm paz nem repouso. Isso não invalida de forma alguma a observação que fizemos sobre o privilégio dos demônios que estão fora do inferno. Um privilégio que não tem justificativa, porque aqueles que estão fora do inferno podem fazer muito mais mal.

Com toda certeza, eles não são felizes como os anjos bons. Mas, e a relativa liberdade que desfrutam, não deve ser levada em consideração? Se eles não têm a felicidade moral que a virtude proporciona, são incontestavelmente mais felizes que os seus comparsas que padecem nas chamas do inferno. Por outro lado, os maus têm sempre uma espécie de prazer em praticar o mal com toda a liberdade.

Perguntem a um criminoso o que ele prefere: ficar na prisão ou percorrer livremente os campos para cometer os seus crimes à vontade? Pois o caso dos demônios é exatamente o mesmo.

Dizem que o remorso os persegue sem tréguas nem piedade. Mas esquecem que o remorso é o que vem imediatamente antes do arrependimento, quando não é o próprio arrependimento. Dizem também que: aqueles que são perversos obstinam-se na perversidade, e serão malvados para sempre.

Mas, se eles não querem deixar de ser perversos, é porque não sentem remorsos. Se tivessem o menor sentimento de pesar sobre aquilo que fazem, renunciariam ao mal e pediriam perdão. Assim, o remorso não constitui nenhum castigo para eles.

**18** – Os demônios são, depois de terem cometido o pecado, o que o homem é depois da morte. A reabilitação dos que caíram torna-se, portanto, impossível. Ora, de onde vem essa impossibilidade? Não se compreende que ela seja a consequência da sua semelhança com o homem depois da morte,

proposição que, aliás, não é muito clara.

Porventura, essa impossibilidade de reabilitação viria da própria vontade dos demônios ou da vontade de Deus? Se for da própria vontade dos demônios, isso denota uma extrema perversidade, um endurecimento absoluto no mal. Nesse caso, não se compreende que seres tão profundamente perversos pudessem algum dia ter sido *anjos de virtude* e que, durante o tempo *indefinido* que passaram entre os anjos bons, não tenham deixado transparecer nenhum sinal da sua natureza má.

Se for da vontade de Deus, compreende-se menos ainda que Ele imponha, como castigo, a impossibilidade da reparação, do retorno ao bem, após uma primeira falta. O Evangelho não ensina nada semelhante.

**19** – E o texto acrescenta: “A sua perda é desde então irreparável, e eles perseveram em seu orgulho perante Deus”. Aliás, de que lhes serviria não perseverar no orgulho, uma vez que todo arrependimento é inútil? O bem só poderia interessá-los se ao menos eles tivessem uma esperança de reabilitação, não importa a que preço.

Se os demônios perseveram no mal é porque a porta da esperança está fechada para eles. Mas por que Deus lhes fecharia essa porta? Para se vingar da ofensa que eles fizeram ao não se submeterem à Sua vontade.

Assim, para satisfazer o Seu ressentimento contra alguns culpados, Deus prefere vê-los não somente sofrer, mas continuarem a praticar o mal em lugar do bem. Dessa forma, empurra para a perdição eterna todas as criaturas do gênero humano, quando um simples ato de clemência bastaria para evitar tamanho desastre, um desastre já previsto desde toda a eternidade!

Seria, por acaso, esse ato de clemência, um perdão puro e simples, algo que pudesse transformar-se num estímulo ao mal? Não; esse perdão estaria condicionado a um sincero retorno ao bem. Em vez de uma palavra de esperança e misericórdia, é como se Deus tivesse dito: *Pereça toda a raça humana, ante a Minha vingança!*

Muita gente ainda se admira que, com semelhante doutrina, existam incrédulos e ateus! Foi assim que Jesus nos apresentou o seu Pai? Ele, que fez do esquecimento e do perdão das ofensas uma Lei expressa, que nos ensinou a pagar o mal com o bem, que prescreveu o amor aos inimigos como a primeira das virtudes que devem nos conduzir ao Céu. Por acaso, Jesus queria que os homens fossem melhores, mais justos e mais tolerantes que o próprio Deus?

## OS DEMÔNIOS SEGUNDO O ESPIRITISMO

---

**20** – Segundo o Espiritismo, nem os “anjos” nem os “demônios” são seres distintos, pois a criação de seres inteligentes é uma só. Ligados a corpos materiais, esses seres constituem a Humanidade que povoa a Terra e outras esferas habitadas. Uma vez libertos do corpo material, eles compõem o mundo espiritual ou dos Espíritos, que povoam os Espaços.

Deus os criou *com capacidade para se aperfeiçoarem* e deu-lhes como meta a perfeição, e a felicidade que dela resulta, mas *não lhes deu a perfeição*. Quis que eles alcançassem-na pelo seu esforço pessoal, a fim de que tivessem o seu próprio mérito.

Desde o instante da sua criação, esses seres começam a progredir, seja através das sucessivas encarnações, seja no período em que permanecem no mundo espiritual. Quando chegam ao apogeu, tornam-se *Espíritos puros* ou *anjos*, segundo a denominação popular. Assim, a partir do embrião do ser inteligente até o anjo, existe uma cadeia contínua em que cada elo representa um grau de progresso.

Disso resulta que existem Espíritos em todos os graus de adiantamento moral e intelectual, conforme a posição em que se encontram, na imensa escala do progresso. Portanto, existem Espíritos em todos os graus de saber e de ignorância, de bondade e de maldade.

Nas classes inferiores encontram-se os Espíritos que ainda estão

profundamente propensos ao mal e que nele se comprazem. Esses Espíritos podem ser denominados de *demônios*, pois são capazes de todas as maldades atribuídas a essas criaturas.

O Espiritismo não chama esses seres de *demônios*, porque essa palavra dá a ideia de uma criação distinta da Humanidade, com uma natureza essencialmente perversa, destinada eternamente ao mal e incapaz de progredir para o bem.

**21** – Segundo a doutrina da Igreja, os demônios foram criados bons e se tornaram maus por sua desobediência; são anjos decaídos. Foram colocados por Deus no alto da escala e de lá desceram. Segundo o Espiritismo, os demônios são Espíritos imperfeitos que vão se melhorar. Encontram-se ainda na parte de baixo da escala, mas um dia subirão.

Os Espíritos que, por apatia, negligência, obstinação e má vontade, persistem em ficar mais tempo nos degraus inferiores, sofrem as consequências dessa atitude, e o hábito de fazer o mal lhes dificulta a regeneração.

Entretanto, chega o dia em que eles se cansam dessa existência penosa e dos sofrimentos que ela acarreta. É então que, ao comparar a sua situação com a dos bons Espíritos, eles compreendem que o seu interesse está na prática do bem e procuram se melhorar. Mas o fazem por vontade própria, sem serem forçados a isso.

*Eles estão submetidos à Lei do Progresso, em virtude da sua própria aptidão para progredir, mas não podem progredir contra a sua própria vontade.* Deus lhes oferece constantemente os meios para progredir, mas eles são livres para aceitar ou recusar esses meios. Se o progresso fosse obrigatório, eles não teriam mérito algum, e Deus quer que todos tenham o mérito por suas obras.

Ninguém é colocado no alto da escala por privilégio, mas todos podem alcançá-lo, à custa do próprio esforço. Os anjos mais elevados conquistaram esse grau, passando, como os outros, pelo caminho que é comum a todos.



**22** – Os Espíritos, quando chegam a um certo grau de pureza, recebem missões adequadas ao seu progresso; desempenham assim todas as funções atribuídas aos anjos de diferentes categorias. Como Deus nunca parou de criar, desde toda a eternidade, sempre existiram Espíritos em número suficiente para atender as necessidades do governo do Universo.

Uma única espécie de seres inteligentes, submetida à Lei do Progresso, é suficiente para satisfazer a todos os objetivos da Criação. Esta ideia de uma Criação única, aliada à ideia de que todos têm o mesmo ponto de partida, o mesmo caminho a percorrer, e que se elevam pelos próprios méritos, corresponde melhor à Justiça de Deus, do que a criação de seres especiais, mais ou menos favorecidos por dons naturais; essa criação seria um privilégio e não estaria de acordo com a Justiça divina.

**23** – A doutrina popular sobre a natureza dos anjos, dos demônios e das almas humanas, ao não admitir a Lei do Progresso, e nem a existência de seres em diferentes graus de evolução, nos leva à conclusão de que esses seres são o produto de diversas criações especiais.

Assim, essa doutrina faz de Deus um Pai parcial, que dá tudo a alguns de Seus filhos, enquanto impõe a outros o mais árduo trabalho.

Não é de se admirar que durante muito tempo os homens nada tenham visto de chocante “nessas preferências”, porque eles faziam a mesma coisa com os seus próprios filhos, estabelecendo direitos ao filho primogênito e outros privilégios de nascença. *Será que esses pais poderiam pensar que erravam mais do que Deus?*

Hoje, as ideias se ampliaram e os homens veem as coisas com mais clareza, têm noções mais precisas de justiça e as desejam para si mesmos. Se eles não encontram essa justiça na Terra, esperam encontrá-la mais perfeita no Céu.

É por isso que a razão rejeita toda e qualquer doutrina em que a Justiça de Deus não apareça na plenitude integral da sua pureza.

## CAPÍTULO 10

# INTERVENÇÃO DOS DEMÔNIOS NAS MODERNAS MANIFESTAÇÕES

**1** – Os fenômenos espíritas modernos têm chamado a atenção sobre fatos semelhantes que ocorreram em todas as épocas, e sobre os quais a História nunca foi tão consultada como nos últimos tempos. Pela semelhança dos fatos, conclui-se que eles possuem uma causa em comum.

Como sempre acontece com todos os fatos extraordinários cuja razão é desconhecida, o povo ignorante viu nos fenômenos espíritas uma causa sobrenatural e a superstição tratou de aumentá-los, juntando a eles crenças absurdas. Provém daí uma infinidade de lendas que, na sua maioria, misturam poucas verdades com muitas mentiras.

**2** – As doutrinas sobre o demônio, que por tanto tempo prevaleceram, exageraram de tal maneira o poder deles, que quase fizeram com que os homens se esquecessem de Deus. Por toda parte surgia a mão de Satanás, bastando para isso que o fato observado ultrapassasse os limites do poder humano.

As melhores coisas, as descobertas mais úteis, principalmente aquelas que pudessem tirar o homem da ignorância e alargar as suas ideias, foram muitas vezes consideradas como obras do diabo.

Os fenômenos espíritas, multiplicando-se em nossos dias, e melhor observados à luz da razão e com o auxílio da Ciência, confirmam a intervenção de inteligências ocultas. Entretanto, essas inteligências ocultas agem sempre dentro dos limites das Leis Naturais e revelam, por sua ação, uma nova força e Leis até então desconhecidas. A questão se reduz, então, em saber a que ordem pertencem essas inteligências.

Enquanto só se possuíam noções incertas ou sistemáticas sobre o mundo espiritual, foi possível ignorá-lo e os equívocos até podiam acontecer. Mas hoje, que observações rigorosas e estudos experimentais esclarecem sobre a natureza, a origem e o destino dos Espíritos, bem como o seu modo de agir e o papel que eles desempenham no Universo, a questão foi resolvida pelos fatos.

Atualmente, sabemos que estas “inteligências ocultas” são as almas dos homens que viveram na Terra. Também sabemos que as diversas categorias de Espíritos, bons e maus, não são seres de espécies diferentes, ou melhor, são apenas seres que estão *em graus de evolução diferentes*.

Os Espíritos se manifestam de diversas maneiras, conforme a posição que ocupam em virtude do desenvolvimento intelectual e moral que cada um já alcançou. Porém, isso não os impede de pertencerem à grande família humana, do mesmo modo que o selvagem, o bárbaro e o homem civilizado.

**3** – Sobre esse ponto, assim como em muitos outros, a Igreja mantém as suas velhas crenças a respeito dos demônios. Diz ela: “Temos princípios que não se modificam há dezoito séculos porque são imutáveis”.

O erro da Igreja consiste justamente em não levar em conta o progresso das ideias e considerar Deus muito pouco sábio para não proporcionar a *Revelação (conhecimentos de origem divina)* aos homens, à medida que a sua inteligência vai se desenvolvendo. O erro também está em usar para os homens primitivos a mesma linguagem que usa para os homens civilizados.

Se, enquanto a Humanidade avança, a Igreja se prende aos velhos erros do passado, tanto no aspecto espiritual quanto nos assuntos científicos, chegará o momento em que ela será ultrapassada pela incredulidade.

***Nota de Allan Kardec:** As citações do item 4, abaixo, são extraídas da mesma pastoral citadas no capítulo anterior e constituem a sua continuação. Portanto, têm a mesma origem e a mesma autoridade.*

#### **4 – Eis como a Igreja explica a intervenção exclusiva dos demônios nas manifestações modernas:**

Nas suas intervenções exteriores, os demônios procuram disfarçar a sua presença, para afastar suspeitas. Sempre astutos e traiçoeiros, atraem os homens para as suas ciladas, antes de lhes impor a opressão e a escravidão.

No início, aguçam a curiosidade do homem por meio de fenômenos e brincadeiras infantis; depois, despertam-lhe a admiração e conquistam-no pela atração e pelo encanto do maravilhoso.

Se o sobrenatural (referindo-se a um Espírito superior) aparece e os desmascara, então eles se acalmam e apaziguam as apreensões, atraem a confiança e demonstram estar com a situação sob controle.

Algumas vezes se apresentam como divindades e bons Espíritos, outras vezes tomam emprestados os nomes e até a fisionomia de homens que já deixaram a Terra e que ainda são lembrados pelos vivos. Com o auxílio de tais fraudes, dignas da **antiga serpente**, os demônios falam e são ouvidos, ensinam de modo autoritário, sem admitir contestações, e são acreditados. Também misturam algumas verdades às suas mentiras e fazem com que o erro seja aceito sob todas as formas.

É nisso que consistem as pretensas revelações provenientes do mundo espiritual. É justamente para chegar a este resultado que a madeira, a pedra, as florestas, as fontes, o santuário dos ídolos, os pés das mesas e as mãos das crianças (médiuns novatos) se transformam em **oráculos**. E é para obter revelações divinas que a pitonisa profetiza em delírio, e que o ignorante, num sono misterioso, torna-se de repente um doutor da Ciência. Enganar e perverter, essa é, em toda a parte e em todos os tempos, o objetivo final dessas estranhas manifestações.

#### *Observações*

**Antiga serpente:** Alusão simbólica à serpente que seduziu Eva no jardim do Éden; a serpente que enganou Eva era considerada pelos Judeus como sendo o próprio Satanás.

**Oráculos:** Tinham uma função muito importante na vida dos gregos antigos. Eram santuários onde os deuses transmitiam profecias ou conselhos através de um intermediário humano. O mais importante foi o oráculo do deus Apolo, em Delfos, onde trabalhava uma sacerdotisa, com o nome de Pitonisa. Ela entrava em transe, sentada em um banco tipo tripé, em cima de um buraco na terra, de onde saíam vapores misteriosos.

Os resultados surpreendentes dessas práticas ou desses atos, na sua maioria estranhos e ridículos, não podendo proceder da sua própria virtude, *nem da ordem estabelecida por Deus*, só podem ser atribuídos a manifestações de forças ocultas. Tais são, notadamente, os fenômenos extraordinários obtidos em nossos dias por meio de processos aparentemente inofensivos do magnetismo e das mesas falantes (os Espíritos).

Por meio dessas operações da magia moderna, vemos hoje reproduzirem-se entre nós as evocações e os oráculos, a consulta aos mortos, as *curas* e os feitiços que fazem lembrar os templos dos ídolos e as grutas das sibilas (bruxas). Tudo acontece como antigamente, a madeira recebe ordens e obedece, é perguntada e responde em todas as línguas e sobre todos os assuntos.

Estamos diante de seres invisíveis que usam indevidamente o nome dos mortos e trazem, em suas supostas revelações, o selo da contradição e da mentira. Formas rápidas e sem consistência, dotadas de uma força sobre-humana, aparecem e desaparecem de repente.

Quem são os agentes secretos desses fenômenos, os verdadeiros atores dessas cenas inexplicáveis? Os anjos não aceitariam esses papéis indignos, e nem se prestariam a todos os caprichos de uma curiosidade inútil.

As almas dos mortos, que Deus proíbe evocar, permanecem no lugar que lhes foi destinado pela Justiça Divina, e não podem, sem a Sua permissão, ficar à disposição dos vivos. Assim, os seres misteriosos que atendem ao primeiro chamado do *herege*, do *ateu* ou do *crente*, não têm compromisso nenhum com a verdade. Eles não são enviados por Deus e também não são os apóstolos da verdade e da salvação. São, antes, os promotores do erro e os agentes do inferno.

Apesar do cuidado com que se ocultam sob os nomes mais veneráveis, eles

se traem pelo vazio das suas doutrinas, pela baixeza de seus atos e pela incoerência de suas palavras.

Procuram apagar os “símbolos religiosos”, ou seja, “os dogmas do pecado original”, “a ressurreição do corpo”, “a eternidade das penas”, e “toda a revelação divina”, a fim de retirar das Leis a sua capacidade de punir. Ao procederem assim, removem todas as barreiras que levam ao vício.

Se as sugestões dos demônios pudessem prevalecer, elas formariam uma religião cômoda para o uso do socialismo e de todos aqueles a quem a noção do dever e da consciência incomodam. A incredulidade do nosso século facilitou-lhes o caminho.

Que as sociedades cristãs possam, por um retorno sincero à fé católica, escapar ao perigo desta nova e terrível invasão!

**5** – Toda essa teoria resulta do princípio de que os anjos e os demônios são seres distintos das almas dos homens. De que as almas dos homens são o produto de uma criação especial, inferior aos demônios em inteligência, em conhecimento, e em todos os tipos de faculdades. Essa teoria também conclui pela intervenção exclusiva dos anjos maus (demônios), tanto nas antigas quanto nas modernas manifestações, atribuídas aos Espíritos dos mortos.

A possibilidade de as almas se comunicarem com os vivos é uma questão de fato, é o resultado de observações e experiências que não vêm ao caso discutir aqui.

Mas vamos admitir, por hipótese, a doutrina da manifestação dos demônios, e vejamos se ela não se autodestrói por seus próprios argumentos.

**6** – Das três categorias de anjos, segundo a Igreja, a primeira se ocupa exclusivamente com o Céu; a segunda, com o governo do Universo; e a terceira, com a Terra. É nesta última categoria que estão os anjos da guarda, encarregados da proteção de cada indivíduo.

Somente uma parte dos anjos da terceira categoria é que participou da

revolta e foi transformada em demônios. Deus permitiu aos demônios induzir os homens ao erro, por meio de sugestões ocultas e manifestações ostensivas. Por que Ele, que é soberanamente justo e bom, concedeu aos demônios esse imenso poder e a liberdade para fazer o mal? Por que não permitiu que os anjos bons contrabalançassem isso por meio de manifestações semelhantes, mas voltadas ao bem?

Vamos admitir que Deus tenha dado igual poder aos anjos bons e maus, o que já seria um favor exorbitante para os maus, mas neste caso o homem teria, pelo menos, a liberdade de escolha. Mas dar aos anjos maus o monopólio da tentação, com poderes amplos de simular o bem para melhor enganar e, ao mesmo tempo, impedir toda e qualquer intervenção dos anjos bons, é atribuir a Deus o desejo inconcebível de agravar a fraqueza, a inexperiência e a boa-fé dos homens.

Dizemos mais: isso seria abusar da confiança que os homens têm em Deus. A razão se recusa a admitir tanta parcialidade em proveito do mal.

Vejamos os fatos.

**7** – Aos demônios são concedidas faculdades superiores, que estão acima das ideias e dos conhecimentos comuns. Eles nada perderam da sua natureza angélica. Essas criaturas possuem o saber, a perspicácia, o bom senso e a clarividência dos anjos, além da esperteza, da inteligência e de uma manha ardilosa e sutil; e tudo isso no mais alto grau. O objetivo principal dos demônios é desviar os homens do bem e, sobretudo, afastá-los de Deus arrastando-os para o inferno, do qual são os responsáveis por abastecer e recrutar vítimas.

É compreensível que os demônios se dirijam de preferência aos homens que estão no bom caminho e que, por isso mesmo, sofrem a sua tentação. Compreende-se a sedução e a simulação que fazem do bem para atrair esses homens para o inferno. Mas o que não se pode compreender é que os demônios se dirijam aos que já lhes pertencem, de corpo e alma, para

reconduzi-los a Deus e ao bom caminho.

Ora, quem mais poderia estar nas garras do demônio do que aquele que blasfema e renega Deus, mergulhado no vício e na desordem das paixões? Esse já não está no caminho do inferno? Como é possível compreender que, estando seguro de sua presa, o demônio a estimule a rezar para Deus, a submeter-se à vontade do Criador, e a renunciar ao mal? Como se pode compreender que eles exaltem aos olhos daqueles que já estão sob o seu domínio a vida deliciosa dos bons Espíritos, e que descrevam com horror a posição dos maus?

Por acaso alguém já viu um comerciante elogiar aos seus fregueses as mercadorias do vizinho, em prejuízo das suas, induzindo-os a comprar na concorrência? Pode um recrutador de soldados falar mal da vida militar e louvar o repouso da vida doméstica? Pode dizer aos recrutas que eles terão uma vida de trabalhos e privações, com dez chances contra uma de serem mortos ou, ao menos, de perderem os braços e as pernas nos exercícios militares?

Entretanto, é justamente este o papel estúpido que a Igreja atribui aos demônios, porque é um fato notório que as instruções provenientes do mundo invisível têm regenerado muitos incrédulos e ateus, insuflando-lhes na alma um fervor e uma crença nunca vistos. Ainda sob a influência dessas manifestações, tem-se visto incrédulos e ateus orando a Deus diariamente, coisa que jamais haviam feito; pessoas viciadas trabalhando com afinco para se tornarem melhores.

Ora, pretender que essa obra seja uma das artimanhas do demônio é querer transformá-lo num verdadeiro *tolo*. Não se trata aqui de mera suposição, mas de fatos que a experiência demonstra, e como contra fatos não há argumentos possíveis, precisamos concluir que o demônio é um desastrado de primeira ordem, ou que ele não é tão esperto e mau como se pretende. Portanto, não há motivos para temê-lo, uma vez que ele trabalha contra os seus próprios interesses. Ou, então, também podemos concluir que nem todas as manifestações partem dele.



**8** – Os demônios apregoam o erro sob todas as formas, e é para obter esse resultado que a madeira, a pedra, as florestas, as fontes, os santuários dos ídolos, os pés da mesa e as mãos das crianças (médiuns novatos) se tornam oráculos.

Sendo assim, qual o valor destas palavras do Evangelho: “Nos últimos dias, diz o Senhor, derramarei o Meu Espírito sobre toda a carne; seus filhos e filhas profetizarão; os jovens terão visões e os velhos terão sonhos. Nesses dias, derramarei o Meu Espírito sobre os Meus servidores e servidoras, e eles profetizarão”? (Atos dos Apóstolos, capítulo 2, versículos 17 e 18.)

Não está subentendida nessas palavras a profecia da mediunidade concedida a todos, mesmo às crianças, e que se cumpre em nossos dias? Porventura os apóstolos amaldiçoaram a mediunidade? Não. Eles a proclamaram como um dom de Deus e não como uma obra do demônio.

Por acaso, os teólogos de hoje sabem mais sobre essa questão do que os apóstolos? Os teólogos não deveriam ver antes a mão de Deus no cumprimento dessas palavras?

**9** – Por meio das práticas da magia moderna, vemos se reproduzirem entre nós as evocações e os oráculos, a consulta aos mortos, as curas e os feitiços que fazem lembrar os templos dos ídolos e as grutas das sibilas (bruxas).

O que existe de comum entre as operações de magia e as evocações espíritas? Houve um tempo em que se podia acreditar na eficácia das operações de magia, mas hoje elas são ridículas. Ninguém mais as leva a sério e o Espiritismo as condena.

Na época em que a magia floresceu, a noção que se tinha sobre a natureza dos Espíritos era imperfeita. Eles eram tidos como seres que possuíam um poder sobre-humano. As pessoas evocavam os Espíritos, mesmo que ao preço da própria alma, para conseguir favores referentes à sua sorte, à sua felicidade, à descoberta de tesouros, à revelação do futuro, ou para conseguir meios de encantar e seduzir a pessoa amada.

A magia, com a ajuda de seus símbolos, fórmulas e práticas cabalísticas, era considerada capaz de revelar supostos segredos para realizar prodígios, obrigar os Espíritos a se submeterem às ordens dos homens e satisfazer os seus desejos. Hoje, sabemos que os Espíritos são as almas dos homens que morreram. Eles são chamados apenas para nos dar bons conselhos, moralizar os maus e para que possamos continuar as relações com aqueles que nos foram queridos enquanto ainda viviam na Terra.

Eis o que diz o Espiritismo a esse respeito:

**10** – Não existe nenhum meio de se obrigar um Espírito a atender a uma evocação contra a sua vontade, desde que o Espírito seja, do ponto de vista moral, igual ou superior à pessoa que o evoca, porque, nesse caso, essa pessoa não tem nenhuma autoridade moral sobre o Espírito.

Entretanto, se o Espírito chamado for moralmente inferior à pessoa que o evoca, esta até pode conseguir fazer com que ele compareça, *desde que seja para o bem do Espírito evocado*, porque, neste caso, outros Espíritos ajudarão o Espírito que foi evocado. (Ver *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, capítulo 25, item 282, pergunta 10.)

Quando se pretende estabelecer relações com Espíritos sérios, a principal providência é o recolhimento. Com *fé e com o desejo de fazer o bem*, tem-se mais força para evocar os Espíritos superiores. O evocador, no momento da evocação, ao elevar a sua alma por alguns instantes de recolhimento, se identifica com os bons Espíritos e os incentiva a comparecer. (Ver *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, capítulo 25, item 282, pergunta 12.)

Nenhum objeto, medalha ou talismã tem a propriedade de atrair ou repelir os Espíritos, pois as coisas materiais não exercem nenhum poder sobre eles. Jamais um bom Espírito aconselha essas práticas absurdas. A “virtude” de um talismã, seja qual for a sua natureza, existe apenas na imaginação das pessoas supersticiosas. (Ver *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, capítulo 25, item 282, pergunta 17.)

Não existe nenhuma fórmula sacramental para evocar os Espíritos. Qualquer um que pretenda indicar alguma pode ser tachado, sem receio, de impostor, visto que, para os Espíritos, este tipo de expediente nada representa. Além disso, a evocação deve ser feita sempre em nome de Deus. (Ver *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, capítulo 17, item 203.)

Os Espíritos que marcam encontros em lugares fúnebres e em horas inconvenientes são Espíritos que se divertem à custa daqueles que lhes dão ouvidos. É sempre inútil e frequentemente perigoso ceder a tais sugestões. Inútil, porque nada se ganha em ser mistificado; perigoso, não pelo mal que os Espíritos possam fazer, mas pela influência que isso pode exercer sobre as pessoas de cérebros fracos. (Ver *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, capítulo 25, item 282, pergunta 18.)

Não existem dias nem horas mais propícios para as evocações. Para os Espíritos, isso é completamente indiferente, assim como tudo o que é material. Então, seria superstição acreditar na influência dos dias e das horas. Os momentos mais propícios são aqueles em que o evocador está menos absorvido pelas suas ocupações habituais; aqueles momentos em que o seu corpo e o seu Espírito estão mais calmos. (Ver *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, capítulo 25, item 282, pergunta 19.)

Os críticos maldosos ficam satisfeitos em apresentar as comunicações espíritas como sendo parte integrante das práticas ridículas e supersticiosas da magia e da necromancia (adivinhação por meio da evocação dos Espíritos). Entretanto, se aqueles que falam do Espiritismo sem conhecê-lo tivessem se dado ao trabalho de estudá-lo, poupariam muitos desgastes de imaginação e alegações que só servem para demonstrar a sua ignorância e a sua má vontade.

Para o esclarecimento das pessoas estranhas ao Espiritismo, diremos que: para se comunicar com os Espíritos, não existem dias nem horas, nem lugares mais propícios que outros. Para evocá-los não há necessidade de fórmulas nem de palavras sacramentais ou cabalísticas. Também não é necessária nenhuma preparação e nenhuma iniciação. É inútil o emprego de qualquer símbolo ou

objeto material para atrair ou repelir os Espíritos, para tanto, basta apenas o pensamento.

Finalmente, diremos que: os médiuns recebem as comunicações dos Espíritos sem sair do seu estado normal, tão simples e naturalmente como se elas fossem ditadas por uma pessoa viva. Só o charlatanismo poderia emprestar às manifestações espíritas formas excêntricas e adicionar a elas acessórios ridículos. (*O que é o Espiritismo*, capítulo 2, item 49.)

Em princípio, o homem não tem acesso ao futuro e somente em casos raros e excepcionais Deus permite que ele seja revelado. Se o homem conhecesse o futuro, descuidaria do presente e não agiria com a mesma liberdade, porque seria dominado pelo pensamento de que, se uma coisa tem que acontecer, não adianta ocupar-se com ela, ou então tentaria impedir, de alguma maneira, que ela acontecesse.

Deus permite o conhecimento prévio do futuro quando ele vem facilitar a execução de alguma coisa em vez de dificultá-la, induzindo o homem a agir de modo diferente do que faria, caso ele não tivesse esse conhecimento. (*O Livro dos Espíritos*, 3ª parte, capítulo 10, perguntas 868 a 870.)

Os Espíritos não podem guiar o homem nas descobertas e nem nas pesquisas científicas. A ciência é obra da inteligência e só deve ser adquirida pelo trabalho, pois é somente pelo trabalho que o homem progride em seu caminho. Que mérito ele teria se tivesse apenas que interrogar os Espíritos para saber de tudo? Agindo assim, qualquer tolo pode se tornar um sábio. O mesmo acontece com as invenções e com as descobertas industriais.

Quando chega o tempo de se realizar uma descoberta, os Espíritos encarregados de dirigir a sua marcha procuram o homem capaz de conduzi-la a bom termo. Assim, lhe inspiram as ideias necessárias, com o cuidado de lhe deixar todo o mérito, pois é preciso que ele elabore essas ideias e as ponha em execução. Dá-se a mesma coisa com todas as grandes realizações da inteligência humana.

Os Espíritos deixam que cada homem trabalhe no seu próprio campo de

atuação. Desse modo, aquele que só é capaz de cavar a terra não será usado como depositário dos segredos de Deus. Os Espíritos sabem tirar do anonimato o homem que já está apto a realizar os projetos da Divindade. Não deixem que a curiosidade ou a ambição os arrastem por um caminho *que não corresponda aos objetivos do Espiritismo* e que os conduziria às mais ridículas manifestações. (*O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, capítulo 26, item 294, perguntas 28 e 29.)

Os Espíritos não podem levar ninguém à descoberta de tesouros ocultos. Os Espíritos superiores não se ocupam com essas coisas; mas os Espíritos brincalhões muitas vezes indicam tesouros que não existem, ou se comprazem em apontá-los num lugar, quando na verdade eles estão em lugar oposto. A utilidade disso é mostrar que a verdadeira riqueza está apenas no trabalho. Se a Providência destina tesouros ocultos a alguém, esse os achará naturalmente e não de outro modo. (*O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, capítulo 26, item 295, pergunta 30.)

O Espiritismo, ao nos esclarecer sobre as propriedades dos fluidos e sobre essa força da Natureza, que são os Espíritos, nos fornece a explicação para inúmeros fatos que, nos tempos antigos, não podiam ser explicados por outros meios e que, por isso mesmo, passaram a ser considerados como prodígios.

O Espiritismo e o Magnetismo nos revelam uma “Lei” que sempre foi desconhecida ou mal compreendida pelos homens. Entretanto, os efeitos dessa Lei sempre foram percebidos e sentidos, visto que esses efeitos se manifestaram em todos os tempos e em todos os lugares. Foi justamente a ignorância a respeito dessa Lei que gerou a superstição. Uma vez conhecida a Lei, o maravilhoso desaparece e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais.

Eis por que os espíritas, ao fazerem uma mesa girar, ou os mortos escreverem, não operam um milagre maior do que o médico que restitui a vida de um moribundo, ou do físico que faz cair um raio. Aquele que pretende, com a ajuda do Espiritismo, fazer milagres, ou não conhece nada a respeito da Doutrina, ou, pior, é um farsante. (*O Livro dos Médiuns*, 1ª parte, capítulo 2,

item 15, parágrafo final.)

Algumas pessoas fazem uma ideia muito falsa a respeito das evocações. Existem aquelas que acreditam que os mortos evocados se apresentam com suas vestes fúnebres. Somente nos romances, nos contos fantásticos de almas do outro mundo e no teatro é que se veem os mortos saírem dos seus túmulos envoltos em lençóis, com os ossos estralando e à mostra.

O Espiritismo, que jamais fez milagres, também não produz essas fantasias, nem outras, pois nunca fez reviver um corpo morto. Quando o corpo baixa à sepultura, é para sempre. Mas o ser espiritual, fluídico e inteligente, não é enterrado junto com o seu corpo físico. O Espírito separa-se do corpo no momento da morte e nada mais existe de comum entre eles. (*O que é o Espiritismo*, capítulo 2, item 48.)

**11** – Ampliamos estas explicações para mostrar que os princípios do Espiritismo não têm qualquer relação com os princípios da magia. Assim, não existem Espíritos sob as ordens dos homens, nem sendo obrigados a nada. Também não existem sinais ou fórmulas cabalísticas; não existem tesouros ocultos a serem descobertos ou fórmulas para enriquecer; nada de milagres ou prodígios, nada de adivinhações ou aparições fantásticas. Enfim, nada das coisas que constituem o objetivo e os elementos essenciais da magia.

O Espiritismo não só desaprova todas essas coisas, como também demonstra que elas são impossíveis e ineficazes. Desse modo, não existe nenhuma relação entre as práticas da magia com os objetivos do Espiritismo. Apenas a ignorância ou a má-fé podem querer que eles sejam semelhantes. Como os princípios do Espiritismo nada têm de secreto, porque estão formulados em termos claros e sem possibilidade de equívocos, tal erro não pode prevalecer.

Quanto aos casos de cura, reconhecidos como reais pela pastoral que citamos, o exemplo foi mal escolhido para afastar as pessoas das relações com os Espíritos. Essas curas constituem um dos tantos benefícios que tocam de

perto as pessoas e que todas podem apreciar.

Poucas pessoas estão dispostas a renunciar a essas curas, sobretudo depois de haverem recorrido a todos os outros meios, simplesmente pelo temor de terem sido curadas pelo diabo. Ora, se o diabo (os Espíritos) cura, somos forçados a concluir que ele pratica uma boa ação!

***Nota de Allan Kardec:** Ao tentar convencer aqueles que foram curados pelos Espíritos de que foi o diabo quem os curou, a Igreja afastou dela um grande número de pessoas que jamais haviam pensado em fazer isso.*

**12** – Quem são os agentes secretos desses fenômenos, os verdadeiros autores dessas cenas inexplicáveis? Os anjos não aceitariam desempenhar esses papéis indignos e não se prestariam a todos os caprichos de uma inútil curiosidade.

O autor se refere às manifestações físicas dos Espíritos, entre as quais existem algumas que evidentemente não são dignas dos Espíritos superiores. Se substituirmos a palavra anjo por Espíritos puros, ou Espíritos superiores, teremos exatamente o que diz o Espiritismo. Mas não se pode colocar no mesmo patamar as “comunicações inteligentes” dadas pela escrita, pela palavra, pela audição, ou por quaisquer outros meios. As comunicações inteligentes são dignas dos bons Espíritos, como também dos homens mais eminentes da Terra.

O mesmo se pode dizer quanto às curas, às aparições e aos inúmeros fatos que os livros sagrados citam em profusão como sendo obra de anjos ou de santos. Se os anjos e os santos produziram fenômenos semelhantes no passado, por que não poderiam produzi-los hoje?

Por que os mesmos fatos seriam um milagre dos santos, se produzidos pela mão de algumas pessoas, e obra do demônio, se produzidos pela mão de outras? Sustentar semelhante tese é renunciar a toda lógica.

O autor da pastoral comete um erro quando afirma que esses fenômenos são inexplicáveis. Ao contrário, atualmente esses fenômenos são perfeitamente

explicados, tanto que não são mais considerados maravilhosos e nem sobrenaturais. Mas, mesmo que não fossem explicados, atribuí-los hoje em dia ao diabo seria tão ilógico quanto conferir ao mesmo diabo, em outros tempos, a responsabilidade por todos os fenômenos naturais cuja causa não se podia compreender.

Pela expressão *papéis indignos* – devemos entender todos os procedimentos que visam o mal e o ridículo, a menos que queiramos qualificar como indigna a obra salutar dos bons Espíritos, que promovem o bem, encaminhando os homens para Deus e para a obtenção das diversas virtudes. Ora, o Espiritismo diz expressamente que os papéis indignos não são atribuições dos Espíritos Superiores, como mostram as colocações a seguir:

**13** – Reconhecemos a qualidade dos Espíritos pela sua linguagem. A dos Espíritos verdadeiramente bons e superiores é sempre digna, nobre, lógica e livre de qualquer contradição. É uma linguagem que revela sabedoria, benevolência, modéstia e a mais pura moral; é precisa, clara e não utiliza palavras inúteis.

Na linguagem dos Espíritos inferiores, ignorantes ou orgulhosos, o vazio de ideias é quase sempre preenchido pelo excesso de palavras. Todo pensamento evidentemente falso, todo conceito contrário à verdadeira moral, todo conselho ridículo, toda expressão grosseira, vulgar ou simplesmente fútil, enfim, toda manifestação de malevolência, de presunção ou de arrogância é sinal incontestável da inferioridade de um Espírito.

Os Espíritos superiores só se ocupam com as comunicações inteligentes que visam à nossa instrução. As manifestações físicas ou puramente materiais são, mais especialmente, obra dos Espíritos inferiores, vulgarmente chamados de Espíritos batedores, da mesma forma que, entre nós, os trabalhos pesados são executados pelos carregadores e não pelos sábios.

Seria um absurdo que os Espíritos, mesmo os que ainda são pouco elevados, se exibissem para divertir os outros. (*O que é o Espiritismo*, capítulo 2,



itens 37 a 40 e 60. Ver também *O Livro dos Espíritos*, 2ª parte, capítulo 1, itens: Hierarquia no mundo espiritual e a Escala Espírita; *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, capítulo 24, Identidade dos Espíritos; item: Distinção entre os bons e os maus Espíritos, itens 262 a 266.)

Qual é o homem de boa-fé que poderia ver nesses princípios algum papel indigno atribuído aos Espíritos elevados? Enquanto a Igreja atribui aos demônios uma inteligência igual à dos anjos, o Espiritismo procura distinguir os diversos tipos de Espíritos.

Assim, o Espiritismo verifica, pela observação dos fatos, que os Espíritos inferiores são mais ou menos ignorantes, que possuem um horizonte moral limitado, uma perspicácia estreita, que fazem das coisas uma ideia falsa e incompleta e que são incapazes de resolver determinadas questões. Isso os coloca na impossibilidade de fazer tudo o que se atribui aos demônios.

**14** – “As almas dos mortos, que Deus proíbe evocar, permanecem no lugar que a Justiça divina as colocou, e não podem, *sem a Sua permissão, colocar-se à disposição dos vivos*”.

O Espiritismo também diz que as almas não podem se manifestar sem a permissão de Deus. Mas ele é bem mais rigoroso que a religião oficial, pois afirma que “nenhum” Espírito, bom ou mau, pode se comunicar sem essa permissão, ao passo que a Igreja, segundo a sua teoria, dispensa os demônios de tal permissão.

O Espiritismo vai ainda mais longe ao dizer que os Espíritos, mesmo quando recebem a permissão para se comunicarem com os vivos, *não o fazem para se colocarem sob as suas ordens*.

### **O Espírito evocado vem espontaneamente ou ele é forçado a vir?**

– Ele obedece à vontade de Deus, ou seja, a Lei Geral que rege o Universo. Por isso, a palavra forçado não está correta, pois o Espírito julga se é conveniente comparecer ou não e, para tomar essa decisão, faz uso do seu livre-arbítrio. Entretanto, o Espírito superior vem sempre que é chamado com um

objetivo útil, mas se recusa a responder em reuniões de pessoas pouco sérias e que tratam esses assuntos como brincadeira. (Ver *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, capítulo 25, item 282, pergunta 8.)

**O Espírito evocado pode se negar a atender ao chamado que lhe é feito?**

– Certamente. Caso contrário, onde estaria o seu livre-arbítrio? Você acredita que todos os seres do Universo estão à sua disposição? E você mesmo se considera obrigado a responder a todos aqueles que o chamam? Quando digo que o Espírito pode recusar-se, refiro-me *ao pedido do evocador*, porque um Espírito inferior pode ser obrigado, por um Espírito superior, a se manifestar. (Ver *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, capítulo 25, item 282, pergunta 9.)

Os espíritas estão de tal forma convencidos de que não possuem nenhum poder direto sobre os Espíritos, e de que nada podem conseguir sem a permissão de Deus, que, quando chamam qualquer Espírito, dizem: *Rogo a Deus Todo-Poderoso que dê a permissão para que um bom Espírito venha se comunicar comigo; rogo também, ao meu anjo da guarda, que me assista, afastando de mim os maus Espíritos*. Ou então, quando chamam por um Espírito em especial: *Em nome de Deus Todo-Poderoso, peço que o Espírito de fulano se comunique comigo*. (Ver *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, capítulo 17, item 203.)

**15** – Assim, as acusações que a Igreja faz contra a prática das evocações não atingem o Espiritismo, atingem antes as práticas da magia, com as quais o Espiritismo nada tem em comum. O Espiritismo condena essas práticas, tanto quanto a Igreja, e não submete os bons Espíritos a nenhum papel indigno. A Doutrina Espírita declara ainda que nada pede nem obtém sem a permissão de Deus.

É certo que pode haver pessoas que abusam das evocações, que fazem delas um jogo, que deturpam os seus objetivos providenciais em benefício

próprio e que, por ignorância, leviandade, orgulho ou ambição, se afastam dos verdadeiros princípios da Doutrina. Mas o Espiritismo sério desaprova essas pessoas, assim como a verdadeira religião desaprova os falsos devotos e os excessos cometidos pelo fanatismo.

Portanto, não é lógico nem racional imputar ao Espiritismo abusos que ele é o primeiro a condenar, bem como os erros daqueles que não o compreendem. Antes de formular qualquer acusação, é necessário verificar se ela é justa. Sendo assim, diremos que: a censura da Igreja recai sobre os charlatões, os exploradores, as práticas da magia e da feitiçaria, e nisso ela tem razão.

Quando a crítica dos religiosos, ou daqueles que não acreditam em nada, desmascara os abusos e condena o charlatanismo, não faz mais do que ressaltar a pureza da verdadeira Doutrina, auxiliando-a no expurgo dos maus elementos, facilitando assim a nossa tarefa.

O erro da crítica está em confundir o bem e o mal, o que muitas vezes acontece pela má-fé de alguns e pela ignorância da maioria. Mas existem aqueles que fazem esta distinção que a Igreja não faz. Seja como for, a censura aplicada ao mal, à qual todo espírita sincero se associa, não pode atingir nem prejudicar a Doutrina Espírita.

**16** – Assim, os seres misteriosos que atendem ao primeiro chamado do incrédulo, do perverso, do crente, do criminoso ou do inocente não são nem enviados de Deus, nem apóstolos da verdade e da salvação. São, antes, os promotores do erro e os agentes do inferno.

Pelo que foi dito acima, Deus não permite que os bons Espíritos venham afastar do erro e salvar da perdição eterna o incrédulo, o perverso e nem o criminoso! Deus apenas lhes envia os agentes do inferno (os demônios), para afundá-los ainda mais no lamaçal! E, o que é ainda pior, segundo a Igreja, Deus só envia seres malignos para corromper a inocência!

Será que não se encontra entre os anjos, essas criaturas privilegiadas por

Deus, nenhum que seja bastante sensível ao mal alheio, para vir em socorro dessas almas perdidas? Então, para que servem as brilhantes qualidades de que são dotados? Será que servem apenas para satisfazer o seu prazer pessoal?

Podemos dizer que esses anjos são realmente bons, quando, extasiados pelas delícias da contemplação, veem tantas almas a caminho do inferno sem ao menos procurar desviá-las? Não será esta a imagem do rico egoísta que, possuindo tudo em excesso, deixa morrer de fome o mendigo que lhe bate à porta? É muito mais do que isso: é o próprio “egoísmo” transformado em “virtude” e colocado aos pés do Criador!

Aqueles que se admiram com o fato de os bons Espíritos socorrerem o incrédulo e o perverso, certamente esquecem as palavras do Cristo: “Os que têm saúde não necessitam de médico”. Será que esses que se admiram têm uma visão mais elevada que os fariseus do tempo de Jesus? E vocês mesmos, se fossem chamados por um descrente, se recusariam a ajudá-lo e a mostrar-lhe o bom caminho?

Pois bem: os bons Espíritos fazem o que vocês fariam. Procurem o incrédulo para dar-lhe bons conselhos. Em vez de condenarem as comunicações de além-túmulo, devem, ao contrário, bendizer os caminhos do Senhor, admirando a Sua onipotência e a Sua bondade infinita.

**17** – A Igreja diz que existem anjos da guarda. Mas, se esses anjos não conseguem se fazer ouvir pela voz misteriosa da consciência ou por meio da inspiração, por que eles não empregam meios de ação mais diretos e materiais, capazes de sensibilizar os sentidos, uma vez que esses meios existem?

Já que tudo provém de Deus e nada ocorre sem a Sua permissão, será que é possível admitir que Ele coloque esses meios à disposição dos maus Espíritos e os recuse aos bons? Nesse caso, é preciso concluir que Deus concede mais poderes aos demônios para fazer com que os homens se percam, do que concede aos anjos da guarda para salvá-los!

Pois bem! Segundo a Igreja, o que os anjos da guarda não podem fazer, os

demônios fazem por eles. Por meio dessas mesmas comunicações, os demônios reconduzem a Deus aqueles que O renegavam, e ao bem aqueles que estavam mergulhados no mal. Esses demônios ainda fazem mais: oferecem-nos o estranho espetáculo de ver milhões de homens que passaram a acreditar em Deus pelo poder dessa força diabólica, em virtude de a Igreja ter se mostrado impotente para convertê-los.

Homens que jamais oraram, hoje oram com fervor, graças às instruções desses mesmos demônios! Quantos orgulhosos, egoístas e devassos se tornaram humildes, caridosos e menos sensuais! E tudo isso por obra do demônio! Se assim for, é preciso convir que o demônio tem prestado aos homens um grande serviço, e que os tem assistido melhor do que os anjos.

Seria preciso que os homens desse século fossem desprovidos de juízo e de capacidade de julgamento, para aceitar cegamente ideias como essas.

*Uma religião que faz de semelhante doutrina o seu principal fundamento, que se declara enfraquecida em sua base se lhe tirarem os demônios, o seu inferno, as suas penas eternas e o seu Deus impiedoso, é uma religião que se encaminha para o suicídio.*

**18** – Dizem que Deus enviou o Cristo, Seu filho, para salvar os homens, provando assim o Seu amor por Suas criaturas. Entretanto, como se explica que Ele as tenha deixado sem proteção depois que o Mestre partiu? Não há dúvida de que o Cristo é o divino Messias, enviado para ensinar aos homens a verdade e lhes mostrar o caminho da salvação.

Seria bom se pudéssemos contar o número de pessoas, somente depois que o Cristo nos deixou, que não puderam ouvir as suas palavras que traziam a verdade; quantos morreram e morrerão sem conhecê-las e, finalmente, quantos, daqueles que as conhecem, as põem em prática!

Por que, então, Deus, sempre zeloso com a salvação de Suas criaturas, não lhes enviaria outros mensageiros para abranger toda a Terra, penetrando os lugares mais humildes, ensinando a verdade aos grandes e aos pequenos, aos

ignorantes e aos sábios, aos incrédulos e aos crentes, enfim, a todos aqueles que desconhecem essa verdade?

Por que Deus não enviaria esse outro mensageiro para tornar essa verdade mais compreensível aos que não a podem compreender? Por que Ele não supriria a deficiência na propagação do Evangelho, através de um ensinamento *direto, que pudesse abranger inúmeras pessoas*, abreviando assim a chegada do Reino de Deus?

Quando esses mensageiros, a exemplo de Jesus, chegam em falanges inumeráveis, abrindo os olhos daqueles que são cegos, convertendo os incrédulos, curando os enfermos e consolando os aflitos, como vocês os recebem? Ah! Vocês os repudiam, repelem o bem que eles fazem, chamando-os de demônios!

Essa também era a linguagem dos fariseus em relação a Jesus, porque os fariseus diziam que o Cristo fazia o bem pelo poder do diabo. E o que Jesus lhes respondeu? “Vocês devem reconhecer a árvore pelos seus frutos, uma árvore má não pode dar bons frutos”.

Para os fariseus, os frutos produzidos por Jesus eram maus, porque ele vinha destruir os abusos e proclamar a liberdade que lhes retiraria a autoridade. Mas se, em vez disso, Jesus tivesse vindo lhes enaltecer o orgulho, aprovar os seus erros e sustentar o seu poder, certamente ele seria reconhecido como o Messias dos Judeus.

Mas o Cristo estava só, ele era pobre e fraco e, ainda assim, os fariseus o condenaram à morte, acreditando que com isso matariam também a sua palavra. Mas as palavras do Mestre eram divinas e sobreviveram à sua morte. Entretanto, só lentamente essa palavra se propagou pelo mundo e, passados dezoito séculos, apenas uma décima parte da **Humanidade** a conhece. Isso sem falar nas inúmeras cisões que surgiram entre os seus próprios discípulos.

Foi então que Deus, diante desse quadro, na Sua misericórdia, enviou os Espíritos para confirmar as palavras do Cristo, completá-las e colocá-las ao alcance de todos, difundindo-as por toda a Terra.

Mas os Espíritos não estão encarnados num único homem, cuja voz seria de alcance limitado. Eles são em número muito grande, vão por toda parte e ninguém pode detê-los. Eis por que o ensinamento que eles trazem, em nome de Deus, se propaga com a rapidez de um relâmpago. Os Espíritos falam ao coração e à razão, por isso são compreendidos pelos mais humildes.

## *Observação*

**Humanidade:** Hoje, estima-se que a religião com o maior número de adeptos seja o *Cristianismo*, com 2,2 bilhões de seguidores; o *Islamismo* possui 1,6 bilhão; o *Hinduísmo*, 900 milhões. O *Espiritismo* aparece somente em 8º lugar, com 13 milhões de adeptos, sendo que a sua grande maioria encontra-se reencarnada no Brasil.

**19** – Não é indigno transmitir as instruções dos “mensageiros celestes” por um meio tão vulgar como o das mesas falantes? Não é um ultraje supor que esses mensageiros se divirtam com futilidades, deixando a morada de luz em que residem, para se colocarem à disposição do primeiro curioso que aparece para fazer perguntas?

Jesus não deixou a morada do Pai para nascer num estábulo? Mas onde vocês ouviram dizer que o Espiritismo alguma vez impôs práticas fúteis aos Espíritos superiores? Não! O Espiritismo afirma justamente o contrário, ou seja, que as práticas vulgares são próprias dos Espíritos vulgares.

Mas, pela sua própria vulgaridade, essas práticas trazem o benefício de excitar as imaginações e provar a existência do mundo espiritual, mostrando que esse mundo é muito diferente de tudo o que se pensava. Era apenas o princípio das manifestações, e esse princípio era muito simples, assim como tudo aquilo que tem o seu início. Entretanto, não é pelo fato de a árvore germinar de uma pequena semente que ela deixará de estender mais tarde os seus ramos a uma grande distância.

Quem poderia acreditar que da miserável manjedoura de Belém pudesse sair a palavra que um dia haveria de transformar o mundo? Sim! O Cristo é o Messias divino e a sua palavra é a verdade. A religião fundada sobre a sua

palavra se torna inabalável, desde que essa religião siga e pratique os sublimes ensinamentos que essa palavra contém. Desde que ela também não faça, do Deus justo e bom, um Deus parcial, vingativo e impiedoso.



## CAPÍTULO 11

# É PROIBIDO EVOCAR OS MORTOS?

1 – A Igreja não nega, de modo algum, a realidade das manifestações espíritas. Ao contrário, ela as admite todas, como vimos nas citações anteriores, mas atribui essas manifestações à intervenção exclusiva dos demônios. Algumas pessoas recorrem ao Evangelho para proibi-las, o que é um erro, pois os Evangelhos nada dizem a respeito das manifestações espíritas. O principal argumento que utilizam é a proibição de Moisés.

**Eis em que termos a mesma pastoral, citada nos capítulos anteriores, se refere à proibição de evocar os mortos:**

Não é permitido estabelecer relações com eles (os Espíritos), seja de forma direta, seja por intermédio daqueles que os evocam e os interrogam. A Lei de Moisés punia com a morte essas práticas detestáveis, usadas pelos **gentios**.

O **Livro dos Levíticos** diz: “Não procurem os mágicos, nem façam perguntas aos adivinhos, para não se contaminarem em contato com eles”. (Levíticos, capítulo 19, versículo 31) Se um homem ou uma mulher têm o **Espírito de Píton**, que sejam punidos com a morte; eles serão apedrejados e o seu sangue cairá sobre as suas cabeças. (Levíticos, capítulo 20, versículo 27)

O **Livro do Deuteronômio** diz: Que não exista ninguém entre vocês que consulte os adivinhos ou observe os sonhos e as previsões; que use de malefícios, feitiçarias e encantamentos; ou que consulte os que têm o Espírito de Píton, nem quem pratique adivinhação ou interrogue os mortos para saber a verdade. O Senhor abomina todas essas coisas e destruirá, com a chegada de vocês, as nações que cometem esses crimes. (Deuteronômio, capítulo 18, versículos 10, 11 e 12.)

## Observações

**Gentios:** Nome dado aos estrangeiros que viviam em Israel; aos que não eram israelitas.

**Livro dos Levíticos:** É o terceiro Livro da Bíblia. Contém a Lei dos sacerdotes da Tribo de Levi e possui 27 capítulos.

**Espírito de Píton:** Espírito de adivinhador; Pitonisa.

**Píton:** Era o nome dado aos que se dedicavam à adivinhação.

**Livro do Deuteronômio:** É o quinto Livro da Bíblia. É um dos livros do Antigo Testamento e possui 34 capítulos.

### **2 – É útil, para melhor compreender o verdadeiro sentido das palavras de Moisés, reproduzir o texto completo que foi um tanto abreviado nas citações anteriores:**

“Não se desviem do seu Deus para procurar os mágicos e não consultem os adivinhos para não se contaminarem em contato com eles. Eu sou o Senhor seu Deus”. (Levítico, capítulo 19, versículo 27)

Que sejam punidos com a morte o homem ou a mulher que tiver o Espírito de Píton ou de adivinho. Eles serão apedrejados e o seu sangue cairá sobre as suas cabeças. (Levítico, capítulo 20, versículo 27)

Quando entrarem na terra que o Senhor seu Deus dará a vocês, tomem cuidado para não imitar as coisas execráveis dos povos que lá estiverem. Que não exista ninguém entre vocês que pretenda *purificar o seu filho ou a sua filha, passando-os pelo fogo*; que consulte os adivinhos ou observe sonhos e previsões; que use de malefícios, feitiçarias e encantamentos; ou que consulte aqueles que têm o Espírito de Píton e se propõem a adivinhar, interrogando os mortos para saber a verdade. O Senhor abomina todas essas coisas e destruirá, com a chegada de vocês, todos esses povos que têm cometido esses crimes. (Deuteronômio, capítulo 18, versículos 9 a 12)

**3 –** Se a Lei de Moisés deve ser tão rigorosamente observada no que diz respeito a não estabelecer relações com os Espíritos, deve ser também em todos os outros pontos. Por que ela seria uma Lei boa no que diz respeito à evocação

dos Espíritos e má em outras partes?

É preciso ser coerente: se reconhecemos que a Lei de Moisés não está mais de acordo com os nossos costumes e com a nossa época para certas coisas, não há razão para que ela também não esteja em relação à proibição de evocar os mortos.

É importante que se levem em conta os motivos que justificavam essa proibição e que hoje não existem mais. O legislador hebreu (Moisés) queria que o seu povo abandonasse todos os costumes adquiridos no Egito, onde as evocações eram usadas de maneira abusiva, como provam estas palavras de Isaías: “O Espírito do Egito se aniquilará por si mesmo e eu destruirei a prática de consultar o futuro. Eles consultarão seus ídolos, seus adivinhos, seus pítons e seus mágicos”. (Isaías, capítulo 19, versículo 3)

Além disso, os israelitas não deveriam fazer nenhuma aliança com as nações estrangeiras. Eles iriam encontrar as mesmas práticas entre os povos aos quais se dirigiam, e essas práticas precisavam ser combatidas. Moisés viu-se obrigado, por razões políticas, a inspirar no povo hebreu aversão a todos os costumes que tivessem semelhanças e pontos de contato com os assimilados no Egito.

Para justificar essa aversão, era preciso que ele apresentasse tais práticas como reprovadas pelo próprio Deus. Eis por que ele disse: “O Senhor abomina todas essas coisas e destruirá, com a chegada de vocês, todas as nações que cometem esses crimes” (evocar os mortos para saber do futuro).

**4** – A proibição de Moisés tinha a sua razão de ser, porque os mortos não eram evocados com sentimentos de respeito, afeição e piedade, mas como um meio de adivinhação, assim como se consultavam os **augúrios** e os **presságios**, que eram explorados pelo charlatanismo e pela superstição.

### *Observações*

**Augúrio: Áugures** – Sacerdote romano que fazia profecias com base no canto e no voo das aves.

**Presságio:** Presentimento de alguma coisa que está prestes a acontecer.

Por mais que fizesse, Moisés não conseguiu arrancar do povo esses costumes que se haviam transformado em objeto de comércio, como atestam as seguintes passagens do profeta Isaías:

Quando disserem a vocês: Consultem os mágicos e os adivinhos que falam em segredo os seus encantamentos, respondam: Cada povo não consulta o seu Deus? E falamos aos mortos aquilo que diz respeito aos vivos? (Isaías, capítulo 8, versículo 19)

Sou eu quem aponta a falsidade dos prodígios da magia; quem enlouquece os que se propõem a adivinhar; quem transtorna o Espírito dos sábios e confunde a sua inútil ciência. (Isaías, capítulo 44, versículo 25.)

Os adivinhos que estudam o céu, que contemplam os astros e contam os meses para fazer previsões e revelar o futuro, que se apresentem agora para salvar vocês. Eles se transformaram em palha e o fogo os devorou; as suas almas foram para o fogo ardente e eles nada puderam fazer para livrá-las; não restará nem carvão do fogo que vai queimá-los, para que alguém possa se aquecer; também não restará nem fogo diante do qual se possa sentar.

Eis a que ficarão reduzidas todas essas coisas das quais vocês têm se ocupado com tanto afinco: os comerciantes que negociavam com vocês, desde a juventude, se afastaram e foram cada um para o seu lado, e não se pode encontrar um só que consiga livrá-los dos seus males. (Isaías, capítulo 47, versículos 13 a 15)

**Nesse capítulo, Isaías se dirige aos babilônios, usando a figura alegórica da “Virgem filha da Babilônia, filha dos Caldeus” (versículo 1). Ele diz que os adivinhos não impedirão a ruína da monarquia. No capítulo seguinte, ele se dirige diretamente aos israelitas.**

Venham aqui, vocês, filhos de uma feiticeira, raça de um homem adúltero e de uma mulher prostituída. – De quem vocês riem? Contra quem abrem a boca e mostram a língua maligna? Não são vocês, os filhos traidores e bastardos, que procuram a consolação em seus deuses sob as árvores frondosas

em que sacrificam os seus filhos pequenos, nas enxurradas, sob os rochedos mais altos?

Vocês confiaram e ofereceram sacrifícios às pedras da enxurrada, beberam licores em sua honra. Depois disso, como não se acender a minha indignação? (Isaías, capítulo 57, versículos 3 a 6.)

Estas palavras do profeta Isaías não deixam nenhuma dúvida e provam claramente que naquele tempo as evocações tinham por finalidade as adivinhações, fazendo-se delas um comércio. Estavam associadas às práticas da magia e da feitiçaria, acompanhadas até de sacrifícios humanos.

Portanto, Moisés tinha razão ao proibir tais coisas e afirmar que Deus as abominava. Essas práticas supersticiosas perpetuaram-se até a Idade Média. Hoje, a razão predomina, e o Espiritismo veio mostrar o objetivo exclusivamente moral, consolador e religioso das relações com o mundo espiritual.

Os espíritas não fazem sacrifícios de crianças e não derramam licores para honrar os Deuses. Também não interrogam os astros, os mortos e os adivinhos para conhecer o futuro que Deus, em Sua sabedoria, ocultou dos homens. Os seguidores da Nova Doutrina repudiam toda forma de comércio da faculdade que alguns possuem (os médiuns) de se comunicar com os Espíritos. Não são movidos pela curiosidade e nem pela ganância, mas por um sentimento de piedade e por um desejo único de se instruir, de progredir e de aliviar as almas sofredoras.

A proibição de Moisés não se aplica aos espíritas. Se aqueles que invocam a Lei de Moisés contra os espíritas tivessem se dado ao trabalho de aprofundar as palavras contidas na Bíblia, teriam reconhecido que não existe qualquer analogia entre o que se passava com os hebreus naquela época e os princípios atuais do Espiritismo. Mais ainda: eles saberiam que o Espiritismo condena tudo o que motivou a proibição de Moisés.

Os adversários do Espiritismo, na ânsia de encontrar argumentos contra as novas ideias, não percebem que essas acusações soam de maneira totalmente

falsa.

A Lei Civil dos nossos dias pune todos os abusos que Moisés tinha em vista reprimir. Quando Moisés estabeleceu a pena de morte contra os delinquentes, era porque necessitava de meios mais rigorosos para governar um povo tão indisciplinado. A pena de morte figurava constantemente na sua legislação, pois não havia muito a escolher quanto aos meios de repressão.

Não existiam prisões e nem casas de correção no deserto, o que impedia Moisés de graduar a penalidade como se faz nos dias de hoje. Além disso, seu povo não tinha por hábito se atemorizar com penas puramente disciplinares. Assim, falta razão aos que se apoiam na severidade do castigo (a pena de morte) para punir aqueles que evocavam os mortos.

Seria correto, simplesmente por respeito à Lei de Moisés, manter a pena de morte em todos os casos em que ele a aplicava? Certamente que não! Então, por que somente no caso das evocações ela é lembrada com tanta insistência? Por que silenciar quando Moisés, no início do capítulo, proíbe *aos sacerdotes a posse de bens terrenos e a participação em qualquer herança? Será porque o Senhor é a sua própria herança?* (Ver Deuteronômio, capítulo 18, versículos 1 e 2.)

**5** – Há duas partes distintas na Lei de Moisés: a Lei de Deus propriamente dita (os dez mandamentos), promulgada no Monte Sinai, e a Lei Civil ou Disciplinar, apropriada aos costumes da época e ao caráter do povo hebreu. A Lei de Deus é invariável, ao passo que a Lei Disciplinar se modifica com o tempo.

Não passa pelo pensamento de ninguém que possamos ser governados, hoje, da mesma maneira que os hebreus eram governados em sua caminhada pelo deserto. Do mesmo modo, os decretos de **Carlos Magno** não podem ser aplicados à França do nosso século.

Quem pensaria em reviver hoje, por exemplo, este artigo da Lei de Moisés: “Se um boi chifrar um homem ou uma mulher, e eles morrerem em consequência disso, o boi será apedrejado até a morte e ninguém deverá comer

a sua carne, mas o dono do boi será julgado inocente”. (Êxodo, capítulo 21, versículos 28 e seguintes.)

Este artigo, que nos parece tão absurdo, não tinha por objetivo punir o boi e inocentar o seu dono. Pretendia simplesmente confiscar o boi, causa do acidente, para obrigar o proprietário a ter maior cuidado com os seus animais. A perda de um boi era uma punição muito sentida pelo seu dono, que fazia parte de um povo de pastores, a ponto de dispensar qualquer outro tipo de castigo.

Entretanto, ninguém devia se aproveitar dessa perda, razão pela qual Moisés proibiu que se comesse a carne do animal. Outros artigos da mesma Lei prescrevem o caso em que o dono do boi é o responsável.

Tudo tinha a sua razão de ser na legislação de Moisés, porque tudo nela estava previsto em seus mínimos detalhes. Mas tanto a forma quanto o conteúdo adaptavam-se às circunstâncias em que os hebreus viviam. Se Moisés voltasse hoje para formular um código a uma nação civilizada da Europa, certamente não lhe daria um código igual ao dos hebreus.

### *Observação*

**Carlo Magno** (742-814): Rei dos Francos e Imperador do Ocidente. Com o objetivo de fazer com que os povos bárbaros se convertessem ao catolicismo, participou de diversas Guerras, conquistando grande parte da Europa e recuperando o Império Romano do Ocidente. No ano de 800, foi nomeado imperador do Sacro Império Romano Germânico, pelo Papa Leão III.

**6** – Costuma-se argumentar que todas as Leis de Moisés foram ditadas em nome de Deus, assim como as que ele recebeu no Monte Sinai. Mas, se todas as Leis são de origem divina, por que os Mandamentos são apenas dez? Qual a razão para que umas Leis sejam de origem divina e outras não? Se todas emanam de Deus, não deveriam ser todas obrigatórias? E por que as Leis não conservaram a circuncisão, à qual Jesus se submeteu e não aboliu?

Todos os legisladores antigos, para dar mais autoridade às suas Leis, atribuíam a elas uma origem divina. Moisés, mais do que qualquer outro,

necessitava desse recurso, tendo em vista o caráter indisciplinado do seu povo. Se, apesar de tudo isso, ele teve dificuldade em se fazer obedecer, o que não teria acontecido se as Leis tivessem sido promulgadas em seu próprio nome?

Não veio Jesus modificar a Lei de Moisés, fazendo da sua Lei o código dos cristãos? Ele não disse: “Vocês sabem o que foi dito aos antigos, por acaso Eu venho dizer outra coisa”? Ainda assim, Jesus não aboliu a Lei dos Dez Mandamentos, ao contrário, ele a sancionou, pois toda a sua doutrina moral é um desdobramento da Lei que Moisés recebeu no Monte Sinai.

Ora, Jesus nunca se referiu, em parte alguma dos Evangelhos, à proibição de evocar os mortos. Essa questão era muito importante para que ele a tivesse omitido em suas instruções, principalmente se levarmos em conta que ele tratou de outros assuntos bem menos importantes.

**7** – Em resumo, trata-se de saber se a Igreja coloca a Lei de Moisés acima da Lei Evangélica, ou melhor, se ela é mais Judaica do que Cristã. Convém também notar que, de todas as religiões, a Judaica é a que faz menos oposição ao Espiritismo, pois ela não invoca a Lei de Moisés contra as relações com os mortos, como fazem as seitas cristãs.

**8** – Temos ainda outra contradição: se Moisés proibiu evocar o Espírito dos mortos, é porque eles poderiam vir. Do contrário, a sua proibição seria inútil. Se os mortos podiam se manifestar naqueles tempos, também podem se manifestar hoje. Se os Espíritos que vêm são os Espíritos dos mortos, então não são exclusivamente os demônios, segundo a Igreja, aqueles que se manifestam. Aliás, Moisés não faz nenhuma referência aos demônios.

Portanto, não é lógico se apoiar na Lei de Moisés para proibir a evocação dos mortos, e isso por dois motivos: primeiro, porque ela não rege o Cristianismo; segundo, porque ela não é apropriada aos costumes da nossa época. Mesmo supondo que ela tenha toda a autoridade que alguns lhe atribuem, ainda assim ela não pode ser aplicada ao Espiritismo, uma vez que



deve ficar restrita à sua época, conforme já vimos.

É verdade que a Lei de Moisés abrange a proibição de interrogar os mortos. Mas essa proibição é secundária, pois a sua real intenção era evitar as práticas da feitiçaria. A própria palavra *interrogar*, colocada ao lado das palavras *adivinho* e *agoureiro*, prova que, entre os hebreus, as “evocações” eram um meio de adivinhação.

Ora, os espíritas não evocam os mortos para obter revelações ilícitas, eles evocam para receber bons conselhos e proporcionar alívio aos que sofrem. É evidente que, se os hebreus tivessem utilizado as comunicações com os mortos apenas com esses objetivos, Moisés, longe de proibi-las, as teria incentivado, porque elas teriam tornado o seu povo mais dócil e mais obediente.

### *Observação*

**Agoureiro:** Pessoa que profetiza desgraça, coisa ruim.

**9** – Se alguns críticos irônicos ou mal-intencionados apresentam as reuniões espíritas como assembleias de adivinhos ou feiticeiros, e os médiuns como ledores da sorte; se alguns charlatões associam o nome do Espiritismo com práticas ridículas que ele desaprova, muita gente, em compensação, faz justiça e reconhece o caráter sério e moral das reuniões espíritas.

Além disso, a Doutrina, exposta em livros que estão ao alcance de todos, protesta bem alto contra os abusos de toda espécie, para que a calúnia recaia sobre quem realmente a merece.

**10** – Dizem que a evocação é uma falta de respeito para com os mortos, cujas cinzas não devemos perturbar. Mas quem é que diz isso? São os - adversários de dois campos opostos, mas que nesse momento se dão as mãos, ou seja, os “incrédulos”, que não acreditam na alma, e “aqueles que acreditam”, mas entendem que *só o demônio pode se manifestar, as almas não*.

Quando a evocação é feita religiosamente e com o devido recolhimento;

quando os Espíritos são chamados, não por curiosidade, mas por um sentimento de afeição e simpatia, com um desejo sincero da nossa parte de receber instrução e aperfeiçoamento moral, não vemos nada que possa denotar falta de respeito em procurar as pessoas depois da morte, como se fazia quando elas estavam vivas.

Há, porém, uma outra resposta categórica a essa objeção de não se poder evocar os mortos: é que os Espíritos se apresentam livremente, e não de maneira forçada. Muitas vezes, eles comparecem até mesmo sem serem chamados.

Eles também dão testemunho da satisfação que experimentam em comunicar-se com os homens e, com frequência, se queixam pelo fato de terem sido esquecidos. Se os Espíritos ficassem perturbados em sua tranquilidade ou não gostassem de ser chamados, certamente nos diriam e não nos atenderiam. Uma vez que eles são livres, quando se manifestam, é porque isso lhes convém!

**11** – Alguns críticos alegam ainda uma outra razão: “As almas permanecem na morada que lhes foi destinada pela Justiça divina, ou seja, no inferno ou no paraíso”. Assim, as almas que estão no inferno, de lá não podem sair, embora essa liberdade seja concedida aos demônios. As que estão no paraíso, encontram-se entregues à sua bem-aventurança celeste e, por estarem muito acima dos mortais, não dispõem de tempo para se preocuparem com eles. Estão muito felizes para voltar a esta Terra de misérias, no interesse de parentes e amigos que aqui deixaram.

Tais almas se assemelham a certos ricos que, não querendo perturbar a sua digestão, desviam o olhar dos pobres. Mas, se fosse assim, elas seriam pouco dignas de desfrutar da felicidade suprema. Isso seria o mesmo que premiar o egoísmo!

Restam ainda as almas que estão no purgatório. Mas as que estão lá são almas sofredoras e devem cuidar, antes de qualquer coisa, da sua própria salvação. Portanto, se as almas que estão no Céu, no inferno ou no purgatório

não podem atender ao nosso chamado, somente resta ao diabo fazê-lo!

De tudo isso se conclui o seguinte: se as almas não podem vir, não há motivo para temer a perturbação do seu repouso!

**12** – Mas aqui se apresenta uma outra dificuldade. Se as almas que estão na bem-aventurança não podem deixar a sua morada feliz para socorrer os mortais, por que a Igreja invoca a assistência dos santos, que devem desfrutar de uma bem-aventurança muito maior do que a dos anjos? Por que aconselha aos fiéis invocá-los em casos de doenças, de aflições e para se preservarem dos flagelos? Por que razão, e segundo essa mesma Igreja, os santos e a própria Virgem aparecem aos homens através de visões e fazem milagres?

Se os santos podem deixar o Céu para descer à Terra, por que os Espíritos menos elevados não podem fazer o mesmo?

**13** – Até se compreende que os incrédulos neguem a manifestação das almas, uma vez que eles não acreditam na sua existência. Mas o que fica ainda mais difícil de compreender é ver a Igreja, que acredita na existência da alma e no seu futuro após a morte, *se colocar contra os meios de provar que elas existem e se esforçar para demonstrar a impossibilidade desses meios!*

Seria mais natural que a Igreja, que tem interesse em provar a existência da alma, acolhesse com alegria e como um benefício da Providência os meios para desmascarar os incrédulos através de provas indiscutíveis, porque aqueles que negam a existência da alma negam também a própria religião.

A Igreja, que tem interesse na existência da alma, lamenta constantemente a incredulidade que dizima o seu rebanho de fiéis; mas, quando se apresenta um meio poderoso de combater essa incredulidade, através da manifestação da alma, ela repele esse meio com mais veemência que os próprios incrédulos.

Depois, quando as provas se multiplicam a ponto de não deixarem nenhuma dúvida, a Igreja usa como argumento supremo a proibição de evocar as almas e, para justificar essa proibição, vai buscar um artigo da Lei de Moisés,

do qual ninguém mais se lembrava. Agindo assim, pretende dar a esse artigo uma aplicação que já não possui mais razão de ser.

A Igreja fica tão feliz com a descoberta, e não percebe que esse mesmo artigo (proibir a evocação dos mortos) também é compartilhado pela Doutrina Espírita, que não concorda com a evocação das almas para fins supérfluos, como adivinhações e previsões do futuro.

**14** – Todas as razões alegadas para condenar as relações com os Espíritos não resistem a um exame mais sério. Pelo tipo de ataque que fazem, pode-se deduzir que o assunto desperta bastante interesse, pois do contrário não haveria tanta insistência. Ao ver esta verdadeira cruzada de todos os cultos contra as manifestações espíritas, pode-se dizer que eles *estão com medo delas*.

O verdadeiro motivo bem poderia ser o temor de que os Espíritos, muito esclarecidos, viessem instruir os homens sobre pontos que interessa à Igreja manter obscuros, dando-lhes conhecimento, de maneira precisa, da certeza de um outro mundo, bem como das *verdadeiras condições para nele serem felizes ou infelizes*.

A mesma razão que leva alguém a dizer a uma criança: “Não vai lá porque existe um lobisomem”, leva outra pessoa a dizer aos homens: “Não evoquem os Espíritos, porque quem atende é o diabo”. Entretanto, por mais que façam, proibindo os homens de evocar os Espíritos, não podem impedir que os Espíritos venham até os homens para retirar a luz debaixo do alqueire, ou seja, para mostrar-lhes a verdade.

Ora, o culto que estiver com a verdade não precisa temer a luz, porque a luz faz brilhar a verdade e o demônio não pode prevalecer contra a verdade.

**15** – Repelir as comunicações dos Espíritos é rejeitar um meio poderoso de instrução. Essas comunicações nos trazem conhecimentos sobre a vida futura, através de inúmeros exemplos. Além disso, a experiência nos ensina o bem que é possível fazer, ao desviar do mal os Espíritos imperfeitos, ajudando

os que sofrem a se libertarem da matéria e a se melhorarem.

Proibir as comunicações é privar as almas infelizes da assistência que devemos e podemos dar. A seguinte comunicação de um Espírito resume admiravelmente as consequências da evocação, quando praticada com uma finalidade caridosa:

Todo Espírito sofredor e angustiado contará a vocês a causa da sua queda, as loucuras a que não soube resistir; falará sobre suas esperanças, suas lutas, seus medos, remorsos, dores e desespero. Mostrará Deus, justamente irritado, punindo o culpado com toda a severidade da Sua Justiça. Ao ouvi-lo, serão tocados por dois sentimentos: o sentimento de compaixão por esse Espírito sofredor e o sentimento de temor por vocês mesmos.

Prestando atenção na queixa desses Espíritos, vocês verão que Deus jamais os perde de vista, que Ele espera o pecador arrependido, estendendo-lhe os braços assim que ele começa a se melhorar. Verão os progressos do culpado, para os quais vocês tiveram a felicidade e a glória de contribuir. Acompanharão com cuidado a sua reforma, assim como o cirurgião acompanha a cicatrização da ferida que ele ajudou a curar. (Bordeaux, 1861)

**SEGUNDA PARTE:**  
**EXEMPLOS**

# CAPÍTULO 1

## A PASSAGEM

**1** – A confiança na vida futura não extingue as apreensões que as pessoas têm com relação à passagem desta para a outra vida. Muitas não temem a morte propriamente dita, o que elas temem é o momento da transição. Sofremos ou não ao fazer essa passagem? A inquietação é muito justa, uma vez que ninguém escapa dessa transição.

Podemos deixar de fazer uma viagem neste mundo, mas nem ricos nem pobres podem deixar de fazer essa passagem e, se ela for dolorosa, nem a posição social e nem a fortuna podem suavizar a sua amargura.

**2** – Ao ver a tranquilidade de algumas mortes, a agonia e as terríveis convulsões de outras, podemos perceber que as sensações experimentadas não são sempre as mesmas para todos. Mas quem pode nos esclarecer a esse respeito? Quem vai nos descrever o fenômeno fisiológico da separação entre a alma e o corpo físico? Quem vai nos contar as impressões desse instante supremo, quando a Ciência e a Religião se calam?

Mas por que elas se calam? Ora, elas se calam porque falta, tanto para a Religião, quanto para a Ciência, o conhecimento das Leis que regem as relações entre o Espírito e a matéria. A Religião cessa no limite da vida espiritual e a Ciência, por sua vez, cessa no limite da vida material.

O Espiritismo é o traço de união entre a Ciência e a Religião, e somente ele pode nos esclarecer sobre o assunto. Seja pelas noções mais de acordo com a realidade que ele nos oferece sobre a natureza da alma, seja pelo relato daqueles que deixaram este mundo.

O conhecimento da ligação fluídica que existe entre a alma e o corpo físico é o princípio essencial deste e de muitos outros fenômenos.

**3** – A matéria inerte é insensível, e isso é um fato comprovado. Somente a alma experimenta as sensações de prazer e de dor. Durante a vida, qualquer desagregação da matéria repercute na alma através de uma impressão mais ou menos dolorosa.

É a alma quem sofre, e não o corpo. O corpo é apenas o instrumento da dor, enquanto a alma é o paciente. Após a morte, o corpo, estando separado da alma, pode ser livremente mutilado que nada sentirá. A alma, uma vez separada do corpo, nada experimenta da destruição orgânica que ocorre com o corpo. Ela tem as suas próprias sensações, cuja fonte não está na matéria tangível, ou melhor, no corpo físico.

O perispírito é o envoltório fluídico da alma e não se separa dela nem antes e nem depois da morte. A alma e o perispírito formam uma única entidade, de modo que não se pode conceber a alma sem o perispírito e vice-versa. Durante a vida encarnada, o fluido do perispírito penetra o corpo físico em todas as suas partes e serve de veículo para as sensações físicas que a alma registra. É também por intermédio do perispírito que a alma atua sobre o corpo e lhe dirige os movimentos.

**4** – O rompimento da ligação fluídica, que une o corpo físico com a alma, tem como consequência a extinção da vida orgânica. Entretanto, essa separação nunca se dá de maneira brusca. O fluido do perispírito se desprende pouco a pouco de todos os órgãos, de forma que a separação só é completa e absoluta quando não resta mais nenhum átomo do perispírito ligado a uma única molécula do corpo físico.

*A sensação dolorosa que a alma experimenta no momento da morte é diretamente proporcional à quantidade de pontos de contato existentes entre o corpo físico e o perispírito. Isso também determina a maior ou menor dificuldade no rompimento desses vínculos fluídicos. Por isso, é preciso levar em conta que, conforme as circunstâncias, a morte pode ser mais ou menos dolorosa.*

**São essas diversas circunstâncias que precisamos examinar:**



**5** – Vamos estabelecer como princípio os quatro casos seguintes, que podem ser considerados como situações extremas, entre as quais existe uma infinidade de variantes.

1º – Se, no momento em que se extingue a vida orgânica, o desprendimento do perispírito fosse completo, a alma não sentiria absolutamente nada.

2º – Se, no momento da morte, a ligação entre os dois elementos (corpo físico e alma) estiver no auge de sua força, haverá uma ruptura violenta dessa ligação, e isso reage dolorosamente sobre a alma (mortes em caso de acidentes, por exemplo).

3º – Se a ligação já estiver enfraquecida, a separação será fácil e ocorrerá sem trauma.

4º – Se, após a extinção completa da vida orgânica, ainda existirem numerosos pontos de contato entre o corpo físico e o perispírito, a alma poderá experimentar os efeitos da decomposição do corpo, até que as ligações sejam completamente rompidas.

Portanto, o sofrimento que acompanha a morte é uma consequência da força que existe entre os vínculos que unem o perispírito ao corpo físico. Desse modo, tudo aquilo que puder diminuir essa força e acelerar o desprendimento torna a passagem menos dolorosa.

**Resumindo:** Se a separação se operar sem dificuldade, a alma não experimenta nenhuma sensação desagradável.

**6** – Na passagem da vida corporal para a vida espiritual ocorre ainda um outro fenômeno de grande importância: o da perturbação. Nesse momento, a alma experimenta um torpor que paralisa momentaneamente as suas faculdades e neutraliza, pelo menos em parte, as suas sensações.

É como se ela estivesse num estado de **catalepsia**, de modo que a alma *quase nunca* tem consciência do seu derradeiro suspiro. Dizemos *quase nunca*

porque existem casos em que ela pode ter a consciência desse último instante, como veremos mais adiante.

Assim, a perturbação pode ser considerada como um fato normal no instante da morte. A duração dessa perturbação é indeterminada e pode variar de algumas horas a alguns anos. À medida que a alma vai se libertando, a perturbação se dissipa, e ela se sente numa situação que pode ser comparada à de um homem que desperta de um sono profundo, ou seja, as ideias são confusas, vagas e incertas. A visão da alma nesse momento é semelhante à visão de alguém que está num nevoeiro.

De acordo com a situação de cada um, pouco a pouco a visão vai se tornando mais clara, a memória retorna, e a alma retoma o conhecimento de si mesma. Para uns, esse despertar é calmo e proporciona uma sensação deliciosa. Para outros, esse despertar é cheio de terror e angústia, semelhante a um terrível pesadelo.

## *Observação*

**Catalepsia:** Doença nervosa caracterizada pela perda temporária da sensibilidade e dos movimentos (imobilidade do corpo) e pela rigidez dos músculos.

7 – O momento do “último suspiro” quase nunca é doloroso, porque normalmente ele ocorre quando a alma já perdeu a sua consciência. Entretanto, antes desse “último suspiro”, a alma sofre os efeitos da desagregação da matéria, que ocorrem durante as convulsões da agonia, e, depois da morte, ela sofre as angústias da perturbação.

Devemos esclarecer de imediato que essa situação não é generalizada, porque, conforme já dissemos, a intensidade e a duração do sofrimento são diretamente proporcionais à afinidade que existe entre o corpo físico e o perispírito. Assim, quanto maior for essa afinidade, mais dolorosos e demorados serão os esforços do Espírito para se libertar das ligações fluídicas que o prendem ao corpo físico.

Existem pessoas em que essa ligação fluídica é tão fraca, que o desprendimento se opera por si mesmo, com a maior naturalidade. O Espírito se separa do corpo físico, assim como um fruto maduro se desprende do seu caule. É o caso das mortes tranquilas que levam a um despertar sereno.

**8** – O estado moral da alma é a causa principal que determina a maior ou menor facilidade com que ela se desprende do seu corpo físico. A afinidade entre o corpo e o perispírito é proporcional ao apego que o Espírito tem com a matéria. Esse apego atinge o seu grau máximo no homem que concentra todas as suas preocupações na vida terrena e nos prazeres materiais que essa vida oferece.

Entretanto, essa afinidade é quase nula entre aqueles que possuem a alma pura e identificada, por antecipação, com a vida espiritual. Uma vez que a lentidão e a dificuldade da separação resultam do grau de pureza e de desmaterialização da alma, vai depender de cada um tornar essa separação mais fácil e agradável ou mais difícil e dolorosa.

Bem entendida a questão do desprendimento da alma, quer analisando os fatos teoricamente, quer observando-os na prática, resta-nos examinar a influência do *tipo de morte* sobre as sensações da alma no último momento de sua vida na Terra.

**9** – NA MORTE NATURAL, a que resulta da extinção das forças vitais pela idade ou pela doença, o desprendimento opera-se gradualmente. Para o homem que possui a alma desligada da matéria, e cujos pensamentos se elevam acima das coisas terrenas, o desprendimento quase se completa antes de se consumir a morte propriamente dita, ou seja, enquanto o corpo ainda tem vida orgânica, o Espírito já entrou na vida espiritual. Ele fica ligado ao corpo por um vínculo tão frágil, que se rompe com a última batida do coração.

Nessa situação, o Espírito pode já ter recuperado a sua lucidez e torna-se testemunha consciente da extinção da vida do seu próprio corpo físico,

sentindo-se feliz por abandoná-lo. Para esse Espírito, a perturbação é quase nula, ou melhor, ela não passa de um ligeiro sono tranquilo, do qual ele desperta com uma indescritível sensação de felicidade e esperança.

Para o homem que é materialista e sensual, que viveu mais para o corpo do que para as coisas do Espírito, para quem a “vida espiritual” nada representa, e ele nem sequer perde o seu tempo pensando nela, tudo contribui para fortalecer os vínculos que o prendem à matéria.

Quando a morte se aproxima, o desprendimento também se opera de forma gradual, mas requer contínuos esforços por parte do Espírito para que ele possa se desvincular das ligações fluídicas que o prendem ao corpo físico. As convulsões da agonia revelam a luta que ele enfrenta, ora para romper essas ligações resistentes, ora para se agarrar a esse corpo, do qual uma força irresistível o vai arrancando com violência, parte por parte.

**10** – Quanto mais o Espírito se apega à vida material, menos ele consegue enxergar além dessa vida. Na hora da morte, ele sente que a vida lhe escapa e quer retê-la a todo custo. Em vez de se deixar levar pelo movimento que o arrasta para fora do corpo, ele resiste a esse movimento com todas as suas forças. Assim, pode prolongar essa luta por dias, semanas e meses inteiros.

É claro que, nesse momento, o Espírito não desfruta de toda a sua lucidez, visto que a perturbação já se iniciou muito antes da morte. Mas nem por isso ele sofre menos, e o vazio em que se encontra, junto com a incerteza sobre o que vai acontecer, aumentam as suas angústias.

Quando a morte chega de fato, nem tudo está terminado, uma vez que a perturbação continua. Ele sente que está vivo, mas não sabe se essa vida é material ou espiritual. Luta ainda, até que as últimas ligações do perispírito com o corpo físico estejam completamente rompidas. A morte põe um fim à moléstia que ele sofria, mas ele não deixa de sentir as suas consequências.

Enquanto existirem pontos de contato entre o corpo físico e o perispírito, o Espírito resente-se e sofre com o resultado natural dessa ligação que ainda

não foi rompida.

**11** – É muito diferente a situação do Espírito que não é apegado à matéria, mesmo diante das enfermidades mais cruéis. Nesses casos, as ligações fluídicas que prendem o Espírito ao corpo, por serem muito frágeis, se rompem suavemente.

Além disso, a confiança no futuro, que ele já adquiriu pelo pensamento e muitas vezes de maneira real, o leva a encarar a morte como uma libertação e os seus males como uma prova. Essa confiança no futuro traz a tranquilidade moral e a resignação que amenizam o seu sofrimento.

Como as ligações fluídicas são rompidas junto com a morte, nenhuma reação dolorosa atinge o Espírito. Ele desperta sentindo-se livre, disposto, aliviado de um grande peso e muito feliz por não estar mais sofrendo.

**12** – Na MORTE VIOLENTA, as condições não são exatamente as mesmas. Como não houve nenhuma desagregação parcial da matéria, capaz de levar a uma separação antecipada entre o corpo físico e o perispírito, a vida orgânica é subitamente aniquilada na plenitude da sua força.

Nesses casos, o desprendimento entre o corpo e o perispírito só se inicia depois da morte e não pode completar-se rapidamente. O Espírito, colhido de surpresa, fica como que aturdido; mas, ao perceber que ainda pensa, acredita estar vivo. Essa ilusão se prolonga até que ele tenha consciência da sua nova situação.

Esse estado intermediário, entre a vida corpórea e a vida espiritual, é um dos mais interessantes a ser estudado, porque ele apresenta a singular situação de o Espírito confundir o seu corpo fluídico (perispírito) com o seu corpo físico, e experimentar, ao mesmo tempo, todas as sensações da vida orgânica.

Essa perturbação oferece uma infinidade de nuances que variam de acordo com o caráter, com os conhecimentos e com o grau de desenvolvimento moral do Espírito. É um período de curta duração, para aqueles que têm a

alma mais pura. Nestes, já havia um desprendimento antecipado, que a morte, de maneira súbita, vem apenas completar. Em outros, a situação pode se prolongar por anos.

Essa condição de sentir-se vivo é muito frequente, mesmo nos casos de morte comum. Para os Espíritos adiantados, essa situação nada tem de dolorosa, mas para os Espíritos atrasados, ela é terrível.

É principalmente nos casos de suicídio que a condição de sentir-se vivo se torna ainda mais aflitiva. O corpo físico continua ligado ao perispírito por todas as suas fibras. Assim, o Espírito recebe todas as convulsões do corpo e experimenta sofrimentos atrozes.

### **13 – A situação do Espírito no momento da morte pode ser resumida da seguinte maneira:**

O sofrimento é tanto maior, quanto mais lento for o desprendimento entre o perispírito e o corpo físico. A rapidez desse desprendimento está na razão direta do adiantamento moral do Espírito. Para o Espírito que não é materialista, que tem a consciência pura, a morte é apenas um sono rápido, sem nenhum sofrimento, e o seu despertar é muito suave.

**14 –** Para quem quer trabalhar pela própria purificação, é fundamental que reprima as más tendências, que domine as paixões, que renuncie às vantagens imediatas *em favor do futuro*. Para identificar-se com a vida futura, que é a vida espiritual, ou melhor, que é a vida verdadeira do Espírito, é preciso direcionar para ela todas as aspirações e preferi-la em detrimento da vida terrena. Não basta acreditar que ela existe, é necessário compreendê-la.

Para compreender essa vida espiritual, é fundamental considerá-la sob um ponto de vista que satisfaça a razão, que esteja de acordo com a lógica, o bom senso e a ideia que fazemos da grandeza, da bondade e da Justiça de Deus.

De todas as doutrinas filosóficas, o Espiritismo é a que exerce a mais poderosa influência no sentido de explicar a realidade da vida espiritual, pela fé

inabalável que ele proporciona.

O espírita *sério* não se contenta em acreditar; *ele acredita porque compreende* e compreende porque raciocina. A vida futura é uma realidade que se desdobra incessantemente aos seus olhos. É uma realidade que ele pode tocar e ver, o tempo todo. Assim, a dúvida não tem como penetrar em sua mente.

A vida corpórea, tão limitada, se apaga para o espírita diante da vida espiritual, que é a “vida verdadeira”. Essa é a razão para a pouca importância que ele dá aos incidentes do caminho, pois ele enfrenta de maneira resignada as dificuldades da vida e compreende perfeitamente as suas causas e a sua utilidade.

A alma do espírita se eleva pelas relações diretas que ele mantém com o mundo invisível. As ligações fluídicas que o ligam à matéria se enfraquecem, operando-se por antecipação um desprendimento parcial, que facilita a passagem para a outra vida.

A perturbação, que é inseparável da transição entre a vida e a morte, torna-se de curta duração porque, uma vez transposto o limiar, ele logo tem consciência de si mesmo. Nada lhe é estranho e ele compreende imediatamente a nova situação em que se encontra.

**15** – Certamente o Espiritismo não é indispensável para que se chegue a esse resultado. Ele também não tem a pretensão de ser o único meio para garantir a salvação das almas. Entretanto, ele facilita enormemente o momento da passagem pelos conhecimentos que fornece, pelos sentimentos que inspira, e pelas oportunidades que dá ao Espírito para que ele se melhore.

O Espiritismo também fornece a cada um os meios de auxiliar o desprendimento dos *outros Espíritos encarnados* no momento de abandonar o corpo físico, abreviando-lhes a duração da perturbação pela evocação e pela prece.

Por meio de uma prece sincera, que é uma forma de magnetização espiritual, provoca-se uma desagregação mais rápida do fluido perispiritual.

Pela evocação, conduzida com sabedoria e prudência, com palavras benevolentes e de encorajamento, tira-se o Espírito do entorpecimento em que ele se encontra, ajudando-o a compreender mais rapidamente o que se passa. Se for um Espírito sofredor, estimula-se o arrependimento, que é o único meio de abreviar os seus sofrimentos.

***Nota de Allan Kardec:** Os exemplos que vamos citar nos capítulos seguintes apresentam os Espíritos nas mais diferentes fases de felicidade e de infelicidade na vida espiritual. Não fomos procurar tais exemplos em personagens mais ou menos ilustres da Antiguidade, cuja situação pode ter mudado consideravelmente depois da existência em que ficaram conhecidos, não oferecendo, portanto, provas suficientes de autenticidade.*

*Ao contrário, fomos buscar esses exemplos nas circunstâncias mais comuns da vida contemporânea, porque são aquelas em que podemos encontrar maiores possibilidades de comparar a vida desses Espíritos com as nossas, e tirar delas as mais proveitosas instruções.*

*Quanto mais a existência terrena dos Espíritos é próxima da nossa, seja pela posição social, seja por laços de parentesco ou por simples relações, mais eles nos interessam e mais fácil se torna controlar a identidade dos que se manifestam. As posições vulgares são as mais comuns e, por consequência, as mais numerosas. Assim, a nossa identificação com esses Espíritos torna-se muito mais fácil.*

*Os Espíritos que ocuparam uma posição de destaque na Terra nos comovem menos, porque saem da esfera dos nossos costumes. Portanto, não foram os Espíritos famosos que fomos procurar e, se nesses exemplos se encontram algumas personagens conhecidas, a maioria delas é composta de nomes desconhecidos.*

*Nomes de grande repercussão nada acrescentariam à instrução e poderiam ferir suscetibilidades. Não nos dirigimos aos curiosos e nem aos que gostam de escândalos, mas aos que desejam se instruir com seriedade.*

*Esses exemplos poderiam se multiplicar ao infinito, mas, forçados a limitar o seu número, escolhemos aqueles que podem nos esclarecer melhor sobre o mundo*



*espíritual, seja pelo estado em que se encontram, seja pelas explicações que nos deram.*

*A maior parte dessas comunicações é inédita, apenas algumas já foram publicadas na Revista Espírita. Dessas comunicações, suprimimos os detalhes supérfluos, conservando apenas os pontos essenciais ao objetivo a que nos propusemos aqui. Acrescentamos, após cada comunicação, as explicações que foram possíveis de serem dadas.*

## CAPÍTULO 2

# ESPÍRITOS FELIZES

- SANSON • JOBARD
- SAMUEL PHILIPPE • VAN DURST
- SIXDENIERS • DR. DEMEURE
- VIÚVA FOULON (WOLLIS, QUANDO SOLTEIRA)
- UM MÉDICO RUSSO • BERNARDIN
- CONDESSA PAULA • JEAN REYNAUD
- ANTOINE COSTEAU • EMMA LIVRY
- DR. VIGNAL • VICTOR LEBUFLE
- A SENHORA ANAIS GOURDON • MAURICE GONTRAN

### SANSON

---

**Antigo membro da Sociedade Espírita de Paris, o Sr. Sanson faleceu a 21 de abril de 1862, depois de um ano de cruéis sofrimentos. Prevendo que iria desencarnar, dirigiu ao Presidente da Sociedade a seguinte carta:**

“Caso a minha alma se separe do meu corpo, de um momento para outro, venho lembrá-lo de um pedido que eu já havia lhe feito há cerca de um ano: é o de evocar o meu Espírito, o mais rápido possível, após a minha morte e sempre que você julgar conveniente, a fim de que eu, membro bastante inútil da nossa Sociedade, durante a minha presença na Terra, possa servir para alguma coisa depois de morto.

Pretendo esclarecer, fase por fase, as circunstâncias decorrentes do que as pessoas chamam de morte, e que para nós, os espíritas, não passa de uma transformação, segundo os desígnios impenetráveis de Deus, mas que são sempre úteis ao fim a que Ele se propõe.

Além desse pedido, que é uma autorização para que você me honre com essa espécie de autópsia espiritual, que talvez possa ser de pouca utilidade em razão do meu quase nulo adiantamento, e que a sua sabedoria e prudência não permitirão ir além de um certo número de evocações, ousei pedir pessoalmente ao senhor e a todos os meus colegas que supliquem ao Todo-Poderoso para que Ele permita que eu receba a assistência dos bons Espíritos, juntamente com os seus conselhos benevolentes.

Gostaria de receber também a assistência de São Luís, nosso presidente espiritual, para que ele me guie na escolha e sobre a época de uma nova encarnação, ideia que há muito tempo vem me preocupando.

Tenho medo de me enganar quanto às minhas forças espirituais, pedindo a Deus, muito cedo e de maneira presunçosa, um novo corpo no qual eu não possa dar uma resposta à altura da bondade divina, e que, em vez de servir ao meu adiantamento, prolongue a minha permanência na Terra ou em qualquer outro lugar, caso eu venha a fracassar.”

*Nota de Allan Kardec: Para satisfazer o desejo de Sanson, de ser evocado o mais rápido possível, após o seu falecimento, fomos ao local do velório com alguns membros da Sociedade Espírita de Paris. Na presença do seu corpo, fizemos a evocação que vamos descrever adiante. Essa comunicação aconteceu uma hora antes do seu enterro.*

*Tínhamos dois objetivos: cumprir com a última vontade do falecido, e observar mais uma vez a situação da alma num instante assim tão imediato à morte. Tratava-se de um homem muitíssimo esclarecido, inteligente e profundo conhecedor das verdades espíritas.*

*Estávamos interessados em verificar a influência dos conhecimentos espíritas sobre o estado do Espírito no momento do desencarne, colhendo para isso as suas primeiras impressões. Nossa expectativa não foi frustrada. O Sr. Sanson descreveu com perfeita lucidez o instante da sua transição, vendo-se morrer e renascer, o que é uma circunstância pouco comum e que se deve à elevação do seu Espírito.*

# 1

Na sala do velório, 23 de abril de 1862

## 1 – EVOCAÇÃO:

– Venho atender ao seu chamado e cumprir a minha promessa.

**2 – Meu caro Sr. Sanson, cumprimos com satisfação o dever de evocá-lo, o mais rápido possível, depois da sua morte, conforme era o seu desejo.**

– É uma graça especial que Deus concede ao meu Espírito, para que eu possa me comunicar. Agradeço a sua boa vontade, mas estou fraco e trêmulo.

**3 – O senhor sofreu tanto que podemos perguntar, penso eu, como o senhor se encontra agora? Ainda sente as suas dores? Qual a sensação que o senhor sente hoje, se comparada com a situação de dois dias atrás?**

– Minha situação é muito melhor, pois nada mais sinto das antigas dores. Estou recuperado e renovado, como vocês costumam dizer. A passagem da vida terrena para a vida espiritual, no início, deixou todas as coisas incompreensíveis para mim, porque fiquei vários dias sem desfrutar da lucidez. No entanto, antes de morrer, eu pedi a Deus que me permitisse falar aos que estimo, e Ele me ouviu.

**4 – Depois de quanto tempo o senhor recobrou a sua lucidez mental?**

– Depois de oito horas. Deus, eu repito, deu-me uma prova da Sua bondade, julgando-me mais digno do que eu merecia, e eu não sei como Lhe agradecer.

**5 – O senhor está bem ciente de que não pertence mais ao nosso mundo? Em caso afirmativo, como constatou esse fato?**

– Oh! Certamente eu não estou mais no seu mundo, mas estarei sempre ao seu lado para protegê-lo e sustentá-lo, na pregação da caridade e da

abnegação, que sempre orientaram a minha vida. Depois, ensinarei a verdadeira fé, a fé espírita, que deve elevar a crença do bom e do justo.

Sinto-me forte, bastante forte, estou transformado. Os senhores não reconheceriam mais o velho enfermo que devia se afastar de tudo, do prazer e da alegria. Sou Espírito, minha pátria é o Espaço, e o meu futuro é Deus, que irradia na imensidão. Gostaria de falar aos meus filhos, ensinar o que eles sempre mostraram má vontade em aprender, por isso não acreditam.

### **6 – O que o senhor sente ao ver o seu corpo aqui ao lado?**

– Meu corpo! Pobre e mísero despojo... Ele vai voltar ao pó, enquanto eu guardo a lembrança de todos aqueles que me estimaram. Vejo essa pobre carne deformada, que foi a morada do meu Espírito, provação de tantos anos!

Obrigado, meu pobre corpo! Você depurou o meu Espírito! Dez vezes eu bendigo ao meu sofrimento, que me proporcionou essa boa recompensa de poder falar tão depressa com vocês.

### **7 – O senhor manteve os seus pensamentos até o último instante?**

– Sim, o meu Espírito conservou as suas faculdades. Mesmo depois de perder a visão, eu pressentia. Toda a minha existência se desenrolou na memória e o meu último pensamento, o meu último pedido, foi para que eu pudesse me comunicar com vocês, como estou fazendo agora. Depois, pedi a Deus para que os protegesse, a fim de que o sonho da minha vida fosse realizado.

### **8 – O senhor teve consciência de que o seu corpo estava dando o último suspiro? O que aconteceu nesse momento? Que sensação experimentou?**

– A vida se interrompe e a vista, ou melhor, a vista do Espírito se extingue. Encontra-se o vazio, o desconhecido, e a gente é levado, não sei por que força, para encontrar um mundo onde tudo é alegria e grandeza!

Eu não sentia mais, não compreendia nada e, no entanto, uma felicidade indescritível envolvia todo o meu ser. Estava livre da opressão e da dor.

*Nota de Allan Kardec: Apenas tinha pronunciado as primeiras palavras, e o Espírito respondeu, antes que eu terminasse a leitura. E fez mais: respondeu, sem que ninguém tivesse lhe perguntado, a respeito do que discutiam os assistentes, sobre a conveniência de ler a sua comunicação no cemitério, em virtude da presença de pessoas que poderiam não compartilhar das nossas opiniões.*

### **9 – O senhor tem conhecimento do que eu (Kardec) pretendo ler sobre o seu túmulo?**

– Oh! Sim, meu amigo, eu tenho conhecimento, porque estive ontem com você, como já estive hoje. Minha satisfação é muito grande! Obrigado, obrigado! Fale, para que as pessoas possam me compreender e para que possam estimá-lo. Não tenha medo de nada, porque todos respeitam a morte. Fale, pois, para que os incrédulos tenham fé.

Adeus! Fale com coragem, com confiança, e que meus filhos possam se converter a uma crença tão respeitada!

**J. Sanson**

### **Durante a cerimônia no cemitério, ele ditou as seguintes palavras:**

“Não tenham medo da morte, meus amigos. Ela é apenas uma etapa da vida, se souberem viver bem. Ela é uma felicidade para aqueles que viveram dignamente e cumpriram com suas missões. Repito: coragem e boa vontade!

Não deem aos bens terrenos mais do que um valor medíocre, e serão recompensados. *Não se pode aproveitar demais, sem tirar o bem-estar dos outros e sem fazer moralmente um grande mal. Que a terra me seja leve!*”

## 2

**Sociedade Espírita de Paris, 25 de abril de 1862**

### **1 – EVOCAÇÃO:**

– Estou ao lado de vocês, meus amigos.

**2 – Ficamos muito felizes com a conversa que tivemos no dia do seu enterro. Ficaríamos ainda mais felizes se o amigo aceitasse completá-la para a nossa instrução.**

– Estou pronto e sinto-me feliz por vocês pensarem em mim.

**3 – Tudo aquilo que puder nos esclarecer sobre o mundo espiritual, para que possamos compreendê-lo melhor, será para nós de grande importância. A ideia falsa que se faz a respeito desse mundo conduz muitas pessoas à incredulidade. Sendo assim, não se surpreenda com as perguntas que porventura viermos a fazer.**

– Não me surpreenderei e aguardo as suas perguntas.

**4 – O senhor descreveu com bastante clareza a passagem da vida para a morte. Disse que no momento de o corpo exalar o último suspiro a vida se interrompe e a *vista do Espírito se extingue*. Esse momento é acompanhado de alguma sensação dolorosa?**

– Sem dúvida que sim, pois a vida é uma sequência incessante de dores e a morte é o complemento de todas essas dores. É por isso que se verifica uma ruptura violenta, como se o Espírito tivesse que fazer um esforço sobre-humano para deixar o seu corpo físico. Esse esforço absorve todo o nosso ser, não lhe permitindo compreender a transformação pela qual passa.

Essa não é uma regra geral e não se aplica em todos os casos. A experiência tem nos mostrado que muitos Espíritos perdem a consciência antes de

exalar o último suspiro e que, para aqueles que já chegaram a um certo grau de espiritualização, a separação se realiza sem esforços.

## *Observação*

**A vista do Espírito se extingue:** Esse fato é importante porque está ligado à percepção espiritual. O Espírito não enxerga por órgãos específicos, como os olhos, por exemplo, ele enxerga por todo o seu corpo (perispírito). A transferência da visão, de um órgão específico para o geral, requer algum tempo de adaptação. Mais informações: Ver *O Livro dos Espíritos*, Capítulo-Ensaio teórico sobre as sensações dos Espíritos. (Fonte: Herculano Pires, com adaptações.)

**5 – O senhor sabe se existem Espíritos para os quais o momento extremo é acompanhado de um grande sofrimento? Será mais doloroso, por exemplo, para o materialista, que acredita que tudo para ele se acaba com a morte?**

– Certamente, porque o Espírito preparado já esqueceu o sofrimento, ou melhor, já se habituou a ele. Assim, a calma com que encara a morte o impede de sofrer duplamente, porque ele sabe o que lhe aguarda.

O “sofrimento moral” é sempre o “mais doloroso” e a sua ausência, no instante da morte, representa um grande alívio para o Espírito. Aquele que não acredita em nada se assemelha a um condenado à pena de morte, cujo pensamento só consegue enxergar a lâmina (guilhotina) e o *desconhecido*. Existe uma semelhança muito grande entre a morte do *materialista* e a do *ateu*.

**6 – Existem materialistas bastante obstinados para acreditar que, nesse momento supremo, eles mergulharão no nada?**

– Sim, sem dúvida, eles acreditam no nada até a última hora. Entretanto, no momento da separação, o Espírito sofre um retorno às profundezas de si mesmo, pois toda a sua vida passa por ele. Nesse instante, ele é envolvido pela dúvida que passa a torturá-lo; pergunta o que vai lhe acontecer; quer compreender alguma coisa, mas não consegue. O desprendimento não pode se completar sem essa impressão de o Espírito ver toda a sua vida passar por ele.



*Nota de Allan Kardec: Em outra ocasião, um Espírito nos fez a seguinte descrição sobre a morte de um incrédulo: O incrédulo obstinado experimenta, nos últimos instantes, as angústias desses pesadelos terríveis em que ele se vê à beira de um precipício, prestes a cair no abismo. Faz esforços inúteis para fugir, mas não consegue recuar.*

*Procura agarrar-se a qualquer coisa, mas não encontra um ponto de apoio e sente que desliza para as profundezas. Quer gritar, chamar alguém, e não consegue emitir nenhum som. É então que vemos o incrédulo se contorcer, contrair as mãos e gritar angustiado. Esses são sinais que não deixam dúvida do pesadelo em que ele se encontra. No pesadelo comum, o despertar nos livra do desespero e nos sentimos aliviados ao ver que tudo foi apenas um sonho.*

*Entretanto, no pesadelo da morte, a angústia e o desespero podem prolongar-se por muito tempo, até mesmo por anos. E o que torna a sensação ainda mais desesperadora para o Espírito são as trevas em que às vezes ele se vê mergulhado.*

**7 – O senhor nos disse que no momento da morte, mesmo depois de perder a visão, ainda pressentia. Compreendemos que não tivesse mais a visão que o corpo físico proporciona, mas antes de a vida se extinguir, já não é possível ver as claridades do mundo espiritual?**

– Foi o que eu disse antes: o momento da morte dá uma espécie de clarividência ao Espírito. Os olhos não enxergam mais, porém o Espírito, que possui uma visão bem mais profunda, descobre instantaneamente um mundo desconhecido. A verdade lhe aparece de repente e lhe dá *momentaneamente* uma imensa alegria ou uma tristeza inexplicável, de acordo com o estado de sua consciência e a lembrança da sua vida passada.

*Nota de Allan Kardec: Trata-se do instante que precede a morte, ou melhor, aquele em que o Espírito perde a consciência. Isso explica o emprego da palavra momentaneamente, pois as impressões agradáveis ou dolorosas continuam após o despertar.*

**8 – O senhor poderia nos dizer o que foi que o impressionou no momento em que os seus olhos se abriram para a luz? Poderia nos descrever, se possível, o aspecto das coisas com as quais se deparou?**

– Quando pude voltar a mim e ver o que tinha diante dos olhos, fiquei como que ofuscado, sem compreender bem as coisas, porque a lucidez não volta instantaneamente. Mas Deus me deu uma profunda prova da Sua bondade, permitindo que eu logo recobrasse as minhas faculdades.

Então, eu me vi cercado de muitos amigos fiéis. Todos os Espíritos protetores que vêm nos assistir rodeavam-me sorrindo; uma felicidade sem par irradiava dos seus semblantes, e eu mesmo, forte e bem disposto, podia sem esforço percorrer os espaços. Não existem palavras na linguagem humana para descrever o que eu vi.

Voltarei depois para falar mais amplamente das minhas alegrias, mas sem ultrapassar os limites traçados por Deus. Saibam que a felicidade, assim como vocês a entendem, é uma ficção. Vivam de maneira sábia, santa, com o Espírito voltado para praticar a caridade e o amor, e terão feito jus a sensações e delícias que o maior dos poetas seria incapaz de descrever.

*Nota de Allan Kardec: Os contos de fada estão, sem dúvida, cheios de coisas absurdas. Mas não seriam eles, em alguns pontos, a descrição do que se passa no mundo dos Espíritos? O relato do Sr. Sanson não parece o de um homem que adormeceu numa choupana pobre e obscura, e despertou num palácio esplêndido, em meio a uma corte brilhante?*

### 3

**9 – Com que aspecto os Espíritos se apresentam ao senhor? Com a forma humana?**

– Sim, meu caro amigo. Os Espíritos nos ensinam aí na Terra que

conservam no Além a forma transitória que possuíam nesse mundo, e isso é verdade. Mas que diferença entre a máquina disforme, que aí se arrasta penosamente, suportando as provas que carrega, e a fluidez maravilhosa do corpo dos Espíritos!

A feiura não existe mais, porque os traços perderam a dureza da expressão que caracteriza a aparência da raça humana. Deus abençoou todos esses corpos graciosos, que se movem com elegância. A linguagem tem entonações intraduzíveis para vocês; e o olhar possui a profundidade de uma estrela.

Procurem imaginar o que Deus, Arquiteto dos arquitetos, pode fazer em Sua onipotência, e terão feito uma pálida ideia sobre a forma dos Espíritos.

**10 – E o senhor, como se vê? Possui uma forma limitada, circunscrita, embora fluídica? Sente que tem uma cabeça, um tronco, braços, pernas?**

– O Espírito conserva a sua forma humana, mas ela encontra-se divinizada, próxima da perfeição. Sendo assim, ele possui inquestionavelmente todos os membros que você falou. Sinto perfeitamente as pernas e os dedos, pois podemos, pelo esforço da nossa própria vontade, aparecer a vocês e apertar-lhes a mão.

Estou perto de vocês e já apertei a mão de todos os meus amigos, sem que eles percebessem. Nossa fluidez nos permite estar em qualquer lugar sem ocupar espaço e sem provocar nenhuma sensação nas pessoas, se for esse o nosso desejo. Nesse momento, entre as suas mãos cruzadas, tenho as minhas.

Digo, por exemplo, que estimo a todos, mas o meu corpo não ocupa qualquer espaço e a luz o atravessa sem torná-lo visível. E aquilo que vocês chamariam de milagre, caso o meu corpo se tornasse visível, é para os Espíritos a continuidade de um fato comum de todos os instantes.

A visão dos Espíritos não pode ser comparada com a visão humana. O mesmo ocorre com o corpo, que não tem quaisquer semelhanças reais, pois tudo se modifica, tanto na essência quanto no conjunto. O Espírito, repito, tem uma perspicácia divina que abrange tudo, podendo mesmo adivinhar o

pensamento alheio.

Também pode tomar a forma que melhor lhe convenha para tornar-se conhecido. Mas, sobre esse aspecto, o Espírito superior, que concluiu as suas provas, prefere a forma que pode fazê-lo aproximar-se de Deus.

**11 – Os Espíritos não têm sexo. Entretanto, como há poucos dias o senhor era um homem, gostaríamos de saber se, nesse novo estado, o amigo tem uma natureza mais masculina do que feminina. O que acontece com o senhor pode ser aplicado a um Espírito que desencarnou há mais tempo?**

– Não temos motivos para ser de natureza masculina ou feminina: os Espíritos não se reproduzem. Deus criou os Espíritos de acordo com a Sua vontade e, tendo que lhes dar uma encarnação sobre a Terra, subordinou-os às Leis de Reprodução das espécies por meio das condições próprias do macho e da fêmea. Mas vocês pressentem que os Espíritos não podem ter sexo, sem que haja necessidade de maiores explicações.

*Nota de Allan Kardec: Sempre se disse que os Espíritos não têm sexo. O sexo é necessário apenas para a reprodução dos corpos. Como os Espíritos não se reproduzem, o sexo para eles é completamente inútil. A nossa pergunta não tinha o objetivo de confirmar esse fato. Mas, em virtude de o Sr. Sanson ter desencarnado recentemente, queríamos saber se ele ainda guardava alguma impressão do seu estado terreno.*

*Os Espíritos purificados compreendem perfeitamente a sua natureza; mas, entre os Espíritos inferiores, não espiritualizados, existem muitos que ainda acreditam estar na Terra e conservam as mesmas paixões e os mesmos desejos. Continuam acreditando que são homens ou mulheres, e é por isso que alguns dizem que os Espíritos têm sexo.*

*As contradições a respeito desse tema decorrem do estado, mais ou menos adiantado, dos Espíritos que se manifestam. O erro não provém dos Espíritos, mas*

*daqueles que os interrogam, porque não se dão ao trabalho de aprofundar as questões.*

**12 – Como o senhor vê a nossa sessão? Ela possui o mesmo aspecto que tinha quando ainda estava entre nós? As pessoas têm a mesma aparência? Tudo é claro e nítido como era antes?**

– Muito mais claro, porque posso ler o pensamento de todos vocês. Sinto-me feliz pela ótima impressão que me causa a boa vontade de todos os Espíritos aqui reunidos. Desejo que essa mesma cordialidade possa existir, não apenas em Paris, mas em toda a França, *onde os grupos são desunidos e possuem inveja uns dos outros, pela intervenção de Espíritos turbulentos que se comprazem na discórdia e na desordem.* Esses grupos deveriam lembrar que o Espiritismo promove o esquecimento completo e absoluto do *eu*.

**13 – O senhor disse que pode ler os nossos pensamentos. Poderia nos explicar como se opera essa transmissão de pensamento?**

– Isso não é fácil. Para explicar esse extraordinário prodígio da visão dos Espíritos, seria necessário lançar mão de todo um arsenal de elementos novos. Para utilizá-los, vocês teriam que conhecer tudo o que conhecemos, o que não é possível, uma vez que as suas faculdades estão limitadas pela matéria (corpo físico).

Paciência! Tornem-se bons e tudo conseguirão. Atualmente, vocês só podem ter o que Deus lhes concede, mas com a esperança de progredir continuamente. Mais tarde, vocês também serão como nós. Tratem de morrer bem para saberem muito.

O desejo de saber, que estimula o homem que pensa, vai guiá-los com tranquilidade até a morte, que reserva para vocês a explicação de todas as curiosidades passadas, presentes e futuras.

Enquanto esperam, vou tentar responder, ainda que de maneira precária, a pergunta que fizeram: O ar que respiram é imaterial assim como nós, os

Espíritos, mas reproduz fielmente o que vocês pensam. O ar que os encarnados exalam é, por assim dizer, uma página escrita daquilo que pensam. Essas páginas são lidas e comentadas por Espíritos que estão constantemente junto a vocês. Esses Espíritos são os mensageiros de uma telegrafia divina à qual nada escapa.

### **A morte do justo**

**Após a primeira comunicação do Sr. Sanson, dada na Sociedade Espírita de Paris, um Espírito transmitiu, sob o título acima, a seguinte comunicação:**

Foi a de um justo a morte desse homem do qual vocês se ocupam neste momento, ou seja, uma morte calma e cheia de esperança. Como o dia sucede naturalmente à aurora, a vida espiritual sucedeu para ele à vida terrena, sem ruptura nem abalo. O seu último suspiro foi exalado num verdadeiro hino de reconhecimento e de amor.

Como são poucos os que atravessam assim a difícil passagem! Como são poucos os que, após as ilusões e os desesperos da vida, percebem o ritmo harmonioso das esferas!

O homem saudável que é mutilado por uma bala continua a sentir dor nos membros que lhe foram amputados. O mesmo acontece com a alma do homem que morre sem fé e sem esperança, pois quando ela se vê separada do corpo físico, continua a sentir as convulsões desse corpo e se precipita no Espaço, inconsciente de si mesma.

Orem por essas almas perturbadas, orem por todos os que sofrem. A caridade não se restringe à Humanidade visível: ela também socorre e consola os seres que povoam o Espaço. Tiveram a prova evidente disso na súbita **conversão desse Espírito**, tocado pelas preces espíritas feitas sobre o túmulo desse homem de bem que vieram interrogar e que deseja ajudá-los a progredir

no bom caminho.

O amor não tem limites. Expande-se no Espaço, dando e recebendo ao mesmo tempo as suas divinas consolações. O mar se estende numa perspectiva infinita. Seu limite no horizonte parece se confundir com o céu, e o Espírito se deslumbra com o esplendor dessas duas imensidões.

Assim também é o amor; mais profundo que as ondas, mais infinito que o Espaço, e deve reunir a todos, homens e Espíritos, na mesma comunhão de caridade, realizando a admirável fusão do que é finito com o que é eterno.

**Georges**

*Nota de Allan Kardec: Tiveram a prova evidente disso na súbita conversão desse Espírito – Alusão ao Espírito Bernard, que se manifestou espontaneamente no dia do velório do Sr. Sanson. (Ver a Revista Espírita de maio de 1862.)*

## **JOBARD**

---

**Diretor do Museu da Indústria de Bruxelas, nascido em Baissey (Alto Marne, França) e falecido em Bruxelas, de um ataque fulminante de apoplexia (acidente vascular cerebral), no dia 27 de outubro de 1861, aos 69 anos.**

O Sr. Jobard era presidente honorário da Sociedade Espírita de Paris. Pensávamos em evocá-lo na sessão do dia 8 de novembro, quando ele, antecipando-se ao nosso desejo, deu espontaneamente a seguinte comunicação:

Estou aqui, eu a quem vocês iam evocar, manifestando-me por este médium que até agora tenho solicitado o seu auxílio sem lograr sucesso. Desejo, antes de tudo, descrever as minhas impressões por ocasião do

desprendimento da minha alma. Senti um choque indescritível; revi subitamente o meu nascimento, a minha juventude e o meu envelhecimento; toda a minha vida se apresentou nitidamente na minha memória.

Eu sentia tão somente o desejo de me encontrar nas regiões reveladas pela nossa querida Doutrina. Depois, toda essa agitação serenou. Eu estava livre e o meu corpo permanecia inerte. Ah! Meus caros amigos, que prazer se experimenta sem o peso do corpo! Que alegria poder abranger o Espaço! Mas não acreditem, no entanto, que eu me tornei de repente um eleito do Senhor. Não, eu estou entre os Espíritos que, tendo aprendido um pouco, ainda têm muito a aprender. Não demorei a lembrar-me de vocês, *meus irmãos de exílio*, e, reafirmando toda a minha simpatia, envolvo a todos nos meus melhores votos.

Querem saber quais foram os Espíritos que me receberam? Quais foram as minhas impressões? Pois bem, meus amigos, foram todos aqueles que evocamos, todos os irmãos que trabalham conosco. Eu vi o esplendor, mas não posso descrevê-lo. Dediquei-me ao trabalho de discernir o que era verdadeiro nas comunicações, pronto a rejeitar tudo o que estivesse errado, pronto a ser o cavaleiro da verdade no outro mundo, assim como fui na Terra.

**Jobard**

**1 – Quando estava encarnado, o senhor nos recomendou que o evocássemos. É o que estamos fazendo agora, não só para satisfazer ao seu desejo, mas principalmente para dar testemunho da nossa sincera simpatia. Ao evocarmos, pretendemos também nos instruir, visto que ninguém melhor do que o amigo para nos dar esclarecimentos precisos sobre o mundo em que se encontra. Ficaremos felizes se responder às nossas perguntas.**

– No momento, o que mais importa é que vocês se instruam. Quanto à simpatia dos senhores pela minha pessoa, “eu posso senti-la no meu íntimo” e não apenas pelo que escuto das suas manifestações de apreço, o que já constitui para mim um grande progresso.



**2 – Para fixar as nossas ideias e não divagar, perguntaremos inicialmente: Em que lugar o senhor está? Como nós o veríamos, caso isso fosse possível?**

– Estou junto do médium, com a aparência do mesmo Jobard que sentava à mesa ao lado dos meus amigos. Seus olhos mortais ainda possuem vendas e, por isso, vocês só podem ver os Espíritos sob a sua **aparência mortal**.

### *Observação*

**Aparência mortal:** Aqui, Jobard se refere ao perispírito, que é semelhante ao corpo físico, mas não é idêntico a ele em tudo. A aparência mortal (corpo físico) é uma, e a aparência imortal (perispírito) é outra. (Comentário de Herculano Pires, com adaptações.)

**3 – Seria possível o senhor se tornar visível para nós? Em caso contrário, qual seria a dificuldade?**

– A dificuldade é que o organismo de vocês não possui as condições necessárias para enxergar os Espíritos. Um médium vidente poderia me ver, os outros não.

**4 – O lugar que o senhor ocupa entre nós é o mesmo que lhe reservávamos quando estava encarnado e participava das nossas reuniões? Aqueles que viram o amigo na condição de encarnado podem imaginá-lo da mesma forma como era antes? Se senhor não tem mais o corpo material, tem o corpo fluídico que possui a mesma forma do corpo físico. Se não conseguimos vê-lo com os olhos do corpo, podemos vê-lo com os olhos do pensamento. Se não lhe é possível se comunicar conosco pela palavra, pode fazê-lo por escrito, com a ajuda do médium. Assim, as nossas relações não estão interrompidas por causa da sua morte e podemos conversar com a mesma facilidade de outrora. É realmente desse modo que se passam as coisas?**

– Sim, e todos aqui já sabem disso há muito tempo. Ocuparei seguidamente esse lugar, mesmo que não percebam, porque o meu Espírito

habitará entre vocês.

***Nota de Allan Kardec:** Chamamos a atenção para esta última frase: “O meu Espírito habitará entre vocês”. Na atual circunstância, isso não é uma simples figura de linguagem, mas uma realidade. Pelo conhecimento que o Espiritismo nos dá sobre a natureza dos Espíritos, sabemos que um Espírito pode estar entre nós, não apenas em pensamento, mas pessoalmente, com a ajuda do seu corpo etéreo, que não lhe permite ser confundido com outro.*

*Desse modo, um Espírito pode habitar entre nós depois da morte, do mesmo modo que fazia quando estava vivo, e ainda com mais facilidade, uma vez que pode ir e vir quando quiser. Temos assim uma multidão de companheiros invisíveis. Enquanto uns são completamente indiferentes ao que fazemos, outros se ligam a nós por afinidade. É principalmente sobre os Espíritos que se ligam a nós por afinidade que podemos aplicar esta sentença: “Eles habitam entre nós”, e que pode ser traduzida assim: Eles nos assistem, nos inspiram e nos protegem.*

**5 – Não faz muito tempo, o senhor ocupava este acento. Agora, faz o mesmo com o seu corpo fluídico. As condições atuais lhe produziram alguma sensação estranha?**

– As condições atuais não me trouxeram nenhuma sensação estranha, porque o meu Espírito desencarnado desfruta de lucidez suficiente para compreender qualquer questão que se apresente.

**6 – O senhor se lembra de ter estado nessas mesmas condições antes dessa sua última encarnação? É possível perceber alguma modificação comparando a sua situação atual com a da encarnação anterior?**

– Recordo-me das existências anteriores e sinto que melhorei. Agora vejo e consigo compreender o que estou vendo. Em relação às minhas encarnações anteriores, por eu ser um Espírito perturbado, só conseguia me aperceber da existência terrena que havia deixado, ou melhor, não tinha acesso ao meu

passado espiritual.

**7 – O senhor se lembra da penúltima encarnação, a que precedeu a do Sr. Jobard?**

– Na minha penúltima existência, eu fui um operário mecânico atormentado pela miséria e pelo desejo de aperfeiçoar o meu ofício. Como Jobard, realizei os sonhos desse pobre operário. Agora, louvo a Deus, cuja bondade infinita fez germinar a pequena semente que Ele havia depositado em meu cérebro.

**8 – O senhor já se comunicou em outros lugares?**

– Tenho me comunicado muito pouco. Em muitos lugares, um Espírito tem usado o meu nome. Algumas vezes, eu estava perto dele, sem que pudesse me comunicar diretamente. Minha morte é tão recente que ainda sofro algumas influências terrenas. É preciso que exista uma perfeita afinidade com o médium para que eu possa expressar o meu pensamento.

Em breve poderei agir indistintamente em relação aos médiuns, mas, por enquanto, repito, ainda não posso. Quando morre um homem que é um pouco conhecido, ele é chamado de todos os lados. Então, inúmeros Espíritos se apressam em tomar posse da sua individualidade. Foi o que aconteceu comigo em muitas circunstâncias. Posso assegurar a vocês que são poucos os Espíritos que podem se comunicar logo após o desprendimento, mesmo que seja através de um médium de sua preferência.

**9 – O senhor consegue ver os Espíritos que estão aqui conosco?**

– Consigo ver principalmente *Lázaro* e *Erasto*; depois, mais afastado, o *Espírito da verdade*, que paira no espaço; vejo também uma multidão de Espíritos que cercam a todos, e eles são solícitos e benevolentes. Fiquem felizes, meus amigos, porque boas influências defendem vocês das calamidades que o erro proporciona.

**10 – Quando encarnado, o senhor compartilhava da opinião de que a Terra se formou pela união de quatro planetas que teriam se juntado num só. Ainda continua com a mesma opinião?**

– É um erro. As novas descobertas geológicas provam que a Terra passou por transformações e teve uma formação gradual e sucessiva. A Terra, assim como os outros planetas, teve o seu próprio desenvolvimento. Deus não precisou lançar mão dessa grande desordem que seria essa agregação de planetas. A água e o fogo são os únicos elementos orgânicos da Terra.

**11 – O senhor também acreditava que os homens pudessem entrar num estado de catalepsia e nele permanecer por um tempo ilimitado, e que a espécie humana teria sido trazida dessa maneira para Terra.**

– Ilusão da minha imaginação, que ultrapassava sempre o objetivo. A catalepsia pode ser longa, mas não tem duração indeterminada. São tradições, lendas exageradas pela imaginação oriental. Meus amigos, eu tenho sofrido muito com as ilusões que o meu Espírito alimentou.

Não se iludam a tal respeito. Eu estudei muito e posso dizer que a minha inteligência, apta para assimilar esses vastos e diferentes estudos, havia trazido da minha última encarnação o gosto pelo maravilhoso e pelo místico, absorvidos pelo conjunto de crenças extraídas da imaginação popular.

Ultimamente, tenho me ocupado pouco com as questões puramente intelectuais, no sentido em que vocês as consideram. E como poderia me ocupar com isso, se estou deslumbrado e aturdido pelo maravilhoso espetáculo que me cerca?

Somente o vínculo com o Espiritismo, mais forte do que vocês podem imaginar, é capaz de fazer o meu Espírito voltar para esta Terra que deixei, não direi com alegria, porque estaria faltando com a verdade, mas com uma satisfação muito grande por estar livre.

*Nota de Allan Kardec: Quando a Sociedade abriu uma subscrição (doação*

*de valores) em favor dos operários de Lyon, em fevereiro de 1862, um de seus membros doou 50 francos, sendo 25 em seu nome e 25 em nome do Sr. Jobard, que, a esse respeito, deu a seguinte comunicação:*

Sinto-me honrado e agradecido por não ter sido esquecido pelos meus irmãos espíritas. Agradeço ao coração generoso que fez a doação que eu teria feito se ainda estivesse na Terra. No mundo em que me encontro agora, não temos a necessidade de dinheiro, de modo que me foi preciso recorrer à bolsa da amizade para demonstrar materialmente que também me comovi com o infortúnio dos meus irmãos de Lyon.

Bravos trabalhadores espíritas, que ardentemente cultivam a vinha do Senhor, vocês devem ter consciência de que a caridade não é uma palavra inútil, pois grandes e pequenos lhes demonstram simpatia e fraternidade. Estão na grande via humanitária do progresso. Que Deus os mantenha nesse caminho e que possam ser mais felizes. Os Espíritos amigos irão sustentá-los e vocês triunfarão!

Começo agora a viver espiritualmente, um pouco mais calmo e menos perturbado pelas evocações constantes que vinham de todos os lados. O modismo também está presente entre os Espíritos. Quando a moda de evocar Jobard for substituída por outra e eu tiver caído no esquecimento humano, então pedirei aos meus amigos sérios para que me evoquem.

Nessa oportunidade, aprofundaremos questões tratadas superficialmente, e este seu amigo Jobard, completamente transfigurado, poderá lhes ser útil. É o que desejo de todo o meu coração.

**Jobard**

***Nota de Allan Kardec:** Passados os primeiros tempos, dedicados a consolar os seus amigos, o Sr. Jobard colocou-se entre os Espíritos que trabalham ativamente pela renovação social, enquanto espera a sua próxima reencarnação para agir de forma mais direta nesse movimento.*

*Desde então, ele tem dado à Sociedade Espírita de Paris, da qual continua a ser membro, comunicações de incontestável superioridade. Não deixou de lado a sua originalidade e o seu espirituoso bom humor, qualidades que o caracterizam, e que permitem reconhecê-lo antes mesmo de assinar o seu nome.*

## **SAMUEL PHILIPPE**

---

Samuel Philippe era um homem de bem no verdadeiro sentido da palavra. Ninguém se lembrava de tê-lo visto cometer uma ação má, nem de ter feito voluntariamente qualquer coisa errada a quem quer que seja. Possuía um devotamento extremo pelos amigos e estava sempre pronto a prestar favores aos outros, mesmo que esses favores viessem em prejuízo dos seus interesses particulares.

Trabalhos, fadigas, sacrifícios, nada o impedia de ser útil, e ele fazia isso naturalmente, sem ostentação, admirando-se quando alguém lhe elogiava por essas qualidades. Jamais desejou mal àqueles que o prejudicaram, ao contrário, procurava ajudá-los com tanta presteza como se eles lhe tivessem feito o bem.

Quando sofria com as pessoas ingratas, costumava dizer: “Não é a mim que se deve lastimar, mas a elas”. Era muito inteligente e possuía uma rapidez muito grande para entender as coisas. Ainda assim, teve na Terra uma vida obscura, de muito trabalho e cheia de provas rudes.

Era uma dessas naturezas de elite que florescem na sombra, com quem o mundo não se importa muito e cujo brilho não se reflete na Terra. Adquiriu, pelo conhecimento do Espiritismo, uma fé ardente na vida futura e uma resignação muito grande perante os males da vida terrena.

Morreu em dezembro de 1862, com a idade de 50 anos, em consequência de uma dolorosa moléstia, tendo o seu desencarne sensibilizado bastante a família e os amigos.

O Sr. Samuel foi evocado alguns meses depois da sua morte.

**O senhor se lembra com clareza dos seus últimos momentos na Terra?**

– Perfeitamente. Mas essa lembrança me reapareceu de forma gradual. No momento do desprendimento, as minhas ideias eram confusas.

**Para nossa instrução, e no interesse que nos inspira a sua vida exemplar, o senhor poderia nos descrever como se deu a sua passagem da vida material para a vida espiritual? Poderia nos falar também qual a sua situação no mundo dos Espíritos?**

– Com prazer, pois essa narrativa não será útil apenas para vocês, mas para mim também. Ao dirigir meus pensamentos para a Terra, a comparação entre os dois mundos me faz apreciar melhor ainda a bondade do Criador.

Vocês sabem que a minha vida foi cheia de dificuldades. Entretanto, jamais me faltou a coragem na adversidade, graças a Deus! Quantas coisas eu teria perdido se tivesse cedido ao desânimo! Sinto-me muito mal só de pensar nessa possibilidade, pois tudo aquilo que eu sofri teria sido em vão e eu teria que viver novamente, ou melhor, recomeçar as minhas proações!

Oh, meus amigos! Acreditem firmemente nessa verdade, pois nela reside a felicidade futura! Não, decididamente, alguns anos de sofrimento não significam pagar caro por essa felicidade. Se vocês soubessem o que representam alguns anos, se comparados ao infinito!

Se a minha última existência teve algum mérito aos olhos dos senhores, o mesmo não diriam das minhas existências anteriores. Foi com um grande esforço sobre mim mesmo que eu consegui me tornar no que sou hoje. Para apagar os últimos traços das minhas faltas anteriores, era preciso que eu ainda sofresse as provas que voluntariamente aceitei.

Foi na firmeza das minhas decisões que tirei forças para suportá-las de forma resignada, sem lamentações. Hoje, agradeço a todas essas provas, porque foi através delas que eu consegui romper com o meu passado, que agora é uma simples lembrança para mim. Assim, posso contemplar com legítima satisfação o caminho percorrido.

Oh! Vocês que me fizeram sofrer na Terra; que foram duros e maldosos para comigo, que me humilharam e me encheram de amargura; vocês, cuja maldade muitas vezes me levou a duras privações, eu não só os perdoo como também os agradeço. Pois, querendo me fazer mal, vocês não imaginam o quanto me fizeram bem.

Portanto, uma grande parte da felicidade que hoje eu desfruto pertence a vocês que me proporcionaram a ocasião de perdoar e de pagar o mal com o bem. Deus os colocou em meu caminho para testar a minha paciência e fazer com que eu tivesse a oportunidade de praticar a caridade mais difícil: “A de amar os inimigos”.

Não se impacientem por eu ter me desviado do assunto, já respondo ao que vocês me perguntaram.

Embora eu tivesse sofrido muito com a moléstia que me vitimou, quase não passei pela agonia. A morte veio para mim como um sono, como um sono tranquilo, sem lutas e sem traumas. Sem ter medo do futuro, não me apeguei à vida terrena. Em consequência disso, não tive que me debater nos últimos instantes. A separação ocorreu sem esforços, sem dor e sem que eu percebesse.

Não sei quanto tempo durou esse último sono, mas foi breve. Meu despertar foi tão calmo que contrastava com a minha situação anterior. Eu não sentia mais dores e me alegrava por isso. Queria me levantar, caminhar, mas um torpor suave, que nada tinha de desagradável, me prendia e eu me entregava a ele prazerosamente. Sem ter consciência da minha situação, eu não tinha dúvida de que já tinha deixado a Terra.

Tudo o que me cercava assemelhava-se a um sonho. Vi minha mulher e alguns amigos ajoelhados no meu quarto, chorando, e disse a mim mesmo: certamente eles acreditam que eu estou morto! Tentei avisá-los de que estavam enganados, mas não consegui articular uma palavra, e concluí que estava sonhando.

O que confirmou essa ideia foi que eu me vi cercado por pessoas amadas, falecidas há muito tempo, e ainda por outras que eu não reconheci num



primeiro momento, mas que pareciam velar por mim, aguardando o meu despertar.

Esse estado foi alternado por momentos de lucidez e de sonolência, durante os quais eu recobrava e perdia a consciência de mim mesmo. Aos poucos, as minhas ideias foram adquirindo mais clareza. A luz que eu só entrevia através de um denso nevoeiro foi ficando mais brilhante. A partir desse instante, comecei a ter consciência do meu estado e compreendi que já não pertencia mais ao mundo dos vivos. Certamente, se eu não tivesse conhecido o Espiritismo, a ilusão teria se prolongado por muito mais tempo.

Meus restos mortais ainda não tinham sido enterrados e eu já os olhava com piedade. Sentia-me feliz por haver me despojado deles e por estar livre! Respirava com a facilidade de quem sai de uma atmosfera asfixiante. Uma indescritível sensação de bem-estar penetrava todo o meu ser. A presença daqueles a quem eu amei me enchia de alegria e eu não me surpreendia em vê-los. Isso me parecia tão natural, como se eu os tivesse reencontrado após uma longa viagem.

A princípio, fiquei admirado com um fato: nós nos compreendíamos sem articular uma palavra! Os nossos pensamentos se transmitiam apenas pelo olhar, como que por uma espécie de penetração fluídica.

Entretanto, eu ainda não estava completamente livre das preocupações terrenas. A lembrança do que eu havia sofrido me voltava de vez em quando à memória, como que para me fazer valorizar ainda mais a minha nova situação. Eu sofri física e, sobretudo, moralmente. Fui alvo da maledicência, dessas infinitas preocupações que são mais amargas, talvez, que os verdadeiros infortúnios, porque causam uma ansiedade que parece ser eterna.

Mal essas impressões se apagavam e eu me perguntava se realmente havia me libertado delas, pois parecia ouvir ainda algumas vozes desagradáveis. Preocupava-me com as dificuldades que tantas vezes haviam me atormentado e tremia sem querer. Eu me apalpava para me assegurar de que não estava sonhando. Quando tive a certeza da minha nova situação, de que tudo isso

havia acabado, senti como se tivessem tirado um peso enorme de cima de mim.

Então é verdade, eu pensava, enfim estou livre de todas essas preocupações que fizeram o tormento da minha vida! Graças a Deus! Sentia-me como um pobre que, de repente, recebe uma grande fortuna e que, durante algum tempo, duvida da realidade dessa fortuna, a ponto de sentir as apreensões da pobreza.

Ah! Se os homens compreendessem a vida futura, quanta força, quanta coragem esta convicção não lhes traria na adversidade! O que não fariam, enquanto estão na Terra, para garantir a felicidade que Deus reserva aos filhos que são dóceis e submissos às Suas Leis! Veriam, então, como são insignificantes os prazeres que invejam nessa vida, em face daqueles que desprezam!

**Esse mundo tão novo para o senhor, perto do qual o nosso vale tão pouco, bem como os inúmeros amigos que encontrou, fizeram-no esquecer a família e os amigos encarnados?**

– Se eu os tivesse esquecido, não seria digno da felicidade que desfruto. Deus não recompensa o egoísmo, Ele o pune. O mundo em que eu me encontro agora pode me levar a desdenhar a Terra, mas não os Espíritos que aí vivem encarnados. Somente entre os homens é que a prosperidade faz esquecer os companheiros de infortúnio. Muitas vezes, venho visitar os amigos pelos quais tenho apreço, e alegro-me com a boa lembrança que eles guardam de mim.

Eles me atraem pelo pensamento, ouço as suas conversas, fico feliz com as suas alegrias, e triste com os seus sofrimentos. Entretanto, não é uma tristeza cheia de ansiedade, como aquela que a gente sente na Terra, porque compreendo que esses sofrimentos e dificuldades são passageiros e servem para que eles se tornem melhores.

A felicidade me invade em pensar que um dia eles também virão para esta morada afortunada onde a dor não existe. Empenho-me em ajudá-los a se

tornarem dignos desse lugar. Esforço-me para lhes sugerir bons pensamentos e, sobretudo, a resignação que eu mesmo tive perante a vontade de Deus. Minha maior tristeza é vê-los retardar esse momento por falta de coragem, por lamentações, dúvidas quanto ao futuro e, principalmente, por um ato reprovável qualquer.

Procuro, então, desviá-los do mau caminho. Se consigo, é uma alegria, não só para mim, mas para todos os Espíritos que estão por aqui. Quando fracasso, digo a mim mesmo com tristeza: Mais uma vez retardaram o seu momento feliz. Mas me consolo pensando que nem tudo está perdido de maneira irremediável.

**Samuel Philippe**

## **VAN DURST**

---

**Faleceu na Antuérpia, em 1863, aos 80 anos.**

Pouco tempo depois da sua morte, um médium perguntou ao seu guia espiritual se poderia evocá-lo, e ele respondeu:

– Esse Espírito sai lentamente da perturbação em que se encontra. Ele até poderia atender, mas essa comunicação lhe traria muitos dissabores. Peço que espere ainda mais uns quatro dias e ele lhe atenderá. Após esse período, ele saberá das boas intenções que você manifesta a seu respeito e virá com prazer e na condição de amigo.

### **Quatro dias mais tarde, o Espírito ditou a seguinte comunicação:**

Meu amigo, a minha vida teve pouco peso na balança da eternidade. Apesar disso, estou bem longe de ser infeliz. A minha condição humilde e relativamente feliz é a de quem não fez o mal, mas também não visei à

perfeição. Se existem criaturas felizes numa região inferior, eu sou uma delas. Só lamento não ter conhecido o que vocês sabem hoje (referindo-se ao conhecimento espírita), porque a minha perturbação teria sido muito mais curta e menos dolorosa.

De fato, a minha perturbação foi grande. Viver e não viver, ver o próprio corpo e sentir-se fortemente ligado a ele sem poder utilizá-lo. É terrível ver aqueles a quem amamos e sentir que o pensamento que nos liga a eles está se extinguindo. Oh, que momento cruel! Que momento difícil esse em que a perturbação toma conta da gente e nos estrangula, para desfazer-se em trevas logo em seguida! Sentir tudo, e um momento depois estar aniquilado!

Querer ter a consciência de si mesmo e não conseguir recobrá-la. Não existir mais e sentir que ainda existimos! É uma perturbação profunda! Depois de transcorrido um tempo incalculável de angústias contidas, sem possibilidade de compreendê-las, depois desse tempo que parece interminável, renasce lentamente a existência, o despertar em um novo mundo!

Nada de corpo material, nada de vida terrena! Vida sim, mas imortal! Em vez de homens de carne, vemos formas diáfanas, Espíritos que deslizam, que surgem de todos os lados e circulam ao nosso redor e que não podemos abranger com a vista, porque é no infinito que eles flutuam! Ter o Espaço diante de si e poder percorrê-lo apenas pelo esforço da vontade (volitar)! Comunicar-se pelo pensamento com tudo o que nos rodeia!

Meu amigo, que vida inteiramente nova! Que vida brilhante e cheia de alegrias! Viva! Viva a eternidade que me abriga em seu seio! Adeus, Terra, que por tanto tempo me reteve afastado da minha verdadeira natureza espiritual! Não, eu não quero mais nada contigo, porque você é a Terra do exílio, e a maior felicidade que você pode proporcionar nada mais representa para mim!

Se eu soubesse o que vocês sabem (referindo-se à Doutrina Espírita), como teria sido mais fácil e agradável o meu retorno para a vida espiritual! Eu já saberia, antes de morrer, o que tive que aprender mais tarde, no momento da separação, e a minha alma então teria se libertado com muito mais facilidade.

Vocês estão no bom caminho, mas tenham a certeza de que todo o adiantamento é pouco, e nunca terão feito muito! Digam isso ao meu filho, digam tantas vezes quantas forem necessárias para que ele se instrua e creia, porque, então, quando ele chegar aqui, não ficaremos separados.

Amigos, adeus a todos, adeus. Eu os aguardo. Enquanto estiverem na Terra, virei muitas vezes me instruir com os senhores, porque eu ainda sei menos do que muitos de vocês. Aqui onde estou, aprenderei rapidamente, pois não tenho mais os problemas que me atrapalhavam e a velhice que me diminuía as forças.

Aqui se vive intensamente, avançamos sem medo, e temos diante dos olhos horizontes tão belos que nos sentimos ansiosos por abrangê-los.

Adeus, eu os deixo, adeus!

**Van Durst**

## **SIXDENIERS**

---

**Homem de bem, morto em um acidente e conhecido do médium, quando encarnado.**

**Bordeaux, 11 de fevereiro de 1861.**

**O senhor poderia nos dar alguns detalhes sobre a sua morte?**

– Depois do afogamento? Sim.

**E por que não antes do acidente ocorrido?**

– Porque você já conhece o que aconteceu. (De fato, o médium já conhecia os detalhes do afogamento.)

### **Poderia nos descrever as suas sensações depois da morte?**

– Demorei muito tempo sem ter consciência de mim mesmo, mas com a graça de Deus e com a ajuda daqueles que me cercavam, quando a luz me alcançou, fiquei deslumbrado. Pode acreditar: você encontrará sempre mais do que espera. Aqui não existe nada de material; tudo atinge os sentidos ocultos sem o auxílio da vista ou do tato. Você compreende o que eu digo? É uma contemplação espiritual que ultrapassa a capacidade de entendimento que os homens possuem, porque não há palavras para explicar. Só a alma pode perceber.

O meu despertar foi bem feliz. A vida é um desses sonhos que só podem ser qualificados como um terrível pesadelo, apesar da ideia grosseira ligada à palavra vida. Imagine que você está encerrado em uma prisão infecta, onde o seu corpo, corroído pelos vermes até a medula dos ossos, é suspenso sobre uma fornalha ardente; que a sua boca ressecada não encontra sequer o ar para refrescá-la; que o seu Espírito horrorizado só vê ao seu redor monstros prestes a devorá-lo; imagine, enfim, tudo o que a fantasia de um sonho pode criar de mais monstruoso, de mais horrível, e transporte-se subitamente para um Éden delicioso.

Imagine-se despertando, cercado por todos aqueles a quem você amou e por quem chorou; veja ao seu redor rostos adorados a sorrirem de felicidade; respire os mais suaves perfumes; refresque a sua garganta seca na fonte da água mais pura; sinta o seu corpo pairando no Espaço infinito que o acolhe e o embala, como faz a brisa com uma pétala arrancada da árvore. Sinta-se envolvido pelo Amor de Deus, como a criança ao nascer é envolvida pelo amor da mãe. Sinta tudo isso e terá apenas uma ideia imperfeita da transição da vida para a morte.

Tentei explicar a felicidade da vida que aguarda o homem depois da morte do corpo, mas não consegui. Seria possível explicar o infinito para quem tem os olhos fechados à luz e não pode sair do círculo estreito em que vive fechado? Para explicar a felicidade eterna, digo apenas: amem, pois somente o

amor permite que ela seja pressentida, mas não esqueçam de que o amor pressupõe ausência de egoísmo.

**O senhor foi tão feliz assim, desde que chegou ao mundo dos Espíritos?**

– Não. Eu tive que pagar a dívida humana. Meu coração me fazia pressentir o futuro do Espírito, mas eu não tinha fé. Tive que expiar a minha indiferença para com o Criador, mas a Sua misericórdia levou em conta o bem insignificante que eu pude fazer, e as dores que eu suportei de forma resignada, apesar do meu sofrimento. A Justiça de Deus, cuja balança os homens jamais compreenderão, resolveu pesar com tanta bondade e amor o bem que eu fiz, que o mal se extinguiu rapidamente.

**O senhor poderia nos dar notícias da sua filha? (Morreu quatro ou cinco anos antes do pai).**

– Está em missão na Terra.

**Ela está feliz como encarnada? Não quero ser indiscreto.**

– Eu sei. Por acaso eu não vejo o seu pensamento como um quadro diante dos meus olhos? Não; como encarnada, minha filha não é feliz. Ao contrário, ela deverá provar todas as misérias da vida terrena, pregando pelo exemplo todas as grandes virtudes que vocês alardeiam, mas que não praticam. Ela terá a minha ajuda, eu cuidarei dela. Não sofrerá muito para superar os obstáculos, porque ela não está em *expição* e sim em *missão*. Fiquem tranquilos em relação a ela e obrigado pela lembrança.

Nesse momento, o médium sentiu dificuldade para escrever e disse:

**Se for um Espírito sofredor que está me atrapalhando, peço-lhe que se identifique.**

– Sou uma infeliz

**Qual é o seu nome?**

– Valéria.

**Quer me dizer o motivo do seu sofrimento?**

– Não.

**A senhora está arrependida dos erros que cometeu?**

– Sim.

**Quem a trouxe aqui?**

– Sixdeniers.

**Com que objetivo?**

– Para que você me ajude.

**Foi a senhora quem há pouco me impediu de escrever?**

– Sixdeniers me colocou em seu lugar.

**Que relação existe entre vocês?**

– Ele me guia.

**Então, peça a Sixdeniers que nos acompanhe na prece.**

(Após a prece, Sixdeniers volta a escrever.) – Obrigado por ela. Você foi sensível ao seu sofrimento. Não esqueerei. Pense nela.

**PERGUNTA A SIXDENIERS**

– **Como Espírito, o senhor é responsável por guiar muitos Espíritos**



## sofredores?

– Não; mas assim que encaminhamos um Espírito ao bem, buscamos outro, sem, no entanto, abandonar os primeiros.

### **Como o senhor pode dar conta de uma vigilância que deve se multiplicar ao infinito, com o passar dos séculos?**

– Aqueles que conduzimos ao bem se melhoram e progridem. Assim, nos dão menos trabalho. Além disso, nós também progredimos e, à medida que nos elevamos, as faculdades e os poderes se ampliam na razão direta da nossa pureza.

*Nota de Allan Kardec: Pelo que observamos, os Espíritos inferiores são assistidos por Espíritos bons que têm a missão de guiá-los. Essa tarefa não pertence exclusivamente aos encarnados, mas estes também devem contribuir para a sua execução, porque isso os ajuda a progredir.*

*Nem sempre é com boa intenção que um Espírito inferior interrompe uma boa comunicação, como no caso presente. Os bons Espíritos permitem essa intromissão, seja como prova para os médiuns encarnados, seja para que o médium dispense o auxílio necessário ao progresso do Espírito inferior.*

*Em tais casos, se a intromissão se transforma em persistência, ela pode degenerar em obsessão. Quanto mais tenaz for essa persistência, maior é a prova de que é necessário assistir esses Espíritos, tornando-se mesmo um erro rejeitá-los. É preciso encará-los como mendigos que vêm nos pedir esmola. Eles devem ser considerados como Espíritos infelizes que os bons nos enviam para que possamos esclarecê-los. Quando conseguimos, temos a alegria de haver encaminhado uma alma de volta para o bem, abreviando os seus sofrimentos.*

*Muitas vezes, essa tarefa é difícil e, com certeza, melhor seria receber sempre belas comunicações e conversar apenas com Espíritos de nossa preferência. Mas não é buscando a nossa própria satisfação, nem recusando as oportunidades que nos são oferecidas para praticar o bem, que atrairemos a proteção dos bons Espíritos.*

## DR. DEMEURE

---

**Falecido em Albi (pequena cidade do sul da França, cortada pelo rio Tarn), em 25 de janeiro de 1865.**

O Dr. Demeure era um médico homeopata muito considerado em Albi. Tanto o seu caráter como a sua cultura fizeram com que ele conquistasse a estima e a veneração dos seus conterrâneos. A sua bondade e a sua caridade eram inesgotáveis e, apesar da idade avançada, nenhuma fadiga o impedia de ir socorrer os doentes pobres.

O preço das visitas era a menor das suas preocupações. Ocupava-se muito mais com os infelizes do que com aqueles que ele sabia terem condições de pagá-lo. Dizia que os ricos, na sua falta, podiam recorrer a outro médico.

Aos pobres, ele não somente dava receitas e remédios sem cobrar, como também supria às suas necessidades materiais, no caso de serem mais úteis que o próprio medicamento. Podemos dizer que ele era o **Cura D’Ars** da Medicina.

O Dr. Demeure abraçou com ardor a Doutrina Espírita, na qual encontrou, para os mais graves problemas, a solução que ele inutilmente tinha procurado na Ciência e em todas as Filosofias. Seu Espírito profundo e investigador fez com que ele compreendesse imediatamente todo o alcance da Nova Doutrina, da qual foi um dos mais dedicados propagadores.

### *Observação*

**Cura D’Ars:** Jean Baptiste Marie Vianney (1786-1859) foi o pároco da cidade de Ars durante 41 anos. Tornou-se famoso pelo cuidado que dedicava aos pobres e também pelas “curas mediúnicas” que realizava. Doava grandes somas em dinheiro aos paroquianos necessitados. Contribuiu com o *Evangelho Segundo o Espiritismo* com a mensagem do capítulo 8 – “Bem-aventurados aqueles que têm os olhos fechados”.

Por meio da correspondência, estabeleceram-se entre ele e nós relações de muita simpatia. Soubemos da sua morte no dia 30 de janeiro, e o nosso

primeiro pensamento foi o de evocá-lo.

**Eis a comunicação que ele nos deu naquele mesmo dia:**

Aqui estou. Prometi a mim mesmo, quando ainda estava vivo, que ao desencarnar eu viria, desde que me fosse possível apertar a mão do meu querido mestre e amigo, o Sr. Allan Kardec.

A morte deixou a minha alma nesse pesado sono que chamamos de letargia, mas o meu pensamento estava vigilante. Sacudi esse torpor funesto, que prolonga a perturbação que se segue à morte, e despertei, fazendo a transição de uma forma bem rápida.

Como estou feliz! Não estou mais enfermo, nem velho. Meu corpo era apenas uma vestimenta necessária. Sou jovem e belo, belo dessa eterna beleza juvenil dos Espíritos, em que as rugas jamais marcam o rosto, e os cabelos não ficam brancos com o passar do tempo.

Estou leve como o pássaro que em voo rápido atravessa o horizonte de um céu nebuloso. Eu admiro, contemplo, bendigo, amo e me inclino, sentindo-me um átomo, diante da grandeza, da sabedoria e da ciência do nosso Criador. Inclino-me também diante das maravilhas que me cercam.

Estou feliz, estou na glória! Oh! Quem poderá descrever as esplêndidas belezas da terra dos eleitos? Quem poderá descrever os céus, os mundos, os sóis e o papel desses astros na grande assembleia da harmonia universal? Pois bem! Eu tentarei, meu mestre! Vou estudar e virei trazer em sua homenagem o resultado dos meus trabalhos de Espírito, que desde já dedico ao senhor. Até logo.

**Demeure**

**As duas comunicações seguintes, dadas em 1º e 2 de fevereiro, referem-se à doença que nos acometeu na ocasião. Embora essas duas comunicações sejam pessoais, nós as publicamos porque provam que o Dr. Demeure continua sendo tão bom como Espírito, quanto era como**

**homem.**

**Primeira comunicação:**

Meu bom amigo, tenha confiança em nós e muita coragem. Essa crise, embora cansativa e dolorosa, não será longa. Com os tratamentos prescritos, o senhor poderá, de acordo com o seu desejo, completar a obra que é o objetivo principal da sua existência.

Estou sempre ao seu lado, juntamente com o *Espírito da Verdade*, que me permite falar em seu nome, como o último dos seus amigos que chegou ao mundo dos Espíritos. Eles me honram desejando-me boas-vindas.

Caro mestre, como estou feliz por ter morrido a tempo de estar com eles neste momento! Se eu tivesse morrido mais cedo, talvez pudesse ter evitado essa sua crise, que eu não previa. A minha desencarnação era muito recente e eu não podia me ocupar com outra coisa que não fosse o meu lado espiritual. Mas agora cuidarei do senhor, meu caro mestre.

É o seu irmão e amigo que, na condição de Espírito, sente-se feliz por estar ao seu lado e poder cuidar da sua doença. O senhor conhece muito bem o provérbio: “Ajudem-se que o Céu os ajudará”. Então, ajuda os bons Espíritos a cuidarem do senhor, submetendo-se estritamente às suas prescrições.

Está muito quente aqui. Esse aquecedor a carvão lhe causa cansaço. Enquanto estiver doente, procura não acendê-lo, porque ele aumenta o seu desânimo, ao emitir esses gases tóxicos.

**Seu amigo Demeure**

**Segunda comunicação:**

Sou eu, Demeure, o amigo do Sr. Kardec. Venho lhe dizer que estava ao seu lado quando lhe aconteceu o acidente que poderia ter sido fatal sem uma intervenção eficaz, para a qual tive a felicidade de contribuir. Segundo as minhas próprias observações, e informações que colhi em boa fonte, para mim ficou claro que, quanto mais cedo se der a sua desencarnação, tanto mais cedo

ele poderá reencarnar para concluir a sua obra.

Entretanto, é necessário que ele dê, antes de partir, a última demão nas obras que devem completar a teoria doutrinária da qual é o iniciador. Ele cometerá um suicídio voluntário se contribuir, por excesso de trabalho, para a falência do seu organismo. Essa falência ameaça o mestre de uma partida súbita para o nosso mundo. É preciso não ter medo de lhe dizer toda a verdade, para que ele se preserve e siga rigorosamente as nossas prescrições.

**Demeure**

*Nota de Allan Kardec: A comunicação a seguir foi obtida na cidade de Montauban, no sul da França, em 26 de janeiro, um dia após a sua morte, no círculo dos amigos espíritas que ele tinha nessa cidade:*

Antoine Demeure. Eu não estou morto para vocês, meus bons amigos, mas somente para aqueles que não conhecem a santa doutrina que reúne os que se amaram e tiveram na Terra os mesmos pensamentos e os mesmos sentimentos de amor e de caridade.

Estou feliz, mais feliz do que poderia esperar, porque desfruto de uma lucidez rara entre os Espíritos tão recentemente libertos da matéria. Tenham coragem, meus bons amigos. Estarei sempre junto a vocês e não deixarei de instruí-los sobre muitas coisas que ignoramos quando estamos presos à nossa pobre matéria, que nos oculta tantos esplendores e alegrias. Rezem pelos que estão privados dessa felicidade, pois eles não sabem o mal que fazem a si mesmos.

Hoje não me prolongarei por muito tempo, mas quero dizer a vocês que não me sinto totalmente estranho no mundo dos invisíveis. Tenho a impressão de que sempre o habitei. Aqui estou feliz porque vejo os meus amigos e posso me comunicar com eles sempre que eu desejar.

Não chorem, meus amigos. Isso me faria lamentar tê-los conhecido. Deixem correr o tempo e Deus os conduzirá a esta morada, onde todos

deveremos nos reunir. Boa noite, meus amigos: que Deus os console, estou ao lado de vocês.

**Demeure**

**Outra carta de Montauban contém o seguinte relato:**

Tínhamos ocultado da senhora G..., médium vidente e sonâmbula muito lúcida, a morte do senhor Demeure, a fim de poupar a sua extrema sensibilidade. O bom doutor, por certo compreendendo as nossas intenções, evitou de se manifestar a ela.

No dia 10 de fevereiro último, estávamos reunidos, a convite dos nossos guias, que diziam querer aliviar a Sra. G... de uma entorse que a fazia sofrer muito desde o dia anterior. Não sabíamos mais do que isso e nem de longe esperávamos a surpresa que eles nos reservavam. Logo que essa senhora entrou em sonambulismo (mediunizou-se), começou a gritar, mostrando o pé. Eis o que se passava:

A Sra. G... via um Espírito curvado sobre a sua perna, com o rosto escondido, que fazia fricções e massagens, exercendo de vez em quando uma tração longitudinal sobre a parte doente, exatamente como faria qualquer médico. A operação era tão dolorosa que a paciente gritava de dor, fazendo movimentos desordenados.

A crise não durou muito. Depois de dez minutos, toda a marca da entorse havia desaparecido, assim como o edema, e o pé readquiria a sua aparência normal. A Sra. G... estava curada.

Entretanto, o Espírito continuava desconhecido para a médium e insistia em não lhe mostrar o rosto; dava mesmo a impressão de querer fugir, quando a nossa doente, que alguns minutos antes não podia dar um passo, se jogou no meio do quarto para apertar a mão do seu doutor espiritual. Mais uma vez, o Espírito desviou o rosto, deixando apenas a sua mão nas mãos da médium. Nesse momento, a Sra. G... deu um grito e caiu desmaiada no assoalho.

Acabava de reconhecer o Dr. Demeure no Espírito que a curou.

Durante o desmaio, ela recebeu os cuidados apressados de muitos Espíritos que lhe eram simpáticos. Readquirindo finalmente a lucidez sonambúlica, conversou com os Espíritos, trocando com eles calorosos apertos de mão, principalmente com o Espírito do médico, que correspondia aos seus testemunhos de afeição, envolvendo-a em fluidos reparadores.

Não é uma cena impressionante e dramática, dando-nos a impressão de ver todos os personagens desempenhando o seu papel na vida humana? Não é mais uma prova, entre tantas, de que os Espíritos são seres perfeitamente reais, que têm um corpo e agem como se estivessem vivendo na Terra? Estávamos felizes por reencontrar o nosso amigo espiritual, com o mesmo coração bondoso do médico solícito e abnegado que foi neste mundo.

Durante a vida, ele tinha sido médico da médium; conhecia sua extrema sensibilidade e cuidou de sua saúde como se ela fosse a sua própria filha. Esta prova de identidade, dada àqueles a quem o Espírito amava, não é admirável e capaz de nos fazer encarar a vida futura sob um aspecto mais consolador?

***Nota de Allan Kardec:** A situação do doutor Demeure, como Espírito, é exatamente aquela que se poderia prever, tendo em vista a vida digna e útil que ele viveu. Mas um outro fato, não menos instrutivo, ressalta de suas comunicações. É a atividade que ele demonstra, quase imediatamente após a sua morte, para ser útil.*

*Por sua grande inteligência e por suas qualidades morais, ele pertence à categoria dos Espíritos muito adiantados. Ele é muito feliz, mas a sua felicidade não está na ociosidade.*

*Há poucos dias, ele cuidava dos doentes como médico e, assim que desencarnou, passou a cuidar deles como Espírito. Algumas pessoas perguntarão: o que adianta estar no outro mundo se lá não se pode descansar? A essas pessoas perguntaremos se nada representa o fato de não termos mais preocupações, nem necessidades, nem as enfermidades da vida, de nos tornarmos livres e podermos, sem cansaço, percorrer o Espaço com a rapidez do pensamento? Será que nada significa também podermos*

*estar com os amigos a qualquer hora, independente da distância que eles se encontram de nós?*

*Acrescentamos ainda que, quando estiverem no outro mundo, não serão forçados a fazer nada; serão livres para ficarem ociosos, tanto tempo quanto quiserem; mas logo vocês se cansarão desse repouso egoísta e serão os primeiros a pedirem uma ocupação.*

*Então, receberão como resposta: se vocês se aborrecem por não fazer nada, procurem vocês mesmos alguma coisa para fazer. Não faltam ocasiões para ser útil no mundo dos Espíritos, como também não faltam entre os homens. Assim, a atividade espiritual não é uma obrigação, mas uma necessidade, uma satisfação para os Espíritos que procuram as ocupações de acordo com os seus gostos e as suas aptidões, escolhendo de preferência as tarefas que podem contribuir para o seu adiantamento.*

## **VIÚVA FOULON (Wollis, quando solteira)**

---

A senhora Foulon, falecida na cidade de Antibes a 3 de fevereiro de 1865, residiu por muito tempo em Havre, onde conquistou a reputação de miniaturista habilidosa. No início, utilizou o seu notável talento apenas como distração de artista amador. Mais tarde, quando lhe sobrevieram as necessidades, fez da sua arte uma proveitosa fonte de renda.

Graças à doçura do seu caráter, tornou-se conhecida, amada e estimada, deixando boas lembranças na memória de todos aqueles que a conheceram na intimidade e puderam apreciar as suas qualidades pessoais. Como todos aqueles que possuem o sentimento inato do bem, ela não fazia alarde de suas qualidades e nem mesmo suspeitava delas, achando-as naturais.

Se houve alguém que não se deixou dominar pelo egoísmo foi, sem dúvida, a senhora Foulon. O sentimento de renúncia pessoal talvez nunca tenha sido levado tão longe como o dela. Estava sempre pronta a sacrificar o



seu repouso, a sua saúde e os seus interesses, por aqueles a quem podia ser útil.

Sua vida foi marcada por inúmeros atos de abnegação e desde a juventude teve que conviver com provas rudes e cruéis, diante das quais a sua coragem, resignação e perseverança jamais fraquejaram. Infelizmente, a sua vista cansada por um trabalho de pintura minucioso extinguiu-se dia a dia. Dentro de pouco tempo a cegueira, já bastante avançada, completou-se.

Quando a Sra. Foulon tomou conhecimento da Doutrina Espírita, esse conhecimento caiu-lhe como um raio de luz. Foi como se um véu tivesse se levantado sobre alguma coisa que não lhe era completamente desconhecida, mas da qual ela tinha apenas uma vaga intuição. Estudou a Doutrina com afinco, mas ao mesmo tempo com a lucidez e com o critério de apreciação que eram próprios da sua grande inteligência.

É preciso conhecer todas as dúvidas da sua vida; dúvidas que não procediam dela, mas dos seres que lhe eram queridos, para compreender todas as consolações que ela mesma encontrou nesta sublime revelação. O Espiritismo lhe dava uma fé inabalável no futuro e lhe demonstrava o vazio das coisas terrenas.

A sua morte foi digna da sua vida. Ela sentiu a sua aproximação sem nenhuma apreensão ou sofrimento. Era a libertação dos vínculos terrenos, que lhe abriria as portas para uma vida espiritual bem-aventurada, com a qual já havia se identificado pelo estudo da Nova Doutrina.

Morreu em paz, consciente de ter cumprido com a missão que aceitara ao retornar para Terra, pois desempenhou com zelo os seus deveres de esposa e de mãe de família. Sua paz também provinha do fato de ela ter, durante a sua vida, deixado de lado todo o ressentimento contra aqueles que a tinham magoado, por lhe haverem retribuído com ingratidão os benefícios que dela receberam. Pagou sempre o mal com o bem e deixou a vida perdoando a todos, pois confiava na bondade e na Justiça de Deus.

Enfim, morreu com a serenidade de quem tem a consciência pura e com a certeza de que estaria mais próxima de seus filhos do que esteve durante a vida

corpórea. Ela poderá, de agora em diante, estar com eles em Espírito, onde quer que estejam, para ajudá-los com seus conselhos e protegê-los.

Logo que soubemos da morte da Sra. Foulon, nosso primeiro desejo foi o de evocá-la. As relações de amizade e de simpatia que a Doutrina Espírita estabeleceu entre nós explicam algumas de suas palavras e justificam a familiaridade da sua linguagem.

# 1

**Paris, 6 de fevereiro de 1865, três dias após a sua morte.**

Eu tinha a certeza de que vocês me evocariam logo após a minha morte e estava pronta para atendê-los, porque não passei pelo período da perturbação. Somente aqueles que têm medo e que estão envolvidos por suas espessas trevas é que passam pela perturbação.

Pois bem, meu amigo, agora estou feliz. Estes pobres olhos, que se enfraqueceram ao longo do tempo e que só guardavam a lembrança das visões que haviam colorido a minha juventude com o seu brilho cintilante, abriram-se aqui no mundo dos Espíritos. Eles reencontram os esplêndidos horizontes que os grandes artistas da Terra só conseguem reproduzir de modo muito vago, porque aqui a realidade é majestosa e cheia de encantos.

Faz apenas três dias que morri e já me sinto como artista. Meus anseios, no que diz respeito à perfeição para com tudo aquilo que pudesse envolver as artes, eram a intuição de uma faculdade que eu tinha estudado e adquirido em outras existências e que se desenvolveram nesta última.

O que devo fazer para reproduzir uma obra-prima digna da grandeza que me comove o Espírito, ou seja, do cenário que eu encontrei na região da Luz? Pincéis, pincéis! E eu provarei ao mundo que a arte espírita é o coroamento da arte pagã, da arte cristã que agora está em perigo e que só ao Espiritismo está

reservada a glória de fazê-la reviver com todo o seu esplendor neste mundo em crise.

É o bastante para a artista. Agora me dirijo à amiga.

Por que, boa amiga (referindo-se à esposa de Allan Kardec), você está tão sentida com a minha morte? Justo você, que conhecia as decepções e as amarguras da minha vida. Ao contrário, deveria estar feliz ao ver que agora já não bebo mais na taça amarga das dores terrenas, taça que esvaziei até o fim.

Acredite em mim, os mortos são mais felizes do que os vivos, e chorar por eles é duvidar das verdades espíritas. Tenha a certeza de que você vai me ver de novo. Parti primeiro porque a minha tarefa neste mundo já havia terminado. Cada um tem a sua missão na Terra e, quando a sua também terminar, você virá descansar um pouco junto a mim, para depois recomeçar, se necessário, porque a inatividade não faz parte da Natureza.

Cada um tem as suas tendências e a elas obedece. É uma Lei suprema, que comprova o poder do livre-arbítrio. Minha boa amiga, todos nós temos a necessidade do perdão e da caridade, seja no mundo visível, seja no mundo invisível. Seguindo este ensinamento, tudo terminará bem.

Você não vai me pedir para parar? Saiba que já conversei muito para uma primeira vez! Por isso, vou deixá-la. Dirijo-me agora ao meu excelente amigo, o senhor Kardec.

Quero agradecer-lhe as palavras afetuosas que dirigiu a essa amiga que o precedeu no túmulo, porque nós quase partimos juntos para o mundo onde me encontro agora, meu bom amigo! (Alusão à doença de Kardec, da qual falou o Dr. Demeure.) O que a sua querida companheira de todos os dias iria dizer, se os bons Espíritos não o tivessem socorrido a tempo? Então, sim, ela teria chorado e soluçado, o que seria até compreensível.

Mas também é preciso que ela cuide para que o senhor não se exponha mais ao perigo, antes de terminar o seu trabalho de iniciação espírita. Sem se

cuidar, o senhor corre o risco de retornar antes do previsto ao mundo dos Espíritos e, assim como Moisés, só ver a Terra Prometida de longe. Então, cuide-se. É uma amiga que o previne.

Agora, vou embora. Volto para junto dos meus queridos filhos. Depois irei ver, além-mar, se a minha ovelha viajante chegou enfim ao porto ou está à mercê da tempestade (refere-se a uma de suas filhas, que morava na América.) Que os bons Espíritos a protejam. Vou me juntar a eles para isto. Voltarei a conversar com vocês, pois, como lembram, gosto muito de falar, sou mesmo incansável! Adeus, bons e queridos amigos. Até breve!

**Viúva Foulon**

## **2**

**8 de fevereiro de 1865**

**Cara senhora Foulon, estou muito contente com a comunicação que recebemos no outro dia e com a sua promessa de continuar a nossa conversa. Eu a reconheci perfeitamente na comunicação, porque você falou de coisas que o médium ignorava e que só poderiam ter vindo da senhora mesmo. Depois, a linguagem afetuosa para conosco era bem aquela da sua alma amorosa. Mas havia em suas palavras uma segurança, um equilíbrio, uma firmeza que eu não conhecia em sua vida. Lembre-se de que, em mais de uma oportunidade, eu me permiti adverti-la a este respeito.**

– É verdade. Mas, desde que me vi gravemente enferma, recuperei o equilíbrio espiritual que havia perdido com as angústias e as dificuldades que por vezes me deixaram insegura quando encarnada. Disse a mim mesma: você é espírita; esquece a Terra; prepare-se para a transformação do seu ser e anteveja, pelo pensamento, o caminho luminoso que a sua alma deve seguir ao deixar o corpo, e que a conduzirá, feliz e livre, às esferas celestes onde você

deverá viver no futuro.

Vocês podem dizer que eu fui um tanto presunçosa, ao contar com a felicidade perfeita quando deixasse a Terra. Mas eu tinha sofrido tanto que já devia ter expiado minhas faltas desta existência e das anteriores. Essa intuição não me enganou. Foi ela quem me deu a coragem, a calma e a firmeza nos últimos instantes. Essa firmeza naturalmente aumentou quando eu vi, depois da minha morte, a realização das minhas esperanças.

**A senhora poderia nos descrever agora a sua passagem, o seu despertar e as suas primeiras impressões?**

– Eu sofri, mas o meu Espírito foi mais forte do que o sofrimento material que o corpo experimentou na hora da separação. Após o último suspiro, senti como se estivesse desmaiada, sem a menor consciência do meu estado. Não conseguia perceber nada e sentia uma vaga sonolência, que não era nem o sono do corpo nem o despertar da alma.

Fiquei assim por muito tempo. Depois, como se voltasse de um longo desmaio, fui despertando pouco a pouco, entre irmãos que eu não conhecia. Eles me dispensavam cuidados e atenções. Mostraram-me um ponto no Espaço que parecia uma estrela brilhante e me disseram: “É para lá que você vai conosco, pois você não pertence mais à Terra”.

Então, recobrei a memória; apoiiei-me neles e, como um grupo gracioso que se lança em direção às esferas desconhecidas, mas com a certeza de encontrar lá a felicidade, subimos, subimos, enquanto a estrela crescia à nossa frente.

Era um mundo feliz, um mundo superior, no qual esta sua boa amiga vai, enfim, encontrar o repouso. Quero dizer o repouso em relação às fadigas corporais que eu suportei e às dificuldades da vida terrena, e não o repouso da preguiça do Espírito, porque a atividade é uma alegria para o Espírito.

**Então, a senhora deixou definitivamente a Terra?**

– Ainda tenho muitos entes queridos aí para abandoná-la definitivamente. Portanto, voltarei à Terra, mas como Espírito, pois tenho uma missão a cumprir junto aos meus netos. Vocês sabem muito bem que não existe obstáculo para que os Espíritos que estão vivendo nos mundos superiores à Terra venham visitá-la.

**A posição que a senhora ocupa atualmente não pode enfraquecer as suas relações com aqueles que ficaram na Terra?**

Não, meu amigo; o amor aproxima as almas. Acredite em mim, os que estão encarnados na Terra podem estar mais próximos daqueles Espíritos que atingiram a perfeição do que daqueles que, por sua inferioridade e egoísmo, vagam ao redor da esfera terrestre. A caridade e o amor são dois motores de poderosa atração. Eles formam o vínculo que mantém a união entre as almas que possuem afinidade. Esse vínculo continua muito forte e independe da distância e dos lugares. A distância só existe para os corpos materiais, nunca para os Espíritos.

**Qual é a sua opinião, agora, sobre os meus trabalhos referentes ao Espiritismo?**

– Acho que você está encarregado de cuidar de almas e que o fardo é difícil de carregar, mas vejo o objetivo e sei que conseguirá atingi-lo. Vou ajudá-lo, se possível, com meus conselhos de Espírito, a fim de que o senhor possa superar as dificuldades que encontrar. Vou induzi-lo a tomar medidas apropriadas para apressar, enquanto estiver vivo, o movimento renovador ao qual o Espiritismo conduz.

Seu amigo Demeure, unido ao *Espírito da Verdade*, vai ajudá-lo ainda mais. Ele é mais sábio e mais ponderado do que eu. Mas como eu sei que a assistência dos bons Espíritos fortalece e sustenta o seu trabalho, pode acreditar que a minha ajuda nunca lhe faltará.

**Pode-se deduzir, de algumas de suas palavras, que a senhora não dará uma cooperação pessoal muito ativa à obra do Espiritismo?**

– Você está enganado. É que vejo tantos outros Espíritos mais capazes do que eu para tratar desta importante questão, que um sentimento muito grande de timidez me impede, no momento, de responder conforme você deseja. Talvez isso aconteça; terei mais coragem e ousadia quando conhecer melhor esses Espíritos. Faz apenas quatro dias que desencarnei; ainda estou sob o efeito do deslumbramento que me rodeia, compreende, meu amigo?

Não consigo expressar suficientemente as novas sensações que experimento. Preciso me esforçar para vencer a fascinação que exercem sobre mim as maravilhas que admiro. Só posso bendizer e adorar a Deus por suas obras. Mas isso passará. Os Espíritos me asseguram que logo estarei acostumada a todo esse esplendor e então poderei, com a minha lucidez de Espírito, tratar de todas as questões relativas à renovação terrestre.

Além de tudo isso, é preciso não esquecer que eu tenho uma família para consolar. Adeus e até breve. É a você, meu mestre, que eu devo a única consolação durável e verdadeira que experimentei sobre a Terra (referindo-se ao Espiritismo), por isso essa sua boa amiga o ama e o amará sempre.

**Viúva Foulon**

### **3**

**A comunicação seguinte foi destinada a seus filhos, em 9 de fevereiro de 1865.**

Meus queridos filhos, Deus me tirou do convívio de vocês, mas a recompensa que se dignou a me conceder é muito grande em comparação com o pouco que fiz na Terra. Aceitem com resignação, meus bons filhos, a vontade do Altíssimo. Encontrem, em tudo o que Ele permitiu que vocês recebessem, a

força para suportar as provas da vida. Mantenham sempre firme no coração essa crença (o Espiritismo) que tanto me facilitou a passagem da vida terrena para aquela que nos aguarda quando deixamos este mundo inferior.

Depois da morte, Deus estendeu sobre mim, assim como já havia feito na Terra, o manto da Sua inesgotável bondade. Agradeçam a Ele por todos os benefícios que vocês têm recebido. Bendigam, meus filhos, bendigam sempre o Seu nome, em todos os momentos. Nunca percam de vista o objetivo que lhes foi traçado e nem o caminho que devem seguir.

Pensem em como aplicar bem o tempo que Deus lhes concede na Terra. Aí serão felizes, meus queridos, felizes uns pelos outros, desde que a união reine entre vocês. Serão felizes com os seus filhos, se os educarem no bom caminho, naquele que Deus permitiu que lhes fosse revelado.

Se não podem me ver, saibam que os vínculos que nos ligavam na Terra não se romperam com a morte do meu corpo, porque não era o corpo que nos unia, e sim o Espírito. E é como Espírito que eu ainda poderei, pela bondade do Todo-Poderoso, guiá-los e encorajá-los na caminhada, a fim de que mais tarde possamos nos juntar novamente.

Sigam em frente, meus filhos, cultivem com o mesmo amor esta crença sublime (o Espiritismo). Melhores dias estão reservados a vocês que acreditam. Isso já lhes foi dito, mas a mim não estava reservado ver esses dias aí na Terra. Será do alto que apreciarei esses tempos felizes prometidos pelo Deus bom, justo e misericordioso.

Não chorem, meus filhos. Que estas comunicações possam fortalecer a fé que possuem, o amor que vocês têm por Deus, esse Deus que tantos benefícios nos concedeu e que tantas vezes socorreu essa mãe. Orem sempre, pois a oração fortalece. Sigam as instruções que eu segui com tanto ardor, quando vivia encarnada entre vocês.

Voltarei, meus filhos, mas antes é preciso consolar a minha pobre filha, que ainda precisa muito de mim. Adeus, até breve. Creiam na bondade do Todo-Poderoso. Oro por vocês. Adeus.



## Viúva Foulon

*Nota de Allan Kardec: Todo espírita sério e esclarecido facilmente compreenderá os ensinamentos que surgem dessas comunicações. Apenas chamaremos a atenção para dois pontos. O primeiro é que este exemplo nos mostra a possibilidade de não mais ser preciso encarnar na Terra, e passar daqui para um mundo superior, sem que com isso seja necessário ficar separado dos entes queridos que deixamos ao desencarnar.*

*Assim, aqueles que temem a reencarnação por causa das misérias da vida podem afastar este temor, fazendo o que é necessário, isto é, trabalhando pelo seu melhoramento. Quem não quiser permanecer nas classes inferiores deve instruir-se e trabalhar para alcançar posições melhores.*

*O segundo ponto é a confirmação desta verdade: depois da morte estamos menos separados dos entes queridos do que durante a vida. A Sra. Foulon, contida pela idade e pela doença, numa pequena cidade no Sul, tinha ao seu lado apenas uma parte da família. Como a maioria dos filhos e dos amigos estava longe, os obstáculos materiais se opunham a que ela os pudesse ver com a frequência desejada. A grande distância tornava rara e difícil até mesmo a correspondência com alguns deles.*

*Assim que ela desencarna, prontamente vai ao encontro de cada um. Sem cansar-se, transpõe distâncias com a rapidez da eletricidade. Pode então vê-los, assiste às suas reuniões íntimas, envolvendo-os com a sua proteção. Por meio da mediunidade, ela pode conversar com eles a todo instante, como se estivesse viva.*

*E pensar que existem pessoas que, a este pensamento consolador, preferem a ideia de uma separação definitiva!*

## UM MÉDICO RUSSO

---

**O senhor P.. era um médico de Moscou que se distinguia tanto pelas suas elevadas qualidades morais como pelo seu saber. Quem evocou o**

**médico apenas o conhecia por sua reputação e só havia tido com ele relações indiretas. A comunicação original foi dada em idioma russo.**

### **DEPOIS DA EVOCAÇÃO:**

#### **O senhor está presente?**

– Sim. No dia da minha morte, eu o atormentei com a minha presença (referindo-se ao médium), mas você resistiu a todas as minhas tentativas de fazê-lo escrever. As palavras que disse a meu respeito levaram-me a reconhecê-lo. Por isso, tive vontade de falar com você para lhe ser útil.

#### **Por que o senhor, que era tão bom, sofreu tanto?**

– Isso foi uma graça que eu recebi do Senhor. Ele desejava que eu desse valor à minha libertação e, ao mesmo tempo, progredisse na Terra o máximo possível.

#### **A ideia da morte lhe causou terror?**

– Não, eu tinha muita fé em Deus para ter medo da morte.

#### **A sua separação foi dolorosa?**

– Não. O que vocês chamam de “o último momento” não é nada. Senti apenas um estremecimento rápido e, logo depois, já me encontrava feliz por estar livre da minha pobre carcaça.

#### **E o que aconteceu depois?**

– Tive a felicidade de ver inúmeros amigos virem ao meu encontro para me desejar boas-vindas, principalmente aqueles a quem eu tive a satisfação de ajudar.

### **Em que lugar o senhor está? Em algum planeta?**

– Tudo que não é planeta constitui o que vocês chamam de Espaço. É aí que eu me encontro. Mas quantos níveis existem nessa imensidade, dos quais o homem não faz a mínima ideia! Quantos degraus existem nesta **escada de Jacó** que vai da Terra ao Céu, ou seja, da humilhação de uma encarnação num mundo inferior como a Terra, até a depuração completa da alma! Aqui, onde agora eu me encontro, só se chega depois de passar por muitas provas, ou melhor, depois de muitas encarnações.

### *Observação*

**Escada de Jacó:** Alusão ao sonho de Jacó: “Eu vi em sonho uma escada posta sobre a Terra, cujo final tocava o Céu, e os anjos de Deus subiam e desciam por ela...” (Gênesis, capítulo 28, itens 10, 11 e seguintes)

### **Sendo assim, o senhor deve ter tido muitas existências.**

– Como poderia ser de outro modo? Não existem exceções na ordem imutável estabelecida por Deus. A recompensa só pode vir depois da vitória conquistada na luta. Quando a recompensa é grande, significa que a luta também o foi. Mas a vida humana é tão curta que a luta apenas se realiza por intervalos, que são as diferentes existências sucessivas. Ora, se me encontro num lugar elevado, é porque alcancei essa felicidade depois de uma sucessão de combates, nos quais Deus permitiu que eu algumas vezes saísse vitorioso.

### **Em que consiste a sua felicidade?**

– Isso é mais difícil de fazer com que vocês compreendam. A felicidade que eu desfruto é um contentamento extremo comigo mesmo, não pelos meus méritos, o que seria orgulho, e o orgulho é a marca dos Espíritos atrasados. Mas posso dizer que é um contentamento, por assim dizer, imerso no amor de Deus, no reconhecimento da Sua bondade infinita.

É a alegria profunda de ver o bom, de ver o bem, de poder dizer: “Talvez eu tenha contribuído para o crescimento de algumas criaturas que se elevaram

ao Senhor”. Ficamos como que identificados com a felicidade, que é uma espécie de fusão do Espírito com a bondade Divina. Temos a possibilidade de ver os Espíritos mais adiantados, de compreender a missão que eles realizam, sabendo que um dia também chegaremos lá.

Podemos entrever, no infinito incomensurável, as regiões em que mais resplandece o “fogo divino”, a ponto de ficarmos deslumbrados, mesmo através do véu que ainda as envolve.

Mas o que estou dizendo? Vocês compreendem as minhas palavras? Acreditam que esse fogo a que me refiro é semelhante ao Sol, por exemplo? Não, não. É uma coisa impossível de descrever ao homem, uma vez que as palavras só exprimem para ele os objetos, as coisas físicas ou metafísicas que ele tem conhecimento pela memória ou pela intuição da alma.

Sendo assim, o homem não pode guardar na memória o que absolutamente não conhece, porque não existem termos que possam dar a ele uma ideia do que seja esse “fogo divino”. Mas saibam que já é uma felicidade imensa pensar na possibilidade de progredir infinitamente.

**O senhor disse que queria ser útil à minha pessoa. Pergunto: de que maneira?**

– Posso ajudá-lo nos momentos de desânimo, sustentá-lo em suas fraquezas, consolá-lo em suas aflições. Se a sua fé vacilar, perturbada por alguma emoção forte, você poderá me chamar, porque Deus me dará as palavras necessárias para lembrá-lo de que é preciso voltar a Ele.

Se você se sentir prestes a sucumbir sob o peso das más tendências, que a sua própria consciência reconhece a culpa, pode me chamar que eu lhe ajudarei a carregar a sua cruz, como Jesus outrora foi ajudado a carregar a sua, aquela que tão respeitosa devia proclamar a verdade e a caridade.

Se você vacilar devido aos próprios dissabores, se o desespero dominar a sua conduta, lembre-se de me chamar para que eu possa tirá-lo desse abismo. Falarei de Espírito para Espírito, lembrando o cumprimento dos deveres que

lhe competem, não em virtude de considerações sociais ou materiais, mas pelo amor que eu transmitirei à sua alma, amor que Deus me concedeu para ser transmitido em favor daqueles a quem Ele pode salvar.

Por certo você tem amigos na Terra que compartilharam das suas angústias e talvez já o tenham socorrido alguma vez. Você não os procura nos momentos de aflição? Não leva a eles os seus lamentos e as suas lágrimas, e deles não recebe conselhos, apoio e carinhos como prova de afeição? Pois bem! Fique certo de que aqui no Espaço também é possível ter amigos úteis e prestativos. É uma consolação poder dizer: “Quando eu morrer, os meus amigos da Terra estarão à minha cabeceira, orando e chorando por mim, enquanto, do outro lado da vida, meus amigos do Espaço virão sorridentes me conduzir ao lugar que eu tiver merecido por minhas virtudes”.

### **Por que faço jus à proteção que o senhor quer me dispensar?**

– É porque me afeiçoei a você desde o dia da minha morte. Eu o vi como espírita, como bom médium e adepto sincero. Dentre tantos que deixei na Terra, você foi o primeiro que eu vi. Então, resolvi contribuir para o seu progresso. O proveito não será apenas seu, mas de todos aqueles a quem você deve instruir no conhecimento da verdade.

Como você vê, Deus o ama tanto a ponto de fazê-lo um missionário. Ao seu redor, todos vão partilhando pouco a pouco das suas crenças. Os mais rebeldes não deixam de ouvi-lo e um dia você vai ver que eles também vão aceitar as suas ideias. Não os abandone, não desanime; prossiga sempre, apesar das pedras no caminho. Pode solicitar o meu apoio nos momentos de desânimo.

### **Não me julgo digno de um favor tão grande.**

– Certamente você está bem longe da perfeição. Apesar do seu ardor em propagar as boas doutrinas; do cuidado em sustentar a fé daqueles que o escutam; de pregar a caridade, a bondade e a benevolência, mesmo para aqueles

que procedem mal para consigo; da sua resistência aos impulsos da cólera, quando seria mais fácil despejar o seu rancor sobre aqueles que lhe aborrecem ou menosprezam as suas intenções.

Tudo isso ameniza a maldade que você ainda possui. Convém que o amigo saiba: o perdão das ofensas é um dos mais poderosos atenuantes do mal.

Deus o cobre de graças pelas faculdades que lhe concedeu e que você deve desenvolver pelo esforço próprio, a fim de ajudar na salvação do próximo. Vou deixá-lo, mas conte sempre comigo. Trate de moderar os seus caprichos terrenos, vivendo o máximo possível com os seus amigos que já estão no Espaço.

## **BERNARDIN**

---

### **Bordeaux, abril de 1862**

Sou um Espírito esquecido há muitos séculos. Na Terra vivi na desonra e na miséria, trabalhando incessantemente para dar à minha família um mísero pedaço de pão. Entretanto, eu amava o meu verdadeiro Senhor e, quando aquilo que me oprimia na Terra aumentava o fardo das minhas dores, eu dizia: “Meu Deus, me dá a força necessária para que eu possa suportar este peso sem lamentações”.

Meus amigos, eu estava em expiação, mas ao sair dessa rude prova, o Senhor me recebeu na Sua santa paz e o meu maior desejo foi o de reunir a todos, irmãos e filhos, e dizer-lhes: “Qualquer que seja o preço pago na Terra, a felicidade que espera vocês está muito acima dele”.

Nunca tive uma boa posição na vida. Fui filho de uma numerosa família, sempre servi aos que melhor podiam me ajudar a suportar a existência. Nasci numa época em que a escravidão era cruel, suportei todas as injustiças, todos os trabalhos extenuantes, todos os excessos que os auxiliares do patrão quiseram

me impor.

Vi, sem poder me queixar, a minha mulher ser ultrajada, minhas filhas serem raptadas e depois rejeitadas. Vi meus filhos envolvidos em roubos e em outros crimes que não cometeram! Depois, vi eles serem enforcados por essas faltas!

Ah! Se vocês soubessem, meus pobres amigos, o que eu sofri na minha longa existência! Mas eu esperava. Esperava a felicidade que não existe na Terra e que o Senhor por fim me concedeu. A todos vocês, portanto, coragem, paciência e resignação.

Meu filho, guarda o que lhe dei, e que é um ensinamento prático. Aquele que aconselha é sempre mais ouvido quando pode dizer: “Eu suportei mais do que vocês, e suportei sem me queixar”.

**Em que época o senhor viveu?**

– De 1400 a 1460.

**Depois dessa existência, o senhor teve outra?**

– Sim, vivi ainda entre vocês como missionário da fé, mas da fé verdadeira, da fé pura, daquela que sai da mão de Deus, e não daquela-manipulada pelos homens.

**Agora, como Espírito, ainda tem ocupações?**

– Vocês acreditam que os Espíritos ficam inativos? A inércia e a inutilidade seria um suplício para nós. A minha missão é a de guiar centros espíritas, aos quais inspiro bons pensamentos, ao mesmo tempo em que me esforço para neutralizar os pensamentos ruins que são sugeridos pelos maus Espíritos.

**CONDESSA PAULA**

---

A condessa Paula era uma mulher jovem, muito bonita, rica, nascida em uma família ilustre e, além disso, um modelo completo de todas as qualidades intelectuais e morais. Faleceu em 1851, aos 36 anos. Era uma dessas criaturas cuja oração fúnebre põe em todos os lábios as seguintes palavras: “Por que Deus retira tão cedo da Terra pessoas como essa?”.

Felizes daqueles que têm a sua memória assim abençoada! Ela era boa, meiga e indulgente para com todos, sempre pronta a desculpar ou atenuar o mal, em vez de aumentá-lo. Jamais a maledicência lhe manchou os lábios. Sem arrogância nem austeridade, tratava seus inferiores com uma benevolência que nada tinha de falsa familiaridade, sem distanciá-los com ares de superioridade ou de uma proteção que pudesse humilhá-los.

Compreendia que as pessoas que vivem do seu trabalho não possuem outros rendimentos e por isso precisam do dinheiro que ganham, seja por sua posição, seja para viverem; por esse motivo, nunca lhes atrasou um salário. O simples pensamento de que alguém pudesse passar necessidade pela falta de pagamento lhe causaria um peso na consciência.

Não era dessas pessoas que sempre utilizam o dinheiro para satisfazer as suas fantasias, deixando de pagar os seus compromissos. Não podia compreender como os ricos tinham prazer em possuir dívidas, e ficaria humilhada se alguém lhe dissesse que os seus fornecedores tinham sido constrangidos a lhe entregar mercadorias, mesmo sem o pagamento estar em dia. Assim, a sua morte causou muitas lamentações e nenhuma reclamação.

A sua caridade era inesgotável, mas não era essa caridade convencional que se ostenta à luz do dia. Exercia a caridade do coração, e não a que busca os aplausos do mundo. Só Deus sabe as lágrimas que enxugou e os desesperos que acalmou, porque as suas boas ações só eram testemunhadas por ela mesma e pelos infelizes a quem assistia.

Ela sabia, como ninguém, descobrir os infortúnios ocultos, que são os mais dolorosos, e que socorria com a delicadeza de quem eleva o moral dos atendidos ao invés de rebaixá-lo.



Sua posição na sociedade e as altas funções do marido obrigavam-na a ter uma despesa caseira muito grande, da qual ela não podia se eximir. Satisfazia plenamente às exigências da sua posição, sem ser mesquinha, e o fazia com muito critério, evitando assim grandes desperdícios e despesas supérfluas. Agindo assim, conseguia reduzir os gastos pela metade para desempenhar a mesma tarefa que outros desempenhavam gastando muito mais, e sem fazerem melhor do que ela.

Portanto, ela podia reservar uma parte maior da sua fortuna para assistir os necessitados. As economias que fazia na administração da casa lhe permitiam destinar parte desse dinheiro exclusivamente para tal fim, que ela considerava sagrado. Desse modo, encontrava o meio de conciliar os seus deveres para com a sociedade e para com a assistência aos infelizes.

*Nota de Allan Kardec: Pode-se dizer que esta senhora era o retrato vivo da mulher caridosa, referida no Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo 13, item 4 – Os infortúnios ocultos.*

**Um de seus parentes, que já conhecia o Espiritismo, evocou-a doze anos após o seu falecimento, obtendo a seguinte comunicação em resposta a diversas perguntas feitas:**

*Nota de Allan Kardec: O original dessa comunicação está em alemão. Extraímos apenas os tópicos que interessam ao assunto do qual nos ocupamos, suprimindo os detalhes de natureza exclusivamente familiar.*

Você tem razão, meu amigo, em pensar que eu sou feliz. Realmente sou muito feliz, muito mais do que a linguagem humana pode exprimir, embora ainda esteja longe de atingir o plano superior. Na Terra, estive entre os felizes, pois não me lembro de ter experimentado nenhum sofrimento verdadeiro. Juventude, saúde, fortuna, respeito, eu tinha tudo o que constitui a felicidade para os homens.

Mas o que é essa felicidade, comparada com a que eu desfruto aqui? O que significam as suas festas mais esplêndidas, em que na Terra se exibem as mais belas joias, comparadas a estas assembleias de Espíritos resplendentes de brilho, que as suas vistas não poderiam suportar, porque é um brilho que provém da própria pureza desses Espíritos?

O que são os seus palácios e os seus salões dourados comparados a essas moradas aéreas, as vastas regiões do Espaço, composto de uma infinidade de cores que fariam empalidecer o próprio arco-íris? A que ficam reduzidos os seus passeios nos parques, ante o deslocamento através da imensidão, mais rápidos do que o raio? E o que são os seus horizontes limitados e carregados de nuvens, comparados ao grandioso espetáculo dos mundos a se moverem no Universo infinito, sob a poderosa mão do Altíssimo?

Como são monótonos os seus concertos mais harmoniosos, em relação à suave melodia que faz vibrar os fluidos do éter e todas as fibras da alma! Como são tristes e sem graça as suas maiores alegrias, comparadas à sensação indescritível de felicidade que nos satura todo o ser como um bálsamo saudável, sem nenhuma mescla de inquietação, de preocupação, de sofrimento!

Aqui tudo respira amor, confiança e sinceridade. Por toda parte existem corações amorosos, por toda parte encontramos amigos! Não existem invejosos nem ciumentos! Este é o mundo em que me encontro, meu amigo, e ao qual todos vocês também chegarão infalivelmente, se percorrerem o caminho correto da vida.

Entretanto, uma felicidade monótona logo cansaria. Não acreditem que a nossa felicidade esteja livre de imprevistos. Não se trata de um concerto eterno, nem de uma festa sem fim, nem de uma feliz contemplação por toda a eternidade. Não! Trata-se do movimento, da vida, da atividade. As ocupações, embora livres da fadiga, apresentam uma incessante variedade de aspectos e de emoções pelos vários acontecimentos que a elas se associam. Cada um tem a sua missão a cumprir, seus protegidos a cuidar, os amigos da Terra a visitar, processos da Natureza a dirigir, almas sofredoras a consolar...

Existe um vaivém contínuo, não de uma rua a outra, mas de um mundo a outro; as criaturas se reúnem, se separam, para novamente se reunirem; encontram-se aqui e ali, conversam sobre o que fizeram, felicitam-se pelo sucesso obtido; entendem-se, ajudam-se mutuamente nos casos mais difíceis. Finalmente, posso assegurar que ninguém dispõe de um segundo para se sentir entediado.

Neste momento, a Terra é a nossa grande preocupação. Quanto movimento entre os Espíritos! Numerosas falanges se dirigem à Terra com a finalidade de auxiliarem na sua transformação, no seu progresso, na sua evolução. Pode-se dizer que existe uma multidão de trabalhadores ocupados em limpar uma floresta, sob as ordens de chefes experientes.

Uns abatem as velhas árvores a golpes violentos, arrancando-lhes as raízes profundas; outros desbastam o terreno, cultivam a terra e constroem a nova cidade sobre as ruínas carcomidas do Velho Mundo. Durante esse tempo, os chefes se reúnem e transmitem suas ordens por intermédio de mensageiros, em todas as direções. A Terra deve ser regenerada dentro de um tempo determinado, pois é preciso que os desígnios da Providência se realizem, e é para isso que cada um executa o seu trabalho e toma parte nessa grande obra.

Não pensem que eu seja uma simples espectadora desse grande trabalho. Eu teria vergonha de ficar inativa, enquanto todos estão ocupados. Uma importante missão me foi confiada e me esforço por cumpri-la da melhor forma possível.

Não foi sem luta que alcancei a posição que ora ocupo na vida espiritual. Saibam que a minha última existência, por mais meritória que pareça, não seria suficiente para isso. Durante muitas existências, passei pelas provas do trabalho e da miséria, que voluntariamente havia escolhido para fortalecer e depurar a minha alma, e das quais tive a felicidade de sair vitoriosa.

Entretanto, ainda restava uma prova a enfrentar, a mais perigosa de todas: A prova da fortuna e do bem-estar material, *mas aquele bem-estar sem amarguras*: E aí estava o perigo. Antes de tentá-la, eu quis me sentir bem forte

para não sucumbir. Deus levou em conta as minhas boas intenções e concedeu-me a graça do Seu auxílio. Muitos Espíritos, seduzidos pelas aparências, se apressam em escolher essa prova. Mas, como ainda estão muito fracos para enfrentar os perigos, deixam que as seduções do mundo triunfem sobre a sua inexperiência.

Trabalhadores, eu estive na mesma condição de vocês! Eu, a nobre dama, assim como vocês, ganhei o pão com o suor do meu rosto. Passei privações, sofri reveses e foi através dessas dificuldades que eu desenvolvi as forças da alma. Caso contrário, eu provavelmente teria falido na minha última prova, e isso me afastaria para bem longe da situação em que me encontro agora.

Assim como eu, vocês também precisarão passar pela prova da riqueza, mas não se apressem em pedi-la cedo demais. E a vocês, que são ricos, não se esqueçam que a verdadeira fortuna, a fortuna que não perece, não existe na Terra. Procurem antes saber o preço pelo qual podem alcançar os benefícios do Todo-Poderoso.

**Paula, na Terra Condessa de...**

**JEAN REYNAUD**

---

### **Sociedade Espírita de Paris – Comunicação espontânea**

Meus amigos, como é magnífica esta nova vida! Ela se assemelha a uma poderosa corrente de água luminosa, que arrasta no seu curso imenso as almas sedentas do infinito! Após a ruptura dos vínculos carnis, meus olhos abrangeram novos horizontes e eu pude desfrutar das esplêndidas maravilhas do infinito! Passei das sombras da matéria à aurora deslumbrante que anuncia o Todo-Poderoso.

Fui salvo, não pelo mérito das minhas obras, mas pelo conhecimento do

“princípio eterno” (ninguém morre), que me fez evitar as manchas lançadas pela ignorância na pobre Humanidade. A minha morte foi abençoada, mas os biógrafos, aqueles que escrevem sobre a vida das pessoas, julgaram que ela foi prematura. Ah! Eles são cegos! Lamentaram-na por alguns escritos nascidos da vaidade e não compreenderam, nem compreenderão o quanto o fato de eu estar morto, o quanto o silêncio em volta do meu túmulo recém-fechado é útil para a santa causa do Espiritismo.

A minha obra estava terminada; meus antecessores abriram o caminho. Eu havia atingido o ponto culminante em que o homem já deu o que tinha de melhor e nada mais faz do que se repetir. A minha morte desperta e atrai a atenção dos letrados para a minha obra capital, referente à grande questão espírita, que eles fingem desconhecer, mas que muito em breve os envolverá. Glória a Deus!

Ajudado pelos Espíritos superiores, que protegem a Nova Doutrina, serei um dos participantes a demarcar o seu caminho.

**Jean Reynaud**

### **Paris, reunião familiar. Outra comunicação espontânea**

**O Espírito Jean Reynaud responde a um pensamento formulado sobre a sua morte inesperada, em idade pouco avançada, o que surpreendeu muita gente:**

Quem disse que a minha morte não foi um benefício para o Espiritismo, para o seu futuro, para o seu desenvolvimento? Você notou, meu amigo, o caminho do progresso que ele segue, o rumo que toma a fé espírita? Deus concedeu primeiro as provas materiais: a dança das mesas, as pancadas e toda sorte de fenômenos que podiam ser vistos, sentidos e até tocados. Tudo isso para chamar a atenção. Até pode-se dizer que foi uma introdução divertida.

Os homens precisam de provas palpáveis para acreditar. Mas, nos dias

atuais, a coisa é completamente diferente. Após as demonstrações materiais, Deus fala à inteligência, ao bom senso, à razão fria. Não utiliza mais manifestações de efeitos físicos, de força, mas sim manifestações que exigem o raciocínio, que devem convencer e atrair até mesmo os incrédulos mais obstinados. E isso é apenas o começo.

Prestem bem atenção no que eu vou dizer: “Toda uma série de fatos inteligentes e irrefutáveis vai acontecer, e o número dos adeptos da fé espírita, que já é grande, vai aumentar ainda mais. Deus vai conquistar as inteligências de elite, as sumidades do pensamento, do talento e do saber. Será como um raio de luz que se espalhará por toda a Terra; será como um fluido magnético irresistível, impelindo os mais endurecidos à busca do infinito, ao estudo dessa admirável ciência (o Espiritismo) que nos traz ensinamentos tão sublimes.

Todos vão se agrupar ao seu redor e, deixando de lado o diploma de gênio que receberam, se tornarão humildes e pequenos para que possam aprender e se convencer.

Depois, mais tarde, quando estiverem bem instruídos e bem convencidos, utilizarão a sua autoridade e a fama de seus nomes para levar ainda mais longe, aos seus últimos limites, a meta a que todos vocês se propuseram: a regeneração da espécie humana pelo conhecimento racional e aprofundado das existências passadas e futuras. Esta é a minha sincera opinião sobre o estado atual do Espiritismo”.

## **Bordeaux**

### **EVOCAÇÃO:**

Senhora, atendo com prazer ao seu chamado. Sim, você tem razão quando diz que a perturbação espiritual não existiu para mim (respondendo ao pensamento da médium). Exilado voluntariamente na sua Terra, onde deveria

lançar a primeira semente séria das grandes verdades que envolvem o mundo neste momento, sempre tive comigo a consciência da pátria espiritual, por isso logo me reconheci em meio aos meus irmãos espíritas.

**Agradeço pelo senhor ter vindo, mas não acreditava que a minha vontade de conversar tivesse alguma influência sobre a sua pessoa. Deve haver uma distância tão grande entre nós, que só penso nisso com respeito.**

– Obrigado pelo seu bom pensamento, minha filha. Mas você deve saber também que, seja qual for a distância que possa existir entre nós, em virtude das provas acabadas, mais ou menos rapidamente, com maior ou menor felicidade, existe sempre um vínculo poderoso que nos une: a simpatia. E você estreitou esse vínculo pelo seu pensamento constante.

**Apesar de muitos Espíritos terem explicado as suas primeiras sensações ao despertar, seria muito bom se o senhor dissesse o que sentiu ao tomar consciência da sua nova situação, e como foi a separação entre o seu Espírito e o seu corpo.**

– A separação se realizou do mesmo modo que para todas as pessoas. Senti o momento da separação se aproximar, mas fui mais feliz que muitos, porque isso não me causou angústia, uma vez que eu já conhecia as suas consequências, embora elas fossem maiores do que eu pensava.

O corpo é sempre um entrave para as faculdades espirituais e, sejam quais forem os conhecimentos que o Espírito tenha conservado, eles são sempre mais ou menos abafados pelo contato com a matéria. Adormeci esperando um despertar feliz; o sono foi curto, mas a admiração foi imensa! Os esplendores celestes se desenrolavam aos meus olhos e brilhavam com toda a sua intensidade. Meu olhar maravilhado mergulhava na imensidão desses mundos que eu afirmava existirem e serem habitados.

Era uma visão que vinha confirmar a verdade dos meus sentimentos. Por mais que o homem acredite naquilo que fala, às vezes ele tem, no fundo do

coração, momentos de dúvida e de incerteza. Desconfia, se não da verdade que proclama, pelo menos dos meios imperfeitos que utiliza para demonstrá-la.

Convencido das verdades que eu queria que as pessoas aceitassem, muitas vezes tive que lutar comigo mesmo contra o desânimo de ver, de tocar, por assim dizer, a verdade, e de não poder torná-la palpável aos que tinham tanta necessidade de nela acreditar, para trilhar com mais segurança o caminho que lhes convinha seguir.

### **Quando estava encarnado, o senhor pregava o Espiritismo?**

– Existe uma diferença muito grande entre pregar e praticar. Muitas pessoas pregam uma doutrina mas não a praticam. Eu praticava e não pregava. Assim como todo o homem que segue as Leis do Cristo é cristão, mesmo que o faça sem conhecimento, pode ser espírita todo aquele que acredita na imortalidade da sua alma, nas suas existências anteriores, no progresso incessante, nas provações terrenas e nas **abluções** necessárias para se purificar.

Eu acreditava em tudo isso, portanto eu era espírita. Compreendia a erradicidade, esse período entre uma encarnação e outra; o purgatório, no qual o Espírito culpado se despoja de suas vestes sujas para vestir uma nova; onde o Espírito em evolução *tece com cuidado a roupa nova que vai usar* e deseja conservá-la limpa. Compreendi tudo isso e, sem pregar, continuei a praticar.

### *Observação*

**Ablução:** Lavar-se com água antes de rezar. Ritual de purificação do corpo, ou de parte dele, com água, antes de um ato religioso.

**Nota de Allan Kardec:** *Estas três comunicações foram obtidas por três médiuns diferentes, que não se conheciam. Não temos nenhuma prova material da identidade do Espírito que se manifestou. Entretanto, a semelhança dos pensamentos, a forma da linguagem, nos permite ao menos presumir a sua identidade. A expressão: “Tece com cuidado a roupa nova que vai usar” é uma*



*encantadora figura que exprime a consideração com que o Espírito em evolução prepara a nova existência que deverá fazê-lo progredir ainda mais.*

Os Espíritos atrasados são menos cautelosos e, algumas vezes, fazem escolhas infelizes que os forçam a recomeçar.

## **ANTOINE COSTEAU**

---

**Membro da Sociedade Espírita de Paris, sepultado em 12 de setembro de 1863 no cemitério de Montmartre, em uma vala comum.**

Antoine era um homem de coração sensível, que o Espiritismo reconduziu a Deus. Sua fé no futuro era completa, sincera e profunda. Simples pedreiro, praticava a caridade por pensamentos, palavras e obras, de acordo com os poucos recursos de que dispunha e, ainda assim, encontrava meios de ajudar aqueles que tinham menos do que ele.

Se a Sociedade Espírita de Paris não lhe adquiriu um túmulo particular, foi porque lhe pareceu mais útil empregar o dinheiro em benefício dos vivos a satisfazer um inútil capricho. Os espíritas sabem, melhor do que ninguém, que a vala comum é uma porta de entrada para o Céu, tanto quanto o mais suntuoso mausoléu.

O senhor Canu, secretário da Sociedade Espírita de Paris, e materialista convicto de outros tempos, fez o seguinte discurso, por ocasião do enterro:

Caro irmão Costeau, há alguns anos atrás, muitos dentre nós, e eu em primeiro lugar, tínhamos visto nesta cova aberta apenas o fim das misérias humanas e, depois, o nada. O terrível nada, isto é, nada de alma para colher coisas boas ou expiar por suas faltas e, por consequência, sem a presença de Deus para recompensar, castigar ou perdoar.

Hoje, graças à nossa divina Doutrina, vemos no túmulo tão somente o

fim das provas terrenas e, para você, querido irmão, cujos restos mortais devolvemos à Terra, vemos o triunfo de seus trabalhos e o começo da merecida recompensa a que fizeram jus a sua coragem, a sua resignação, a sua caridade, enfim, as suas virtudes e, acima de tudo isso, vemos a glorificação de um Deus sábio, Todo-Poderoso, justo e bom.

Seja, portanto, querido irmão, o portador das graças que rendemos ao Eterno, por ter dissipado em nós as trevas do erro e da incredulidade que nos dominavam. Há pouco tempo atrás, nesta mesma circunstância, nós teríamos dito de cabeça baixa e com desânimo no coração: “Amigo, adeus para sempre”. Hoje, com a cabeça erguida e radiante de esperanças, lhe dizemos com o coração cheio de amor e de coragem: “Querido irmão, até breve, e reze por nós”.

Um dos médiuns da Sociedade Espírita de Paris recebeu ao lado do túmulo, ainda aberto, a seguinte comunicação, que foi ouvida por todos os presentes, inclusive pelos coveiros, *de cabeça descoberta (sem chapéu)*, e com profunda emoção. Era, de fato, um espetáculo novo e surpreendente esse de ouvir palavras de um morto, ao lado do próprio túmulo:

“Obrigado, meus amigos, obrigado. Meu túmulo ainda não foi fechado e, portanto, daqui a alguns segundos, a terra vai cobrir os meus despojos. Mas vocês sabem que a minha alma não será enterrada sob essa poeira. Ela vai planar no Espaço para subir até Deus! Como é consolador poder dizer, mesmo vendo o corpo inerte: Oh! Não, não estou morto! Vivo a verdadeira vida, a vida eterna!

“O enterro de um pobre não tem grandes cortejos, nem manifestações orgulhosas ao lado do túmulo. Em compensação, meus amigos, acreditem em mim, *a grande multidão aqui não faz falta*, e os bons Espíritos acompanharam vocês e suas mulheres piedosas, no enterro do corpo que aí jaz estendido! Pelo menos, todos vocês acreditam e amam o bom Deus!

“Oh! Certamente não morremos só porque o nosso corpo se aniquila, esposa bem amada! Daqui para frente eu estarei sempre ao seu lado para

consolá-la e ajudá-la a suportar a prova. A vida será dura para você, mas com a ideia da eternidade e com o amor de Deus, seus sofrimentos serão leves!

“Parentes que cercam a minha querida companheira, amem-na, respeitem-na, sejam para ela irmãos e irmãs. Não se esqueçam da assistência que mutuamente vocês devem uns aos outros na Terra, se quiserem entrar na morada do Senhor.

“E vocês, espíritas, irmãos amigos, obrigado por terem vindo me dizer adeus até esta morada de poeira e lama. Vocês sabem, e sabem muito bem, que a minha alma é imortal; que algumas vezes ela virá lhes pedir preces, que não me serão recusadas, para me ajudar a caminhar nesta estrada magnífica que vocês abriram em minha vida (referindo-se à Doutrina Espírita).

“Adeus a todos os que estão aqui. Poderemos nos rever em outro lugar que não seja ao lado deste túmulo. As almas me chamam ao seu encontro. Adeus, rezem por aqueles que sofrem. Até mais ver.”

**Costeau**

**Três dias mais tarde, o Espírito do senhor Costeau, evocado num grupo particular, ditou a seguinte comunicação, por meio de outro-médium:**

“A morte é a vida. Não faço mais do que repetir o que já foi dito, mas para vocês não há outra expressão senão esta, apesar do que afirmam os materialistas, aqueles que querem permanecer cegos. Oh! Meus amigos, como é bela a visão da Terra, quando se vê tremular nela a bandeira do Espiritismo!

‘É uma Ciência profunda, imensa, da qual vocês apenas soletram as primeiras palavras! Quantos ensinamentos ela traz aos homens de boa vontade, aos que rompem as cadeias do orgulho, para proclamar bem alto a sua crença em Deus. Orem, homens, rendam graças por tantos benefícios. Pobre Humanidade! Ah! Se ela pudesse compreender! Mas não, não chegou ainda o tempo em que a misericórdia do Senhor deve se estender sobre todos os homens, para que reconheçam e se submetam à Sua vontade.

‘É por seus raios luminosos, Ciência bendita, que os homens chegarão a esse tempo e compreenderão. É o calor salutar do Espiritismo que vai aquecer e tonificar os corações no fogo divino, que traz a fé e as consolações. É sob os seus raios vivificantes que o *mestre e o operário* se confundirão e se tornarão apenas um, porque compreenderão essa caridade fraterna pregada pelo divino Messias.

‘Oh! Meus irmãos, pensem na felicidade imensa que vocês possuem por serem os primeiros a receber os conhecimentos espíritas na obra da regeneração. Honra lhes seja feita, meus amigos! Prossigam e um dia vocês, assim como eu, ao chegar à pátria dos Espíritos, vão dizer: *A morte é a vida*; ou, antes, é um sonho, uma espécie de pesadelo que dura o espaço de um minuto e do qual despertamos cercados de amigos que nos felicitam, e sentem-se felizes por nos abraçarem.

‘A minha felicidade foi tão grande que eu não podia compreender por que Deus me destinou tantas graças em troca do pouco que fiz. Parecia que eu estava sonhando e, como algumas vezes eu sonhei que estava morto, por alguns instantes tive medo de ter que voltar para o meu infeliz corpo. Mas não demorei a me dar conta da realidade e agradei a Deus.

‘Agradei também ao mestre (referindo-se a Kardec) que tão bem soube incutir em mim os deveres de um homem que acredita na vida futura. Sim, eu o bendizia e lhe agradecia, pois *O Livro dos Espíritos* despertou em minha alma os sentimentos de amor ao Criador.

‘Obrigado, meus bons amigos, por terem me atraído. Digam aos nossos irmãos que estou seguidamente em companhia do nosso amigo Sanson. Até outro dia, e coragem, porque a vitória os espera. Felizes serão aqueles que participarem do combate!’”

*Nota de Allan Kardec: Daí por diante, o Sr. Costeau manifestou-se constantemente, na Sociedade Espírita de Paris e em outras reuniões, dando sempre provas dessa elevação de pensamentos que caracteriza os Espíritos adiantados.*

## EMMA LIVRY

---

**A Srta. Emma Livry morreu na flor da idade, após cruéis sofrimentos, em consequência de um acidente causado pelo fogo. Alguém se propôs a solicitar a sua evocação na Sociedade Espírita de Paris, quando ela se apresentou espontaneamente no dia 31 de julho de 1863, pouco tempo depois da sua morte.**

“Eis-me aqui, ainda no cenário do mundo, eu que me julgava sepultada para sempre, escondida na minha inocência de jovem. Na minha fé católica, pensei que o fogo da Terra me salvaria do fogo do inferno e, se não ousava entrever os esplendores do paraíso, minha alma trêmula se refugiava na expiação do purgatório, enquanto eu rezava, sofria e chorava.

‘Mas quem dava ao meu ânimo abatido a força para suportar as minhas angústias? Quem, nas longas noites de insônia e de febre dolorosa se inclinava sobre o meu leito de sofrimento? Quem me refrescava os lábios sedentos? Era você, meu anjo da guarda, cuja auréola branca me envolvia; eram vocês também, Espíritos queridos e amigos, que vinham murmurar em meus ouvidos palavras de esperança e de amor.

‘A chama que consumiu o meu frágil corpo também me despojou do apego por ele e, assim, *eu morri já vivendo a verdadeira vida*. Não experimentei a perturbação; entrei serena e recolhida no dia radiante que envolve aqueles que, depois de muito terem sofrido, souberam esperar um pouco.

‘Minha mãe, minha mãe querida! Ela foi a última vibração terrena que me ressoou na alma. Como eu queria que ela se tornasse espírita!

‘Desprendi-me da Terra qual fruto maduro que se desprende da árvore antes do tempo. Eu ainda não tinha sido tocada pelo demônio do orgulho que fere as almas infelizes, arrastadas pelos sucessos embriagadores e brilhantes da juventude.

‘Bendigo, pois, o fogo, o sofrimento, essa prova que não passava de uma expiação. Semelhante a esses fios brancos e leves do outono, eu flutuo na

corrente luminosa, e não são mais as estrelas de diamante que brilham em minha frente, mas as estrelas de ouro do bom Deus.”

**Emma Livry**

**Num Centro Espírita na cidade de Havre, no dia 30 de julho de 1863, o mesmo Espírito deu espontaneamente a seguinte comunicação:**

“Aqueles que sofrem na Terra são recompensados na outra vida. Deus é todo Justiça e Misericórdia para com aqueles que sofrem nesse mundo. Ele concede aos sofredores uma felicidade tão pura e tão perfeita, que a gente não deveria temer os sofrimentos e nem a morte, se fosse possível às pobres criaturas humanas penetrar os misteriosos desígnios do nosso Criador.

‘Mas a Terra é um lugar de provas imensas, quase sempre repletas de dores atrozes. Aceitem sem reclamar se essas provas os atingirem; inclinem-se diante da suprema bondade do Todo-Poderoso, se Ele lhes sobrecarregar de fardos pesados. E, quando Ele os chamar para Si, depois de cruéis sofrimentos, vocês verão na outra vida, que é a vida verdadeira, quão insignificantes eram as dores e as provas que sofreram na Terra. Só então serão capazes de julgar a recompensa que Deus reserva aos que sofrem, caso a queixa e o murmúrio não tenham penetrado em seus corações.

‘Bem jovem eu ainda eu deixei a Terra, e Deus houve por bem me perdoar e dar-me a vida daqueles que respeitam a Sua vontade. Adorem a Deus; amem-No de todo o coração; orem sempre, orem firmemente. A prece é o que sustenta os homens na Terra, ela é a esperança e a salvação.”

**Emma Livry**

**DR. VIGNAL**

---

**Antigo membro da Sociedade Espírita de Paris, falecido em 27 de**

**março de 1865.**

Na véspera do enterro, foi solicitado a um sonâmbulo muito lúcido e ótimo vidente que se transportasse para junto dele e dissesse o que enxergava. A resposta foi a seguinte:

“Vejo um cadáver no qual se realiza um trabalho extraordinário. Diria que é uma massa que se agita, como se alguma coisa fizesse esforços para se libertar dela, mas tem dificuldade em vencer a resistência. Não distingo uma forma de Espírito bem caracterizada.”

**O Dr. Vignal foi evocado na Sociedade Espírita de Paris a 31 de março.**

**Caro Sr. Vignal, todos os seus velhos colegas da Sociedade Espírita de Paris guardam as melhores lembranças a seu respeito, e eu, em particular, das boas relações que existiam entre nós, aliás, nunca interrompidas. Chamando-o, tivemos por objetivo, antes de tudo, dar-lhe um testemunho da nossa simpatia. Ficaremos muito felizes se o senhor quiser ou puder vir conversar conosco.**

– Caro amigo e digno mestre, sua boa lembrança e seus testemunhos de simpatia me sensibilizam bastante. Graças ao seu bom pensamento e à assistência de suas preces, pude vir hoje assistir, livre e desimpedido, a esta reunião de todos os nossos bons amigos e irmãos espíritas.

Como disse com correção o meu jovem secretário, eu estava impaciente para me comunicar; desde o começo desta noite, eu empreguei todas as minhas forças espirituais para dominar esse desejo. Os importantes assuntos tratados em suas conversações me interessaram vivamente, o que tornou a minha espera menos aflitiva. Peço o seu perdão, meu caro amigo, mas a minha gratidão exigia que eu me manifestasse.

**Diga-nos, em primeiro lugar, como o senhor está no mundo dos**

**Espíritos. Como foi a separação entre o seu Espírito e o seu corpo? Quais as sensações que o senhor sentiu nesse momento? Quanto tempo levou para recuperar a consciência de si mesmo?**

– Sinto-me tão feliz quanto é possível, ao ver plenamente confirmados todos os pensamentos secretos que tivemos sobre essa Doutrina consoladora e reparadora. Sou feliz, e muito mais agora, porque vejo desdobrar-se à minha frente, sem qualquer obstáculo, o futuro da Ciência e da Filosofia espírita.

Mas deixemos de lado essas divagações inoportunas. Voltarei a falar com os amigos sobre esse assunto, sabendo que a minha presença dá a vocês o mesmo prazer que eu sinto em visitá-los.

A minha separação foi rápida; mais rápida do que eu podia esperar pelo pouco merecimento que possuo. Fui muito ajudado por vocês e o médium sonâmbulo lhes deu uma ideia bastante nítida sobre o fenômeno da separação, para que eu insista nesse assunto. Era uma espécie de oscilação intermitente, uma espécie de arrastamento em dois sentidos opostos. O meu Espírito triunfou, uma vez que eu estou aqui. Só abandonei o corpo completamente quando ele baixou à Terra. Depois voltei com vocês.

**O que o senhor pensa sobre o que foi feito em seu funeral? Achei que era meu dever assisti-lo. Naquele momento, o senhor já estava suficientemente separado para ver o que acontecia? E as preces discretas que eu fiz em sua intenção, lhe foram úteis?**

– Sim, conforme eu já disse, a sua assistência foi de grande importância e eu consegui voltar com vocês, abandonando completamente a minha velha carcaça. O senhor sabe que eu me importo pouco com as coisas materiais. Eu só pensava na alma e em Deus.

**O senhor lembra que, há 5 anos atrás, em fevereiro de 1860, atendendo a um pedido seu, nós fizemos um estudo acerca da sua personalidade? Naquela ocasião, o seu Espírito desprendeuse do corpo**



**para vir conversar conosco. O senhor pode nos descrever, da melhor forma possível, a diferença entre aquele desprendimento e o atual?**

– Sim, certamente que eu me lembro desse fato. Mas que grande diferença entre o meu estado daquela época e o de hoje! No estado de encarnado, a matéria me oprimia de uma forma constante com a sua malha. Eu queria me desligar totalmente, mas não podia.

Hoje eu sou livre. Um vasto campo, o do desconhecido, abre-se à minha frente e, com a sua ajuda e a dos bons Espíritos, aos quais eu peço proteção, espero avançar e me inteirar o mais rapidamente possível dos sentimentos que devo possuir e dos atos que preciso realizar para suportar as provações e merecer a recompensa.

Que majestade! Que grandeza! É quase um sentimento de temor que predomina, porquanto, fracos como ainda somos, queremos reter na memória as paragens luminosas.

**Sempre que o senhor quiser, ficaremos felizes em continuar a conversa sobre esse assunto.**

– Respondi sucinta e sem seguir uma sequência às suas diversas perguntas. Não exija mais do seu fiel discípulo, pois não estou ainda inteiramente livre. Continuar a conversar seria a minha alegria, mas meu guia modera o meu entusiasmo e eu já pude apreciar bastante a bondade e a justiça desse guia, para me submeter inteiramente à sua decisão, por mais que eu lamente em ser interrompido.

O meu consolo é que poderei vir assistir algumas vezes, mesmo sem me manifestar, às suas reuniões.

Quando me for possível, falarei com o senhor. Eu o estimo e quero provar-lhe. Entretanto, outros Espíritos mais adiantados reclamam prioridade, e eu me curvo perante aqueles que me permitiram dar livre curso aos diversos pensamentos que eu tinha acumulado.

Deixo-os, meus amigos, e devo agradecer duplamente, não apenas aos

espíritas, que me evocaram, mas também ao Espírito que permitiu que eu tomasse o seu lugar e que, em vida, usava o ilustre nome de **Pascal**.

Daquele que foi e sempre será o mais devotado dos seus seguidores.

**Dr. Vignal**

## *Observação*

**Blaise Pascal:** Nasceu na cidade de Clermont-Ferrand, em 1623, e morreu em Paris, em 1662. Foi físico, matemático, filósofo moralista e teólogo. Uma de suas maiores contribuições à Física foi o **Teorema de Pascal:** “O acréscimo de pressão exercido num ponto, em um líquido em equilíbrio, se transmite integralmente a todos os pontos desse líquido e às paredes do recipiente que o contém”. Uma das principais aplicações práticas desse teorema são as prensas hidráulicas e os guindastes.

## **VICTOR LEBUFLE**

---

Humilde trabalhador do porto de Havre, falecido aos 20 anos. Morava com a mãe, modesta comerciante, a quem dedicava os mais ternos e afetuosos cuidados, sustentando-a com o produto do seu rude trabalho. Nunca foi visto frequentando cabarés, nem se entregando aos excessos tão comuns da sua profissão, porque não queria desviar a menor parcela do salário que recebia e que destinava a um fim tão piedoso.

Todo o período de lazer que ele dispunha era dedicado à mãe, a fim de poupá-la do cansaço. Há muito tempo ele possuía uma enfermidade e sabia que iria morrer dela, mesmo assim, ocultava da mãe os seus sofrimentos, para não deixá-la inquieta e com medo de que ela quisesse assumir o seu trabalho.

Eram necessárias a esse jovem inúmeras qualidades morais e uma força de vontade muito grande para resistir, em plena idade das paixões, às perniciosas tentações do meio em que vivia. Possuía uma piedade sincera e a sua morte foi um exemplo de virtude a ser seguido por muita gente.

Na véspera de morrer, exigiu que a sua mãe fosse repousar um pouco, alegando que também ele precisava dormir.

Já no leito, a mãe teve uma visão: Contou que se encontrava numa escuridão muito grande, quando viu um ponto luminoso que crescia pouco a pouco, até que o quarto ficou iluminado por uma claridade brilhante, da qual se destacava radiante a figura do filho, elevando-se no Espaço infinito.

Compreendeu, então, que o fim do seu filho estava próximo. De fato, no dia seguinte, a bela alma do jovem havia deixado a Terra, enquanto seus lábios murmuravam uma prece.

**Uma família espírita, que conhecia a admirável conduta do jovem, interessando-se pela sua mãe, que ficou sozinha, teve a ideia de evocá-lo pouco tempo depois da sua morte, mas ele se manifestou espontaneamente, dando a seguinte comunicação:**

“Desejam saber como estou agora: feliz, felicíssimo! Os sofrimentos e as angústias devem ser levados em conta, porque eles são a origem das bênçãos e da felicidade no mundo espiritual. A felicidade! Ah! Vocês não compreendem o que significa essa palavra. As felicidades da Terra estão muito distantes das que experimentamos quando retornamos para Jesus, com a consciência pura, com a confiança do servidor que executou bem o seu trabalho e que espera, cheio de alegria, a aprovação Daquele que é tudo!

‘Ah! Meus amigos, a vida é penosa e difícil, quando não se tem em vista o seu objetivo. Mas eu digo que, quando vocês vierem para junto de nós, se tiverem seguido a Lei de Deus, serão recompensados além, muito além dos sofrimentos e dos méritos que porventura julgarem ter adquirido para a outra vida. Sejam bons e caridosos, pratiquem essa caridade tão desconhecida entre os homens, e que se chama benevolência.

‘Ajudem os seus semelhantes, façam por eles mais do que vocês fariam por vocês mesmos, uma vez que ignoram a miséria alheia e conhecem apenas a que estão vivendo. Ajudem a minha pobre mãe, pois ela é a única coisa que eu lamento na Terra. Ela deve passar ainda por outras provas antes de chegar ao Céu. Adeus, vou vê-la.”

## INSTRUÇÕES DO GUIA DO MÉDIUM:

Nem sempre os sofrimentos amargos na Terra constituem uma punição. Os Espíritos que, pela vontade de Deus, reencarnam para cumprirem uma missão, como este que acabou de se comunicar, ficam felizes em suportar males que para outros seriam uma expiação. O sono os revigora perante o Altíssimo, dando-lhes a força para tudo suportarem, visando ao seu progresso.

A missão deste Espírito, em sua última existência, não era das mais importantes, entretanto, por mais obscura que tenha sido, nem por isso ela teve menos mérito, uma vez que ele não podia deixar que o orgulho o estimulasse. Aquele jovem tinha, antes de tudo, um dever de gratidão a cumprir diante daquela que foi a sua mãe. Depois, deveria demonstrar que mesmo nos piores ambientes é possível encontrar-se almas puras, de sentimentos nobres e elevados, capazes de resistir a todas as tentações.

Isso é uma prova de que as qualidades morais têm causas anteriores, e de que um exemplo assim nunca é inútil.

## A SENHORA ANAIS GOURDON

---

**Era uma mulher jovem, notável pela doçura do seu caráter e pelas mais elevadas qualidades morais. Faleceu em novembro de 1860. Pertencia a uma família de trabalhadores das minas de carvão nos arredores de Saint-Étienne, circunstância importante para que melhor se possa apreciar a sua evocação.**

## **EVOCAÇÃO:**

– Estou aqui.

**Seu marido e seu pai me pediram para evocá-la e ficarão muito felizes em obter uma comunicação sua.**

– Também estou feliz em poder me comunicar.

**Por que você foi retirada tão jovem do convívio com a família?**

– Porque eu terminei as minhas provas na Terra.

**A senhora vem vê-los algumas vezes?**

– Oh! Estou sempre ao lado deles.

**A senhora é feliz como Espírito?**

– Sim, sou feliz. Amo e espero. Os Céus não me dão medo e eu aguardo, confiante e com amor, que as asas brancas me conduzam até eles.

**O que a senhora quer dizer com asas brancas?**

– Espero me tornar um Espírito puro e resplandecer como os mensageiros celestes que me ofuscam.

*Nota de Allan Kardec: As asas dos anjos, arcanjos e serafins, que são Espíritos puros, são um atributo imaginado pelos homens para descrever a rapidez com a qual esses seres se deslocam, uma vez que a sua natureza etérea os dispensa de qualquer recurso para percorrer os espaços.*

*Entretanto, eles podem aparecer aos homens com esse acessório (asas) para lhes corresponder ao pensamento, assim como os Espíritos tomam a aparência que tinham na Terra, para que possam ser reconhecidos.*

### **Seus parentes podem fazer alguma coisa para agradá-la?**

– Podem; esses entes queridos podiam parar de me entristecer com os seus lamentos, pois eles sabem que eu não estou perdida para eles. Desejo que a minha lembrança lhes seja leve e suave. Passei pela vida como uma flor, e nada de triste deve permanecer dessa minha rápida passagem.

### **Como se explica que a sua linguagem seja tão poética e tão pouco relacionada com a posição que a senhora ocupava na Terra?**

– Porque é a minha alma quem fala. Sim, eu tinha conhecimentos adquiridos e, muitas vezes, *Deus permite que os Espíritos delicados encarnem entre os homens mais rudes para fazê-los pressentir as delicadezas que um dia atingirão e que mais tarde compreenderão.*

*Nota de Allan Kardec: Sem essa explicação tão lógica e tão de acordo com a solicitude de Deus para com as Suas criaturas, dificilmente nos daríamos conta de um fato que, à primeira vista, poderia parecer uma anomalia. Realmente, o que pode haver de mais gracioso e mais poético do que a linguagem dessa jovem senhora educada em meio aos trabalhos mais rudes?*

*Muitas vezes acontece o contrário; Espíritos inferiores encarnam entre os homens mais adiantados, mas com objetivo oposto. É visando ao próprio adiantamento desses Espíritos que Deus os coloca em contato com um “mundo mais esclarecido” e, algumas vezes, também para que eles sirvam de prova aos que estão encarnados nesse mundo melhor. Que outra filosofia, que não a Espírita, pode resolver tais problemas?*

## **MAURICE GONTRAN**

---

Maurice era filho único. Faleceu aos 18 anos, vitimado por uma infecção pulmonar. Possuía uma inteligência rara e precoce, grande amor ao estudo,

caráter doce, terno e simpático; enfim, possuía todas as qualidades que fazem prever um futuro brilhante. Com grande êxito, terminou muito cedo os primeiros estudos, matriculando-se em seguida na Escola Politécnica.

A sua morte causou aos pais uma dessas dores que deixam traços profundos e dolorosos. Sempre teve uma saúde delicada e os pais atribuíram o seu fim prematuro aos inúmeros estudos a que eles o tinham incentivado. Para que serve, diziam eles, tudo o que aprendeu? Melhor teria sido se ele tivesse ficado ignorante, pois não precisava do estudo para viver. Não fossem os estudos e ele estaria, sem dúvida, entre nós, para o consolo da nossa velhice.

Se tivessem conhecido o Espiritismo, certamente teriam raciocinado de outra forma. Mais tarde, foi na Doutrina Espírita que eles encontraram a verdadeira consolação.

**A seguinte comunicação foi dada pelo rapaz a um de seus amigos, alguns meses após a sua morte:**

**Meu caro Maurice, a terna afeição que você dedicava a seus pais me dá a convicção de que o amigo deseja confortar o ânimo deles, se isso estiver ao seu alcance. A amargura, para não dizer o desespero, em que a sua morte os mergulhou altera-lhes visivelmente a saúde e os leva a se desgostarem da vida. Algumas palavras de consolo poderão, sem dúvida, fazer com que eles retomem a esperança...**

– Meu velho amigo, esperava com impaciência a oportunidade que você me oferece para que eu possa me comunicar. A dor de meus pais me aflige, mas ela se acalmará quando eles tiverem a certeza de que eu não estou perdido para eles. Aproxime-se deles a fim de convencê-los desta verdade, o que certamente você conseguirá. Era preciso este acontecimento para levá-los a uma crença que lhes trará felicidade, impedindo-os de reclamar contra os desígnios da Providência.

Como você sabe, meu pai era muito descrente em relação à vida futura.

*Deus concedeu-lhe este desgosto para tirá-lo do erro.* Aqui nos reencontraremos, neste mundo para onde eu vim primeiro e onde não se conhecem os aborrecimentos da vida. Diga a eles, de forma categórica, que a satisfação de me ver novamente lhes será recusada como punição à falta de confiança na bondade de Deus. Até mesmo qualquer comunicação com meus pais, durante o tempo em que eles ficarem na Terra, não me será permitida.

O desespero é uma revolta contra a vontade do Todo-Poderoso, que é sempre punida com *o prolongamento da causa que provocou esse desespero*, até que estejamos submissos a ela. O desespero é um verdadeiro suicídio, porque mina as forças do corpo. Aquele que abrevia os seus dias, no intuito de escapar mais cedo aos tentáculos da dor, faz jus às mais cruéis decepções. Deve-se, ao contrário, procurar manter as forças do corpo para que ele possa suportar mais facilmente o peso das provações.

Meus queridos e bondosos pais, é aos senhores que eu me dirijo neste momento. Desde que abandonei o meu corpo físico, jamais deixei de estar ao lado de vocês. Faço isso muito mais vezes do que quando estava na Terra. Então, consolem-se, porque eu não estou morto, ou melhor, estou muito vivo. Apenas o meu corpo morreu; o Espírito nunca morre, ele vive sempre. É livre, feliz, isento de enfermidades e de dores.

Em vez de se afligirem, fiquem contentes por saberem que eu estou livre de cuidados e apreensões, num lugar onde o coração se satura de alegria puríssima, sem a sombra de um só desgosto.

Oh! Meus amigos, não lamentem aqueles que morrem prematuramente, porque isso é uma graça que Deus lhes concede, poupando-os das dificuldades da vida terrena. Desta vez, a minha existência na Terra não devia se prolongar por mais tempo, porque eu já tinha adquirido aí o necessário para cumprir, no Espaço, uma missão mais importante. Se eu tivesse vivido por mais tempo, a que perigos e seduções eu não estaria exposto?

Quem pode garantir que eu já estava suficientemente forte para resistir a todas as tentações da vida? E se eu tivesse sucumbido? Isso poderia atrasar a



minha evolução em vários séculos. Por que, então, lamentar o que me é vantajoso? Quem sente uma dor inconsolável, por um retorno prematuro, demonstra que não tem fé e que apenas acredita na ideia do nada.

Oh! Sim, aqueles que pensam desse modo é que são dignos de serem lastimados, porque para eles não pode haver consolação possível. Os entes queridos lhes parecem irremediavelmente perdidos, porque eles acreditam que o túmulo lhes leva a última esperança.

### **A sua morte foi dolorosa?**

– Não, meu amigo, apenas sofri, antes da morte, os efeitos da moléstia que me consumiu, mas *esse sofrimento diminuía à medida que o último momento se aproximava*. Depois, um dia, eu adormeci sem pensar na morte. Então, tive um sonho delicioso! Sonhei que estava curado, que não sofria mais, que respirava a plenos pulmões, e com prazer, um ar perfumado e puro. Uma força desconhecida me transportava através do Espaço.

Uma luz brilhante resplandecia ao meu redor, mas sem cansar-me a vista! Vi meu avô, não mais com as faces emagrecidas, mas com um aspecto juvenil e agradável. Ele me estendia os braços e me apertava com afeto contra o seu coração. Estava acompanhado por inúmeras pessoas de semblantes risonhos e todos me acolhiam com benevolência e doçura. Parecia reconhecê-los e, feliz por tornar a vê-los, trocávamos felicitações e testemunhos de amizade.

Pois bem! O que eu acreditava ser um sonho era a pura realidade, porque, depois desse sonho, eu não mais acordaria na Terra, e sim no mundo dos Espíritos.

### **A sua moléstia foi causada pelo excesso de estudos?**

– Oh! Não, fiquem bem certos disso. O tempo que eu deveria passar na Terra já estava estabelecido, e nada poderia aí me reter. O meu Espírito sabia disso nos momentos de desprendimento e eu me considerava feliz com a ideia da libertação, que se aproximava.

Entretanto, o tempo que eu passei na Terra não foi inútil, e hoje me felicito por não tê-lo perdido. Os estudos sérios que realizei fortaleceram a minha alma e aumentaram os meus conhecimentos. Se, em virtude da minha curta existência, eu não pude dar-lhes aplicação, nem por isso deixarei de fazê-lo mais tarde e com maior proveito.

Adeus, caro amigo, parto para junto de meus pais: vou prepará-los para receberem esta comunicação.

**Maurice**

# CAPÍTULO 3

## ESPÍRITOS EM CONDIÇÕES MEDIANAS

• JOSEPH BRÉ • HÉLÈNE MICHEL  
• MARQUÊS DE SAINT PAUL • DR. CARDON, MÉDICO  
• ERIC STANISLAS • ANNA BELLEVILLE

### JOSEPH BRÉ

---

Falecido em 1840, evocado em Bordeaux, por sua neta, em 1862.

#### O Homem Honesto Segundo Deus ou Segundo os Homens

**1 – Meu caro avô, o senhor pode nos dizer como está a sua situação entre os Espíritos? Pode nos dar algumas informações que sejam instrutivas para o nosso progresso?**

Tudo o que você quiser, minha querida neta. Sofro as consequências da minha falta de fé; entretanto, a bondade de Deus é grande, e Ele considera as circunstâncias em que as coisas acontecem. Sofro, mas não como você poderia imaginar: é o desgosto por não ter empregado melhor o meu tempo na Terra.

**2 – Como? O senhor não empregou bem o seu tempo? O senhor não viveu sempre honestamente?**

– Sim, no juízo dos homens; mas existe um abismo muito grande entre *o homem honesto perante os homens e o homem honesto perante Deus*. E uma vez que você deseja se instruir, procurarei mostrar-lhe a diferença.

Na Terra, é considerado honesto aquele que respeita as Leis do seu país;

mas esse respeito é bastante flexível para muitos. Honesto é aquele que não prejudica o próximo intencionalmente, embora lhe retire muitas vezes a felicidade e a honra, visto que o código penal e a opinião pública não atingem o culpado hipócrita.

Quando se consegue gravar na pedra do túmulo alguma inscrição contendo as virtudes do falecido, muitos julgam terem pago a sua dívida para com a Humanidade! É um Erro terrível! Para ser honesto perante Deus, não basta ter respeitado as Leis dos homens; é preciso, antes de tudo, não haver transgredido as Leis Divinas.

Honesto aos olhos de Deus é aquele que, cheio de devotamento e amor, consagra a sua existência ao bem, ao progresso dos seus semelhantes; aquele que, animado de um zelo sem limites, cumpre os deveres materiais que lhe são impostos, ensinando e exemplificando aos seus irmãos o amor ao trabalho.

É honesto aos olhos de Deus aquele que pratica boas ações, sem esquecer que é apenas um servidor ao qual o Senhor pedirá contas, um dia, sobre como empregou o seu tempo. É honesto, finalmente, aquele que dá o exemplo de amor ao próximo e a Deus.

Assim, o homem que é honesto perante Deus deve evitar as “palavras mordazes”, que são maldades escondidas entre as flores, porque essas palavras destroem reputações e aniquilam a moral de quem as recebe, tornando-o ridículo. Para ser honesto perante Deus, é preciso ter sempre o coração fechado à menor manifestação do orgulho, da inveja e da ambição; é preciso ser paciente e benévolo para com aqueles que o agridem; também é preciso perdoar do fundo do coração, sem esforços e, sobretudo, sem ostentação, a quem quer que o tenha ofendido; é preciso, finalmente, pôr em prática este ensinamento tão resumido e tão grandioso sobre os deveres do homem: Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.

Eis aí, minha neta querida, em termos aproximados, o que deve ser o homem honesto perante Deus. Pois bem, eu fiz tudo isso? Não. Confesso, sem me envergonhar, que faltei a muitos desses deveres; que não tive a atividade

que deveria; que o esquecimento de Deus me levou a outras faltas, as quais, por não serem alcançadas pelas Leis humanas, nem por isso deixam de ser agressões à Lei de Deus.

Quando eu compreendi todas essas coisas, sofri muito, e é por isso que hoje eu espero mais consolado a misericórdia desse Deus de bondade, que vê o meu arrependimento.

Vai, minha neta querida, transmite e repete tudo o que eu lhe disse a todos aqueles que têm a consciência pesada, para que reparem as suas faltas praticando boas obras, a fim de que a Misericórdia Divina se estenda sobre eles. Os olhos paternais do Criador levarão em conta as expiações que tiveram que passar, e a Sua mão poderosa lhes apagará as faltas.

## HÉLÈNE MICHEL

---

**Jovem de 25 anos, falecida subitamente em casa, sem sofrimentos, e sem causa previamente conhecida. Era rica, um tanto fútil e, devido à leviandade do seu caráter, ocupava-se mais com as futilidades da vida do que com as coisas sérias. Apesar disso, possuía um coração bondoso, era dócil, afetuosa e caridosa.**

**Evocada três dias depois da sua morte, por pessoas conhecidas, expressou-se assim:**

“Não sei onde estou... Que confusão me cerca!... Vocês me chamaram e eu vim. Não compreendo por que não estou em minha casa... As pessoas choram a minha ausência e eu estou lá, mas elas não me reconhecem... Meu corpo não me pertence mais e, no entanto, eu o sinto frio e endurecido... Quanto mais quero deixá-lo, mais a ele me sinto presa... Sou como duas pessoas... Oh! Quando compreenderei o que se passa comigo? Preciso ir à

minha casa novamente... O que poderá acontecer com o meu outro “eu” na minha ausência? Adeus.”

*Nota de Allan Kardec: Nesse caso, é evidente o sentimento de dualidade, porque a separação ainda não se completou totalmente. Detentora de um caráter instável e pouco sério, a sua posição e fortuna permitiram a satisfação de todos os caprichos, o que certamente favoreceu as suas tendências para a leviandade. Portanto, não surpreende que o seu desprendimento tenha sido lento, a ponto de, três dias após a sua morte, sentir-se ainda ligada ao corpo físico.*

*Mas, como ela não possuía nenhum vício sério e fosse uma boa pessoa, essa situação nada tinha de penosa e não se prolongou por muito tempo.*

**Evocada novamente alguns dias depois, suas ideias já estavam bastante modificadas. Eis o que ela disse:**

“Obrigada por terem orado por mim. Reconheço a bondade de Deus, que me poupou dos sofrimentos e da apreensão que eu sentia em consequência do desligamento entre o meu Espírito e o meu corpo. A minha pobre mãe terá muita dificuldade em aceitar, sem reclamações, a minha partida. Mas ela será confortada, e aquilo que aos seus olhos parece ser uma terrível desgraça, era indispensável que acontecesse, a fim de que as coisas do Céu se tornem “tudo” para ela. Estarei ao seu lado até o fim da sua provação terrena, ajudando-a a suportá-la.

‘Não sou infeliz, mas ainda tenho muito a fazer para alcançar a mansão dos bem-aventurados. Pedirei a Deus para que Ele me permita voltar à Terra, com o objetivo de reparar o tempo que perdi nesta última existência. Que a fé possa sustentá-los, meus amigos; confiem na eficácia da prece, principalmente quando ela parte do fundo do coração. Deus é bom.’”

**Você demorou muito tempo para perceber que desencarnou?**

– Compreendi que havia morrido no mesmo dia em que vocês oraram

por mim.

**O estado de perturbação foi doloroso?**

– Não, eu não sofria; acreditava estar sonhando e aguardava o despertar. A minha vida não foi isenta de dores, porque todo aquele que está encarnado, sofre. Aceitei sem reclamar a determinação de Deus, e isso me foi levado em conta. Sou grata pelas preces que vocês fizeram e que muito me ajudaram a compreender o que estava acontecendo. Obrigada! Voltarei sempre com prazer. Adeus.

**Hélène**

**MARQUÊS DE SAINT PAUL**

---

**Falecido em 1860 e evocado, a pedido de uma irmã sua, membro da Sociedade Espírita de Paris, no dia 16 de maio de 1861.**

**1 – EVOCAÇÃO:**

– Eis-me aqui.

**2 – A sua irmã pediu para que nós o evocássemos, pois, embora ela seja médium, ainda não se acha bastante segura para receber uma mensagem sua.**

– Tentarei responder da melhor forma possível.

**3 – Primeiramente, ela deseja saber se o senhor é feliz.**

– Estou na erraticidade, estado transitório entre uma encarnação e outra, que não proporciona nem felicidade, nem castigos absolutos.

**4 – O senhor demorou muito tempo para perceber que havia desencarnado?**

– Estive muito tempo perturbado e só consegui sair para agradecer a piedade daqueles que não me esqueceram e oraram por mim.

**4a – O senhor tem ideia de quanto tempo durou essa perturbação?**

– Não.

**5 – Quais foram os parentes que o senhor reconheceu primeiro?**

– Minha mãe e meu pai. Foram eles que me receberam ao despertar e me introduziram na nova vida em que me encontro.

**6 – Como explicar as conversas que, nos últimos dias da moléstia, o senhor mantinha com os entes queridos que já tinham desencarnado?**

– Ao conhecimento antecipado que eu tive do mundo em que iria viver. Eu era vidente, antes de morrer, e os meus olhos só se turvaram no momento da separação definitiva entre o meu Espírito e o meu corpo, porque os vínculos carnis ainda eram muito vigorosos.

**7 – Como o senhor explica o fato de recordar preferencialmente os acontecimentos da infância?**

– Ao fato de o começo estar mais relacionado com o fim, do que com o meio da vida.

**7a – Como se explica isso?**

– Os que estão no fim da vida lembram e veem, como reflexo consolador, a pureza infantil dos primeiros anos.

*Nota de Allan Kardec: Provavelmente seja por um motivo providencial semelhante que os idosos, à medida que se aproximam do fim da vida, têm, por*



*vezes, lembranças nítidas dos episódios mais insignificantes da sua infância.*

## **8 – Por que o senhor usa sempre a terceira pessoa quando se refere ao seu corpo?**

– Porque eu era vidente, conforme já disse, e sentia claramente as diferenças que existem entre o corpo físico e o corpo espiritual. Essas diferenças estão muito ligadas entre si pelo fluido vital, e tornam-se muito distintas aos olhos dos videntes, quando eles estão no fim da vida.

*Nota de Allan Kardec: Eis aí uma particularidade singular que a morte deste senhor apresentou. Nos seus últimos momentos, ele dizia sempre: “Ele tem sede, é preciso dar-lhe de beber; ele tem frio, é preciso aquecê-lo; ele tem dores em tal lugar etc.”. E quando alguém lhe dizia: “Mas não é o senhor que tem sede?”, ele respondia: “Não, é ele” (ou seja, o corpo físico).*

*Aqui se distinguem perfeitamente as duas existências; o EU que pensa está no Espírito, e não no corpo físico; o Espírito, já em parte separado, considerava o corpo físico como sendo uma outra individualidade, que a bem dizer não lhe pertencia. Portanto, era ao seu corpo físico e não a ele, como Espírito, que se devia dar de beber. Este fenômeno também se nota em alguns sonâmbulos (médiuns de desdobramento).*

## **9 – O que o senhor disse sobre a erraticidade do seu Espírito e o tempo da sua perturbação leva-nos a duvidar da sua felicidade, ao contrário do que se poderia esperar se levarmos em conta as suas qualidades. Além disso, existem Espíritos errantes felizes e infelizes.**

– Estou num estado transitório; aqui as virtudes humanas passam a ter o seu devido valor. Sem dúvida, este estado é mil vezes preferível ao da minha encarnação terrena. Entretanto, eu sempre alimentei aspirações relativas ao verdadeiro bem e ao verdadeiro belo, e minha alma não ficará satisfeita enquanto não se elevar até os pés do Criador.

## DR. CARDON, MÉDICO

---

O Dr. Cardon havia passado boa parte da sua vida na marinha mercante, como médico de navio baleeiro, adquirindo em tal ambiente ideias um pouco materialistas. Retirado para o vilarejo de J..., ali exercia a modesta profissão de médico rural. Já fazia algum tempo que ele tinha a certeza de que sofria de uma hipertrofia do coração. Sabendo que essa doença era incurável, a perspectiva da morte fez com que ele mergulhasse numa melancolia inconsolável, da qual nada conseguia retirá-lo.

Com cerca de dois meses de antecedência, previu o seu fim para um dia determinado e, quando chegou o momento, reuniu a família para lhe dar o último adeus. A sua esposa, a sua mãe, os seus três filhos e outros parentes estavam à beira do leito. No momento em que a esposa tentava erguer o seu moral, ele se prostrou, ficando extremamente pálido; seus olhos se fecharam e ele foi dado por morto. A esposa colocou-se à frente para que os filhos não vissem a cena.

Após alguns minutos, ele abriu os olhos; sua fisionomia, por assim dizer, iluminada, adquiriu uma expressão de radiante bem-estar e ele exclamou:

Oh! Meus filhos, como é belo! Como é sublime! Oh! A morte! Que benefício, que coisa suave! Eu estava morto e senti minha alma elevar-se bem alto; mas Deus me permitiu voltar para dizer a vocês: “Não lamentem a minha morte, pois ela é a minha libertação...”. Não posso descrever o esplendor do que vi e as sensações que experimentei! Mesmo porque vocês não poderiam compreendê-las... Oh! Meus filhos, conduzam-se sempre de maneira a merecer esta indescritível felicidade reservada aos homens de bem; vivam para fazer a caridade; se tiverem alguma coisa, deem sempre uma parte aos necessitados.

Querida esposa, deixo-a numa posição nada feliz; temos dívidas a receber, mas eu lhe suplico para que você não atormente aqueles que nos devem; se eles estão em dificuldades, espera até que possam nos pagar e, aos que não puderem pagar, perdoa-lhes. Deus vai recompensá-la por isso. E você, meu filho,

trabalha para sustentar a sua mãe; seja sempre um homem honesto e não faça nada que possa desonrar a nossa família. Tome esta cruz, herança de minha mãe; não a deixe nunca, e que ela possa lembrar-lhe sempre dos meus últimos conselhos... Meus filhos, ajudem-se e apoiem-se mutuamente, para que a boa harmonia possa reinar entre vocês; não sejam vaidosos, nem orgulhosos; perdoem os seus inimigos se quiserem que Deus os perdoe...

Depois, pedindo aos filhos para que se aproximassem, estendeu-lhes as mãos e acrescentou: “Meus filhos, eu os abençoo”. E, desta vez, seus olhos se fecharam para sempre, enquanto o rosto conservava uma expressão tão imponente que, até o momento em que foi sepultado, uma multidão veio contemplá-lo com admiração.

*Nota de Allan Kardec: Esses detalhes interessantes nos foram transmitidos por um amigo da família, levando-nos a pensar que uma evocação poderia ser instrutiva para todos e, ao mesmo tempo, para o Espírito que há pouco havia desencarnado.*

### **1 – EVOCAÇÃO:**

Estou perto de vocês.

**2 – Fomos informados dos seus últimos momentos e ficamos muito admirados. Poderia nos descrever, ainda mais minuciosamente, o que o senhor viu no intervalo do que se poderia chamar de as suas duas mortes?**

– Vocês poderiam compreender o que eu vi? Não sei, pois não encontraria expressões capazes de tornar compreensível o que eu vi durante os poucos instantes em que me foi possível abandonar o meu corpo físico.

**3 – O senhor sabe onde estava? É longe da Terra, em outro planeta, ou no Espaço?**

O Espírito não reconhece as distâncias do mesmo modo que vocês. Ao ser

levado por um agente maravilhoso, que eu não sei quem era, vi o esplendor de um Céu, desses que só em sonho podemos imaginar. Esse percurso através do infinito foi tão rápido que não posso precisar quanto tempo foi gasto pelo meu Espírito para percorrê-lo.

#### **4 – Atualmente o senhor desfruta da felicidade que anteviu?**

– Não; bem que eu gostaria, mas Deus não pôde me recompensar assim. Muitas vezes revoltei-me contra os abençoados pensamentos que vinham do coração, e a morte me parecia uma injustiça.

Eu era um médico incrédulo e extraí da arte de curar uma aversão profunda contra a *segunda natureza*, que é o nosso impulso inteligente, divino. Para mim, a imortalidade da alma não passava de uma ficção destinada a seduzir as criaturas pouco elevadas. Entretanto, o “nada” me apavorava, pois maldizia muitas vezes esse agente misterioso (a morte) que fere constantemente.

A Filosofia me desviou, sem me deixar compreender toda a grandeza do Eterno, que sabe repartir a dor e a alegria para o ensinamento da Humanidade.

#### **5 – Após a sua morte verdadeira, o senhor logo teve consciência do seu estado de desencarnado?**

– Não; eu só tive consciência durante a passagem a que o meu Espírito se submeteu, para percorrer os lugares etéreos. Entretanto, isso não ocorreu imediatamente, foram necessários alguns dias para que eu pudesse despertar.

Deus me concedeu uma graça e eu vou explicar o motivo: A minha incredulidade inicial já não existia mais; tornei-me crente antes da morte, depois de pesquisar cientificamente a gravidade da doença que me enfraquecia, e só encontrei para ela uma explicação na “razão divina”. Foi ela que me inspirou, consolou e me deu a coragem para ser mais forte que a dor. Assim, eu bendizia o que havia amaldiçoado e encarava a morte como uma libertação.

O pensamento de Deus é grande como o mundo! Oh! Que supremo

consolo na prece, que nos entenece e comove. A prece é o elemento mais seguro da nossa natureza imaterial. Por meio dela compreendi, acreditei firmemente, e foi por isso que Deus, levando em conta os meus atos, houve por bem me recompensar antes que acabasse a minha encarnação.

**6 – Poderíamos dizer que da primeira vez o senhor estava morto?**

– Sim e não. Quando o Espírito deixa o corpo, a carne naturalmente se extingue. Mas o Espírito, ao retomar a posse da minha morada terrena, fez com que o meu corpo voltasse à vida, ele que tinha passado por uma transição, por um sono.

**7 – No momento do desprendimento o senhor sentia os vínculos que o prendiam ao corpo?**

– Sem dúvida. O Espírito tem um vínculo muito forte com o corpo, e é difícil de desfazer. Ele precisa do último estremecimento da carne para retornar à sua vida natural.

**8 – Como se explica que, durante a sua morte aparente, por alguns minutos, o seu Espírito pôde se desprender instantaneamente e sem dificuldade, ao passo que a morte real foi seguida por uma perturbação de alguns dias? Parece-nos que no primeiro caso, pelo fato de os vínculos entre a alma e o corpo serem mais fortes, o desprendimento deveria ser mais lento, e ocorreu justamente o contrário.**

– Muitas vezes vocês têm feito a evocação de Espíritos encarnados, e recebem respostas concretas. Eu estava na condição desses Espíritos. Deus me chamava e os Seus servidores me diziam: Vem... Obedeci e agradei a Deus pela graça especial que Ele me concedeu. Pude ver e me dar conta da Sua infinita grandeza. Agradeço a vocês, servidores do Senhor, que me permitiram, antes da morte real, conversar com os membros da minha família, para que tenham boas e justas encarnações.

**9 – De onde provinham as belas palavras que, por ocasião do seu retorno à vida, o senhor dirigiu à sua família?**

– Elas eram o reflexo do que eu tinha visto e ouvido. Os bons Espíritos inspiravam a minha voz e davam vida ao meu rosto.

**10 – Que impressão o senhor acredita que a sua revelação causou naqueles que o cercavam e, de modo especial, nos seus filhos?**

– Uma impressão surpreendente, profunda; a morte não é uma mentira e os filhos, por mais ingratos que possam ser, se curvam ante a partida dos que se vão. Se fosse possível sondar o coração dos filhos, junto a um túmulo entreaberto, só encontraríamos batidas de sentimentos verdadeiros, sinceros, tocados pela mão secreta dos Espíritos, que a todos ditam os seguintes pensamentos: Tremam, se vocês estão em dúvida; a morte é a reparação, é a Justiça de Deus; e eu posso assegurar, apesar dos incrédulos, que os meus amigos e a minha família acreditaram nas palavras que eu pronunciei antes de morrer. Eu era o intérprete de um outro mundo.

**11 – O senhor disse que não desfruta da felicidade que anteviu. Podemos concluir que o senhor é infeliz?**

– Não, uma vez que passei a acreditar em Deus antes de morrer, acreditava de coração e consciência. A dor causa abatimento nesse mundo, mas fortalece sob o ponto de vista do futuro espiritual. Notem que Deus soube levar em conta as minhas preces e a minha crença absoluta Nele. Estou no caminho da perfeição e chegarei ao objetivo que me foi permitido entrever.

Orem, meus amigos, por este mundo invisível que dirige os seus destinos. Este intercâmbio fraternal entre os dois mundos é um intercâmbio de caridade; ele é uma alavanca poderosa, que põe em comunhão os Espíritos de todos os mundos.

**12 – O senhor gostaria de dizer algumas palavras à sua mulher e aos**

## **seus filhos?**

– Peço, a todos os meus, que acreditem no Deus poderoso, justo e imutável; na prece que consola e alivia; na caridade, que é o ato mais puro da encarnação humana. Lembrem-se de que do pouco também se pode dar, pois a esmola dada ao pobre é a mais meritória aos olhos de Deus, e Ele sabe que um pobre dá muito, mesmo dando pouco.

O rico precisa dar muito, e repetidamente, para merecer tanto quanto um pobre que doa.

O futuro é a caridade, a benevolência em todas as ações; é acreditar que todos os Espíritos são irmãos, jamais se preocupando com as inúteis vaidades da Terra.

Familiares queridos, vocês terão duras provas, mas saibam encará-las corajosamente, porque Deus os observa.

Digam sempre esta prece: Deus de amor e de bondade, que tudo nos dá, hoje e sempre, conceda-nos a força para não recuarmos diante de nenhum sofrimento; faz com que nos tornemos bons, mansos e caridosos; pequenos pela fortuna material e grandes pelo coração. Que o nosso Espírito seja espírita na Terra, para melhor amá-Lo e compreendê-Lo.

Que o Seu nome, meu Deus, símbolo de liberdade, seja o objetivo consolador de todos os oprimidos, de todos os que têm necessidade de amar, de perdoar e de crer.

## **ERIC STANISLAS**

---

**Comunicação espontânea – Sociedade Espírita de Paris, agosto de 1863.**

“Como nos enchem de felicidade as emoções vivamente sentidas pelos corações valorosos! Oh! Suaves pensamentos que vêm abrir o caminho da salvação para todos os seres vivos, para tudo o que respira material e

espiritualmente! Que o bálsamo consolador de Deus não deixe de se derramar em profusão sobre todos nós. Que palavras escolher para traduzir a felicidade dos irmãos desencarnados, ao contemplarem o amor que une a todos?

‘Ah! Irmãos, quanto bem por toda parte, quantos sentimentos suaves, elevados e simples como vocês, simples como a Doutrina que praticam. Os Espíritos foram chamados a semear ao longo do caminho que ainda precisam percorrer! Mas tudo isso será revertido em favor de vocês, antes mesmo que tenham adquirido direitos!

‘Assisti a tudo o que se passou aqui esta noite; ouvi, compreendi e vou procurar, por minha vez, cumprir o meu dever e instruir a classe dos Espíritos imperfeitos.

‘Ouçam: Eu estava longe de ser feliz, porque estava mergulhado na imensidão, no infinito, os meus sofrimentos eram tão intensos que eu não conseguia compreendê-los.

‘Entretanto, bendito seja Deus, que permitiu vir a uma reunião, onde os maus não podem entrar *impunemente*. Amigos, quanto lhes agradeço, quantas forças recobrei entre vocês!

‘Homens de bem, reúnam-se constantemente, ensinem, porque os senhores não podem duvidar dos frutos das reuniões sérias das quais vocês são os principais responsáveis. Os Espíritos que têm muito ainda a aprender, aqueles que permanecem inativos por vontade própria, os preguiçosos e esquecidos de seus deveres, podem estar entre os participantes dessa reunião por diversas razões.

‘Esses Espíritos, fortalecidos pelos exemplos que aqui colhem, podem ser fortemente tocados, e é o que quase sempre acontece. Nesse momento, eles se voltam para si mesmos, enxergam a meta a ser alcançada e procuram os meios de sair do estado penoso em que se encontram.

‘É com grande satisfação que eu me torno o intérprete das almas sofredoras, porque eu me dirijo a homens de coração e sei que não sou rejeitado.



‘Aceitem mais uma vez, homens generosos, o testemunho do meu reconhecimento particular e também do reconhecimento de todos aqueles a quem vocês ajudam e nem sequer imaginam.’

**Eric Stanislas**

## **INSTRUÇÕES DO GUIA DO MÉDIUM:**

Meus filhos, este é um Espírito que sofreu por muito tempo, afastado do bom caminho. Agora compreendeu os seus erros, arrependeu-se e, finalmente, voltou os seus olhos para o Deus que ele havia negado. A sua posição não é a de um Espírito feliz, mas ele deseja a felicidade e não sofre mais.

Deus permitiu que ele viesse escutá-los, para que desça depois a uma esfera inferior, a fim de instruir e estimular o progresso de Espíritos que, como ele, transgrediram as Leis do Eterno. Esta é a missão que lhe foi solicitada para que ele possa reparar os seus erros. De agora em diante ele conquistará a felicidade porque tem força de vontade.

## **ANNA BELLEVILLE**

---

Faleceu ainda jovem, aos 35 anos, após uma longa e cruel enfermidade. Era uma pessoa de grande vivacidade, espirituosa, muito inteligente, justa e portadora de notáveis qualidades morais. Como esposa e mãe de família era muito devotada, além de possuir um caráter íntegro. Por ser um Espírito cheio de recursos, jamais se deixava pegar desprevenida, mesmo nas circunstâncias mais críticas da vida.

Sem guardar ressentimento daquelas pessoas das quais poderia se queixar, estava sempre pronta a ajudá-las, quando necessário. Tínhamos com a senhora Anna uma ligação muito estreita, de longos anos, por isso pudemos

acompanhar todas as fases da sua existência, bem como todos os momentos inesperados do seu fim.

Um acidente provocou a terrível enfermidade que a levou ao desencarne. Ficou presa a uma cama por três anos, refém dos mais cruéis sofrimentos, que ela suportou até o último momento com uma coragem heroica e sem abandonar a alegria natural que sempre teve. Ela acreditava firmemente na existência da alma e na vida futura, mas pouco se preocupava com isso. Todos os seus pensamentos eram voltados para a vida presente, que ela prezava muito. Não tinha medo da morte e era indiferente aos prazeres materiais.

A sua vida era simples e ela abria mão, sem qualquer sacrifício, daquilo que não podia obter. Entretanto, tinha um sentimento instintivo do bem e do belo, que ela apreciava até nas menores coisas. Queria viver menos para si e mais para os filhos, porque tinha consciência da falta que faria a eles, e era isso que a prendia à vida.

Conhecia o Espiritismo sem tê-lo estudado a fundo. Interessava-se por ele, sem, contudo, fixar a sua atenção no futuro. Considerava o Espiritismo uma ideia verdadeira, mas ele não lhe deixava no Espírito uma impressão mais profunda. O bem que fazia resultava de um impulso natural, espontâneo, e não era inspirado pela ideia de recompensas ou de penas futuras.

Já fazia algum tempo que o seu estado era desesperador, e o desencarne poderia acontecer a qualquer momento, circunstância da qual ela própria tinha consciência. Certo dia, em que o seu marido estava ausente, ela sentiu-se desfalecer e compreendeu que a sua hora havia chegado. A vista ficou turva, a perturbação tomou conta da sua mente, e ela passou a experimentar todas as angústias da separação entre o Espírito e o corpo.

Entretanto, ela não queria morrer antes da volta do marido. Fez um supremo esforço e disse a si mesma: “Não, eu não quero morrer!”. Então, sentiu a vida renascer e recobrou o uso pleno de suas faculdades. Quando o marido voltou, ela lhe disse: “Eu ia morrer, mas quis aguardar a sua chegada, para que estivesse ao meu lado, pois tenho algumas recomendações a lhe fazer”.

Assim, ela conseguiu prolongar a luta entre a vida e a morte por mais três meses, período este que foi de dolorosa agonia.

### **EVOCAÇÃO NO DIA SEGUINTE AO DA SUA MORTE:**

Meus bons amigos, obrigada por se preocuparem comigo. Vocês sempre foram para mim como bons parentes. Fiquem tranquilos, estou feliz. Confortem meu pobre marido e olhem por meus filhos. Fui para junto deles assim que desencarnei.

**Parece que a sua perturbação não foi longa, uma vez que nos responde com lucidez.**

– Ah! Meus amigos, eu sofri tanto, e vocês sabem que eu sofri com resignação. Pois bem! A minha prova terminou. Ainda não posso dizer que estou completamente separada, mas não sofro mais, o que para mim já é um grande alívio! Desta vez estou completamente curada, mas ainda preciso do auxílio das preces de vocês, para que eu possa vir mais tarde trabalhar com os senhores.

**Qual foi a causa do seu longo sofrimento?**

– Um passado terrível, meu amigo.

**A senhora poderia nos revelar esse passado?**

– Oh! Deixe-me esquecê-lo por enquanto, paguei muito caro por ele!

### **EVOCAÇÃO UM MÊS DEPOIS DA MORTE:**

**Agora que a senhora deve estar completamente separada do corpo**

**físico e mais consciente da sua real situação, ficaríamos muito felizes se pudéssemos ter uma conversa mais clara. Poderia nos dizer qual foi a causa da sua longa agonia? A senhora esteve três meses entre a vida e a morte...**

– Obrigada, meus bons amigos, pela lembrança e pelas preces! Como me foram salutares e como contribuíram para a minha libertação! Tenho ainda necessidade de ser confortada. Continuem a orar por mim, pois vocês compreendem o valor da prece. Suas preces não utilizam fórmulas banais, como a da maioria, que não se dá conta do efeito que uma boa prece produz.

Sofri muito, mas meus sofrimentos foram levados em conta, o que permite que eu esteja sempre com meus queridos filhos, que eu deixei com tanto pesar!

Eu mesma prolonguei os meus sofrimentos. O desejo ardente de viver, por amor aos filhos, fazia com que eu me agarrasse de qualquer maneira à matéria e, ao contrário dos outros, eu não queria abandonar o pobre corpo, com o qual era necessário romper e que era para mim o instrumento de tantas torturas. Esta foi a verdadeira causa da minha longa agonia. Quanto à moléstia e aos sofrimentos que suportei, eram expiações do passado, uma dívida a mais que eu consegui pagar.

Ah! Meus amigos, se eu os tivesse ouvido, quanta mudança na minha vida atual! Que alívio experimentaria nos últimos momentos e como a minha separação teria sido mais fácil se, em vez de contrariar, eu tivesse me abandonado e confiado na vontade de Deus, na corrente que me arrastava! Mas, em lugar de contemplar o futuro que me aguardava, eu apenas via o presente que ia deixar!

Quando eu voltar à Terra, garanto que serei espírita. Que Ciência sublime! Assisto constantemente às suas reuniões e presto atenção nos conselhos que vocês recebem. Se os tivesse compreendido quando estava na Terra, meus sofrimentos teriam sido atenuados. Mas o momento ainda não havia chegado.

Hoje compreendo a Justiça e a bondade de Deus, mesmo assim não me

encontro suficientemente adiantada para não me ocupar mais com as coisas da Terra. Meus filhos ainda me atraem muito, não mais para mimá-los, mas para vigiá-los e trabalhar para que eles sigam o caminho que o Espiritismo traça neste momento. Sim, meus bons amigos, eu ainda tenho graves preocupações, e uma delas é o futuro dos meus filhos.

**A senhora poderia nos dar algumas explicações sobre o passado que tanto lamenta?**

– Ah! Meus bons amigos, estou pronta para fazer a minha confissão. Eu desprezei o sofrimento alheio, pois assistia indiferente ao sofrimento da minha mãe, tratando-a como se ela fosse uma doente imaginária. Por não vê-la acamada, supunha que ela não sofresse e zombava da sua dor. Eis como Deus castiga.

### **EVOCAÇÃO SEIS MESES DEPOIS DA SUA MORTE:**

**Agora que um tempo bastante longo se passou desde que a senhora deixou o seu corpo carnal, poderia nos descrever a sua posição e as suas ocupações nos mundos dos Espíritos?**

– Durante a minha vida na Terra, eu era o que geralmente se chama de uma pessoa boa. Porém, antes de tudo, eu prezava pelo meu bem-estar. De natureza conformada, eu não era capaz de um sacrifício penoso para aliviar a dor de um desafortunado. Hoje, tudo mudou, embora sendo sempre a mesma, o meu “eu” de antes se modificou.

Ganhei com a modificação e vejo que não existem, no mundo espiritual, nem categorias nem posições ocupadas que não estejam vinculadas ao mérito pessoal; aqui, o pobre caridoso e bom está acima do rico orgulhoso, que os humilhava com a sua esmola. Cuido principalmente dos que se afligem com os problemas familiares, com a perda de parentes ou de fortunas. A minha missão

é reanimá-los e consolá-los, pelo que me sinto feliz.

**Anna**

**Uma importante questão ressalta dos fatos acima:**

**Uma pessoa pode, pelo esforço da sua vontade, retardar o momento da separação entre a alma e o corpo?**

**RESPOSTA DO ESPÍRITO SÃO LUÍS:**

Se essa questão fosse resolvida afirmativamente, sem restrições, ela poderia dar lugar a falsas consequências. Certamente, um Espírito encarnado pode, em determinadas circunstâncias, prolongar a sua existência corporal com a finalidade de terminar atribuições indispensáveis, ou que ele julga serem indispensáveis. Isto é uma concessão que pode ser permitida ao Espírito, como no caso que examinamos aqui, além de muitos outros exemplos.

De qualquer modo, esta prorrogação da vida não deixa de ser breve, porque não é permitido ao homem inverter a ordem das Leis Naturais, nem provocar um retorno real à vida, desde que ela tenha atingido o seu fim. É apenas uma prorrogação momentânea.

Entretanto, apesar de este fato ser possível, não se pode concluir que ele seja um fato generalizado, nem acreditar que dependa de cada um prolongar por este modo a sua existência. Como prova para o Espírito ou no interesse de uma missão que deve ser concluída, os órgãos enfraquecidos podem receber um suplemento de fluido vital e com isso estender por algum período a manifestação material do pensamento.

Casos semelhantes constituem exceção, e não regra. Não se deve ver nesse fato uma revogação de Deus quanto à imutabilidade de Suas Leis, mas apenas uma consequência do livre-arbítrio da alma humana que, no último instante, tem consciência da sua missão e quer, apesar da morte, concluir o que não

pôde até então. Às vezes, esta prorrogação do desencarne configura-se mais como uma punição imposta ao Espírito, que duvida do futuro, do que uma concessão para prolongar a vitalidade, que necessariamente o faz sofrer.

**São Luís**

*Nota de Allan Kardec: Poderíamos ainda nos surpreender com a relativa rapidez com que este Espírito separou-se do corpo, tendo em vista o seu apego à vida corporal. Mas é preciso considerar que esse apego nada tinha de sensual ou de material. Tinha até mesmo o seu lado moral, uma vez que era motivado pela necessidade de cuidar dos filhos ainda pequenos.*

*Além disso, era um Espírito adiantado em inteligência e moralidade; um grau a mais e ele poderia estar na categoria dos Espíritos felizes. Portanto, os vínculos que prendiam o seu perispírito ao corpo físico não tinham a tenacidade resultante daqueles que se identificam com a matéria.*

*Pode-se dizer que a vida, debilitada pela longa enfermidade, apenas se prendia por alguns poucos vínculos, e eram esses vínculos que o Espírito queria impedir que se rompessem. Contudo, a sua resistência foi punida com o prolongamento dos sofrimentos, que eram consequência da própria doença, e não pela dificuldade de se desprender. Foi por isso que, quando os vínculos se romperam, a perturbação foi breve.*

*Um fato igualmente importante decorre desta evocação, bem como da maior parte das evocações que foram feitas em épocas diferentes, mais ou menos distantes do dia em que o Espírito desencarnou: é a transformação gradual das ideias do Espírito, cujo progresso se traduz não por melhores sentimentos, mas por uma apreciação mais justa das coisas.*

*O progresso da alma na vida espiritual é, portanto, um fato demonstrado pela experiência. A vida em corpo físico é a demonstração prática desse progresso e das resoluções que a alma tomou antes de reencarnar. Poderíamos dizer que a Terra é o lugar onde o Espírito se depura.*

*A partir do momento em que a alma progride após a morte, seu destino já*

*não pode mais ser irrevogavelmente fixado, porque a fixação definitiva do destino é, conforme já dissemos em outra parte deste livro, a negação do progresso. As duas coisas não podem existir simultaneamente e, assim, resta aquela que tem a seu favor a aprovação dos fatos e da razão, ou melhor, a alma progride sempre, seja na Terra, seja no mundo espiritual.*



## CAPÍTULO 4

# ESPÍRITOS SOFREDORES

- O CASTIGO • NOVEL
- AUGUSTE MICHEL
- LAMENTOS DE UM BOÊMIO
- LISBETH • PRÍNCIPE OURAN
- PASCAL LAVIC • FERDINAND BERTIN
- FRANÇOIS RIQUIER • CLAIRE

### O CASTIGO

---

**Exposição geral sobre o estado em que os culpados chegam ao mundo dos Espíritos, ditada à Sociedade Espírita de Paris, em outubro de 1860.**

Logo depois do desencarne, os Espíritos obstinados, egoístas e maus são atormentados por uma dúvida cruel acerca do seu destino, tanto no presente quanto no futuro. Olham em torno de si e nada veem que possa ser aproveitado no exercício da sua maldade, e isso lhes causa desespero, uma vez que o isolamento e a inércia são intoleráveis aos maus Espíritos.

Não elevam o olhar aos lugares habitados pelos Espíritos puros. Analisam o ambiente que os cerca e, compreendendo o abatimento dos Espíritos fracos e punidos, agarram-se a eles como a uma presa, utilizando-se da lembrança que esses Espíritos carregam de suas faltas passadas, e que eles potencializam com muito escárnio e zombaria.

Não lhes bastando essa atuação sobre os Espíritos desencarnados, atiram-se à Terra como abutres famintos, procurando entre os homens uma alma que lhes dê fácil acesso às tentações. Encontrando-a, dela se apoderam, exaltam-lhe a cobiça e procuram extinguir a sua fé em Deus. Quando finalmente estão com

essa alma sob controle, não permitem que ninguém se aproxime, podendo mesmo levar à morte aquele que tentar essa aproximação.

O Espírito mau, quando está exercendo a sua raiva, é quase feliz, sofrendo apenas nos momentos em que não está atuando, ou nos casos em que o bem triunfa sobre o mal.

Entretanto, os séculos vão passando e, de repente, o mau Espírito pressente que as trevas acabarão por envolvê-lo. Seu círculo de ação se restringe e a sua consciência, que até então estava calada, começa a fazer com que ele sinta os primeiros sinais do remorso.

Imóvel, arrastado pelo redemoinho, ele vagueia, como dizem as Escrituras, sentindo a pele arrepiar-se de pavor. Em seguida, sente um grande vazio dentro e em torno de si. Chega o momento em que o mau Espírito deve expiar as suas faltas; a reencarnação se apresenta para ele como uma ameaça, porque ele vê, como num espelho, as provas terríveis que o aguardam.

Gostaria de recuar, mas é preciso avançar. Assim, arremessado no abismo da vida, ele rola apavorado, até que o véu da ignorância ou do esquecimento recai sobre os seus olhos.

Ao retornar à vida, ele tem a sensação de que é culpado. Sente-se inquieto por uma lembrança que ele ainda não consegue definir bem. Alguns pressentimentos o fazem tremer, mas não o fazem recuar no caminho do mal. Ao final da existência, com as forças extenuadas e cansado de cometer crimes, ele sabe que vai morrer.

Doente, estendido numa cama tosca (ou num leito, que importa!), o homem culpado sente, apesar da sua aparente imobilidade, revolver-se e viver dentro de si mesmo um mundo de sensações esquecidas. Sob as pálpebras fechadas, ele entrevê uma luz, ouve sons estranhos; a alma, prestes a deixar o corpo, se agita impaciente, enquanto as mãos contraídas tentam se agarrar aos lençóis; gostaria de falar, de gritar aos que o cercam: Retenham-me! Eu vejo o castigo! – Impossível! A morte está estampada em seus lábios esmaecidos, enquanto os assistentes dizem: Descansa em paz!

E, no entanto, ele ouve tudo; flutua em torno do corpo que não queria abandonar. Uma força misteriosa o atrai; vê e reconhece finalmente o que já tinha visto. Desnortado, ele se lança no Espaço onde desejaria se esconder, mas não encontra abrigo nem repouso!

Outros Espíritos retribuem-lhe o mal que fez e, castigado, ridicularizado, confuso consigo mesmo, ele vagueia e vagueará até que a luz divina penetre em seu coração obstinado e o esclareça, mostrando-lhe o Deus vingador, o Deus triunfante de todo o mal, que ele só conseguirá apaziguar por meio de gemidos e de expiações.

**Georges**

*Nota de Allan Kardec: Nunca se traçou um quadro mais terrível e verdadeiro sobre o destino que aguarda o Espírito mau. Depois disso, será que ainda é necessário lançar mão do recurso da imagem das chamas e das torturas físicas?*

## **NOVEL**

---

### **O Espírito dirige-se ao médium, que ele conheceu em vida:**

Vou lhe contar o que sofri quando desencarnei. Meu Espírito, preso ao corpo por vínculos materiais, teve grande dificuldade em se desligar, o que já foi para mim uma primeira e penosa angústia. A vida que eu deixava aos 24 anos era ainda tão vigorosa que eu não podia acreditar na sua perda. Por isso, procurava o meu corpo, estava apavorado por me encontrar perdido entre uma multidão de sombras.

Por fim, a consciência do meu estado e a revelação das faltas que eu havia cometido em todas as minhas encarnações me feriram de maneira súbita, sem que eu estivesse esperando. Uma luz implacável iluminou os mais secretos recantos da minha alma, que sentiu-se desnuda e logo foi tomada de uma

vergonha muito grande. Eu procurava fugir dessa situação interessando-me pelos novos objetos que me cercavam, e que *eu já conhecia*.

Os Espíritos luminosos, flutuando no éter, davam-me a ideia de uma felicidade à qual eu não podia aspirar. Formas sombrias e desoladas, ora mergulhadas em triste desespero, ora furiosas ou irônicas, deslizavam em torno de mim ou por sobre a terra à qual eu me encontrava preso. Eu via os humanos se agitarem e invejava a ignorância deles; sentia ao mesmo tempo sensações desconhecidas, ou melhor, *sensações que eu já havia sentido*.

Arrastado por uma força irresistível, procurando fugir à dor intensa que me devastava, eu atravessava as distâncias, os elementos, os obstáculos materiais, sem que as belezas da Natureza nem os esplendores celestes pudessem acalmar um instante sequer o sofrimento da minha consciência, nem o pavor que me causava a revelação da eternidade.

Um homem encarnado é capaz de pressentir as torturas materiais pelos arrepios da carne, mas as frágeis dores que ele sente, amenizadas pela esperança, atenuadas pelas distrações ou mortas pelo esquecimento, jamais darão a ideia das angústias de uma alma que sofre sem tréguas, sem esperança, sem arrependimento.

Não tenho ideia do tempo que eu passei invejando os Espíritos eleitos, cujos esplendores eu entrevia; também não tenho ideia do tempo que eu passei detestando os Espíritos maus que me perseguiram com as suas zombarias, e nem do tempo que eu perdi desprezando os homens cujas ações vergonhosas eu via. Assim, passei de um profundo abatimento a uma revolta insensata.

Finalmente, você me evocou e, pela primeira vez, um sentimento suave e terno me acalmou. Escutei os ensinamentos que os seus guias lhe dão, a verdade me invadiu e eu orei; Deus me escutou e se revelou a mim por Sua bondade, como já havia se revelado por Sua Justiça.

**Novel**

## AUGUSTE MICHEL

---

### **Le Havre, março de 1863**

Auguste era um rapaz rico, boêmio, que desfrutava exclusivamente a vida material e de uma maneira muito intensa. Apesar de inteligente, a indiferença com que ele tratava as coisas sérias era um traço característico do seu caráter.

Sem maldade, antes bom do que mau, era muito estimado por seus companheiros de folias, sendo apontado na alta sociedade por suas qualidades de homem mundano. Não fez o bem, mas também não praticou o mal. Faleceu em consequência de uma queda da carruagem em que passeava. Evocado alguns dias depois da morte, por um médium que indiretamente o conhecia, deu as seguintes e sucessivas comunicações:

**8 de março de 1863** – Mal acabo de me desprender do corpo, por isso falo com dificuldade. A terrível queda que ocasionou a minha morte perturbou profundamente o meu Espírito. A incerteza cruel sobre o meu futuro deixa-me muito inquieto.

O doloroso sofrimento que o meu corpo experimentou nada significa se comparado à perturbação em que eu me encontro agora. Orem para que Deus me perdoe. Oh! Quanta dor! Misericórdia, meu Deus! Que dor! Adeus.

**18 de março de 1863** – Eu já estive aqui, mas só pude falar com muita dificuldade. Ainda agora, mal posso me comunicar. Você é o único médium ao qual eu posso pedir preces para que a bondade de Deus me tire da perturbação em que me encontro. Por que sofrer ainda, se o meu corpo já não sofre mais? Por que esta dor horrível, esta angústia terrível? Faz uma oração pedindo a Deus para que Ele me conceda repouso... Oh! Que cruel incerteza! Ainda estou ligado ao corpo.

Apenas com dificuldade posso ver onde me encontro. Meu corpo está lá, e por que eu estou sempre junto dele? Vem orar *sobre o meu corpo* para que eu possa me livrar dessa prisão cruel... (Auguste solicitava ao médium.) Deus me perdoará, assim espero. Vejo os Espíritos que estão junto de você e através deles

posso lhe falar. Ora por mim.

**6 de abril de 1863** – Sou eu quem vem pedir para que você ore por mim. Será preciso que você vá *ao lugar onde está o meu corpo*, a fim de implorar ao Todo-Poderoso para que Ele acalme os meus sofrimentos! Sofro! Oh! Como eu sofro! Vá a esse lugar e de lá dirija uma prece ao Senhor para que Ele me perdoe. Vejo que poderia estar mais tranquilo, mas volto incessantemente ao lugar em que depositaram o que me pertencia (referindo-se ao seu corpo).

*Nota de Allan Kardec: O médium não deu importância ao pedido que lhe fazia o Espírito, para que fosse rezar sobre o túmulo em que estava o seu corpo, e não foi. Entretanto, foi mais tarde e lá mesmo recebeu a seguinte comunicação:*

**11 de maio de 1863** – Eu o esperava. Aguardava o momento em que você viria ao lugar em que o meu Espírito parece estar preso ao seu antigo corpo, a fim de implorar ao Deus de misericórdia para que, através da Sua bondade, Ele acalme os meus sofrimentos. Você pode me beneficiar com suas preces, não demore, eu lhe suplico. Hoje eu vejo como a minha vida foi o contrário do que deveria ser; vejo as faltas que cometi.

Fui um ser inútil no mundo; não fiz uso proveitoso das minhas faculdades; a fortuna serviu apenas para que eu satisfizesse as minhas paixões, os meus caprichos de luxo e a minha vaidade. Pensei apenas nos prazeres do corpo, desprezando os prazeres da alma, e a própria alma. Será que a misericórdia de Deus descerá sobre mim, sobre esse pobre Espírito que sofre as consequências das suas faltas terrenas? Ora para que Ele me perdoe e para que eu possa me libertar das dores que ainda sinto. Agradeço-lhe por ter vindo orar por mim.

**8 de junho de 1863** – Agora posso falar e agradeço a Deus, que me concede esta oportunidade. Compreendi minhas faltas e espero que o Todo-Poderoso me perdoe. Quanto a você (referindo-se ao médium), siga sempre os caminhos da vida de acordo com a crença que abraçou, porque ela lhe reserva

no futuro um repouso que eu ainda não tenho. Obrigado por suas preces. Até logo.

*Nota de Allan Kardec: A insistência do Espírito, para que se fizesse uma oração sobre o seu túmulo, é uma particularidade notável. Entretanto, ela tinha a sua razão de ser, se levarmos em conta a tenacidade dos vínculos que o prendiam ao corpo, e quanto era longa e difícil essa separação, em consequência da materialidade da sua existência.*

*Compreende-se que, mais próxima do corpo, a prece pudesse exercer uma espécie de ação magnética mais poderosa no sentido de auxiliar a separação. O costume quase universal de se rezar junto ao corpo dos mortos não viria de uma “intuição inconsciente”, que tem a sua razão de ser? A eficácia da prece, neste caso, teria um resultado ao mesmo tempo moral e material.*

## LAMENTOS DE UM BOÊMIO

---

**Faleceu em Bordeaux, no dia 19 de abril de 1862**

**30 de julho de 1862**

Sinto-me menos infeliz porque não tenho mais a corrente que me prendia ao corpo. Estou livre, enfim, mas ainda não expiei, e é preciso que eu repare o tempo perdido, se não quiser prolongar os meus sofrimentos. Espero que Deus, levando em conta a sinceridade do meu arrependimento, me conceda a graça do Seu perdão. Eu suplico para que vocês ainda continuem orando por mim.

Homens, meus irmãos, eu vivi apenas para mim, e hoje eu expio e soffro! Que Deus lhes conceda a graça de evitar os espinhos que ora me atormentam. Prossigam no caminho largo do Senhor e rezem por mim, porque eu abusei dos bens que Deus *empresta* às Suas criaturas!

Aquele que sacrifica a inteligência e os bons sentimentos que Deus lhe dá, pelos instintos embrutecidos, assemelha-se ao animal que muitas vezes maltrata a si próprio. O homem deve utilizar com moderação os bens que Deus lhe concede e dos quais tem a posse provisória. Deve também se habituar a viver voltado para a eternidade que o espera, abrindo mão dos prazeres materiais. A alimentação deve ter como único objetivo a vitalidade do seu corpo; o luxo deve restringir-se apenas às necessidades da sua posição; os gostos, as tendências naturais, devem ser regidos pela mais pura razão, caso contrário o homem se materializa ao invés de se depurar.

As paixões humanas são como um laço apertado que se enrosca na carne e, sendo assim, não deem abrigo a elas. Vivam, mas não sejam boêmios. Vocês não sabem o preço que se paga quando se retorna à verdadeira pátria! As paixões humanas despojam os homens antes mesmo de abandoná-los, e eles chegam nus, completamente nus, ante o Senhor. Ah! Cubram-se de boas obras, e elas vão ajudá-los a percorrer o espaço que os separa da eternidade. A roupa que brilha esconde as ações vergonhosas e as infâmias humanas. Envolvam-se na caridade e no amor, vestes divinas que ninguém pode remover.

### **INSTRUÇÕES DO GUIA DO MÉDIUM:**

Este Espírito está no bom caminho porque, ao arrependimento, ele junta conselhos para evitar os perigos do caminho que ele mesmo trilhou. Reconhecer os seus erros já é um mérito e um passo efetivo para o bem. É por isso que a sua situação, embora não seja feliz, já não é mais a de um Espírito sofredor. Ele está arrependido.

Falta ainda a reparação, que ele levará a efeito em outra existência de provações. Mas, antes de chegar lá, vocês sabem qual é a situação desses homens de vida sensual, cuja única atividade do Espírito é a de inventar novos prazeres? A influência da matéria os acompanha no mundo espiritual, sem que



a morte coloque um fim nos apetites que a sua vista, tão limitada como quando estavam na Terra, procura em vão os meios de saciá-los.

A alma dessas criaturas que nunca procuraram o alimento espiritual vive no vazio, sem objetivo, sem esperança, atormentada pela ansiedade do homem que só tem diante de si um deserto sem fim. A inexistência de ocupações intelectuais, durante o período em que se está encarnado, acarreta naturalmente para o Espírito, após a morte, a falta de trabalho também no mundo espiritual.

Não podendo mais saciar o corpo, nada lhes resta para satisfazer o Espírito. Assim, são vítimas de um tédio mortal, cujo fim não conseguem enxergar e, se pudessem, prefeririam o nada. Mas o nada não existe... Eles mataram o corpo, mas não podem matar o Espírito. Então, é preciso que eles vivam nessas torturas morais até que, vencidos pelo cansaço, se decidam a voltar os olhos para Deus.

## **LISBETH**

---

**Bordeaux, 13 de fevereiro de 1862**

**Um Espírito sofredor se inscreve com o nome de Lisbeth.**

**1 – A senhora pode nos dar algumas informações sobre a sua posição e a causa dos seus sofrimentos?**

– Seja humilde de coração, submisso à vontade de Deus, paciente na provação, caridoso para com os pobres, consolador do fraco, sensível a todos os sofrimentos e você não sofrerá as torturas que me consomem.

**2 – Parece que a senhora lamenta ter cometido as faltas contrárias às qualidades que acaba de assinalar. O seu arrependimento não a alivia?**

– Não; o arrependimento é inútil, quando resulta apenas do sofrimento. O arrependimento que realmente tem valor provém do remorso de ter ofendido a Deus e do ardente desejo de se corrigir. Infelizmente, ainda não cheguei a esse ponto. Tenho necessidade das preces de todos aqueles que se dedicam a amenizar os sofrimentos alheios.

*Nota de Allan Kardec: Isto é uma grande verdade. Às vezes, o sofrimento provoca um grito de arrependimento, mas que não expressa com sinceridade o remorso de haver praticado o mal, porque, se o Espírito deixasse de sofrer, estaria pronto para voltar a cometer as mesmas faltas. É por isso que nem sempre o arrependimento acarreta a imediata libertação do Espírito; apenas o predispõe para ela, eis tudo.*

*É preciso, além disso, que o Espírito tenha a sinceridade e a firmeza sobre as suas resoluções, por meio de novas provações que reparem o mal praticado. Meditando cuidadosamente sobre todos os exemplos citados, encontraremos nas palavras dos Espíritos, mesmo daqueles que são inferiores, ensinamentos profundos, visto que eles nos fornecem os mais íntimos detalhes da vida espiritual.*

*Enquanto o “homem superficial” só vê nesses exemplos narrativas mais ou menos curiosas e divertidas, o “homem sério”, e que reflete, encontrará neles uma fonte inesgotável de estudo.*

**3 – Farei o que a senhora deseja. Pode dar-nos alguns pormenores da sua última existência? Eles poderiam resultar em um ensinamento útil para nós, o que tornaria produtivo o seu arrependimento.**

O Espírito fica indeciso em responder, não somente a esta, mas a outras perguntas que vão se seguir.

– Nasci num meio elevado. Possuía tudo o que os homens julgam ser a fonte da felicidade. Rica, tornei-me egoísta. Bela, fui vaidosa, indiferente e hipócrita. Nobre, fui ambiciosa. Esmaguei com o meu poder todos aqueles que não se dobravam diante de mim, mas esqueci de que a cólera do Senhor, cedo

ou tarde, também esmaga as criaturas mais poderosas.

**4 – Em que época a senhora viveu?**

– Há 150 anos, na Prússia.

**5 – Desde então a senhora não progrediu como Espírito?**

– Não; a matéria sempre me causava revolta, e você não pode avaliar a influência que ela ainda exerce sobre mim, mesmo depois de o meu Espírito ter se separado do seu corpo. O orgulho me prende a fortes correntes, cujos elos apertam cada vez mais o pouco que o meu coração pode dar. O orgulho! Essa hidra de cem cabeças que estão sempre renascendo, que sabe modular assobios venenosos fazendo com que eles pareçam uma música celeste!

O orgulho! Esse demônio que assume várias formas e que se amolda a todas as loucuras do Espírito, que se oculta em todas as dobras do coração, que penetra em suas veias; que absorve e arrasta a alma para as trevas do martírio eterno!... Oh! Sim... Eterno!

*Nota de Allan Kardec: Provavelmente, o Espírito diz não ter feito nenhum progresso, porque ainda está numa situação de sofrimento. Mas a maneira pela qual ele descreve o orgulho e lamenta as suas conseqüências é, incontestavelmente, um progresso. Certamente, quando ainda estava encarnado, e logo depois da morte, ele não poderia raciocinar assim. Consegue compreender o mal, o que já é alguma coisa. A coragem e a vontade de evitá-lo virão mais tarde.*

**6 – Deus é muito bom para condenar as Suas criaturas a cumprirem penas eternas. Confia em Sua misericórdia.**

– Dizem que isso pode ter um fim, mas onde e quando? Há muito que eu procuro esse fim, mas só vejo sofrimento, sempre, sempre, sempre!

**7 – Como a senhora veio até a nossa reunião?**

– Vim conduzida por um Espírito que sempre me acompanha.

**7a – Há quanto tempo esse Espírito lhe acompanha?**

– Não faz muito tempo.

**7b – Foi depois que a senhora se deu conta das faltas que cometeu?**

– (Depois de uma longa reflexão.) Sim, você tem razão, foi a partir daí que eu passei a enxergá-lo.

**8 – A senhora consegue compreender agora a relação que existe entre o seu arrependimento e o auxílio que passou a receber do seu Espírito protetor? Procura ver como *origem* desse auxílio o amor de Deus e, como *fim*, o Seu perdão e a Sua misericórdia infinita.**

– Oh! Como eu desejaria que fosse assim!

**8a – Acredito poder interceder pela senhora junto Àquele que jamais foi surdo à voz de Seus filhos em perigo. Peça de coração e Ele vai escutá-la.**

– Não posso, tenho medo.

**9 – Então, vamos orar juntos; Ele nos atenderá. (Depois da prece.) A senhora ainda está aí?**

– Sim. Obrigada! Não se esqueça de mim.

**10 – Sempre que a senhora puder, compareça à nossa reunião.**

– Sim, sim, virei sempre.

**INSTRUÇÕES DO GUIA DO MÉDIUM:**

Nunca esqueçam os ensinamentos que vocês podem colher dos sofrimentos de seus protegidos e, principalmente, das causas desses sofrimentos. Eles são uma lição que todos podem aproveitar, no sentido de se preservar dos mesmos perigos e de idênticos castigos.

Depurem seus corações, sejam humildes, amem-se, ajudem-se sem esquecerem jamais a fonte de todas as graças, fonte inesgotável na qual todos podem se saciar à vontade; fonte de água viva que sacia e também alimenta; fonte de vida e de felicidade eterna. Vão, meus amigos, e bebam com fé nessa fonte. Joguem nela as suas redes, que sairão de suas ondas carregadas de bênçãos.

Advirtam seus irmãos dos perigos que eles podem encontrar. Espalhem as bênçãos do Senhor, que se reproduzem sem cessar; quanto mais as propagarem, mais elas se multiplicarão. A tarefa está em suas mãos, digam aos seus irmãos: aí estão os perigos, lá estão os obstáculos; venham conosco a fim de evitá-los; imitem a nós, que damos o exemplo, e vocês espalharão as bênçãos do Senhor sobre aqueles que os escutam.

Que os seus esforços sejam abençoados. O Senhor ama os corações puros; façam por merecer o Seu amor.

**Saint Paulin**

## **PRÍNCIPE OURAN**

---

**Bordeaux, 1862**

**Um Espírito sofredor apresentou-se dando o nome de Ouran, príncipe russo de outros tempos:**

**O senhor gostaria de nos dar alguns detalhes sobre a sua situação?**

– Oh! Bem-aventurados os humildes de coração, porque deles é o reino dos Céus! Orem por mim. Bem-aventurados os humildes de coração, que escolhem cumprir as suas provas em uma posição modesta. Todos vocês, a quem a inveja devora, não sabem o estado a que ficou reduzido um desses que na Terra foi considerado feliz. Também não podem avaliar o fogo que me abrasa nem os sacrifícios impostos pela riqueza, quando por ela se quer obter a salvação eterna!

Que o Senhor permita a mim, déspota orgulhoso, expiar os crimes que cometi provenientes do meu orgulho, entre aqueles mesmos a quem oprimi com a minha tirania!

Orgulho! Repitam constantemente essa palavra, para jamais esquecerem que ela é a fonte de todos os sofrimentos que nos oprimem. Sim, eu abusei do poder e dos privilégios que estavam à minha disposição. Fui duro e cruel para com os meus inferiores, que tiveram que se curvar a todos os meus caprichos, satisfazer a todas as minhas depravações. Quis para mim a nobreza, as honras, a fortuna, e sucumbi sob o peso do encargo que aceitei, mas que estava acima das minhas forças.

*Nota de Allan Kardec: Os Espíritos que sucumbem são geralmente levados a dizer que tinham um compromisso superior às suas próprias forças, o que ainda é um resquício de orgulho e um meio de se desculparem para consigo mesmos, por não se conformarem com a própria fraqueza. Deus não dá a nenhum de Seus filhos mais do que eles possam suportar, nem exige da árvore jovem os frutos dados pela árvore já desenvolvida.*

*Deus concede a liberdade aos Espíritos; o que lhes falta é a vontade, e esta depende exclusivamente deles. Com força de vontade não existe tendência ao vício que não possa ser vencida. Mas, quando um vício nos dá prazer, é natural que não façamos esforços para dominá-lo. Assim, somente a nós devemos atribuir as consequências dessa falta de esforço.*

**O senhor tem consciência das suas faltas, e isto já é um passo para a regeneração.**

– Esta consciência das faltas cometidas é ainda um sofrimento. Para muitos Espíritos o sofrimento é um efeito quase material, porque eles ainda estão presos à sua última encarnação, e não conseguem perceber as consequências morais.

Quando o meu Espírito se libertou da matéria, o sentimento moral aumentou para mim, mais do que as cruéis sensações físicas que eu sentia.

**O senhor enxerga um fim para os seus sofrimentos?**

– Sei que não serão eternos, mas ainda não consigo ver o seu fim; antes, é preciso que eu recomece a prova.

**O senhor espera recomeçar em breve?**

– Ainda não sei.

**O senhor tem lembrança das suas encarnações anteriores? Faça essa pergunta com o objetivo de me instruir.**

– Seus guias estão aqui e sabem o que você precisa. Vivi no tempo de Marco Aurélio. Naquela época eu era poderoso e sucumbi ao orgulho, que é a causa de todas as quedas. Depois de ter vagado por séculos no mundo espiritual, eu quis experimentar uma existência obscura.

Fui um pobre estudante, mendiguei o meu pão, mas o orgulho não me abandonava. O meu Espírito ganhou em conhecimento, mas não em virtude. Sábio e ambicioso, eu vendi a minha alma a quem pagasse mais. Assim, servi a todas as vinganças e a todos os ódios. Sentia-me culpado, mas a necessidade das honras e das riquezas abafava os gritos da minha consciência.

A expiação pela qual eu passei ainda foi longa e cruel, pois eu quis, na minha última encarnação, experimentar uma vida de luxo e de poder, pensando que podia dominar a situação. Ainda mais uma vez, não ouvi os

conselhos dos protetores amigos que sempre velam por nós; era novamente o orgulho levando-me a confiar mais em mim do que nos conselhos que eu recebia. Bem, você já sabe o resultado dessa última tentativa.

Hoje, enfim, compreendo e aguardo a misericórdia do Senhor. Deposito a Seus pés o meu orgulho abatido e peço-Lhe que coloque em meus ombros o fardo mais pesado da humildade, pois com o auxílio da Sua graça o peso me parecerá mais leve. Orem comigo e por mim; orem também para que esse fogo diabólico, chamado orgulho, não devore em vocês os instintos que os elevam a Deus.

Irmãos de sofrimento: tomara que o meu exemplo possa ser proveitoso a todos e não esqueçam nunca que o orgulho é o inimigo da felicidade. É dele que decorrerem todos os males que atormentam a Humanidade. O orgulho persegue a Humanidade até nas regiões celestes.

### **INSTRUÇÕES DO GUIA DO MÉDIUM:**

É natural que você tenha dúvidas sobre a identidade deste Espírito, uma vez que a sua linguagem parece estar em desacordo com o estado de sofrimento que comprova a sua inferioridade. Não é preciso ter medo, porque você recebeu uma comunicação séria. Por mais sofrimento que seja, a cultura deste Espírito é tamanha que o leva a falar como falou. O que lhe faltava era apenas a humildade, sem a qual nenhum Espírito pode chegar a Deus. Somente agora ele conquistou essa humildade, e esperamos que, com perseverança, ele possa sair triunfante de uma nova prova.

Nosso Pai celestial é pleno de Justiça em Sua sabedoria e leva em conta os esforços que o homem faz para dominar os seus maus instintos. Cada vitória conseguida sobre nós mesmos é um degrau a mais que subimos nessa escada, que tem uma extremidade na Terra e outra aos pés do Juiz Supremo.

Então, subam por esses degraus com coragem, porque a subida é tanto



mais suave quanto mais firme for a vontade. Olhem sempre para cima, a fim de criarem coragem, porque infeliz daquele que se detém e olha para trás. Logo é atingido pelo deslumbramento e, ao espantar-se com o vazio que o cerca, desanima e diz: “Para que continuar caminhando, se andei tão pouco e muito ainda me falta?”. Não, meus amigos, não olhem para trás. O orgulho está arraigado no homem.

Pois bem! Utilizem esse orgulho para obter a força e a coragem que precisam com o objetivo de concluir a sua ascensão. Empreguem-no para dominar as suas fraquezas e escalar o cume da montanha eterna.

**PASCAL LAVIC**

---

**Le Havre, 9 de agosto de 1863**

**Este Espírito manifestou-se espontaneamente, sem que o médium o conhecesse em vida, nem mesmo de nome.**

Creio na bondade de Deus que, na Sua misericórdia, se compadecerá do meu Espírito. Tenho sofrido muito, muito. Morri no mar. Meu Espírito, ligado ao corpo, vagou por muito tempo sobre as ondas. Deus...

**A comunicação foi interrompida, e no dia seguinte o Espírito prosseguiu.**

... permitiu que as preces daqueles que eu deixei na Terra me tirassem do estado de perturbação e incerteza em que eu me encontrava imerso. Procuraram-me por muito tempo e puderam finalmente achar o meu corpo.

Hoje, esse corpo repousa, ao passo que o meu Espírito, desprendido com dificuldade, vê as faltas que cometeu. Terminada a prova, Deus julga com Justiça e a Sua bondade se estende aos arrependidos.

Por muito tempo o meu corpo e o meu Espírito vagaram juntos, e esta foi

a minha expiação. Sigam o caminho reto, se querem que Deus facilite o desprendimento do Seu Espírito. Vivam no amor de Deus, orem, e a morte, que tantos temem, será suavizada pelo conhecimento da vida que os espera.

Sucumbi no mar, e por muito tempo os familiares me esperaram. Não poder me desligar do corpo era para mim uma prova terrível. Por isso necessito das preces daqueles que, como vocês, entraram na crença que salva e podem pedir por mim ao Deus de Justiça. Arrendo-me e espero ser perdoado. O meu corpo foi encontrado no dia 6 de agosto. Eu era um pobre marinheiro e naufraguei há muito tempo. Orem por mim.

**Pascal Lavie**

### **Onde o seu corpo foi encontrado?**

– Não muito longe de vocês.

**O Jornal de Havre, do dia 11 de agosto de 1863, continha o seguinte artigo, do qual o médium não tinha o menor conhecimento:**

“Noticiamos que, a 6 do corrente mês, foi encontrado um resto de cadáver enalhado entre Bléville e La Hève. A cabeça, os braços e o busto tinham desaparecido, mas, apesar disso, a sua identidade pôde ser confirmada pelos sapatos, ainda presos aos pés. Foi reconhecido o corpo do pescador Lavie, que naufragou em 11 de dezembro, a bordo do navio *L'Alerte*, devido ao mar muito agitado por fortes rajadas de vento. Lavie tinha 49 anos e era natural da cidade de Calais. Foi a viúva quem reconheceu a sua identidade”.

*Nota de Allan Kardec: A 12 de agosto, como se falava desse acontecimento no Centro em que o Espírito tinha se manifestado pela primeira vez, ele se comunicou de novo, espontaneamente, e deu a seguinte mensagem:*

Sou eu mesmo, Pascal Lavie, e preciso das suas preces. Vocês podem me beneficiar, uma vez que a prova que eu sofri foi terrível. O meu Espírito só

conseguiu se desligar do corpo depois que eu reconheci as minhas faltas, e mesmo assim de forma parcial. Por isso, eu acompanhava o meu corpo no oceano que o havia tragado. Orem a Deus para que Ele me perdoe e me conceda o repouso. Orem por mim, eu suplico.

Que este desastrado fim de uma vida terrena infeliz possa lhes servir de grande ensinamento! Devem ter sempre em vista a vida futura, não deixando jamais de implorar a Deus a Sua misericórdia. Orem por mim, preciso da piedade de Deus.

**Pascal Lavic**

## **FERDINAND BERTIN**

---

Um médium que morava em Havre evocou o Espírito de uma pessoa de suas relações, que respondeu: “Quero me comunicar, mas não consigo vencer o obstáculo que existe entre nós. Sou obrigado a deixar que esses infelizes sofredores se aproximem”.

**Logo depois, o médium transmite a seguinte comunicação espontânea:**

“Estou num terrível abismo! Ajudem-me... Oh! Meu Deus! Quem vai me tirar desse abismo? Quem dará uma mão piedosa ao infeliz que o mar engoliu? A noite é tão escura que tenho medo. Por toda parte escuto o barulho das ondas e nenhuma palavra amiga para me consolar e me ajudar nesse momento supremo. Esta noite profunda assemelha-se à morte com todos os seus horrores, e eu não quero morrer!...

‘Oh! Meu Deus! Não é a morte futura, é a morte passada!... Estou para sempre separado dos que amo... Vejo o meu corpo, e o que há pouco eu sentia era apenas a lembrança da grande angústia que a separação me causou... Tenham piedade de mim, vocês que conhecem o meu sofrimento. Orem por

mim, porque eu não quero mais sentir as aflições que antecedem a morte, como tem acontecido desde aquela noite fatal! Nisso consiste a minha punição, eu pressinto... Orem, eu imploro.

‘Oh! O mar... O frio... Vou ser tragado pelas ondas... Socorro! Tenham piedade, não me rejeitem!... Nós nos salvaremos os dois sobre esta tábua!... Oh! Estou me afogando; as águas vão me engolir, e os meus parentes não terão ao menos o triste consolo de me rever... Mas não! Que vejo! Meu corpo está sendo balançado pelas ondas...

‘As preces de minha mãe serão ouvidas. Pobre mãe! Se pudesse imaginar o filho tão miserável como de fato ele é, com certeza aumentaria as suas preces. Porém, ela acredita que a maneira como eu morri me santificou o passado. Ela chora por mim como se eu fosse um mártir, e não como um infeliz castigado!... Oh! Vocês que sabem de tudo, serão implacáveis comigo? Não; por certo vão interceder a meu favor.’”

**Ferdinand Bertin**

*Nota de Allan Kardec: O médium desconhecia por completo esse nome, que não lhe trazia qualquer lembrança, pelo que supôs que a mensagem fosse de algum naufrago infeliz, que vinha se manifestar a ele espontaneamente, como já lhe havia acontecido em outras ocasiões. Mais tarde soube que se tratava, de fato, do nome de uma das vítimas da grande catástrofe marítima ocorrida nas redondezas, em 2 de dezembro de 1863. A comunicação foi dada a 8 do mesmo mês; portanto, seis dias após a catástrofe.*

*O indivíduo desencarnou fazendo tentativas extraordinárias para salvar o equipamento e no justo momento em que pensava ter conseguido a sua salvação. O naufrago não conhecia o médium e não tinha com ele qualquer parentesco. Então, por que se manifestou a ele, em vez de se manifestar a qualquer membro da família? É porque os Espíritos não encontram em todas as pessoas as condições fluidicas necessárias para se comunicarem.*

*O naufrago, na perturbação em que se encontrava, nem mesmo tinha a*

*liberdade de escolha, sendo conduzido por instinto e por atração para este médium, dotado, ao que parece, de uma aptidão especial para comunicações deste tipo. Também podemos supor que esse Espírito pressentisse que encontraria no médium uma simpatia particular, como outros já haviam encontrado em idênticas circunstâncias. A família do naufrago, por não conhecer o Espiritismo, e talvez até mesmo por ser hostil a esta crença, não teria acolhido a manifestação, da mesma forma como fez esse médium.*

*Embora o desencarne tivesse acontecido há alguns dias, o Espírito apresentava ainda todas as suas angústias. Assim, era vidente que ele não tinha a menor consciência da sua situação. Acreditava-se ainda vivo, lutando contra as ondas, mas ao mesmo tempo se referindo ao corpo como se dele estivesse separado. Grita por socorro, diz que não quer morrer e, logo em seguida, fala da causa da sua morte, reconhecendo nela um castigo.*

*Toda essa incoerência indica a confusão de ideias, que é um fato comum em quase todos os desencarnes violentos.*

**Dois meses mais tarde, a 2 de fevereiro de 1864, o Espírito deu ao mesmo médium, e ainda de modo espontâneo, a seguinte comunicação:**

“A piedade que o senhor (referindo-se ao médium) teve dos meus sofrimentos tão horríveis me aliviou. Compreendo *a esperança*, antevejo o perdão, mas ele só virá depois da reparação da falta cometida. Sofro continuamente e, se por alguns momentos Deus permite que eu anteveja o fim da minha infelicidade, devo isso às preces feitas pelas almas caridosas que sentem piedade da minha situação.

‘Oh! Esperança, raio celeste, como você é bendita quando a sinto nascer em minha alma!... Mas, oh! O abismo se abre; o terror e o sofrimento absorvem o pensamento de misericórdia. A noite, sempre a noite!... A água, o barulho das ondas que traram o meu corpo, são apenas uma pálida imagem do horror que cerca o meu pobre Espírito...

‘Fico mais calmo, quando posso me comunicar por seu intermédio. Assim

como a confiança de um segredo a um amigo nos alivia, também a sua piedade, motivada pela confiança da minha penúria, acalma o meu sofrimento e dá repouso ao meu Espírito...

‘As suas preces me fazem bem, não deixe de fazê-las. Não quero cair nesse sonho horrível que se transforma em realidade quando o vejo... Pegue o lápis com mais frequência. Fico muito aliviado quando me comunico com o senhor!’.

*Nota de Allan Kardec: Alguns dias depois, esse mesmo Espírito foi evocado em uma reunião espírita em Paris, sendo-lhe dirigidas as seguintes perguntas, às quais ele respondeu numa única comunicação e por outro médium, conforme segue abaixo:*

**Quem o levou para se comunicar espontaneamente com o primeiro médium? Há quanto tempo o senhor já estava desencarnado, quando essa comunicação aconteceu?**

**Quando se comunicou, parecia não ter certeza sobre estar vivo ou morto e experimentava todas as angústias de uma morte horrível. O senhor tem agora uma melhor compreensão da sua situação?**

**Também nos disse categoricamente que o seu desencarne era uma expiação. Poderia nos dizer o motivo dessa afirmativa? Isso seria instrutivo para nós e um alívio para o senhor. Uma confissão sincera da sua parte atrairá a misericórdia de Deus, a qual solicitaremos em nossas preces.**

– Num primeiro momento, parece impossível que uma criatura possa sofrer assim, tão cruelmente. Deus! Como é penoso ver-se a si mesmo, constantemente nas ondas em fúria, sentindo sem cessar esse suplício, esse frio glacial que sobe e aperta o estômago!

Mas o que vocês ganham se ocupando com tais cenas? Será que eu não

devo começar por obedecer às leis da gratidão, agradecendo a todos vocês que se interessaram pelos meus tormentos? Perguntaram se eu me comuniquei muito tempo após a morte? Não posso responder com facilidade. Pensem e avaliem em que situação horrível eu ainda me encontro. Creio que fui trazido para junto do médium por uma força estranha à minha vontade e, coisa inexplicável, *utilizava o braço do médium com a mesma facilidade com que nesse momento me utilizo do seu*, convencido de que ele me pertence.

Agora eu experimento um grande prazer, como que um alívio particular que, oh!, infelizmente, logo vai cessar! Mas, meu Deus! Terei forças para fazer a confissão que me cumpre?

Depois de ser muito encorajado, o Espírito acrescentou: Eu era muito culpado, e o que mais me tortura é ter sido considerado mártir, quando na verdade eu não sou nada disso... Na existência anterior, eu mandei ensacar várias vítimas, ainda vivas, para depois atirá-las no mar. Orem por mim!

### **COMENTÁRIO DO ESPÍRITO SÃO LUÍS SOBRE ESTA COMUNICAÇÃO:**

Esta confissão trará grande alívio ao Espírito, que realmente foi muito culpado! Entretanto, a existência que ele acaba de deixar foi uma existência digna. Ele era amado e estimado por seus patrões. Tudo isso era fruto do seu arrependimento e das boas resoluções que tomou antes de voltar à Terra, onde quis ser tão humano quanto fora cruel no passado.

O devotamento que demonstrou não deixou de ser uma reparação, mas ainda era preciso resgatar as faltas passadas, através de uma expiação final: A da morte cruel que sofreu. Ele mesmo pediu para se depurar pelo sofrimento das torturas que tinha imposto aos outros. Mas observem que uma ideia o persegue: o pesar de ver que alguns o tinham como mártir. Essa humildade lhe será levada em consideração.

Finalmente, ele deixa o caminho da expiação para entrar no da reabilitação. Com as suas preces, vocês podem ajudá-lo e fazer com que ele caminhe com mais segurança e determinação.

## FRANÇOIS RQUIER

---

François Riquier era um velho solteiro, sovina e muito popular. Faleceu em C..., em 1857, deixando aos parentes uma considerável fortuna. No passado, tinha alugado a casa de uma senhora que o esquecera completamente, ignorando até se ele ainda vivia ou não. Em 1862, uma filha dessa senhora, que tinha crises de catalepsia, seguidas de sono magnético espontâneo, e que também era uma boa médium escrevente, viu, num desses sonos, o Sr. Riquier, que lhe disse querer falar com a sua mãe.

**Alguns dias mais tarde, ele se manifestou espontaneamente e confirmou o desejo de falar com a mãe da médium. As duas tiveram com ele a seguinte comunicação:**

**O que o senhor quer conosco?**

– O meu dinheiro, do qual os miseráveis se apossaram e repartiram entre eles! Venderam minhas fazendas, minhas casas, tudo. Dilapidaram meus bens, como se não mais me pertencessem. Quero que a justiça seja feita, já que eles não me escutam e eu não quero mais presenciar tamanha desonra. Dizem que eu era sovina e ficaram com o meu dinheiro! Por que não devolvem o que me pertence? Por acaso eles acham que eu ganhei de maneira indevida?

**Mas o senhor está morto e não tem mais necessidade de dinheiro. Peça a Deus para que Ele lhe conceda uma nova existência na pobreza, a fim de expiar a avareza desta última.**



– Não, eu não poderia viver na pobreza. Preciso do meu dinheiro, sem o qual não posso viver. Além disso, não preciso de outra existência, já que estou vivo atualmente.

**A pergunta seguinte foi feita no sentido de trazê-lo à realidade:**

**O senhor sofre?**

– Oh! Sim. Sofro torturas piores que a mais cruel enfermidade, pois é minha alma quem as sofre. Tenho sempre em mente as grandes injustiças que cometi e que para muitos foram motivo de escândalo. Sei perfeitamente que sou um miserável, indigno de piedade, mas o meu sofrimento é tão grande que eu preciso de auxílio para sair dessa situação deplorável.

**Vamos orar pelo senhor.**

– Obrigado! Orem para que eu esqueça os meus bens terrenos, sem o que não poderei arrepender-me jamais. Adeus e obrigado.

**François Riquier  
Rue de La Charité nº14.**

*Nota de Allan Kardec: É muito curioso ver esse Espírito indicar o seu endereço como se ainda estivesse vivo. A médium, que não o conhecia, apressou-se em verificar o endereço e ficou muito surpresa por confirmar que era justamente a última casa em que Riquier tinha morado. Assim, passados cinco anos, ele ainda pensava estar vivo. Por isso, experimentava a terrível ansiedade, que só os avarentos experimentam, ao ver os seus bens partilhados pelos herdeiros. A evocação, provocada, sem dúvida, por algum Espírito bom, teve a finalidade de fazê-lo compreender o seu verdadeiro estado e torná-lo predisposto ao arrependimento.*

**CLAIRE**

---

## Sociedade Espírita de Paris, 1861

O Espírito que ditou as comunicações seguintes era o de uma senhora que o médium conheceu em vida. A sua conduta e o seu caráter justificam plenamente os tormentos que lhe sobrevieram. Além do mais, ela era dominada por um sentimento exagerado de orgulho e egoísmo pessoais, sentimentos que ficam evidentes principalmente na terceira mensagem, ao pretender que o médium lhe dê atenção exclusiva.

Essas comunicações foram obtidas em diferentes épocas, sendo que as três últimas já mostram um sensível progresso nas disposições do Espírito, graças aos cuidados do médium, que tinha se dedicado à sua educação moral.

### 1

Eis-me aqui, eu, a infeliz Claire. O que você quer que eu diga? A resignação e a esperança não passam de palavras, para aqueles que sabem que, incontáveis como as pedras da praia, os sofrimentos lhe durarão por séculos intermináveis. Você diz que eu posso aliviá-los? Que palavras sem conteúdo! Onde encontrar a coragem e a esperança para tanto? Procura, então, inteligência limitada, compreender o que seja um dia que jamais se acaba. Será um dia, um ano ou um século... Como eu posso saber?

Se as horas não dividem mais o dia, as estações não mudam; eterno e lento como a água que brota do rochedo, esse dia execrável, esse dia maldito, pesa sobre mim como uma avalanche de chumbo... Eu sofro muito!... Só vejo à minha volta sombras silenciosas e indiferentes... Eu sofro!

Entretanto, eu sei que acima desta miséria reina o Deus Pai, para o qual tudo se encaminha. Quero pensar Nele, quero implorar-Lhe misericórdia.

Eu me debato e me arrasto como um estropiado que rasteja ao longo do caminho. Não sei que tipo de poder me atrai para você (referindo-se ao

médium), talvez você seja a minha tábua de salvação. Quando eu o deixo, sinto-me um pouco mais calma e reanimada, semelhante a um velho que treme de frio e se reanima quando encontra um raio de sol. A minha alma gelada sente uma nova vida, quando você se aproxima.

## 2

A minha infelicidade aumenta a cada dia. Aumenta à medida que eu vou tendo conhecimento da eternidade. Oh! Miséria! Malditas sejam as horas de egoísmo e de esquecimento, nas quais, esquecida de toda caridade, de todo o afeto, eu só pensava no meu bem-estar! Malditos interesses humanos; inúteis preocupações materiais que me cegaram e fizeram com que eu me perdesse!

Agora sou corroída pelo remorso do tempo perdido. Que direi a você, que me escuta? Vigie sem parar, ame os outros mais do que a você mesmo, não perca tempo no caminho do bem-estar, não engorde o seu corpo em detrimento da sua alma. Vigie, como dizia o Salvador a Seus discípulos. Não me agradeça por estes conselhos, porque, *se o meu Espírito os compreende, o meu coração nunca os seguiu.*

Como um cão maltratado, o medo me faz rastejar, mas ainda não conheço o espontâneo amor. A divina aurora desse amor tarda muito a despontar! Ora por minha alma obstinada e tão miserável!

## 3

Uma vez que você me esqueceu, venho até aqui procurá-lo. Então, você acredita que preces isoladas e a simples pronúncia do meu nome, são suficientes para apaziguar o meu sofrimento? Não, cem vezes não. Eu grito de dor, ando por aí sem repouso, sem asilo, sem esperança, sentindo o eterno ferrão do castigo que se enterra na minha alma revoltada.

Dou risadas, quando ouço os seus lamentos, quando os vejo abatidos. O que são as suas pálidas misérias, as suas lágrimas? O que são os seus tormentos que não os deixam dormir? Será que você acha que eu durmo aqui? Quero que você deixe as suas divagações filosóficas, que você se ocupe apenas comigo; que deixe o resto para os outros se ocuparem. Não encontro expressões para descrever a angústia desse tempo que se escoia, sem que as horas marquem os períodos. Vejo apenas um tênue raio de esperança, e esta esperança foi você quem me deu, portanto, não me abandone.

## 4

### COMENTÁRIO DO ESPÍRITO SÃO LUÍS:

Este quadro é totalmente verdadeiro e não exagera em nada. Talvez possamos perguntar o que esta mulher fez para ser tão miserável assim. Cometeu algum crime horrível? Roubou? Assassinou? Não; ela nada fez que pudesse afrontar a justiça dos homens. Ao contrário, ela se divertia com aquilo que vocês chamam de felicidade terrena, ou seja, beleza, fortuna, prazeres, adulações, tudo lhe era fácil, nada lhe faltava, a ponto de dizerem aqueles que a viam: Que mulher feliz! E lhe invejavam a sorte.

Mas, então, o que foi que ela fez? Foi egoísta, tinha tudo, menos um bom coração. Não violou a Lei dos homens, mas violou a Lei de Deus, uma vez que esqueceu a primeira das virtudes: A caridade. Amou apenas a si mesma, e agora não é amada por ninguém. Não deu nada para os outros, de modo que agora também nada recebe. Está isolada, abandonada, perdida no Espaço, onde ninguém pensa nela, onde ninguém se preocupa com ela. Este é o seu suplício.

Como procurou apenas os prazeres mundanos, que hoje não existem mais, sua vida vive mergulhada no vazio. Como vê apenas o “nada”, este lhe parece eterno. Ela não sofre torturas físicas, pois os demônios não vêm

atormentá-la, o que, aliás, é desnecessário, uma vez que ela própria se atormenta.

Isto faz com que ela sofra ainda mais, pois, se os demônios a atormentassem, ao menos estariam pensando nela. O egoísmo foi a sua alegria na Terra e ainda a persegue. É o verme que lhe corrói o coração, e este é o seu verdadeiro demônio.

**São Luís**

## 5

### **CLAIRE:**

Falarei a vocês sobre a importante diferença que existe entre a moral divina e a moral humana.

**A MORAL DIVINA** – Assiste a mulher adúltera em seu abandono e diz aos pecadores: “Arrependam-se e o reino dos Céus lhes será aberto”. A moral divina, enfim, aceita todos os arrependimentos e todos os erros reconhecidos.

**A MORAL HUMANA** – Rejeita cinicamente os erros reconhecidos, mas admite sorrindo os pecados ocultos, e ainda diz que eles são, em parte, perdoados.

Para a “moral divina” cabe a graça do perdão, enquanto para a “moral humana” cabe a hipocrisia.

Escolham, Espíritos ávidos pela verdade! Escolham entre “os Céus abertos ao arrependimento” e a “tolerância” que admite o mal, desde que esse mal não perturbe o seu egoísmo e os seus preconceitos, mas que repele os soluços e os lamentos dos erros reconhecidos aos olhos de todos.

Arrependam-se, todos vocês que pecam; renunciem ao mal e principalmente à hipocrisia, que esconde as ações vergonhosas. Não esqueçam que a hipocrisia é uma máscara risonha e mentirosa, sempre conveniente a

todos que dela precisam.

6 – Agora estou mais calma e resignada por ter que expiar as minhas faltas. O mal não está fora de mim, ele reside em mim. Portanto, sou eu quem deve mudar e não as coisas exteriores. Trazemos conosco o nosso Céu e o nosso inferno. As nossas faltas, que ficam gravadas na consciência, são lidas corretamente no dia da ressurreição. Somos, então, os nossos próprios juízes, uma vez que o estado da nossa alma nos abate ou nos eleva.

Eu explico melhor: Um Espírito impuro e sobrecarregado de culpas, por causa de suas faltas, não pode desejar um lugar elevado no qual não possa permanecer.

Acreditem: Assim como os seres das diferentes espécies vivem cada um no lugar que lhes é próprio, assim também os Espíritos, segundo o grau do seu adiantamento, vivem no meio compatível com as suas faculdades.

Eles só têm a permissão para viver num lugar melhor quando o progresso, que é o único elemento de transformação das almas, lhes retira as baixas tendências, despojando-os do pecado. Ao sentir que podem voar, atiram-se, rápidos como flechas, para o único fim almejado – Deus!

Infelizmente, ainda rastejo, mas não odeio mais, e já consigo perceber a indescritível felicidade do amor divino. Então, orem sempre por mim, que espero e aguardo.

***Nota de Allan Kardec:** Na comunicação seguinte, Claire fala sobre o seu marido, que muito a atormentou na Terra, e da posição em que ele se encontra hoje no mundo dos Espíritos. Esse quadro, que ela não pôde completar por si mesma, foi concluído pelo guia espiritual do médium.*

7 – Venho procurar você (referindo-se ao médium), que por tanto tempo me deixa no esquecimento. Mas adquirir a paciência e não mais me desespero. Você quer saber a situação do pobre Félix? Ele vaga nas trevas, vítima da

profunda penúria de sua alma. Seu ser superficial e leviano, dominado pelo sensualismo, nunca soube o que eram o amor e a amizade. Nem mesmo a paixão esclareceu os seus conhecimentos sombrios.

O seu atual estado é comparável ao de uma criança inapta para a vida e sem o amparo dos que cuidam dela. Félix vaga aterrorizado nesse mundo estranho, onde em tudo sobressai o brilho desse Deus, que ele negou...

### INSTRUÇÕES DO GUIA DO MÉDIUM:

Vou falar por Claire, uma vez que ela não pode continuar a análise dos sofrimentos do marido, *sem também compartilhá-los*:

Félix era superficial, tanto nas ideias quanto nos sentimentos; por ser fraco, era violento; por ser fútil, era devasso. Entrou no mundo dos Espíritos completamente nu, tanto física quanto moralmente. *Ao reencarnar nada adquiriu e, por isso, precisa recomeçar toda a obra.*

Igual a um homem que desperta de um sonho prolongado e que reconhece como foi inútil a agitação de seus nervos, este pobre ser, saindo da perturbação, reconhecerá que viveu de ilusões que lhe desvirtuaram a existência. Então, amaldiçoará o *materialismo*, que fez com que ele trocasse o vazio pela realidade; amaldiçoará o *positivismo*, que fez com que ele acreditasse que as ideias sobre a vida futura fossem fantasias e chamava de loucos aqueles que nela acreditavam. Assim como chamava de fracos aqueles que acreditavam em Deus.

O infeliz, ao despertar, verá que esses nomes que ele ridicularizou eram a fórmula da verdade, e que, ao contrário da **fábula**, a caça da presa foi menos proveitosa do que a da sombra.

**Georges**

*Observação*

### **Fábula de Esopo: O cachorro e a sua sombra**

Um cachorro, que carregava na boca um pedaço de carne, ao cruzar uma ponte sobre um riacho, viu a sua imagem refletida na água. Imaginando tratar-se de um outro cachorro, com um pedaço de carne maior do que o seu, atirou-se ferozmente sobre o animal refletido na água para tomar-lhe o pedaço que ele julgava ser maior. Agindo assim, ele perdeu a ambos: o pedaço de carne refletido e o verdadeiro, que lhe caiu da boca e foi sugado pela correnteza.

## **ESTUDO SOBRE AS COMUNICAÇÕES DE CLAIRE:**

Estas comunicações são instrutivas porque nos mostram um dos lados mais comuns da vida: o do egoísmo. Elas não falam sobre esses grandes crimes que assustam até mesmo os homens mais perversos, mas é o que acontece com uma multidão de pessoas que vivem no mundo, honradas e veneradas, apenas porque possuem um certo verniz e, por isso, não são punidas por transgredirem as leis sociais.

Essas pessoas também não vão encontrar castigos excepcionais no mundo dos Espíritos, mas uma situação simples, natural, que é a consequência da sua maneira de viver e do estado em que se encontra a sua alma. O isolamento, o abandono, o desamparo, eis a punição para aquele que viveu somente para si mesmo.

Como vimos, Claire era um Espírito muito inteligente, mas tinha um coração árido. Na Terra, sua posição social, sua fortuna, seus dotes físicos, atraíam-lhe homenagens que lisonjeavam a sua vaidade, e isso lhe bastava. No mundo espiritual, onde está atualmente, ela só encontra indiferença e vazio em torno de si. Esta punição é mais aflitiva do que a dor, porque ela é humilhante, e só inspira piedade e compaixão: mas é também um meio de obrigá-la a despertar o interesse, a atenção de outros pelo seu destino.

A sexta mensagem traz uma ideia perfeitamente verdadeira, ao explicar a obstinação de certos Espíritos na prática do mal. Causa admiração ver como alguns Espíritos são insensíveis à felicidade que desfrutam os bons Espíritos. Podemos dizer que esses Espíritos insensíveis estão na mesma posição dos



homens degradados que se comprazem na depravação e nas práticas grosseiras e sensuais.

Esses homens estão, por assim dizer, no seu ambiente; não concebem os prazeres delicados e preferem roupas sujas ao invés de vestes limpas e brilhantes, porque desse modo eles sentem-se mais à vontade. Preferem suas orgias aos prazeres da boa companhia. Esses Espíritos estão de tal forma identificados com esse tipo de vida, que isso se torna para eles uma segunda natureza. Julgam-se mesmo incapazes de se elevar acima da esfera que lhes é própria.

Por isso, eles permanecem assim, até que uma transformação radical do seu ser lhes abra a inteligência e lhes desenvolva o senso moral, tornando-os acessíveis a sensações mais sutis.

Os Espíritos que assim procedem não podem, quando desencarnados, de uma hora para outra adquirir a delicadeza dos sentimentos e, durante um tempo mais ou menos longo, ocuparão as camadas inferiores do mundo espiritual, tal como ocuparam na Terra, quando estavam encarnados.

Permanecerão assim enquanto se mostrarem rebeldes ao progresso. Entretanto, com o tempo, com a experiência, com as dificuldades e as misérias das sucessivas encarnações, chegará o momento de conceberem algo melhor do que até então possuíam. Suas aspirações se elevam, eles começam a compreender o que lhes falta e se esforçam por regenerar-se.

Uma vez no bom caminho, a marcha é rápida, porque experimentam uma satisfação que lhes parece bem superior, em comparação com as outras, que eram apenas sensações grosseiras, e que hoje lhes causam repugnância.

### **PERGUNTA AO ESPÍRITO SÃO LUÍS:**

**O que devemos entender por trevas em que se acham mergulhadas certas almas sofredoras? Serão as mesmas trevas tantas vezes referidas nas**

## **Escrituras?**

– Sim, são as trevas indicadas por Jesus e pelos profetas, quando se referiam ao castigo dos maus.

Mas isso não passava de alegoria destinada a tocar os sentidos materiais dos seus contemporâneos, que jamais poderiam compreender uma punição espiritual. Alguns Espíritos estão imersos em trevas, devendo-se entender por isso como sendo uma verdadeira noite da alma. Essa imersão nas trevas pode ser comparada à obscuridade que atinge a inteligência do deficiente mental.

Não é uma loucura da alma, mas uma inconsciência de si mesma e daquilo que a rodeia. Essa inconsciência acontece na presença ou na ausência da luz material. É, principalmente, uma punição para aqueles que duvidaram do destino que teriam como Espíritos.

Uma vez que acreditaram no “nada”, as aparências desse “nada” vêm a ser o seu suplício, até que a alma, caindo em si mesma, quebra com energia a rede do enervamento moral que a prendia. Essa quebra assemelha-se a um homem oprimido por um sonho horrível que, em determinado momento, luta com todas as suas forças contra o terror pelo qual se deixou dominar no início do sonho.

A redução momentânea da alma a um “nada fictício”, sem perder a consciência de sua existência, é um sofrimento muito mais cruel do que se pode imaginar, e isso se deve ao aparente repouso que ela sente. É justamente esse repouso forçado, essa inutilidade do seu ser, essa incerteza que a domina, que fazem o seu verdadeiro suplício.

O aborrecimento que invade a sua alma é o mais terrível dos castigos, visto que ela não percebe nada à sua volta, nem coisas, nem seres. Isso tudo é, para a alma, o que se pode chamar de as verdadeiras trevas.

**São Luís**

**CLAIRE:**

Eis-me aqui. Também posso responder à pergunta sobre as trevas, porque vaguei e sofri muito tempo nesses limbos onde tudo são soluços e misérias. Sim, existem as trevas visíveis de que falam as Escrituras. Muitos infelizes que deixam a vida, depois das suas provas terrenas, ignorantes ou culpados, mergulham nessa região fria, inconscientes de si mesmos e do seu destino.

Pelo fato de acreditarem na eternidade da sua situação, eles utilizam ainda a mesma linguagem da vida que os seduziu. Ficam admirados e espantados com a grande solidão que os envolve. São trevas, portanto, esses lugares vazios e povoados ao mesmo tempo; espaços onde vagam Espíritos obscuros, que se lastimam sem consolo, sem afeições, sem socorro de espécie alguma.

A quem eles se dirigem, ao sentir a eternidade que lhes esmaga? Tremem e lamentam os interesses mesquinhos que preenchem as suas horas. Sentem saudade da noite, que como um sonho feliz fazia com que eles esquecessem as suas preocupações. Para o Espírito, as trevas são a ignorância, o vazio, o horror que sentem do desconhecido... Não posso continuar...

**Claire**

### **Sobre esta obscuridade, obtivemos ainda a seguinte explicação:**

Por sua natureza, o perispírito possui uma propriedade luminosa que se desenvolve sob a influência da atividade e das qualidades da alma. Poderíamos dizer que essas qualidades estão para o fluido perispiritual, assim como a fricção está para o fósforo. A intensidade da luz é diretamente proporcional à pureza do Espírito, de modo que as menores imperfeições morais atenuam e enfraquecem o brilho dessa luz.

A luz irradiada por um Espírito será tanto mais viva quanto maior for o seu adiantamento. Sendo o Espírito, de algum modo, o seu próprio farol, ele enxergará mais ou menos, segundo a intensidade da luz que ele produz. Assim, os Espíritos que não a produzem encontram-se na obscuridade.

Essa teoria, além de ser confirmada pela observação, é perfeitamente exata quando se trata da irradiação de fluidos luminosos pelos Espíritos superiores.

Entretanto, esta não parece ser a verdadeira causa, ou, pelo menos, a única causa do fenômeno da obscuridade. Primeiro, porque nem todos os Espíritos inferiores estão nas trevas; segundo, porque um mesmo Espírito pode se encontrar alternadamente na luz e na obscuridade; e terceiro, porque a luz também é um castigo para os Espíritos muito imperfeitos.

Se a obscuridade em que estão imersos alguns Espíritos fosse inseparável das suas personalidades, essa obscuridade seria *permanente e geral* para todos os Espíritos maus, o que, aliás, não acontece. Muitas vezes, os Espíritos da mais requintada perversidade veem perfeitamente, enquanto outros, que não podem ser qualificados de perversos, vivem, temporariamente, em trevas profundas.

Portanto, tudo indica que, além da luz que lhes é própria, os Espíritos recebem uma luz exterior que lhes falta, dependendo das circunstâncias. Conclusão: A obscuridade depende de uma causa ou de uma vontade alheia, e pode constituir uma punição especial para determinados casos, segundo a Soberana Justiça.

### **PERGUNTA AO ESPÍRITO SÃO LUÍS:**

**Por que é mais fácil de conseguir a educação moral de Espíritos desencarnados do que de Espíritos encarnados? As relações que o Espiritismo estabelece entre os homens e os Espíritos permitem observar que os Espíritos se corrigem mais rapidamente sob a influência dos conselhos salutareis do que os encarnados, como se observa na cura das obsessões.**

### **SOCIEDADE ESPÍRITA DE PARIS:**

O encarnado, em virtude da sua própria natureza, encontra-se num estado de luta constante, por causa dos elementos contrários que o compõem

(corpo físico e corpo espiritual) e que devem conduzi-lo ao destino que a Providência lhe traçou. Esses elementos contrários estão sempre reagindo um sobre o outro.

A matéria (corpo físico) é facilmente dominada por um fluido exterior, ou melhor, por Espíritos que estão sempre tentando intuí-la. Se a alma, com todo o poder moral que possui, não reagir, se deixará dominar por intermédio do seu corpo, seguindo o impulso dessas influências perversas que a rodeiam. Os Espíritos invisíveis facilmente subjagam a alma e procuram atacar de preferência os pontos mais vulneráveis e as tendências que ela possui para as paixões que a dominam e a escravizam.

Com o Espírito desencarnado tudo se passa de modo diferente. Mesmo ele ainda sofrendo uma influência semimaterial, não é possível comparar o seu estado com o do Espírito encarnado. O respeito humano, tão preponderante no homem, não existe para o Espírito desencarnado, e apenas este pensamento já é suficiente para levá-lo a não resistir por muito tempo às razões que o seu próprio interesse lhe aponta como boas.

Ele pode lutar, e geralmente o faz com mais força do que o encarnado, porque é mais livre. Nenhum interesse material, nem de posição social, se antepõe ao seu raciocínio. Ele luta por gostar de praticar o mal, mas adquire logo a convicção da sua impotência, em face da superioridade moral que o domina.

A perspectiva de um futuro melhor lhe é mais acessível, porque ele tem consciência de que está na mesma vida (a vida espiritual) em que esse futuro deve se completar; além disso, essa expectativa não é atrapalhada pelo turbilhão que os prazeres humanos causam. Resumindo: A independência da carne é que torna a conversão mais fácil, principalmente quando o Espírito já adquiriu um certo grau de desenvolvimento pelas provações que cumpriu.

Um Espírito muito primitivo seria pouco acessível ao raciocínio, o que não acontece com aquele que já tem a experiência da vida. Por outro lado, tanto no encarnado quanto no desencarnado, é sobre a alma, é sobre o

sentimento que se deve agir.

Toda ação material pode interromper momentaneamente os sofrimentos do homem vicioso, mas é incapaz de destruir o princípio mórbido que reside na sua alma. *Todo e qualquer ato que não visa o aperfeiçoamento da alma não poderá desviá-la do mal.*

**São Luís**

# CAPÍTULO 5

## SUICIDAS

- O SUICIDA DA SAMARITANA
- O PAI E O FILHO QUE FOI RECRUTADO PELO EXÉRCITO
  - FRANÇOIS-SIMON LOUVET • MÁE E FILHO
  - DUPLO SUICÍDIO, POR AMOR E POR DEVER
- LUÍS E A COSTUREIRA DE BOTINAS • UM ATEU
  - FÉLICIE • ANTOINE BELL

### O SUICIDA DA SAMARITANA

---

No dia 7 de abril de 1858, por volta das sete horas da noite, um homem com cerca de 50 anos e muito bem trajado apresentou-se no estabelecimento da Samaritana, em Paris, e pediu que lhe preparassem um banho. Decorridas cerca de duas horas, o empregado de serviço, admirado pelo silêncio do freguês, resolveu entrar no seu cômodo, a fim de verificar o que estava acontecendo.

Deparou-se, então, com um quadro horrível: O infeliz tinha cortado a garganta com uma navalha e todo o seu sangue estava misturado com a água da banheira. Como não conseguiram apurar a identidade do suicida, o seu cadáver foi encaminhado para o necrotério.

**O Espírito desse homem foi evocado na Sociedade Espírita de Paris, seis dias depois da sua morte, e deu as seguintes respostas:**

**EVOCAÇÃO:**

### **1 – RESPOSTA DO GUIA DO MÉDIUM:**

Aguarda, ele está aqui.

### **2 – Onde o senhor está agora?**

– Não sei, digam-me onde estou.

### **3 – O senhor está numa reunião de pessoas que estudam o Espiritismo e que são boas para consigo.**

– Digam-me se eu estou vivo... Este caixão me sufoca.

*Nota de Allan Kardec: Sua alma, embora separada do corpo, encontra-se ainda completamente imersa no que se poderia chamar de o turbilhão da matéria corpórea; as sensações terrenas estão ainda muito vivas, a ponto de ele acreditar que está encarnado.*

### **4 – Quem o trouxe aqui?**

– Estou me sentindo aliviado.

### **5 – Qual o motivo que o levou a cometer o suicídio?**

– Estou morto? Eu? Não... Pois ainda estou no meu corpo... Vocês não sabem como eu sofro!... Sufoco-me... Ah! Que bom se alguém compadecido me aniquilasse de vez!

### **6 – Por que o senhor não deixou nenhuma pista para que pudessem reconhecê-lo?**

– Estou abandonado; *fugi do sofrimento para me entregar à tortura.*

### **7 – O senhor tem ainda os mesmos motivos para continuar desconhecido?**

– Sim; não coloquem um ferro em brasa na ferida que sangra.



**8 – O senhor não gostaria de nos dizer o seu nome, sua idade, profissão, seu endereço?**

– Não... Definitivamente, não.

**9 – O senhor tinha família, mulher, filhos?**

– Eu estava abandonado, ninguém me amava.

**10 – E o que o senhor fez para não ser amado por ninguém?**

– Quantos existem assim como eu! Um homem pode viver abandonado, mesmo estando no seio da família, quando ninguém o ama.

**11 – O senhor teve alguma hesitação no momento de cometer o suicídio?**

– Não, eu ansiava pela morte... Esperava repousar.

**12 – A ideia do futuro não fez com que o senhor desistisse do seu intento?**

– Eu já não acreditava em mais nada, estava desiludido. O futuro é a esperança.

**13 – Em que o senhor pensou quando sentiu que a sua vida iria se extinguir?**

– Eu não pensei, eu senti... Mas a minha vida não se extinguiu... A minha alma está ligada ao meu corpo... *Eu sinto os vermes me corroendo.*

**14 – O que o senhor sentiu no momento exato da morte, quando ela se completou?**

– Ela se completou?

**15 – O senhor sentiu dor no momento em que a vida se extinguiu?**

– Senti menos dor do que depois. Só o corpo sofreu.

## **PERGUNTAS AO ESPÍRITO SÃO LUÍS:**

**16 – O que significa o Espírito afirmar que no momento da morte sentiu menos dor do que depois?**

– O Espírito descarregou o fardo que o oprimia; o que ele tinha medo era da intensidade da dor.

**17 – Esse estado, de o Espírito ficar ligado ao corpo, é sempre uma consequência do suicídio?**

– Sim, o Espírito do suicida fica ligado ao corpo pelo período em que ele ainda teria que viver na Terra. A morte natural é a libertação para a verdadeira vida: o suicídio não permite que o Espírito se liberte do corpo, ou melhor, a libertação não se completa.

**18 – Ocorre a mesma coisa nas mortes por acidentes, embora involuntárias, mas que abreviam a existência?**

– Não. O que vocês entendem por suicídio? O Espírito só responde por seus atos.

*Nota de Allan Kardec: Esta dúvida sobre a morte é muito comum entre as pessoas recentemente desencarnadas, principalmente entre aquelas que, durante a vida, não elevaram a sua alma acima da matéria. É um fenômeno que parece estranho à primeira vista, mas que pode ser explicado naturalmente.*

*Se perguntarmos a um indivíduo que entra em estado sonambúlico, se ele dorme, ele responderá quase sempre que não, e essa resposta é lógica. É o interrogador que faz a pergunta mal feita, servindo-se de uma palavra imprópria. A ideia de sono, em nossa linguagem comum, está ligada à suspensão de todas as*

*faculdades sensitivas. Ora, o sonâmbulo que pensa, que vê, que tem consciência da sua liberdade, não acredita que está dormindo. De fato, ele não dorme, no sentido comum da palavra. Esta é a razão por que ele responde não, até que esteja familiarizado com o fenômeno do sonambulismo (desdobramento).*

*O mesmo acontece com o homem que acaba de desencarnar. Para ele, a morte é a aniquilação do ser e, assim como o sonâmbulo, ele vê, sente, fala, logo, não se considera morto. O Espírito do recém desencarnado afirma isto até que adquira a consciência do seu novo estado. Esta ilusão é sempre mais ou menos dolorosa, uma vez que ela nunca é completa e dá ao Espírito uma certa ansiedade.*

*No exemplo acima, essa ilusão se constitui num verdadeiro suplício, pela sensação dos vermes que lhe corroem o corpo, sem falarmos da sua duração, que deverá ser equivalente ao tempo de vida que foi abreviado. Este estado é frequente entre os suicidas, mas ele nem sempre se apresenta em condições idênticas para todos. Varia, sobretudo, quanto à duração e principalmente quanto à intensidade, conforme as circunstâncias que atenuam ou agravam a falta cometida.*

*A sensação dos vermes e da decomposição do corpo não é exclusiva dos suicidas. Ela também é frequente naqueles que viveram mais a vida material do que a vida espiritual. Em princípio, não existe falta que não seja punida, mas também não existe uma regra uniforme e absoluta para todos os meios de punição.*

## **O PAI E O FILHO QUE FOI RECRUTADO PELO EXÉRCITO**

---

No começo da guerra da Itália, em 1859, um negociante de Paris, pai de família, muito estimado por seus vizinhos, tinha um filho que foi chamado a se alistar no serviço militar. O pai, pela posição que ocupava, estava impossibilitado de retirar o filho do alistamento. Então, teve a ideia de suicidar-se para isentá-lo do exército. Fez isso porque, ao morrer, seu filho seria filho único de mãe viúva.

Um ano mais tarde, o pai foi evocado na Sociedade Espírita de Paris, a

pedido de uma pessoa que o conheceu e que desejava saber qual tinha sido o seu destino no mundo dos Espíritos.

## **PERGUNTA AO ESPÍRITO SÃO LUÍS:**

**O senhor poderia nos dizer se é possível evocar o Espírito do homem sobre o qual acabamos de falar?**

– Sim, e ele ficará muito satisfeito porque vai se sentir mais aliviado.

### **1 – EVOCAÇÃO:**

– Oh! Obrigado! Sofro muito, mas é justo. Acredito, contudo, que Ele me perdoará.

O Espírito escreve com grande dificuldade; as letras são irregulares e mal formadas. Depois da palavra *mas*, ele para e, procurando em vão escrever, apenas consegue fazer alguns pontos e traços indecifráveis. É evidente que foi a palavra *Deus* que ele não conseguiu escrever.

**2 – O senhor poderia preencher a lacuna com a palavra que deixou de escrever?**

– Sou indigno de escrevê-la.

**3 – O senhor disse que sofre. Sem dúvida, errou ao cometer o suicídio, mas será que o motivo que o levou a este ato não mereceu nenhuma indulgência?**

– A punição será menos longa, mas nem por isso a ação deixa de ser má.

### **4 – O senhor poderia nos descrever a punição que está sofrendo?**

– Sofro duplamente, na alma e no corpo. Sofro no corpo, embora não o possua mais, assim como o amputado sofre a falta do membro ausente.

**5 – O seu suicídio teve como única causa isentar o seu filho do exército ou existiram outras razões?**

– Fui completamente guiado pelo amor paterno, mas ele me guiou mal. Por causa disso, a minha pena será abreviada.

**6 – O senhor sabe quando os seus sofrimentos vão terminar?**

– Não sei quando vão terminar, mas tenho a certeza de que este fim existe, o que já é um grande alívio para mim.

**7 – Há pouco o senhor não conseguiu escrever a palavra Deus; entretanto, temos visto Espíritos sofredores escreverem. Isto faz parte da sua punição?**

– Eu poderia escrever, com grandes esforços de arrependimento.

**8 – Pois bem, então faça um esforço e escreva. Temos a certeza de que, se o senhor conseguir, isso vai aliviá-lo.**

– O Espírito traçou esta frase com letras grossas irregulares e trêmulas: “Deus é muito bom”.

**9 – Ficamos felizes pela sua boa vontade em comparecer à nossa evocação, e vamos pedir a Deus para que Ele estenda sobre o senhor a Sua misericórdia.**

– Sim, por favor.

**PERGUNTA AO ESPÍRITO SÃO LUÍS:**

**10 – O senhor poderia nos dar a sua opinião sobre o ato cometido pelo Espírito que acabamos de evocar?**

– Este Espírito sofre justamente, pois lhe faltou a confiança em Deus,

falta que é sempre passível de punição. A punição seria terrível e muito mais longa, se ele não tivesse a seu favor o motivo louvável de evitar que o filho se expusesse à morte na guerra. Deus, que é justo e vê o fundo dos corações, somente o puniu de acordo com as suas obras.

*Nota de Allan Kardec: À primeira vista, como um ato de devotamento, este suicídio parece desculpável. Efetivamente assim é, mas não de modo absoluto. Como disse o Espírito São Luís, faltou a esse homem confiança em Deus. A sua ação talvez tenha impedido que se cumprisse o destino do filho. Além disso, o pai não tinha a certeza de que o filho sucumbiria na guerra, e a carreira militar talvez oferecesse ao rapaz uma oportunidade para que ele progredisse.*

*A sua intenção, sem dúvida, era boa, e isso lhe será levado em conta. A intenção atenua o mal e a punição merece ser abrandada, mas o mal é sempre o mal. Se assim não fosse, poderíamos, com base nesse raciocínio, desculpar todos os crimes e até matar com a desculpa de estar fazendo o bem.*

*A mãe que mata o filho, com a certeza de que vai enviá-lo direto para o Céu, seria menos culpada por fazer isso com boa intenção? Com um sistema assim, todos os crimes cometidos pelo fanatismo das guerras religiosas estariam justificados.*

*Em princípio, o homem não tem o direito de dispor da vida, porque esta lhe foi dada para que ele cumpra a sua tarefa na Terra. Por isso, não pode abreviá-la voluntariamente, sob pretexto algum. Mas, como o homem dispõe do livre-arbítrio, ninguém pode impedi-lo de cometer o suicídio, embora, se o fizer, terá que arcar com todas as consequências.*

*O suicídio mais severamente punido é aquele que resulta do desespero, e que tem como objetivo livrar o homem das misérias da vida. Essas misérias são ao mesmo tempo as provas e as expiações. Fugir delas é recuar ante a tarefa que tinha aceitado e, às vezes, ante a missão que deveria cumprir. O suicídio não consiste apenas no ato voluntário que produz a morte instantânea, mas também em todo ato que se pratica, de forma consciente, e que apressa a extinção das forças vitais.*

*Não se pode chamar de suicida aquele que devotadamente se expõe a uma morte*

*iminente para salvar o seu semelhante. Primeiro, porque não existe nenhuma intenção premeditada de se tirar a vida e, segundo, porque não existe perigo do qual a Providência não possa nos livrar se o momento de deixar a Terra ainda não chegou.*

*A morte em tais circunstâncias é um sacrifício que tem o seu mérito; ela é antes um ato de abnegação em favor do semelhante. (Ver O Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo 5, itens 23, 25, 26 e 27.)*

## FRANÇOIS-SIMON LOUVET

---

**A seguinte comunicação foi dada espontaneamente, numa reunião espírita na cidade de Havre, no dia 12 de fevereiro de 1863.**

Será que vocês terão piedade de um pobre miserável que sofre há muito tempo torturas cruéis? Oh! O vazio... O Espaço... Eu caio, caio... Socorro!... Meu Deus, eu tive uma vida tão miserável!... Era um pobre coitado; sofri muita fome na velhice! Foi por isso que me habituei a beber, a ter vergonha e desgosto de tudo...

Quis morrer e atirei-me... Oh! Meu Deus! Que momento! Por que quis acabar com tudo, quando o fim da vida estava tão próximo? Rezem, para que eu não veja mais este *vazio debaixo de mim*... Vou me despedaçar de encontro a essas pedras!... Suplico a você (referindo-se ao médium), que conhece as misérias daqueles que não pertencem mais a este mundo.

Você não me conhece, mas eu sofro tanto... Para que mais provas? Sofro! Será que isso já não é o bastante? Se eu tivesse fome, em vez desse sofrimento terrível, mas que é imperceptível para você, sei que não hesitaria em me dar um pedaço de pão. Por isso, peço-lhe que ore por mim... Não posso permanecer por mais tempo nesse estado... Pergunte a qualquer um desses felizes que aqui estão e você vai saber quem eu fui. Ora por mim.

**François-Simon Louvet**

## INSTRUÇÕES DO GUIA DO MÉDIUM:

Este, que acaba de se dirigir a você, meu filho, foi um pobre infeliz que teve na Terra a prova da miséria. Vencido pelo desgosto, faltou-lhe a coragem e, em vez de olhar para o Céu, como era de se esperar, entregou-se à embriaguez; desceu aos últimos limites do desespero, colocando um fim à sua triste provação.

Atirou-se da Torre Francisco I, no dia 22 de julho de 1857. Tenha piedade da sua pobre alma, que não é adiantada, mas que tem conhecimento suficiente da vida futura para sofrer e desejar uma nova prova. Roga a Deus para que Ele lhe conceda esta graça e você terá feito uma boa ação.

**Buscando informações a respeito do assunto, encontramos no Journal du Havre, do dia 23 de julho de 1857, a seguinte notícia local:**

“Ontem, às 4 horas da tarde, as pessoas que passavam pelo cais ficaram dolorosamente impressionadas com um terrível acidente: Um homem se atirou da Torre, arrebatando-se contra as pedras. Ele era um velho trabalhador, que rebocava barcos, cuja tendência à embriaguez o levou ao suicídio. O seu nome é François-Victor-Simon Louvet. O corpo foi transportado para a casa de uma de suas filhas. Ele tinha 67 anos.”

*Nota de Allan Kardec: Já faz seis anos que esse homem morreu e ele ainda se vê caindo da Torre e arrebatando-se contra as pedras. Apavora-se com o vazio que tem diante de si e com a perspectiva da queda... E isso há seis anos! Quanto tempo ainda vai durar esse estado? Ele não sabe e essa incerteza lhe aumenta a angústia. Será que isso não equivale ao inferno e suas chamas?*

*Quem revelou tais castigos? Eles foram inventados? Não, pois são as próprias vítimas que vêm descrevê-los, assim como outros vêm falar de suas alegrias. Muitas vezes, eles se apresentam espontaneamente, sem que ninguém tivesse pensando neles,*



*o que exclui a hipótese de sermos joguete da própria imaginação.*

## **MÃE E FILHO**

---

Em março de 1865, o Sr. C..., negociante que morava em uma pequena cidade nos arredores de Paris, tinha em sua casa, gravemente enfermo, o filho mais velho, que contava com 21 anos de idade. Esse jovem, sentindo que ia morrer, chamou a sua mãe e ainda teve forças para abraçá-la. A mãe, chorando muito, disse: Vá, meu filho, vá antes de mim, que eu não demorarei a segui-lo. Dito isso, retirou-se escondendo o rosto entre as mãos.

As pessoas presentes a essa cena desoladora consideraram as palavras da senhora C... como uma simples explosão de dor, que o tempo e a razão se encarregariam de acalmar. Após o desencarne do jovem, procuraram a mãe por toda a casa e foram encontrá-la enforcada no celeiro. O enterro da mãe foi realizado junto com o do filho.

### **EVOCAÇÃO DO FILHO, VÁRIOS DIAS DEPOIS DA MORTE:**

**Você tem conhecimento da morte de sua mãe, que se suicidou, em consequência do desespero que a sua partida lhe causou?**

– Sim, e se não fosse a tristeza que a decisão dela me causou, eu estaria completamente feliz. Pobre, excelente mãe! Não pôde suportar a prova dessa separação momentânea e tomou, para se juntar ao filho, o caminho que mais deverá afastá-la de mim. E por quanto tempo!?

Assim, ela retardou indefinidamente esse encontro que teria acontecido logo, se a sua alma tivesse sido submissa à vontade do Senhor, se tivesse sido resignada, humilde, diante da prova que deveria sofrer e cuja expiação iria purificá-la. Orem, orem por ela!... E, sobretudo, não a imitem, mães que estão

comovidas com a narrativa da sua morte. Não acreditem que ela amava, mais do que as outras mães, a esse filho que era a sua alegria e o seu orgulho. Não, ela não amava mais do que as outras mães, mas lhe faltaram a coragem e a resignação.

Mães que me escutam, quando a agonia turvar o olhar de seus filhos, lembrem-se de que, como o Cristo, eles sobem ao topo do Calvário, de onde devem se elevar para a glória eterna.

**Benjamin C...**

### **EVOCAÇÃO DA MÃE:**

Quero ver meu filho! Vocês têm o poder de me devolvê-lo?... Cruéis... Eles tomaram o meu filho para levá-lo para luz e me deixaram nas trevas!... Quero meu filho, quero meu filho, ele me pertence!...

Então, o amor de mãe não significa nada? Como não! Tê-lo carregado no ventre durante nove meses; tê-lo amamentado; nutrido a sua carne; o seu sangue; guiado os seus primeiros passos; ensinado a balbuciar o sagrado nome de Deus e o doce nome de mãe; ter feito dele um homem cheio de atividade, de inteligência, de honestidade, de amor filial, para perdê-lo quando realizava as esperanças que depositei nele, quando um futuro brilhante o aguardava!

Não! Deus não é justo. Não é este o Deus das mães, pois Ele não compreende a dor e o desespero por que passa uma mãe... Justo agora que eu me suicidei para não me separar do meu filho, eis que me roubam ele de novo! Meu filho! Meu filho, onde você está?

### **EVOCADOR:**

Pobre mãe, compartilhamos da sua dor. Entretanto, a senhora buscou um

triste recurso para se encontrar com o seu filho. O suicídio é um crime aos olhos de Deus, e a senhora deveria ter pensado que Ele pune toda e qualquer infração a Suas Leis. Não poder ver o seu filho é a sua punição.

**MÃE:**

Não; eu julgava Deus melhor do que os homens; não acreditava em Seu inferno, mas na reunião eterna das almas que se amaram na Terra, assim como eu e o meu filho... Enganei-me... Deus não é justo nem bom, porque não compreendeu o tamanho da minha dor, nem do meu amor!... Oh! Quem devolverá o meu filho? Eu o perdi para sempre? Piedade! Piedade, meu Deus!

**EVOCADOR:**

Vamos, acalme o seu desespero. Considere que, se existe um meio de rever o seu filho, não é blasfemando contra Deus, como a senhora vem fazendo. Com isso, em vez de atrair a Sua misericórdia, a senhora faz jus a uma severidade ainda maior contra a sua pessoa.

**MÃE:**

Disseram-me que eu não iria mais ver o meu filho. Compreendi então que o haviam levado para o paraíso. E eu, estarei por acaso no inferno?... No inferno das mães?... Ele existe, eu o vejo constantemente.

**EVOCADOR:**

O seu filho não está perdido para sempre, acredite. Por certo, a senhora tornará a vê-lo, mas é necessário merecer essa graça pela submissão à vontade de Deus, ao passo que, com a sua revolta, a senhora pode retardar indefinidamente esse momento.

Ouçá-me: Deus é infinitamente bom, mas também é infinitamente justo. Portanto, ninguém é punido sem motivo e, se na Terra Ele lhe impôs grandes dores, foi porque a senhora as merecia. A morte do seu filho era uma prova para a sua resignação; infelizmente, a senhora não a suportou enquanto estava encarnada, e agora, desencarnada, não a suporta de novo. Como pretende que Deus recompense Seus filhos rebeldes?

Porém, Ele não é insensível e acolhe sempre o arrependimento do culpado. Se a senhora tivesse aceitado a prova com humildade; se tivesse esperado com paciência o momento de retornar ao mundo dos Espíritos, onde você se encontra agora, teria avistado o seu filho assim que desencarnasse, e ele a receberia de braços abertos, alegre e radiante, depois desse tempo de ausência.

Mas o que a senhora fez, e ainda faz neste momento, coloca uma barreira entre vocês. Não acredite que ele esteja perdido nas profundezas do Espaço; não, ele está mais próximo do que a senhora imagina, mas um véu impenetrável o esconde da sua vista. Seu filho a vê e a ama sempre, mas lamenta a triste decisão que a mãe tomou, pela falta de confiança em Deus. Ele aguarda ansioso o momento em que poderá se tornar visível à sua vista.

Só depende de a senhora apressar ou retardar esse momento. Ore a Deus e diga comigo: Meu Deus, perdoa-me por ter duvidado da Sua Justiça e da Sua bondade. Se o Senhor me puniu, reconheço que mereci. Por favor, aceite o meu arrependimento e a minha submissão à Sua santa vontade.

**MÃE:**

Que luz de esperança você acaba de fazer despontar em minha alma! É

um relâmpago na noite escura que me cerca. Obrigada, vou orar... Adeus.

***Nota de Allan Kardec:** A morte, mesmo que pelo suicídio, não produziu neste Espírito a ilusão de ainda se acreditar vivo. Ele tem a perfeita consciência do seu estado. Em outros Espíritos, o castigo consiste justamente na ilusão de ainda se acharem vivos, pelos vínculos que os prendem ao corpo físico.*

*Esta mulher quis deixar a Terra para seguir o filho na outra vida. Portanto, era necessário que ela soubesse que estava de fato vivendo no mundo dos Espíritos, para que a punição de não ver o filho, como desejava, efetivamente se realizasse.*

*Assim é que cada falta é punida de acordo com as circunstâncias que a acompanham, de modo que não existem punições uniformes e constantes para faltas do mesmo tipo.*

## **DUPLO SUICÍDIO, POR AMOR E POR DEVER**

---

### **Um jornal de 13 de junho de 1862 continha a seguinte narrativa:**

A Sra. Palmyre era modista e residia com os pais. Possuía um físico encantador, ao qual se aliava um caráter muito amável. Por isso, era muito assediada por propostas de casamento. Entre os seus pretendentes, ela escolheu o Sr. B..., que lhe retribuía essa preferência com a mais viva das paixões.

Embora o amasse muito, por respeito aos pais, julgou-se no dever de ceder à vontade deles e desposou o Sr. D..., cuja posição social lhes parecia mais vantajosa que a do seu rival. Faz quatro anos que o casamento foi celebrado.

Os Srs. B... e D... eram amigos íntimos. Mesmo que não tivessem nenhum interesse comum, jamais deixaram de se ver. O amor recíproco entre o Sr. B... e Palmyre, que passou a ser a senhora D..., não havia diminuído e, como se esforçassem para reprimi-lo, ele aumentava cada vez mais de intensidade, na razão direta do esforço que faziam.

Para tentar apagar esse amor, o Sr. B... decidiu se casar. Desposou uma jovem de excelentes qualidades e fez todo o possível para amá-la. Mas logo percebeu que essa decisão heroica seria impotente para curá-lo. Durante quatro anos, nem o Sr. B... e nem Sra. D... (Palmyre) faltaram aos seus deveres conjugais.

Impossível descrever o que eles sofreram, porquanto o Sr. D..., que estimava verdadeiramente o seu amigo, o convidava sempre para ir à sua casa e, quando ele queria retirar-se, o amigo insistia para que ele ficasse mais um pouco.

Os dois apaixonados se encontraram um dia por acaso, numa circunstância que não dependeu da vontade deles. Falaram sobre o mal que os torturava e acharam que a morte seria o único remédio para resolver a situação em que a vida os colocou. Então, combinaram em se suicidar juntos, no dia seguinte, em que o Sr. D... estaria ausente de casa por mais tempo.

Após os últimos preparativos, escreveram uma longa e emocionante carta, explicando que estavam tomando aquela decisão para não faltarem com os seus deveres conjugais. A carta terminava com um pedido de perdão e para que eles fossem enterrados juntos, na mesma sepultura.

Ao retornar para casa, o Sr. D... encontrou-os asfixiados. Respeitou os seus últimos desejos, providenciando para que os corpos não fossem separados no cemitério.

**Essa ocorrência foi submetida à Sociedade Espírita de Paris, como assunto de estudo, e um Espírito respondeu:**

Os dois apaixonados que se suicidaram não podem ainda responder. Eu os vejo. Estão mergulhados na perturbação e assustados pela perspectiva da eternidade. As consequências morais pela falta cometida vão castigá-los por *encarnações sucessivas*, durante as quais suas almas separadas se buscarão incessantemente, sofrendo o duplo suplício de se presentirem e de se

desejarem em vão.

Terminada a expiação, ficarão reunidos para sempre, no seio do amor eterno. Dentro de oito dias, na próxima seção, vocês poderão evocá-los. Eles virão aqui, mas um não poderá ver o outro, porque eles estão separados por trevas profundas.

## **EVOCAÇÃO DA MULHER:**

### **1 – A senhora vê o seu apaixonado, com o qual se suicidou?**

– No lugar onde estou não consigo ver nada, nem os Espíritos que vagueiam comigo. Que noite! Que noite! E que véu espesso sobre o meu rosto!

### **2 – Que sensação a senhora teve ao despertar no outro mundo?**

– Tive uma sensação estranha! Eu sentia frio e queimava ao mesmo tempo; o gelo corria pelas minhas veias e o fogo queimava o meu rosto! Coisa estranha! Eu nunca tinha visto antes esta mistura! O gelo e o fogo pareciam consumir-me! Pensei que ia sucumbir uma segunda vez.

### **3 – A senhora experimentou alguma dor física?**

– Todo o meu sofrimento reside *aqui, aqui...*

### **3a – O que a senhora quer dizer com aqui, aqui?**

– Aqui no meu cérebro; aqui no meu coração.

*Nota de Allan Kardec: Se pudéssemos ver o Espírito, provavelmente o veríamos levar a mão à cabeça e ao coração.*

### **4 – A senhora acredita que ficará sempre nessa situação?**

– Oh! Sempre, sempre! Ouço às vezes risos infernais, vozes assustadoras

que gritam estas palavras: “Sempre assim!”.

**5 – Pois bem: podemos lhe dizer com segurança que nem sempre será assim. Pelo arrependimento, a senhora conseguirá o perdão.**

– O que você está dizendo? Não entendo.

**6 – Repito que os seus sofrimentos terão um fim, que a senhora poderá apressar esse fim pelo arrependimento e nós lhe ajudaremos com a prece.**

– Só entendi uma palavra e sons vagos. Essa palavra é *graça*! Foi *graça* o que o senhor quis falar? O senhor falou em *graça*, mas sem dúvida falou para a alma que passou ao meu lado, pobre criança que chora e que espera.

*Nota de Allan Kardec: Uma senhora da Sociedade Espírita de Paris, presente à reunião, disse que tinha acabado de fazer uma prece por esta infeliz, o que sem dúvida a comoveu. De fato, mentalmente essa senhora havia implorado em seu favor a graça (o perdão) de Deus.*

**7 – A senhora disse que está nas trevas. Então, não nos vê?**

– Só me é permitido ouvir algumas palavras que o senhor fala. Vejo apenas um tecido negro, no qual se desenha, em alguns momentos, um semblante que chora.

**8 – Se a senhora não vê o seu amado, não sente ao menos a presença dele ao seu lado, uma vez que ele está aqui?**

– Ah! Não me fale dele, por ora devo esquecê-lo, se quiser que a imagem que eu vejo desenhada no tecido negro se apague.

**9 – Que imagem é essa?**

– A de um homem que sofre e cuja existência moral na Terra eu aniquilei



por muito tempo.

**Nota de Allan Kardec:** *Lendo essa narrativa, ficamos inclinados a encontrar circunstâncias que atenuem esse suicídio e encará-lo até como um ato heroico, uma vez que ele foi provocado pelo cumprimento de um dever conjugal. Entretanto, vemos que ele foi julgado de um modo diferente e que a pena para os culpados será longa e terrível, porque eles se refugiaram voluntariamente na morte para evitar a luta.*

*A intenção de não faltar ao dever conjugal era nobre, sem dúvida, e isso lhes será levado em conta mais tarde. Porém, o verdadeiro mérito teria sido vencer a atração que existia entre eles. Na realidade, eles agiram como um desertor, que se esquiva no momento do perigo.*

*Como se vê, a pena dos dois culpados consistirá em se buscarem por muito tempo sem se encontrarem, seja no mundo dos Espíritos, seja em outras encarnações terrenas. Essa pena é agravada momentaneamente pela ideia de que o seu estado atual deve durar para sempre.*

*O pensamento de que a pena é eterna não lhes permitiu ouvir as palavras de esperança que lhes dirigimos. Para aqueles que acharam que essa pena é muito longa e terrível, principalmente porque ela vai se estender por várias encarnações, podemos dizer que a sua duração não é absoluta e que dependerá da maneira com a qual eles vão suportar as suas provas futuras, no que poderemos ajudá-los com as nossas preces.*

*Como todos os Espíritos culpados, eles serão os juízes do seu próprio destino. Mas será que isso não é melhor que a condenação eterna, sem esperança, a que são irremediavelmente condenados todos aqueles que erram, segundo a doutrina da Igreja?*

*A Igreja afirma que os suicidas devem ser condenados a viverem no inferno para sempre, e lhes recusa as últimas preces, por entender que elas não têm utilidade!*

## LUÍS E A COSTUREIRA DE BOTINAS

---

Havia sete ou oito meses que Luís G..., oficial sapateiro, namorava a jovem Victorine R..., costureira de botinas, com a qual deveria se casar em breve, uma vez que os anúncios para o casamento já estavam sendo publicados.

Estando as coisas neste pé, o jovem casal se considerava quase que definitivamente casado e, por medida de economia, o sapateiro vinha diariamente à casa da noiva para almoçar e jantar.

Um dia, durante o jantar, aconteceu uma discussão por causa de uma futilidade qualquer. Os dois se obstinaram em suas opiniões, a ponto de Luís abandonar a mesa, jurando não mais voltar à casa da noiva.

Entretanto, na manhã seguinte, o sapateiro veio pedir desculpas: como se sabe, a noite é uma boa conselheira; mas a moça, prejudgando, talvez pela cena da véspera, o que poderia acontecer quando não houvesse mais tempo para voltar atrás, recusou-se à reconciliação.

Nem protestos, nem lágrimas, nem desesperos puderam demovê-la. Muitos dias se passaram depois da desavença e Luís continuava esperando que a sua amada fosse mais razoável, até que resolveu fazer uma última tentativa.

Chegando à casa da moça, bateu à porta, de modo a se fazer reconhecer, mas a porta permaneceu fechada. Ela se recusou a abrir. Novas súplicas por parte do rejeitado, novos protestos, nada foi capaz de tocar o coração da sua pretendida. Adeus, então, malvada! – gritou enfim o pobre rapaz. – “Adeus para sempre! Trate de encontrar um marido que a ame tanto quanto eu”.

Em seguida, a moça ouviu um gemido abafado e, logo após, o barulho de um corpo que caía, escorregando pela porta. Pelo silêncio que se seguiu, a jovem costureira achou que Luís estivesse sentado próximo à soleira da porta e prometeu a si mesma não sair enquanto ele ali permanecesse.

Quinze minutos depois, um morador que passava pela calçada soltou um grito de espanto e pediu socorro. Logo os vizinhos chegaram, e Victorine, abrindo então a porta, deu um grito de horror, ao reconhecer o noivo

estendido no chão, pálido e inanimado. Todos se apressaram em socorrê-lo, mas em seguida perceberam que tudo seria inútil, pois o rapaz já estava morto.

O jovem infeliz tinha enterrado uma faca na região do coração e a lâmina ficou cravada na ferida aberta, por onde o sangue se escoou.

## **Sociedade Espírita de Paris, agosto de 1858**

### **PERGUNTAS AO ESPÍRITO SÃO LUÍS:**

**1 – A jovem, causadora involuntária do suicídio do seu apaixonado, tem alguma responsabilidade no que aconteceu?**

– Sim, porque ela não o amava mais.

**2 – Então, para prevenir a desgraça, ela deveria ter se casado com ele, mesmo não o amando mais?**

– Ela procurava uma ocasião para se livrar dele. Assim, fez no começo da união o que viria a fazer mais tarde.

**3 – Neste caso, a sua responsabilidade consiste em ter alimentado nele sentimentos dos quais ela não compartilhava e que resultaram no suicídio do rapaz?**

– Sim, exatamente.

**4 – Mas, então, essa responsabilidade deve ser proporcional à falta, e não deve ser tão grande como se ela tivesse provocado o suicídio consciente e voluntariamente?**

– É evidente.

**5 – O suicídio que Luís cometeu encontra desculpa no desequilíbrio**

### **que lhe causou a teimosia de Victorine?**

– Sim, pois o suicídio oriundo do amor é menos criminoso aos olhos de Deus do que o suicídio de quem procura libertar-se da vida por motivos de covardia.

## **PERGUNTAS AO ESPÍRITO LUÍS G..., EVOCADO MAIS TARDE:**

### **1 – O que você pensa da ação que praticou?**

– Victorine é uma ingrata. Eu fiz mal em me suicidar por sua causa, porque ela não merecia.

### **2 – Então, ela não o amava?**

– Não. No início ela pensava que sim, mas iludia-se. A desavença que tivemos abriu-lhe os olhos, e ela até ficou feliz porque achou um pretexto para se livrar de mim.

### **3 – E o seu amor por ela era sincero?**

– Eu sentia apenas paixão por ela. Se o amor fosse puro, eu teria me poupado de lhe causar um desgosto.

### **4 – Se acaso ela tivesse adivinhado a sua intenção, teria persistido na recusa?**

– Não sei; acredito que não, porque ela não é má. Entretanto, ainda assim, ela não seria feliz, e foi melhor para ela que as coisas acontecessem dessa forma.

### **5 – Ao chegar à sua porta, você já tinha a intenção de se matar, caso ela lhe recusasse novamente?**

– Não, eu não pensava nisso; não acreditava que ela fosse tão teimosa. Foi

somente diante da teimosia dela que eu perdi a razão.

**6 – Parece que você não lamenta o seu suicídio senão pelo fato de Victorine não o merecer... É realmente esse o seu único pesar?**

– Neste momento, sim. Estou ainda muito perturbado; tenho a impressão de ainda estar à sua porta e experimento uma sensação que não consigo definir.

**7 – Você acha que compreenderá mais tarde?**

– Sim, quando estiver livre dessa perturbação. Fiz mal; deveria tê-la deixado em paz... Fui fraco e sofro as consequências da minha fraqueza. A paixão cega o homem a ponto de fazer com que ele pratique loucuras. Infelizmente, ele só compreende isso tarde demais.

**8 – Você diz que sofre. Que tipo de sofrimento é esse?**

– Fiz mal em abreviar a minha vida. Não deveria ter agido assim. Teria sido preferível suportar tudo aquilo a morrer antes do tempo. Sou, portanto, infeliz; sofro; e é sempre ela quem me faz sofrer. Tenho a impressão de estar sempre lá, à sua porta; ingrata!... Mas... não me fale mais nisso, não quero mais pensar, o que aconteceu me incomoda bastante. Adeus!

*Nota de Allan Kardec: Ainda nesse caso se vê a confirmação da Justiça que preside a distribuição das penas, de acordo com o grau de responsabilidade dos culpados. Na circunstância presente, cabe à moça a maior responsabilidade por haver alimentado em Luís, por brincadeira, um amor que ela não sentia.*

*Quanto ao rapaz, ele já é punido pelo sofrimento que demonstrou, mas a sua pena é leve, porque ele apenas cedeu a um impulso irrefletido, num momento de perturbação mental, o que é muito diferente da fria premeditação dos suicidas que buscam escapar das provas da vida.*

## UM ATEU

---

O Sr. M.J.B.D... era um homem instruído, mas envolto em ideias materialistas. Não acreditava em Deus e nem na existência da alma. Foi evocado na Sociedade Espírita de Paris, dois anos depois do seu desencarne, a pedido de um de seus parentes.

### **1 – EVOCAÇÃO:**

– Eu sofro. Sou um condenado.

**2 – Os seus parentes nos pediram para que fizéssemos a sua evocação, com o objetivo de saber sobre o seu destino. Poderia nos dizer se essa evocação lhe é agradável ou penosa?**

– Penosa.

### **3 – A sua morte foi voluntária?**

– Sim.

*Nota de Allan Kardec: O Espírito escreve com extrema dificuldade. A letra é grossa, irregular, trêmula e quase ilegível. Ao começar a escrever, mostra muita raiva, quebra o lápis e rasga o papel.*

### **4 – Tenha calma, nós vamos pedir a Deus por você.**

– Sou forçado a crer em Deus.

### **5 – Que motivo o levou ao suicídio?**

– O tédio de uma vida sem esperança.

*Nota de Allan Kardec: Compreende-se o suicídio quando a pessoa vive uma*

*vida sem esperança. Assim, ela procura fugir da infelicidade a qualquer preço. Com o Espiritismo, acontece o contrário, pois existe a perspectiva de um futuro e, com isso, a esperança se fortalece. O suicídio deixa de ser um objetivo, porque ele apenas nos isenta de um mal momentâneo, para nos arrastar a uma vida cem vezes pior.*

*É por isso que o Espiritismo tem evitado que muita gente cometa o suicídio. São imensamente culpados todos aqueles que se esforçam para acreditar e para fazer com que outros acreditem, utilizando **sofismas** científicos e em nome de uma falsa razão, na ideia desesperadora de que tudo se acaba com a morte. Ideia esta que é fonte de tantos males e crimes!*

*Aqueles que divulgam esses pensamentos serão responsáveis não somente por seus próprios erros, mas por todos os males que causaram com as suas ideias.*

## *Observação*

**Sofisma:** Argumento falso, com aparência de verdade, utilizado para induzir alguém ao erro.

**6 – O senhor quis escapar das dificuldades da vida... Ganhou alguma coisa com isso? Sente-se mais feliz agora?**

– Por que não existe o nada?

**7 – O senhor pode nos descrever, do melhor modo possível, a sua situação atual?**

– Sofro por ser obrigado a acreditar em tudo aquilo que eu negava. Meu Espírito sente um calor ardente, estou terrivelmente atormentado.

**8 – Quando o senhor estava encarnado, de onde procediam as suas ideias materialistas?**

– Na encarnação anterior eu fui mau e por isso me condenei a sofrer os tormentos da incerteza, na presente encarnação. Foi assim que eu me suicidei.

*Nota de Allan Kardec: Aqui há toda uma ordem de ideias. Muitas vezes nos*

*perguntamos como pode haver materialistas, uma vez que eles já passaram pelo mundo espiritual e deveriam ter, pelo menos, a “intuição” sobre a existência desse mundo. Ora, é justamente essa “intuição” que é recusada a certos Espíritos que, conservando o seu orgulho, ainda não se arrependeram das faltas cometidas.*

*A prova para esses Espíritos consiste em adquirir, durante a encarnação e à custa do seu próprio raciocínio, a certeza da existência de Deus e da vida futura, que eles têm incessantemente sob os seus olhos. Muitas vezes, porém, a presunção de nada admitir, acima de si mesmos, ainda os domina. Assim, eles sofrem a punição até que o seu orgulho seja domado e eles se rendam finalmente à evidência.*

**9 – Quando o senhor se afogou, pensou nas consequências? Que reflexão fez no momento?**

– Nenhuma, pois eu só acreditava no *nada*; o *nada* representava tudo para mim. Depois é que eu vi que, por não ter cumprido toda a minha sentença, teria que sofrer mais ainda.

**10 – Agora o senhor está convencido sobre a existência de Deus, da alma e da vida futura?**

– Ah! Tudo isso me atormenta bastante!

**11 – O senhor tornou a ver o seu irmão?**

– Oh, não.

**12 – E por que não?**

– Para que reunir os nossos tormentos? A gente se isola na desgraça e se reúne na felicidade, infelizmente isso é o que acontece!

**13 – O senhor gostaria de ver o seu irmão ao seu lado? Nós poderíamos chamá-lo.**

– Não! Não façam isso, eu não o mereço.



**14 – Por que o senhor não quer que a gente o chame?**

– Porque ele também não é feliz.

**15 – A presença dele só poderia lhe fazer bem, não tenha receio.**

– Não; mais tarde...

**16 – O senhor deseja mandar algum recado para os seus parentes?**

– Que orem por mim.

**17 – Parece que, entre os seus amigos, alguns compartilhavam das suas ideias. O senhor gostaria de lhes dizer alguma coisa a esse respeito?**

– Oh, os infelizes! O que eu posso desejar a eles é que acreditem na continuação da vida! Se pudessem compreender a minha triste situação, certamente refletiriam muito.

**Evocação do irmão, que tem as mesmas ideias, mas que não se suicidou. Apesar de infeliz, apresenta-se mais calmo e a sua letra é clara e legível.**

**18 – EVOCAÇÃO:**

– Que os nossos sofrimentos possam servir de lição a todos vocês, convencendo-os de que existe uma outra vida, na qual se expiam as faltas resultantes da incredulidade.

**19 – O senhor vê e é visto pelo seu irmão que acabamos de evocar?**

– Não, ele foge de mim.

*Nota de Allan Kardec: Poderíamos perguntar como um Espírito pode fugir do outro no mundo espiritual, uma vez que lá não existem obstáculos materiais, nem lugares que sejam impenetráveis à vista. Tudo é relativo nesse mundo e está em*

*conformidade com a natureza fluídica dos seres que o habitam. Apenas os Espíritos superiores têm percepções ilimitadas. Nos Espíritos inferiores, as percepções são limitadas e para eles os obstáculos fluídicos equivalem a obstáculos materiais.*

*Os Espíritos se escondem uns dos outros por um efeito da sua própria vontade, que age sobre o seu envoltório perispiritual e sobre os fluidos ambientes. Entretanto, a Providência, que cuida de todos os Seus filhos e de cada um em particular, lhes concede ou lhes recusa essa faculdade, conforme as suas condições morais, o que constitui, segundo as circunstâncias, um castigo ou uma recompensa.*

## **20 – O senhor está mais calmo que o seu irmão. Poderia nos descrever com mais precisão os seus sofrimentos?**

– Na Terra, vocês não sofrem em seu orgulho, em seu amor-próprio, quando são obrigados a admitir os seus erros? O Espírito de vocês não se revolta com a ideia de se humilhar diante daqueles que demonstram que vocês estão errados?

Pois bem, julguem o quanto deve sofrer um Espírito que, durante toda uma existência, sempre teve a convicção de que nada existia depois da morte do corpo físico, e que a sua razão sempre prevalecia sobre os demais.

Ao encontrar-se, de súbito, diante da estrondosa verdade, sente-se aniquilado, humilhado. A isso ainda vem se juntar o remorso de haver esquecido, por tanto tempo, a existência de um Deus tão bom, tão indulgente.

A situação é insuportável, pois não existe calma nem repouso. Só se encontra um pouco de tranquilidade no momento em que a graça divina, isto é, o amor de Deus, nos sensibiliza. O orgulho se apodera de tal modo do nosso pobre Espírito que ele perde completamente a percepção, a ponto de necessitar muito tempo para que possa se despojar completamente dessa ideia fatal, de que nada existe depois da morte.

Somente a prece dos nossos irmãos pode nos ajudar para que consigamos nos desembaraçar desse envolvimento.

## 21 – O senhor fala dos irmãos encarnados ou dos Espíritos?

– De ambos.

## 22 – Enquanto conversávamos com o seu irmão, uma pessoa aqui presente fez uma oração por ele. Essa prece lhe foi proveitosa?

– Ela não se perderá. Se ele agora recusa o benefício, não vai agir assim quando estiver em condições de recorrer a essa **panaceia** divina (a prece).

### *Observação*

**Panaceia:** Remédio que serve para curar todos os males.

*Nota de Allan Kardec: Aqui vemos um outro tipo de castigo, mas que não é o mesmo para todos os incrédulos. Para este Espírito, a necessidade de reconhecer as verdades que ele sempre repeliu com desprezo quando estava encarnado independe do seu sofrimento. As suas ideias atuais revelam um certo progresso, em comparação com a de outros Espíritos que persistem em negar a existência de Deus.*

*Já é alguma coisa admitir o próprio erro, porque isso demonstra um início de humildade. É bem provável que, na sua próxima encarnação, a incredulidade dê lugar ao sentimento inato da fé.*

**O resultado dessas duas evocações foi entregue à pessoa que nos tinha solicitado. Recebemos dela a seguinte resposta:**

O senhor não pode imaginar o grande benefício produzido pela evocação do meu sogro e do meu tio. Nós os reconhecemos perfeitamente. A letra do meu sogro apresenta uma semelhança muito grande com a que ele tinha em vida. Durante os últimos meses em que ele passou conosco, a sua letra era irregular e ilegível. Na comunicação podemos verificar o mesmo tipo de traço, de rubrica e de certas letras.

Quanto às palavras, às expressões e ao estilo, a semelhança é ainda mais surpreendente. Para nós, a comparação é perfeita, apenas que ele está mais

esclarecido sobre Deus, sobre a alma e sobre a eternidade que ele tão formalmente negava outrora. Assim, estamos perfeitamente convictos da sua identidade.

Estamos dando glória a Deus pela possibilidade de reconhecemos os nossos parentes através dessa mensagem, uma vez que as nossas convicções sobre as crenças Espíritas se tornam maiores e mais firmes, porque, através do Espiritismo, os nossos irmãos encarnados e desencarnados se tornarão melhores. A identidade do seu irmão também é evidente, apesar da enorme diferença entre o ateu de ontem e o crente de hoje. Reconhecemos o seu caráter, o seu estilo e a forma peculiar de dizer as frases.

Uma palavra, sobretudo, nos chamou a atenção: *panaceia*. Ele tinha predileção em usar esta palavra e a todo instante a repetia.

Mostrei essas duas evocações a várias pessoas, que também se admiraram da sua veracidade. Mas os incrédulos, aqueles que compartilham das mesmas opiniões dos meus parentes, desejariam respostas mais categóricas ainda. Queriam que o Sr. D... indicasse o lugar onde foi enterrado, onde se afogou, como foi encontrado etc.

Para satisfazer e convencer esses incrédulos, o senhor não poderia evocá-lo de novo e perguntar onde e como ele se suicidou? Quanto tempo esteve submerso? Em que lugar o seu corpo foi encontrado? Onde foi enterrado? Se o seu sepultamento foi feito de modo civil ou religioso?

Caro senhor, eu lhe peço que, por favor, faça essas perguntas para que ele responda de maneira categórica, pois elas são essenciais para aqueles que ainda duvidam. Estou convencido de que elas trarão excelentes resultados. Farei com que a minha carta chegue ainda na sexta-feira de manhã, para que o senhor possa fazer a evocação na sessão da Sociedade Espírita de Paris que acontece no mesmo dia à noite... Etc.

*Nota de Allan Kardec: Reproduzimos esta carta pelo fato de ela confirmar a identidade dos envolvidos e anexamos a nossa resposta para que ela sirva de*

*ensinamento às pessoas que ainda não estão bem familiarizadas com as comunicações dos irmãos desencarnados.*

As perguntas que você nos pediu para novamente fazer ao Espírito do seu sogro trazem, sem dúvida, a louvável intenção de convencer os incrédulos, porque não percebemos em você qualquer sentimento de dúvida ou de curiosidade. Entretanto, um conhecimento mais aprofundado da Ciência Espírita o faria compreender que tais perguntas são inúteis.

Em primeiro lugar, solicitando-me conseguir respostas categóricas do seu parente, você mostra ignorar que não podemos governar a vontade dos Espíritos ao nosso bel-prazer. Eles nos respondem como e quando querem, e também quando podem. Sua liberdade de ação é ainda maior do que quando eles estão encarnados. Por isso, podem utilizar meios mais eficazes de escaparem ao constrangimento moral que por acaso queiramos exercer sobre eles.

As melhores provas de identidade são as que eles dão espontaneamente, por si mesmos, ou então as que nascem das próprias circunstâncias, sendo quase sempre inútil provocá-las. Segundo você afirmou, o seu parente provou a sua identidade de modo incontestável.

Sendo assim, é muito provável que se recuse a responder perguntas que, com toda razão, ele pode considerar supérfluas, porque visam a satisfazer à curiosidade de pessoas que lhe são indiferentes. Ele poderia responder como têm respondido tantos outros Espíritos em casos semelhantes: “Por que perguntam coisas que vocês já sabem?”.

A isto acrescentarei que o estado de perturbação e de sofrimento em que o Espírito se encontra deve piorar com perguntas desse tipo. É exatamente como se alguém quisesse constranger um doente, que mal consegue falar, a contar detalhes sobre a sua vida. Certamente, isso seria falta de respeito com a posição delicada em que ele se encontra.

Quanto ao resultado que você espera, fique certo de que seria nulo. As

provas de identidade fornecidas são bem mais valiosas por terem sido espontâneas e não previamente escolhidas. Ora, se os incrédulos não se deram por satisfeitos, também não aceitariam perguntas já preestabelecidas, porque poderiam suspeitar de que houve cumplicidade. Existem pessoas a quem nada pode convencer. Mesmo que vissem o seu parente, com os próprios olhos, diriam que estavam sendo vítimas de uma alucinação.

Duas palavras ainda sobre o pedido que você me fez para que fizesse a evocação no mesmo dia do recebimento da sua carta. As evocações não se fazem assim de improviso e num passe de mágica. Os Espíritos nem sempre comparecem ao nosso chamado. É preciso que eles queiram nos atender e também que tenham condições para isso.

Também é indispensável que eles encontrem um médium com o qual tenham afinidade e que esse médium esteja disponível no momento adequado. É preciso, enfim, que o meio em que eles vão se manifestar lhes seja simpático. Nem sempre é possível satisfazer a todas essas circunstâncias, mas temos o dever de conhecê-las quando se quer fazer a coisa com seriedade.

## **FÉLICIEN**

---

Félicien era um homem rico, instruído, poeta espirituoso, de bom caráter, cortês, delicado e muito honrado.

Especulações financeiras erradas comprometeram a sua fortuna. Por já estar numa idade avançada, não lhe foi possível recuperá-la. Assim, cedeu ao desânimo, enforcando-se, em dezembro de 1864, no seu quarto de dormir.

Não era materialista nem ateu, mas um homem de temperamento superficial, pouco se importando com a vida futura. Conhecendo-o intimamente, nós o evocamos quatro meses depois do suicídio, movidos pela simpatia que tínhamos por ele.

## EVOCAÇÃO:

Eu lamento a Terra, na qual tive decepções, porém menores do que aquelas que eu experimento aqui. Eu, que sonhava maravilhas, estou abaixo da realidade do meu ideal. O mundo dos Espíritos é muito heterogêneo e, para torná-lo suportável, haveria necessidade de uma boa triagem. É incrível! Que esboço de costumes espíritas se poderia fazer por aqui!

O próprio **Balzac**, se estivesse em ação, faria esse esboço apenas de modo rústico. Mas não o vi por aqui... Onde estão esses grandes Espíritos que com tanta energia condenaram os vícios da Humanidade? Deveriam, assim como eu, passar um tempo nesses lugares antes de seguirem para as regiões mais elevadas. Agrada-me observar este curioso pandemônio, e assim vou ficando por aqui.

### *Observação*

**Honoré de Balzac (1799-1850):** Foi um dos escritores mais famosos da literatura francesa; escreveu inúmeros romances enfocando os mais diferentes tipos humanos. Ficou famoso por suas agudas observações psicológicas. É considerado o fundador do Realismo na literatura moderna.

***Nota de Allan Kardec:** Embora o Espírito nos declare que se acha numa sociedade bastante promíscua e, por consequência, composta por Espíritos inferiores, a sua linguagem nos surpreendeu; principalmente se levarmos em conta o seu tipo de morte (suicídio), ao qual, aliás, não faz qualquer referência. Isso nos causou alguma dúvida quanto à sua identidade. A não ser pelo fato de ele não ter se referido ao suicídio que cometeu, tudo o mais refletiu o seu caráter.*

### **O senhor poderia nos dizer como morreu?**

– Como morri? Pela morte que escolhi, a que mais me agradou. Pensei muito tempo sobre qual eu deveria escolher para me livrar da vida. Apesar disso, confesso que não ganhei grande coisa; libertei-me das preocupações materiais, para encontrá-las mais graves e difíceis na condição de Espírito, cujo

fim não posso prever.

### **PERGUNTA AO GUIA DO MÉDIUM:**

**Será mesmo o Espírito Félicien que se comunica conosco? Esta linguagem, quase despreocupada, causa admiração em se tratando de um suicida...**

– Sim. Mas, por um sentimento justificável na sua posição, ele não queria revelar a você o seu tipo de morte. Foi por isso que dissimulou a frase. Entretanto, acabou por confessar, diante da pergunta direta que você lhe fez, o que lhe causou muita angústia. Ele sofre muito por ter se suicidado e por isso evita, tanto quanto possível, tudo o que possa lhe recordar o seu fim funesto.

### **PERGUNTA AO ESPÍRITO FÉLICIEN:**

**A sua desencarnação nos comoveu bastante, porque prevíamos as tristes consequências que o senhor sofreria, principalmente pela estima e intimidade das nossas relações. Pessoalmente, não me esqueci de quanto o senhor foi bom e cortês para comigo. Eu ficaria feliz se pudesse demonstrar a minha gratidão, fazendo algo de útil em seu benefício.**

– Infelizmente, eu não tinha outra forma de me livrar dos embaraços da minha posição material. Agora, só tenho necessidade de preces. Ore, principalmente para que eu possa me livrar desses horríveis companheiros que aqui estão junto de mim, incomodando-me com seus gritos, risadas e suas zombarias infernais.

Eles dizem que eu sou covarde, e com razão, porque é covardia renunciar à vida. *É a quarta vez que eu sucumbo a essa provação*, apesar da promessa que eu havia feito de não falir... Fatalidade! Ah! Ore... Que suplício o meu! Como eu sou infeliz! Orando, o senhor fará por mim mais do que eu fiz pelo amigo



quando estava na Terra.

Mas a prova, ante a qual eu fracassei tantas vezes, se apresenta diante de mim, como uma realidade da qual eu não posso fugir. É preciso que eu me submeta a ela novamente, dentro de algum tempo... Será que eu terei forças? Ah! Recomeçar a vida tantas vezes! Lutar por tanto tempo, para sucumbir aos acontecimentos, é desesperador, mesmo aqui, no mundo dos Espíritos! É por isso que eu preciso de força. Dizem que encontramos força na prece... Ore por mim, que eu quero orar também.

*Nota de Allan Kardec: Este caso particular de suicídio, embora cometido em circunstâncias vulgares, apresenta um aspecto especial. Ele nos mostra um Espírito que sucumbiu várias vezes a esta prova, que se renova a cada existência e que se repetirá até que ele tenha forças para resistir.*

*É a confirmação do princípio que diz: quando não atingimos o objetivo da encarnação, sofremos sem proveito. Por isso, é preciso recomeçá-la até que saíamos vitoriosos da luta.*

### **AO ESPÍRITO FÉLICIEN:**

Eu peço que você escute e reflita sobre as palavras que eu tenho a lhe dizer. O que você chama de fatalidade é apenas a sua própria fraqueza, pois se a fatalidade existisse o homem não seria responsável por seus atos. O homem é sempre livre, e nessa liberdade está o seu maior e mais belo patrimônio, ou seja, o seu livre-arbítrio. Deus não quis fazer dele uma máquina obediente e cega. Mas, se essa liberdade o torna falível, também o torna apto a se aperfeiçoar, e somente pela perfeição ele poderá atingir a felicidade suprema.

Somente o orgulho pode levar o homem a atribuir ao destino as suas infelicidades na Terra, porque, na maioria das vezes, essa infelicidade resulta da sua própria negligência. Você tem sobre isso um exemplo bem evidente na sua

última encarnação, pois tinha tudo o que era necessário para ser feliz, segundo os valores do mundo: inteligência, talento, fortuna, merecida consideração, não tinha vícios nocivos, ao contrário, tinha qualidades admiráveis...

Sendo assim, por que a sua posição ficou tão comprometida? Unicamente pela sua imprevidência. Admita que, se tivesse agido com mais prudência, se tivesse sabido se contentar com o muito que já possuía, em vez de procurar aumentar a sua fortuna, sem necessidade, você não teria se arruinado. Não havia nisso nenhuma fatalidade, já que o que aconteceu poderia ter sido evitado.

A sua prova consistia num conjunto de circunstâncias que deveriam lhe dar *não a necessidade, mas a tentação do suicídio*. Infelizmente, apesar do seu talento e da sua instrução, você não soube dominar essas circunstâncias e sofre agora as consequências da sua fraqueza.

O seu pressentimento de que essa prova vai se repetir tem a sua razão de ser. Na próxima existência você terá que enfrentar de novo acontecimentos que lhe provocarão a ideia do suicídio, e assim acontecerá sempre, até que o triunfo seja completo.

Antes de acusar o destino, que é obra de sua própria autoria, admire a bondade de Deus que, em vez de condená-lo sem perdão por uma primeira falta, oferece sempre os meios de repará-la. Desse modo, o sofrimento não será eterno, mas ele vai durar enquanto a reparação não ocorrer.

Depende de você, enquanto estiver no plano espiritual e na condição de Espírito, tomar resoluções bastante enérgicas para mostrar a Deus um arrependimento sincero. Solicite com fé o apoio dos bons Espíritos para retornar à Terra protegido contra todas as tentações.

Uma vez alcançada essa vitória, você seguirá pelo caminho da felicidade com muito mais rapidez, porque em outros aspectos o seu progresso já é considerável. Falta ainda um passo a ser dado e nós o ajudaremos com as nossas preces, mas elas serão inúteis se não contarmos com os seus esforços.

## RESPOSTA DO ESPÍRITO FÉLICIEN:

Oh! Obrigado! Obrigado por seus bons conselhos. Tenho necessidade deles, visto que *sou mais infeliz do que queria demonstrar*. Garanto que vou aproveitar esses conselhos e me preparar para a próxima encarnação, durante a qual farei o possível para não sucumbir. Espero sair logo desse meio desprezível em que me encontro.

**Félicien**

## ANTOINE BELL

---

Antoine era caixa de um banco no Canadá e suicidou-se no dia 28 de fevereiro de 1865. Um dos nossos correspondentes, médico e farmacêutico residente na mesma cidade, nos deu as seguintes informações sobre ele:

Eu conhecia Bell há mais de vinte anos. Era um homem pacato e pai de uma numerosa família. De algum tempo para cá, ele imaginou ter comprado veneno em minha farmácia e tê-lo usado para envenenar alguém. Muitas vezes, ele veio implorar para que eu lhe dissesse a época de tal compra; ele era vítima de alucinações terríveis.

Perdia o sono, acusava-se, batia no peito. A família vivia em constante ansiedade, sobretudo no período em que ele dava expediente no Banco, onde, aliás, escriturava os seus livros com muita regularidade, sem que jamais tivesse cometido um erro sequer.

Costumava dizer que tinha dentro de si um ser que o fazia desempenhar com acerto e ordem a sua contabilidade. Quando parecia se convencer da extravagância das suas ideias, exclamava: Não, não, você quer me enganar... Eu me lembro... Isto é verdade.

Antoine Bell foi evocado em Paris no dia 17 de abril de 1865, a pedido

do seu amigo médico.

**1 – EVOCAÇÃO:**

– O que você quer de mim? Submeter-me a um interrogatório? É inútil, confessarei tudo.

**2 – Não é nosso objetivo atormentá-lo com perguntas indiscretas. Desejamos saber apenas qual é a sua posição no mundo em que se encontra e se podemos lhe ser úteis em alguma coisa.**

– Ah! Se vocês pudessem me ajudar, eu ficaria muito agradecido. Tenho horror do crime que eu cometi e por isso sou muito infeliz!

**3 – Temos a esperança de que as nossas preces atenuarão os seus sofrimentos. De resto, o senhor nos parece em boas condições. O fato de estar arrependido já é um começo de reabilitação. Deus, que é infinitamente misericordioso, sempre tem compaixão pelo pecador arrependido. Ore conosco. (Fizemos a prece pelos suicidas, que pode ser encontrada no livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.) Agora, poderia nos dizer de quais crimes você se reconhece culpado? Essa confissão, feita com humildade, poderá aliviá-lo.**

– Deixe-me primeiro agradecer a esperança que vocês fizeram nascer em meu coração. Oh! Fazia muito tempo que eu vivia numa cidade banhada pelo Mediterrâneo, cujas águas lambiam as suas muralhas. Amava, então, uma bela moça, que me correspondia ao afeto; entretanto, pelo fato de eu ser pobre, fui rejeitado por sua família.

Certo dia, ela me disse que iria casar-se com o filho de um negociante, cujos negócios ultrapassavam os dois mares, e assim eu fui preterido. Louco de dor, resolvi acabar com a minha própria vida, não sem antes assassinar o detestado rival, saciando assim o meu desejo de vingança.

Os meios violentos me repugnavam, de modo que eu tremia só com a

ideia de praticar esse crime. Mas o meu ciúme foi mais forte do que eu. Na véspera do casamento, envenenei o meu rival. Esse foi o meio que me pareceu mais fácil para tirar a sua vida. Eis como se explicam as lembranças do passado...

Sim, eu já reencarnei, e é preciso que reencarne de novo... Oh! Meu Deus, tenha piedade da minha fraqueza e das minhas lágrimas.

**4 – Lamentamos com sinceridade essa infelicidade que retardou o seu progresso. Mas, já que está arrependido, Deus terá piedade da sua alma. Diga-nos, o senhor chegou a executar o seu projeto de suicídio?**

– Não, e confesso com vergonha que, após o crime praticado, ainda senti esperança de ficar com a minha amada. Mas o remorso que se abateu sobre mim foi muito grande, e o meu sofrimento moral conduziu-me ao último ato de loucura: enforquei-me.

**5 – Na sua última encarnação, o senhor tinha consciência do mal praticado na existência anterior?**

– Somente nos últimos anos de minha vida, e eis como se deu o fato: Eu era uma pessoa boa por natureza; depois de ter sido submetido, como todos os homicidas, ao tormento da visão contínua da vítima, que me perseguia como um remorso vivo; dela me libertei depois de muitos anos, pelo arrependimento e pela prece.

Recomecei outra vida – a última – que atravessei calmo e tímido. Tinha uma vaga intuição da minha fraqueza inata e do meu erro anterior, cuja lembrança eu guardava em estado latente.

Mas um Espírito obsessor e vingativo, que era o pai da minha vítima, facilmente se apoderou de mim e fez com que eu revivesse em meu coração, como se fosse num espelho mágico, as terríveis lembranças do passado.

Ora influenciado pelo obsessor, ora pelo meu guia que me protegia, eu era o envenenador e ao mesmo tempo o pai de família que ganhava com o

trabalho o sustento dos filhos. Fascinado por esse demônio obsessor, deixei-me arrastar ao suicídio. Sou muito culpado, é verdade, porém menos do que se eu tivesse tomado a decisão por mim mesmo.

Os suicidas da minha categoria, incapazes por sua fraqueza de resistir ao Espírito obsessor, são menos culpados e menos punidos do que aqueles que tiram a vida pela ação exclusiva do seu livre-arbítrio.

Orem comigo pelo Espírito que me influenciou tão fatalmente, para que ele deixe os seus sentimentos de vingança, e orem também por mim, para que eu adquira a energia, a força necessária para não ceder à prova do suicídio voluntário *a que serei submetido, dizem-me, na próxima encarnação.*

## **PERGUNTAS AO GUIA DO MÉDIUM:**

### **6 – Um Espírito obsessor pode levar o seu obsidiado ao suicídio?**

– Certamente, pois a obsessão, que por si mesma já é um tipo de prova, pode manifestar-se de todas as formas. Mas isso não significa isenção de culpa. O homem dispõe sempre do seu livre-arbítrio e, por isso, é livre para ceder ou resistir às sugestões que o influenciam. Quando sucumbe, é sempre por vontade própria.

Por outro lado, o Espírito que se manifestou tem razão quando diz que aquele que faz o mal, estimulado por outro, é menos culpado e menos punido do que quando comete o mal por iniciativa própria. Entretanto, não se isenta de culpa, porque, ao sair do bom caminho, mostra que o bem ainda não está fortemente enraizado em seu coração.

**7 – Apesar da prece e do arrependimento terem libertado esse Espírito da visão tormentosa da sua vítima, nem por isso ele deixou de ser perseguido pela vingança de um obsessor na sua última encarnação. Como se explica esse fato?**

Como vocês sabem, o arrependimento é apenas a preliminar indispensável para a reabilitação, mas não basta para libertar o culpado de todas as punições. Deus não se contenta com promessas. É preciso provar com atos o retorno ao bom caminho.

É por isso que o Espírito é submetido a novas provas que o fortalecem, resultando-lhe um merecimento ainda maior quando delas sai triunfante. Os maus Espíritos só perseguem aquele que ainda não está bastante forte para resistir-lhes. Encontrando resistência, eles abandonam a sua vítima porque sabem que as suas tentativas serão inúteis.

***Nota de Allan Kardec:** Estes dois últimos exemplos mostram a “mesma prova” se repetindo a cada encarnação e por tanto tempo quanto elas forem necessárias. Antoine Bell personifica o homem perseguido pela lembrança de um crime cometido em existência anterior, como se fosse um remorso e um aviso.*

*Por aí percebemos que todas as existências são solidárias entre si; que a Justiça e a Bondade de Deus revelam-se na faculdade que permite ao homem progredir gradualmente, sem jamais privá-lo da possibilidade de resgatar as suas faltas; que o culpado é punido pela própria falta e a punição, em vez de ser uma vingança de Deus, é o meio empregado para fazê-lo progredir.*

# CAPÍTULO 6

## CRIMINOSOS ARREPENDIDOS

• VERGER • LEMAIRE • BENOIST  
• O ESPÍRITO DE CASTELNAUDARY • JACQUES LATOUR

### VERGER

---

#### **Assassino do Arcebispo de Paris**

No dia 3 de janeiro de 1857, o Monsenhor Sibour, Arcebispo de Paris, ao sair da igreja de Saint-Étienne-du-Mont, foi mortalmente ferido por um jovem padre chamado Verger. O culpado foi condenado à morte e executado no dia 30 de janeiro. Até o último instante, não demonstrou qualquer sentimento de pesar, de arrependimento ou de sensibilidade. Evocado no mesmo dia da execução, deu as seguintes respostas:

**1 – EVOCAÇÃO:**

– Ainda estou preso ao corpo.

**2 – Então, a sua alma não se desligou completamente do seu corpo?**

– Não... Tenho medo... Não sei... Esperem para que eu recupere a minha consciência... Não estou morto, não é mesmo?

**3 – Você está arrependido do que fez?**

– Fiz mal em matar, mas a isso fui levado pelo meu caráter, que não podia tolerar humilhações... Evoquem-me numa outra oportunidade.



**4 – Por que você já quer ir embora?**

– Eu tenho muito medo de ver o Arcebispo... Tenho receio de que ele faça a mesma coisa comigo.

**5 – Mas você não tem mais nada a temer, uma vez que a sua alma já está separada do seu corpo. Livre-se dessa inquietação, ela não é razoável.**

– O que vocês querem? Por acaso vocês sempre têm o domínio sobre as influências externas? Não sei onde estou... Será que estou louco?

**6 – Procure se acalmar.**

– Não posso, já que estou louco... Esperem!... Vou recobrar toda a minha lucidez.

**7 – Se você fizesse uma oração, isso não o ajudaria a recompor as suas ideias?**

– Tenho medo... Não me atrevo a orar.

**8 – Ore, pois a misericórdia de Deus é grande! Vamos orar com você.**

– Sim, a misericórdia de Deus é infinita, eu sempre acreditei nela.

**9 – Agora, você compreende melhor a situação em que se encontra?**

– Ela é tão extraordinária que eu ainda não posso compreendê-la.

**10 – Você vê a sua vítima?**

– Eu pareço ouvir uma voz semelhante à dela, que me diz: “Não te quero mais”. Será, talvez, efeito da minha imaginação? Estou louco, eu lhe asseguro, pois vejo o meu corpo de um lado e a minha cabeça de outro... E, contudo, vejo-me no Espaço, entre a Terra e o que vocês chamam de Céu... Sinto como o frio de uma faca, prestes a me decepar o pescoço... Mas isso é o medo que eu tenho de morrer... Também pareço ver muitos Espíritos ao meu redor,

olhando-me compadecidos... Eles falam comigo, mas não consigo compreendê-los.

**11 – Existe, entre esses Espíritos, algum cuja presença faz com que você se sinta humilhado pelo crime que cometeu?**

– Apenas um me apavora: o daquele a quem eu matei.

**12 – Você se lembra das suas existências anteriores?**

– Não; tudo é vago... Penso que estou sonhando... Ainda uma vez, é preciso que eu recupere a minha consciência.

**TRÊS DIAS DEPOIS:**

**13 – Você está mais consciente agora?**

– Sei que já não pertenço mais a esse mundo, e não lamento. Arrependo-me do que fiz; sinto que o meu Espírito está mais livre. Sei, além disso, que existe uma série de existências que nos dão conhecimentos úteis, a fim de nos tornarmos tão perfeitos quanto é possível à criatura humana.

**14 – Você está sendo punido pelo crime que cometeu?**

– Sim; é lamentável o que eu fiz e isso me faz sofrer.

**15 – De que maneira você está sendo punido?**

– Estou sendo punido porque tenho consciência plena da minha falta, e para ela peço perdão a Deus; estou sendo punido porque reconheço a minha descrença em Deus, e porque sei que não devemos abreviar os dias de vida de nossos irmãos; estou sendo punido pelo remorso de ter adiado o meu progresso, enveredando pelo caminho errado, sem ouvir o grito da minha própria consciência, que me dizia que não seria assassinando alguém que eu

alcançaria o meu objetivo.

Mas me deixei dominar pela inveja e pelo orgulho; enganei-me e me arrependo, pois o homem deve esforçar-se sempre para dominar as más paixões, e foi justamente o que eu não fiz.

**16 – Que sensação você experimentou quando o evocamos?**

– De prazer e de medo, porque eu não sou mau.

**17 – Em que consiste esse prazer e esse medo?**

– Prazer de conversar com os homens e de poder em parte reparar as minhas faltas, confessando-as; já o medo eu não consigo definir, é uma espécie de vergonha por ter sido assassino.

**18 – Você gostaria de reencarnar na Terra?**

– Sim, é o que eu quero; gostaria de estar constantemente sendo alvo de um assassinato e sentir o medo dessa situação.

*Nota de Allan Kardec: Monsenhor Sibour foi evocado e disse que perdoava o seu assassino e orava para que ele se arrependesse. Disse ainda que, se estivesse presente à evocação de Verger, não teria se mostrado para não lhe aumentar os sofrimentos. O medo de ver o Monsenhor, que o assassino experimentava, já era um sinal de remorso, já era um castigo para o ex-padre.*

**Ao escolher a sua nova existência, o homem que mata sabe que se tornará um assassino?**

– Não; ele sabe que, escolhendo uma vida de luta, existe a *probabilidade* de ele matar um semelhante, mas ignora se o fará, porque o homem está quase sempre em luta consigo mesmo.

*Nota de Allan Kardec: A situação de Verger, ao morrer, é a de quase todos*

*aqueles que perecem de morte violenta. Como a separação da alma não se opera de maneira brusca, eles ficam como que aturdidos, sem saber se estão vivos ou mortos. A visão do Arcebispo foi-lhe poupada, por não ser necessária para lhe estimular o remorso, ao passo que outros Espíritos assassinos, em circunstâncias idênticas, são constantemente atormentados pelo olhar das suas vítimas.*

*Como se não bastasse a enormidade do crime, Verger tinha contra si o agravante de não ter se arrependido ainda em vida. Possuía, então, todas as condições para ser condenado eternamente. Entretanto, tão logo deixou a Terra, o arrependimento invadiu-lhe a alma e, repudiando o seu passado, deseja sinceramente repará-lo. Não foi o excesso de sofrimento que o fez tomar esta decisão, uma vez que ele nem teve tempo para sofrer, mas foi o grito da sua própria consciência que ele desprezou em vida, e que agora resolve escutar.*

*Por que, então, não levar em conta esse arrependimento? Por que ele estaria salvo do inferno, caso tivesse se arrependido alguns dias antes, e não depois da morte? E por que Deus, tendo misericórdia daquele que se arrepende antes da morte, seria impiedoso para com aquele que se arrepende depois, só porque se passaram algumas horas?*

*Às vezes, causa admiração a rápida mudança que se opera nas ideias de um criminoso obstinado, que não se arrepende até o último momento antes da morte e que, depois da passagem para outra vida, percebe e compreende a perversidade da sua conduta. Mas esse resultado está longe de ser geral, pois, se a regra fosse esta, não haveria maus Espíritos. Pelo fato de o arrependimento quase sempre ser tardio, o castigo se prolonga por um tempo muito mais dilatado.*

*A obstinação no mal durante a vida provém, às vezes, do orgulho de quem se recusa a admitir os próprios erros, visto que o homem está sujeito à influência da matéria, que coloca um véu sobre as suas percepções espirituais e ainda o fascina. Quando esse véu cai, uma luz o ilumina e ele volta à realidade.*

*O rápido retorno a melhores sentimentos é sempre o indício de um progresso moral realizado, que apenas aguarda uma circunstância favorável para se manifestar. Por outro lado, a persistência mais ou menos longa no mal, depois do*

*desencarne, é sinal incontestável de um Espírito atrasado, no qual os instintos materiais sufocam o germe do bem. Assim, são necessárias novas provas para que ele possa se corrigir.*

## **LEMAIRE**

---

**Condenado à pena de morte pela Corte do Tribunal Criminal em Aisne e executado a 31 de dezembro de 1857. Evocado no dia 29 de janeiro de 1858.**

**1 – EVOCAÇÃO:**

– Estou aqui.

**2 – O que você sente diante de nós?**

– Vergonha.

**3 – Você conservou a sua consciência até o último momento?**

– Sim.

**4 – Após a execução, você teve a imediata noção da sua nova existência?**

– Eu estava imerso em uma grande perturbação, da qual, aliás, ainda não me libertei. Senti uma dor imensa, parecendo-me ser o coração quem a sofria. Vi rolar não sei o quê aos pés da guilhotina; vi o sangue que escorria e a minha dor tornou-se ainda maior.

**4a – Era uma dor puramente física, semelhante à de um grave ferimento, como o da amputação de um membro, por exemplo?**

– Não; imagina antes um remorso, uma grande dor moral.

**4b – Quando você começou a sentir essa dor?**

– Desde que eu fiquei livre.

**5 – Quem sentia a dor física causada pela pena de morte: o seu corpo ou o seu Espírito?**

– A dor moral quem sentia era o meu Espírito; o meu corpo sentia a dor física; *mas o Espírito, já separado, também sentia a dor física.*

**6 – Você viu o seu corpo mutilado?**

– Vi qualquer coisa disforme, à qual eu parecia fazer parte; entretanto, ainda me sentia inteiro, ou seja, eu era eu mesmo.

**6a – Que impressão lhe causou essa visão?**

– Eu sentia muita dor; *eu estava perdido nela.*

**7 – É verdade que o corpo ainda vive alguns instantes após a decapitação e que o condenado tem a consciência dos seus pensamentos?**

– O Espírito retira-se pouco a pouco; quanto mais intensos forem os vínculos que o prendem à matéria, mais demorada será a separação.

**8 – Dizem que na fisionomia de alguns condenados é possível se notar alguns movimentos e a expressão de cólera, como se eles quisessem falar. Será que isso é o efeito de contrações nervosas ou é um ato da vontade?**

– É um ato da vontade, porque o Espírito ainda não se retirou do corpo.

**9 – Qual foi o primeiro sentimento que você experimentou ao entrar na sua nova existência?**

– Um sofrimento insuportável, uma espécie de remorso angustiante, cuja causa eu ignorava.

**10 – Encontrou seus cúmplices, aqueles que foram executados junto com você?**

– Infelizmente, sim, para a nossa desgraça. Ver-nos é um suplício contínuo. Cada um de nós recrimina o crime do outro.

**11 – Você tem encontrado suas vítimas?**

– Eu as vejo... Estão felizes... Seus olhares me perseguem... Sinto que eles penetram no íntimo do meu ser, e é em vão que eu tento fugir deles.

**11a – Esses olhares, que sentimentos lhe causam?**

– Vergonha e remorso. Eu mesmo fui o causador desses olhares, e é por isso que eu os detesto.

**11b – E que sentimento você causa em suas vítimas?**

– Piedade! É o sentimento que eu consigo perceber nelas.

**12 – Eles têm ódio e desejo de vingança?**

– Não; seus olhares fazem com que eu me lembre o quanto ainda terei que expiar. *Vocês não podem avaliar o terrível suplício que é dever tudo a quem odiamos.*

**13 – Você lamenta a perda da vida terrena?**

– Só lamento os meus crimes. Se o fato que me levou a eles, ainda dependesse de mim, eu não os teria cometido.

**14 – A tendência para o mal estava na sua natureza, ou você foi influenciado pelo meio em que viveu?**

– A tendência para o mal estava na minha natureza, porque eu sou um Espírito inferior. Quis elevar-me rapidamente, mas pedi mais do que as minhas forças podiam comportar. Por me acreditar forte, escolhi uma dura prova e

acabei cedendo às tentações do mal.

**15 – Se você tivesse recebido bons princípios de educação, teria sido possível se afastar do caminho do crime?**

– Sim, mas eu havia escolhido a condição em que nasci.

**15a – Você poderia ter se tornado um homem de bem?**

– Um homem fraco é incapaz, tanto para praticar o bem quanto para praticar o mal. Talvez eu pudesse corrigir na vida o mal que é próprio da minha natureza, mas não poderia me elevar até o grau de praticar o bem.

**16 – Quando encarnado, você acreditava em Deus?**

– Não.

**16a – Mas dizem que na última hora você se arrependeu. É verdade?**

– Porque acreditei num Deus vingativo, era natural que eu temesse a Sua Justiça.

**16b – E agora, o seu arrependimento é mais sincero?**

– Oh! Eu vejo o que fiz.

**16c – O que você pensa de Deus nesse momento?**

– Sinto-O, mas não O compreendo.

**17 – Você acha justo o castigo que lhe aplicaram na Terra?**

– Sim.

**18 – Espera obter o perdão pelos seus crimes?**

– Não sei.



**18a – Como você espera repará-los?**

– Mediante novas provas, embora eu sinta que existe uma eternidade entre mim e elas.

**19 – Onde você está agora?**

– Colhendo o sofrimento que plantei.

**19a – A pergunta foi: em que lugar você se encontra?**

– Perto do médium.

**20 – Já que está aqui, se pudéssemos vê-lo, com que forma você se apresentaria?**

– Com a minha forma corpórea: a cabeça separada do tronco.

**20a – Você poderia aparecer para nós?**

– Não, deixem-me.

**21 – Gostaria de nos contar como fugiu da prisão de Montdidier?**

– Nada mais sei... O meu sofrimento é tão grande que apenas guardo a lembrança do crime... Deixem-me.

**22 – Poderíamos levar algum alívio ao seu sofrimento?**

– Peçam para que a minha expiação (reencarnação) chegue o quanto antes.

**BENOIST**

---

**Bordeaux, março de 1862**

**Um Espírito se apresenta espontaneamente ao médium, sob o nome de Benoist. Diz ter morrido em 1704 e estar sofrendo terrivelmente.**

**1 – O que você foi na Terra?**

– Um frade sem fé.

**2 – A falta de fé foi a sua única falta?**

– Basta ela para arrastar as outras.

**3 – Poderia nos falar um pouco sobre a sua vida? A sinceridade da sua confissão será levada em conta.**

– Pobre e preguiçoso, entrei para a ordem religiosa, não por vocação, mas para ter uma boa posição na vida. Como era inteligente, logo consegui essa posição. Por ser influente, abusei do poder que eu tinha. Eu era um homem cheio de vícios, por isso corrompi aqueles a quem eu tinha a missão de salvar. Por ser uma pessoa cruel, persegui aqueles que pareciam querer censurar os meus excessos. Aqueles que eram pacíficos também foram por mim molestados.

A fome torturou muitas vítimas e muitas vezes seus gritos foram abafados pela violência. Agora, sofro todas as torturas do inferno; minhas vítimas atizam o fogo que me devora. A luxúria e a fome insaciáveis me perseguem; a sede me queima os lábios, que não recebem uma gota d'água para refrescá-los. Tudo se volta contra mim. Oh! Orem pelo meu Espírito.

**4 – As preces que fazemos pelos mortos vamos endereçar a você também.**

– Vocês acreditam que elas sejam salutares, mas elas têm para mim o valor das que eu fingia fazer. Como receber o salário, se não executei o meu trabalho?

**5 – Você nunca se arrependeu?**

– Eu já me arrependi há muito tempo; mas *o arrependimento só veio depois de muito sofrimento*. E como eu fui surdo ao clamor das vítimas inocentes, Deus também é surdo aos meus clamores. É a Justiça sendo feita!

**6 – Já que você reconhece a Justiça do Senhor, confie na Sua bondade e peça para que ele Lhe auxilie.**

– Os demônios berram mais alto do que eu; seus gritos sufocam-me, eles enchem a minha boca com piche fervente!... Eu o fiz, grande... (O Espírito não conseguiu escrever a palavra Deus.)

**7 – Você ainda não está suficientemente liberto das ideias terrenas, de modo a compreender que essas torturas são todas morais?**

– Eu sofro-as... Sinto-as... Vejo os meus carrascos, que têm todos uma cara conhecida, um nome que ressoa dentro do meu cérebro.

**8 – Mas o que poderia impulsioná-lo a praticar todas essas infâmias?**

– Os vícios de que eu era impregnado, e a brutalidade das paixões.

**9 – Você nunca pediu a assistência dos bons Espíritos para ajudá-lo a sair dessa situação?**

– Apenas vejo os demônios do inferno.

**10 – Quando encarnado, você temia esses demônios?**

– Não, de modo algum; eu só acreditava no *nada*. Os prazeres-constituíam o meu culto, não importava a que preço. Consagrei a minha vida às divindades do inferno, que nunca me abandonaram, e nunca me abandonarão!

**11 – Então, você não enxerga um fim para os seus sofrimentos?**

– O infinito não tem fim.

**12 – Mas Deus é infinito na Sua misericórdia, e tudo pode ter um fim, desde que Ele queira.**

– Ah! Se Ele o quisesse!

**13 – Por que você veio dar a sua comunicação aqui?**

– Nem eu mesmo sei, mas queria falar e gritar para me aliviar.

**14 – E esses demônios não o impedem de escrever?**

– Não; mas eles se conservam diante de mim e me esperam. É por isso que eu não queria terminar.

**15 – É a primeira vez que você escreve deste modo?**

– Sim.

**15a – E você sabia que os Espíritos podiam se utilizar da escrita para se comunicar com os homens?**

– Não.

**15b – Então, como você pôde utilizá-la?**

– Não sei.

**16 – O que você sentiu ao se aproximar de mim?**

– Uma espécie de entorpecimento dos meus pavores.

**17 – Como você percebeu que estava aqui?**

– Do mesmo modo que quando a gente desperta de um sono.

**18 – Como você fez para se comunicar comigo?**

– Eu não consigo compreender, mas você também não sentiu?

**19 – Não se trata de mim (diz o médium), mas de você. Procure perceber o que faz enquanto eu escrevo.**

– Você é o meu pensamento, eis tudo.

**20 – Então, você não teve o desejo de me fazer escrever?**

– Não; sou eu quem escreve, e você pensa por mim.

**21 – Procure compreender o seu estado, porque os bons Espíritos que nos cercam vão ajudá-lo.**

– Não, pois os anjos não descem ao inferno. Eu pensei que você (referindo-se ao médium) estivesse sozinho!

**21a – Veja em torno de você (pede o médium ao Espírito que se comunica).**

– Sinto que alguém me ajuda a atuar sobre você... A sua mão me obedece... Eu não toco em você e, ao mesmo tempo, seguro a sua mão... Como? Não compreendo...

**22 – Peça assistência aos seus protetores. Vamos pedir juntos.**

– Você quer me deixar? Fique comigo, eles vão se apossar de mim novamente. Por favor... Fique! Fique!

**23 – Não posso ficar por mais tempo. Volte todos os dias, vamos orar juntos e os bons Espíritos o ajudarão.**

– Sim, eu desejo o perdão. Ore por mim, porque eu não posso fazê-lo.

## **INSTRUÇÕES DO GUIA DO MÉDIUM:**

Coragem, meu filho (referindo-se ao médium), porque lhe será concedido

o que você pede, embora esteja longe o fim da expiação deste Espírito. As inúmeras atrocidades que ele cometeu são inomináveis, e a sua culpa é maior porque ele possuía inteligência, instrução e conhecimento para se guiar. Faliu, portanto, com conhecimento de causa, razão pela qual os sofrimentos lhe são muito mais terríveis.

Mas, ainda assim, com o auxílio e o concurso da prece, esses sofrimentos serão amenizados, para que ele lhes possa ver o fim, confortado pela esperança.

Deus o vê no caminho do arrependimento e já lhe concedeu a graça de *poder se comunicar, para que ele pudesse ser encorajado e confortado*. Pense sempre nele, pois nós o entregamos a você (ao médium), para que o fortaleça nas boas resoluções que ele poderá tomar, ajudado por seus conselhos.

Depois do arrependimento virá o desejo da reparação, e então ele pedirá uma nova existência na Terra, para praticar o bem, como uma forma de compensar o mal que fez. Quando Deus estiver satisfeito com ele e o vir bem fortalecido, o fará entrever as divinas claridades que haverão de conduzi-lo à salvação, recebendo-o em Seu seio, assim como o pai recebeu ao filho pródigo. Tenha confiança, nós o ajudaremos a realizar a sua obra.

**Paulin**

*Nota de Allan Kardec: Colocamos este Espírito entre os criminosos, apesar de ele não ter sido atingido pela justiça humana, porque o crime consiste nos atos, e não no castigo aplicado pelos homens. É o mesmo caso do Espírito seguinte.*

## **O ESPÍRITO DE CASTELNAUDARY**

---

Numa pequena casa, perto de Castelnaudary (cidade ao sul da França), ocorriam barulhos estranhos e diversas manifestações que levaram algumas pessoas a considerá-la como sendo assombrada por algum Espírito do mal. Por conta disso, em 1848 a casa foi exorcizada e nela foi colocado um grande

número de imagens de santos. Porém, isso não deu resultado. O Sr. D..., proprietário da residência, mandou fazer vários reparos e retirar as imagens para habitá-la. Depois de morar na casa por alguns anos, ali morreu subitamente.

O seu filho, depois da morte do pai, também decidiu morar lá. Certo dia, ao entrar num aposento, recebeu uma forte bofetada vinda de uma mão invisível. Como estava completamente só, não teve a menor dúvida de que a bofetada tinha vindo de uma fonte oculta, fato que o levou a deixar a casa definitivamente. Na região existe o comentário de que um grande crime foi cometido naquela casa.

O Espírito que deu a bofetada foi evocado na Sociedade Espírita de Paris, em 1859, e se manifestou com tamanha violência, que todos os esforços para acalmá-lo foram inúteis.

### **INTERROGADO A RESPEITO, O ESPÍRITO SÃO LUÍS RESPONDEU:**

É um Espírito da pior espécie, um verdadeiro monstro. Nós o fizemos vir, mas apesar de tudo quanto lhe dissemos, não foi possível obrigá-lo a escrever, pois ele tem o seu livre-arbítrio que, infelizmente, ele vem utilizando muito mal.

#### **Este Espírito é passível de melhora?**

– E por que não? Todos os Espíritos são passíveis de melhora, por que este não seria? Entretanto, é possível que exista alguma dificuldade nisso, mas a troca do mal pelo bem acabará por sensibilizá-lo. Orem antes de tudo e, se o evocarem daqui a um mês, poderão perceber a transformação que ocorrerá.

Evocado novamente mais tarde, o Espírito mostrou-se mais brando e, pouco a pouco, submisso e arrependido. Explicações posteriores, dadas por ele

e por outros Espíritos, permitiram saber que em 1608, quando ele habitava aquela casa, assassinou o seu irmão, por motivos de terrível ciúme, degolando-o enquanto dormia. Alguns anos mais tarde, também assassinou a sua esposa.

Desencarnou em 1659, com 80 anos, sem que houvesse respondido por estes crimes, que pouca atenção despertavam naquela época de confusões. Depois da morte, não parou de fazer o mal, provocando vários acidentes naquela casa.

Um médium vidente que assistiu à primeira evocação viu esse Espírito no momento em que pretendiam forçá-lo a escrever, sacudindo violentamente o braço do médium. Seu aspecto era terrível; vestia uma camisa ensanguentada e tinha um punhal nas mãos.

## **PERGUNTAS AO ESPÍRITO SÃO LUÍS:**

**1 – Descreva-nos o tipo de sofrimento a que esse Espírito está submetido.**

– O seu sofrimento é cruel, porque ele está condenado a viver na casa em que cometeu os crimes, sem poder fixar o pensamento em outra coisa que não seja os crimes cometidos. Os assassinados estão sempre diante dos seus olhos, e o Espírito acredita na eternidade de tal tortura. Vê-se constantemente no momento em que cometeu os crimes. Qualquer outra lembrança lhe foi retirada; também lhe foi proibida toda comunicação com outros Espíritos. Na Terra, ele só pode permanecer naquela casa e, no Espaço, só lhe restam as trevas e a solidão.

**2 – Haveria um meio de retirá-lo dessa casa? Qual seria esse meio?**

– O meio mais fácil para nos livrarmos da obsessão de semelhantes Espíritos é orar por eles. Contudo, quase sempre, é precisamente isso que se deixa de fazer. Prefere-se intimidá-los com exorcismos que, aliás, os divertem



bastante.

**3 – Se solicitássemos às pessoas interessadas para que orassem pelo Espírito obsessor, e também nós fizéssemos o mesmo, conseguiríamos fazer com que ele abandonasse a sua posição?**

– Sim, mas notem que eu disse para orar e não para mandar orar.

**4 – Esse Espírito já se encontra nessa situação há dois séculos. Ele sente o tempo como se ainda estivesse encarnado? Nesse caso, o tempo lhe parece mais longo ou menos longo do que quando ele estava na Terra?**

– Parece-lhe mais longo, pois o sono não existe para ele.

**5 – Disseram-nos que o tempo não existe para os Espíritos e que um século para eles não passa de um ponto na eternidade. Então, isto não acontece com todos os Espíritos?**

– Certamente que não. Isto só acontece com os Espíritos que já atingiram um grau de adiantamento muito elevado. Para os Espíritos inferiores, o tempo é às vezes muito longo, sobretudo quando sofrem.

**6 – De onde vinha esse Espírito antes dessa última encarnação?**

– Ele teve uma existência entre as tribos mais ferozes e selvagens e, antes disso, vinha de um planeta inferior à Terra.

**7 – Esse Espírito está sendo severamente punido pelos crimes que cometeu. Pelo fato de ele ter vivido entre tribos selvagens, podemos supor que ele tenha cometido crimes ainda mais cruéis. Nesse caso, ele foi punido com o mesmo rigor?**

– Não, ele foi punido com menos rigor, pois, sendo mais ignorante, não tinha alcance sobre a extensão dos seus crimes.

**8 – O estado em que se encontra esse Espírito é o dos seres vulgarmente conhecidos por *danados*?**

– De modo algum, pois existem condições ainda mais terríveis. Os sofrimentos não são iguais para todos, mesmo quando os crimes são semelhantes. Eles variam conforme o culpado seja mais ou menos *acessível* ao arrependimento. Para este Espírito, a casa onde ele cometeu os crimes é o seu inferno. Outros Espíritos trazem esse inferno dentro de si mesmos, pelas paixões que os atormentam e que eles não conseguem saciar.

### *Observação*

**Danados:** São as almas condenadas a regiões infernais, onde lá elas cumprem as suas penas eternas.

**9 – Apesar da sua inferioridade, este Espírito foi sensível aos efeitos da prece. Já verificamos a mesma coisa em relação a outros Espíritos igualmente perversos e de natureza grosseira. Como é possível a existência de Espíritos mais esclarecidos, de inteligência mais desenvolvida, que demonstram completa ausência de bons sentimentos e até se riem de tudo o que há de mais sagrado, não se comovendo com coisa alguma e sem nunca deixarem de exercitar o seu cinismo?**

– A prece só é eficaz para o Espírito que se arrepende. Para aqueles que são orgulhosos, que se revoltam contra Deus e persistem exageradamente no erro, assim como fazem os Espíritos infelizes, a prece não tem valor algum. Ela só passa a ter valor quando uma fagulha de arrependimento começa a germinar em suas consciências. A ineficácia da prece também é para eles um castigo. Enfim, podemos dizer que a prece só alivia aqueles que não estão completamente endurecidos, ou melhor, obstinados.

**10 – Quando encontramos um Espírito insensível à ação da prece, deve-se deixar de orar por ele?**

– Certamente que não, porque cedo ou tarde a prece poderá triunfar

sobre a sua obstinação, fazendo com que nele brotem pensamentos salutares.

***Nota de Allan Kardec:** O mesmo acontece com certos doentes, para os quais os remédios só fazem efeito depois de muito tempo, enquanto para outros eles fazem efeito rapidamente. Sabendo que todos os Espíritos são capazes de progredir, e que nenhum é condenado eternamente ao mal, fica fácil compreender que cedo ou tarde a prece fará o seu efeito.*

*Por mais ineficaz que ela possa parecer-nos à primeira vista, o certo é que ela possui, em si mesma, germens bastante benéficos para predispor o Espírito ao bem, quando não o afetam imediatamente. Portanto, seria um erro desanimarmos dela por não colhermos os seus frutos de modo imediato.*

### **11 – Quando este Espírito reencarnar, qual será a sua posição social?**

– Vai depender dele e do arrependimento que então ele tiver conseguido. Muitas conversas com este Espírito resultaram em uma notável transformação do seu estado moral. Eis aqui algumas das suas respostas:

### **PERGUNTAS AO ESPÍRITO DE CASTELNAUDARY:**

#### **12 – Por que você não pôde escrever da primeira vez que o evocamos?**

– Porque eu não queria.

#### **12a – Mas por que você não queria?**

– Ignorância e embrutecimento.

#### **13 – Então, agora você pode deixar, quando quiser, a casa de Castelnaudary?**

– Tenho essa permissão porque estou aproveitando os seus bons conselhos (referindo-se ao médium).

**13a – Você sente algum alívio?**

– Começo a ter esperança.

**14 – Se pudéssemos vê-lo, qual seria a sua aparência?**

– Vocês me veriam de camisa, mas sem o punhal.

**14a – Por que você não tem mais o punhal, o que foi feito dele?**

– Eu o amaldiçoei, por isso Deus me poupou de vê-lo.

**15 – Se o filho do Sr. D... (aquele que recebeu a bofetada) voltasse àquela casa, você lhe faria algum mal?**

– Não, porque estou arrependido.

**15a – E se ele pretendesse ainda desafiá-lo?**

– Oh! Não me faça essa pergunta! Eu não poderia me dominar, isso está acima das minhas forças... Porque eu não passo de um miserável.

**16 – Você vê um fim para os seus sofrimentos?**

– Oh! Ainda não. Entretanto, já é muito saber, graças à sua intervenção, que esses sofrimentos não serão eternos.

**17 – Você pode nos descrever a sua situação antes da primeira evocação? Por favor, entenda que pedimos isto como uma forma de lhe sermos úteis e não por mera curiosidade.**

– Como eu já disse, eu não compreendia coisa alguma. Eu só tinha consciência dos meus crimes, e de que eu não podia abandonar a casa em que os cometi, a não ser para vagar no Espaço, onde só havia à minha volta solidão e escuridão. Mais explicações eu não posso lhe dar, porque nunca compreendi direito o que se passava.

Assim que eu me alçava no Espaço, tudo era negro e vazio, ou melhor, eu

nem mesmo sei o que era... Hoje o meu remorso é muito maior e, no entanto, não sou obrigado a permanecer naquela casa fatal. Tenho a permissão de vagar pela Terra e procurar me esclarecer pelas observações que faço.

Portanto, compreendo melhor a enormidade dos meus crimes e, se por um lado eu sofro menos, por outro aumentam as torturas do meu remorso... Mas... ainda bem que eu tenho esperança.

**18 – Se você tivesse que reencarnar agora, que existência escolheria?**

– Ainda não meditei o suficiente sobre isso.

**19 – Durante o seu longo isolamento, que poderíamos chamar de cativo, você sentiu algum remorso?**

– Nenhum, foi por isso que eu sofri por tanto tempo. Foi somente depois que eu comecei a sentir remorso, que se abriu para mim a possibilidade de eu ser evocado; mas apenas agora eu consigo me dar conta disso. Eu devo o começo da minha libertação à evocação. Agradeço, então, a você, que teve piedade de mim e me esclareceu.

*Nota de Allan Kardec: Realmente, temos visto os sovinas sofrerem com a visão do ouro, que para eles se tornou uma fantasia verdadeira; orgulhosos, atormentados pela inveja das honrarias prestadas a outros que não a eles; homens que dominavam na Terra, humilhados por uma força invisível, obrigados a obedecer, na presença de subordinados, que não mais se curvam diante deles; ateus atordoados pela dúvida, em meio à imensidão, no mais absoluto isolamento, sem ter ninguém que os esclareça.*

*No mundo dos Espíritos, se há recompensa para todas as virtudes, há também punições para todas as faltas, de modo que aqueles que não são atingidos pela lei dos homens são alcançados pela Lei de Deus.*

*Outro ponto a salientar é que as mesmas faltas, embora cometidas em*

*circunstâncias idênticas, têm punições diferentes. Elas variam conforme o grau de adiantamento intelectual do Espírito que as cometeu. Os Espíritos mais atrasados, de natureza mais grosseira, como este de Castelnau, recebem punições mais materiais do que morais. Com os Espíritos que possuem uma inteligência e sensibilidade mais desenvolvidas, ocorre justamente o contrário, ou seja, as punições são mais morais do que materiais.*

*Aos Espíritos mais atrasados impõe-se o castigo apropriado à rudeza do seu discernimento, para que eles compreendam o erro e dele se libertem. É desse modo que a “vergonha”, por exemplo, que nada causaria aos Espíritos atrasados, seria intolerável para os Espíritos mais adiantados.*

*Nesse Código Penal Divino, a sabedoria, a bondade e a providência de Deus para com as Suas criaturas revelam-se até nas menores coisas. Tudo é proporcional, tudo é feito com um cuidado admirável, tendo em vista facilitar aos culpados os meios para que eles se reabilitem. Assim, as mínimas aspirações da alma são levadas em consideração.*

*Segundo o dogma das penas eternas, ocorre o contrário, ou seja, no inferno são confundidos os grandes e os pequenos criminosos, os culpados por um erro cometido e os reincidentes obstinados, os endurecidos e os arrependidos. Tudo é calculado para mantê-los no fundo do abismo. Nenhuma tábua de salvação lhes é oferecida; uma única falta pode precipitar-lhes para sempre nesse abismo, e não é levada em consideração qualquer coisa boa que porventura tenham feito. Então, de que lado se encontram a verdadeira justiça e a verdadeira bondade?*

*A evocação desse Espírito não foi por acaso. Os Espíritos que velam por este infeliz, vendo que ele já começava a compreender a enormidade dos crimes que cometeu, julgaram que era o momento de lhe dar esse socorro eficaz, e para isso criaram as circunstâncias apropriadas para que ele fosse evocado. Este é um fato que temos visto acontecer com muita frequência.*

*Perguntamos o que teria acontecido a este Espírito se ele não tivesse sido evocado, bem como a todos os Espíritos sofredores que não podem ser evocados, assim como aqueles em que a gente nem pensa. Recebemos como resposta que os meios que Deus*

*dispõe para salvar as Suas criaturas são incontáveis. A evocação é um desses meios, mas não é o único, uma vez que Deus não se esquece de ninguém. Além disso, as preces coletivas devem exercer a sua cota de influência sobre os Espíritos acessíveis ao arrependimento.*

*Deus não poderia subordinar o destino dos Espíritos sofredores à boa vontade e aos conhecimentos dos homens. Desde que os homens puderam estabelecer relações regulares com o mundo invisível, uma das primeiras consequências do Espiritismo foi ensinar os serviços que, por meio dessas relações, podem ser prestados aos irmãos desencarnados.*

*Deus quis, por esse meio, provar aos homens a solidariedade que existe entre todos os seres do Universo. Quis dar a uma Lei da Natureza, aquela que estabelece a relação entre os dois planos, o material e o espiritual, uma base ao princípio da fraternidade. Ao abrir esse novo campo ao exercício da caridade, Deus mostra aos homens o lado verdadeiramente sério e útil das evocações, até então desvirtuadas do seu objetivo providencial pela ignorância e pela superstição.*

*Em nenhuma época faltou socorro aos Espíritos sofredores. Se as “evocações” lhes abrem um novo caminho de salvação, os encarnados também delas se aproveitam, porque recebem novas oportunidades para fazer o bem. Recebem também novas oportunidades para se instruir sobre as verdadeiras condições da vida futura.*

## JACQUES LATOUR

---

**Assassino condenado pelo júri de Foix (cidade ao sul da França) e executado em setembro de 1864.**

Numa reunião espírita íntima, com cerca de oito pessoas, ocorrida em Bruxelas, no dia 13 de setembro de 1864, e à qual estávamos presentes, foi pedido a um médium que pegasse um lápis para escrever. Logo em seguida, e sem que houvésemos feito qualquer evocação especial, o médium foi tomado

de uma agitação extraordinária e começou a traçar caracteres muito grossos. Depois de rasgar o papel, vimos que estavam escritas estas palavras: Eu me arrependo! Eu me arrependo! Latour.

Surpreendidos com a inesperada comunicação, que de modo algum tinha sido provocada, uma vez que ninguém havia pensado nesse infeliz, cuja morte até então era ignorada pela maioria dos assistentes, dirigimos ao Espírito palavras de conforto e encorajamento. Depois disso, fizemos a ele a seguinte pergunta:

**Que motivo o levou a se manifestar aqui, e não em outro lugar, uma vez que não o evocamos?**

O médium, que era também um excelente médium psicofônico, respondeu de viva voz o que o Espírito lhe transmitia:

– Vi que vocês são almas que têm compaixão e que teriam piedade de mim, ao passo que outros me evocam mais por curiosidade do que por caridade, ou de mim se afastam horrorizados.

**Então, começou uma cena indescritível, que durou um pouco mais de meia hora:**

O médium, associando o que dizia aos gestos que fazia e à expressão da sua fisionomia, deixava muito claro que existia uma identificação do Espírito com a sua pessoa; às vezes, esses gestos de desespero mostravam tanta aflição, que representavam vivamente o seu sofrimento; o tom da voz era tão triste, as súplicas tão veementes, que os assistentes ficaram profundamente comovidos.

Alguns estavam mesmo assustados com a superexcitação do médium, mas nós sabíamos que a manifestação de um Espírito arrependido, que implora piedade, não poderia oferecer nenhum perigo. Se ele utilizou os órgãos do médium é porque desejava tornar claro o seu sofrimento, e para ter a certeza de que nós nos interessaríamos pela sua situação.

Não fez isso como fazem os Espíritos obsessores, que visam a apoderar-se



dos médiuns para dominá-los. Talvez essa manifestação lhe tenha sido permitida, não somente em benefício próprio, mas também para instrução das pessoas presentes.

Ele exclamava:

Oh! Sim, piedade... Eu preciso muito dela, porque vocês não sabem o que eu sofro!... Não, vocês não sabem, não podem compreender... É horrível!... A Guilhotina!... O que é a guilhotina, comparada com o que eu sofro agora? Nada! É um instante. Este fogo que me devora, sim, é pior, porque é uma morte contínua, é um sofrimento sem tréguas nem repouso... Sem-fim!...

E as minhas vítimas estão em volta de mim... Mostram-me as suas feridas... Perseguem-me com os seus olhares!... Elas estão na minha frente e vejo-as todas... Sim, todas... Eu as vejo e não posso evitá-las!... E este mar de sangue?!... E este ouro manchado de sangue?! Tudo está aqui, e sempre diante de mim!...

Vocês sentem o cheiro do sangue?... Do sangue, sempre do sangue! As pobres vítimas me imploram, mas eu continuo a feri-las sempre... Sempre... Impiedosamente!... O sangue me embriaga!

Eu acreditava que, após a minha morte, tudo estaria acabado. E foi assim que eu afrontei os sofrimentos mais cruéis e o próprio Deus, renegando-O!... Entretanto, quando eu me julgava aniquilado para sempre, tive um terrível despertar... Eu me via cercado de cadáveres, de figuras ameaçadoras, com meus pés atolados em sangue!... Acreditava-me morto e estou vivo!... Horrível! Horrível! Mais horrível que todos os suplícios da Terra!

Ah! Se todos os homens pudessem saber o que existe do outro lado da vida! Saberiam também o quanto custa fazer o mal! Por certo não haveria mais assassinos, nem criminosos, nem malfeitores! Eu queria que todos os assassinos pudessem ver o que eu vejo e o que eu sofro... Oh! Então deixariam de sê-lo, porque é horrível este sofrimento!

Eu sei bem que mereci sofrer tudo isso, oh! Meu Deus! Mereci sofrer porque eu não tive compaixão das minhas vítimas; empurrei suas mãos

suplicantes, quando me pediam para poupá-las. Sim, eu fui cruel, matei-as covardemente para roubar-lhes o ouro!... Fui incrédulo, blasfemei, reneguei o Seu sagrado nome... Quis enganar-me, porque queria me convencer de que o Senhor não existia... Meu Deus, eu sou um grande criminoso! Agora compreendo.

Mas o Senhor teria piedade de mim? O Senhor é Deus, ou melhor, a bondade, a misericórdia! O Senhor é Todo-Poderoso! Piedade, Senhor! Piedade! Eu lhe peço que não seja inflexível; livre-me destes olhares odiosos, destas figuras horríveis... Deste sangue... Das minhas vítimas, cujos olhares me atravessam o coração, como se fossem golpes de punhal!

Vocês que estão aqui, que me escutam, sejam bondosos, sejam almas caridosas. Sim, eu vejo que vocês terão piedade de mim, não é verdade? Vocês vão orar por mim... Oh! Eu suplico que não me rejeitem. Peçam a Deus para que retire este terrível espetáculo diante dos meus olhos. Ele vai ouvi-los, porque vocês são bons... Suplico para que não me rejeitem, assim como eu fiz outrora com as minhas vítimas... Orem por mim.

Os assistentes, sensibilizados diante de tanto sofrimento, dirigiram-lhe palavras de conforto e consolação. Deus, disseram-lhe, não é de forma alguma inflexível; Ele apenas exige que o culpado se arrependa sinceramente e que deseje reparar o mal que fez. Uma vez que o seu coração não está mais obstinado e que você Lhe peça perdão por seus crimes, Ele lhe estenderá a Sua misericórdia.

Assim, é preciso perseverar na boa resolução de reparar o mal que fez. Certamente não é possível restituir a vida que foi tirada de suas vítimas. No entanto, se pedir com fervor, Deus permitirá reencontrar-se com elas em uma nova existência, onde será possível demonstrar-lhes um devotamento proporcional à crueldade que teve para com elas. E quando Deus julgar suficiente a reparação, você receberá o Seu santo perdão.

Por isso, a duração do seu castigo está em suas mãos, e depende somente de você abreviá-lo. Prometemos ajudá-lo com as nossas preces e pedir a

assistência dos bons Espíritos para que o acompanhem. Vamos pronunciar em sua intenção a prece para os Espíritos sofredores e arrependidos que se encontra em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Não pronunciaremos a prece que se refere aos maus Espíritos, porque, uma vez que você se arrependeu, que implorou a Deus o Seu perdão, que renunciou ao mal, nós o consideramos um Espírito infeliz, e não mau.

Feita a prece, o Espírito continua, depois de alguns instantes de calma:

Obrigado, meu Deus!... Oh! Obrigado! O Senhor teve piedade de mim... Essas figuras horríveis estão se afastando, não me abandonem... Mandem os seus bons Espíritos para me sustentarem... Obrigado.

Depois desta cena, o médium fica por algum tempo debilitado, abatido, e com muitas dores nos braços e nas pernas. A princípio, tem apenas uma vaga ideia sobre o que se passou, mas aos poucos vai se lembrando de algumas palavras que pronunciou sem querer, reconhecendo que não era ele quem falava.

No dia seguinte, em uma nova reunião, o Espírito tornou a se manifestar, recomeçando a mesma cena da véspera, ou seja, com a mesma gesticulação e a mesma expressão, embora com menos violência. Entretanto, desta vez, utilizou apenas alguns minutos. Depois escreveu, pelo mesmo médium e com uma agitação febril, as seguintes palavras:

Obrigado por suas preces. Já experimento uma sensível melhora. Orei a Deus com tanto fervor, que Ele me concedeu um momento de alívio. Mas ainda terei que ver as minhas vítimas... Estão aqui! Estão aqui!... Vocês veem este sangue?...

A prece da véspera foi repetida. O Espírito continua dirigindo-se ao médium:

Perdoe-me, por ter me apossado de você. Obrigado pelo alívio que trouxe aos meus sofrimentos. Perdoe-me pelo mal que lhe causei, mas eu tenho necessidade de me manifestar, e **somente você pode me receber...**

Obrigado! Obrigado! Já sinto algum alívio, mas estou apenas no começo

das minhas provações. As minhas vítimas voltarão dentro em breve. Esta é a punição que eu mereci. Mas, meu Deus, seja complacente, perdoe-me! Vocês todos orem por mim, tenham piedade!

**Latour**

## *Observação*

**Somente você pode me receber:** O Espírito está se referindo à afinidade fluídica que existe entre o seu perispírito e o do médium, para que ele possa se manifestar. Sabe que não conseguiria esta manifestação por outro médium, mas ignora como isso acontece.

**Um membro da Sociedade Espírita de Paris, que tinha orado por este infeliz, evocando-o, obteve as seguintes comunicações, em diferentes ocasiões:**

## **1**

Eu fui evocado quase imediatamente após a minha morte, porém não pude me manifestar logo, de modo que muitos Espíritos levianos tomaram-me o nome e a vez. Aproveitei que o presidente da Sociedade Espírita de Paris (Allan Kardec) estava em Bruxelas e, com a permissão dos Espíritos superiores, pude então dar a minha comunicação.

Voltarei a me manifestar naquela Sociedade, com a finalidade de fazer revelações que serão o início da reparação das minhas faltas, e que poderão também servir de ensinamento a todos os criminosos que lerem e refletirem sobre o relato dos meus sofrimentos.

É somente sobre o Espírito dos homens fracos e das crianças que a descrição das penas do inferno pode ter algum efeito. Ora, um grande malfeitor não é um Espírito covarde, e ele tem mais medo de um policial do que da descrição dos tormentos do inferno. Eis por que todos aqueles que lerem o que eu escrevo ficarão comovidos com as minhas palavras e com os

meus sofrimentos, que não são ficções.

Não existe um único padre que possa dizer: “Eu também vi o que você viu, eu assisti às torturas daqueles que são condenados a penas eternas”. Mas quando eu disser: “Eis o que se passou após a morte do meu corpo físico. Eu tive uma enorme decepção ao reconhecer que não tinha morrido, ao contrário do que imaginava, e aquilo que eu acreditava ser o fim dos meus suplícios era, na verdade, o começo de outras torturas impossíveis de serem descritas!”.

Então, mais de um criminoso se deterá à beira do abismo em que ia se precipitar, e cada infeliz que eu conseguir desviar do caminho do crime concorrerá para resgatar uma de minhas faltas. É assim que do mal sai o bem e que a bondade de Deus se manifesta por toda a parte, tanto na Terra quanto no Espaço.

Tive a permissão de me libertar do olhar das minhas vítimas, que se transformaram em meus carrascos, para me comunicar com vocês. Entretanto, quando deixá-los, tornarei a vê-las e só esta ideia me causa um sofrimento que é impossível descrever. Fico feliz quando me evocam, porque assim deixo o meu inferno por alguns instantes.

Orem sempre ao Senhor, para que Ele me liberte do olhar das minhas vítimas.

Sim, oremos juntos, a prece faz tanto bem!... Estou mais aliviado, já não sinto mais tanto o peso do fardo que me esmaga. Vejo um fio de esperança que brilha em meus olhos e, cheio de arrependimento, digo: Bendita seja a mão do Senhor, que seja feita a Sua vontade.

## 2

### **O MÉDIUM:**

Em vez de pedir a Deus que o livre do olhar das suas vítimas, eu peço que

você ore comigo para que Ele lhe dê a força necessária a fim de suportar essa tortura expiatória.

### **LATOUR:**

Eu preferia livrar-me desses olhares. Se você soubesse o que eu sofro... O homem mais insensível ficaria comovido se pudesse ver impressos na minha fisionomia, como fogo, os sofrimentos da minha alma. Entretanto, farei o que você me aconselha, pois vejo que esse é um meio mais rápido de expiar as minhas faltas. É como uma operação dolorosa que devolve a saúde a um corpo doente.

Ah! Se os culpados da Terra pudessem me ver! Ficariam apavorados com as consequências de seus crimes que, mesmo ignorados pelos homens, são vistos pelos Espíritos! Como a ignorância é fatal para tantas pessoas!

Que responsabilidade assumem aqueles que se recusam a dar instrução às classes pobres da sociedade! Eles acreditam que apenas com soldados e polícia é possível prevenir os crimes... Que grande erro eles cometem!

## **3**

Os meus sofrimentos são terríveis, mas depois de suas preces, sinto que os bons Espíritos estão me assistindo e eles pedem para que eu tenha esperança. Compreendo a eficácia do remédio heroico (a prece) que você me aconselhou e peço a Deus que me dê forças para suportar esta dura expiação. Posso dizer que ela é igual ao mal que pratiquei na Terra.

Não quero procurar desculpas para as minhas atrocidades, mas, tirando o pavor que sentiram antes da morte, para cada uma das minhas vítimas, a dor acabou assim que eu cometi o crime. E aquelas que tinham terminado as suas provas terrenas foram receber a recompensa que as aguardava. Para mim,

entretanto, ao voltar ao mundo dos Espíritos, só encontrei sofrimentos infernais, a não ser nos breves momentos em que eu me comunicava.

Os padres, apesar do quadro assustador que fazem a respeito das penas que recaem sobre os pecadores, têm apenas uma pálida ideia dos verdadeiros sofrimentos que a Justiça de Deus reserva aos infratores da Lei do Amor e da Caridade.

Como fazer pessoas sensatas acreditarem que uma alma, ou seja, algo que é imaterial, possa sofrer em contato com o fogo material? É absurdo, e por isso inúmeros criminosos se riem dessas descrições fantásticas sobre o inferno. Mas o mesmo não acontece em relação à dor moral do condenado, após a morte física. Orem para que o desespero não se aposses de mim.

## 4

Sou muito grato pela perspectiva do futuro glorioso que você me fez entrever (referindo-se ao médium), e que eu alcançarei quando estiver purificado. Sofro muito, mas parece que os sofrimentos diminuem. Não posso acreditar que no mundo dos Espíritos a dor diminua pouco a pouco, apenas porque nos acostumamos a ela. Não! O que eu consigo aceitar é que as suas preces salutares aumentaram as minhas forças e, *se as minhas dores são as mesmas, eu tendo mais força para suportá-las, por isso sofro menos.*

Penso em minha última existência e nas faltas que eu poderia ter evitado se soubesse orar. Hoje eu compreendo a eficácia da prece; compreendo o valor dessas mulheres honestas e piedosas, fracas pela carne, mas fortes pela fé que possuem; compreendo, enfim, esse mistério que os pretensos sábios da Terra ignoram. Prece! Palavra que por si só provoca o riso dos Espíritos fortes.

Eu os espero no mundo espiritual e, quando se rasgar o véu que lhes encobre a verdade, será a vez de eles virem se colocar aos pés do Eterno, a quem tanto desprezaram. Eles ficarão felizes em se humilhar, para se libertarem de

seus pecados e de seus crimes. Só então compreenderão a virtude da prece!

Orar é amar, e amar é orar! Sendo assim, eles amarão o Senhor e Lhe dirigirão preces de reconhecimento, preces de amor e, regenerados pelo sofrimento, uma vez que eles vão sofrer, pedirão, do mesmo modo que eu peço, a força necessária para suportar o sofrimento e a expiação. E quando eles deixarem de sofrer, vão orar ainda mais para agradecer ao Senhor pelo perdão obtido. Perdão esse que virá através da humildade e da resignação que tiverem. Vamos orar meu irmão, para que eu me fortaleça ainda mais...

Obrigado por sua caridade, porque eu estou perdoado. Deus me livrou do olhar das minhas vítimas. Oh! Meu Deus! Bendito seja por toda a eternidade, pela graça que me concedeu. Oh! Meu Deus! Sinto a enormidade dos meus crimes e me curvo diante da Sua onipotência. Senhor! Eu o amo de todo o meu coração e Lhe peço a graça de me permitir, quando for da Sua vontade, sofrer novas provas na Terra.

Quero voltar à Terra como missionário da paz e da caridade, para ensinar as crianças a pronunciarem com respeito o Seu nome. Peço poder ensiná-las a amá-Lo, Pai de todas as criaturas. Oh! Obrigado, meu Deus. Sou um Espírito arrependido, e o meu arrependimento é sincero.

Eu O amo, tanto quanto o meu coração impuro pode compreender este sentimento, que é pura emanção da Sua divindade. Vamos orar, irmão, pois meu coração transborda de reconhecimento. Estou livre, quebrei as minhas algemas, não sou mais um condenado. Sou um Espírito sofredor, mas arrependido, e gostaria que o meu exemplo pudesse conter todas essas mãos criminosas que eu vejo prestes a se erguerem para praticar o crime.

Oh! Para trás, irmãos, recuem, porque as torturas que preparam para vocês mesmos são atroztes! Não acreditem que o Senhor se submeterá tão rapidamente à prece dos Seus filhos. São séculos de torturas que os esperam.

## **INSTRUÇÕES DO GUIA DO MÉDIUM:**



Você diz que não compreende as palavras do Espírito. Preste atenção na emoção e no reconhecimento que esse Espírito manifesta ao seu Senhor. Ele acredita que a melhor maneira de expressar o seu reconhecimento é tentando demover todos os criminosos que ele vê e você não. Ele gostaria que as suas palavras pudessem chegar aos ouvidos de todos eles.

Mas o que ele não lhe disse, porque ainda ignora, é que ele terá a permissão de começar missões reparadoras. Irá para junto daqueles que lhe foram cúmplices, procurando inspirar-lhes o arrependimento, implantando em seus corações o germe do remorso.

Com frequência vemos na Terra pessoas tidas como honestas irem procurar um padre para confessar um crime. É o remorso que faz com que elas assumam a sua culpa. E se o véu que não lhe deixa ver o mundo invisível se erguesse (referindo-se ao médium), você veria muitas vezes um Espírito que já foi cúmplice ou que foi o próprio autor do crime vir inspirar o remorso em Espíritos encarnados. *O mesmo acontecerá com Jacques Latour, na ânsia de reparar a sua própria falta.*

### **Seu guia protetor**

**Mais tarde, o médium de Bruxelas, o mesmo que recebeu a primeira comunicação, obteve o seguinte:**

Não tenha mais medo de mim, estou mais tranquilo, embora ainda esteja sofrendo. Deus teve piedade de mim, porque viu o meu arrependimento. Agora, *sofro por causa desse arrependimento, que me mostra a enormidade dos meus crimes.* Se eu tivesse sido bem orientado na vida, jamais teria feito todo o mal que fiz. Meus instintos nunca foram reprimidos e eu os obedeci, porque nunca tive um freio a me tolher.

Se todos os homens pensassem mais em Deus, ou pelo menos acreditassem Nele, crimes deste tipo não seriam cometidos. Mas a justiça dos homens é falha. Por uma falta, na maioria das vezes não tão grave, o homem é levado para a prisão, que sempre é um foco de perdição e de perversão.

Quando sai, está completamente corrompido pelos maus conselhos e maus exemplos que presenciou.

Mesmo que a sua índole seja boa e forte para não se deixar corromper, ao sair da prisão vai encontrar todas as portas fechadas, todas as mãos se afastando dele e todos os corações honestos indiferentes. O que lhe resta, então? O desprezo, a miséria, o abandono e o desespero. Se ele toma boas resoluções para voltar ao bem, a miséria o leva a extremos. Assim, ele também passa a desprezar os seus semelhantes, a odiá-los, uma vez que perde a noção do bem e do mal, por ser repelido, apesar das boas intenções que o animam. Para conseguir o necessário, tem que roubar e, às vezes, até matar. Depois o levam para a guilhotina!

Meu Deus, no momento em que as minhas alucinações parecem voltar, sinto que a Sua mão se estende sobre mim; sinto que a Sua bondade me envolve e protege. Obrigado, meu Deus! Na minha próxima existência, empregarei toda a minha inteligência no socorro aos infelizes que sucumbiram, a fim de preservá-los da queda.

Obrigado a você, que não se recusou a conversar comigo. Não tenha medo, pois não sou mau. Quando pensar em mim, não me veja com a forma que você imagina que eu tenha em função dos crimes que eu cometi, mas procura me ver como uma pobre alma angustiada, que agradece a sua tolerância. Adeus. Evoquem-me ainda outras vezes e orem a Deus por mim.

### **ESTUDO SOBRE O ESPÍRITO JAQUES LATOUR:**

Não se pode desconhecer a profundidade e a alta significação de algumas das frases contidas nesta comunicação. Além disso, ela nos oferece um dos aspectos do mundo dos Espíritos castigados, mas que nem por isso deixam de receber a misericórdia de Deus.

A alegoria mitológica das **Eumênides** não é tão ridícula como parece, e os

demônios, carrascos oficiais do mundo invisível, que substituem as Eumênides na crença moderna, com seus chifres e foices, não são mais efetivos do que estas vítimas que servem, elas próprias, ao castigo do culpado.

## *Observação*

**Eumênides:** É o nome dado a uma tragédia grega, cujo autor é Ésquilo. Faz parte da trilogia Orésteia, que inclui também as tragédias Agamêmnon e Coéforas. Embora Eumênides também signifique: as benevolentes, as graciosas, as veneráveis, as deusas eram normalmente retratadas como Górgonas, criaturas com cobras em vez de cabelos e os olhos injetados de sangue. As Eumênides correspondem às Fúrias na mitologia romana.

Admitindo-se a identidade deste Espírito, talvez surpreenda a mudança tão rápida em relação à sua moral. Já observamos em outra oportunidade que um Espírito extremamente mau pode, muitas vezes, ter mais predicados do que um que é dominado pelo orgulho ou que esconde os seus vícios sob o manto da hipocrisia. Esse rápido retorno a melhores sentimentos indica uma natureza mais selvagem do que perversa, à qual apenas faltava uma boa direção.

Comparando a sua linguagem com a de outro Espírito criminoso, que será mencionado a seguir, com o título *Castigo pela luz*, será fácil concluir qual dos dois está mais adiantado moralmente, apesar da diferença de instrução e da posição social. Latour obedece a um instinto de ferocidade que lhe é natural, obedece a uma espécie de superexcitação, ao passo que o outro imprime na execução de seus crimes a calma e o sangue-frio que são característicos de uma combinação bem pensada e perseverante. Este último, depois de morto, ainda afronta a punição, com o seu orgulho.

Um sofre e não quer admitir, enquanto Latour prontamente se submete. Também por aí podemos prever qual deles sofrerá por mais tempo.

O Espírito Latour diz: “Sofro por causa desse arrependimento, que me mostra a enormidade dos meus crimes”. Esta frase contém um pensamento profundo. O Espírito só compreende a gravidade dos seus crimes depois que se arrepende. O arrependimento traz o remorso, que é um sentimento doloroso,

uma vez que ele representa a transição do mal para o bem, da doença moral para a saúde moral.

É para escapar desse sentimento que os Espíritos perversos se revoltam contra a voz da consciência, assim como os doentes se recusam a tomar o remédio que irá curá-los. Agindo desse modo, os Espíritos perversos procuram se iludir, se enganar, e continuam persistindo no mal.

Latour chegou a esse período em que a obstinação, a ideia fixa, acaba por ceder. O remorso entra em seu coração e o arrependimento bate à sua porta. Então, ele compreende a extensão do mal que fez, vê a sua degradação e sofre com ela. Eis por que ele diz: “Sofro por causa desse arrependimento”. Na existência anterior, ele deve ter sido pior que nesta última, visto que, se ele tivesse se arrependido como agora, sua vida subsequente lhe teria sido melhor.

As resoluções que ele toma agora terão influência sobre a sua futura existência terrena. A encarnação que ele acaba de deixar, por mais criminosa que tenha sido, marcou para Latour uma etapa de progresso. É muito provável que antes de iniciar essa última encarnação ele tenha sido, no plano espiritual, um desses muitos Espíritos rebeldes, obstinados em fazer o mal.

Muitas pessoas perguntam qual o proveito dessas existências passadas, uma vez que não nos lembramos delas e nem temos ideia do que fomos ou do que fizemos. Ora, essa questão já está resolvida pelo simples fato de que, se o mal que cometemos foi apagado da nossa memória, se não nos resta nenhum traço dele no coração, sua lembrança será inútil e com ele não devemos nos preocupar.

Quanto aos vícios dos quais ainda não nos despojamos inteiramente, estes podem ser reconhecidos por nossas tendências atuais, e é para eles que devemos voltar todas as nossas atenções. *Basta saber o que somos, sem que seja necessário saber o que fomos.*

Se considerarmos as dificuldades que a vida oferece para a reabilitação do culpado, por maior que seja o seu arrependimento e as provas a que ele será submetido, devemos bendizer a Deus, por Ele ter colocado um véu sobre o seu

passado. Mesmo que Latour tivesse sido condenado a tempo ou absolvido, seus antecedentes criminais fariam com que ele fosse rejeitado pela sociedade.

Quem o acolheria na intimidade, apesar do seu arrependimento? Entretanto, os sentimentos que ele manifesta hoje, como Espírito, nos dão a esperança de que na sua próxima encarnação ele venha a ser um homem honesto e estimado. Suponhamos que as pessoas soubessem que esse homem honesto foi o assassino Latour, será que a reprovação não continuaria a persegui-lo?

Esse véu que é lançado sobre o seu passado é que lhe abre a porta para a reabilitação, porque ele pode, sem receio e sem constrangimento, igualar-se com os mais honestos. Quantas pessoas não gostariam de, a qualquer preço, apagar da memória dos outros certas fases da própria existência?

Qual a doutrina que melhor se concilia com a bondade e a Justiça de Deus? Além disso, esta doutrina não é uma teoria, mas o resultado de observações. Não foram os espíritas que a imaginaram, mas eles viram e observaram as diferentes situações em que os Espíritos se apresentam; procuraram explicá-las, e dessa explicação saiu então a Doutrina Espírita. Se os espíritas a aceitaram, é porque ela resulta dos fatos observados, e porque lhes pareceu mais racional que todas as outras emitidas até hoje sobre o futuro da alma.

Será que podemos negar que existe nessas comunicações um grande ensinamento moral? O Espírito deve ter sido ajudado em suas reflexões, e sobretudo na escolha das suas expressões, por Espíritos mais adiantados, que apenas o influenciaram na forma de se manifestar, nunca na essência. Jamais os Espíritos superiores deixam um Espírito inferior entrar em contradição consigo mesmo.

Assim, eles poderiam ter ajudado Latour a se manifestar com aqueles gestos e com aquela fisionomia, para que ele demonstrasse o seu arrependimento, mas não poderiam provocar o arrependimento contra a sua vontade, porque o Espírito tem o seu livre-arbítrio.

Os Espíritos superiores perceberam em Latour o germe dos bons sentimentos e por isso o auxiliaram a se expressar daquela forma, o que contribuiu para desenvolver esses bons sentimentos, ao mesmo tempo em que atraíram para ele a compaixão dos que estavam presentes.

Existe algo mais comovente, mais moralizador, capaz de impressionar mais vivamente do que o quadro desse grande criminoso arrependido, desabafando o seu desespero e o seu remorso? Desse criminoso que, perseguido e torturado pelo olhar incessante de suas vítimas, eleva a Deus o pensamento, implorando misericórdia? Não será esse procedimento um saudável exemplo para os culpados? Compreende-se a natureza de suas angústias que, embora simples, são racionais, terríveis e desprovidas de falsas encenações.

Talvez seja o caso de perguntar como pode acontecer uma transformação tão grande num homem como Latour.. Mas por que ele deveria ser inacessível ao arrependimento? Por que ele também não poderia possuir a sua corda sensível? Por acaso o culpado deveria voltar-se para o mal eternamente? Não chegaria o momento em que a luz se faria presente em sua alma? Foi justamente esse momento que chegou para Latour. Este é precisamente o lado moral de suas comunicações.

Essas mensagens tornam-se altamente instrutivas, pela compreensão que esses Espíritos têm do seu estado, dos sofrimentos pelos quais passaram e dos planos de reparação que fazem.

O que haveria de extraordinário se Latour tivesse um arrependimento sincero antes de morrer? Se dissesse antes da morte o que veio dizer depois? Não temos a esse respeito inúmeros exemplos semelhantes? Aos olhos de muita gente, um arrependimento antes da morte teria passado por fraqueza. Mas a sua voz, vinda do mundo espiritual, é a revelação do futuro que aguarda aqueles que na Terra cometem crimes.

Latour está absolutamente certo quando afirma que o seu exemplo é mais eficaz para conduzir os culpados ao bom caminho do que a perspectiva das chamas do inferno, e até mesmo da guilhotina.

Por que, então, não se trazem esses exemplos para dentro das prisões? Isso levaria muitos criminosos a refletirem com sensatez e, sobre esse assunto, já temos alguns exemplos. Mas como acreditar na eficácia das palavras de um morto, quando a gente mesmo crê que tudo termina com a morte? Entretanto, chegará um dia em que se acreditará nesta verdade: *Os mortos podem vir instruir os vivos.*

Existem várias outras instruções importantes que podem ser tiradas dessas comunicações. Primeiro, é a confirmação do princípio da eterna Justiça, segundo o qual não basta que o culpado se arrependa para merecer estar na categoria dos eleitos. O arrependimento é o primeiro passo para a reabilitação, e é justamente ele que atrai a misericórdia de Deus; o arrependimento é o que vem antes do perdão, é o alívio para os sofrimentos.

Mas Deus não concede o perdão sem impor algumas condições. O culpado precisa expiar e, sobretudo, reparar as suas faltas. Foi isso o que Latour compreendeu, e é para reparar as suas faltas que ele se prepara. Em segundo lugar, se compararmos o criminoso Latour com o de Castelnaudary, encontraremos uma grande diferença entre os castigos que foram impostos a ambos.

No caso de Castelnaudary, o arrependimento foi tardio e por isso a pena foi mais longa. Além disso, essa pena era quase material, ao passo que para Latour o sofrimento foi um sofrimento muito mais moral. Como dissemos antes, havia uma grande diferença intelectual entre eles.

Ao Espírito de Castelnaudary era preciso alguma coisa que pudesse lhe ferir os sentidos obstruídos. Mas é preciso notar que as penas morais não são menos dolorosas para aqueles que já estão em condições de compreendê-las.

Podemos confirmar esse fato pelos clamores do próprio Latour, que não eram clamores de cólera, e sim a expressão do remorso que ele sentia, seguidos de perto pelo arrependimento e pelo desejo de reparação, visando ao seu progresso.

## *Observação*

A matéria que compõe o plano espiritual possui uma plasticidade muito grande e se molda com facilidade ao pensamento do Espírito. No caso de Latour, o seu sentimento de culpa era tão intenso, que ele plasmava, mesmo sem o saber, as vítimas que ele via à sua frente.

Na verdade, elas não estavam ali como Espíritos, até porque não faria sentido Espíritos posicionados à frente do seu assassino, por um tempo indeterminado, aguardando pelo seu arrependimento.

Mas também é preciso compreender que existem casos em que a vítima, por desespero ou para exercer a sua vingança, acompanha o seu algoz pelo período que lhe for permitido, podendo mesmo esse acompanhamento passar de uma encarnação a outra. São os casos das obsessões complexas, em que os envolvidos não conseguem perdoar-se. É somente através do sofrimento recíproco que eles, depois de várias encarnações, encontram finalmente a paz e a harmonia.



## CAPÍTULO 7

# ESPÍRITOS ENDURECIDOS OU OBSTINADOS

- LAPOMMERAY
- ANGÈLE, UMA NULIDADE SOBRE A TERRA
- UM ESPÍRITO ABORRECIDO
- A RAINHA DE OUDE
- XUMÈNE

### LAPOMMERAY

---

#### **Castigo pela Luz**

Em uma das sessões da Sociedade Espírita de Paris, durante a qual se havia discutido a perturbação que geralmente acompanha o desencarne, um Espírito, ao qual ninguém tinha feito qualquer alusão e muito menos se pretendia evocar, se manifestou espontaneamente. Pela comunicação que deu, mesmo não assinando, foi possível reconhecer que se tratava de um grande criminoso que havia sido condenado recentemente pela justiça humana:

O que vocês entendem por perturbação? Para que essas palavras inúteis? Vocês são sonhadores, estão fora da realidade. Ignoram por completo o assunto do qual se ocupam. Não, senhores, a perturbação não existe, a não ser nos seus cérebros. Estou bem morto, tão morto quanto possível, e vejo claro em mim, ao redor de mim, por toda parte!...

A vida é uma triste comédia! Aqueles que se retiram da cena, antes que o pano caia, são insensatos. A morte é um terror, um castigo, um desejo, conforme a fraqueza ou a força daqueles que a temem, a desafiam ou a imploram. Mas também é para todos uma amarga brincadeira!...

*A luz me ofusca e me penetra, como uma flecha aguda, no íntimo do meu*

*ser...* Castigaram-me com as trevas da prisão e acreditaram castigar-me ainda com as trevas do túmulo, ou melhor, com as trevas sonhadas pelas superstições católicas.

Pois bem, senhores! São vocês que padecem na ignorância, enquanto eu, degredado social, estou em um plano superior. Eu quero ser o que sou... Forte pelo pensamento, menosprezando os conselhos que ressoam nos meus ouvidos... Vejo claro... Um crime! Não passa de uma palavra! O crime existe em toda parte. Quando é executado pelas massas, ele é glorificado, quando é praticado individualmente, ele é amaldiçoado. É um absurdo!

Não quero que tenham pena de mim... Nada peço... Eu me basto e saberei muito bem me libertar *desta luz odiosa*.

### **Aquele que ontem era um homem**

*Nota de Allan Kardec: Esta comunicação foi analisada na assembleia seguinte da Sociedade Espírita de Paris. Reconhecemos, no próprio cinismo da sua linguagem, um grande ensinamento que mostra a situação desse infeliz, como uma nova fase do castigo que espera o culpado. Com efeito, enquanto alguns estão imersos em trevas ou no isolamento absoluto, outros sofrem, por longos anos, as angústias da última hora ou se acreditam ainda encarnados.*

*Para este Espírito, a luz brilha e ele desfruta plenamente das suas faculdades. Tem a perfeita consciência de que está desencarnado, não se lamenta de nada, repele qualquer assistência e ainda afronta as Leis divinas e humanas. Isso significa dizer que ele escapou da punição? De modo algum, pois a Justiça de Deus se cumpre de todas as formas, e aquilo que causa alegria para uns, pode ser um tormento para outros.*

*A luz é o verdadeiro suplício para esse Espírito, e é ele próprio quem confessa, apesar do seu orgulho, quando diz: “Eu me basto e saberei muito bem me libertar desta luz odiosa”. E também nesta outra frase: “A luz me ofusca e me penetra, como uma flecha aguda, no íntimo do meu ser”. Estas palavras: íntimo do meu ser são características e revelam que ele sabe que o seu corpo é fluídico e penetrável pela luz,*

*da qual não pode escapar, e essa luz o transpassa como uma flecha aguda.*

*Este Espírito foi colocado entre os Espíritos obstinados, porque ficou muito tempo sem manifestar o menor arrependimento. É um exemplo a mais para provar que o progresso moral nem sempre acompanha o progresso intelectual. Entretanto, pouco a pouco, ele foi se corrigindo, dando mais tarde comunicações instrutivas e sensatas. Hoje, ele pode ser colocado entre os Espíritos arrependidos.*

**Solicitamos aos nossos guias espirituais que fizessem uma apreciação sobre esse assunto, e eles ditaram as três comunicações que seguem, dignas da mais séria atenção:**

## 1

Se considerarmos a existência terrena como padrão, os Espíritos na erraticidade (intervalo entre uma encarnação e outra) podem considerar-se inativos e na expectativa. Mas, ainda assim, eles podem cumprir alguma pena que os reabilite, desde que o orgulho e a obstinação em seus erros não os atrapalhem no momento de progredir. Vocês tiveram um exemplo terrível disso, na última comunicação desse criminoso obstinado, debatendo-se contra a Justiça divina que o alcança depois da justiça dos homens.

Neste caso, a expiação, ou melhor, o sofrimento inevitável que os oprime, em vez de ser proveitoso e de fazê-los sentir o profundo significado de suas penas, faz com que eles fiquem ainda mais revoltados, dando origem às lamentações que a Escritura, em sua linguagem poética, chama de *ranger de dentes*.

Excelente imagem! Símbolo do sofredor abatido, mas que, apesar de tudo, não se submete, mesmo estando perdido na própria dor, cuja revolta é ainda bastante forte para que ele reconheça a Justiça do castigo e a Justiça da recompensa!

É comum que os “grandes erros” e as “consciências muito criminosas” continuem existindo no mundo espiritual. Ter consciência de si mesmo e, ainda assim, desafiar o infinito pode ser comparado à cegueira de um homem que, ao contemplar as estrelas, as toma por ornamentos de um teto, tal como acreditavam os gauleses no tempo de **Alexandre!**

Existem Espíritos de uma moral tão elevada, que poderíamos dizer que ela é infinita. Miserável e mesquinho é aquele Espírito que, a pretexto de continuar com as suas lutas e pretensões fúteis que tinha na Terra, não enxerga, no mundo espiritual, nada além do que enxergava no mundo terreno! Para esse, a cegueira, o desprezo alheio, a personalidade egoísta são empecilhos ao seu progresso espiritual.

Oh, Homens! É bem verdade que existe uma relação muito próxima entre a imortalidade de um nome puro que deixa na Terra um legado de bons exemplos e ensinamentos úteis a serem seguidos, e a imortalidade realmente conservada pelos Espíritos nas suas sucessivas provações.

**Lamennais**

### *Observação*

**Alexandre, O Grande (356-323 a.C.):** Também conhecido como Alexandre Magno ou Alexandre III. Conquistou um dos maiores impérios do mundo antigo, que se estendia da Grécia para o Egito até o noroeste da Índia. Foi discípulo de Aristóteles até os 16 anos e possuía uma grande admiração pela cultura grega, que ele fazia questão de implantar nos países que conquistava.

## 2

Lançar um homem nas trevas ou em ondas de luz não dará o mesmo resultado? Tanto num caso quanto no outro, esse homem nada consegue ver à sua volta e se acostumará mais rapidamente ao escuro do que à triste claridade elétrica, na qual ele pode estar submerso. Assim, o Espírito que se manifestou na última sessão exprime bem a verdade quando diz: “Oh! Eu saberei muito

bem me libertar desta luz odiosa”.

De fato, essa luz é terrível porque ela o penetra completamente e lhe devassa os pensamentos mais íntimos. Esse é um dos aspectos mais duros do seu castigo espiritual. O Espírito se encontra, por assim dizer, fechado numa casa de vidro, onde tudo fica transparente, conforme pedia **Sócrates**.

Disso decorre ainda um ensinamento, porque aquilo que seria alegria e consolo para o sábio transforma-se em punição infame e contínua para o perverso, para o criminoso, para o parricida (aquele que mata o pai ou a mãe), assustado com a sua própria personalidade.

Meus filhos, imaginem o sofrimento, o terror que deve atingir aquele que, durante uma existência sinistra, se alegrava em combinar, em maquirar os mais hediondos crimes no íntimo do seu ser, no qual se refugiava, como um animal selvagem em sua caverna, e que, hoje, expulso desse refúgio íntimo, não pode fugir à investigação dos seus contemporâneos. Agora que lhe foi arrancada a máscara da indiferença em relação à dor alheia, todos os pensamentos ficam estampados em seu rosto.

Sim, e de agora em diante não haverá nenhum repouso, nenhum asilo para esse grande criminoso. Todo pensamento mau – e só Deus sabe se a sua alma os tem – o trai por dentro e por fora, como um choque elétrico irresistível. Ele quer se esconder da multidão, mas a luz odiosa o coloca continuamente visível. Ele quer fugir e empreende uma corrida desenfreada, desesperada, através dos espaços incomensuráveis, e a luz o acompanha por toda parte, assim como os olhares que o observam! Corre novamente em busca da sombra, em busca da noite, mas a sombra e a noite não existem mais para ele!

Chama a morte... Mas a morte é apenas uma palavra sem sentido. E o infeliz foge sempre! *Caminha para a loucura espiritual*, que é um castigo tremendo! Dor horrível, em que ele se debate para se livrar de si mesmo. Porque essa é a Lei suprema no mundo dos Espíritos, ou seja, o culpado se transforma, por si mesmo, no seu mais implacável castigo.

Quanto tempo vai durar este estado? Vai durar até o momento em que a sua vontade, finalmente vencida, se curvar sob a pressão dolorosa do remorso e quando a sua fronte soberba se humilhar diante dos Espíritos da Justiça e de suas vítimas, que na ocasião já deverão estar um pouco mais calmas.

Notem a lógica profunda das Leis imutáveis; com isso, o Espírito realizará o que escrevia na arrogante comunicação, tão clara, tão lúcida e tão tristemente egoísta, que ele deu na sexta-feira última, por um ato da sua própria vontade.

**Erasto**

### *Observação*

**Sócrates:** Filósofo grego, considerado o Pai da filosofia. Nasceu em Atenas, por volta de 470 a.C. Foi um dos principais pensadores da Grécia antiga e fundou o que hoje conhecemos como Filosofia Ocidental. Seu método para ensinar os cidadãos gregos era o diálogo, em que ele usava a palavra para levar o conhecimento sobre as coisas do mundo e a essência da alma humana.

## 3

A “justiça humana” não faz distinção da individualidade dos seres que castiga. Medindo o crime pelo próprio crime, atinge indistintamente os infratores, e a mesma pena é atribuída ao culpado, sem distinção de sexo ou de qualquer grau de educação.

A “Justiça divina” procede de outro modo. *As punições são impostas de acordo com o grau de adiantamento dos culpados.* Crimes iguais não significam que os indivíduos sejam iguais. Dois homens culpados pelo mesmo delito podem encontrar-se separados por estarem cumprindo penas diferentes, o que coloca um na escuridão intelectual dos principiantes, enquanto o outro dispõe, por já haver ultrapassado este estágio intelectual, da lucidez que isenta o Espírito da perturbação.

Nesse caso, não são mais as trevas que castigam e sim a intensidade da luz espiritual, que transpassa a inteligência terrena e faz com que o Espírito sinta as

dores de uma ferida aberta.

Os seres desencarnados que são atormentados pela visão material dos seus crimes sofrem o choque da eletricidade física e padecem pelos sentidos. Aqueles Espíritos que estão mais desmaterializados sofrem uma dor muito maior, porque ficam tremendamente amargurados em recordar os fatos dos quais foram os responsáveis.

Assim, o homem pode, apesar da sua criminalidade, possuir um progresso interior e elevar-se acima da espessa atmosfera das camadas inferiores, isto através das faculdades intelectuais que já despertou, embora tivesse, sob o jugo das paixões, procedido como um bruto. A ausência de ponderação e o desequilíbrio entre o progresso moral e o progresso intelectual produzem essas anomalias tão frequentes em épocas de materialismo e transição.

Portanto, a luz que tortura o Espírito culpado é, na verdade, o raio espiritual que inunda de claridade o seu orgulho escondido e põe à mostra a futilidade do seu ser despedaçado. Esses são os primeiros sintomas e as primeiras angústias da agonia espiritual. Eles prenunciam a separação ou a dissolução dos elementos intelectuais e materiais que compõem a dualidade humana primitiva (referindo-se aos Espíritos pouco evoluídos), e que devem desaparecer na unidade grandiosa do ser acabado (Espíritos já evoluídos).

**Jean Reynaud**

*Nota de Allan Kardec: As três comunicações, obtidas simultaneamente, se completam e apresentam o castigo sob um novo prisma, eminentemente filosófico e racional. É provável que os Espíritos, querendo tratar do assunto a partir de um exemplo, tivessem provocado, com esse objetivo, a manifestação desse Espírito culpado.*

*Ao lado dessa descrição, baseada em um fato real, eis aqui, para estabelecer um paralelo, a descrição que foi feita do inferno por um pregador da cidade de Montreuil-sur-Mer, por ocasião da Quaresma de 1864:*

*“O fogo do inferno é um milhão de vezes mais intenso do que o fogo da Terra.*

*Se um dos corpos que lá se queimam, sem se consumirem, fosse lançado sobre o nosso planeta, ele ficaria completamente contaminado! O inferno é uma enorme e sombria caverna, cheio de lanças pontiagudas, de lâminas com navalhas afiadíssimas, nas quais são lançadas as almas dos condenados”. (Ver a Revista Espírita do mês de julho de 1864.)*

## **ANGÈLE, UMA NULIDADE SOBRE A TERRA**

---

**Bordeaux, 1862**

**Com o nome de Angèle, um Espírito se apresentou espontaneamente ao médium.**

**1 – Você se arrepende das suas faltas?**

– Não.

**1a – Então, por que me procura?**

– Para lhe tentar.

**1b – Por acaso você não é feliz?**

– Não.

**1d – O que lhe falta?**

– A paz.

***Nota de Allan Kardec:** Certos Espíritos só consideram sofrimento o que lhes faz lembrar as suas dores físicas, embora admitam que o seu estado moral é intolerável.*



**2 – Por que você não tem paz no mundo espiritual?**

– Por causa de uma mágoa do passado.

**2a – A mágoa do passado é um remorso? Você por acaso está arrependida?**

– Não; é o temor do futuro que me preocupa.

**2b – O que você teme?**

– O desconhecido.

**3 – Você gostaria de me dizer o que fez em sua última encarnação? Talvez isso me ajude a esclarecê-la.**

– Nada.

**4 – Qual era a sua posição social?**

– Mediana.

**4a – Você foi casada?**

– Sim; fui esposa e mãe.

**4b – E você cumpriu com zelo os deveres decorrentes dessa dupla posição?**

– Não; meu marido e meus filhos me entediavam.

**5 – E de que modo você preencheu a sua existência?**

– Divertindo-me quando solteira e me aborrecendo depois de casada.

**5a – Quais eram as suas ocupações?**

– Nenhuma.

**5b – E quem cuidava da sua casa?**

– A empregada.

**6 – Será que não se deve atribuir a essa inutilidade a causa de suas mágoas e de seus temores?**

– Talvez você tenha razão.

**6a – Não basta apenas concordar. Você não quer reparar essa existência inútil ajudando os Espíritos sofredores que nos cercam?**

– Como?

**6b – Ajudando-os a se melhorarem, com seus conselhos e suas preces.**

– Eu não sei orar.

**6c – Vamos orar juntos e você vai aprender. Quer?**

– Não.

**6d – Mas por quê?**

– Cansa muito.

## **INSTRUÇÕES DO GUIA DO MÉDIUM:**

Instruímos você, dando-lhe o conhecimento prático dos diversos estágios do sofrimento, bem como da situação dos Espíritos condenados à expiação, em consequência das suas faltas.

Angèle era uma dessas criaturas sem iniciativa, cuja existência era inútil a ela e aos outros. Amando apenas o prazer, ela era incapaz de procurar a satisfação do coração no estudo, no cumprimento dos deveres domésticos e sociais, essas pequenas coisas que fazem o encanto da vida, e que estão

presentes em todas as épocas.

Dedicou a sua juventude apenas na satisfação das distrações fúteis. Depois, quando chegaram os compromissos sérios, *o mundo já havia se esvaziado para ela, porque o seu coração também estava vazio*. Sem faltas graves, mas também sem qualidades, ela fez a infelicidade do marido, comprometendo, por seu descuido e indiferença, o futuro dos próprios filhos.

Angèle deturpou o coração e o sentimento dos filhos, primeiro pelo seu exemplo e depois pelo abandono, deixando-os entregues a criados que ela nem sequer se dava ao trabalho de escolher. A sua existência foi improdutiva e por isso mesmo ela é culpada, uma vez que *o mal provém da negligência do bem*. Portanto, fiquem bem certos de que não basta não cometer faltas: é preciso praticar as virtudes que lhes são opostas.

Estudem os ensinamentos do Senhor. Meditem sobre eles e entenderão que, se esses ensinamentos retiram vocês do mau caminho, também os forçam a voltar atrás, a fim de tomarem o caminho oposto que conduz ao bem.

O mal é o contrário do bem; assim, quem quiser evitá-lo deve seguir logicamente a trilha do bem, sem o que a vida se torna nula e as suas obras morrem. E Deus, nosso Pai, não é o Deus das nulidades, dos mortos, Ele é o Deus dos trabalhadores esforçados, dos vivos.

**Posso saber qual foi a penúltima existência de Angèle ? Essa última deve ter sido a consequência da anterior, não é assim?**

– Ela viveu na felicidade de uma vida apática, na inutilidade da vida dentro de um mosteiro. Preguiçosa e egoísta por natureza, ela quis experimentar a vida doméstica, mas o seu Espírito progrediu muito pouco. Sempre repeliu a voz íntima que lhe apontava o perigo e, como a sua vocação era fraca, ela preferiu abandonar-se a si mesma, a fazer um esforço para continuar.

Hoje, ela compreende o perigo de se manter nessa neutralidade, mas não se sente com ânimo para se esforçar e tentar sair dessa situação. Ore por ela,

procure despertá-la e fazer com que os seus olhos se abram para a luz. É um dever, e não se deve desprezar um dever.

A atividade faz parte da própria essência do Espírito, e ela é uma necessidade para o corpo físico do homem. Portanto, siga as determinações da sua própria existência, como Espírito que tem por objetivo a paz eterna. O corpo é apenas uma máquina que está sob as ordens da inteligência que provém do Espírito.

Trabalhe, cultive essa inteligência, para que ela dê um impulso saudável ao “corpo” que deve auxiliar o Espírito encarnado no cumprimento da sua missão. Não conceda à sua inteligência nem trégua, nem repouso, e lembre-se de que essa paz a que você aspira só lhe será concedida pelo trabalho. Assim, quanto mais tempo você protelar o trabalho, mas longa será a ansiedade da espera.

Trabalhe, trabalhe incessantemente; cumpra com todos os deveres, sem exceção. Cumpra-os com zelo, com coragem, com perseverança, e a sua fé o sustentará. Todo aquele que desempenha conscientemente a tarefa mais ingrata e insignificante da nossa sociedade se eleva cem vezes mais aos olhos do Altíssimo do que aquele que, impondo essa tarefa aos outros, negligencia a sua.

Tudo na vida são degraus que dão acesso ao Céu: não deixe esses degraus quebrarem sob os seus pés, e leve em conta que você possui amigos que lhe estenderão as mãos. Esses amigos sustentam aqueles que colocam as suas forças no Senhor.

**Monod**

## **UM ESPÍRITO ABORRECIDO**

---

**Bordeaux, 1862**

**Este Espírito apresenta-se espontaneamente ao médium, pedindo**

**preces.**

**1 – O que o leva a pedir preces?**

– Estou cansado de vagar sem objetivo.

**1a – Você está há muito tempo nessa situação?**

– Há mais ou menos 180 anos.

**1b – O que você fez na Terra?**

– Nada de bom.

**2 – Qual a sua posição entre os Espíritos?**

– Estou entre os entediados.

**2a – Mas isso não é uma categoria.**

– Entre nós, tudo forma categoria. Cada sensação encontra as suas semelhanças ou as suas simpatias que se reúnem.

**3 – Por que você permaneceu tanto tempo nessa condição estacionária, se não estava condenado a sofrer?**

– É porque eu estava condenado ao tédio, que entre nós é um sofrimento. Tudo o que não é alegria, é dor.

**3a – Você foi forçado a ficar vagando contra a sua vontade?**

– Isso são coisas muito sutis para a sua inteligência material.

**3b – Tente me explicar essas coisas, talvez isso possa ajudá-lo.**

– Mesmo que eu quisesse, não conseguiria, pois me faltam termos de comparação. Uma vida sem proveito na Terra deixa, no Espírito que a encarnou, o mesmo resíduo que o fogo deixa quando queima um papel, ou

seja, cinzas. As cinzas representam a destruição do papel, assim como as lembranças dos vínculos terrenos representam as marcas que ficam gravadas no Espírito. Somente depois de o Espírito ter dispersado as cinzas do seu corpo é que ele terá a sua essência purificada, o conhecimento de si mesmo e, com isso, ele passará a desejar o progresso.

**4 – Qual foi a causa desse aborrecimento de que você tanto se queixa?**

– O aborrecimento é consequência da existência que eu tive. O tédio é filho da ociosidade, da falta de obras. Como eu não soube utilizar os longos anos que passei sobre a Terra, as consequências vieram refletir-se no mundo dos Espíritos.

**5 – Os Espíritos entediados como você não podem se libertar dessa situação, se assim o quiserem?**

– Não, nem sempre, porque o tédio lhes paralisa a vontade. Sofrem as consequências da vida que levaram. Foram inúteis, não tiveram qualquer iniciativa e por isso não encontram entre si colaboração alguma. Permanecem nesse estado, abandonados a si mesmos, até que o cansaço, decorrente desse estado de neutralidade, os agite em sentido contrário, e faça com que eles desejem mudar. Assim, quando a menor vontade é despertada, eles encontram apoio e bons conselhos que os ajudarão a perseverar em seus esforços.

**6 – Você pode nos dizer alguma coisa sobre a sua vida terrena?**

– Infelizmente, muito pouca coisa, você deve entender. O tédio, a inutilidade e a inércia provêm da preguiça, que, por sua vez, é mãe da ignorância.

**7 – Suas existências anteriores não o fizeram progredir?**

– Sim, em todas elas houve progresso, mas muito pouco, visto que cada existência era reflexo da anterior. O progresso sempre existe, mas no meu caso ele foi tão pequeno que nem dá para ser notado.

**8 – Enquanto aguarda por uma nova encarnação, você gostaria de nos dar novas comunicações?**

– Pode me evocar, é uma maneira de me forçar a vir. Com isso, você me ajudará.

**9 – Por que a sua letra muda com tanta frequência?**

– Porque você pergunta muito, e isso me cansa. Tenho necessidade de auxílio.

**INSTRUÇÕES DO GUIA DO MÉDIUM:**

É o trabalho intelectual que o cansa e nos obriga a ajudá-lo, para que ele possa responder às suas perguntas. É um ocioso no mundo dos Espíritos, assim como foi na Terra. Nós o trouxemos para que você tentasse tirá-lo dessa apatia, desse tédio que constitui um verdadeiro sofrimento, às vezes mais doloroso que os sofrimentos agudos, porque pode se prolongar indefinidamente.

Você pode imaginar a perspectiva de um tédio sem fim? Na maior parte das vezes, são os Espíritos dessa categoria que *buscam uma existência na Terra como passatempo* e para interromper a insuportável monotonia da vida espiritual. É por isso que tais Espíritos reencarnam tantas vezes sem propósitos bem definidos para o bem, e são obrigados a recomeçar sucessivamente, até que consigam alcançar a compreensão do verdadeiro progresso.

**A RAINHA DE OUDE**

---

**Falecida na França em 1858.**

**1 – Quais foram as suas sensações ao deixar a Terra?**

– É difícil dizer, pois ainda me encontro perturbada.

**1a – A senhora é feliz?**

– Tenho saudades da vida... Eu não sei... Sinto muita dor, da qual a vida terrena me libertaria... Eu queria que o meu corpo se levantasse do túmulo.

**2 – A senhora lamenta ter sido sepultada entre os cristãos, e não no seu país?**

– Sim, a terra indiana pesaria bem menos sobre o meu corpo.

**2a – O que a senhora achou das honras fúnebres que lhe foram prestadas?**

– Elas não foram grande coisa. Eu era rainha e nem todos se curvaram diante de mim... Deixe-me... Forçam-me a falar... Não quero que você saiba o que eu sou agora... Saiba que eu fui rainha...

**3 – Respeitamos a sua hierarquia e, se insistimos para que nos responda, é com o propósito de nos instruímos. A senhora acredita que um dia o seu filho recuperará os Estados que pertenceram ao seu pai?**

– Certamente. Meu sangue reinará, visto que ele é digno disso.

**3a – A senhora dá a essa reintegração de seu filho a mesma importância que dava quando encarnada?**

– O meu sangue não pode misturar-se com o do povo.

**4 – Não foi possível encontrar em sua certidão de óbito o local do seu nascimento. A senhora poderia nos dizer onde nasceu?**

– Sou oriunda do mais nobre dos sangues da Índia. Acho que nasci em Délhi (Nova Délhi, atual capital da Índia).



**5 – A senhora, que viveu nos esplendores do Luxo, cercada de honras, o que pensa hoje de tudo isso?**

– Penso que eu tinha direito a todas essas coisas.

**5a – A hierarquia que a senhora desfrutou na Terra contribuiu para que tivesse uma hierarquia mais elevada no mundo em que se encontra agora?**

– Continuo a ser rainha... Que me enviem escravas para me servirem!... Mas... Não sei... Parece que se preocupam pouco comigo por aqui... E, no entanto, eu sou sempre a mesma.

**6 – A senhora seguia a religião muçulmana ou a hindu?**

– Muçulmana; mas eu era muito poderosa para me ocupar com Deus.

**6a – Do ponto de vista da felicidade humana, que diferença a senhora vê entre a religião muçulmana e o Cristianismo?**

– A religião cristã é absurda; ela diz que todos são irmãos.

**6b – Qual a sua opinião sobre Maomé?**

– Ele não era filho de rei.

**6c – A senhora acredita que ele teve uma missão divina?**

– O que me importa isso?

**6d – Qual a sua opinião sobre o Cristo?**

– O filho do carpinteiro não é digno de ocupar os meus pensamentos.

**7 – O que a senhora pensa do costume das mulheres muçulmanas que se escondem dos olhares masculinos?**

– Penso que as mulheres nasceram para dominar: eu era mulher.

**7a – Alguma vez a senhora invejou a liberdade que desfrutam as mulheres europeias?**

– Não. Por que eu deveria me importar com essa liberdade? Por acaso elas são servidas de joelhos?

**8 – A senhora se lembra de outras existências na Terra, anteriores a esta que acaba de deixar?**

– Devo ter sido sempre rainha.

**9 – Por que a senhora atendeu tão rapidamente ao nosso chamado?**

– Eu não queria vir, mas fui forçada... Por acaso você acha que eu me dignaria a responder? Quem é você perto de mim?

**9a – Quem forçou a senhora a vir?**

– Nem eu mesma sei... Entretanto, não deve ser alguém maior do que eu.

**10 – Com que forma a senhora se apresenta aqui?**

– Sou sempre rainha... Por acaso você pensa que eu deixei de ser rainha? Você é pouco respeitoso... Saiba que não é desse modo que se fala com uma rainha.

**11 – Se pudéssemos vê-la, nós a veríamos com os seus enfeites e joias?**

– Certamente!

**11a – E como se explica o fato de o seu Espírito conservar todos esses aparatos, principalmente as joias e os enfeites, se a senhora já se despojou de tudo isso?**

– É que eles não me deixaram. Sou tão bela quanto era e não compreendo o juízo que você faz de mim! Se bem que você nunca me viu.

## 12 – O que a senhora sente por estar entre nós?

– Se dependesse de mim, eu não estaria aqui. Tratam-me com tão pouco respeito...

### EXPLICAÇÃO DO ESPÍRITO SÃO LUÍS:

Deixe essa pobre perturbada. Tenha piedade da sua cegueira. Tomara que ela lhe sirva de exemplo. Você não sabe como ela sofre com o seu orgulho.

*Nota de Allan Kardec: Evocando esta grandeza decaída, agora no mundo espiritual, não esperávamos respostas de grande profundidade, levando-se em conta o tipo de educação que as mulheres recebem naquele país. Entretanto, julgávamos encontrar nesse Espírito, não diremos filosofia, mas pelo menos uma visão mais aproximada da realidade e ideias mais sensatas sobre as vaidades e as grandezas terrenas.*

*Longe disso, vimos que o Espírito conservou todos os preconceitos terrenos, na plenitude de suas forças. Que o orgulho nada perdeu das suas ilusões; que ele luta contra a sua própria fraqueza e, finalmente, que ele ainda vai sofrer muito pela sua impotência.*

### XUMÈNE

---

**Bordeaux, 1862**

*Nota de Allan Kardec: Sob esse nome, um Espírito se apresenta espontaneamente ao médium, habituado a esse tipo de manifestações. A missão desse médium parece ser a de assistir os Espíritos inferiores que o seu guia espiritual lhe traz, com um duplo propósito: instruir o próprio médium e auxiliar no*

*progresso do Espírito que se manifesta.*

**Quem é você? Este nome é de homem ou de mulher?**

– De homem; e sou tão infeliz quanto é possível ser. Sofro todos os tormentos do inferno.

**Mas se o inferno não existe, como você pode sofrer os seus tormentos?**

– Pergunta inútil.

**Compreendo, mas outros podem precisar de explicações.**

– Isso pouco me importa.

**O egoísmo não será uma das causas do seu sofrimento?**

– Talvez.

**Se você quer alívio, comece abandonando as suas más tendências.**

– Não se preocupe com isto, não é da sua conta; comece orando por mim, como você faz pelos outros, e depois a gente vê.

**Se você não me auxiliar com o seu arrependimento, a oração terá pouca eficácia.**

– Mas falando, em vez de orar, você vai me ajudar muito pouco.

**Então, você quer progredir?**

– Talvez, não sei. O essencial é ver se a prece alivia os meus sofrimentos.

**Sendo assim, vamos unir os nossos pensamentos com a firme vontade de obter o seu alívio.**

– Tudo bem, vá em frente.

**(Depois da prece do médium.) Você está satisfeito?**

– Não como eu gostaria.

**Um remédio aplicado pela primeira vez não pode curar imediatamente um mal antigo.**

– É possível...

**Você quer voltar?**

– Sim, se você me chamar.

### **INSTRUÇÕES DO GUIA DO MÉDIUM:**

Minha filha, você terá muito trabalho com este Espírito obstinado. Entretanto, quase não há mérito em salvar aqueles que não estão perdidos. Coragem! Perseverança e você vai acabar conseguindo. Não existem Espíritos culpados que não possam ser recuperados por meio do convencimento e do exemplo, uma vez que os Espíritos mais perversos acabam por se corrigir, ao longo do tempo.

Mesmo que nem sempre se consiga regenerá-los prontamente, nosso trabalho não se perde. As ideias que lhes transmitimos acabam por levá-los à reflexão. São como sementes que, cedo ou tarde, haverão de frutificar. Não se quebra a pedra com a primeira marretada.

O que eu digo, minha filha, se aplica também aos encarnados, e você deve compreender por que o Espiritismo, mesmo entre os adeptos mais crentes, não transforma imediatamente os homens em criaturas perfeitas. A crença é o primeiro passo; a fé vem em seguida e a transformação chegará a seu tempo. Mas, para que tudo isso aconteça, muitos precisam vir se revigorar no mundo dos Espíritos.

*Nota de Allan Kardec: Entre os Espíritos obstinados, não há somente aqueles*

*que são perversos e maus, existem muitos que, sem fazer o mal, estacionam por orgulho, indiferença ou apatia. Nem por isso eles são menos infelizes, pois quanto maior for a inércia que os aflige, mais eles se privam das coisas boas do mundo. A perspectiva do infinito torna a posição deles insuportável, mas, apesar disso, eles não têm força nem vontade para sair dessa situação.*

*Estamos nos referindo àqueles que, durante a encarnação, levam uma existência ociosa, inútil a si e ao próximo. Muitas vezes, eles acabam por se suicidar sem motivos mais sérios, apenas porque estão desgostosos da vida que levam. Geralmente, esses Espíritos são mais difíceis de serem reconduzidos ao bem do que aqueles que são declaradamente maus, porque estes ao menos dispõem de energia e, uma vez doutrinados, retornam ao bem com o mesmo ardor que disponibilizavam para o mal.*

*Aos Espíritos ociosos, serão necessárias muitas encarnações para que eles tenham um progresso sensível. Então, pouco a pouco, vencidos pelo tédio, como os maus o serão pelo sofrimento, eles procuram, para se distraírem, uma ocupação qualquer, que mais tarde venha a se transformar em necessidade.*

## CAPÍTULO 8

# EXPIAÇÕES TERRENAS

- MARCEL, O MENINO DO Nº 4 • SZYMEL SLIZGOL
- JULIENNE-MARIE, A MENDIGA • MAX, O MENDIGO
- A HISTÓRIA DE UM EMPREGADO DOMÉSTICO
- ANTONIO B... • LETIL • UM CIENTISTA AMBICIOSO
- CHARLES DE SAINT-G., DEFICIENTE MENTAL
- ADÉLAIDE-MARGUERITE GOSSE
- CLARA RIVIER • FRANÇOISE VERNHES
- ANNA BITTER • JOSEPH MAÎTRE, O CEGO

### MARCEL, O MENINO DO Nº 4

---

Num hospital do interior havia um menino de 8 a 10 anos, cujo estado era difícil de descrever. Ele era chamado apenas pelo nº 4. Encontrava-se totalmente contorcido pela deformidade de nascença e pela doença; suas pernas, de tão arqueadas, tocavam-lhe o pescoço, e sua magreza era tal que se percebiam os ossos sob a pele. Seu corpo era uma ferida só e ele passava por sofrimentos terríveis.

Pertencia a uma família israelita de poucos recursos, e a sua moléstia já durava quatro anos. Apesar de tudo, possuía uma inteligência notável para a sua idade, além de doçura, paciência e resignação exemplares. O médico que o assistia, tocado de compaixão pela pobre criatura, quase abandonado, uma vez que os parentes pouco o visitavam, desenvolveu por ele um certo interesse.

Gostava de conversar com o menino, atraído por sua inteligência precoce. Não apenas o tratava com bondade, como lia para ele quando tinha tempo, e admirava-se com a correção do seu julgamento e com a sua capacidade de

compreensão sobre coisas que, em sua opinião, pareciam estar acima do discernimento do doente, considerando-se a sua pouca idade.

Um dia, o menino lhe disse: “Doutor, gostaria que o senhor me desse uma daquelas pílulas que o senhor tem me receitado ultimamente”. E por que, meu filho? – perguntou o médico. – “É que eu sofro tanto, que dificilmente posso orar a Deus para que Ele me dê forças, pois não quero incomodar os outros enfermos que estão ao meu lado. Essas pílulas me fazem dormir e, ao menos enquanto eu durmo, não incomodo ninguém”. – Já lhe dei o suficiente e tenho medo que uma quantidade maior possa lhe fazer mal.

Bastam estas palavras para demonstrar a elevação dessa alma presa a um corpo disforme. Onde esta criança teria ido buscar tais sentimentos? Certamente, não foi no meio em que se educou. Além disso, na idade em que começou a sofrer, ele não possuía sequer o raciocínio. Este Espírito já trazia esses sentimentos de nascença.

Mas, com tão nobres instintos, por que Deus o condenaria a uma vida tão miserável e dolorosa, admitindo-se que Ele tivesse criado esta alma ao mesmo tempo em que criou o seu corpo, instrumento de tão cruéis sofrimentos? Seria preciso negar a bondade de Deus, ou admitir que exista uma causa anterior, ou seja, admitir a preexistência da alma e a pluralidade das existências.

Os últimos pensamentos desta criança, ao desencarnar, foram para Deus e para o médico caridoso que dela teve piedade.

Decorrido algum tempo, o seu Espírito foi evocado na Sociedade Espírita de Paris, onde deu a seguinte comunicação em 1863:

Vocês me chamaram e eu vim para fazer com que a minha voz se estenda para além deste círculo, tocando todos os corações. Deus permita que o seu eco possa ser ouvido por todos os que estão na solidão, lembrando-lhes que as agonias da Terra preparam as alegrias do Céu e que o sofrimento é apenas a casca de um fruto delicioso, que nos dá coragem e resignação.

Minha voz lhes dirá também que, sobre o pobre leito em que se aloja a miséria, estão os enviados do Senhor, cuja missão é ensinar à Humanidade que



não existe dor que não possa ser suportada, desde que tenhamos a ajuda do Todo-Poderoso e dos bons Espíritos.

Essa voz lhes dirá ainda que existem *lamentações* que se misturam às *preces*, formando uma *harmonia piedosa*. Bem diferente das lamentações que se misturam às *blasfêmias*.

Um de seus bons Espíritos, grande apóstolo do Espiritismo (Santo Agostinho), cedeu-me o seu lugar esta noite. Assim, é a minha vez de lhes dizer algumas palavras sobre o progresso da sua Doutrina, que deve auxiliar aqueles que encarnam na Terra com a missão de resgatar as suas faltas através do sofrimento. O Espiritismo será aquele que vai sustentá-los, pois os sofredores terão nele o exemplo e a palavra. Então, as súplicas se transformarão em gritos de alegria e lágrimas de contentamento.

**Pelo que você diz, parece que os seus sofrimentos não eram expiações de faltas anteriores.**

– Eles não eram uma expiação direta, mas estejam certos de que todo sofrimento tem uma causa justa. Aquele que vocês conheceram tão miserável, já foi belo, grande, rico e invejado. Tive bajuladores entre os que pertenciam à corte, fui vaidoso e orgulhoso. Outrora fui bem culpado; reneguei Deus e prejudiquei o próximo. Mas já expiei cruelmente, primeiro no mundo dos Espíritos e depois na Terra.

O que eu sofri durante alguns anos apenas, em minha última encarnação, eu já havia sofrido anteriormente por toda uma existência que se prolongou até a velhice. Por meu arrependimento, encontrei o perdão diante do Senhor, o qual me confiou muitas missões, inclusive a última, que todos conhecem. E fui eu quem as solicitou, para terminar a minha depuração.

Adeus, meus amigos; voltarei algumas vezes. A minha missão é a de consolar e não a de instruir. Existem aqui muitas pessoas cujas feridas permanecem ocultas, e que ficarão contentes com a minha presença.

## INSTRUÇÕES DO GUIA DO MÉDIUM:

Pobrezinho sofredor, fraco, cheio de feridas e disforme! Quantos gemidos dados nesse asilo de misérias e de lágrimas! E, apesar de tão novo, como era resignado... Como a sua alma já compreendia o objetivo dos seus sofrimentos, apesar da tenra idade!

Ele pressentia que no mundo espiritual haveria a recompensa de tantos gemidos abafados, e esperava! E como ele orava também por aqueles que não conseguiam suportar com resignação os seus sofrimentos, por aqueles que trocavam as preces por blasfêmias!

Sua agonia foi longa, mas a hora da passagem nada apresentou de terrível. Por certo, os membros contraídos se contorciam em convulsão, oferecendo aos assistentes o espetáculo de um corpo disforme revoltando-se contra a morte, nessa lei da carne que a todo custo quer continuar vivendo. Mas um anjo bom pairava acima do leito do agonizante, cicatrizando-lhe o coração.

Depois, esse anjo levou sob as suas asas brancas essa alma tão bela, que abandonava um corpo horripilante, e foram estas as suas últimas palavras pronunciadas: “Glória Lhe rendo, Senhor meu Deus!”. E a alma subiu ao Todo-Poderoso, feliz, e exclamou: “Eis-me aqui, Senhor; recebi como missão exemplificar o sofrimento; será que suportei com dignidade a prova que me foi confiada?”.

Hoje, o Espírito da pobre criança recobrou o seu tamanho habitual; paira no Espaço, e vai do fraco ao humilde, dizendo a todos: “Esperança e coragem”. Liberto de todas as impurezas da matéria, ele está junto de vocês a falar, não mais com aquela voz fraca e lastimosa, mas com a voz firme e forte: “Todos aqueles que me observaram perceberam que eu não reclamava; que vocês encontrem nesse exemplo a calma para os seus males e que os seus corações se

fortifiquem pela doce confiança em Deus. Eis o fim da minha curta passagem pela Terra”.

**Santo Agostinho**

## **SZYMEL SLIZGOL**

---

Era um pobre israelita de Vilna (cidade da Lituânia, situada no leste europeu), falecido em maio de 1865. Durante 30 anos, mendigou com uma bandeja nas mãos. A cidade toda conhecia bem aquela voz que dizia: “Lembrem-se dos pobres, das viúvas e dos órfãos!”. Durante essa longa peregrinação, Slizgol juntou 90 mil rublos, mas não guardou para si um único centavo.

Aliviava os enfermos que ele mesmo cuidava; pagava o ensino das crianças pobres; distribuía aos necessitados a comida que lhe davam. Durante a noite, ele preparava o rapé, que vendia para sustentar as suas próprias necessidades, e aquilo que sobrava ele destinava aos pobres.

Apesar de Szymel viver só, o seu enterro foi acompanhado por grande parte da população de Vilna; os armazéns fecharam as suas portas, para também acompanharem o cortejo fúnebre.

### **Sociedade Espírita de Paris, 15 de junho de 1865**

#### **EVOCAÇÃO:**

– Estou muito feliz, porque enfim cheguei à plenitude do que eu mais ambicionava e que me custou muito caro. Estou aqui, entre vocês, desde o início desta reunião. Fico muito grato pelo interesse que o pobre mendigo

desperta nos senhores, e é com satisfação que eu vou procurar responder às suas perguntas.

**Uma carta vinda de Vilna nos fez conhecer as particularidades mais notáveis da sua existência. Movidos pela simpatia que essas particularidades nos trouxeram, tivemos o desejo de conversar com o senhor. Agradecemos a sua presença e vamos ficar muito felizes se, para a nossa instrução, o senhor puder nos dizer qual a sua situação como Espírito e quais as causas que motivaram o tipo de vida da sua última encarnação.**

– Em primeiro lugar, concedam ao meu Espírito, ciente da sua verdadeira posição, o favor de permitir que ele dê a sua opinião sobre o pensamento que vocês tiveram a meu respeito. Peço que me corrijam se eu estiver errado.

Vocês estranharam que a manifestação pública tenha sido tão grande, para homenagear a memória de um homem tão insignificante que soube, por seu Espírito caridoso, atrair tanta simpatia. Não me refiro ao senhor, caro mestre, nem a você, prezado médium, nem aos verdadeiros e sinceros espíritas, mas me refiro às pessoas indiferentes à crença espírita, pois nessa grande manifestação pública nada houve de extraordinário.

A pressão moral exercida pela prática do bem, sobre a Humanidade, é de tal ordem que, por mais materialistas que sejam os homens, eles se inclinam sempre, veneram o bem, apesar da tendência que possuem para o mal.

Agora vamos às perguntas que, da sua parte, não são ditadas pela curiosidade, mas simplesmente formuladas no intuito da instrução geral. Uma vez que disponho de liberdade, vou contar, com a maior brevidade possível, quais as causas que foram determinantes para a minha última existência.

Há muitos séculos eu vivia com o título de rei, ou, pelo menos, de príncipe soberano. Dentro da esfera do meu poder, relativamente limitado, se comparado com o tamanho das províncias atuais, eu era o senhor absoluto dos meus súditos e os governava com tirania, ou melhor, como um carrasco.

Possuía um caráter impetuoso, violento, além de ser sovina e sensual. Vocês podem imaginar qual deve ter sido a sorte daqueles que estavam sob o meu domínio.

Abusei do meu poder para oprimir os fracos, fiz com que eles trabalhassem à exaustão para servirem exclusivamente às minhas paixões, pouco me importando com as suas dores. Assim, exigia um dízimo do produto da mendicância. Ninguém tinha a permissão de mendigar sem que eu, antecipadamente, lhes tomasse uma cota avultada das sobras que a piedade humana deixava cair nas sacolas da miséria. Ainda mais: para que não diminuísse o número de mendigos entre os meus súditos, eu proibia os infelizes de darem aos seus amigos e parentes necessitados a parte insignificante do que ainda lhes restava.

Em resumo, fui o mais impiedoso e cruel possível para com o sofrimento e a miséria alheia. Enfim, perdi o que vocês chamam de vida, em meio a tormentos e sofrimentos horríveis. A minha morte foi um modelo de terror para aqueles que, como eu, mas em menor escala, partilhavam com a minha maneira de ver as coisas.

Como Espírito, permaneci no mundo espiritual durante três séculos e meio. Decorrido esse tempo, compreendi que o objetivo da encarnação era totalmente diverso daqueles que os meus sentidos grosseiros e obtusos imaginavam. Obtive, com muitas preces, resignação e remorso, a permissão de suportar materialmente os mesmos sofrimentos que eu havia imposto aos outros, e ainda mais terríveis do que aqueles que eu tinha causado.

Obtida a permissão, Deus me concedeu o direito, usando o meu livre-arbítrio, de aumentar os meus sofrimentos físicos e morais. Graças aos bons Espíritos que me assistiram, persisti na minha resolução de praticar o bem e lhes agradeço, porque me impediram de sucumbir na tarefa que eu tinha escolhido. Até que, enfim, eu consegui completar uma existência de abnegação e caridade, que resgatou as faltas daquela em que, como príncipe soberano, eu fui cruel e injusto.

Nasci de pais pobres e cedo me tornei órfão. Aprendi a ganhar o pão numa idade em que ainda era considerado incapaz. Vivi sozinho, sem amor, sem afeição, e desde o começo da minha vida suportei as mesmas brutalidades que havia imposto aos outros. Dizem que todo o dinheiro que eu recolhi, através da esmola, foi destinado ao alívio dos meus semelhantes. É verdade, e posso acrescentar, sem orgulho nem afetação, que muitas vezes, por intermédio de grandes privações, aumentava a soma que me permitia fazer a caridade pública.

Desencarnei com calma, confiante no valor da reparação dos males que eu havia cometido na minha última existência. Fui recompensado muito mais do que poderiam ter cogitado as minhas secretas aspirações. Hoje eu sou feliz, muito feliz em poder dizer que todos aqueles que se elevam serão humilhados, e todos aqueles que se humilham serão elevados.

**O senhor poderia nos dizer como foi a sua expiação no mundo espiritual e quanto tempo ela durou, a contar da sua morte até o momento em que o seu sofrimento foi aliviado por conta do arrependimento e das boas decisões que o senhor tomou? Diga-nos também o que provocou essa mudança em suas ideias, ainda no mundo dos Espíritos.**

– Essa pergunta desperta muitas recordações dolorosas! Como sofri!... Mas não me queixo, apenas recordo!... Vocês querem saber a causa da minha expiação? Pois aqui está a descrição! Com todo o seu horror:

Como eu fui carrasco de todos os bons sentimentos, fiquei por muito tempo, mas por muito tempo mesmo, com o meu perispírito preso ao meu corpo em decomposição. Até que essa decomposição se completasse, eu senti os vermes me roendo, e isso me torturou muito. Quando me libertei dos vínculos que me prendiam ao corpo, passei a sofrer ainda mais cruelmente...

Depois do sofrimento físico, veio o sofrimento moral, que durou muito mais tempo. Fui colocado na presença de todas as minhas vítimas. Periodicamente, eu era levado, por uma força superior à minha, a rever o

quadro vivo dos meus crimes. Eu via física e moralmente todas as dores que eu havia imposto aos outros. Oh! Meus amigos, como é terrível a visão constante daqueles a quem fizemos o mal!

Na Terra, temos apenas uma pequena ideia da situação de confronto que se estabelece quando colocamos, frente a frente, o acusado e a vítima. Eis, em resumo, o que eu sofri durante três séculos e meio, até que Deus, compadecido da minha dor e tocado pelo meu arrependimento, acatou a solicitação dos guias que me assistiam e permitiu-me viver a existência de expiação que eu tive como mendigo, conforme vocês já conhecem.

**Algum motivo particular o induziu a escolher essa última encarnação na religião israelita?**

– Não escolhi por mim, mas aceitei o conselho dos meus guias. A religião de Israel acrescentava uma humilhação a mais na minha prova, uma vez que, em alguns países, a maioria dos encarnados menospreza os judeus e, principalmente, os judeus mendigos.

**Com que idade você começou na Terra a sua obra de expiação? Como lhe ocorreu o pensamento de pôr em prática as decisões que havia tomado no plano espiritual? Enquanto exercia a caridade, com tanta abnegação, você tinha alguma intuição das causas que o impulsionavam a agir assim?**

– Meus pais eram pobres, inteligentes e muito sovinas. Ainda jovem, eu fui privado da afeição e dos carinhos da minha mãe. Sua perda me causou uma tristeza muito grande, principalmente porque o meu pai, dominado pela paixão do lucro, me abandonou por completo. Meus irmãos, todos mais velhos do que eu, não pareciam perceber os meus sofrimentos.

Um outro judeu, movido mais pelo egoísmo do que pela caridade, me recolheu em sua casa e me ensinou a trabalhar. O que eu devo ter lhe custado foi amplamente compensado pelo produto do meu trabalho, que muitas vezes ultrapassava as minhas forças. Mais tarde, me libertei desse jugo e comecei a

trabalhar por conta própria.

Entretanto, em toda parte, tanto no trabalho quanto no repouso, a saudade da minha mãe me perseguia e, à medida que eu ia ficando mais velho, a lembrança dela ficava mais fortemente gravada em minha memória. Eu lamentava muito a perda do seu amor e dos seus cuidados.

Não tardou para que eu ficasse completamente sozinho. Em alguns meses, a morte levou toda a minha família. Então, começou a se manifestar o modo pelo qual eu viveria o resto da minha vida. Dois dos meus irmãos deixaram filhos órfãos, e eu, comovido pela lembrança do que tinha sofrido como órfão, quis preservar esses pequenos de uma juventude parecida com a que eu tive.

Infelizmente, o meu trabalho não era suficiente para sustentar a todos. Foi então que comecei a pedir esmola, não para mim, mas para os outros. Deus, no entanto, achou por bem não permitir que eu visse o resultado, a consolação dos meus esforços, e foi assim que os pequenos me deixaram para sempre.

Eu sabia bem o que lhes faltava: Era a mãe! Resolvi, então, pedir para que as pessoas fossem caridosas para com as viúvas infelizes que, sem poderem trabalhar para si e para o sustento dos seus filhinhos, se impunham privações que as levavam à morte. Assim, deixavam para trás pobres órfãos abandonados e condenados aos tormentos que eu mesmo havia suportado.

Eu tinha 30 anos, era um homem saudável e vigoroso quando comecei a pedir esmolas para as viúvas e para os órfãos. O começo foi muito difícil, e eu tive que ouvir coisas humilhantes. Mas, quando as pessoas perceberam que eu realmente distribuía aos pobres tudo o que recebia, que, além de distribuir, eu ainda juntava para eles as sobras do meu trabalho, adquiri uma certa consideração, que na época muito me gratificava.

Durante os 60 e poucos anos dessa peregrinação, nunca deixei de atender à tarefa a qual eu tinha me imposto. Jamais tive qualquer aviso da minha consciência, de que a razão do meu proceder estava vinculada a uma existência anterior. Apenas um dia, e antes de eu começar a pedir, ouvi estas palavras: “Não faça aos outros o que você não gostaria que os outros lhe fizessem”.



Fiquei tocado com o princípio moral contido nestas poucas palavras, que muitas vezes parecia ouvi-las acrescidas das seguintes: “Mas, ao contrário, faça a elas aquilo que você gostaria que elas lhe fizessem”.

Amparado pela lembrança de minha mãe e pelos meus próprios sofrimentos, continuei a trilhar um caminho que a minha consciência dizia ser o correto.

Vou terminar esta longa comunicação dizendo: Obrigado! Embora ainda sendo imperfeito, hoje eu sei que o mal só acarreta o mal. Certamente farei de novo, conforme já fiz nesta última encarnação, ou seja, vou me dedicar ao bem para alcançar a felicidade.

**Szymel Slizgol**

## **JULIENNE-MARIE, A MENDIGA**

---

No município de Villate, perto de Nozai (região central da França, às margens do rio Loire), havia uma pobre mulher chamada Julienne-Marie, velha, enferma e que vivia da caridade pública. Um dia, ela caiu numa lagoa, de onde foi retirada pelo Sr. A..., morador da região, que habitualmente lhe prestava socorro. Transportada para casa, morreu pouco tempo depois, em consequência do acidente. A opinião geral era de que ela quis se suicidar.

No mesmo dia do seu falecimento, o Sr. A..., que a tinha salvo, e também era espírita e médium, sentiu um leve toque, como se alguém estivesse por perto, mas não procurou explicar a causa do fenômeno. Assim que soube da morte de Julienne-Marie, ocorreu-lhe o pensamento de que talvez o seu Espírito tivesse vindo visitá-lo.

**Seguindo o conselho de um de seus amigos, membro da Sociedade Espírita de Paris, ao qual havia contado o que se passou, o Sr. A... fez a**

**evocação de Julienne com o objetivo de lhe ser útil. Pediu conselho aos seus guias protetores, dos quais recebeu a seguinte resposta:**

Sim, você pode evocá-la e isso lhe deixará muito feliz, embora o serviço que você se propõe a prestar seja inútil para ela. Ela está feliz e inteiramente devotada aos que tiveram compaixão por ela. Você é um de seus bons amigos. Ela quase não sai de perto de você e passa conversando o tempo todo, sem que você perceba.

Mais cedo ou mais tarde, os serviços prestados serão recompensados; se não forem recompensados pelo próprio Espírito que recebeu a ajuda, serão recompensados por aqueles que se interessam por ele, antes e depois da sua morte. Quando o Espírito ainda não recobrou a consciência da sua nova situação, outros Espíritos, a ele simpáticos, vêm em seu nome dar o testemunho da sua gratidão.

Essa é a explicação do que lhe aconteceu no dia em que ela desencarnou. Agora é ela quem vai ajudá-lo no bem que você pretende fazer. Lembre-se do que disse Jesus: “Aquele que se rebaixar será elevado”. Você terá uma ideia dos serviços que ela poderá lhe prestar, se apenas solicitar a sua assistência com o objetivo de ser útil ao seu próximo.

### **EVOCAÇÃO:**

**Bondosa Julienne-Marie, você está feliz e isso é tudo o quanto eu queria saber. Mas esse fato não me impedirá de pensar em você muitas vezes e de jamais esquecer-la em minhas preces.**

– Tenha confiança em Deus; procura aconselhar os seus doentes a terem uma fé sincera e você alcançará quase sempre o que deseja. Não se preocupe jamais com a recompensa que disso virá, pois ela vai ultrapassar em muito as suas expectativas. Deus sempre sabe recompensar como merece aquele que se

dedica ao alívio dos semelhantes e *age completamente desinteressado*.

Sem isso, tudo não passa de ilusão e fantasia. Antes de tudo, é preciso ter fé, caso contrário, nada se consegue. Lembre-se desse conselho e você ficará admirado com os resultados que vai obter. Os dois doentes que você curou são a prova do que eu estou afirmando, pois, no estado em que eles se encontravam, apenas com remédios, você teria fracassado.

Quando pedir a Deus permissão para que os bons Espíritos derramem sobre você os seus fluidos benéficos, faça-o com fervor, porque, se você não sentir um tremor involuntário, a sua prece não foi suficientemente fervorosa para ser ouvida. É somente com devoção ardente que a prece torna-se valiosa e é ouvida.

É o mesmo que você sente quando diz do fundo do coração: “Deus Todo-Poderoso, Deus misericordioso, Deus de infinita bondade, acolhe a minha prece e permita que os bons Espíritos me assistam na cura de... Tenha piedade dele, meu Deus, e lhe restitua a saúde. Sem o Senhor, nada posso. Que seja feita a Sua vontade”.

Você faz bem em não desprezar os humildes. A voz daquele que sofreu e suportou com resignação as misérias deste mundo é sempre mais ouvida e, como você vê, um serviço prestado sempre recebe a sua recompensa.

Agora, uma palavra a meu respeito, que confirmará o que acabei de dizer acima. O Espiritismo lhe permite entender a minha linguagem como Espírito, sem que eu precise entrar em detalhes a respeito. Também acho que é inútil lhe contar sobre a minha existência anterior. A posição em que você me conheceu na Terra deve fazê-lo imaginar as minhas outras existências, que não aconteceram sem reprovações.

Condenada a uma vida de miséria, enferma e sem poder trabalhar, mendiguei a vida inteira. Não acumulei dinheiro. Na velhice, as minhas pequenas economias limitavam-se a uma centena de francos, que eu guardava para quando as minhas pernas não pudessem mais me transportar. Deus julgou que a minha prova e a minha expiação eram suficientes e colocou-lhes um fim,

livrando-me, sem sofrimento, da vida terrena. Portanto, eu não me suicidei, como se acreditou no início. Caí fulminada à beira do lago, no momento em que dirigia a minha última prece a Deus. O declive do terreno foi a causa de o meu corpo ter escorregado para dentro d'água.

Não sofri; estou feliz por ter podido cumprir a minha missão sem entraves e com resignação. Tornei-me útil, na medida das minhas forças e possibilidades, evitando sempre prejudicar os meus semelhantes. Hoje, recebo a recompensa e dou graças a Deus, porque o nosso divino Mestre, no castigo que impõe, ameniza a amargura das provas, fazendo-nos esquecer, durante a vida, as nossas existências anteriores. Ele sempre coloca em nossos caminhos almas caridosas, para nos ajudarem a suportar o fardo de nossos erros passados.

Você também deve perseverar e, assim como eu, será recompensado. Agradeço as suas preces e a ajuda que me deu. Jamais o esquecerei. Um dia nos encontraremos e muitas coisas lhe serão explicadas, coisas que, no momento, seriam supérfluas. Saiba apenas que eu lhe sou muito devotada e que estarei sempre ao seu lado, quando precisar de mim para aliviar aqueles que sofrem.

### **A pobre velhinha Julienne-Marie**

**O Espírito de Julienne-Marie foi evocado na Sociedade Espírita de Paris, a 10 de junho de 1864, e nos ditou a seguinte mensagem:**

Obrigada por me admitir em seu meio, caro presidente. O senhor pressentiu bem que as minhas existências anteriores foram mais elevadas, no que diz respeito ao aspecto social. Se eu reencarnei para sofrer a prova da pobreza, foi para punir o meu fútil orgulho, que me fazia repelir quem fosse pobre e miserável.

Então, eu sofri a **Lei justa de Talião**, que me tornou a mais horrorosa mendiga desta região, e, para provar a bondade de Deus, eu não fui rejeitada por todos, o que era o meu maior receio. Assim, suportei a minha prova sem reclamar, pressentindo uma vida melhor, de onde eu não deveria mais voltar a esta Terra de exílio e de calamidade.

Que felicidade o dia em que a nossa alma, ainda jovem, puder entrar na vida espiritual para rever os seus entes queridos! Porque eu também gostei e fiquei feliz de ter reencontrado aqueles que me precederam. Agradeço ao bom Sr. A..., que me abriu a porta do reconhecimento. Sem a sua mediunidade, eu não poderia lhe agradecer e provar-lhe que a minha alma não esquece as benéficas influências do seu bom coração e recomendar-lhe que continue propagando a sua divina crença.

Já que o Sr. A... tem por missão recolher as almas desviadas do caminho reto, pode estar certo de contar com o meu apoio. Ao instruí-lo no caminho que ele deve seguir, eu posso devolver multiplicado por cem o que ele me fez na Terra.

Agradeçam ao Senhor por Ele ter permitido que os Espíritos possam lhes dar instruções a fim de encorajar os pobres em seu sofrimento e deter os ricos em seu orgulho. Tratem de compreender o quanto é vergonhoso rejeitar um infeliz. Que eu possa lhes servir de exemplo, para que vocês não precisem voltar à Terra, a fim de expiar as suas faltas em posições sociais dolorosas, como a dos mendigos, a ponto de serem considerados a escória da sociedade.

**Julienne-Marie**

### *Observação*

**Lei justa ou Pena de Talião:** Consiste não na rigorosa reciprocidade entre o crime cometido e a pena aplicada. Frequentemente, essa Lei é expressa pela máxima: olho por olho, dente por dente. É a lei mais antiga da Humanidade, registrada de forma escrita. Os primeiros indícios do princípio de Talião foram encontrados no Código de Hamurabi, em 1780 a.C., no reino da Babilônia. (Fonte: Wikipédia, com adaptações.)

**A presente comunicação foi entregue ao Sr. A..., que depois obteve a que segue, e que vem confirmar a que recebemos:**

**Boa Julienne-Marie, já que você quer me ajudar com os seus bons conselhos, para me fazer progredir no caminho da nossa divina Doutrina, comunique-se comigo. Farei todo o esforço para aproveitar os seus**

## **ensinamentos.**

– Lembre-se da recomendação que eu vou lhe fazer e nunca a esqueça. Seja sempre caridoso, na medida das suas possibilidades. Você deve compreender a caridade, tal como ela deve ser praticada em todas as posições da vida terrena. Portanto, não preciso vir ensiná-lo sobre esse assunto. Você mesmo será o melhor juiz, seguindo sempre a voz da sua consciência, que jamais o enganará, se escutá-la sinceramente.

Não se iluda quanto às missões que você tem a cumprir na Terra. Pequenos e grandes, cada um tem a sua. A minha foi muito penosa, mas eu merecia semelhante punição, por minhas existências anteriores, conforme contei ao bom presidente da Sociedade-mãe de Paris, que um dia haverá de reunir a todos, e esse dia não está tão longe quanto você pensa.

O Espiritismo caminha a passos de gigante, apesar de tudo o que se faz para entravá-lo. Assim, marchem sem medo, fervorosos adeptos da Nova Doutrina, e os seus esforços serão coroados de sucesso. Não deem importância ao que vão dizer de vocês! Coloquem-se acima de uma crítica insignificante, que recairá sobre os próprios adversários do Espiritismo.

Ah! Os orgulhosos! Eles se julgam fortes e pensam que podem abater os espíritas com facilidade. Fiquem tranquilos, meus bons amigos, e não tenham medo de enfrentá-los, pois eles são mais fáceis de serem vencidos do que vocês imaginam. Muitos dentre eles têm medo e temem que a verdade venha lhes ofuscar os olhos. Esperem... Porque eles também virão, a seu tempo, ajudar na construção do edifício.

**Julienne-Marie**

*Nota de Allan Kardec: Este caso está repleto de ensinamentos, para qualquer um que medite sobre as palavras deste Espírito, nestas três comunicações. Todos os grandes princípios do Espiritismo aí se acham reunidos. Desde a primeira comunicação, o Espírito revela a sua superioridade através da linguagem que utiliza.*

*Como uma fada benfeitora, essa mulher radiante vem proteger aquele que não a rejeitou quando vestia os farrapos da miséria. É uma grande aplicação prática dos ensinamentos do Evangelho: “Os grandes serão humilhados e os pequenos serão exaltados; bem-aventurados os humildes; bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados; não desprezem os pequenos, pois quem é pequeno neste mundo talvez seja maior do que vocês imaginam.*

## **MAX, O MENDIGO**

---

Num vilarejo da Baviera, lá pelo ano de 1850, morreu um velho quase centenário, conhecido pelo nome de pai Max. Ninguém conhecia ao certo a sua origem, pois não tinha família. Havia quase meio século que, atingido por enfermidades que o impediam de ganhar a vida pelo trabalho, não tinha outros recursos senão a caridade pública, que ele disfarçava indo vender almanaques e objetos miúdos nas fazendas e nos castelos.

Tinham lhe dado o apelido de conde Max e as crianças só o chamavam de senhor conde, ao que ele sorria, sem se ofender. Por que esse título? Ninguém sabia dizer, mas o apelido acabou pegando. Talvez fosse por causa de sua fisionomia e de suas maneiras, cuja distinção contrastava com os farrapos que vestia.

Alguns anos depois da sua morte, ele apareceu em sonho para a filha do proprietário de um dos castelos, na estrebaria onde costumava se hospedar, pois não tinha domicílio fixo. Nesta aparição, ele lhe disse: Obrigado por se lembrar do pobre Max em suas preces, porque elas foram ouvidas pelo Senhor. Minha filha, você quer saber quem eu sou? Alma caridosa, que se interessa por este infeliz mendigo, vou satisfazê-la, pois será de grande instrução para todos.

**Então, relatou-lhe o seguinte, mais ou menos nestes termos:**

Há cerca de um século e meio, eu era um dos ricos e poderosos senhores

desta região. Eu me ocupava apenas com coisas fúteis, além de ser orgulhoso e envaidecido da minha nobreza. Minha imensa fortuna só servia para atender aos meus prazeres e quase não foi suficiente, porque eu era jogador, devasso, e passava a vida em orgias.

Os meus vassallos, que eu acreditava terem sido criados apenas para me servirem, do mesmo modo que os animais das fazendas servem os seus proprietários, eram humilhados e maltratados para sustentarem os meus desperdícios. Eu não ouvia as suas queixas, como também não ouvia a dos outros infelizes, e achava que eles deveriam sentir-se muito satisfeitos e honrados em trabalhar para atender os meus caprichos.

Morri não muito velho, esgotado pelos excessos, mas sem ter passado por nenhuma infelicidade verdadeira. Ao contrário, tudo parecia sorrir-me, de sorte que, aos olhos dos outros, eu era um dos felizardos do mundo. Minha posição me valeu funerais suntuosos; os boêmios lamentaram a perda do amigo rico, mas nenhuma lágrima foi derramada em meu túmulo, assim como nenhuma prece vinda do coração foi dirigida a Deus em meu benefício. Em compensação, minha memória foi amaldiçoada por todos aqueles que eu levei à miséria.

Ah! Como é terrível a “maldição” daqueles a quem tornamos infelizes! Ela não parou de reverberar em meus ouvidos durante longos anos, que para mim pareceram uma eternidade! O desencarne de cada uma das minhas vítimas era uma nova figura ameaçadora que surgia diante de mim, a me perseguir sem tréguas, sem que eu pudesse encontrar um canto escuro para me esconder! Também não encontrava nenhum olhar amigo!

Meus antigos companheiros de devassidão, tão infelizes como eu, fugiam de mim e pareciam me dizer com desprezo: “Você não pode mais pagar os nossos prazeres”. Oh! Como eu teria pago caro por um instante de repouso, um copo de água para saciar a sede ardente que me devorava! Mas eu não possuía mais nada e *todo o ouro que eu esparramei sobre a Terra, em grande quantidade, não produziu uma única bênção sequer!* Nenhuma só, você entende,



minha filha?

Enfim, desanimado pela fadiga, esgotado como um viajante que não vê o fim da sua estrada, eu exclamei: Meu Deus, tenha piedade de mim! Quando vai acabar esta terrível situação? Então, uma voz, a primeira que eu ouvi desde que deixei a Terra, me disse: “Quando você quiser”. Ao que eu respondi: “O que eu devo fazer, meu grande Deus? Diga-me, e eu me submeto a tudo”. “É preciso que você se arrependa, *que você se humilhe diante daqueles a quem humilhou*, pedir para que eles intercedam a seu favor, porque *a prece do ofendido que perdoa é sempre mais agradável ao Senhor*”.

Eu me humilhei, pedi perdão aos meus vassallos, aos meus servos que estavam à minha frente, e cujas fisionomias, cada vez mais benevolentes, acabaram por desaparecer. Foi então que começou para mim uma nova vida; a esperança substituiu o desespero e eu agradei a Deus com todas as forças da minha alma. Em seguida, a voz me disse: Príncipe! E eu respondi: “Aqui só existe um príncipe, que é o Deus Todo-Poderoso, que humilha os soberbos”. Perdoe-me, Senhor, porque pequei. Faz com que eu seja o servo daqueles que me serviram, se essa for a Sua vontade.

Alguns anos mais tarde nasci de novo, mas desta vez numa família de pobres aldeões. Meus pais morreram quando eu ainda era criança e fiquei só no mundo, sem nenhum apoio. Ganhei a vida como pude, ora como trabalhador braçal, ora como servente de fazenda, mas sempre honestamente, porque desta vez eu acreditava em Deus.

Com a idade de 40 anos, uma moléstia me paralisou todos os membros, e eu precisei mendigar por mais de 50 anos, nestas mesmas terras que outrora tinham sido minhas e onde eu era o patrão absoluto. Por uma amarga ironia, me apelidaram de senhor conde. Muitas vezes eu ficava feliz por encontrar um abrigo na estrebaria do castelo que tinha sido meu. E no sonho eu me alegrava em percorrer este mesmo castelo, onde reinei como um déspota.

Quantas vezes, em meus sonhos, eu me revi em meio à minha antiga fortuna! Ao despertar, essas visões me davam um indefinível sentimento de

amargura e de remorso, mas nunca uma única queixa escapou de meus lábios. E, quando Deus se dignou a me chamar, eu exaltei a Sua glória, por Ele ter me dado muita coragem para suportar, sem reclamar, essa longa e terrível prova, da qual hoje eu recebo a recompensa. Quanto a você, minha filha, eu a abençoo por ter orado por mim.

***Nota de Allan Kardec:** Recomendamos este caso para aqueles que acreditam que os homens só têm como freio para as suas paixões a punição das penas eternas. Perguntamos também se um castigo como o de pai Max não é um exemplo eficiente para fazer com que as pessoas desistam de seguir o caminho do mal. Será que o castigo das torturas sem fim, no qual ninguém mais acredita, poderia ser mais eficaz?*

## **A HISTÓRIA DE UM EMPREGADO DOMÉSTICO**

---

Em uma de nossas viagens, tivemos a oportunidade de visitar uma família que desfrutava de uma alta posição social. Nela havia um jovem empregado doméstico cuja figura inteligente e fina surpreendia a todos pelo seu ar distinto. Nada em suas maneiras indicava que ele pertencesse a uma classe inferior. A dedicação com que executava o serviço dos patrões não era feita com uma postura servil, própria das pessoas desta condição.

No ano seguinte, voltamos a visitar essa família e, não vendo mais o jovem, perguntamos se o haviam despedido. “Não”, responderam. “Ele foi passar alguns dias em sua cidade e lá faleceu. Nós lamentamos muito, pois ele era um excelente rapaz e *possuía sentimentos realmente acima da sua posição*. Era muito ligado à nossa família, e por diversas vezes deu provas da sua grande afeição e devotamento”.

**Mais tarde, tivemos a ideia de evocar o rapaz, e eis o que ele nos disse:**

Em minha penúltima encarnação eu era, como se diz na Terra, de boa família, embora arruinada pelos esbanjamentos do meu pai. Muito jovem ainda, fiquei órfão e sem recursos. Um amigo do meu pai me acolheu e me deu uma excelente educação, como se eu fosse o seu próprio filho. Essa boa educação me levou a ser uma criatura excessivamente vaidosa. Esse amigo é hoje o Sr. G..., do qual eu fui empregado.

Na minha última encarnação eu pedi para nascer numa posição servil, a fim de que pudesse expiar o meu orgulho. Empregado na casa do Sr. G..., encontrei a oportunidade de demonstrar dedicação ao meu benfeitor, inclusive salvando-lhe a própria vida. Foi também uma prova, da qual saí vitorioso, pois tive força suficiente para não me deixar corromper por um meio sempre cheio de vícios. Apesar dos maus exemplos, permaneci puro e agradeço a Deus, porque fui recompensado com a felicidade que hoje desfruto.

### **Em que circunstâncias você salvou a vida do Sr. G...?**

– Num passeio a cavalo, em que eu o seguia só, percebi uma grande árvore que caía para o seu lado, sem que ele a visse. Chamei-o dando um grito terrível; ele recuou bruscamente, enquanto a árvore tombava aos seus pés. Se ele não tivesse recuado, certamente teria sido esmagado.

O fato foi relatado ao Sr. G..., que dele se lembrou perfeitamente.

### **Por que você morreu tão jovem?**

– Deus julgou que a minha prova já era suficiente.

### **Como você pôde aproveitar essa prova, se não se lembrava da causa que a tinha motivado?**

– Em minha humilde posição, restava ainda um pouco de orgulho, que eu tive a felicidade de dominar. Isso fez com que a prova fosse muito útil para mim, caso contrário, eu teria que recomeçá-la. Nos momentos de liberdade, o meu Espírito se lembrava de algumas coisas e, ao despertar, eu tinha um desejo

intuitivo de resistir às minhas más tendências.

Assim, tive mais mérito em lutar do que se tivesse me lembrado claramente do meu passado. A lembrança da minha antiga posição teria exaltado o meu orgulho e isso teria me perturbado. Ao esquecer o passado, tive que lutar somente contra as dificuldades da presente encarnação.

**Para que serviu a brilhante educação que você recebeu na sua penúltima encarnação, se não lhe foi possível recordar dos conhecimentos adquiridos?**

– A lembrança desses conhecimentos teria sido inútil, um contrassenso mesmo, em minha nova posição. Eles ficaram latentes e hoje eu os recupero. Entretanto, eles não me foram inúteis, porque desenvolveram a minha inteligência. Instintivamente, eu tinha o gosto pelas coisas elevadas, o que fazia com que eu tivesse repulsa pelos exemplos baixos e desprezíveis que ocorriam ao meu redor. *Sem essa educação, eu teria sido apenas um criado.*

**Os exemplos de empregados domésticos que se dedicam aos patrões de forma abnegada têm como causa relações anteriores?**

– Não tenha dúvida; este é, pelo menos, o caso mais comum. Às vezes, esses empregados são membros da família, ou, como no meu caso, criaturas agradecidas que pagam uma dívida de reconhecimento, cuja dedicação lhes ajuda a progredir. Vocês não fazem ideia de todos os efeitos produzidos no mundo, provenientes de relações anteriores de simpatia ou de antipatia. Não, a morte não interrompe estas relações, que, muitas vezes, se perpetuam por séculos.

**Por que esses exemplos de dedicação desinteressada de empregados domésticos são tão raros hoje em dia?**

– Por causa do Espírito de egoísmo e de orgulho que reina no seu século, agravado pela incredulidade e pelas ideias materialistas. A verdadeira fé dá lugar

à ganância e ao desejo de ganho e, com ganância, não existe dedicação desinteressada. O Espiritismo, reconduzindo os homens ao sentimento da verdade, vai fazer com que renasçam as virtudes esquecidas.

Nada melhor do que esse exemplo para ressaltar o benefício do esquecimento das existências anteriores. Se o Sr. G... tivesse lembrado quem foi o seu jovem empregado, teria ficado muito constrangido e nem mesmo o teria conservado naquela posição, obstruindo, assim, a prova que foi proveitosa para ambos.

## **ANTONIO B...**

---

### **Enterrado vivo – A pena de Talião**

O Sr. Antonio B..., escritor renomado, estimado por seus conterrâneos, exerceu com distinção e integridade vários cargos públicos na Lombardia (região mais populosa da Itália). Por volta do ano de 1850, ele teve um ataque de **apoplexia**, que o colocou num estado de morte aparente.

Como algumas vezes acontece em tais casos, infelizmente a sua morte foi considerada real. O que concorreu ainda mais para que o engano se consumasse foram os vestígios da decomposição assinalados em seu corpo.

Quinze dias depois do enterro, uma circunstância imprevista fez com que a sua família pedisse a exumação. O cadáver foi desenterrado, porque um medalhão tinha sido esquecido, por descuido, dentro do caixão. Ao abri-lo, os assistentes ficaram estupefatos, pois notaram que o corpo tinha mudado de posição, ou melhor, tinha virado de bruços e – coisa horrível! – uma das mãos estava meio comida pelo defunto.

Ficou claro que o infeliz Antonio B... tinha sido enterrado vivo, e deve ter morrido por consequência do desespero e da fome.

## *Observação*

**Apoplexia:** Hemorragia cerebral que determina a suspensão da sensibilidade e do movimento, mas não impede a suspensão da circulação e da respiração.

**O Sr. Antonio B... foi evocado na Sociedade Espírita de Paris, em agosto de 1861, a pedido de um parente, e deu as seguintes explicações:**

**1 – EVOCAÇÃO:**

– O que você quer?

**2 – Um de seus parentes pediu para que nós o evocássemos e fazemos isso com satisfação. Ficaremos felizes se o senhor quiser nos responder.**

– Sim, quero.

**3 – O senhor se lembra dos incidentes da sua morte?**

– Ah! Certamente que eu me lembro. Mas por que me despertar essa lembrança do castigo?

**4 – É verdade que o senhor foi enterrado vivo por descuido?**

– Assim deveria ser, porque a morte aparente teve todas as características da morte real; eu estava com a pele descolorida, quase sem sangue. Não se deve culpar ninguém por um fato previsto antes do meu nascimento.

**5 – O senhor se incomoda com estas perguntas? Se quiser, podemos parar.**

– Não, vamos continuar.

**6 – Esperávamos que o senhor fosse feliz, porque na Terra a sua reputação era a de um homem de bem.**

– Eu lhe agradeço muito. Sei que vocês vão orar por mim. Vou fazer o

possível para responder e, se não conseguir, um de seus guias o fará por mim.

**7 – O senhor pode nos descrever as sensações que teve naquele momento terrível?**

– Oh! Que prova dolorosa! Sentir-se fechado entre quatro tábuas, tolhido, absolutamente tolhido. Impossível gritar! A voz, por falta de ar, não tinha eco! Que tortura a do infeliz que inutilmente se esforça para respirar num ambiente sem ar! Eu era o mesmo que um condenado na boca de um forno. Oh! Eu não desejo para ninguém semelhante tortura. Não, eu não desejo para ninguém um fim como o que eu tive.

Oh! Cruel punição para uma cruel e feroz existência! Não saberia dizer em que eu pensava naquele momento; apenas revendo o passado, vagamente eu entrevia o futuro.

**8 – O senhor disse: Cruel punição para uma cruel e feroz existência... Como é possível conciliar essa afirmação com a sua reputação até hoje ilibada?**

– O que vale uma existência se comparada com a eternidade? Certamente procurei ser honesto e bom na minha última encarnação, mas eu aceitei o fim que eu tive, antes de reencarnar. Ah! Por que me interrogam sobre esse passado doloroso, que só eu e os Espíritos do Senhor conhecíamos? Mas, se é preciso lhes contar, saibam que, numa existência anterior, eu enterrei viva a minha própria esposa num túmulo subterrâneo! Assim, a Pena de Talião deveria ser aplicada. Olho por olho, dente por dente.

**9 – Agradecemos por responder as nossas perguntas e pedimos a Deus para que Ele lhe perdoe o passado, levando em consideração o mérito da sua última existência.**

– Voltarei mais tarde. Aliás, o Espírito Erasto completará a minha comunicação.

## **INSTRUÇÕES DO GUIA DO MÉDIUM:**

O ensinamento que vocês devem tirar dessa comunicação é de que todas as suas existências estão ligadas entre si e nenhuma é independente das outras. Os tormentos, as dificuldades e as grandes dores que se abatem sobre os homens são sempre as consequências de uma vida anterior criminosa ou mal-empregada.

Entretanto, devo lhes dizer que desfechos parecidos com o de Antonio B... são raros e, se esse homem, cuja última existência não teve nenhuma reprovação, acabou morrendo dessa maneira, foi porque ele mesmo pediu esse tipo de morte. Solicitou-a para abreviar o tempo que ficaria vagando no mundo espiritual e para alcançar mais rapidamente as esferas superiores.

De fato, depois de um período de perturbação e sofrimento moral, com vistas à expiação do seu crime hediondo, ele será perdoado e se elevará para um mundo melhor, onde encontrará sua vítima que o espera e há muito tempo já o perdoou. Aproveitem esse exemplo cruel, queridos espíritos, a fim de suportarem com paciência os sofrimentos físicos e morais, bem como todas as pequenas misérias da Terra.

### **Que proveito a Humanidade pode tirar de semelhantes punições?**

– Os castigos não são aplicados para desenvolver a Humanidade, mas para punir os culpados. A Humanidade não tem interesse algum no sofrimento de um de seus membros. No caso estudado, a punição foi apropriada à falta cometida. Por que vocês acham que existem loucos, idiotas e paralíticos? Por que alguns morrem queimados, enquanto outros padecem as torturas de uma longa agonia entre a vida e a morte? Ah! Acreditem, respeitem a Soberana vontade e não procurem investigar a razão dos decretos da Providência. Deus é justo e só faz o bem.

**Erasto**



***Nota de Allan Kardec:** Este fato não traz consigo um ensinamento terrível? A Justiça de Deus até pode tardar algumas vezes, mas ela alcança sempre o culpado, ou seja, ela nunca falha. Não é altamente moralizador saber que, se grandes culpados terminam a sua existência em paz e muitas vezes na abundância dos bens terrenos, cedo ou tarde, chegará para eles a hora da expiação?*

*Penas desta natureza são compreensíveis, não só pelo fato de estarem mais ou menos ao alcance dos nossos olhos, mas também porque são lógicas. Acreditamos nelas porque elas estão em concordância com a razão. Portanto, uma existência honrada não exclui as provações da vida, porque elas são escolhidas e aceitas como sendo o complemento de uma expiação pela qual o Espírito precisa passar. É o restante do pagamento de uma dívida que é necessário saldar antes de receber o prêmio pelo progresso realizado.*

*Nos séculos passados, mesmo entre as classes mais elevadas, eram frequentes os atos de barbárie que hoje nos revoltam. Muitos assassinatos eram cometidos naqueles tempos de menosprezo à vida do semelhante, em que o poderoso esmagava o fraco sem nenhum escrúpulo. Assim, fica fácil compreender que, entre os homens de hoje, devem existir aqueles que precisam saldar a sua dívida com o passado.*

*Com esse entendimento, não precisamos ficar surpresos com o número considerável de pessoas que morrem vítimas de acidentes isolados ou de catástrofes coletivas. O despotismo, o fanatismo, a ignorância, os preconceitos da Idade Média e dos séculos que se seguiram deixaram para as gerações futuras uma dívida imensa, que ainda não foi totalmente liquidada. Muitas desgraças nos parecem imerecidas porque só vemos o momento presente.*

## **LETIL**

---

Este industrial, que residiu nos arredores de Paris, morreu em abril de 1864, de uma maneira horrível. Uma caldeira de verniz fervendo pegou fogo e tombou sobre ele. Num piscar de olhos o seu corpo ficou coberto de material

incandescente e ele logo percebeu que estava perdido. No momento do acidente, ele estava na oficina apenas com um jovem aprendiz, e ainda teve ânimo para ir até a sua casa, que ficava a uns duzentos metros de distância.

Quando lhe prestaram os primeiros socorros, as carnes já dilaceradas caíam aos pedaços, sendo possível ver os ossos de uma parte do corpo e da face. Ainda assim, sobreviveu doze horas a terríveis sofrimentos. Apesar de tudo, conservou toda a presença de Espírito até o último momento, pondo em ordem os seus negócios com perfeita lucidez.

Durante toda essa cruel agonia, ninguém ouviu dele um só gemido, uma só queixa, e morreu orando a Deus. Era um homem muito honrado, de caráter meigo e afetuoso, estimado por todos aqueles que o conheciam. Abraçou as ideias espíritas com entusiasmo, porém com pouca lucidez. Pelo fato de ele ser médium, foi vítima de inúmeras mistificações, que, no entanto, em nada lhe diminuíram a crença. A confiança no que os Espíritos lhe diziam, em certas circunstâncias, beirava a ingenuidade.

**Evocado na Sociedade Espírita de Paris, em 29 de abril de 1864, poucos dias depois da sua morte, e ainda sob a impressão da cena terrível que o vitimou, deu a seguinte comunicação:**

Uma profunda tristeza me oprime! Estou ainda espantado pela minha trágica morte, parece que eu estou sob os ferros de um carrasco. Como sofri! Ah! Como eu sofri! Estou trêmulo; ainda sinto o cheiro repugnante da minha carne queimada.

Meu Espírito culpado sofreu essa agonia por doze horas! Mas ele sofreu sem reclamar, e por isso vai receber de Deus o seu perdão.

Ó minha esposa bem amada, não chore por mim, porque em breve essas dores vão se acalmar. Na verdade, eu não sofro mais, porém a lembrança neste caso equivale à realidade. O meu conhecimento sobre o Espiritismo me auxiliou muito. Agora eu vejo que, sem essa crença consoladora, eu teria

permanecido mais tempo no delírio em que fui jogado pela morte horrível que sofri.

Eu tenho comigo um Espírito consolador que não me deixou desde que exalei o meu último suspiro. Eu ainda estava vivo e já o via ao meu lado... Parecia ser um reflexo das minhas dores, que me dava vertigem e me fazia ver fantasmas... Mas, não; era o meu anjo da guarda que, silencioso e mudo, me consolava pelo coração. Assim que eu me despedi da Terra, ele me disse: “Vem, meu filho, vamos tornar a ver o dia”. Então, eu respirei mais livremente, acreditando sair de um sonho terrível. Perguntei pela esposa amada, pelo rapaz corajoso que me foi devotado, e o anjo me disse: “Meu filho, estão todos na Terra, e você está entre nós”.

Eu procurava o meu lar, onde o anjo me deixou entrar. Lá, vi todos chorando, pois a tristeza e o luto haviam invadido aquela agradável morada, outrora tão sossegada. Não pude sustentar por muito tempo a visão desse doloroso espetáculo e, muito comovido, disse ao meu guia: “Ó meu bom anjo, vamos sair daqui”. Sim, vamos sair, respondeu o anjo, vamos procurar o repouso.

Depois disso, tenho sofrido menos e, se não fosse a visão da minha esposa inconsolável e a tristeza dos meus filhos e amigos, eu seria quase feliz.

O meu bom anjo mostrou-me a causa da morte tão horrível e dolorosa que eu tive, e por isso vou instruí-los, vou confessá-la:

Há cerca de dois séculos mandei queimar, numa fogueira, uma jovem donzela inocente de mais ou menos 12 a 14 anos. Ela era acusada de quê? De ter sido a cúmplice de uma conspiração contra a política do clero. Eu era cidadão italiano e Juiz da inquisição. Como os carrascos não ousavam tocar o corpo da pobre criança, eu mesmo fui o juiz e o carrasco. Oh! Como é grande a Justiça de Deus!

Eu me submeti a esta Justiça e tinha prometido a mim mesmo não vacilar no dia do combate, e ainda bem que tive força para manter o compromisso. Não reclamei e o Senhor me perdoou, ó meu Deus! Porém, quando se apagará

da minha memória a lembrança da pobre vítima inocente? Essa lembrança é que me faz sofrer! É preciso, portanto, que ela me perdoe.

Oh! Vocês, adeptos da Nova Doutrina, que com frequência dizem: Não lembramos o que fizemos nas encarnações anteriores, por isso não podemos evitar os males aos quais nos expomos! Oh! Meus irmãos! Bendigam a Deus, porque se Ele lhes deixasse acessar alguma lembrança do passado, seus corações não teriam mais nenhum descanso na Terra. Será que vocês, perseguidos sem parar pelo remorso e pela vergonha, poderiam ter um único momento de paz?

O esquecimento na Terra é um benefício, porque a lembrança aqui é uma tortura. Mais alguns dias e, como recompensa pela resignação com que eu suportei as minhas dores, Deus me concederá o esquecimento da falta. Esta é a promessa que acaba de fazer o meu bom anjo da guarda.

*Nota de Allan Kardec: O caráter do Sr. Letil, na última encarnação, mostra quanto o seu Espírito se aperfeiçoou. A conduta que ele teve foi o resultado do seu arrependimento e das boas decisões que previamente tomou, mas isso por si só não bastava. Era preciso consolidar essas boas decisões com uma grande expiação. Era preciso que ele suportasse como homem o que impôs aos outros e ainda mais: a resignação, nessa terrível circunstância, era a sua maior prova e, felizmente, ele não falhou.*

*Por certo, o conhecimento do Espiritismo contribuiu grandemente para lhe sustentar a coragem, pela fé sincera que esse conhecimento lhe deu sobre o futuro. Ciente de que as dores físicas são provas e expiações, submeteu-se a elas com resignação, dizendo: “Deus é justo; logo, eu devo tê-las merecido”.*

## UM CIENTISTA AMBICIOSO

---

Embora nunca tivesse provado as dolorosas angústias da miséria, a Sra. B..., de Bordeaux, teve uma vida com muitas dores físicas, em consequência de

inúmeras doenças graves que a atingiram desde a idade de cinco meses. Viveu 70 anos, e quase todo ano ficava entre a vida e a morte. Foi envenenada três vezes pela terapia de uma ciência experimental e duvidosa, com ensaios feitos sobre o seu organismo e sobre o seu temperamento. A Sra. B... foi arruinada tanto pelos remédios quanto pelas doenças. Assim, viveu entregue a sofrimentos insuportáveis, e nada podia acalmá-la.

Sua filha, que era espírita-cristã e médium, pedia a Deus em suas preces para que Ele suavizasse as suas cruéis provações. Entretanto, ela foi aconselhada pelo seu guia espiritual para pedir apenas que a mãe tivesse a força e a calma para suportar as provações com paciência e resignação.

### **DEPOIS DO CONSELHO, SEU GUIA PASSOU AS SEGUINTE INSTRUÇÕES:**

Nesta vida tudo tem a sua razão de ser: *não há um só dos seus sofrimentos que não corresponda aos sofrimentos que você impôs aos outros*; não há um único dos seus excessos que não tenha por consequência uma privação; não há uma só lágrima que caia dos seus olhos que não se destine a lavar uma falta, um crime qualquer.

Suportem, portanto, com confiança e resignação, as suas dores físicas e morais, por mais cruéis que elas possam lhes parecer. Pensem no trabalhador cuja fadiga afeta os seus membros, mas que continua trabalhando, porque tem diante de si os inúmeros frutos da sua perseverança. Assim é o destino do infeliz que sofre sobre a Terra, mas que deve aspirar à felicidade, que será o fruto da sua paciência e que o tornará forte contra as dores de breve duração pelas quais passa a Humanidade.

É o que acontece com a sua mãe. Cada dor que ela aceita como expiação corresponde à extinção de uma mancha do seu passado, e quanto mais cedo essas manchas se extinguirem, mais rápido ela será feliz. *A falta de resignação*

*apenas faz com que o sofrimento seja inútil*, porque as provas terão que ser recomeçadas. O que ela mais precisa é coragem e resignação, e é justamente o que ela deve pedir a Deus e aos bons Espíritos.

A sua mãe foi outrora uma excelente médica; viveu num meio em que era fácil conquistar o bem-estar e onde não lhe faltaram homenagens. Ambicionando glórias e riquezas, ela queria alcançar o apogeu da Ciência, não para fazer a caridade ou por amor aos semelhantes, mas para aumentar a sua reputação e a sua clientela. Na execução desse propósito não havia argumento que a detivesse.

Ele provocava “convulsões” na própria mãe, que era martirizada num leito de sofrimentos, para fazer estudos sobre esse assunto, enquanto o próprio filho era submetido a experiências que lhe trariam a solução para certos fenômenos. Aos velhos, ela abreviava os dias e, aos homens vigorosos, ela os enfraquecia com ensaios que tinham por objetivo comprovar a ação desse ou daquele medicamento. E o mais grave é que todas essas experiências eram feitas sem o consentimento do infeliz paciente, que nada sabia, ou ao menos desconfiava.

A satisfação da vaidade e do orgulho, a sede pelo dinheiro e pela fama, foi o motivo principal da sua conduta. Séculos e séculos de provações terríveis foram necessários para domar esse Espírito ambicioso e cheio de orgulho, até que o arrependimento iniciasse a obra da regeneração. A reparação está terminando, porque as provas dessa última encarnação podem ser classificadas como suaves, em relação às que ela já suportou. Coragem, portanto, porque se o castigo foi longo e cruel, grande será a recompensa dada à resignação, à paciência e à humildade.

Tenham coragem, todos vocês que sofrem, pensem na brevidade da existência material e nas alegrias da eternidade. Chamem a esperança, essa devotada amiga dos corações sofredores; chamem pela fé, que é irmã da esperança. A “fé” faz com que vocês possam ver o Céu, e a “esperança” fará com que vocês entrem nele bem antes do tempo. Chamem também para perto de vocês esses amigos que o Senhor lhes concede, ou seja, os anjos da guarda, que

estão sempre ao seu lado, que os ajudam e os amam, e cujos constantes cuidados os reconduzem para junto daquele a quem vocês ofenderam, transgredindo as Leis de Deus.

Depois de desencarnar, a Sra. B... tem dado, por intermédio da sua filha, e na Sociedade Espírita de Paris, muitas comunicações, nas quais ela reflete as mais elevadas qualidades, e onde confirma o que foi dito sobre o seu passado de médica.

## **CHARLES DE SAINT-G., DEFICIENTE MENTAL**

---

### **Sociedade Espírita de Paris, 1860**

Charles de Saint-G... era um deficiente mental de 13 anos, ainda encarnado, cujas faculdades intelectuais eram tão nulas a ponto de ele não reconhecer os pais e mal conseguir se alimentar. O desenvolvimento do seu organismo tinha parado completamente.

### **PERGUNTA AO ESPÍRITO SÃO LUÍS:**

**1 – O senhor pode nos dizer se é possível evocar o Espírito desse menino?**

– Sim, vocês podem evocá-lo, do mesmo modo que evocariam o Espírito de um desencarnado.

**2 – A sua resposta nos faz crer que a evocação pode ser feita em qualquer momento?**

– Sim, a alma desse menino está presa ao corpo apenas por vínculos materiais e não por vínculos espirituais. Por isso, ela pode se desprender do

corpo a qualquer hora.

**3 – EVOCAÇÃO DE CHARLES DE SAINT-G...**

– Sou um pobre Espírito, preso à Terra como uma ave pelo pé.

**4 – Em seu atual estado, como Espírito, você tem consciência da sua nulidade neste mundo?**

– Certamente; sinto que estou numa prisão.

**5 – Quando o seu corpo dorme e o seu Espírito se desprende, você tem ideias tão lúcidas como se estivesse em seu estado normal?**

– Quando o meu infeliz corpo repousa, fico um pouco mais livre para me elevar ao Céu, a que aspiro.

**6 – Como Espírito, você experimenta alguma sensação dolorosa provinda do seu corpo?**

– Sim, já que é uma punição.

**7 – Você se lembra da sua existência anterior?**

– Oh! Sim! Ela é a causa do meu exílio, do meu sofrimento atual.

**8 – Como foi essa existência?**

– A de um jovem devasso, no reinado de Henrique III (Rei da França – 1574-1589).

**9 – Você disse que a sua condição atual é uma punição, então não a escolheu?**

– Não.

**10 – Como pode a sua existência atual servir ao seu progresso,**



**levando em conta o estado de nulidade em que você se encontra?**

– Para mim não há nulidade, porque foi Deus quem me impôs esta situação.

**11 – Você pode prever o tempo da sua atual existência?**

– Não; mais alguns anos e retornarei à minha pátria.

**12 – O que você fez como Espírito, no intervalo entre a existência atual e a anterior?**

– Deus me aprisionou, porque eu era um Espírito leviano.

**13 – Quando está acordado, você tem consciência do que se passa ao seu redor, apesar da imperfeição dos seus órgãos?**

– Vejo e ouço, mas o meu corpo nada vê nem percebe.

**14 – Podemos fazer alguma coisa que lhe seja útil?**

– Nada.

**15 – PERGUNTA AO ESPÍRITO SÃO LUÍS:**

**As preces feitas a um Espírito reencarnado podem ter a mesma eficácia que as dirigidas a um Espírito desencarnado?**

– As preces são sempre boas e agradáveis a Deus. Na posição deste pobre Espírito, elas em nada poderão lhe ajudar. Servirão mais tarde, porque Deus as levará em conta.

*Nota de Allan Kardec: Esta evocação confirma o que sempre se disse sobre os deficientes mentais. A nulidade moral nada tem a ver com a nulidade do Espírito que, deixando de lado os órgãos físicos, desfruta de todas as suas faculdades.*

*A imperfeição dos órgãos é apenas um obstáculo à livre manifestação dos*

*pensamentos, mas essa imperfeição não aniquila esses pensamentos. Podemos comparar os deficientes mentais a um homem vigoroso, cujos membros fossem momentaneamente amarrados.*

### **Instrução de um Espírito sobre os deficientes mentais, dada na Sociedade Espírita de Paris.**

Os deficientes mentais são seres punidos na Terra pelo mau uso que fizeram de suas poderosas faculdades. Sua alma está aprisionada num corpo, cujos órgãos são impotentes para transmitir os seus pensamentos. Essa incapacidade de falar e de expressar o que se pensa constitui uma das mais cruéis punições terrenas. Muitas vezes, é uma prova escolhida pelos Espíritos arrependidos que querem resgatar as suas faltas.

Esta prova não é inútil, uma vez que o Espírito aprisionado em seu corpo físico não fica estacionado, sem evoluir. Seus olhos entorpecidos veem, o cérebro deprimido compreende, mas nada podem exprimir, nem pela palavra, nem pelo olhar e, com exceção de alguns movimentos, estão moralmente no mesmo estado dos **letárgicos** e dos **catalépticos**.

Assim, eles enxergam e escutam tudo o que se passa ao seu redor, mas não podem se expressar. Quando vocês têm esses terríveis pesadelos, nos quais querem fugir de um perigo, quando gritam para pedir socorro, mas o grito não sai e vocês não conseguem se mexer, estão experimentando, por alguns instantes, o que o deficiente mental experimenta sempre, ou seja, *a paralisia do corpo físico ligada à vida do Espírito*.

Desse modo, quase todas as enfermidades têm a sua razão de ser, nada acontece sem uma causa justa, e aquilo que vocês chamam de injustiça do destino é apenas a aplicação da mais alta Justiça. A loucura (transtorno mental) também é uma punição pelo abuso que o Espírito fez das suas mais elevadas faculdades. O louco tem duas personalidades: a que delira e a que tem consciência dos seus atos, mas não os pode controlar.

Quanto aos deficientes mentais, a vida contemplativa e isolada de suas

almas, sem poder desfrutar dos prazeres do corpo, pode também tornar-se agitada, como a vida de qualquer pessoa comum que se agita pelos acontecimentos do dia a dia. Alguns se revoltam contra os suplícios que eles mesmos escolheram, antes de reencarnar; lamentam tê-lo escolhido e sentem um desejo muito grande de voltar a uma outra vida. Esse desejo os faz esquecer a resignação que deveriam ter na vida presente e também o arrependimento pelas faltas cometidas no passado, das quais têm a consciência, porque os deficientes mentais normalmente são mais inteligentes do que vocês e ocultam, na sua incapacidade física, uma força moral da qual os homens não fazem a menor ideia.

Os atos de fúria ou de imbecilidade a que seus corpos se entregam são no íntimo, julgados pelo seu próprio ser, que sofre e se envergonha. Portanto, ridicularizar, agredir e mesmo maltratar essas criaturas, como às vezes se faz, é aumentar-lhes ainda mais os sofrimentos. É fazer com que eles sintam de forma mais dura a sua fraqueza e a sua degradação. Se eles pudessem, acusariam de covardes aqueles que agem dessa maneira, pois sabem que suas vítimas não podem se defender.

A loucura não é uma Lei de Deus e a Ciência pode fazê-la desaparecer, porque ela é o resultado material da ignorância, da miséria e da imundície. Os modernos e práticos recursos de higiene, que a Ciência hoje coloca ao alcance de todos, tendem a destruir essa doença. O progresso, sendo uma condição expressa da Humanidade, fará com que as “provações impostas” se modifiquem, acompanhando a evolução dos séculos.

Então, essas provações passarão a ser todas morais e, quando a Terra, ainda jovem, tiver realizado todas as fases da sua existência, vai se tornar uma morada de felicidade, assim como outros planetas mais adiantados.

**Pierre Jouty, pai do médium**

### *Observações*

**Letargia:** Sono profundo em que a circulação e a respiração parecem estar suspensas.

**Catalepsia:** Imobilidade do corpo e rigidez dos músculos.

*Nota de Allan Kardec:* Houve um tempo em que se colocava em dúvida a existência da alma dos deficientes mentais, e se chegava mesmo a perguntar se eles realmente pertenciam à espécie humana. O Espiritismo encara esses deficientes de uma forma muito moral e busca sempre aprender os porquês, ao relacionar o seu estado atual com as existências passadas.

Não há nesse assunto matéria para sérias reflexões, considerando que esses corpos desfavorecidos abrigam almas que talvez tenham brilhado neste mundo? Que são tão lúcidas e tão pensantes quanto as nossas, apesar do corpo disforme que lhes sufoca as manifestações e que, um dia, o mesmo pode acontecer conosco, se abusarmos das faculdades que a Providência nos concedeu?

De outro modo, como poderíamos explicar a deficiência mental? Como fazê-la concordar com a Justiça e a bondade de Deus, sem admitir a pluralidade das existências, ou melhor, a reencarnação? Se a alma não viveu antes, é porque ela foi criada junto com o corpo. Nesta hipótese, como justificar a criação de almas tão deserdadas como a dos deficientes mentais, por parte de um Deus tão justo e bom? Porque, nesse caso, não se trata de um acidente, como a loucura, por exemplo, que se pode prevenir ou curar.

Esses seres nascem e morrem no mesmo estado. Por não possuírem nenhuma noção do bem e do mal, qual será o seu destino na eternidade? Serão felizes como os homens inteligentes e trabalhadores? Mas por que esse favor, se nada fizeram de bom? Ficarão naquilo que se chama de limbo, isto é, num estado misto, que não é nem de felicidade nem de infelicidade? Mas por que esta inferioridade eterna? Terão eles a culpa se Deus os criou deficientes mentais?

Desafiamos a todos aqueles que repelem a doutrina da reencarnação a saírem desse impasse. Com a reencarnação, ao contrário, o que parece uma injustiça se transforma numa admirável Justiça; o que é inexplicável se explica da maneira mais racional.

Aliás, não sabemos se aqueles que rejeitam a doutrina da reencarnação conseguiram combatê-la com argumentos mais convincentes, além da repugnância

*peçoal à ideia de ter que voltar à Terra. A essa rejeição, respondemos: para reenviá-los à Terra, Deus não lhes pede permissão, assim como o juiz não consulta a vontade do réu para enviá-lo à prisão. Todos têm a possibilidade de não reencarnar na Terra, desde que se aperfeiçoem bastante para fazerem jus a uma esfera mais elevada. O orgulho e o egoísmo não são admitidos nessas esferas felizes. Por isso, se quiserem alcançar essas moradas melhores, todos devem trabalhar no sentido de se libertar de suas enfermidades morais.*

*Sabemos que, em certos países, os deficientes mentais, longe de serem objetos de desprezo, são cercados de todos os cuidados. Esse comportamento não será uma intuição sobre o verdadeiro estado desses infelizes, que merecem uma atenção ainda maior pelo fato de serem repudiados pela sociedade? Será que os Espíritos dessas pessoas não compreendem essa situação transitória? Considera-se mesmo um favor e uma bênção a presença de um desses seres no seio da família.*

*Será isso superstição? Talvez seja! Porque, entre os ignorantes, a superstição se mistura com as ideias mais santas, por não lhe compreenderem o alcance. Seja como for, para os pais é sempre uma oportunidade de exercerem a caridade. Caridade esta que é tanto mais meritória quanto mais pesado lhes seja o fardo, tendo em vista que geralmente são pobres e, para eles, é uma carga sem compensação material.*

*Sempre há um mérito maior em cercar de cuidados afetuosos uma criança infeliz do que cuidar de um filho cujas qualidades tragam aos pais alguma compensação. Sendo a caridade desinteressada, uma das virtudes que mais agrada a Deus, ela sempre atrai as bênçãos do Criador sobre aqueles que a praticam. Este sentimento espontâneo, que acompanha essas pessoas desde o nascimento, equivale a esta prece: “Obrigado, meu Deus, por ter nos dado como prova uma criatura fraca para sustentar, um aflito para consolar”.*

## **ADÉLAIDE-MARGUERITE GOSSE**

---

Era uma humilde e pobre criada que vivia perto de Harfleur, na

Normandia (região sudeste da França, banhada pelo Canal da Mancha). Aos 11 anos começou a trabalhar com ricos pecuaristas da região. Poucos anos depois, uma inundação do rio Sena levou e afogou todo o gado da propriedade. Em virtude de outras calamidades que ocorreram, seus patrões ficaram na miséria!

Solidária com a sorte que os atingiu, Adélaide deixou o egoísmo de lado e, ouvindo apenas o seu generoso coração, obrigou-os a aceitarem quinhentos francos de suas economias, continuando a servi-los mesmo sem receber salário.

Depois da morte dos patrões, ela passou a cuidar de uma filha que eles deixaram, mas que ficou viúva e sem recursos. Trabalhava nos campos e trazia o que ganhava para casa. Casou-se e juntou os seus ganhos aos do marido para sustentar a pobre mulher, a quem chamava de “sua patroa”! Esta dedicação sublime durou cerca de meio século.

A Sociedade de Emulação (que estimula e exalta o bem praticado) da cidade de Rouen não deixou cair no esquecimento essa mulher digna de respeito e admiração. Assim, outorgou-lhe uma medalha de honra ao mérito e uma recompensa em dinheiro. A este testemunho de estima associaram-se as lojas maçônicas da cidade de Havre, oferecendo-lhe uma pequena soma para aumentar o seu bem-estar.

Por fim, teve também o reconhecimento da administração municipal da cidade onde morava, que igualmente prestou-lhe uma homenagem, mas o fez de modo delicado para não lhe ferir a suscetibilidade.

Um ataque de paralisia levou da Terra esse anjo de bondade, mas de maneira rápida e suave. O seu enterro foi simples, porém decente, e o secretário do município foi à frente do cortejo fúnebre.

### **Sociedade Espírita de Paris, 27 de dezembro de 1861**

#### **EVOCAÇÃO:**

**Rogamos a Deus Todo-Poderoso que permita ao Espírito de Marguerite Gosse a graça de se comunicar conosco.**

– Sim, Deus me concederá essa graça.

**Estamos felizes em poder transmitir-lhe a nossa admiração por sua conduta durante a sua última encarnação, e esperamos que tanta abnegação tenha recebido a sua recompensa.**

– Sim, Deus foi bom e misericordioso para com a Sua serva. Tudo o que eu fiz e que para vocês parece louvável, para mim, era tão natural.

**A senhora poderia nos dizer, para a nossa instrução, qual foi a causa que a levou a ocupar uma posição tão humilde na Terra?**

– Em duas encarnações sucessivas eu ocupei uma posição bastante-elevada, e praticar o bem me era muito fácil. Eu o realizava sem precisar fazer sacrifício, simplesmente porque era rica. Achei, portanto, que progredia muito lentamente, e por isso pedi para voltar nas condições mais humildes possíveis, nas quais eu tivesse mesmo que lutar com as privações. Para isso me preparei durante um longo tempo. Deus sustentou a minha coragem, e eu pude atingir o meu objetivo, graças ao socorro espiritual que Ele me concedeu.

**A senhora já tornou a ver os seus antigos patrões? Ainda se considera subordinada a eles?**

– Sim, eu já os revi. Quando eu cheguei a este mundo, eles estavam me esperando. Com toda a humildade eu devo confessar que os meus antigos patrões me consideraram superior a eles.

**A senhora tinha algum motivo particular para se ligar a eles e não a outras pessoas?**

– Nenhum motivo que me obrigasse a isso, visto que eu teria alcançado o meu objetivo em qualquer outra família. Mas eu os escolhi, porque tinha uma

dívida de reconhecimento. É que outrora eles haviam sido muito bons para mim, prestando-me serviços.

**O que a senhora espera do futuro?**

– Espero reencarnar num mundo onde a dor seja desconhecida. Talvez vocês me julguem um tanto presunçosa, mas eu falo com o entusiasmo próprio do meu caráter. De resto, me submeto à vontade de Deus.

**Nós agradecemos a senhora por ter atendido ao nosso chamado. Estamos certos de que Deus vai lhe conceder os benefícios que deseja.**

– Obrigada. Que Deus abençoe a todos, e permita que vocês possam, ao desencarnar, desfrutar das alegrias tão puras que me foram concedidas.

## **CLARA RIVIER**

---

Clara Rivier era uma menina de dez anos, filha de uma família de camponeses que residia num vilarejo ao sul da França. Fazia quatro anos que ela estava muito enferma e, durante toda a sua vida, ninguém ouviu dela um lamento sequer, nem demonstrou o mais leve sinal de impaciência. Embora sem instrução, ela consolava a família aflita, falando sobre a vida futura e a felicidade que ela iria encontrar.

Desencarnou em setembro de 1862, após quatro dias de torturas e convulsões, durante os quais nunca deixou de orar a Deus. Dizia ela: “Não tenho medo da morte, porque uma vida de felicidade me está reservada”.

Ao seu pai que chorava, ela dizia: “Console-se, pois eu voltarei para visitá-lo. Eu sinto que a minha hora está próxima, mas quando ela chegar eu saberei e vou preveni-lo a tempo”. De fato, quando o momento do desencarne chegou, ela chamou toda a família e disse: Só tenho mais cinco minutos de vida, vamos nos dar as mãos. E desencarnou conforme tinha anunciado.



Deste dia em diante, um Espírito batedor começou a visitar a casa dos Rivier: desarrumava tudo, batia na mesa como se estivesse com um bastão, agitava os lençóis e as cortinas, mexia na louça... A irmãzinha mais moça, que tinha apenas cinco anos, enxergava este Espírito com a mesma aparência da irmã Clara, que já tinha desencarnado. Segundo a criança, a sua irmã sempre falava com ela e, quando ocorriam as aparições, a irmã mais moça soltava gritos de alegria e dizia: Vejam como Clara está linda!

### **1 – EVOCAÇÃO DE CLARA RIVIER**

– Estou junto de vocês, disposta a responder.

### **2 – De onde vinham as ideias elevadas que você tinha sobre a vida futura, apesar de ser ainda tão jovem e sem instrução?**

– Do pouco tempo que eu devia passar em seu planeta e da minha encarnação anterior. Eu era médium quando deixei a Terra e retornei entre vocês também como médium. Era uma predestinação; eu sentia e via o que dizia.

### **3 – Como se explica que uma criança da sua idade não desse um só gemido durante quatro anos de muito sofrimento?**

– Porque o sofrimento físico era dominado por uma força maior, a do meu anjo da guarda, que eu via constantemente ao meu lado. Ele sabia aliviar tudo o que eu sentia e conseguia tornar a minha vontade mais forte que a dor.

### **4 – Como você foi informada do instante do seu desencarne?**

– Meu anjo da guarda me disse, ele jamais me enganou.

### **5 – Você disse ao seu pai: Console-se, pois eu voltarei para visitá-lo! Como é possível que você, portadora de tão bons sentimentos em relação aos seus pais, viesse atormentá-los após a morte, fazendo algazarra em sua**

**casa?**

– Sem dúvida, eu tinha uma prova, ou antes, uma missão a cumprir. Se eu venho rever os meus pais, você acredita que eu não tenha algum objetivo? Esses ruídos, essa perturbação, essas lutas ocasionadas pela minha presença são um aviso. Sou auxiliada por outros Espíritos, cuja turbulência tem a sua razão de ser, como também tem a sua razão de ser o meu aparecimento à minha irmãzinha. Graças a nós, muitas convicções vão surgir. Meus pais tinham uma prova a sofrer. Esta prova acabará logo, mas só depois de eles terem levado a “convicção” a uma multidão de Espíritos.

**6 – Então, não é você pessoalmente que causa essa perturbação?**

– Não, eu sou auxiliada por outros Espíritos que trabalham na prova que é destinada aos meus queridos pais.

**7 – Como se explica que a sua irmãzinha a tenha reconhecido se não é você quem produz as manifestações?**

– Minha irmã viu apenas a mim. Ela possui agora uma segunda vista e não será esta a última vez que a minha presença virá consolá-la e encorajá-la.

**8 – Por que, tão jovem ainda, você foi atingida por tantas enfermidades?**

– Eu tinha faltas anteriores a expiar. Tinha abusado da saúde e da brilhante posição que desfrutava na encarnação anterior. Então, Deus me disse: Você aproveitou muito, ultrapassou os limites em várias oportunidades, agora sofrerá do mesmo modo. Você era orgulhosa, será humilde; era vaidosa da sua beleza, ela lhe será retirada; em vez da vaidade, você vai se esforçar para adquirir a caridade e a bondade. Fiz tudo segundo a vontade de Deus e meu anjo da guarda me ajudou.

## 9 – Gostaria de dizer alguma coisa aos seus pais?

– Por orientação de um médium, meus pais têm feito muita caridade, abandonaram o hábito de orar somente pelos lábios: é preciso fazê-lo também na prática e com o coração. Dar aos que sofrem é orar; é ser espírita.

Deus deu a todas as almas o livre-arbítrio, ou seja, a faculdade de progredir. Deu a todos a mesma aspiração e é por isso que o *sofrimento atinge mais de perto os felizardos da Terra do que geralmente se pensa.*

Assim, diminuam as distâncias pela caridade; acolham o pobre em suas casas, deem a ele coragem, elevem a sua moral, não o humilhem. Se todos praticassem esta grande Lei da Consciência, não haveria, em determinadas épocas, essas grandes misérias que desonram os povos civilizados e que Deus envia para castigá-los e lhes abrir os olhos.

Queridos pais, orem a Deus, amem-se, pratiquem a Lei do Cristo: não façam aos outros o que não gostariam que os outros fizessem a vocês. Implorem a Deus para que possam ser provados, e mostrem que a vontade de vocês é santa e grande como Ele. Preparem-se para o futuro, munidos de coragem e perseverança, porque ainda serão chamados a sofrer.

É preciso saber merecer uma boa posição num mundo melhor, onde a compreensão da Justiça divina se transforma em punição para os maus Espíritos.

Queridos pais, estarei sempre ao lado de vocês. Adeus, ou melhor, até logo. Tenham resignação, pratiquem a caridade e o amor ao próximo, e um dia serão felizes.

**Clara**

*Nota de Allan Kardec: É um belo pensamento este: O sofrimento atinge mais de perto os felizardos da Terra do que se pode imaginar. É uma alusão aos Espíritos que, de uma existência a outra, passam de uma posição brilhante a uma posição humilde e miserável, porque geralmente expiam, em um meio inferior, o abuso que fizeram das faculdades que receberam de Deus. É uma Justiça que todos*

*compreendem...*

*Outro pensamento, não menos profundo, é o que atribui as calamidades dos povos à infração da Lei de Deus, porque Deus castiga os povos da mesma forma que castiga os indivíduos. É certo que, se praticassem a “Lei da Caridade”, não haveria guerras, nem grandes misérias. O Espiritismo conduz as criaturas a praticar “essa Lei”. Será que é por isso que ele encontra inimigos tão obstinados? Porventura as palavras dessa filha aos seus pais serão as de um demônio?*

## **FRANÇOISE VERNHES**

---

Françoise era cega de nascença e filha de um caseiro das cercanias de Toulouse (cidade ao sul da França), faleceu em 1855, aos 45 anos. Ocupava-se em ensinar o catecismo às crianças, com o objetivo de prepará-las para a primeira comunhão. Quando o catecismo mudou, ela não teve dificuldade em ensinar o novo, porque conhecia os dois de cor.

Numa noite de inverno, ao regressar com a tia de uma longa excursão, ambas precisaram atravessar uma floresta sombria, repleta de caminhos difíceis e cheios de lama. As duas mulheres precisavam caminhar com cuidado para não caírem nas valas que se formaram. Sua tia queria conduzi-la pela mão, mas ela lhe disse: “Não se preocupe comigo, não corro nenhum risco de cair, uma vez que tenho sobre meus ombros uma luz que me guia. Portanto, siga-me, sou eu quem vai conduzi-la”. Assim, chegaram em casa sem sofrer nenhum acidente, com a cega guiando a tia que enxergava.

### **Evocação em Paris, em maio de 1865**

**A senhora poderia nos explicar que luz era essa que a guiava naquela noite escura e que só você conseguia enxergar?**

– O quê! Então pessoas como você, que está sempre se relacionando com

os Espíritos, precisam de uma explicação para este fato? Era o meu anjo da guarda quem me guiava.

**Essa também era a nossa opinião, mas queríamos a sua confirmação. Naquela ocasião, você tinha consciência de que era o seu anjo da guarda quem a conduzia?**

– Confesso que não, embora acreditasse numa intervenção do Céu. Por muito tempo eu orei para que o Pai celestial tivesse piedade de mim... É muito cruel a cegueira... Sim, ela é muito cruel, mas eu também reconheço que ela é justa. Aqueles que pecam pelos olhos, por eles devem ser punidos, assim como todas as outras faculdades das quais os homens abusam.

Portanto, não procurem entre os inúmeros infortúnios que afligem a Humanidade, qualquer outra causa que não seja uma causa natural, que usualmente chamamos de expiação. Mas ela só possui méritos quando é suportada com humildade. A expiação também pode ser suavizada pela prece, se esta atrair a influência dos bons Espíritos para proteger os culpados da *penitenciária humana*, trazendo-lhes esperanças e conforto.

**Você se dedicou ao ensino religioso de crianças pobres. Teve alguma dificuldade em adquirir os conhecimentos necessários para ensinar o catecismo, quando ele foi modificado?**

– Em geral, os cegos têm outros sentidos duplos, se assim posso falar. A “observação” não é uma das menores faculdades da natureza dos cegos. Sua memória é como um arquivo, no qual os ensinamentos, as tendências e as faculdades são colocados em ordem e ali permanecem para sempre. Nada no exterior é capaz de perturbar esta faculdade (a memória), e o cego pode desenvolvê-la de maneira notável pela educação.

Não era o meu caso, pois eu não recebi educação. Quanto a mim, agradeço a Deus por Ele ter me concedido essa faculdade, que me permitiu cumprir a missão que eu prometi executar junto dessas crianças, e que

constituía também uma reparação do mau exemplo que eu havia lhes dado em minha existência anterior.

Tudo é assunto sério para aqueles que estudam a “Doutrina Espírita”, basta que eles olhem ao seu redor. Posso afirmar que os meus ensinamentos são mais úteis para os espíritas do que se deixarem enganar pelas sutilezas filosóficas de alguns Espíritos, que se divertem em lhes lisonjear o orgulho com frases de grande efeito, porém vazias de conteúdo.

**Pela sua conduta na Terra, tivemos uma prova do seu adiantamento moral, e agora, pela sua linguagem, temos a prova de que este adiantamento também é intelectual.**

– Ainda tenho muito a aprender. Há, porém, muita gente na Terra que passa por ignorante, só porque tem a inteligência embotada pela expiação. Com o desencarne, esses véus são rasgados e, com frequência, esses pobres ignorantes são mais instruídos do que aqueles que os desdenharam.

Acreditem, o orgulho é o meio de avaliar os homens. Todos aqueles que possuem o coração acessível ao elogio ou que têm excesso de confiança no seu conhecimento estão no mau caminho. Em geral, não são sinceros e, portanto, desconfiem deles. Sejam humildes como o Cristo e, como Ele, carreguem a sua cruz com amor, para que possam entrar no reino dos Céus.

**Françoise Vernhes**

## **ANNA BITTER**

---

A perda de um filho adorado é um desgosto terrível, mas ver o único filho, alvo de todas as esperanças e merecedor de todas as afeições, definhar a olhos vistos e sem sofrimentos, por causas desconhecidas, é um desses caprichos da Natureza que zombam da Ciência. Depois de esgotar todos os

recursos e ter a certeza de que não existe uma esperança sequer; depois de suportar essa angústia, dia após dia, durante longos anos, sem poder prever o fim, é um suplício cruel que a riqueza agrava em vez de suavizar, pois sempre se imagina o ente querido podendo desfrutar dessa riqueza.

Esta era a situação do pai de Anna Bitter. Por isso, um sombrio desespero tomou conta da sua alma e a sua desilusão aumentava cada vez mais ao ver esse doloroso espetáculo, cujo fim só poderia ser a morte, ainda que sem data para acontecer.

**Um amigo da família, que era adepto do Espiritismo, julgou que deveria perguntar ao seu Espírito protetor a respeito do assunto e recebeu a seguinte resposta:**

Desejo muito lhe explicar este estranho fenômeno, com o qual você está preocupado, porque eu sei que a sua pergunta não é feita por simples curiosidade, mas porque existe de fato um interesse nesta pobre criança. Por acreditar na Justiça divina, este ensinamento lhe será muito proveitoso. Aqueles que são atingidos pela justiça do Senhor devem curvar a frente e evitar se maldizer ou se revoltar, porque não existe castigo sem que haja uma causa.

A pobre criança, cuja sentença de morte foi suspensa pelo Todo-Poderoso, em breve deverá regressar ao nosso meio, uma vez que Deus teve piedade dela. Quanto ao seu pai, esse infeliz entre os homens, deve ser punido em sua única afeição no mundo, por ter zombado da confiança e dos sentimentos daqueles que o cercam. Por um momento, o seu arrependimento tocou o Altíssimo e a morte sustou o golpe sobre o ente que lhe é tão caro. Mas a revolta voltou, e o castigo é sempre consequência da revolta. Em tais condições, são felizes aqueles que são punidos enquanto ainda estão na Terra!

Orem, meus amigos, por esta pobre criança, porque o fato de ela ser jovem vai lhe dificultar os últimos momentos, pois ela possui uma vitalidade muito abundante, apesar do seu enfraquecimento orgânico. Assim, a sua alma terá dificuldade em se desprender. Oh! Ora... (referindo-se ao médium). Mais

tarde ela também vai ajudá-lo e vai consolá-lo, porque o seu Espírito é mais adiantado do que aqueles que a rodeiam.

Por uma permissão especial do Senhor, pude responder ao que você me perguntou, pois é preciso que este Espírito seja ajudado, para que o seu desprendimento possa transcorrer de forma mais suave.

Depois de sofrer o vazio do isolamento, provocado pela perda da filha, o pai de Anna Bitter também desencarnou. A seguir, apresentamos de cada um deles as primeiras comunicações, dadas logo após os respectivos desencarnes:

### **A FILHA:**

Obrigada, meu amigo (referindo-se ao médium), por ter se interessado por esta pobre criança, bem como por ter seguido os conselhos do seu guia. Sim, graças às suas preces, pude deixar mais facilmente o meu corpo físico, porque meu pai... Ah! Esse, infelizmente, não orava, apenas maldizia! Entretanto, não o quero mal por isso; seu modo de agir foi consequência da grande ternura que ele nutria por mim. Rogo a Deus para que Ele conceda ao meu pai a graça de ser esclarecido antes de morrer. Quanto a mim, procuro estimulá-lo e encorajá-lo, pois a minha missão é aliviar os seus últimos momentos.

Às vezes, um raio de luz divina parece atingi-lo, fazendo com que ele se comova. Mas, infelizmente, é um clarão passageiro, e ele logo retorna aos primeiros pensamentos. Ele tem consigo uma pequena semente de fé, mas ela está tão sufocada pelos interesses mundanos, que somente novas e mais cruéis provações poderão desenvolvê-la.

Naquilo que me diz respeito, eu apenas tinha um resto de prova, de expiação a sofrer, e por isso ela não foi nem muito dolorosa, nem muito difícil. A minha estranha enfermidade não acarretava sofrimentos. Eu era antes um instrumento de provação para o meu pai, e ele sofria mais por me ver naquele



estado do que eu mesma. Além disso, eu era resignada, e ele não. Hoje eu sou recompensada.

Deus concedeu-me a graça de abreviar a minha permanência na Terra, pelo que Lhe sou muito grata. Estou feliz entre os bons Espíritos que me cercam e todos cumprimos com satisfação as nossas obrigações, mesmo porque a inatividade seria um suplício bastante cruel.

### **O PAI – UM MÊS DEPOIS DO DESENCARNE:**

**O motivo da nossa evocação é para lhe perguntar sobre a sua situação no mundo dos Espíritos e para lhe sermos úteis se isso estiver ao nosso alcance.**

– O mundo dos Espíritos? Não o vejo... O que eu vejo são homens que eu conheci, mas que comigo não se preocupam e nem lamentam a minha morte. Ao contrário, eles parecem estar contentes por se livrarem de mim.

#### **Você tem consciência da sua situação?**

– Perfeitamente. Por algum tempo, julguei que ainda estava na Terra, mas hoje eu sei muito bem que não pertenço mais a ela.

#### **Então, por que você não enxerga outros Espíritos ao seu lado?**

– Não sei, entretanto, tudo está claro em torno de mim.

#### **Você já viu a sua filha?**

– Não, ela está morta. Eu a procuro, chamo por ela inutilmente. Que vazio horrível a sua morte me deixou na Terra! Eu pensava que, ao morrer, certamente iria encontrá-la, mas nada! Estou sempre isolado, ninguém me dirige uma palavra de consolo e de esperança. Adeus, vou procurar a minha filha.

## **INSTRUÇÕES DO GUIA DO MÉDIUM:**

Este homem não era ateu nem materialista, mas era daqueles que creem vagamente, sem se preocupar com Deus nem com o futuro, visto que se deixam absorver pelos interesses terrenos. Profundamente egoísta, sacrificaria tudo para salvar a filha; mas sacrificaria também, sem o menor escrúpulo, os interesses de terceiros em seu proveito pessoal. Além da filha, não se interessava por mais ninguém.

Deus o puniu da forma como você viu, ou seja, retirou da Terra a sua única consolação e, como ele não se arrependeu, também não consegue encontrá-la no mundo dos Espíritos. Como não se interessava por ninguém na Terra, também aqui ninguém se interessa por ele! Permanece só, abandonado, e nisso consiste a sua punição.

A sua filha, entretanto, está junto dele, embora ele não a veja. Se a visse, não estaria sendo punido. Mas o que ele faz nessa situação? Dirige-se a Deus? Arrepende-se? Não, ele reclama sempre, e até blasfema (fala mal de Deus). Em resumo, ele continua fazendo o mesmo que fazia quando estava na Terra. Ajude-o, portanto, com suas preces e com os seus bons conselhos, para que ele consiga se libertar da cegueira em que se encontra.

## **JOSEPH MAÎTRE, O CEGO**

---

Joseph Maître pertencia à classe média da sociedade e desfrutava de uma vida modesta, que lhe permitia não ter maiores necessidades. Seus pais lhe deram uma boa educação e esperavam que ele se dedicasse à indústria, mas, aos vinte anos, ele ficou cego. Desencarnou em 1845, com cerca de 50 anos. Dez anos antes, ele foi acometido por outra enfermidade que o deixou completamente surdo, de modo que só pelo tato ele podia se relacionar com o mundo dos encarnados.

Se não enxergar já é um suplício, não enxergar e não ouvir é um suplício duplo, principalmente para aquele que já teve a oportunidade de desfrutar do uso desses dois sentidos. Qual a razão para um destino tão cruel? Por certo não estava relacionado com a sua última existência, cuja conduta foi sempre exemplar.

Sempre foi um bom filho e possuía um caráter meigo e benevolente. Quando se viu privado da audição, em acréscimo à infelicidade que já possuía de não enxergar, aceitou a nova prova com resignação e nunca foi visto reclamando da situação em que se encontrava. Sua conversa era lúcida e ele demonstrava uma inteligência pouco comum.

**Uma pessoa que o conheceu, na certeza de que poderia receber instruções úteis, evocou o seu Espírito e obteve a seguinte mensagem, em resposta às perguntas que lhe foram dirigidas.**

**Paris, 1863**

Agradeço, meus amigos, por vocês terem se lembrado de mim. Estou certo de que foi pensando em tirar algum proveito da minha comunicação que os amigos tiveram a ideia de me evocar. Assim, atendo ao chamado com prazer e sinto-me feliz em poder instruí-los. Que o meu exemplo possa contribuir para tornar mais evidentes as numerosas provas que os Espíritos lhes dão sobre a Justiça de Deus.

Vocês me conheceram cego e surdo e logo perguntaram o que eu tinha feito para merecer tal destino. Vou lhes contar: Em primeiro lugar, saibam que é a segunda vez que eu sou privado da visão. Em minha existência anterior, no início do século 18, fiquei cego aos 30 anos, em decorrência dos excessos de todos os tipos, que arruinaram a minha saúde e enfraqueceram o meu organismo. Isso já era uma punição pelo fato de eu ter abusado das inúmeras faculdades que Deus havia me dado.

Mas, ao invés de reconhecer que eu mesmo era o causador da enfermidade que suportava, achei mais fácil acusar a Providência, na qual, aliás, eu pouco acreditava. Blasfemei contra Deus, reneguei-O, acusei-O, acrescentando que, se por acaso Ele existisse, deveria ser injusto e mau, uma vez que deixava as Suas criaturas sofrerem desse jeito. Entretanto, eu deveria ter me considerado feliz, porque não era obrigado a mendigar o pão, ao contrário de tantos outros cegos que viviam na miséria.

Mas eu só pensava em mim e na privação dos prazeres que estava me sendo imposta. Dominado por essas ideias e pela falta de fé, tornei-me um rabugento exigente, insuportável para aqueles que conviviam comigo. Além disso, a vida já não tinha mais qualquer sentido para mim. Não pensava no futuro, que eu considerava uma ilusão, uma utopia. Depois de esgotar inutilmente todos os recursos da Ciência, e tendo a certeza de que a minha cura era impossível, resolvi antecipar a morte: suicidei-me!

Quando despertei, que horror! Estava mergulhado nas mesmas trevas em que eu vivia na Terra! Entretanto, não demorei a perceber que eu não pertencia mais ao mundo dos vivos e que eu era um Espírito, isso mesmo, um Espírito cego! A vida depois da morte era, portanto, uma realidade! Em vão eu tentei fugir para mergulhar no nada, mas só conseguia mergulhar no vazio.

Se a vida fosse eterna, como eu já tinha ouvido falar, eu ficaria eternamente nessa situação, ou seja, cego? Esse pensamento era horrível! Eu não sofria, mas é impossível descrever os tormentos e as angústias que tomaram conta do meu Espírito. Quanto tempo durou esse sofrimento? Não sei dizer... Mas como esse tempo me pareceu longo!

Extenuado, exausto, pude finalmente prestar atenção em mim mesmo. Compreendi, então, que estava sob o jugo de uma força que era muito superior à minha. Pensei que, se essa força podia me dominar, poderia também me aliviar, e implorei a sua piedade. À medida que eu orava e que o meu fervor aumentava, alguma coisa me dizia que essa cruel situação teria um fim.

Finalmente, a luz apareceu! Foi enorme a minha alegria ao entrever as

claridades celestes e os Espíritos que me cercavam; eles sorriam com benevolência, e eu pude enxergar também aqueles que, radiosos de luz, flutuavam no Espaço.

Quis seguir os seus passos, mas uma força invisível me deteve. Foi então que um deles me disse: O Deus que você negou levou em conta o seu arrependimento e permitiu que nós pudéssemos lhe devolver a visão, mas você apenas cedeu pelo sofrimento, pelo cansaço. De agora em diante, se você quiser participar da felicidade que obteve aqui, terá que provar a sinceridade do seu arrependimento e dos seus bons sentimentos. Terá que recomeçar a sua prova terrena, *em condições onde estará exposto a cometer as mesmas faltas*, porque esta nova prova será ainda mais dura que a primeira. Aceitei com boa vontade, prometendo não mais falir.

Assim, voltei à Terra na existência que vocês conheceram. Não me foi difícil ser bom, porque a minha natureza não era má. Tinha me revoltado contra Deus e Ele me puniu. Reencarnei trazendo *a fé de nascença*, razão pela qual não reclamei mais contra Deus e aceitei a minha dupla enfermidade com resignação e como uma expiação que deveria ter a sua causa na soberana Justiça. O isolamento em que eu fiquei nos últimos anos nada tinha de desesperador, porque eu acreditava no futuro e confiava na misericórdia de Deus.

Além disso, esse isolamento me foi proveitoso, porque durante essa longa noite, em que tudo era silêncio, a minha alma, mais livre, se elevava ao Eterno e eu conseguia entrever o infinito pelo pensamento. Quando, finalmente, terminou o meu exílio, o mundo espiritual só me proporcionou esplendores e alegrias indescritíveis.

Hoje, analisando o meu passado, sinto-me muito feliz e dou graças a Deus. Mas, quando olho para o futuro, vejo a grande distância que ainda me separa da completa felicidade. Eu expiei, *mas ainda é preciso reparar a falta. A última encarnação só foi proveitosa para mim mesmo*. Espero recomeçar em breve uma nova existência em que eu possa ser útil aos semelhantes, reparando assim

a minha inutilidade anterior. Somente então eu me adiantarei no bom caminho, que sempre está aberto a todos os Espíritos de boa vontade.

Eis a minha história, amigos. Se o meu exemplo puder esclarecer alguns dos meus irmãos encarnados, de modo que eles evitem as más ações que eu pratiquei, já estarei começando a resgatar a minha dívida.

**Joseph**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Kardec, Allan. *O Céu e o Inferno ou A Justiça Divina Segundo o Espiritismo*. 12<sup>a</sup> ed. São Paulo: Lake, 2007.

Kardec, Allan. *O Céu e o Inferno ou A Justiça Divina Segundo o Espiritismo*. 51<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ide, 2008.

Kardec, Allan. *O Céu e o Inferno, A Justiça Divina Segundo o Espiritismo*. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Mundo Maior Editora, 2013.

Kardec, Allan. *O Céu e o Inferno ou A Justiça Divina Segundo o Espiritismo*. Brasília: Federação Espírita do Brasil (FEB), 2007.

Kardec, Allan. *O Céu e o Inferno*. 61<sup>a</sup> ed. Brasília: FEB, 2013.

Kardec, Allan. *O Céu e o Inferno*. 2<sup>a</sup> ed. Brasília: FEB, 2013.

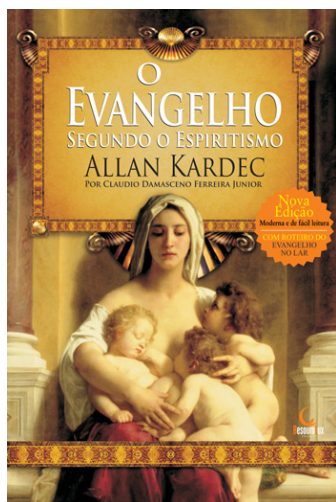
Kardec, Allan. *O Céu e o Inferno ou A Justiça Divina Segundo o Espiritismo*. Luz Espírita, 2010.

Kardec, Allan. *Le Ciel et l'enfer ou La Justice Divine Selon le Spiritisme*. Nouvelle edition conforme a l'edition originale. Union spirite française et Francophone.

## LEIA TAMBÉM

### **O Evangelho Segundo o Espiritismo de Allan Kardec**

*Organizado por Claudio Damasceno Ferreira Junior / 328 páginas /  
16x23cm*



Publicado pela primeira vez em 1864, na França, O Evangelho Segundo o Espiritismo de Allan Kardec é considerada a obra do sentimento entre todas que compõem a codificação espírita. É o pensamento de Jesus Cristo explicado à luz do Espiritismo ultrapassando a escrita e resgatando a essência dos seus ensinamentos. Essa edição, dirigida por Claudio Damaceno, objetiva um entendimento maior e melhor dessa magnífica obra e assim contribuir para que mais pessoas encontrem nela um instrumento para sua reforma íntima. Respeitando sempre as intenções de cada linha e tendo o máximo cuidado para não descaracterizar ou mudar seus fundamentos, esta edição além de proporcionar uma melhor compreensão das palavras de Jesus, sem dúvida alguma prima pelo prazer da leitura.

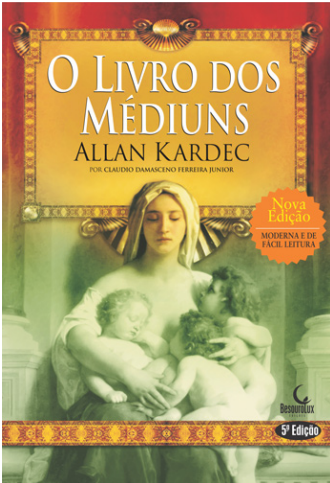
\*Com roteiro do Evangelho do lar.

Adquira pelo site [www.besourobox.com.br](http://www.besourobox.com.br)

### **O Livro dos Médiuns de Allan Kardec**

*Organizado por Claudio Damasceno Ferreira Junior / 424 páginas /  
16x23cm*





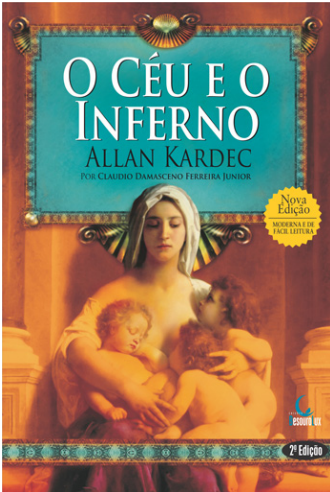
Publicado pela primeira vez em 1861, O Livro dos Médiuns é uma das obras básicas do espiritismo e reúne o ensino dos espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o mundo espiritual e o desenvolvimento da mediunidade. Fruto do empenho de Allan Kardec em fazer um estudo analítico das diversas modalidades de comunicação estabelecidas entre os homens e os espíritos, é uma obra indispensável para o entendimento da natureza das manifestações mediúnicas. Com o mesmo respeito e dedicação com que trabalhou O livro dos Espíritos e O Evangelho Segundo o Espiritismo – edições já consagradas pela linguagem atualizada e fidelidade à obra original –, Claudio Damasceno nos presenteia mais esta obra, prezando sempre as intenções de cada linha e comprometido com a nobre intenção de levar a um número maior de pessoas os ensinamentos de Allan Kardec.

Adquira pelo site [www.besourobox.com.br](http://www.besourobox.com.br)

### **O Céu e o Inferno de Allan Kardec**

*Organizado por Claudio Damasceno Ferreira Junior / 384 páginas / 16x23cm*

*O Céu e o Inferno* ou *A Justiça Divina Segundo o Espiritismo* teve sua 1ª edição publicada na França, em 1865, e compõe as obras básicas do Espiritismo. A obra é dividida em duas partes: Na primeira, intitulada Doutrina, Kardec realiza um exame crítico, procurando apontar contradições filosóficas e incoerências com o conhecimento científico. Contém a análise comparada das diversas crenças sobre o Céu e o Inferno, os anjos e os



demônios, as penas e as recompensas futuras. O dogma das penas eternas examinado mediante o paradigma Espírita da fé raciocinada e contestado por argumentos tirados das próprias leis da natureza. Na segunda parte, Allan Kardec reúne várias dissertações de casos reais, com o propósito de demonstrar a situação da alma durante e após a morte física, dando ao leitor amplas condições para que possa compreender a ação da Lei de Causa e Efeito, em perfeito equilíbrio com as Leis Divinas. O

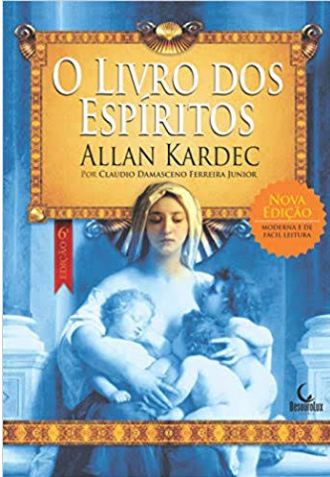
*Céu e o Inferno* ao alcance de todos o conhecimento do mecanismo pelo qual se processa a Justiça Divina. É uma obra fundamental e esclarecedora para o entendimento das palavras de Jesus: " A cada um será dado segundo as suas obras".

Adquira pelo site [www.besourobox.com.br](http://www.besourobox.com.br)

### **O Livro dos Espíritos de Allan Kardec**

*Organizado por Claudio Damasceno Ferreira Junior / 480 páginas / 16x23cm*

O Livro dos Espíritos, lançado em Paris, em 1857, foi fruto dos estudos de Allan Kardec sobre os fenômenos das mesas girantes, difundidos por toda a Europa em meados do século XIX, e que, segundo muitos pesquisadores da época, possuíam origem mediúnica. Foi o primeiro de uma série de cinco livros editados pelo pedagogo sobre o mesmo tema. Esta edição, dirigida por Claudio Damasceno, vem reforçar as palavras de KARdec: "A fé necessita de uma base, e essa base é a perfeita compreensão daquilo em que se deve crer. Para crer, não basta ver, é necessário compreender". Considerando orientação recebida pelo

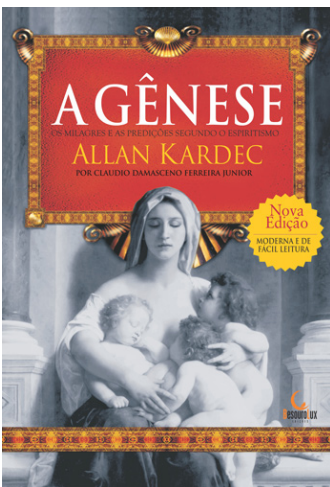


Plano Superior, Claudio dedicou-se a passar a limpo esta maravilhosa obra de Allan Kardec para que mais pessoas pudessem usufruir de seus ensinamentos, respeitando sempre as intenções de cada linha e tendo o máximo cuidado para jamais descaracterizar ou mudar seus fundamentos, mantendo-se fiel à mensagem original dos Espíritos e aos comentários de Allan Kardec.

Adquira pelo site [www.besourobox.com.br](http://www.besourobox.com.br)

## **A Gênese os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo de Allan Kardec**

*Organizado por Claudio Damasceno Ferreira Junior / 396 páginas / 16x23cm*



É a quinta e última das obras básicas da codificação do Espiritismo. Foi publicada em Paris, em 6 de janeiro de 1868. Uma leitura excepcional de imersão em grandes temas de interesse universal, abordados de forma lógica, racional e reveladora. Kardec aborda diversas questões de ordem filosófica e científica, como as da criação do Universo, a formação dos mundos, o surgimento do espírito, segundo o paradigma espírita da compreensão da realidade. *A Gênese* é dividida em três partes: na primeira parte analisa a origem do nosso planeta, mostrando o processo espiritual e físico da criação da Terra, dos astros e dos planetas que compõem o Universo, segundo a visão científica de seu tempo. Na segunda parte abora a

questão dos milagres, explicando a natureza dos fluidos e os fatos extraordinários contidos no Evangelho; descreve os feitos extraordinários de Jesus Cristo, explicando o que teria realmente acontecido. Na terceira parte enfoca as predições do Evangelho, os sinais dos tempos e a nova geração.

Adquira pelo site [www.besourobox.com.br](http://www.besourobox.com.br)



[www.besourobox.com.br](http://www.besourobox.com.br)

## Contracapa da versão impressa

Depois do trabalho realizado com as edições das obras *O Livro dos Espíritos*, *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e *O Livro dos Médiuns*, publicações consagradas, com grande aceitação no meio espírita e reconhecidas hoje entre as melhores leituras das obras básicas por sua linguagem moderna e facilitadora do estudo do Espiritismo Kardecista, Claudio Damasceno nos traz *O Céu e o Inferno* com a mesma profundidade, respeito e fidelidade ao texto original, que tem caracterizado seu trabalho e mantido seu compromisso de proporcionar um entendimento melhor e mais prazeroso das palavras de Jesus e da filosofia Espírita.

Publicado na França, pela primeira vez em 1865, *O Céu e o Inferno ou A Justiça Divina Segundo o Espiritismo* compõe as obras básicas do espiritismo e é dividido em duas partes:

Na primeira, Kardec realiza um exame crítico, procurando apontar contradições filosóficas e incoerências com o conhecimento científico. Contém a análise comparada das diversas crenças sobre o Céu e o Inferno.

Na segunda parte, reúne vários casos reais, com o propósito de demonstrar a situação da alma durante e após a morte física, dando ao leitor amplas condições para que possa compreender a ação da Lei de Causa e Efeito. São dezenas de diálogos estabelecidos entre diversos espíritos que narram as impressões que trazem do além-túmulo e de como se deu o processo de desencarne.



[www.besourobox.com.br](http://www.besourobox.com.br)